OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

Resgate histórico, registros e uma perspectiva em diálogo

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campus São Paulo

LETÍCIA MAGRO MARIANO

OCUPAÇÃO ~~VULVE~~RÍSITICA NA LONA

Resgate histórico, registros e uma perspectiva em diálogo

São Paulo
2022

LETÍCIA MAGRO MARIANO

OCUPAÇÃO ~~VULVE~~RÍSITICA NA LONA

Resgate histórico, registros e uma perspectiva em diálogo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de graduanda em Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela

São Paulo
2022

.

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

M333o Mariano, Letícia Magro, 1993-

Ocupação ~~Vulver~~ística na lona. Resgaste histórico, registros e uma perspectiva em diálogo / Letícia Magro Mariano. - São Paulo, 2022.

374 f. : il. color + anexos

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lilian Freitas Vilela

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Circos. 3. Artistas circenses. I. Vilela, Lilian Freitas. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 791.3

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

LETÍCIA MAGRO MARIANO

OCUPAÇÃO ~~VULVE~~RÍSITICA NA LONA

Resgate histórico, registros e uma perspectiva em diálogo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de graduanda em Licenciatura em Arte-Teatro.

Aprovado em: 10/03/2022

Banca Examinadora

Prof. Dra. Lilian Freitas Vilela 10/03/2022
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Orientador

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli 10/03/2022
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Bacharel Mariana do Reis Gabriel 10/03/2022
Cineasta (FAAP), Jornalista e Palhaça.

Dedico este trabalho carinhosamente a minha família: minhas avós Rosa e Cecilia, mãe Eliana Paganelli Magro e pai Norval Mariano Junior. As minhas tias Elizangela, Elaine e Zuleika. Ao meu irmão Henrique e sobrinhês Davi e Isabella.

Dedico essas memorias aqui registradas a todas, todes e todos que construíram e estiveram na Ocupação ~~Vulver~~ística na lona. E também para todas as pessoas que ocuparam, que irão ocupar, e se interessarem pela lona de Circo da UNESP.

Agradecimentos

Não meche comigo, que eu não ando só!

Trilhar essa jornada pelo sonho da graduação na universidade pública foi um desafio, e após quase oito anos, finalmente estou encerrando esse ciclo para seguir reexistindo em diversos outros. Só pude chegar até aqui com o apoio, afeto e incentivo de muitas pessoas. Agradeço imensamente a minha família, por todos os ensinamentos, apoio, os incentivos incansáveis, por confiarem e acreditarem e em mim. Obrigada vó Rosa, vó Cecilia, mãe Eliana, pai Junior, irmão Henrique, tias da Elisangela, Elaine e Zuleika, sobrinhês Isabela e Davi. Se eu sou quem sou hoje é graças a vocês. Obrigada por tudo, eu amo vocês.

Agradeço todas as pessoas que construíram e participaram da Ocupação ~~Vulver~~ística na lona, em especial Beatriz, Caê, Maré, Natiele e Tay que toparam participar desta empreitada. Agradeço por todas as vivencias, aprendizado, memorias compartilhadas. À minha orientadora Lilian Vilela Freitas por enfrentar essa jornada longa e tortuosa comigo, pelos incentivos e por não desistir, mesmo quando eu quase o fiz. Ao meu companheiro de vida, meu amigo, parceiro de rua e de vagões, meu bem, Guilherme Basilio Geraldo, obrigada por todo acolhimento, pelas trocas, pela força e por sempre caminharmos juntos separados, separados mas juntos. Um profundo agradecimento a Tay Maria, amigue, parceire de jornada, obrigada por todas as trocas e por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditei. As parcerias de vida Vanessa Correa, Nirely Araújo, Natiele Fontana, Sofia Pontieri, Vanessa Gonçalves e Gabrielle Paula, correr ao lado de vocês fortalece. Obrigada por todas as trocas, acolhimentos, choros, inspirações empurrões. À todas, todes e todos que estiveram envolvides no circo da UNESP desde de 2016, em especial os coletivos EPIA, CIRCOLAR, CIRCOs DA BARRA pelas partilhas, movimentações poderosas e por fazermos história juntes.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada

Chimamanda Ngozi Adichie

No frio do apagamento **a memória** é coberto que **aquece**

Vitor Tuxá

RESUMO

Esse trabalho tem como eixo principal o resgate histórico e a premissa de registrar a trajetória da Ocupação Vulverística na lona, projeto do qual aconteceu entre os anos de 2017 a 2019, dentro do espaço da lona de Circo da UNESP, localizada no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (IA – UNESP). A autora em questão, realiza um breve contexto histórico da origem da Lona de Circo da UNEPS e se debruçando no período de 2016 a meados do fim do ano 2019. E para registrar a trajetória da Ocupação ~~Vulve~~rística na lona se utiliza as próprias vivencias como integrante, materiais documentais e realização de cinco entrevistas com ex-integrantes do projeto. Documentando assim a origem, trajetória, feitos, modo de organização, acontecimentos até o encerramento do projeto. Propondo reflexões críticas acerca do histórico de posicionamentos e modos operandi do projeto a partir de perspectiva educacional.

Palavras-chave: Ocupação Vulverística na Lona; Circo da UNESP; Laboratório de Artes Circenses; Circo da barra; Registro histórico; Organização pedagógica.

ABSTRACT

This work has as main axis the rescue and the premise of registering the trajectory of the Ocupação Vulverística na lona, which took place between the years 2017 to 2019, within the space of the tent of the Circo da UNESP, located at the Instituto de Artes da São Paulo State University “Júlio Mesquita Filho” (IA – UNESP). The author in question carries out a brief historical context of the origin of the UNEPS Circus tent, focusing on the period from 2016 to mid-2019. Documents and interviews with former members of the project. Thus documenting the origin, trajectory, achievements, mode of organization, events until the conclusion of the project. Proposing criticisms about the history of positions and modes of operation of the project from an educational perspective.

Keywords: Ocupação Vulverística na lona; UNESP Circus; Circus Arts Laboratory; Circo da Barra; Historical record; Pedagogical organization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Frente do Circo da UNESP – 2019. **41**
Fotografia 02: Página do caderno de Bruno Silvério com o primeiro esboço do logo do EPIA – 07 de abril de 2016. **57**
Fotografia 03: Página do diário de bordo sobre o EPIA de Letícia Mariano – 25 de abril de 2016. **57**
Fotografia 04: Primeiro encontro do EPIA em 25 de abril de 2016 em frente a lona de Circo da UNESP – Foto de Bruno Silvério. **58**
Fotografia 05: Reunião no circo com a Coordenadora Prof. Dra. Lilian F. Vilela e representantes dos projetos que ocupavam a lona de circo da UNESP no ano de 2018 – 21 de junho de 2018, Foto de Lilian Vilela. **60**
Fotografia 06: Vila EPIA: Integrantes do EPIA, CIRCOLAR e estudantes da UNESP se arrumando para o cortejo circense no camping da 18ª Convenção de Brasileira de Malabarismos e Circo – Julho de 2017, Foto por Caê Prandini. **62**
Fotografia 07: Integrantes do EPIA, CIRCOLAR e estudantes da UNESP no cortejo circense da 18ª Convenção de Brasileira de Malabarismos e Circo – Julho de 2017 Goiana-GO – Acervo do EPIA. **63**
Fotografia 08: Integrantes do Circo da Barra Noturno treinando lira e tecido em duplas no circo da UNESP – Acervo de Neryssa Sayuri. **64***
*(Fichas Projetos Circo da Barra Noturno)
Fotografia 09: Integrantes do Circo da Barra Noturno – Acervo de Neryssa Sayuri. **64***
*(Fichas Projetos Circo da Barra Noturno)
Fotografia 10: Integrantes do Circo da Barra Noturno em agradecimentos finais de um espetáculo – Acervo de Neryssa Sayuri. **65***
*(Fichas Projetos Circo da Barra Noturno)
Fotografia 11: Pessoas se alongando em um Intercâmbio Bambolísticos proposto pelo Circo da Barra Noturno – Acervo de Neryssa Sayuri. **65***
*(Fichas Projetos Circo da Barra Noturno)
Fotografia 12: Integrantes do EPIA após apresentação do Cabaré Relâmpago no Circo da UNESP – 19,05 de 2018, Foto de Jumaira Lima. **68***
*(Fichas Projetos EPIA)
Fotografia 13: Integrantes do EPIA treinando no gramado em frente a lona de circo da UNESP no ano de 2016 – Foto de Bruno Silvério. **68***
*(Fichas Projetos EPIA)
Fotografia 14: Integrantes do EPIA fazendo um improviso cômico com instrumentos no centro do picadeiro da lona de circo da UNESP em 2018 – Acervo do EPIA. **69***
*(Fichas Projetos EPIA)
Fotografia 15: Integrante do EPIA em confraternização de fim de ano de 2017 – Foto automatizada pelo temporizador, Acervo do EPIA. **69***
*(Fichas Projetos EPIA)
Fotografia 16: Integrantes do Circo da Barra no ano de 2016 treinando diversas modalidades pelo circo (acrobacias, tecido, malabares, etc) – 2016, Foto Bruno Silvério. **74***
*(Fichas Projetos Circo da Barra)
Fotografia 17: Integrantes do Circo da Barra no ano de 2017 após apresentação no Circo da UNESP – Foto José Oligário. **74***
*(Fichas Projetos Circo da Barra)

Fotografia 18: Integrantes da turma de 2017 do Circo da Barra em agradecimentos finais de uma apresentação – Foto @Djasantos.jr. **75***
*(Fichas Projetos Circo da Barra)
Fotografia 19: Vivencias circenses para EMEF Júlio de Oliveira no Circo da UNESP – 2018, Acervo do Circo da Barra. **75***
*(Fichas Projetos Circo da Barra)
Fotografia 20: Frequentadories do CIRCOLAR treinando diversas modalidades pelo circo (acrobacias, tecido, trapézio, malabares, etc) – Foto de Rodrigo de Abreu. **80***
*(Fichas Projetos CIRCOLAR)
Fotografia 21: Cena de acrobacias coletivas em apresentação do CIRCOLAR no Circo da UNESP – Acervo do CIRCOLAR. **81***
*(Fichas Projetos CIRCOLAR)
Fotografia 22: Artistas após apresentação do Cabaré de Variedades no ano de 2019 no Circo da UNESP – Foto de Nirely Araújo. **81***
*(Fichas Projetos CIRCOLAR)
Fotografia 23: Foto antiga em preto e branco da lona de circo da UNESP – Sem data, Acervo do Laboratório de Artes Circenses da UNESP. **82**
Fotografia 24: Público presente no 1º Papo de Picadeiro realizado com Mario F. Bolognesi – 02 de maio de 2019, foto Lilian Vilela. **88**
Fotografia 25: Roda de conversa do 1º Papo de Picadeiro realizado com Mario F. Bolognesi no Circo da UNESP – 02 de maio de 2019, foto Lilian Vilela. **89**
Fotografia 26: A lona de circo da UNESP vista de frente com uma pequena apertura na frente, tirada na manhã da primeira Ocupação Vulveristica na Lona no dia 18 de novembro de 2017– Foto de Giovanna Guedes **92**
Fotografia 27: Todas as artistas envolvidas na 5ª Ocupação Vulverística na lona sentadas em frente a lona de circo da UNESP – 2018, Foto de Jumaira Lima. **93**
Fotografia 28: Natiele Fontana sentada em uma escada de cimento rodeada de vegetações no dia da entrevista para esta pesquisa – 29 de novembro de 2020, Foto Letícia Mariano **94***
*(Fichas Entrevistadês Natiele Fontana)
Fotografia 29: Natiele Fontana se apresentando na ultima (9ª) Ocupação XXXrística na lona em 2019 no Circo da UNESP – Foto Jumaira Lima. **95***
*(Fichas Entrevistadês Natiele Fontana)
Fotografia 30: Natiele Fontana cuspindo fogo na oficina de pirofagia, que foi realizada na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **95***
*(Fichas Entrevistadês Natiele Fontana)
Fotografia 31: Natiele Fontana declamando uma poesia na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona Palco aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima. **95***
*(Fichas Entrevistadês Natiele Fontana)
Fotografia 32: Natiele Fontana se apresentando na 5ª Ocupação Vulveristica na lona em 2018– Foto Jumaira Lima. **95***
*(Fichas Entrevistadês Natiele Fontana)
Fotografia 33: Tay Maria sentadê em um banco, com as mãos apoiadas em uma mesa no dia da entrevista para esta pesquisa – 08 de novembro de 2020, Foto Letícia Mariano. **98***
*(Fichas Entrevistadês Tay Maria)
Fotografia 34: Palhaçe Dona recepcionando o público na frente da lona de circo da UNESP na 5ª Ocupação Vulveristica na lona em 2018 – Foto Jumaira Lima. **99***
*(Fichas Entrevistadês Tay Maria)
Fotografia 35: Tay Maria como palhaçe Dona como MC interagindo com o público na 7ª Ocupação XXXrística na lona em 2019 – Foto Jumaira Lima. **99***
*(Fichas Entrevistadês Tay Maria)

Fotografia 36: Tay Maria como Palhaçe Dona como MC na 1ª Ocupação Vulverística na lona em novembro de 2017– Foto Isabela Alves. **99***
*(Fichas Entrevistadês Tay Maria)
Fotografia 37: Tay cuspindo fogo na oficina de pirofagia, que foi realizada na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **99***
*(Fichas Entrevistadês Tay Maria)
Fotografia 38: Algumas artistas de costas para foto, e de frente para lona de circo da UNESP na 5ª Ocupação Vulveristica na lona em 2018 – Foto Jumaira Lima. **100**
Fotografia 39: Ana Carolina Medeiros e Beatriz Santiago interpretando "As neidas", duas senhorinhas, no cortejo da 1ª Ocupação Vulverística na lona em novembro de 2017 – Foto de Giovanna Guedes. **106**
Fotografia 40: Beatriz Santiago sentada com diversas plantas ao redor, no dia da entrevista para esta pesquisa – 27 de novembro de 2020, Foto Letícia Mariano. **108***
*(Fichas Entrevistadês Beatriz Santiago)
Fotografia 41: Beatriz Santiago cuspindo fogo no cortejo 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca em 2018 – Foto Jumaira Lima. **109***
*(Fichas Entrevistadês Beatriz Santiago)
Fotografia 42: Beatriz Santiago apresentando como Neida na 1ªed. Ocupação Vulverística na lona em 2017 – Foto Bruna Nascimento. **109***
*(Fichas Entrevistadês Beatriz Santiago)
Fotografia 43: Beatriz Santiago cantando em intervenção do lado externo da lona na 9ªed. Ocupação XXXrística da lona em 2019 – Foto Jumaira Lima. **109***
*(Fichas Entrevistadês Beatriz Santiago)
Fotografia 44: Beatriz Santiago ministrando oficina de pirafogia na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **109***
*(Fichas Entrevistadês Beatriz Santiago)
Fotografia 45: Bastidores da 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona no dia 18 de novembro de 2017– Foto de Ester Monteiro. **110**
Fotografia 46: Artistas que fizeram parte da 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona no dia 18 de novembro de 2017– Foto pelo disparador automático **111**
Fotografia 47: Compilado de fotos do cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona em 2017 – Fotos de Giovanna Guedes. **112**
Fotografia 48: Túnel feito pelo público durante o cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Giovanna Guedes. **113**
Fotografia 49: Túnel feito pelo público durante o cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Luiz Guilherme **113**
Fotografia 50: Beatriz cuspindo fogo durante o cortejo realizado na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Giovanna Guedes. **113**
Fotografia 51: Cortejo chegando na lona de circo da UNESP para a 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Bruna Nascimento. **113**
Fotografia 52: Tay Maria como Palhaçe Dona na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Isabela Alves. **114**
Fotografia 53: Artistas nos agradecimentos finais na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Ricardo Pontieri. **115**
Fotografia 54: Ester Monteiro como Palhaça Tapioca se apresentando na 1ª primeira Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Ricardo Pontieri. **115**
Fotografia 55: Maré Oliveira sentadê, atrás uma parede de tijolo e uma lira pendurada, no dia da entrevista para esta pesquisa – 08 de novembro de 2020, Foto Letícia Mariano. **116***
*(Fichas Entrevistadês Maré Oliveira)

Fotografia 56: Maré Oliveira se apresentando na 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona em 2019 – Foto de Jumaira Lima. **117***
*(Fichas Entrevistadês Maré Oliveira)
Fotografia 57: Maré Oliveira apresentando número de tecido na 1ªed. Ocupação Vulverística na Lona em 2017 – Foto de Luiz Guilherme. **117***
*(Fichas Entrevistadês Maré Oliveira)
Fotografia 58: Maré Oliveira apresentando número de lira na 5ªed. Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **117***
*(Fichas Entrevistadês Maré Oliveira)
Fotografia 59: Maré Oliveira passando chama de fogo na língua durante a oficina de pirogafia na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **117***
*(Fichas Entrevistadês Maré Oliveira)
Fotografia 60: Tay Maria, Elisa Giannella e Amábile Maria apresentando esquete cômica durante a 4ªed. Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **120**
Fotografia 61: Amábile Maria segurando cartaz da 3ªed. Ocupação Vulverística na Lona com a lona de circo ao fundo durante os preparativos da 3ªed – Foto de Jumaira Lima. **120**
Fotografia 62: Caê Prandini sentado, atrás uma parede de tijolo e uma planta pendurada, no dia da entrevista para esta pesquisa – 07 de novembro de 2020, Foto Letícia Mariano. **121***
*(Fichas Entrevistadês Caê Prandini)
Fotografia 63: Caê Prandini em intervenção do lado externo da lona na 9ªed. Ocupação XXXrística da lona em 2019 – Foto Jumaira Lima. **122***
*(Fichas Entrevistadês Caê Prandini)
Fotografia 64: Caê Prandini mediando roda de conversa "Transformando Olhares" na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **122***
*(Fichas Entrevistadês Caê Prandini)
Fotografia 65: Caê Prandini na afinação técnica do som na 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona em 2019 – Foto de Jumaira Lima. **122***
*(Fichas Entrevistadês Caê Prandini)
Fotografia 66: Caê Prandini treinando malabares (claves) nos preparativos da 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona em 2019 – Foto de Jumaira Lima. **122***
*(Fichas Entrevistadês Caê Prandini)
Fotografia 67: Cartaz preso nas costas de cadeira na plateia do circo durante os preparativos da 5ªed. Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **123**
Fotografia 68: Isabela Alves afinando a câmera fotográfica durante os preparativos da 3ªed. Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Clara. **125**
Fotografia 69: Diversos panfletos de divulgação da 6ªed. espalhados pelo chão do picadeiro durante os preparativos da 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca em 20018 – Foto de Jumaira Lima. **125**
Fotografia 70: Compilado de diversas fotos de momentos de montagem técnica de diferentes edições da Ocupação entre 2018 e 2019 – Fotos de Jumaira Lima. **126**
Fotografia 71: Compilado de diversas fotos de momentos das barraquinhas de diferentes edições da Ocupação entre 2018 e 2019 – Fotos de Jumaira Lima. **127**
Fotografia 72: Compilado de diversas fotos de momentos das lojinhas de diferentes edições da Ocupação entre 2018 e 2019 – Fotos de Jumaira Lima. **127**
Fotografia 73: Gabi Polizzelli, Camila Costa (Cake) e Sofia Pontieri apresentando número cômico, comissão de segurança, na 4ªed da Ocupação Vulverística na Lona – Foto Jumaira Lima. **128**
Fotografia 74: Cartaz com a programação do dia de apresentação da 5ªed da Ocupação Vulverística na Lona. – Foto de Jumaira Lima. **129**

Fotografia 75: Mãos de alguém operando a mesa de luz durante os preparativos técnicos da 4ªed da Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **129**
Fotografia 76: Compilado de diversas fotos de momentos de montagem técnica de diferentes edições da Ocupação entre 2018 e 2019 – Fotos de Erika Sanchez. **129**
Fotografia 77: Apresentação da Banda Banda Punk composta por Sofia Pontieri, Caê Prandini, Leka Mariano, Vitoria Carine, Nirely Araújo e Amanda Gamba durante a 2ªed. Da Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Giovanna Guedes. **131***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 78: Maré Oliveira apresentando número de tecido na 2ªed. Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 79: Tay Maria como Palhaçe Dona como MC na 2ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 80: Fotografia do público na 2ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 81: Leka Mariano como Palhaça Suspira apresentando na 2ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 82: Ana Carolina Medeiros e Beatriz Santiago interpretando “As neidas”, duas senhorinhas, e Elisa giannella como Palhaça Capintosa apresentando na 2ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 83: Vitoria Carine como Palhaça Catapulta apresentando na 2ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Giovanna Guedes. **132***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 84: Caê Prandini e Sofia Pontieri em homenagem realizada a Sofia pela elaboração da identidade visual da Ocupação, durante a 7ª Ocupação Xxxrística na Lona em 2019 – Foto de Jumaira Lima. **148**
Fotografia 85: Artistas nos agradecimentos finais na 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves. **150***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 86: Maré Oliveira, Vanessa Correa, Amábile Maria, Ester Monteiro, Leka Mariano, Caê Prandini, mais artistas e público durante o cortejo realizado na estação Palmeiras Barra Funda na 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves **151***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 87: Tay Maria como Palhaçe Dona e Ana Carolina Medeiros e Beatriz Santiago como “As neidas”, duas senhorinhas, na recepção do público em frente a lona durante a 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves. **151***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 88: Gabi Polizzelli apresentando número de bambolê na 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves. **151***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 89: Thalia Oliveira apresentando número de tecido na 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Clara. **151***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 90: Ester Monteiro como Palhaça Tapioca se apresentando na 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves. **151***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 91: Artistas nos agradecimentos finais da 3ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Isabela Alves. **151***

*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 92: Artistas nos agradecimentos finais da 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **162***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 93: Talita Silva e Ana Ferreira Grisorio apresentando duo no tecido acrobático na 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 94: Ana Ferreira Grisorio, Leka Mariano, Talita Silva, Tay Maria, Vitoria Carine, Gabi Polizzelli, demais artistas e público durante o cortejo na 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 95: Apresentação da Banda The Dadas composta por Gabriela Guilhem, Caê Prandini, Ana Carolina Medeiros, Amanda Chaptiska, Beatriz Santiago e Vanessa Correa na 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 96: Amábile Maria, Tay Maria e Elisa Giannella apresentando esquete cômica na 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 97: Todas as pessoas envolvidas na edição agradecendo no final da 4ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona

Fotografia 98: Camila Costa (Cake) e Julia Negrão Faria apresentando duo acrobático na 4ªOcupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Jumaira Lima. **163***

*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 99: Maré Oliveira lendo manifesto acompanhade de todas as pessoas envolvidas na realização da 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **175**

Fotografia 100: Selva Manaós a Palhaça Selva acompanhada de diversas pessoas do público que participavam do campeonato de gargalhada na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **177***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 101: Roda de concentração, atrás das cortinas, antes do início do espetáculo com artistas nos bastidores da 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 102: Tay Maria como Palhaçe Dona e Nirely Araújo como Palhaça Capuxa ambes MC do espetáculo na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 103: Talita Silva e Ana Ferreira Grisorio apresentando duo no tecido acrobático na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 104: Jessica Lane apresentando força capilar na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 105: Nirely Araújo, Tetê Purezempla e Julia Campos em performance na perna de pau na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 106: Bruna Santos apresentando duo no tecido na 7ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **178***

*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 107: Compilado de fotos da “Caixa: Toró de ideias” que fez parte da campanha de mudança de nome, mediada por Caê Prandini, Maré Oliveira e Sarah Francine durante a 7ªOcupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **181**
Fotografia 108: Entardecer em frente a lona com diversas pessoas conversando, olhando as lojinhas e aguardando o início do espetáculo da 9ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **184**
Fotografia 109: Rochelle Karoline como Palhaça Roxina acompanhada do público apresentando na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **186***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 110: Vitoria Carine, Amanda Gamba, Ana Caroline Medeiros, mais artistas e público durante o cortejo realizado na estação Palmeiras Barra Funda da 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 111: Nathalia Santos como Palhaça Natuta, acompanhada do público apresentando na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 112: Maré Oliveira apresentando número de lira apresentando na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 113: Isadora Rinelle como Palhaça Dita apresentando na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 114: Leka Mariano como Palhaça Suspira e Tay Maria como Palhaçe Dona ambes MC do espetáculo na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 115: Celebração de artistas no enceramento do espetáculo na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **187***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 116: Leka Mariano sentada, atrás diversas plantas, no dia da entrevista para esta pesquisa – 01 de abril de 2021, Foto Guilherme Basilio Geraldo. **190***
*(Fichas Entrevistadês Leka Mariano)
Fotografia 117: Leka Mariano como Palhaça Suspira se apresentando na 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona em 2019 – Foto de Jumaira Lima. **191***
*(Fichas Entrevistadês Leka Mariano)
Fotografia 118: Leka Mariano como Palhaça Suspira durante o cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Luiz Guilherme **191***
*(Fichas Entrevistadês Leka Mariano)
Fotografia 119: Leka Mariano como videomaker registrando a roda de conversa “Transformando Olhares” na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **191***
*(Fichas Entrevistadês Leka Mariano)
Fotografia 120: Leka Mariano como Palhaça Suspira sendo MC do espetáculo na 5ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Jumaira Lima. **191***
*(Fichas Entrevistadês Leka Mariano)
Fotografia 121: Caê Prandini e Vitoria Carine apresentando cena cômica junto com público na 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Luiz Guilherme **193***
*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Fotografia 122: Eline H. Hirano apresentando número de bambolê de fogo em frente a lona com público na 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Isabela Alves **194***
*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 123: Apresentação da Banda Banda Punk composta por Sofia Pontieri, Caê Prandini, Leka Mariano, Vitoria Carine, Nirely Araújo e Amanda Gamba durante 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Luiz Guilherme. **194***

*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 124: Vanessa Correa como Palhaça Indjáh se apresentando 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Bruna Nascimento. **194***

*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 125: Ana Carolina Medeiros e Beatriz Santiago interpretando “As neidas”, duas senhorinhas responsáveis pela contraregragem do espetáculo, na 1ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Luiz Guilherme. **194***

*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 126: Jennifer Oliveira se apresentando no trapézio e Ariane Aparecida tocando flauta transversal ao vivo na 1ª Ocupação Vulverística na Lona em 2018 – Foto de Luiz Guilherme. **194***

*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 127: Público aplaudindo durante a 1ª Ocupação Vulverística na Lona – Foto de Isabela Alves **194***

*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Fotografia 128: Sofia Pontieri e Beatriz Santiago apresentando número de pirofagia e malabares com fogo em frente a lona com público durante a 6ª Ocupação Vulveristica na Lona - Palco Aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima **199***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 129: Ana F. Grisorio, Talita Silva e Bruna Santos apresentando número acrobático durante o cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona - Palco Aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 130: Laura Faleiros, Ana Carolina Medeiros, Leka Mariano e Sofia Pontieri durante o cortejo na estação Palmeiras Barra Funda realizado na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona - Palco Aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 131: Stella Lima recitando poesia na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona Palco aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima. **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 132: Tay Maria como Palhaçe Dona conduzindo como MC o Sarau na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona Palco aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima. **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 133: Tamyres Soares com o punho direito cerrado e com o filho em seu colo recebendo os aplausos do público após sua apresentação na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona Palco aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima. **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 134: Be Zilberman apresentando número no tecido na 6ª Ocupação Vulveristica na Lona Palco aberto na ponta da faca – Foto Jumaira Lima. **200***

*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)

Fotografia 135: Roda de conversa “Transformando Olhares” em frente a lona na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **203***

*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)

Fotografia 136: Diversas mãos segurando e acendendo tochas de fogo durante a oficina de pirofagia ministrada por Beatriz Santiago durante 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **204***

*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)

Fotografia 137: Confecção de tochas de fogo durante a oficina de pirofagia ministrada por Beatriz Santiago durante 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **204***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Fotografia 138: Painé Santamaria apresentando Espetáculo Maranhã com público durante a 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **204***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Fotografia 139: Oficina de pirofagia ministrada por Beatriz Santiago durante 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **204***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Fotografia 140: Roda de conversa "Transformando Olhares" na 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina em 2019 – Foto Jumaira Lima. **204***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Fotografia 141: Pessoas dançando forró, conversando e treinando malabares em frente a lona durante a 8ª Ocupação XXXrística na Lona Edição Junina – Foto Jumaira Lima **204***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Fotografia 142: Ian Pooka, Noam Scapin, Vulcânica Pokaropa, Helen Maria, Lui Castanho e Juno Nedel, o elenco na época, da Cia Fundo Mundo dançando na finalização do Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp – Foto Nirely Araújo **209***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 143: Vulcânica Pokaropa apresentando número de bambolê no Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp – Foto Nirely Araújo **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 144: Noam Scapin apresentando número de trapézio com público no Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp – Foto Leka Mariano **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 145: Helen Maria apresentando número de malabares no Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp – Foto Nirely Araújo **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 146: Lui Castanho e Ian Pooka apresentando número de tecido acrobático no Espetáculo Sui Geniris apresentado no circo da Unesp – Foto Nirely Araújo **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 147: Noam Scapin apresentando número de trapézio no Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp – Foto Nirely Araújo **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 148: Todas as pessoas envolvidas na produção com o elenco da Cia Fundo Mundo.no Espetáculo Sui Geniris apresentado em novembro de 2019 no circo da Unesp. Da esquerda para direita, primeiro a fileira de cima depois a debaixo, temos: Lui Castanho, Vanessa Correia Gonçalves, Natiele Fontana, Ian Pooka, Noam Scapin, Juno Nedel, Caê Prandini, Angela Sena, Kio Zaz, Mari Ohime, Sarah Francine, Leka Mariano, Tay Maria, Nirely Araújo, Maré Oliveira, Helen Maria, Beatriz Santiago e Vulcânica Pokaropa. – Foto Lady Lazzarus, Plasticine Produções **210***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Fotografia 149: Maré Oliveira e Caê Prandini apresentando performance acrobática, com música ao vivo, em frente a lona com o público na abertura da 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **217***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 150: Nirely Araújo na perna de pau e Ana Carolina Medeiros cantando em performance de abertura da 9ª Ocupação XXXrística na Lona – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)

Fotografia 151: Tay Maria como Palhaçe Dona sendo MC da 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 152: Nirely Araújo como Palhaça Capuxa apresentando na 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 153: Maré Oliveira apresentando número de lira na 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 154: Artistas em roda de aquecimento antes de iniciar a 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 155: Tay Maria como Palhaçe Dona sendo MC, com público, na 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Fotografia 156: Sarah Francine apresentando número de trapézio na na 9ª Ocupação XXXrística na Lona, em dezembro de 2019 – Foto Jumaira Lima **218***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)

IMAGENS

Imagem 01: Vista panorâmica do terreno do Instituto de Artes e de seu entorno, print retirado da internet (GOOGLE MAPS) com composição própria **48**
Imagem 02: Capa da antiga página do Laboratório de Artes Circenses Circo da UNESP, print retirado da internet (Facebook). **77**
Imagem 03: Postagem fixa da antiga página do Laboratório de Artes Circenses Circo da UNESP que comunicava diversas informações sobre o circo da UNESP e os projetos que existiam no ano de 2019, print retirado da internet (Facebook). **77**
Imagem 04: Postagem que comunica a desativação da página Laboratório de Artes Circenses Circo da UNESP no Facebook, print retirado da internet (Facebook). **78**
Imagem 05: Imagem que acompanha o comunicado que a página Laboratório de Artes Circenses Circo da UNESP no Facebook será desativada. **78**
Imagem 06: Composição própria – Junção do flyer do 1º Papo de Picadeiro com fotografia com o público presente no evento (2019, Foto de Lilian Vilela). **85**
Imagem 07: Composição própria de diversas fotografias antigas da lona de circo da UNESP – extraídas das páginas 66 a 68 do TCC: Que palhaçada é essa: Jogos e Apontamentos de Natália Siufi e Juliana Arapiraca, 2009. **91**
Imagem 08: Print do grupo criado em rede social para organização do coletivo retirado da internet (Facebook). **105**
Imagem 09: Print do grupo criado em rede social para organização do coletivo retirado da internet (Facebook). **105**
Imagem 10: Enquete para decidir o nome do Ocupação, realizada em grupo privado em rede social. Postada por Nirely Araújo, print retirado da internet (Facebook). **107**
Imagem 11: Flyer da 1ªed da Ocupação Vulveristica na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri. **107**
Imagem 12: Cartaz (Tam A3) da 2ªed da Ocupação Vulverística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 2ª ed. **130***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 13: Panfleto da 2ªed da Ocupação Vulverística na Lona por Sofia Pontieri. **131***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Imagem 14: Print do evento de divulgação em rede social da 2ªed da Ocupação Vulverística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **131***
*(Ficha Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 15: Enquete realizada em grupo privado em rede social para combinar um dia de reunião postada por Sofia Pontieri, print retirado da internet (Facebook). **137**
Imagem 16: Comunicado postado grupo privado em rede social postado por Vitoria Carine, print retirado da internet (Facebook). **137**
Imagem 17: Comunicado confirmando 2ªed. Ocupação Vulverística na lona postado no grupo privado em rede social postado por Vitoria Carine, print retirado da internet (Facebook). **137**
Imagem 18: Compilado de comentários de diversas pessoas organizando a 2ª edição da Ocupação postados no grupo privado em rede social postado por Vitoria Carine, print retirado da internet (Facebook). **138**
Imagem 19: Comunicado de reunião postado no grupo privado em rede social postado por Vitoria Carine, print retirado da internet (Facebook). **138**
Imagem 20: Compilado ATA de reunião com deliberações coletivas postado no grupo privado em rede social postado por Vitoria Carine, print retirado da internet (Facebook). **139**
Imagem 21: Compilado de complementos da ATA de reunião postado no grupo privado em rede social postado por Sofia Pontieri, print retirado da internet (Facebook). **139**
Imagem 22: Compilado de imagens de chamamento público para a organização da 3ªed. e da 7ªed. Ocupação. Acervo da ocupação. **146**
Imagem 23: Cartaz (Tam A3) da 3ªed da Ocupação Vulverística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 3ª ed. **130***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 24: Panfleto da 3ªed da Ocupação Vulverística na Lona por Sofia Pontieri. **131***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 25: Print do evento de divulgação em rede social da 3ªed da Ocupação Vulverística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **131***
*(Ficha Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 26: Cartaz (Tam A3) da 4ªed da Ocupação Vulverística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 4ª ed. **161***
*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 27: Panfleto da 4ªed da Ocupação Vulverística na Lona por Sofia Pontieri. **162***
*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 28: Print do evento de divulgação em rede social da 4ªed da Ocupação Vulverística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **162***
*(Ficha Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 29: Cartaz (Tam A3) da 7ªed da Ocupação XXXrística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 7ª ed. **176***
*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)
Imagem 30: Panfleto da 7ªed da Ocupação XXXrística na Lona por Sofia Pontieri. **177***
*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 31: Print do evento de divulgação em rede social da 7ªed da Ocupação XXXrística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **177***
*(Ficha Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona)
Imagem 32: Cartaz (Tam A3) da 5ªed da Ocupação Vulverística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 5ª ed. **185***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 33: Panfleto da 5ªed da Ocupação Vulverística na Lona por Sofia Pontieri. **186***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)

Imagem 34: Print do evento de divulgação em rede social da 5ªed da Ocupação Vulverística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **186***
*(Ficha Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 35: Cartaz (Tam A3) da 1ªed da Ocupação Vulverística na Lona desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 1ª ed. **192***
*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 36: Panfleto da 1ªed da Ocupação Vulverística na Lona por Sofia Pontieri. **193***
*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 37: Print do evento de divulgação em rede social da 1ªed da Ocupação Vulverística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **193***
*(Ficha Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona)
Imagem 38: Cartaz (Tam A3) da 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca desenhado e produzido por Sofia Pontieri – Capa da Ficha Edições 6ª ed. **198***
*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)
Imagem 39: Panfleto da 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca por Sofia Pontieri. **199***
*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)
Imagem 40: Print do evento de divulgação em rede social da 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca, print retirado da internet (Facebook). **199***
*(Ficha Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca)
Imagem 41: Cartaz (Tam A3) da 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina desenhado e produzido por Luiza Peixe – Capa da Ficha Edições 8ª ed. **202***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Imagem 42: Panfleto da 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina por Luiza Peixe. **203***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Imagem 43: Print do evento de divulgação em rede social da 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina, print retirado da internet (Facebook). **203***
*(Ficha Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina)
Imagem 44: Cartaz (Tam A3) da Espetáculo Sui Generis – Cia Fundo Mundo produzido pela Cia Fundo Mundo – Capa da Ficha Edições Espetáculo. **208***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Imagem 45: Panfleto da Espetáculo Sui Generis – Cia Fundo Mundo produzido pela Cia Fundo Mundo. **209***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Imagem 46: Print do evento de divulgação em rede social da Espetáculo Sui Generis – Cia Fundo Mundo, print retirado da internet (Facebook). **209***
*(Ficha Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo)
Imagem 47: Cartaz (Tam A3) da 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona desenhos Sofia Pontieri e produzido por Leka Mariano – Capa da Ficha Edições 9ª ed. **216***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Imagem 48: Panfleto da 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona desenhos Sofia Pontieri e produzido por Leka Mariano. **217***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)
Imagem 49: Print do evento de divulgação em rede social da 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona, print retirado da internet (Facebook). **217***
*(Ficha Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona)

DIAGRAMAS

Diagrama 1: Ciclo de organização criado pela coletividade da Ocupação Vulverística **142**

LISTA DE HIPERLINKS (Link + QRcode)

Link 1 - Você já entrou no Instituto de Artes da UNESP? 45

https://pt-br.padlet.com/lmariano7/JaEntrouNoInstitutoDeArtesUNESP

Link 2 - Fichas Projetos Circo da Barra Noturno: **Intercambio Bambolístico.** 65

https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10154338508409954&type=3

Link 3 - Fichas Projetos Circo da Barra Noturno: **Intercambio Palhaço** 65

https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10154725787099954&type=3

Link 4 - Fichas Projetos Circo da Barra Noturno: **Intercambio Acrobalance** 65

https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10154552802764954&type=3

Link 5 - Fichas Projetos EPIA: **Instagram EPIA** 68

https://www.instagram.com/encontro.epia/

Link 6 - Fichas Projetos EPIA: **Portfólio EPIA** 69

https://drive.google.com/file/d/1NRTcBSGnGVLqt98hr5RLd_nWvpaClqrV/view

Link 7 - Fichas Projetos EPIA: **Videos** 69

https://www.youtube.com/channel/UC9TpyWrcfI0ADIUocPNw9hQ/videos

Link 8 - Fichas Projetos EPIA: **Cabaré Relâmpago** 69

https://www.youtube.com/watch?v=cEhQxVedCLg

Link 9 - Fichas Projetos Circo da Barra: **Instagram Circo da Barra** 74

https://www.instagram.com/circodabarraia/

Link 10 - Fichas Projetos Circo da Barra: **Projeto** 75

https://www.ia.unesp.br/#!/extensao/projetos-de-extensao/circo-da-barra/

Link 11 - Fichas Projetos Circo da Barra: **Treinos Independentes** 75

https://www.facebook.com/CircoDaBarra/photos/a.443067455785420/1270304316395059

Link 12 - Fichas Projetos Circo da Barra: **Trajetória** 75

https://www.facebook.com/watch/?v=742724032940976

Link 13 - Fichas Projetos CIRCOLAR: **Instagram CIRCOLAR** 80

https://www.instagram.com/circolar_unesp/

Link 14 - Fichas Projetos CIRCOLAR: **Projeto** 81

https://www.instagram.com/p/BkVIu1ggBgq/

Link 15 - Fichas Projetos CIRCOLAR: **Treinos** 82

https://www.instagram.com/tv/Bklr9QpBbkQ/

Link 16 - Fichas Projetos CIRCOLAR: **Domingo à Bolonhesa** 83

https://www.facebook.com/events/1073419386106850/?active_tab=discussion

Link 17 - Fichas Entrevistadês: **Natiele Fontana** 94

https://www.youtube.com/watch?v=mh39biK5jNM

Link 18 - Fichas Entrevistadês: **Tay Maria** 98

https://www.youtube.com/watch?v=YbKPFSA7Mow

Link 19 - Fichas Entrevistadês: **Beatriz Santiago** 108

https://www.youtube.com/watch?v=dCYIZB230ec

Link 20 - Fichas Entrevistadês: **Maré Oliveira** 116

https://www.youtube.com/watch?v=3Bow0Z8KhkQ

Link 21 - Fichas Entrevistadês: **Caê Prandini** 130

https://www.youtube.com/watch?v=PfP8gE8ZxX8

Link 22 - Fichas Entrevistadês: **Leka Mariano** 190

https://www.youtube.com/watch?v=jCys0r2V9Dg

Link 23 - Fichas Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Fotos** 193

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/123AQsz_1vDxIiiLS2yJ4XNu-wMhitPow

Link 24 - Fichas Edições 1ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Teaser** 193

https://www.youtube.com/watch?v=FQK_q1tUh38

Link 25 -Fichas Edições 1ªed. Ocupação Vulverística na Lona: **Divulgação online** 193

https://www.facebook.com/events/127520441289325

Link 26 - Fichas Edições 2ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Fotos** 131

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1AkmtxnxKZHrm-3-qoeXo8DzfnuzXLloZ

Link 27 -Fichas Edições 2ªed. Ocupação Vulverística na Lona: **Divulgação online** 131

https://www.facebook.com/events/1902715826418669

Link 28 - Fichas Edições 3ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Fotos** 150

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1MuzL6gDv_liRlxfthfMMArgL3ySC_WS_

Link 29 -Fichas Edições 3ªed. Ocupação Vulverística na Lona: **Divulgação online** 150

https://www.facebook.com/events/1876558259085291

Link 30 - Fichas Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Fotos** 162

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1BUHfF91ZXLnDvjRMYsubxTgTpPPqYjMs

Link 31 - Fichas Edições 4ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Teaser** 162

https://www.youtube.com/watch?v=V-M8guRYlVI

Link 32 -Fichas Edições 4ªed. Ocupação Vulverística na Lona:**Divulgação Online** 162

https://www.facebook.com/events/242457306524019

Link 33 - Fichas Edições 5ª ed. Ocupação Vulverística na Lona: **Fotos** 186

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1FBgAYf6xi1RphCMvYuq7BpFtQad3SNO-

Link 34 -Fichas Edições 5ªed. Ocupação Vulverística na Lona:**Divulgação Online** 186

https://www.facebook.com/events/205140780159779

Link 35 - Fichas Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca: **Fotos** 199

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1HH2uewxgx5jNZfTnowfZHol47Hokf803

Link 36 - Fichas Edições 6ª ed. Ocupação Vulverística na Lona – Palco aberto na ponta da faca: **Divulgação Online** 199

https://www.facebook.com/events/1858222337564366

Link 37 - Fichas Edições 7ª ed. Ocupação XXXrística na Lona: **Fotos** 177

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/16KLZpxHSNtQBFtpvjoRCN8wU14v2pfrw

Link 38 -Fichas Edições 7ªed. Ocupação XXXrística na Lona: **Divulgação Online** 177

https://www.facebook.com/events/1168377093340517

Link 39 - Fichas Edições 8ªed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina: **Fotos** 203

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1pGndu-_Ov52WRu7fQq4W1592Uo71zZGz

Link 40 - Fichas Edições 8ª ed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina: **Roda de Conversa 'Transformando Olhares'** 203

https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=681253108954243

Link 41 - Fichas Edições 8ª ed. Ocupação XXXrística na Lona – Edição Junina: **Divulgação Online** 203

https://www.facebook.com/events/429838347607612

Link 42 - Fichas Edições Espetáculo Sui Generis - Cia Fundo Mundo**: Fotos** 209

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1Md_yNQEBK8Dt6Go5EZSLg9AmIwd6q5UO

Link 43 - Fichas Edições Espetáculo Sui Generis - Cia Fundo Mundo**: Making Off** 209

https://www.youtube.com/watch?v=wzF1_22Lwns

Link 44 -Fichas Edições Espetáculo Sui Generis-Cia Fundo Mundo**: Divulgação Online** 209

https://www.facebook.com/events/410327909631163

Link 45 - Fichas Edições 9ª ed. Ocupação XXXrística na Lona: **Fotos** 217

https://drive.google.com/drive/u/3/folders/1ZbVwU0cNMTyCaLG2J5KKdDXbFgbP22e0

Link 46 -Fichas Edições 9ªed. Ocupação XXXrística na Lona: **Divulgação Online** 217

https://www.facebook.com/events/2488543868055731

Link 47 – Xicara de memórias, afetos e transformações 197

https://padlet.com/lmariano7/30i3fu90wl28qo25

Link 48 – Eu fiz parte da Ocupação XXXrística na Lona! E você? 220

https://padlet.com/lmariano7/rp0zxy6y3sqx07s2

UMA CARTA PARA QUEM ACABA DE CHEGAR

Oiê, seja bem vinda, vinde[1], vindo.

Se você chegou por aqui algo nessa materialidade te chamou atenção. Não sei se foi o título, a temática, a fisicalidade, curiosidade, independente do que foi e mesmo eu não sabendo ao certo o quê, espero que você possa experienciar as memórias aqui registradas. Ume amigue, Tay (você verá mais sobre elu por aqui), me disse que ouviu de um amigo, Felipe M.[2], o seguinte conselho: "Um livro deve ser experienciado". Essa frase ficou ecoando por aqui. E apesar deste trabalho não ser exatamente um livro, se você chegou por aqui, independentemente das páginas que visitar, das leituras que fizer, espero que possamos compartilhar de uma experiência juntes.

Realizar esse registro, escritos, trabalho – confesso não saber como definir – parte de um desejo de preservar a trajetória, feitos, lembranças e reflexões sobre a *Ocupação Vulverística na lona*, e também sobre lona ocupada: o C*irco da UNESP*. Criando aqui a possibilidade de guardar algumas memórias de ambos. Irei contar essas histórias por uma perspectiva em diálogo, ou seja, a partir da minha perspectiva e dialogando com parceires/participantes da Ocupação e de outros projetos do circo da UNESP. Nestas historias existem muitas tramas, é quase uns quebra cabeças, por isso, te convido a navegar por essas páginas livremente, para assim, desvendar essas peças, no seu tempo, e da sua maneira. Não importa em qual ordem, então se inspire e se instigue por aqui.

Este é um trabalho inspirado na metodologia em artes e redigido por uma palhaça/arte-educadora, logo é um trabalho artístico e repleto de visualidades. Então não espere o "esperado". Nas próximas páginas você irá encontrar muitas fotos, vídeos/links e provocações passíveis de interações. Toda vez que você encontrar algo assim: **sublinhando** – você poderá clicar em cima e descobrir algo novo, e se você estiver na versão impressa poderá consultar a lista de links.

Espero que você goste de quebra cabeças: Vamos desvendar essas memórias e juntar as peças? **ÚNICA INDICAÇÃO:** Leia **Um experienciar – Para entender as peças e o jogo** – para assim escolher seus caminhos! Boa experiência.

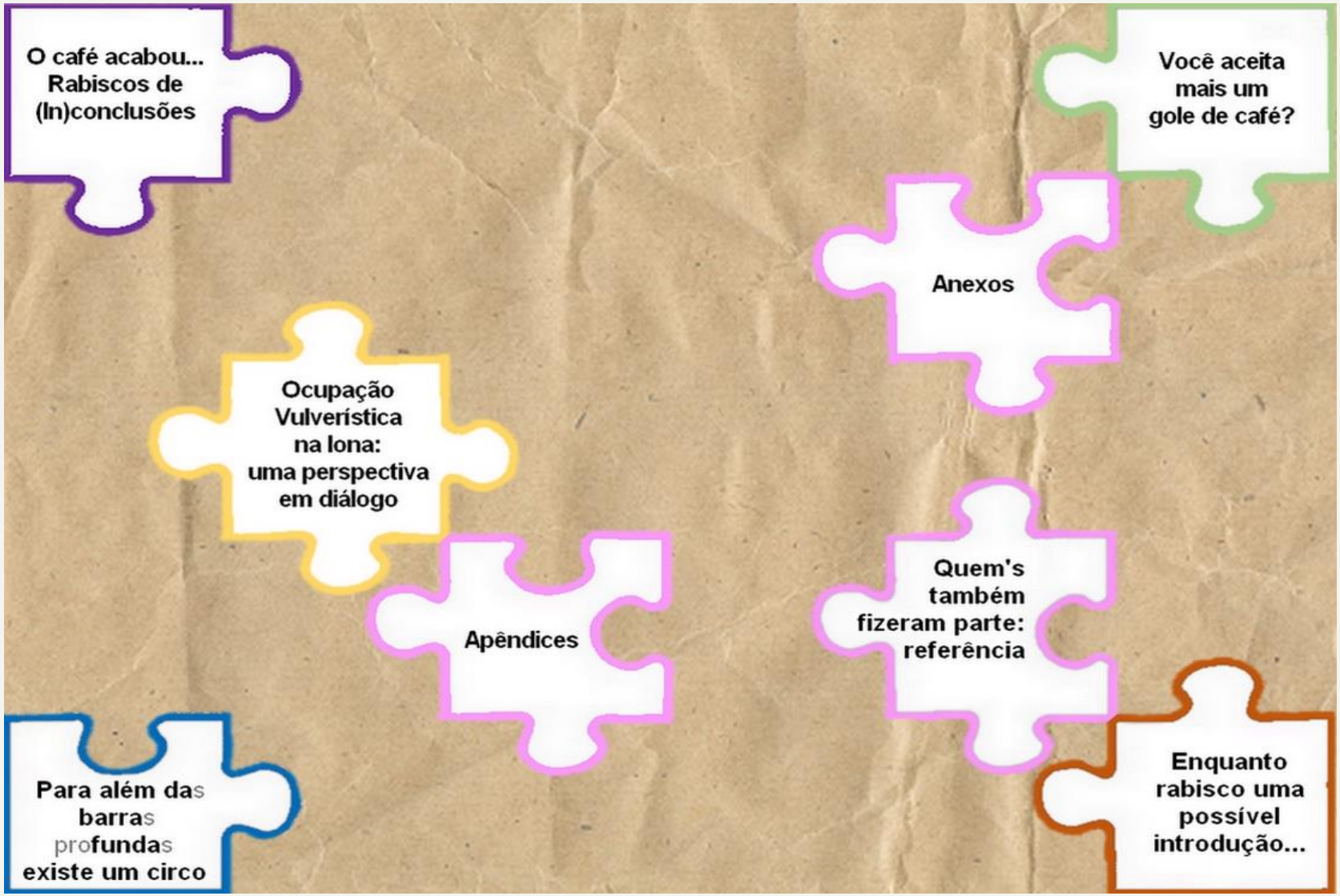
---

[1]Farei uso da linguagem neutra neste trabalho. Quando não houver demarcação de gênero, utilizarei para me referir a pessoas. Manterei o gênero apenas quando for referir a mim mesma e/ou quando estiver me referindo a pessoas que utilizam os pronomes binários (feminino/masculino). Utilizarei o sistema "elu" seuindo o guia para a linguagem neutra (2020), desenvolvido por Ophelia Cassiano, disponível em <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92>.Vale dizer que este sistema está em elaboração, logo alguns usos aqui podem não ser consenso, ou sofrem alterações. De qualquer forma, acredito na importância de exercitar esta linguagem como um ato político.

[2]Prof. Felipe Micheline: professor, palhaço e ator

SUMÁRIO / FICHARÍO

Brincando de Quebra-cabeça



SUMÁRIO / FICHARÍO
Brincando de Quebra-cabeça

Enquanto rabisco uma possível introdução... 32

→ **Você aceita um café?** 32

→ **Um experienciar: para entender as peças e o jogo** 37

Para além das barras profundas existe um circo 41 e 42

→ **Abismos Invisíveis** 43

→ **No silêncio da lona, sussurros: E agora?** 50

- Projeto de Extensão Circo da Barra **52**
- Circo da Barra Noturno **53**
- CIRCOLAR **54**
- EPIA **56**
- Transformamos o 'e agora?' em ação **60**
  - Viagem para 18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo **61**

→ **A lona de circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra** 66

- O Circo é um Laboratório **70**
- E um projeto de extensão, o que é? **71**
- Circo da Barra e suas modificações **72**
- De volta a questão das nomenclaturas: O Circo da UNESP é muito mais que um único projeto **76**

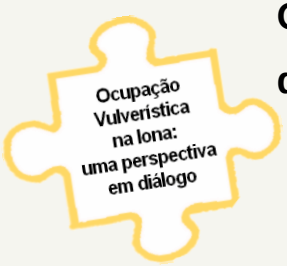
→ **Antes de seguirmos: um desabafo** 79

→ **O círculo veio antes do quadrado: a lona veio antes do prédio** 82

- O papo de Picadeiro **83**
- 1º Papo de Picadeiro – Bate papo: "Narrativas e memórias sobre a lona de circo da UNESP" com Mário Bolognesi **85**

→ **Fichas Projetos**

- FP. – Circo da Barra Noturno **64**
- FP. – EPIA **68**
- FP. – CIRCO DA BARRA **74**
- FP. – CIRCOLAR **80**



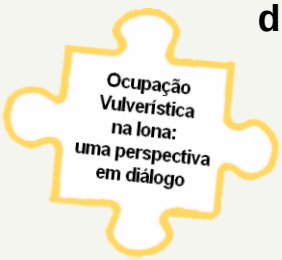
Ocupação Vulverística na lona: uma perspectiva em diálogo 93 e 96

→ **Burburinho que ecoa, Ocupa!** 100
- Como surgiu a Ocupação Vulverística na lona? **101**
- 1ª Ocupação Vulverística na lona **110**

→ **A procura pela prática nos definiu: queríamos fazer um cabaré e criamos um projeto** 118
- Como era a organização **123**
  - Produção **124**
  - Divulgação **125**
  - Registro **125**
  - Montagem (cortina, ancoragem, preparação do espaço) **125**
  - Som **126**
  - Luz **126**
  - Alimentação **127**
  - Expositoras / “Lojinhas” **127**
  - Segurança **128**
  - Limpeza **128**
  - Finanças **128**
- Porque se organizar dessa forma? **133**
- Como surgiram as comissões? **136**
- Potencias desta organização **141**
- Nem tudo que idealizamos foi possível na pratica: nem todas as práticas foram possíveis para todes **152**

→ **Os XXX da questão – Ocupação XXXrística na lona** 164
- O primeiro X – Um falso discurso libertário **164**
- O segundo XX – Quem ocupa uma posição de poder? **170**
- O terceiro XXX – Três passos para o fim para todes **175**

→ **Fichas Entrevistades**
- FE. – Natiele Fontana **94**
- FE. – Beatriz Santiago **108**
- FE. – Maré Oliveira **116**
- FE. – Tay Maria **98**
- FE – Leka Mariano **190**
- FE. – Caê Prandini **121**



Ocupação Vulverística na lona: uma perspectiva em diálogo

→ **Fichas Edições**

- FEd. – 1ª Ocupação Vulverística na lona **192**
- FEd. – 2ª Ocupação Vulverística na lona **130**
- FEd. – 3ª Ocupação Vulverística na lona **149**
- FEd. – 4ª Ocupação Vulverística na lona **161**
- FEd. – 5ª Ocupação Vulverística na lona **185**
- FEd. – 6ª Ocupação Vulverística na lona Palco aberto na ponta da faca **198**
- FEd. – 7ª Ocupação XXXrística na lona **176**
- FEd. – 8ª Ocupação XXXrística na lona Edição Junina **202**
- FEd. – Produção Espetáculo Sui Generis Cia Fundo Mundo **208**
- FEd. – 9ª Ocupação XXXrística na lona **216**

Você aceita mais um gole de café? 188

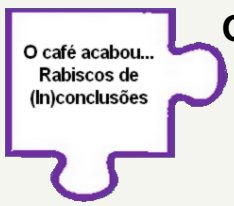
→ **Xicara de memórias, afetos e transformações** 188

→ **Um gole – Memórias e afetos** 195

→ **Outro gole – Transformações: como a Ocupação te atravessa** 206

→ **Quem's fizeram parte** 219

→ **Ultimo gole, de hoje! – O circo manteve, a lona foi possibilidade** 221



O café acabou... Rabiscos de (In)conclusões 229

Quem's também fizeram parte: referência 232

Apêndices

APÊNDICE A – Entrevista Caê Prandini **235**
APÊNDICE B – Entrevista Tay Maria **248**
APÊNDICE C – Entrevista Maré Oliveira **271**
APÊNDICE D – Entrevista Beatriz Santiago **292**
APÊNDICE E – Entrevista Natiele Fontana **309**
APÊNDICE F – Modelo termo de conscentimento **324**

Anexos

ANEXO A – Ata da Reunião de organização da 3ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona realizado no dia 11 de março de 2018 **325**
ANEXO B – Modelo de Ficha de Inscrição utilizado para participar da 5ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona **329**
ANEXO C – Projeto/Proposta em requerimento a utilização do espaço do Laboratório de Artes Circenses – Circo da UNESP **337**
ANEXO D – Comunicado de mudança de nome da Ocupação **343**
ANEXO E – Carta aberta dês estudantes e ocupantes do Circo da UNESP solicitando reivindicações **344**
ANEXO F – Cartaz explicativo que ficava exposto no Circo em 2019**.** Definições do Laboratório e de todos os projetos daquele ano **346**
ANEXO G – Relatório de atividades realizadas pela bolsa BAEE III e Linha do tempo de todas as atividades do circo de 2019 **349**
ANEXO H – Requerimento para uso do espaço do Circo, o documento também era utilizado para registo as atividades. **367**
ANEXO I – 1ª Reunião do Laboratório de Artes Circenses com representantes de todos os projetos (2019) **368**

Enquanto rabisco uma possível introdução...

→ **Você aceita um café?**

Bom vamos lá, bora falar sobre a Ocupação.... Nestes rabiscos quero te contar sobre as escolhas que optei por fazer e os porquês das costuras dessa história. Escrevo este parágrafo depois de tudo que vem a seguir, pois foi buscando os caminhos e encontrando muros que surgiram novas direções, brechas ou até mesmo decidindo os pular. Mas no início nem rabiscos eu tinha, não saia uma só palavra escrita.

A escrita me machuca

Aqui dentro existe uma angústia e ansiedade de sentir que eu não consigo colocar em palavras escritas tudo aquilo que eu gostaria de contar... E eu tenho tanto para dizer. Estou a meses sem conseguir escrever nada, toda vez que paro em frente a essa tela em branco tudo desaparece. E não me venha com “E porque você não tenta...”, vou te parar aqui!

Já tentei escrever pelo computador, em folhas soltas, cadernos, cartas, escrever trocando de cômodos pela casa, sala, cozinha, banheiro, quarto, na casa de amigues, parei de escrever e tentei falar, gravar áudios atrás de áudios, até me filmar falando, andando pela casa, pela rua, dentro do ônibus indo ou voltando do trabalho ao mesmo tempo essa máscara sufoca minha respiração, e tantos outros milhares de caminhos possíveis e inimagináveis. Chega, não quero mais.

Eu imagino que você que está aqui lendo pode achar que é uma simples trava, “É normal, faz parte do processo isso acontecer”, “todo mundo tem dificuldades”, ou você pode até compartilhar desses sentimentos por seus motivos, pelos acontecimentos do momento e tantos outros porquês que possam passar pela sua cabeça. E provavelmente por aqui também existam essas sensações, mas para além disso tem outras coisas que ficam, particularmente, um pouco mais complexas de explicar, e eu nem queria. Ou talvez apenas para...

Oi pequena Leka, como você está?

Eu sou você, não digo grande Leka porque continuo pequena. Rs

Não se assuste. Talvez você não esteja entendendo nada, mas por aqui já estamos com 27 anos e 10 meses. Quase 28? Pois é. Resolvi te escrever para contar algo que descobrir, nós temos uma companhia que sempre esteve conosco. Provavelmente você desconfia de algo, mas nunca teve certezas, e tudo parava nos pensamentos de “será que tem algo de errado? ” E no

fim se convencia de que não, e de que o problema era você mesmo. Mas essa companhia estava lá, há e o nome é: **D**.

Quer ver?

Lembra nas aulas de português onde precisávamos interpretar textos ou poemas, liamos uma vez, tentávamos explicar sobre o que era, não conseguíamos, retornávamos para leitura, e mais uma vez, e outra vez, e quantas vezes fossem possíveis. Nem sempre encontrávamos as respostas, mas sempre ouvíamos:

"É só procurar no texto", "Você tem certeza que leu? ", "Se não sabe ler melhor voltar para 1º serie". **D** estava aqui.

E quando tinha aquelas aulas de leitura em voz alta? Suavamos frio só de pensar no momento que seríamos chamadas, o coração acelerava tanto que mal conseguíamos prestar atenção na leitura ou acompanhar. E quando a leitura seguia uma ordem, um pargarafo por pessoa, ficamos dessesperadas contando qual seria o nosso para ir treinando a leitura antes, uma, duas, três vezes mentalmente, enquanto a adernalina tovama conta, e mesmo assim liamos devagar, errando palavras, suando, tremendo, criando palavras que não estavam lá, ouvindo as risadas, sentindo os olhares. E ao chegar ao fim da leitura, aquela pausa de tensão e o medo de ouvir "você pode explicar o que leu?". **D** estava aqui também.

Suávamos, parágrafo, desesperadas, contando, adrenalina, tomava.

Papel, caneta, lapis borracha... REDAÇÃO! Nas lembranças desses momentos me vem palavras e mais palavras rabiscadas de caneta vremelha. Acentos e mais acentos esquecidos, D no lugar do T, sem coerencia, R's adoravam torcar de lugar, trocar sibalas a todo tempo, S no lugar do C, tarvar olhando para a folha em branco e não conseguir elaborar, organizar, desifrar os pensamentos, B no lugar do P, demorar o dobro do tempo pois fazia tudo a lapis, em pedaços rasgados por não saber a ordem final do texto, para no final passar a limpo de caneta, e na maioria das vezes o tempo não era suficiente para isso, nota baixa. E o sentimento de insatisfação, tristeza, impacasidade. E adivinha? **D** estava conosco.

Lápis, vermelha, coerência, trocar, silabas, travar, decifrar, lápis, incapacidade.

Se eu pudesse falar ao invés de escrever, pensávamos. Ainda penso.

Eu sei que não sabíamos sobre essa tal de **D**, que nos causou tantas dores, constrangimentos e muitas cicatrizes que carregamos até hoje. Ainda carrego. Mas **D** tem nome e características. Nem toda pessoa tem essa companhia, na verdade a maioria não tem, não conhece e também não sabe lidar, assim como nós também não sabíamos. Não que hoje eu super saiba, afinal saber não muda o que vivemos, não muda o que sentimos e não diminui as dificuldades.

Eu gostaria que você pudesse ter recebido essa carta nessa época, eu sinto muito.

Mas hoje sei que não somos burras, sem coerência, analfabetas, não somos o "você não sabe ler", nem o "como não entendeu? ", não somos os rabiscos vermelhos e correções, a leitura engasgada, as palavras inventadas, a esquerda que é direita, vocabulário "pobre", não somos aquilo ali óh, aquilo lá, não somos as palavras que pensamos mas falamos outra, e principalmente não somos o sentimento de incapacidade de colocar em palavras pensamentos, reflexões, sensações, sonhos e ideias. Não somos disleixadas... Somos Disléxicas!

Posso te fazer um convite? Senta aqui, me deixa te passar um café, chá, ou qualquer outra coisa que você goste de tomar e que te aquece a alma, te tranquiliza e te dá força para respirar no meio do caos, e enquanto isso se eu puder falar ao invés de escrever, seria incrível.

Mais um dia, acordo e vou direto para cozinha, ignorando todos os outros cômodos da casa, quase não querendo abrir os olhos. Agora na cozinha começa a rotina, pego a caneca, agua,

> liga o fogão, coador, 3 colheres de pó, desligo o fogo, e delicadamente a agua fervente vai caindo e o vapor, do café passando, vai se espalhando pela casa.

Eu sempre amei esse momento de passar o café matinal, mas já se passaram tantos dias, meses, mais de um ano? .... Já nem sei mais, o piloto automático está na mesma frequência a tanto tempo que é impossível não se perder no tempo. Aquilo que já foi um momento especial, caiu na banalidade da rotina.

Mas hoje foi diferente, ao tomar o primeiro gole senti uma estranha sensação de aconchego, ao olhar para esse retângulo que existe na minha sala, avistei uma fresta de sol, uma frestinha, aquelas do sol da manhã, sabe? Aquela que começa a aquecer a casa sabe? Aquela que a cor é um degradê entre amarelo e seus abraços, entre o laranja e o cheirinho da sua casa pela manhã, hoje é domingo. Lembrei de minhas avós, Dona Cila e Dona Rosa. O nome de Dona Rosa é Rosa mesmo, e assim como a flor carrega suas belezas e espinhos, e Dona Cila é Cecilia, mas aqui em casa, para além do famoso “oooh Vóóóó”, também a chamamos de Cila.

> Oi Vó, bença
> Como a senhora anda? Tá boa? (...)
> E tá comendo bem Dona Rosa? E tomando sol? (...)
> Como é que faz aquela receita mesmo? E aquele chá? (...)
> Vou passar um café, e enquanto a gente toma a senhora pode me contar aquela história lá de novo? (...)
>
> – Diálogos com Dona Rosa

Frustração. Eu queria que esse trabalho fosse um café da tarde, como os que tenho com minhas avós, repleto de histórias. Historias essas que para elas, muitas vezes, são tão despretensiosas ou “só” suas histórias de vida, mas para mim são repletas de saberes, força, lembranças, cicatrizes, emoções, peso, amores, reflexões e carregam antepassades nas suas trajetórias.

> - Letícia, eu aprendi a fazer salgadinho com a prima, não... Cunhada da Marisa. A irmã do Nestor, com a Miriam. Eu vivi lá na casa da Marisa, não saia de lá. Era sábado, era domingo, nos tava lá. A gente rachava, dava o dinheiro pro Nestor. O Nestor ia comprar as carnes, ia comprar as coisas e nós comia tudo junto lá. Era divino, a maior delicia.
> - E fazia por prazer ou pra vende vó?
> - Pra vende! Precisava ter dinheiro né Leticia. Então trabalhava minha fia, tinha que trabalha né. Eu aprendi com ela, lá na casa da Marisa. A Marisa morava ali na Jorge Tibiriça. Nos encontramos, eu e a Marisa, pegamos amizade. E foi a cunhada dela que me ensinou, a Miriam, irmã do Nestor.
>
> – Diálogos com Dona Cila

Me pego aqui falando de dificuldades, lembrando das minhas avós e comecei a me julgar: Leticia qual a relevância e necessidade dessas lembranças serem contadas aqui? Afinal de contas o que é que tem haver ser disléxica, suas avós e tudo isso com o projeto da Ocupação e esse traballho? Mas sabe, olhar para todas essas memórias foi exatamente o que me trouxe até aqui.

> - Minha fia eu tenho que te contar a minha história, eu tenho que contar minha história pros meus netos. A história da minha família, porque quando eu morrer, vocês tem que saber pra contar a minha história.
>
> – Diálogos com Dona Cila

Angústias moveram meus caminhos. Me atravessou quando escutei Dona Cila nesse dia. Ao percebê-la angustiada, em contar repetidas vezes as histórias da sua vida e da sua família, e vi medo, medo do esquecimento. Naquele dia eu entendi que histórias precisam ser contadas, repetidas vezes, e denovo, denovo, denovo.... Para que assim a gente consiga pelo menos nadar contra apagamentos, principalmente, os nossos auto apagamentos. Afinal, quem pode contar a sua história? Quem saberia rememorar a sua história?

Segundo Dona Cila, só nós mesmos podemos fazer isso. E se quisermos que alguém também a saiba contar, serão necessárias muitas tardes, muitos cafés, enquanto você as repete de novo, mais uma vez, e outra vez....

Quando me toquei disso, me vi aqui, neste momento de finalização da trajetória da minha graduação. E esse início de encerramento, de um ciclo, me fez olhar para trás, e sabe o que eu vi? Apagamentos. Senti a mesma angústia quando ouvi minha avó naquele dia: eu não quero me apagar, não quero ver tantas histórias e trajetórias serem esquecidas, ou pior, ser conscientemente omitidas. E por isso escolhi fazer esse trabalho, pois busco incansavelmente não esquecer.

As estruturas passam por cima feito um trator, e por isso encontramos caminhos para resistir. E se você vacilar, elas vêm apagando tudo feito borracha. Nossas memórias também nos sabotam, com o passar dos dias, meses, anos... O que você fez ontem? E neste mesmo dia, só que há oito meses atrás? E a cinco anos atrás? Nesse momento, só vejo uma brecha. Deixarmos o lápis e a borracha do apagamento/esquecimento de lado e escreveremos de caneta.

Ser dislexia embrica em uma série de dificuldades em relação à escrita e leitura, afeta diretamente o meu modo de elaboração e a maneira como escolho expor minhas opiniões. Sempre senti a necessidade de mais de um estímulo simultaneamente para

focar melhor, por exemplo o visual com sonoros, o sonoro com o manual. Logo essa relação constrói a minha forma de expressar meus pensamentos. Dito isso as escolhas que utilizo nesta pesquisa, e que podem vir parecer meramente ilustrativas ou até escolhas estéticas, não são. São também, mas não são apenas isso.

Sempre me perguntei o porquê as experiências na Ocupação me atravessaram de forma tão intensa. Hoje compreendo que possa ter a haver diretamente com a minha base familiar, onde todas as posições de decisão/"poder" são ocupadas por mulheres. E nossa, como tem mulher nessa família. Do lado da minha mãe: Vó Rosa, Tia Elaine, Tia Elisangela e Eliana (minha mãe). Pois é, minha avó quis facilitar a vida dela, e só fala "Oh Li, oh Eli" que todas elas olham. Do lado do meu pai: Vó Cecília, Tia Zuleika, Tia Flávia, Tia Luciana e Junior (meu pai). Ooo pai, tu perdido no meio de tanta mulher, né?

Eu costumo dizer que só sou quem sou hoje graças a elas e a ele. Elas me ensinam todos os dias pela prática, por suas vivências, pelas suas histórias, escolhas, até quando julgo que elas estão erradas eu aprendo algo. Tudo que aprendi com essas mulheres foi ouvindo, observando, e principalmente fazendo. Nem tudo que aprendi com elas é saudável, afinal elas carregaram muitos pesos sozinhas e tiveram que se virar, e eu também aprendi a me virar. Mas preciso me lembrar todos os dias que não preciso fazer tudo sozinha e nem continuar acreditando que preciso dar conta de tudo o tempo todo.

Meu pai que é meio paulista meio caiçara, no meio disso tudo, criado por duas mulheres (sua mãe e sua avó), com mais três irmãs. Ele é um ponto fora da curva. Ele também sempre me ensinou pelo fazer e principalmente pelo afeto. Ele ama cozinhar, e faz os melhores salgados e tortas do mundo. Eu amo enrolar bolinhas de queijo ao seu lado, enquanto ele desabafa sobre a vida tomando cuidado para não temperar a massa com suas lágrimas e risadas. Ele me ensina todos os dias sobre ter coragem e afeto.

"Já chorou? Pronto, agora levanta e vai". Minha mãe que é cria de periferia, apesar de negar esse lugar, carrega muito ensinamentos sem nem perceber. E tudo bem negar mãe (hoje não vou brigar com você por isso) eu entendo que são memórias violentas, e cá entre nós, é universitário burguês que gosta de romantizar essas coisas. Enfim, obrigada por me ensinar a me impor, mesmo que seja no "grito". Adoro o volume da sua voz e da sua risada, que escuto a quilômetros de distância. Ela me ensinou a não desistir e não precisar depender de ninguém, mas sabendo que não

preciso estar só. Sabendo que eu posso e devo pedir ajuda se precisar, e que juntas podemos ir mais longe.

Faço todas essas declarações pois compreendo que olhar para as pessoas que me criaram e a maneira que eu aprendi a aprender, me faz compreender porque a Ocupação se tornou um lugar que me inspirou e me transformou tanto. E sinto que neste espaço pude de fato traçar minha trajetória enquanto arte educadora. Por diversas vezes o modo como eu podia aprender as coisas por lá me levou a minha família. Sem romantizar demais, é inegável que a liberdade e conforto que eu senti naquele espaço, também perpassa o fato de eu ser uma pessoa branca e cisgenera. E por tudo isso escolho falar da Ocupação Vulverística na Lona, olhar para tudo isso me fez me reconhecer, me reconectar e escolher os caminhos que optei por percorrer nesta pesquisa.

Eu poderia escrever esse trabalho de forma objetiva, metódica e impessoal, mas a verdade é que não quero. E que não faria o menor sentido, pois seria completamente contraditório a tudo que o projeto foi e a quem eu sou. “Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita” (KILOMBA, 2019, p.27). E por isso essa pesquisa é uma tentativa de registrar memórias, afetos e lembranças de um acontecimento que existiu na Lona de Circo da Unesp, a Ocupação ~~Vulver~~ística na Lona, por uma perspectiva em diálogo.

→ Um experienciar – Para entender as peças e o jogo

Ei, eu vou te propor um jogo.

Isso mesmo. Que tal montarmos um quebra cabeças? Proponho que essa pesquisa seja um grande quebra cabeça e para isso precisamos fazer alguns combinados.

Deixa eu te contar uma coisa. Eu amo montar quebra-cabeças. De todos os tamanhos, cores, desenhos. Se me deixar fico horas, dias na nessa empreitada. Na hora de começar a montar um, eu gosto de montar pelas bordas. Então eu pego todas as peças e começo a separar quais tem aquele pedacinho reto de borda e quais não tem, sabe? As que não tem a bordinha, a princípio, deixo de lado. Junto todas as bordas, viro elas com o lado do desenho para cima e começo a montar. Eu gosto de fazer assim porque me dá uma noção do tamanho antes de começar.

E só depois que eu pego as outras peças. E como eu vou lidar com elas depende do desenho do quebra cabeça. Se tiverem muitas cores diferentes separo por cores, se tiver desenhos/figuras bem definidas separo pelas imagens. Já o meu sobrinho Davi prefere montar primeiro os desenhos/figuras. E ele não dá a menor importância para ordem das bordas, os das peças num geral. Ele vai seguindo o que dá na telha. Enfim, montar um quebra cabeça é um processo muito individual e pessoal.

Uma curiosidade: Toda vez que a gente monta junto é muito engraçado, eu monto as bordas e ele os desenhos, depois a gente vai juntando tudo, é muito engraçado e gostoso. Mas no final a gente encontra caminhos juntos separados, separados mais juntos.

E essa é a proposta: O quebra cabeça eu que estou propondo, as peças fui eu que encontrei e as juntei por aqui. Mas quem vai montar, e como montar é você!

Vou explicar quais são as peças chave (“capítulos”) para quem gosta, assim como eu, de ter uma noção do todo para depois escolher quais caminhos trilhar. Mas se você quiser fazer igual meu sobrinho Davi e deixar fluir, você pode puxar as linhas a seguir e ir direto para o sumario, ou já se jogar no trabalho. Você é quem decide.

Dentro das minhas vivencias com as minhas mais velhas a linearidade não é lá uma coisa muito frequente. É sempre instigante ir juntando parte das histórias que elas vão contando a cada café. E assim como a experiência com elas, as minhas experiências com as histórias do Circo da UNESP também não foram lineares. Por exemplo: quando entrei na UNESP eu não nem sabia que tinha um circo, quando cheguei no circo não sabia nada sobre ele, mas mesmo sem saber eu fui me envolvendo, participando de grupos, me fazendo perguntas e não encontrando respostas. Criando outros grupos, e do nada “Ah descobri algo novo sobre a lona” e assim por diante.

Então te convido a se jogar nas memorias, reflexões e nas descobertas que registrei aqui. E caso você escolha ler algum texto e sinta uma estranheza por se deparar com alguma lacuna, ou duvidas, ou até aquela sensação de não entender muito bem, tipo como se tivesse pulado alguma etapa de uma receita, sabe? Sugiro você se fazer perguntas. Quem sabe não ter respostas te instigue a procura-las.

Um segredo: Não ter respostas e a sensação de que eu não estava entendendo nada, também me trouxe até aqui.

Foi me fazendo perguntas que descobri como caminhar, e já disse Nego Biso: “Nos entendemos que as perguntas são quem ensinam. As respostas é quem nos fazem aprender. Mas as perguntas é quem ensinam” (BISPO, 2015, 5:18min). Dito isso, te apresento as peças borda e o que você irá encontrar:

Peça borda inferior direita:

Enquanto rabisco uma possível introdução... Uma introdução pessoal e esta proposta: entenda as peças e o jogo, ou o jogo e as peças.

Peça borda inferior esquerda:

Para além das barras profundas existe um circo. Como descobri a lona; Contexto do circo de 2016 a meados de 2019; Informações sobre coletivos, projetos (Fichas – Projetos); Reflexões sobre nomenclaturas (É circo da barra ou circo da UNESP?); Como surgiu uma lona na UNESP.

Peça eixos tema:

Ocupação Vulverística na lona: uma perspectiva em dialogo. Aqui você encontrar uma trajetória em perguntas. Como surgiu o projeto; como foi a primeira edição; como se organizava; porque se organizava; como surgiu a organização; Potências da prática e reflexões sobre o fazer; O que é Ocupação XXXrística; Informações sobre todas edições realizadas (Fichas – Edições) e das pessoas entrevistadas (Fichas – Entrevistades).

Peça borda superior direita:

Você aceita mais um gole de café? Aqui você encontrar memórias poéticas dês entrevistades, sobre a Ocupação; Como essa experiência impacta sua trajetória como pessoa/arte educadorie/ artista; O circo foi uma brecha de possibilidade para liberdade.

Peça borda superior esquerda:

O Café acabou... Rabiscos de (IN)conclusão

Peça eixos internos:

Referencias.

Apêndices. Todas as entrevistas realizadas na integra.

Anexos. Documentos de registro sobre a Ocupação Vulverísitica e sobre o Circo da UNESP.

Este é um trabalho inspirado na metodologia em artes e redigido por uma palhaça/arte-educadora, logo é um trabalho artístico e repleto de visualidades. Você irá encontrar Fichas poéticas, muitas fotos, vídeos, links, é um trabalho artístico e interativo, espero que você goste de desvendar memórias e juntar peças. Toda vez que você encontrar algo **sublinhando**, desta forma que acabo de demonstrar, você poderá clicar em cima e descobrirá algo novo (Se estiver na versão impressa poderá ir até a lista de links para acessar o contéudo).

E uma última informação, minha escrita parte de experiências pessoais sempre em diálogo com participantes da Ocupação (Beatriz Santiago, Caê Prandini, Maré Oliveira, Natiele Fontana e Tay Maria), representantes dos projetos do Circo da UNESP de 2016-2019 (Bruno Sousa - CIRCO DA BARRA, Guilherme Basilio Geraldo - EPIA, Neryssa Sayuri - Circo da barra Noturno, Rodrigo de Abreu – CIRCOLAR), e com docentes (Prof. Dr. Mario F. Bolognesi - idealizador do projeto desse circo e Profa. Lilian Freitas Vilela - atual coordenadora). E seguindo os conselhos/estratégias de BISPO, eu te digo, busco preservar na escrita marcas da fala oral, como gírias, palavrões, pausa, erros ortográficos/coloquiais, conjulgações verbais etc. Caso fique confuso te convido a ler em voz alta, afinal tem algumas demandas que a escrita não da conta (e tudo bem!).

> Quando nois falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado. Quando nois cantamos desafinando e dançando descompassado, quando nois pintamos borrando e desenhamo enviesado, não é porque não estamos errando. É porque não fomos colonizado. (BISPO, 2015, 15:14)

Agora sim, bora abrir essa Sumário / Fichário e começar a juntar e montar as peças. Desejo um experenciar.

Para além das barras profundas existe um circo

(Fotografia Leka Mariano, 2019)

Para além das barras profundas existe um circo

Atenção senhoras, senhories e senhores: Um circo existe!
Atenção senhoras, senhories e senhores: Um circo existe e foi ocupado!
Atenção crianças: Um circo foi ocupado!
Atenção universitáries e acadêmicos: Um circo existe e foi ocupado!
Atenção todes, todas e todos: Um circo foi ocupado!
– Que circo?
A Lona de Circo da UNESP!

Precisamos conversar um pouco sobre a lona de circo da UNESP. Posso citar diversos motivos, mas por hora focarei em apenas dois: primeiro, porque o projeto da *Ocupação Vulverística*[3] se fez existente nesta lona. Segundo, já que os registros, experiências, reflexões que estão compartilhadas nesta pesquisa envolvem toda a estrutura deste circo, penso que se faz necessário entendermos melhor a história desse lugar. Afinal de contas, como uma lona de circo surgiu dentro de uma universidade? Quem colocou ela ali? Por quê? O que acontece lá? O que é esse tal Circo da UNESP? Por enquanto sem respostas, mas continue folheando, algumas virão.

A *Ocupação* não surgiu do nada, na realidade nem a *Ocupação*, nem nenhuma outra atividade do circo. Ideias e projetos não surgem do nada. Tudo é movimento e movimenta. Sendo assim todas as tramas que envolvem este circo atravessam todas as iniciativas que ali existiram, existem e existirão.

Não é possível abordar todas essas tramas neste trabalho, e nem tenho essa pretensão, afinal são 15 anos de existência. Então quais tramas você irá encontrar? Como a lona surgiu, desvendar algumas memórias e histórias desse início, conhecer brevemente projetos, cursos, aulas, apresentações, etc. que aconteceram ali com foco, principalmente, no período de 2015 a 2019[4], para podermos refletir sobre alguns contextos que envolveram o circo e consequentemente a *Ocupação Vulverística*.

Por acreditar na importância dessa lona, na importância de se compreender melhor esse espaço, nos motivos já citados (relacionados à *Ocupação)*, optei por escrever esse bloco de textos. Para compartilhar com você, que está aqui, descobertas, lacunas, vivências, abismos, curiosidades, questionamentos sobre a lona da UNESP que fiz ao longo desses últimos sete anos de graduação (2015 a 2022).

---

[3] Projeto principal desta monografia. Você encontra mais informações em Ocupação Vulverística na lona: uma perspectiva em diálogo.
[4] Período que antecede o início da *Ocupação Vulverística* até o seu encerramento.

→ Abismos Invisíveis

A Lona de circo da UNESP, ou o Laboratório de Artes Circenses, ou Circo da Unesp, ou Circo da Barra. Circo da Barra? São muitas nomenclaturas, mas conversaremos sobre isso em outro momento, enfim... A lona está instalada nas dependências do *Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – Unidade São Paulo)*, mais especificamente localizada no estacionamento do campus desde setembro de 2007. A ideia de instalar uma lona de circo dentro da universidade derivou de um projeto de pesquisa pedagógica desenvolvido pelo Prof. Dr. Mário Fernando Bolognesi[5], professor do Instituto de Artes (1982-2017), vice-diretor (2008-2012) e diretor (2012-2016). Ele mesmo nos conta:

> O Instituto de Artes da UNESP, em 2007, criou o Laboratório de Artes Circenses com o objetivo de se integrar ao curso de artes cênicas da universidade como instância de pesquisa prática e teórica. O projeto previu a compra de uma lona circense a qual se efetivou no mês de setembro do referido ano, com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e foi instalada no novo campus do Instituto de Artes, ao lado do metrô e terminal rodoviário da Barra Funda, na cidade de São Paulo. (BOLOGNESI, 2016, p.30).

Pera aí, para. Não vai dar para contar essa história assim... É melhor correr:

> Tuuu, tuuu, tuuu, (as portas se fecham):
>
> Turu, próxima estação Palmeiras Barra Funda, desembarque pelo lado esquerdo do trem (Voz gravada do transporte metropolitano de São Paulo).
>
> As portas se abrem e centenas de pessoas correm para as escadas, embarque e desembarque caóticos, típico do transporte público em São Paulo. Subi a escada rolante, atravessei a catraca e me perguntei:
>
> – Pra onde eu vou? Que lado é mesmo?
>
> Parada. Eu atravessei a catraca e parei. Um fluxo gigante de pessoas, o vai e vem desenfreado e esmagador da rotina de quem trabalha, as pessoas quase viram vultos, seres de passagem. Tempo? Que tempo? Sem tempo. Pergunto a alguém:
>
> – Oi, você sabe para que lado é a UNESP?
>
> – Não.
>
> – Oi, você sabe pra que lado é a UNESP?
>
> – (Cara de estranhamento) não.
>
> – Oi, você sabe pra que lado é a UNESP?
>
> – UNINOVE? É pra lá.
>
> – Não, a UNESP?
>
> – (Cara de estranhamento) não.
>
> – Oi, você passa sempre por aqui? Pode me ajudar?

[5] Mário Fernando Bolognesi é professor titular (aposentado) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São Paulo (SP). Bolsista em Produtividade e Pesquisa, nível 2, do CNPq. Graduado em Filosofia pela UNESP (1978). Mestre (1988) e Doutor (1996) em Artes/Teatro pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisa temas nas áreas de teatro e circo, com ênfase nos estudos dos palhaços, da comédia e do cômico circense.

– Sim.
– Você sabe pra que lado é a UNESP?
– Unesp? Não sei não.
– Oi, você sabe pra que lado é a UNESP?
–...

Eu preciso contar que eu não conhecia a UNESP. Até o 3º ano do ensino médio eu nunca tinha ouvido falar dessa universidade. Quando ouvi pela primeira vez, no ano de 2012, não fazia ideia de que um Instituto de Artes existia em São Paulo. Da realidade que vim, pensar em faculdade pública era algo distante. Minhas avós mal concluíram o ensino básico, meu pai não concluiu o ensino superior, minha mãe se formou e nunca atuou na área, as pessoas que tive próximas das quais cursaram uma universidade tiveram que pagar por isso. E tudo isso afeta, as questões de classe afetam, e tornam um imaginário distante.

Só um detalhe: nenhuma dessas pessoas é menor por nenhum dos fatos que citei, pelo contrário, elas carregam zilhões de saberes que não estão na universidade. E graças à luta diária, de cada uma delas, que pude ser a primeira da família a ingressar em uma universidade pública. E te confesso que se não fosse assim eu nem teria feito faculdade: você sabe quanto custa uma graduação particular de artes? Enfim, descobri a existência do Instituto de Arte da UNESP pelo *Google*, mas não tinha a menor ideia para que lado da cidade ele estava.

O campus está localizado no bairro Barra Funda, na Zona Oeste de São Paulo. A primeira vez que fui até lá, fiquei completamente perdida e não encontrei ninguém que conseguisse me ajudar. Apesar de estar contando isso de uma perspectiva completamente pessoal, te desafio, um dia em que você se encontre na Estação Palmeiras Barra Funda, seja do metrô, seja da CPTM, ou até na rodoviária, a perguntar para as pessoas “Para que lado é a UNESP? ”. Arrisco a dizer que vai ser muito difícil encontrar alguém que saiba te informar.

Existe um abismo entre a cidade e a universidade pública.

Não que eu seja pessimista ou que é algo impossível de acontecer, mas as minhas experiências e de algumas pessoas com as quais compartilhei minha trajetória trazem essa realidade. E repito, me coloco em risco dizendo isso, mas ainda assim te provoco a vivenciar por si. Vai que esse contexto não é mais o mesmo. E se não for

você me conta? É, “me liga, me manda um telegrama, uma carta de amor”[6]. Brincadeiras e referências pagodeiras a parte, me manda e-mail, mensagem no *WhatsApp*, sei lá, pela rede social que estiver mais atualizada no momento, vou gostar de saber. Aliás, quase me esqueci: você sabe para que lado é a UNESP?

Independente se você sabe onde fica a UNESP ou não, particularmente, acho curioso que pessoas que circulam, trabalham quase todos os dias, e até mesmo as que moram pelos entornos da estação, não sabem e/ou nunca tenham ouvido falar dessa universidade. E eu me pergunto: como um prédio enorme (que é o Instituto) de frente a uma rodoviária não chama atenção das pessoas que passam por ali? Curioso as pessoas saberem informar para onde é a *UNINOVE*, o *Memorial da América Latina*, *Record TV* e a UNESP não. Cada “pequeno” detalhe é tão revelador e repleto de significados… Obviamente que existe o embate ensino público e privado, e todo o processo de sucateamento do primeiro e a mercantilização da educação do segundo. Mas neste momento estou querendo trazer à tona a disparidade de diálogo com a sociedade, com a classe trabalhadora, com a comunidade do entorno.

Ao mesmo tempo que essa narrativa também é frequente entre os próprios estudantes do Instituto, eu mesma perdi a conta de quantas vezes eu ouvi “Nossa a primeira vez que vim na UNESP foi na 2ª fase do vestibular...", fase essa onde ocorre uma prova prática no campus, “... e a segunda vez foi quando começaram as aulas”. Obviamente que não é assim para todas as pessoas, estou propondo uma reflexão conjunta sobre esse abismo que existe, e aproveito para te perguntar: Você já entrou no Instituto de Artes da UNESP? Se não, por que? Se sim, quando e como foi?[7]

E você reparou que nem te perguntei sobre a lona de circo?

> Acorda, banho, ”café”, trampo, bate cartão às 6h, trabalha até às 16h, o fim do expediente sempre atrasa, corre para casa, troca de recepcionista pra artista, marmita, corre pra faculdade, da Vila Gumercindo para Barra Funda, no caminho vai lendo e relendo textos, horário de pico sempre tem problemas no metrô, chegando ora pouco tempo antes da aula, no horário da aula, atrasada, talvez hoje dê tempo de um gole de café, entra na aula, engole a marmita, 23h acaba, volta pra casa, 1h da manhã, dorme, recomeça. Acorda, banho, ”café”, trampo, bate cartão às 6h…

Eu me matriculei no Instituto de Artes da UNESP, no curso de Licenciatura em Arte-Teatro, no ano de 2015. Naquela época trabalhava como recepcionista e

[6]Trecho da música Telegrama, do grupo musical Exaltasamba. Lançada no álbum Luz do Desejo, em 1996, composta por Leandro Lehart e Flávio Venutes.

[7]Esse trabalho é passível de interação. Clique na pergunta sublinhada se quiser compartilhar comigo sua(s) experiência(s).

vendedora em uma empresa pequena no bairro em que morava. Sendo assim, a rotina de trabalhar e estudar sempre foi muito corrida, mas possível. Digo possível pois esse curso é o único que é noturno. É de extrema importância a existência de cursos noturnos, pois permitem que quem precise trabalhar possa ter minimamente a possibilidade de estar ali. Digo minimamente porque quando se fala de permanência estudantil, não é só sobre entrar, é sobre permanecer e isso envolve muitos pormenores, e é uma situação que ainda apresenta muitas insuficiências.

> Ressaltamos que a permanência universitária tem sido um desafio às universidades públicas, principalmente pelo processo de expansão e integração de indivíduos que foram historicamente excluídos da educação superior. Se preocupar com a permanência é se voltar para uma compreensão profunda de acesso, que se refere ao ingresso, permanência e qualidade de formação. (SILVA; FERNANDES, 2017, p.6094).

Não é novidade que tanto a nossa sociedade, quanto a universidade pública, tem a suas origens e estruturas perpetuando diversos preconceitos e violências, com uma visão racista, LGBTQIA+fobica, elitista, machista e excludente. Gomes e Moraes destacam que a estrutura da educação superior no Brasil é a partir de um sistema elitista, “fechado, meritocrático e altamente seletivo, particularmente destinado a incorporar os membros das classes sociais privilegiadas” (GOMES; MORAES citades por SILVA; FERNANDES, 2017, p. 6.098). Sendo assim a permanência e a qualidade de formação de um indivíduo perpassam muitas camadas étnico-raciais, sociais e culturais.

> Nossa, eu me perdi, e você? Propus mudar os rumos para contar essa história, mas foi só eu me distrair e a estrutura me puxou. Paro e penso: olha eu aqui explicando o óbvio, é tão cansativo. Vamos recomeçar?
>
> Acorda, banho, ”café”, trampo, bate cartão às 6h, trabalha até às 16h, o fim do expediente sempre atrasa, corre para casa, troca de recepcionista pra artista, marmita, corre pra faculdade…

Assim como eu muitas outras pessoas tinham diversas rotinas de trabalho(s) e faculdade, distâncias mil de suas casas até a universidade, e essas realidades são limitadores físicos e temporais que estão dados e afetam diretamente o ato de como vivenciar o espaço da universidade.

> Nos processos de formação, tanto no Bacharelado quanto na Licenciatura, os e as estudantes têm acesso, ainda, a noções teóricas e práticas de outras linguagens artísticas que se imbricam com o teatro, tais como música, dança, artes visuais, arte da performance, circo, [...]. Os e as estudantes são estimulados, além disso, a compor e participar de grupos teatrais e de projetos de extensão desenvolvidos no Instituto de Artes. (HUMANIDADES, UNESP, 2020, p.137)

Como ser “estimulade” a buscar outras práticas se você não possui algo essencial? TEMPO. Durante todo meu primeiro ano eu praticamente saía do metrô direto para sala que teria aula e vice-versa, não restando tempo nenhum para conhecer o Instituto, quem dirá para experienciá-lo. E por esse motivo demorei cerca de seis meses para descobrir que dentro do Instituto existia uma lona de circo. Com a correria da rotina eu não conseguia nem ir vê-lo pessoalmente, o tempo escapava das mãos feito areia. Pelos mesmos motivos, demorei cerca de um ano para ver a lona de perto.

Existe um abismo entre o prédio do Instituto de Artes e o circo.

Um dia, cheguei no Instituto muito mais cedo do que de costume, estava desempregada recentemente, era tão, mais tão mais cedo que o asfalto imitava a temperatura do sol. Eu não conhecia o IA[8] muito bem, e havia muitos lugares que já tinha escutado falar, mas não sabia onde ficava, como era, etc. Então sai caminhando do prédio do Instituto de Artes, me perdia pelos andares, salas, corredores, com uma sensação esquisita como se eu estivesse fazendo algo muito errado, proibido, mas com olhar curioso. Lembro de ter chegado ao quinto andar, onde tem os ateliês dos cursos de artes visuais, uma das portas estava entreaberta, entrei em passos lentos e olhando para todos os lados, igual criança quando quer fazer algo, mas não sabe se pode, então fica olhando quase como se buscasse a permissão de alguém, ou até o não olhar de vigília de alguém para fazê-lo.

Com essa energia eu caminhava pelo prédio, de volta ao térreo, passei pela copa (essa já conhecia bem), e sai na parte de trás do prédio procurando um espaço aberto para fumar um cigarro (naquela época eu fumava). Essa saída dava para o estacionamento, lá tem uns bancos, sentei. E ali sentada, olhando a linha tênue entre carros e o céu, me lembrei “aqui tem um circo!”. Levantei, caminhando por uma pequena ladeira (uma inclinação suficiente para tapar a visão do que vem lá) fui atravessando todo o estacionamento e lá longe avistei aquela lona enorme, branca com raios azuis, e aos poucos, passo a passo eu fui me aproximando, e quando já na frente da lona parei, olhei e me perguntei:

Eu posso entrar aqui?
Oi pequena Leka,
Olha eu aqui de novo. Mas dessa vez eu vim te contar uma história curiosa e dizer que hoje senti sua falta.

[8]Abreviação de Instituto de Artes da UNESP

> É bem provável que nesse momento, que você está, ideias de futuro e profissão ainda não passam pela sua cabeça. Mas você com toda certeza já sabe que as artes mexem com nosso coração.
>
> Nós já estamos na faculdade há mais ou menos um ano, e aqui tem um circo, acredita? Sim, uma lona de circo. Igual àquela que fomos uma vez, todo colorido, cheio de habilidades, malabares, palhaçadas, tinha até cavalos acrobatas, você lembra? Pois então é igualzinho, só não tem os cavalos.
>
> Hoje foi a primeira vez que me aproximei, e quando cheguei bem perto, parei, olhei e senti sua falta. Falta do impulso, da curiosidade. Tipo quando vemos os bolos que a vó Cecília faz, aqueles que tem cobertura e da aquela vontade de passar a pontinha do dedo para experimentar? Aquela sensação de olhar, querer muito, fazer o movimento de ir levantando o dedo cada vez mais perto, mais perto, quase lá... e a Vó grita “OOOOOH não! ”, a gente olhava, ria, passava o dedo o mais rápido que podia e sai correndo.
>
> Hoje senti sua falta. Porque quando cheguei bem perto, parei, olhei, sentei na grama, olhei, andei ao redor, olhei de novo... E eu não entrei.

Eu não entrei na lona naquele dia, foi quase um acordo silencioso de que eu não tinha permissão para estar ali e muito menos entrar. Na época eu não compreendia que esse sentimento está diretamente relacionado com a ideia de acesso. E quando digo acesso é “num sentido mais profundo, refere-se a um pertencimento que se liga indissociavelmente ao senso de coletividade/universalidade e à *práxis criativa*” (SILVA; VELOSO, 2013, p. 729). Pois, veja bem, passei mais de duas décadas acreditando que estar em uma universidade pública era algo irreal, e mesmo quebrando essa “certeza” por diversas vezes duvidei de mim mesma, pois o sentimento de pertencimento não existia. Então te pergunto, como eu poderia não sentir esse acordo silencioso de não permissão para entrar naquela lona?

> Eu vi a lona, gostei, mas aí ela estava sempre ali distante do prédio né. Ela fica fora, depois do estacionamento, então tem que atravessar um mar de carros para chegar na lona. Então ela é meio afastada. Fica esse objeto de desejo assim: "Aí o que será que rola lá dentro?”. (1 PAPO DE PICADEIRO - ABREU, 2021, 50:48min)

(Print retirado do GOOGLE MAPS com composição própria)

É isso: “O que será que rola lá dentro?”. O fato de não ter entrado não impossibilitou meu desejo, desejo do desconhecido guardado no interior daquela estrutura circular. Acreditar, falsamente, que eu não poderia entrar me fez questionar: “-Como eu posso entrar aqui?”. A única conclusão que pude chegar, naquele momento, era de que eu precisava acessar as aulas que aconteciam no circo. E descobri estas formas: a disciplina *O Circo e o palhaço*[9], que era ministrada pelo Prof. Dr. Mário Bolognesi; A *Atividade de Extensão Circo da Barra*[10] (Turma da Tarde e Noturno); E um grupo de treinamento de máscaras, organizado por Maria Silva do Nascimento[11] e ministrado por Cida Almeida[12] (que acontecia no período noturno); soube dessas informações no final de 2015, vislumbrando participar de alguma dessas atividades no ano seguinte.

No início de 2016, lá vou eu, para o segundo ano de graduação, de mãos dadas com o seguro desemprego, quer dizer, com mais disponibilidade. Logo na abertura do ano letivo, fui buscar informações para me matricular, participar de disciplinas e/ou extensões no circo e dei com a cara na porta. Justo naquele ano todas as atividades haviam sido canceladas ou interrompidas.

O Prof. Dr. Mário F. Bolognesi, e na época diretor do instituto, foi uma figura muito importante, até esse momento, por manter o circo ativo com disciplinas e atividades. Entretanto, no ano de 2016, ele deu entrada em sua aposentadoria e esse fato culminou no encerramento da disciplina *O Circo e o palhaço* e a não renovação da *Atividade de Extensão Circo da Barra*.

> 03/2010 – 12/2015: Extensão universitária, Instituto de Artes – Departamento de Artes Cênicas Educação e Fundamentos da Comunicação (DACEFC), Atividade de extensão realizada, Circo da Barra – Projeto de extensão - formação e difusão da linguagem circense.
> 03/2014 – 12/2015: Ensino, Artes Cênicas. Nível: Graduação. Disciplinas ministradas, O Circo e o Palhaço. (Currículo do Sistema de Currículos Lattes - Mario Fernando Bolognesi, 2022).

[9] Disciplina optativa dos cursos Bacharelado em Artes Cênicas e Licenciatura em Arte-Teatro (UNESP)
[10] Atividade de Extensão do Projeto de extensão: formação e difusão da linguagem circense.
[11] Maria Silvia do Nascimento é atriz, palhaça, arte educadora e pesquisadora. É doutoranda no PPG-Artes UNESP (ingressou em 2021), mestra (2017) em Artes pela UNESP, com bolsa CAPES-CNPQ. Graduada em Licenciatura em Artes-Teatro pela UNESP (2014). Foi coordenadora do Programa Sou de Circo do Centro de Memória do Circo - SMCS-SP
[12] Cida Almeida Arte Educadora, palhaça atriz, diretora e filosofa. Bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina, atriz pela Escola de Arte Dramática (EAD, na USP). É mestranda pela PPG-Artes UNESP. Como pesquisadora se especializou em treinamento para atores, máscaras teatrais, comédia e como ela mesma diz “de Lecoq até o circo teatro”. Fundadora e integrante do coletivo teatral CLÃ – Estudos de Artes Cômicas (2001 – SP).

E não paramos por aí pois os treinos com a Cida Almeida também se encerraram. E, num piscar de olhos, a lona se esvaziou e o silêncio se instalou no picadeiro.

Retornemos ao começo: como é possível escrever de forma distanciada sobre o histórico desse circo se quando cheguei a lona abafava os barulhos de trens, carros, ônibus e de vidas para além daquela**s** barra**s** **pro**funda**s**? Se o silêncio e as luzes apagadas apagavam as narrativas daquele lugar? É impossível, sem sentido, uma escolha e por isso foi melhor o "Pera aí, para. Não vai dar para contar essa história assim. É melhor correr". Por hora:

Mais um abismo

→ No silêncio da lona, sussurros: E agora?

Aposentadoria do professor Mário F. Bolognesi gerou período de vácuo, onde um leve desespero pairou na mente de quem estava por ali: e agora?

Afinal foi ele quem deixou sua pesquisa transbordar e idealizou, juntamente com estudantes, esse laboratório. Por mais que seja nítido a autonomia que ês estudantes criam com a lona[13], ao ponto de surgirem grupos de estudo/pesquisa, diálogo com a comunidade circense (profissionais da área) e comunidade externa à universidade, tudo sempre esteve em diálogo com o Mário, mesmo que fosse com uma certa informalidade. Até o final de 2016, Bolognesi ainda ocupava o cargo de Diretor do Instituto, mas o início da sua retirada criou uma suspensão e muitas rupturas.

> Atualmente o circo passa por um processo de transição, em função da aposentadoria do professor Mário, o Laboratório de Artes Circenses ficou "órfão" de um pesquisador da área que assumisse as responsabilidades e atividades do circo. (ABREU, 2018, p.17).

[13] Falo melhor sobre em: O círculo veio antes do quadrado: a lona veio antes do prédio.

Pensávamos, digo no plural pois é uma sensação compartilhada com colegas, “Se não tiver uma pessoa representante daquele espaço perante a universidade, o que acontece? ”. Sem falar dos boatos de que existiam profissionais do Instituto que eram contra o circo. Profissionais esses que se utilizavam de argumentos hipócritas, como por exemplo: de que era muito gasto manter a lona, que aquilo deveria ser um galpão, que nada acontecia ali, que não gerava conhecimento acadêmico, dentre outros. Alguns menosprezavam ao ponto, de esquecer da existência da lona quando as reuniões de departamento não abordavam distribuição de verba (Não vou me aprofundar, afinal são só boatos, né?). Novamente o que pairava era o ”e agora”?

> [...] O Projeto Circo da Barra já existia, era coordenado pela Michelle. Então a Michelle junto com a Gabriela Maia. E nesse tempo o Mario ainda estava coordenando, ele ainda estava como diretor na UNESP. Só que eu não tinha contato com o pessoal ainda né, o Zé estava lá com a galera. E quando o Mário saiu ficou uma coisa meio “E agora o que a gente vai fazer?”. Que foi ali no final de 2015. E aí em 2016 eu entrei, só que não existia mais o projeto né, não foi continuado. (1 PAPO DE PICADEIRO - SOUZA, 2021, 40:02min).

> [...] em 2015 eu me inscrevi no Circo da Barra Noturno, era Seu Mario Bolognesi. Não lembro se era 2015, ou 2014. Gente, to confusa aqui. [...] 2014, eu me inscrevi, aí eu passei. E aí quando seu Mário saiu né, quem que ia continuar? (1 PAPO DE PICADEIRO - SAYURI, 2021, 46:05min).

Então a sensação de “O que fazer?”, misturada com a vontade das pessoas de habitar aquele circo, mais os boatos (ou não) da possibilidade do Instituto querer retirar a lona, tudo isso, nos fez agir. “Isso deu margem para a apropriação dos usuários, e fez com que estes preenchessem o calendário de atividades, dentre elas aulas, treinos livres e espetáculos”. (ABREU, 2018, p.17).

E, quase sem percebermos, começou a pipocar iniciativas autônomas. Vou elencar uma ordem, mas surgiram quase que simultaneamente, na mesma época. Um primeiro movimento foi que a *Atividade de Extensão Circo da Barra (Turma da Tarde e Noturno)*, logo de cara, se tornaram dois grupos distintos: O futuro “*Projeto de Extensão”*[14] *Circo da Barra* e o *Circo da Barra Noturno*. E num outro movimento surgiram dois projetos novos: *CIRCOLAR* e *EPIA (Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes)*.

A seguir vou comentar um pouco sobre esse momento de transição/surgimento de cada uma dessas iniciativas, tentando falar de uma forma sucinta, uma a uma. Me atentarei no recorte histórico até o momento em que surge *Ocupação Vulveristica*,

[14]Com aspas, pois só se tornou oficialmente um Projeto de Extensão apenas em 2018. Falo detalhadamente sobre em: A Lona de Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra

segundo semestre de 2017. Farei dessa forma individualizada apenas para dar foco a algumas particularidades. Ei, você se lembra que existem fichas poéticas sobre cada um desses projetos espalhadas por esse trabalho? Te faço um convite para descobrir o que tem nelas que não terá nas próximas linhas e vice-versa.

- ***Projeto de Extensão Circo da Barra***

Antes de ser um Projeto de Extensão era uma Atividade de Extensão e fazia parte do *Projeto de Extensão Universitária de Formação e Difusão da Linguagem Circense* (De 2010 à 2015). No ano de 2016 o projeto não foi renovado e consequentemente a atividade foi cancelada. Então algumes participantes (da turma da tarde do ano anterior) decidiram dar continuidade de forma autônoma aos treinamentos, com o intuito de manter a ação viva. E naquele momento optaram por seguir o formato dos anos anteriores, que era basicamente um curso de introdução às artes circenses.

> Deixo um alô para algumas pessoas desse período: Beatriz Silveira, Bruno B. de Souza, Caio Bichaff, Gabriela Maia, Ivana Andrade, José (Zé) Olegário Neto, Marcelo Paixão, Michelle Alves Monteiro, Priscila Freire, Rodrigo Nogueira de Abreu, Vanessa Correa.

Houve um processo de seleção, que era comum no formato anterior, para montar uma turma. Eu participei desse primeiro grupo e lembro que os treinos começaram com força total, mas aos poucos começou um intenso esvaziamento. O grupo se encerrou antes do fim do ano. Independente dos motivos, foi uma primeira tentativa, que para além do esvaziamento, a falta de apoio institucional também se desfez nas próprias certezas. Faz parte do processo.

> E a gente tentou em 2016 fazer alguma coisa ali, fazer algum projeto acontecer, mas não deu muito certo. E em 2017 a gente falou “Bom, vamos fazer. Vai rolar. Vamos tentar mesmo sem bolsa, sem nada”. E aí a gente conseguiu fazer, deixar uma coisa mais organizada. E se eu não me engano ninguém tinha bolsa ali em 2017, e acho que as bolsas voltaram em 2018. Eu não lembro muito bem as datas. (1 PAPO DE PICADEIRO - SOUZA, 2021, 40:44min).

Em 2017, o *Circo da Barra* segue de forma independente, detalhe que sem um vínculo institucional não existe uma verba que possa ser destinada à manutenção do circo e de bolsistas. Mas enfim, surge um novo grupo de pessoas dispostas a reviver a atividade, nele estavam Bruno Barbosa de Souza, Gabrielle Lei Polizzelli, Jennifer da Silva Oliveira, José (Zé) Olegário Neto e Leonardo Sousa Gomes, e coletivamente elaboraram um curso de iniciação circense, em novos moldes.

> Então, um projeto muito massa, foi incrível. Tinha uma procura surreal, muita gente ia atrás, queria, tava querendo ter aulas, ter iniciação, mas não tinha nenhum contato. A gente tem muitas oficinas por aí, naquela época tinhas muitas oficinas gratuitas, mas tinham poucas que ofereciam a dar iniciação, coisas básicas e era bem legal. A gente formou um grupo a partir de 2017 e veio o Zé, a Jennifer, a Gabi, o Leo, e mais gente se somando. E sem contar as ações dos outros coletivos. Então foram anos bem interessantes. (1 PAPO DE PICADEIRO - SOUZA, 2021, 42:11min).

O projeto agregou muitos participantes naquele ano e ganhou força. A *Ocupação Vulveristica* surge em paralelo a este momento em que o Circo da Barra começa a se reerguer.

Uma curiosidade: Em 2018, após dois anos de muitas movimentações coletivas, é que a atividade volta a ser oficialmente *Projeto de Extensão Circo da Barra*.[15]

- ***Circo da Barra Noturno***

Nos lembremos que o *Circo da Barra Noturno* também fazia parte do antigo *Projeto de Extensão Universitária de Formação e Difusão da Linguagem Circense.* Nesse momento de suspensão (2016), tornou- se um grupo autônomo de treinamento e pesquisa. Para te contar um pouco sobre como esse grupo se estabelece após a saída do Mário, vamos voltar um pouco no tempo.

Uma atenção: aqui podem surgir algumas confusões e dúvidas, principalmente com os nomes, mas respiremos juntes e vamos desconfundir.

A Atividade de *Extensão Circo da Barra* em sua primeira versão, com turmas à tarde e à noite, surge em 2010, compondo o *Projeto de Extensão,* até aqui estamos ok? Paralelamente, no mesmo ano, surgiu um grupo de treinos livres.

> Meu contato com a UNESP, Circo da Barra, foi bem antes assim. Eu era do clube escola, aluna, e aí alguém me levou pra lá, para UNESP. Me levaram para lá. E alguém conseguiu um horário com o Mario Bolognesi e a gente começou a treinar, era 2010 isso. Eu tava vendo até foto, fui procurar e 2010 eu estava lá na UNESP já. (1 PAPO DE PICADEIRO - SAYURI, 2021, 44:43min).

Uma atenção, quando Neryssa conta que seu primeiro contato com o circo, neste período de 2010, foi com esse grupo de treinos, o que ela chama de *Circo da Barra* na verdade era o espaço do *Circo da UNESP*. Essa confusão é muito comum e frequente, infelizmente, mas falarei sobre isso em outro momento[16], por hora seguimos. O que é importante aqui é nos atentarmos no surgimento destes treinos

[15] Conto melhor sobre isso em: O Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra: Circo da Barra e suas modificações

[16] Falo melhor sobre em: O Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra.

livres. “E nisso, foi passando o tempo, e o Fuska, o Julio Fuska, o Jhonny e o Herói. Eles fizeram um grupo que era de treino livre lá dentro, [...] Era um grupo de treino livre, era tipo o *CIRCOLAR*. Algo parecido”. (1 PAPO DE PICADEIRO - SAYURI, 2021, 45:17min).

As pessoas que frequentavam esses treinos e os encontros do Circo da Barra Noturno se misturavam um pouco, se conheciam, trocavam experiências. Neryssa conta que se aproximou da lona em 2010, mas só em 2014 começou a participar da turma noturna do Circo da Barra.

> E a gente conseguiu continuar ali, né. Só que a gente nem mudou o nome. Continuou Circo da Barra noturno. Já era pra ter mudado o nome, né. Porque não era mais o curso de extensão, né. [...] E a gente continuou com o mesmo nome e continuamos treinando. Ficamos um bom tempo treinando, fazendo pesquisa. Então a gente treina, ensaia número, pesquisa, tem vários grupos dentro de um grupo só. Tem Cia Mastrônica, tava trupe Baião de 2, tava tudo junto. (1 PAPO DE PICADEIRO - SAYURI, 2021, 46:46min).

Precisamos entender tudo isso porque quando o Mário anunciou sua saída, essas mesmas pessoas se juntam e fundem esses dois projetos em um único. E assim, a partir de 2016, surgiu o *Coletivo Circo da Barra Noturno*. Grupo esse que seguiu ativo até antes da pandemia.

> E promovendo oficinas, workshops, intercâmbios, intercâmbios de bambolê. E era bem legal o intercâmbio porque não era uma oficina para ensinar, era troca de conhecimento. “Ah você sabe tal truque então passa para mim” “Ah eu sei esse” então ia trocando, era muito legal o intercâmbio de bambolê. De aéreos a gente fez também, apresentações a gente fez várias, e foi basicamente isso assim. E to com saudade de treinar na UNESP. (SAYURI, 2021, 48:05min).
>
> É Neryssa eu também sinto saudades de lona.

- ***CIRCOLAR***

Sempre achei impossível falar da trajetória do *Circolar* sem falar do Rodrigo de Abreu, cofundador e, na minha humilde opinião (talvez não só minha), uma personalidade muito importante dentro desse projeto. Eu me surpreendi (mas só um pouquinho) quando ouvi o Rô falar, pela primeira vez, sobre como esse grupo surgiu:

> Eu vou falar de mim um pouco antes, tá gente. Eu devia ter anotado uma lista do que falar para ser mais objetivo, enfim. Eu entrei na UNESP no bacharelado em Artes Cênicas, 2015. Aí, eu entrei assim, já vi a lona ali, mas nunca tinha me aproximado em nada em relação ao circo, só em teatro né, na minha cidade. Aí, eu vi a lona né falei “Nossa tudo a ver né, Artes Cênicas, Circo, circo é Artes Cênicas”. Eu tava ali em uma etapa de descobrir ainda o que eram as artes cênicas, pra ter uma ideia. (1 PAPO DE PICADEIRO - ABREU, 2021, 50:07min).

> Uma curiosidade: Rodrigo morava atrás do Instituto de Artes, então saindo de sua casa a entrada mais próxima era pelo estacionamento, que dava de cara para o circo.

A minha surpresa foi perceber que nem ele mesmo consegue se ver dissociado da provocação de como surgiu o *Circolar*, e me identifico com esse jeito de contar uma história. Certa vez, Paulo Freire (1992) disse: “As memórias de mim mesmo me ajudaram, isso que eu chamo de trama... me ajudaram a me entender nas tramas de que eu fiz parte”[17] sendo assim:

> Um recado: Ei Rô, só entre nós, eu também não anotei em uma lista para ser mais objetiva. Nos fizeram acreditar (a academia) que deveríamos falar de forma objetiva e distanciada, mas a real é que não precisamos. Paulo Freire já disse, nossas histórias fazem parte dessas tramas.

Quando Rodrigo entra na UNESP (2015) conhece Miguel Magalhães e surge uma conexão imediata entre os dois, tanto na vida pessoal como na partilha de pesquisas artísticas. Surge uma grande amizade e decidem morar juntos (e com mais algumas pessoas, formaram a famosa república universitária) em uma casa muito próxima ao IA. Desse encontro começam a surgir pílulas do que viria a ser esse projeto.

> E a gente, eu e o Miguel, viu a lona. fomos falar com o Mario pra ver se podia treinar ali, meio fechado assim, a princípio só pra usar o espaço e desenvolver algumas técnicas, um treino bem técnico mesmo. Não tinha nenhum projeto, nenhum objetivo. (1 PAPO DE PICADEIRO - ABREU, 2021, 51:31min).

E eu tendo convivido com eles, imagino a seguinte cena: Rodrigo e Miguel param na frente do circo e ficam admirando a lona. Quando um dos dois, quebra o silêncio e fala “Bora treinar aqui? ”, o outro responde “Bora! ”, isso não é necessariamente verdade, mas arrisco a dizer que foi algo por aí. O Prof. Mário liberou alguns horários, e depois de um ano nestas experimentações mais livres e sem “nenhum objetivo” a ideia do projeto começa a surgir.

> Aí em 2016, que a gente montou, né, a ideia de um projeto para fazer treinos livres e ao mesmo tempo, esses treinos livres, tinham como objetivo apresentar espetáculos. Não era periódico assim, às vezes tinha de mês em mês, às vezes tinha por semestre, não era tão regular. Mas a ideia era a gente apresentar esses espetáculos para aproximar a vizinhança também. Porque eu e o Miguel a gente morava numa casa do lado do IA, e a gente conhecia a vizinhança, e a gente falou “nossa, ninguém sabe que existe um circo”. Vamos fazer”. (1 PAPO DE PICADEIRO - ABREU, 2021, 51:54min)

---

[17] Paulo Reglus Neves Freire. Em entrevista ao Museu da Pessoa. São Paulo, 16/10/1992. Vídeo (14:17 min). Publicado por Museu da Pessoas - Código de acervo: MOI_HV031 - Disponível em: <https://youtu.be/CXJENg0nZ2s?t=857>. Acesso em: 23 jan. 2022

> Uma descoberta: Caramba a vizinhança também não sabia que existia um circo. É, Rô, os abismos invisíveis estão por todos os lados.

Assim se configura o *CIRCOLAR*. E o que se iniciou quase como treinos particulares se tornou um escancarar da lona para que qualquer pessoa, sendo estudante ou não, pudesse acessar a estrutura do circo para treinar habilidades (malabares, aéreos, acrobacias, etc), trocar saberes e se apresentar.

> O projeto do *CIRCOLAR* foi esse assim, a gente abria os treinos para pessoas de fora e pessoas de dentro da UNESP. [...] E a gente apresentou vários espetáculos, pessoas desenvolveram números lá dentro, muitas pessoas aprenderam. Outras não chegaram a apresentar, mas chegaram a aprender muitas técnicas, a gente trocou muitas figurinhas né. E funcionava para isso mesmo, para manter o laboratório em movimento. Recebeu também algumas formações, a gente tinha bastantes horários (uma época), e as pessoas precisavam dar oficinas, pegavam horário e era para isso mesmo, era para manter a coisa em movimento. (1 PAPO DE PICADEIRO - ABREU, 2021, 53:09min).

O projeto envolveu diversas pessoas, e esteve ativo até o final de 2019. Aproveito para deixar registrado um agradecimento ao Rô e Cake (Camila Costa), vocês foram grandes mantenedores deste projeto.

> Uma memória: Ei Rô, e o primeiro, ou um dos primeiros, espetáculos do *CIRCOLAR* que o nome era "Domingo à Bolonhesa!", em homenagem ao Mário!? (Me imagine rindo). Palhaces criando nomes adoram fazer um trocadilho né?

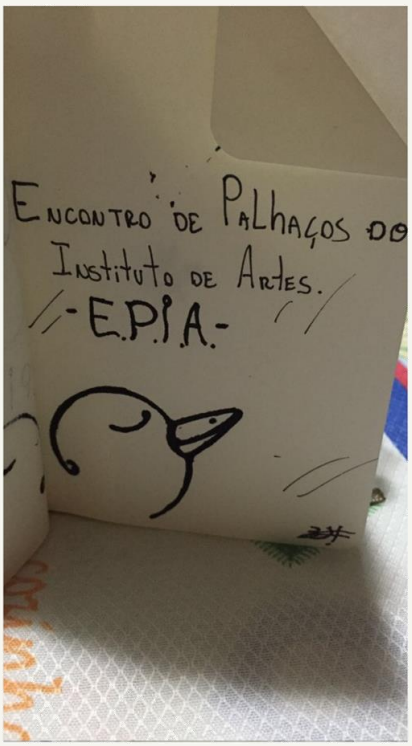
- ***EPIA – Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes***

Falando em palhaces.... Chegamos ao EPIA, o encontro de palhaçaria do Instituto de Artes da UNESP. Confesso que tenho um carinho especial por esse grupo, e aqui quem vai ter que pedir licença para falar um pouco de si, sou eu.

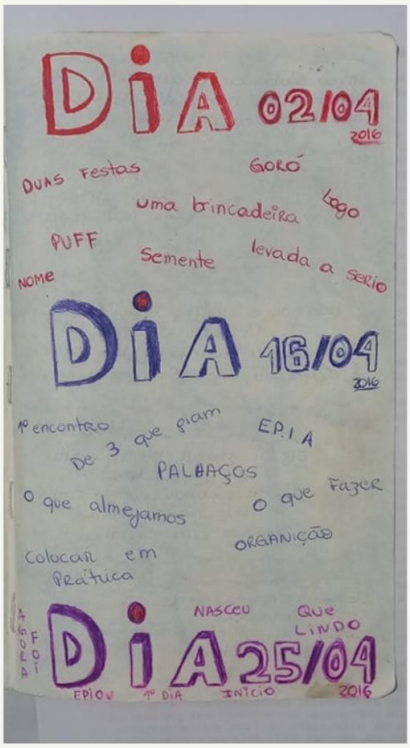
> Um pouco sobre mim: talvez eu não tenha te contado, mas eu sou palhaça. Entrei na pesquisa/vida da palhaçada em 2011, e antes mesmo de entrar na UNESP já havia entendido que, para além da educação e dentre muitas coisas, o riso e o circo guiavam em meus caminhos. Mas no início da graduação eu estava me sentindo perdida, apesar de já ter participado de alguns cursos, tido algumas experiências profissionais, o meu sustento mesmo vinha do trabalho registrado e completamente fora da área artística. Então nesse momento me sentindo distante, daquilo que hoje considero meu ofício de vida, comecei a sentir a necessidade de compartilhar experiências, treinar técnicas, improvisar com outras pessoas, isso tudo somado ao contexto em que o circo se encontrava, me angustiava.

Certo dia, para ser mais específica, no dia 02 de abril de 2016, em uma festa, durante uma conversa totalmente casual com Bruno Silvério, que havia conhecido recentemente, acabei dividindo essas angústias e vontades com ele. Mal sabia eu que Bruno também era palhaço e que tinha interesses parecidos. Conversa vai, conversa vem, começamos a brincar com a possibilidade de criarmos um grupo para treino. E

o que parecia uma brincadeira descontraída poucos dias depois ficou muito concreta, pois Bruno me apareceu com um logo, um nome: EPIA.



(Fotografia Bruno Silvério
07 abril 2016)



(Fotografia do diário de bordo
de Leka Mariano, 25 abril 2016)

Tudo ficou mais real ainda porque o Bruno Silvério convidou Diogo Inácio Dias, que convidou Guilherme Basilio Geraldo[18], que convidou Tay Maria, que convidou Elisa Giannella, que convidou Giorgia Tolaini, que convidou Natiele Fontana, que convidou Luiza Martins, que convidou Giulio Mezzacapa, que convidou Jaqueline Nunes, que convidou Ricardo Abraão e que convidou Vitória Carine[19]. E foi o encontro dessas pessoas, sentadas em círculo no gramado em frente a lona, que surge o *Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes*.

> É o EPIA começou em 2016, frente a essa situação também, aí. Do Mário se aposentar, de ver que o circo tava marginalizado ali. E aí, chegamos sem muito entender bem como. [...] muitas pessoas coincidentemente quererem estudar palhaçaria, mas não necessariamente ser viável financeiramente ou em questão de tempo. [...] Começou desse anseio e aí decidimos fazer um

[18] Guilherme Basilio Geraldo Palhaço/ator, artista de rua e Arte Educador. É cofundador da Trupe dos Trilhos. Atualmente é artista educador nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS Adulto e Infantil e CAPS LESTE) em Diadema. Graduado em Licenciatura em Artes-Teatro pela UNESP (2021).

[19] Todas as pessoas citadas eram estudantes do Instituto de Artes na época. Ricardo Abraão do curso *Bacharelado em Música: Habilitação em Canto* e todas as demais do curso *Licenciatura em Arte Teatro.*

> treino, treino de palhaçaria coletivo, com a condução rotativa. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:13:18min).
> Uma curiosidade: Nosso primeiro encontro foi no dia 25 de Abril de 2016. E se eu te

(Fotografia Bruno Silvério
Primeiro Encontro do EPIA,25 de abril de 2016)

> disser que passamos meses treinando na grama por sentir que não podíamos entrar ali, mesmo com a lona vazia, você acredita?[20]

Nesse encontro dividimos esses anseios, que o Gui fala, e entendemos que queríamos um espaço para treinar, onde cada pessoa pudesse contribuir da sua forma (a partir de seus saberes e experiências), e que fosse aberto e gratuito. A ideia, desde o início, era fazer com que as conduções dos encontros fossem rotativas, mas nos primeiros seis meses muitas pessoas ainda não se sentiam confortáveis para propor exercícios. Então decidimos coletivamente manter os treinos apenas com quem já estava ali e, Bruno, Diogo e eu fizemos uma proposta de introdução a jogos cômicos e experimentações.

> Mas no começo não era necessariamente assim também. E aí, fica agradecimento a Leka Mariano, ao Diogo Inácio e ao Bruno Silvério, que aí por seis meses, em 2016, ou mais, o EPIA teve um processo pouco fechado. E não necessariamente um processo de picadeiro, de formação de palhaces, mais um processo com começo, meio e fim. Porque, em 2016, a gente ainda tinha uma insegurança de rotacionar essa condução. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:14:21min).

Após esse primeiro momento, percebemos a importância desse processo, mas nos afastamos um pouco do que a gente queria, que era trocar experiências. Então,

[20] Na época, para ligar as luzes internas do circo era necessário abrir a caixa de força, mas a chave ficava na portaria do prédio do Instituto. E não adiantava ir lá e "Ooh me dá a chave do circo" não, era preciso ter uma autorização assinada pela direção, e na época nós não tínhamos. Passamos quase dois meses treinando no gramado em frente a lona até conseguirmos essa liberação com o Mário.

no segundo semestre de 2016, retomamos a ideia de rotatividade de quem iria propor os encontros.

> O que era a rotatividade do EPIA, o encontro era proposto por duas, três, quatro pessoas, conforme elas quisessem, com as suas experiências, que servissem de alguma forma para um treino de palhaçaria, considerando qualquer coisa que pudesse agregar. Uma das melhores memórias que a gente tem é do Giulio, que deu oficinas de forró para gente. Porque ele quis, foi maravilhoso. Assim, muitos forrozeires saíram de lá, por causa do Giulio. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:15:02min).

Um recado: Obrigada Giulio, você fez uma pagodeira aprender amar e dançar forró também.

Em 2017, nós finalmente estabelecemos os encontros como havíamos idealizado. Treinos de palhaçada, abertos para qualquer pessoa com interesse, e a cada semana um grupo mediava os encontros com propostas diferentes. Nesse mesmo ano, para além dos treinos, aconteceram muitas coisas: montamos o Cabaré Relâmpago, que apresentamos diversas vezes na UNESP (em 2017 e 2018) e também em uma curta temporada no Projeto Âncora (2017, Cotia – SP); organizamos, junto com o *CIRCOLAR*, uma ida a 18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo e fizemos intervenções na rua.

> E aí novos anseios começaram em 2017. Foi aí que a gente montou o Cabaré Relâmpago do EPIA. E tinha esse nome tanto pela urgência que a gente montou, quanto pelo fato de terem relâmpagos na lona do circo (isso foi uma coincidência). [...] Mas basicamente o EPIA foi essa construção de nos possibilitar a autonomia de fazer palhaçada. Com isso, a gente conseguiu ir pela primeira vez para uma convenção, a primeira vez para rua, primeira vez fazer cena, construir parcerias. Eu tenho uma parceira que eu construir aí. E eu trabalho com ela até hoje na minha pesquisa de palhaçaria de rua. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:15:57min e 1:20:58min).

Um segredo (que quase todo mundo sabe): Essa parceria que o Gui fala, é comigo. Ei Gui, parceiro, obrigada por trilharmos juntes tantos trilhos e asfaltos.[21]

Como o Gui comenta, nossos encontros foram de muita potência, aprendizados, de permissão para experimentar, errar e enxergar o erro como possibilidade de algo novo. O EPIA manteve os treinos até o primeiro semestre de 2019 e, por conta da evasão, os treinos pausaram. Durante todos esses anos, tivemos

[21] Quero deixar registrado que eu e o Guilherme temos uma companhia: Trupe dos Trilhos, e desenvolvemos uma pesquisa na palhaçada e no circo de rua, principalmente dentro dos vagões do Metrô de São Paulo. O Gui está escrevendo seu TCC sobre nosso trabalho pelos vagões, caso te interessar em saber mais, Pequenos Trabalhadores – Arte de rua nos vagões, causos dos trilhos e o (re)encontro indenitário de um palhaço periférico, fica um convite aqui.

muitas configurações de pessoas, sinto não citar todes aqui (eu nem conseguiria), mas fica um agradecimento a todas as pessoas que fizeram ninho por aqui.

> Então o EPIA tinha, tinha e eu acho que ainda tem, essa possibilidade que a gente até brincava de ser um ninho de passarinhos. E eu acho que ainda é, essa ideia viva de que qualquer pessoa que tiver vontade e disposição, comprometimento, porque é necessário esse comprometimento de lidar com as burocracias, [...] de várias pessoas pegarem a responsabilidade de conduzir encontro em mãos, com carinho, com respeito. Lá eu acho que houveram muitos erros sim, mas muito aprendizado também. Eu acho que o EPIA é essa ideia viva que a gente pode, todes vacinades de preferência, voltar a ocupar aquele espaço. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:21:29min).

Uma semente: Que lindo Gui, faço das suas palavras as minhas também. Plantemos aqui essa sementinha dessa ideia viva.

- **Transformamos o "e agora?" em ação**

O ano de 2016 foi extremamente significativo, por tudo que conversamos até aqui. Em 2017, oficialmente sem a gestão de Bolognesi, a presença dos usuários no circo se intensificou. E do breve silêncio e vazio, por debaixo daquela lona, surgiram muitas vozes, pessoas. Emergiram ideias, se estabeleceram projetos e desses movimentos, muitos outros surgiram. Acredito que a ausência de um responsável nos fez compreender que nós podíamos ser responsáveis também, que precisávamos preservar, ocupar, e reivindicar a manutenção e melhorias para circo[22]. E nesse

(Fotografia Lilian Vilela, Reunião do Circo com representantes dos projetos, 21 de junho 2018)

momento "damos então início à uma nova etapa de organização e manutenção do espaço, sem a presença e administração do professor Mário Bolognesi" (ABREU, 2018, p.15).

[22] Aproveito para deixar registrado aqui, nos anexos, uma carta que foi redigida em 2016, onde pedimos para que o Departamento de Artes Cênicas Educação e Fundamentos da Comunicação (DACEFC) percebesse a precarização que o circo estava e reivindicamos melhorias.

Para além dos projetos citados anteriormente tivemos outras atividades como o *ECEI – Espaço Colaborativo de Experimentação em Improviso*, *Núcleo Circense do Corpo Molde*. A lona foi espaço de ensaio e criação para diversos grupos de circo e teatro. Através da movimentação dês estudantes, alguns docentes dos cursos de Bacharelado em Artes Cênicas e Licenciatura em Arte Teatro, começaram a ministrar suas aulas no circo (Prof. Dr. Vinicius Torres Machado, Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela, Profa. Dra. Mariana Francisca Martins Monteiro). Assim como disciplinas optativas ministradas por mestrandes e doutorandes, como por exemplo: *"Formas Híbridas em Corpo, Voz e Movimento"* mediada pela Doutoranda (na época) Alda Fátima de Souza. Sem contar as movimentações dês próprias estudantes que propuseram atividades como: performances, cenas, seminários, festas juninas, entre muitas outras iniciativas.

Além de nos apropriarmos do espaço, buscamos também acessar outras possibilidades de formação. Foi então que descobrimos a existência de festivais, encontros e convenções de circo, a níveis nacionais e regionais. Trago a seguir o exemplo da *Convenção Paulista de Malabares, Circo e Palhaço* para elucidar melhor o que são esses eventos. Os formatos entre eles são semelhantes: apresentações, oficinas e debates, com foco em fortalecer a classe artística circense, proporcionar trocas de saberes, formações, etc.

> A *Convenção Paulista de Malabares, Circo e Palhaço* se propõem a ser um grande encontro de agentes culturais do circo para criar um ambiente de trocas, formações e profissionalização artística, bem como fortalecer as relações sociais e criar estratégias para melhorias nas políticas públicas do circo, nos projetos independentes e na manutenção da autonomia e das potencialidades conectadas a partir de redes online e offline fortalecidas pela internet, encontros, projetos e evento. (NEVES, 2014, p.10).

↳ Viagem para: *18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo*

No primeiro semestre de 2017 o *CIRCOLAR* e *EPIA*, organizaram uma viagem para *18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo*[23], que naquele ano aconteceu em Goiânia-GO, com participantes dos projetos, estudantes e pessoas que frequentavam o circo da UNESP. A viagem foi toda organizada por e para alunes e não alunes da universidade, conseguimos viabilizar um ônibus da Instituição, apoio esse que aliás foi conquistado com muita argumentação e persistência.

[23] A Convenção Brasileira de Malabares e Circo é um dos principais eventos da classe, que proporciona fomento às artes circenses, atividades educativas e formativas, debates, troca de saberes e criação de novas oportunidades para novos artistas mostrarem seus trabalhos.

Muitas pessoas, e eu era uma delas, não tinham condições de arcar com os custos do translado (gasolinas e pedágios), camping e alimentação. Então nós, integrantes do *EPIA* e *CIRCOLAR,* organizamos ações na rua e apresentações na lona, em ambas passávamos o chapéu[24], como uma forma de levantar verba em prol dessas pessoas. E após muitas mobilizações lá fomos nós para Goiânia.

(Fotografia Caê Prandini
"VILA EPIA" no Camping da 18ªCBMC 2017)

> Então a gente somando o cabaré relâmpago, as saídas de rua (também muito novo para muita gente), a gente arrecadou dinheiro para pessoas que não poderiam arcar com viagem, com comida, com camping, a gente até conseguiu um busão da UNESP, coisa muito difícil. E aí fomos em mais de 20 pessoas para a 18ª convenção de malabares e circo. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:16:54min).

Eu nunca tinha ido a um evento como esse, uma convenção de circo, então tudo era novo, repleto de descobertas e inspirador. Sem me aprofundar muito, é importante pontuar que mesmo eu tendo me encantado na época, esse espaço não está descolado da sociedade em que vivemos e por isso reproduz muitas violências e opressões, como em qualquer outro, infelizmente. Mas, naquele momento, esta vivência de sete dias assistindo de 3 a 4 espetáculos circenses por dia, participando de oficinas, debates, conhecendo e trocando com outres artistas, foi muito enriquecedora, ampliou a visão de possibilidades de se fazer algo grandioso. Como já disse, no grupo de pessoas que nós fomos, haviam muitas pessoas da UNESP, e é interessante dizer que havia alunes de diversos cursos: teatro (tanto licenciatura

[24] Passar o Chapéu é uma tradição milenar dês artistas de rua para que o público possa fazer uma contribuição financeira espontânea pelo trabalho apresentado.

como bacharelado), artes visuais, música; e também pessoas que não tinham esse vínculo burocrático, mas frequentavam a universidade e o circo. Para a maioria das pessoas foi a primeira experiência, e muito impactante.

> [...] veio o objetivo da gente ir para Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo, a décima oitava edição. E era isso, a gente tava aprendendo muito sobre o mundo do circo. Eu não sabia que existia convenção, encontro, esse tipo de coisa. (1 PAPO DE PICADEIRO - GERALDO, 2021, 1:16:37min).

(Fotografia acervo do EPIA
Cortejo Circense da 18ªCBMC 2017)

Essas foram algumas movimentações que aconteceram em 2016 e 2017, e reforço novamente que faço esse recorte para situar um pouco em qual contexto surge a *Ocupação Vulverística*. Principalmente essa última, pois foi um grande disparador para o surgimento do projeto[25]. Mas vale dizer que após esses dois anos repletos de iniciativas, muito mais coisas aconteceram, como a reforma de toda parte elétrica do circo, bolsas destinadas a estudantes, e muitas outras. São tantas que se eu fosse aprofundar cada uma delas seria outro trabalho, talvez até um mestrado. Por hora ficamos com este breve panorama.

[25] Falaremos mais sobre no texto: **Burburinho que ecoa, Ocupa!**

Circo da Barra Noturno

Fotografia Arquivo Neryssa Sayuri

Quando acontecia:

2016: Ter e Qui das 19h as 22h30

2017: Seg, Ter e Qua – das 19h as 22h30

2018: Seg e Qua – das 19h as 22h30

2019: Qua e Sex – das 19h as 22h30

Fotografia Arquivo Neryssa Sayuri

Como acontecia: Não abria inscrições, era um coletivo previamente formado.

O grupo não tem redes

Fotografia Michel Lgielka

Grupo formado por artistas com interesses em aprofundar seus conhecimentos teóricos e práticos sobre as artes circenses. Os treinos que possibilitavam troca de conhecimentos, pesquisa de movimentos, números, atuação, aperfeiçoamento artístico e interação.

Como contrapartida, pelo uso de um espaço publico, o coletivo oferecia workshops e intercâmbios nas pesquisas circenses desenvolvidas, como os exemplos a seguir.

INTERCÂMBIOS:

BAMBOLÍSTICOS

PALHAÇO

ACROBALANCE

Fotografia Arquivo Neryssa Sayuri

→ A lona de Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra.

Nas bases dos mastros desta lona existe uma confusão: afinal de contas é o Circo *da UNESP* ou o Circo *da Barra*? Porque as pessoas usam nomes diferentes para se referir ao mesmo lugar? Não é a mesma coisa? E não, não é a mesma coisa. A confusão é bem comum e compreensiva, inclusive vamos conversar sobre o porquê, mas também proponho uma reflexão a respeito das nomenclaturas, para que a escolha de palavras não continue agindo feito borracha, apagando narrativas e trajetórias.

Vamos lá. Eu não sei se você que está lendo sabia dessa bagunça dos nomes, então para não deixar ninguém de fora vou dar uns passos para trás. O Prof. Mário começou a inserir a pesquisa e o estudo das artes circenses no Instituto de Artes, antes mesmo da existência da lona, e até então eram apenas as aulas de circo. A lona foi instalada em 2007 e em 2010 se estabeleceu o *Projeto de Extensão Circo da Barra*, o nome tem relação com o campus ser no bairro da Barra Funda. Provavelmente por esse ser o projeto mais antigo, e por alguns anos o único, o nome *Circo da Barra* se estabeleceu e virou quase um apelido, um nome popular do circo.

A partir de 2016, as atividades foram se modificando, como já conversamos[1], outros projetos surgiram e o projeto *Circo da Barra* passou por diversas modificações. E todas essas mudanças começaram a causar dúvidas sobre o nome.

> Alguém: Ei, você é do Circo da Barra?
> G.: Não, eu sou do EPIA.
> Alguém: Mas o EPIA não é no Circo da Barra!?
> G.: Não, o Circo da Barra acontece de terça e quinta, o EPIA é segunda.
> Alguém: Sim, mas tudo acontece no Circo da Barra, né?!
> G.: Não, tudo acontece no circo, no circo da UNESP. O Circo da Barra é um projeto.
> Alguém: Não é a mesma coisa?

Esses diálogos eram muito comuns, principalmente com pessoas que integravam outros projetos que não o *Circo da Barra*. Para quem estava vivendo concomitante a esse período de transição, de quando só existia um projeto para o surgimento de muitos outros, era difícil compreender e até mesmo aprofundar alguma reflexão, e nem teríamos como, afinal, era tudo novo. Fora que, com a aposentadoria do Prof. Mario, o circo teve o período de suspensão e uma reestruturação de

[1]Recorte histórico que foi abordado no texto "No silêncio da lona, sussurros: E agora?"

coordenadores perante ao Departamento de Artes Cênicas Educação e Fundamentos da Comunicação (DACEFC). Diante a tudo isso começou essa bagunça dos nomes, algumas pessoas chamando de *Circo da Barra*, outras de *Circo da UNESP*, outras de Circo do IA.... E assim seguíamos sem muito pensar sobre.

> O Mário se aposentou no final de 2016. Em 2017 o Prof. Dr. Vinícius Torres Machado assumiu o circo. E depois em 2018 eu assumi essa parte de organização do projeto de extensão e alguma organização de logística do espaço da lona. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 04:33min).

Um convite: Nesse momento quero convidar a Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela[2] para dialogar e desatar os nós desse emaranhado que estamos.

Confesso que a princípio eu também achava que o nome era *Circo da Barra*, mas conforme os anos foram passando foi me surgindo dúvidas de como nomear o circo. Fui entender que o *Circo da Barra* era apenas um dos projetos, então chamá-lo assim de uma certa forma anula todos os outros e isso me gerou um incômodo. Comecei a chamar de *Circo da UNESP*, em respeito às outras atividades. Tomar essa iniciativa gerava questionamentos de quem ouvia, e às vezes me perguntavam o porquê eu chamava assim. O problema era que eu não conseguia aprofundar para além da sensação de anulamento dos outros grupos e muito menos argumentar. E sem argumentação minha crítica não tinha força, e na grande maioria das vezes era desvalidada, vista como frescura: “Ah Circo da Barra, Circo da UNESP, tanto faz, é a mesma coisa” me diziam.

Certo dia, ainda sem entender profundamente meus próprios desconfortos com as nomenclaturas, mas instigada, fui conversar com a Prof. Lilian e expus minhas dúvidas. Nesse momento ela me explicou que o circo, formalmente, era denominado Laboratório de Artes Circenses do Instituto de Artes.

> E no Laboratório de Artes Circenses existia as aulas, eventos e existe um projeto de extensão, que é o Circo da Barra, que acontece lá na lona. Às vezes os nomes se confundem. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 03:51min).

Um alívio, meus incômodos não eram incoerentes, existem nomes diferentes porque de fato não são a mesma coisa. E essa é a principal diferença: o Circo é o Laboratório de Artes Circenses e o *Circo da Barra* é um projeto de extensão. Mas o que quer dizer cada um desses termos?

[2] Atual coordenadora do Laboratório de Artes Circenses e organizadora do Projeto de Extensão Circo da Barra.

EPIA

Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes

Fotografia Jumaira Lima

Quando acontecia: Segunda-feira das 14h às 18h
Como acontecia: Não precisava de inscrição, os encontros eram abertos para interessades.

O Coletivo surgiu em Abril de 2016

Fotografia Bruno Silvério

@encontro.epia

Fotografia Arquivo EPIA

Encontro de Palhaços do Instituto de artes era um espaço de treinamento e pesquisa da linguagem cômica e da palhaçaria, pelo compartilhamento de saberes de quem participa. O principal objetivo, além da pesquisa, era a democratização de um espaço de aprendizagem, experimentação e criação.

PORTIFÓLIO

VIDEOS

CABARÉ RELAMPAGO

Fotografia Arquivo EPIA

➢ O Circo é um Laboratório

Um parêntese: talvez as próximas linhas sejam bem cabeçudas, formais e institucionais. Essa linguagem não me agrada muito (ainda mais sendo disléxica), mas compreender certas estruturas tem sua importância, e nos permitirá ampliar a visão e aprofundar a reflexão. Então seguiremos caminhando juntes.

Em 2009, Segundo NOGUEIRA et al. (2014), se iniciou uma reelaboração dos projetos políticos pedagógicos (PPP) dos cursos da UNESP. Cada campus organizou comissões envolvendo coordenadories dos seus respectivos cursos e ume docente representante de cada área, e essas comissões realizaram estudos e reflexões para elaborar propostas buscando aperfeiçoar e inovar os PPP. Um relatório foi redigido e apresentado à Câmara *Central de Graduação* (CCG) e ao *Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária* (CEPE), no documento está descrito todo o percurso de estudo e as novas diretrizes pedagógicas. Em 2013 as propostas foram aprovadas, e em 2014 divulgadas.

> A atualização do conhecimento inicia-se com a definição de um eixo articulador baseado na transformação do conceito de disciplina prática para o de atelier-laboratório e atelier-livre com a articulação teórica e prática formatada pelo próprio aluno (modelo PBEL), incluindo as disciplinas práticas e teóricas – organizados em núcleos práticos de laboratórios. Tal transformação, aparentemente fundada nas condições físicas e espaciais da Universidade, na verdade altera o projeto político pedagógico. (NOGUEIRA et al., 2014, p. 29).

Se propõem um novo eixo articulador onde a principal mudança era a substituição do termo *disciplinas* por *atelier-laboratório*, da qual estabelece uma organização das “disciplinas” oferecidas em núcleos práticos de ateliers-laboratórios.

> O “Núcleo de disciplinas” passa a ser substituído pela noção de “Núcleo de ateliers-laboratório”. A distribuição de ateliers (com ementas) seria organizada em uma média de 2 a 3 “disciplinas” básicas de cada núcleo de ateliers-laboratório e os demais ateliers seriam eletivos – sendo os eletivos em maior quantidade para incrementar a flexibilidade e o leque de eleição dos alunos. O que anteriormente se entendia como “disciplina de Pintura I e II” passa a ser “atelier-laboratório de Pintura I e II”. (NOGUEIRA et al., 2014, p. 30).

Os núcleos, em sua maioria, estão associados a espaços físicos que existem na estrutura do IA, como por exemplo: o Laboratório de Formas Animadas que está associado a uma sala/teatro e um espaço de ateliê, o Laboratório de Práticas Pedagógicas – Jogos e improvisação ao Teatro Reynuncio Lima, assim como o Laboratório de Artes Circenses está associado ao Circo.

> A Lona do circo é denominada Laboratório de Artes Circenses. Como a gente tem o Laboratório de Formas Animadas, os Laboratórios de Interpretação que fica no Teatro Reynuncio. A organização do Instituto de Artes é feita pelos

> laboratórios, espaços físicos são laboratórios de segmentação. É uma relação também de organização e de princípios pedagógicos do espaço, que é um espaço em que haja a potência da criação. O laboratório como um espaço de educação. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 03:17min).

Sendo assim o circo é esse espaço de potencial criativo, educacional, onde acontecem múltiplas atividades. E como VILELA (1 PAPO DE PICADEIRO - 2021, 03:50 min) reforça, têm essa relação de ser um espaço de experimentação das artes circenses, onde ocorrem aulas, cursos, apresentações, grupos de pesquisa, coletivos que utilizam o circo como sede de seus trabalhos e existe também o projeto de extensão.

- **E um projeto de extensão, o que é?**

Ao chegar nesse questionamento percebi que não fazia a menor ideia do que consiste um projeto de extensão. Pesquisando descobri que na verdade tudo começa no conceito *Extensão Universitária*.

> A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX apud SISPROEX, 2016, p. 2).

Esse processo, na prática, acontece através das ações extensionistas. Segundo VILELA (1 PAPO DE PICADEIRO - 2021, 05:25min), a ação extensionista é uma interlocução entre a universidade e a comunidade externa (sociedade) partindo de uma demanda da própria comunidade. Por exemplo: existem pouquíssimas formações de iniciação às artes circenses gratuitas e que oferecem acesso a uma estrutura de aparelhos aéreos (tecido, lira, trapézio). A procura por essas formações se torna uma demanda social, e em diálogo com a universidade se propõem um curso. Segundo SISPROEX (2016) as ações extensionistas dividem-se em: Programas[1], Projetos e Atividades de Extensão Universitária. Vou focar em explanar apenas os dois últimos, pois estão diretamente conectados com a discussão abordada. Dito isso, um *Projeto de Extensão Universitária* constitui-se em:

> Uma ação claramente planejada e delimitada por seus objetivos, metas, metodologia, etapas de trabalho, cronograma, orçamento e resultados esperados; portanto, com específica abrangência temporal e financeira, bem como elevado grau de detalhamento do planejamento. É considerado projeto

[1] Programas de Extensão Universitária é o conjunto de trabalhos e atividades que articulam ensino, pesquisa e extensão universitária de caráter orgânico institucional, integrados a programas institucionais direcionados às questões relevantes da sociedade (Resolução Unesp n° 11/2012).

> de extensão universitária o conjunto de atividades de caráter educativo, cultural, artístico e tecnológico, que envolva docentes, pesquisadores, discentes (bolsistas e voluntários) e servidores técnico-administrativos, desenvolvidas junto à comunidade, com prazo mínimo de duração de 01 (um) ano, mediante ações sistematizadas. (Resolução Unesp n° 11/2012 apud SISPROEX, 2016 p. 2).

Enquanto as Atividades *de Extensão Universitária* são ações complementares e eventuais, como cursos, educação continuada, eventos artísticos-culturais, produções acadêmicas, entre outras, que compõem o Projeto de Extensão.

> As atividades de extensão universitária são contidas em ações de diferentes graus de complexidade e devem ser entendidas como ações episódicas, de caráter educativo, cultural, científico ou tecnológico, a exemplo de cursos, eventos, prestações de serviços, produções e publicações, podendo ser incorporadas aos projetos. (Resolução Unesp n° 11/2012).

Então vamos retomar: o Circo é um espaço físico de potencial educacional do Instituto que é denominado um *Laboratório de Artes Circenses*. Por ser um Laboratório é possível a realização de múltiplas atividades, aulas e inclusive um *Projeto de Extensão Universitária*. E no planejamento do *Projeto de Extensão* é possível incluir as *Atividades Extensionistas*, das quais dialogam com os objetivos e metodologias propostas no mesmo.

- **Circo da Barra e suas modificações**

Compreender esses termos sanou minhas dúvidas, e possibilitou descobertas. Porque, olha só, nós nos referíamos ao *Circo da Barra* como um Projeto de Extensão em uma época em que não era de fato um projeto. Na realidade o Circo da Barra era uma atividade de extensão do *Projeto de Extensão Formação e Difusão da Linguagem Circense* (até 2015). O formato da atividade era basicamente um curso de iniciação às técnicas circenses, realizado ora anualmente, ora semestralmente, com vagas limitadas, com turmas vespertinas e noturnas.

> 03/2010 – 12/2015: Extensão universitária, Instituto de Artes – Departamento de Artes Cênicas Educação e fundamentos da comunicação (DACEFC), *Atividade de extensão realizada, Circo da Barra* – Projeto de extensão - formação e difusão da linguagem circense. (Currículo do Sistema de Currículos Lattes - Mario Fernando Bolognesi, 2022, *grifo próprio)*

Nos anos 2016 e 2017 o *Circo da Barra*, de forma independente, seguiu esse mesmo modelo de curso iniciante, como já conversamos[2]. E apenas no ano de 2018

[2] O percurso do Circo da Barra durante os anos de 2016 e 2017 foi detalhadamente abordado no texto "No silêncio da lona, sussurros: E agora?: *Projeto de Extensão Circo da Barra*"

que foi criado o *Projeto de Extensão Circo da Barra*, organizado e coordenado pela Prof. Lilian. E o curso, até então conhecido como *Circo da Barra*, foi agregado ao projeto como uma de suas atividades.

> Então desde 2018, esse é o quarto ano que existe o Projeto de Extensão Circo da Barra. Ele foi ganhando amplitudes diferentes. Em 2018, ele ainda tinha uma configuração parecida com a que estava acontecendo antes, que era um curso. Existia um curso de introdução às artes circenses, que era aberto tanto para os estudantes do Instituto de Artes quanto para as pessoas de fora. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 04:48min).

O Projeto vem se estabelecendo e fortalecendo a cada ano, está em constante transformação por dialogar com as demandas da comunidade externa, o que proporciona a ampliação de focos de ação. Nesses quatros anos, 2018 a 2022, para além do curso iniciação às artes circenses, outras atividades foram surgindo como: oficinas, apresentações em parcerias com escolas estaduais, parceria com outros programas e projetos do Instituto (PIBID[3] e Artinclusiva[4]), pesquisas e produções acadêmicas, entre outras.

> As demandas do circo foram se modificando também por relação próxima que a universidade tem com escolas, pelo PIBID, pelos estudantes de pós-graduação. Então nós tivemos demandas de escolas visitando o circo, querendo oficinas, querendo atividades, querendo reconfigurar todas as suas aulas de educação física como as aulas de artes, com elementos circenses. [...] Nós recebemos algumas ações de escola, quando o circo também foi para escola. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 06:54min).

Então olha que complexo: o *Circo da Barra* começou como uma atividade de extensão (curso de circo), se tornou uma iniciativa independente mantendo as mesmas características e depois é agregado novamente (como curso de iniciação às artes circenses) ao um novo Projeto de Extensão. E esse novo projeto recebe o mesmo nome: *Projeto de Extensão Circo da Barra*. São tantas mudanças, detalhes e transformações que é muito compreensível a bagunça das nomenclaturas, os significados dos termos, ainda mais sem acesso a essas informações.

---

[3] Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: é um programa que possibilita que estudantes de licenciatura (de todos os cursos) tenham suas primeiras experiências pedagógicas no ensino básico, especificamente em escolas da rede pública. Com orientação de coordenadores (docentes da universidade) e supervisores (docentes da escola), acompanhado de um subsídio.

[4] Projeto de Extensão Artinclusiva proporciona oficinas e vivências artísticas, nas mais diversas linguagens (circo, teatro, dança, pintura, música, cerâmica), para pessoas com deficiências e suas respectivas redes de apoio (familiares, responsáveis). Busca oportunizar a socialização, integração e acolhimento por meio da arte.

Projeto de Extensão
Circo Barra

Fotografia Bruno Silvério

Quando acontecia: Ter. e Qui. das 14h às 18h
Como acontecia: As inscrições eram semestralmente (duas turmas por ano), selecionando 15 participantes em cada (misturando estudantes e publico externo à universidade)

De 2016 a 2017 o projeto esteve independente

Fotografia José Oligário

@circodabarraia

Fotografia @Djasantos.jr

No período de 2016 e 2017, as ações do projeto se concentraram no curso de iniciação e aperfeiçoamento em artes circenses, com foco na preparação física e apresentação técnica de modalidades circenses. Com duração de seis meses, resultando em uma apresentação de finalização. Esse projeto voltou a ser apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp (PROEX) no ano de 2018, expandindo as suas ações extensionistas, e segue até os dias atuais (2022).

PROJETO

TREINOS INDEPENDENTES

TRAJETÓRIA

Fotografia Arquivo Circo da Barra

- **De volta a questão das nomenclaturas: o Circo da UNESP é muito mais que um único projeto.**

Atualmente minhas dúvidas foram sanadas, e compartilho essas descobertas com você que está aqui. Entretanto preciso te confessar: meu incômodo permanece. Pois existe uma insistência de se referirem ao Circo da UNESP como "*Circo da Barra"*. Compreendo que é a atividade mais antiga, que o nome se popularizou e se transformou em um Projeto de Extensão, do qual permanece ativo até os dias atuais e tem buscado na sua atuação a possibilidade de ser uma ponte de comunicação entre a universidade e a sociedade, e uma força de ação passível de diminuir os *abismos invisíveis*[1]. Porém não foi, e não é, o único projeto com essas potências e práticas, foi uma ação coletiva e conjunta. E peço uma atenção para todos os panoramas que apresento neste bloco de textos nomeado **Para além da**s **barra**s pro**funda**s **existe um circo**. E te pergunto: Você consegue observar a quantidade de movimentações e de pessoas envolvidas para o fortalecimento desta lona? Espero que sim. Então porque limitar a apenas uma dessas ações?

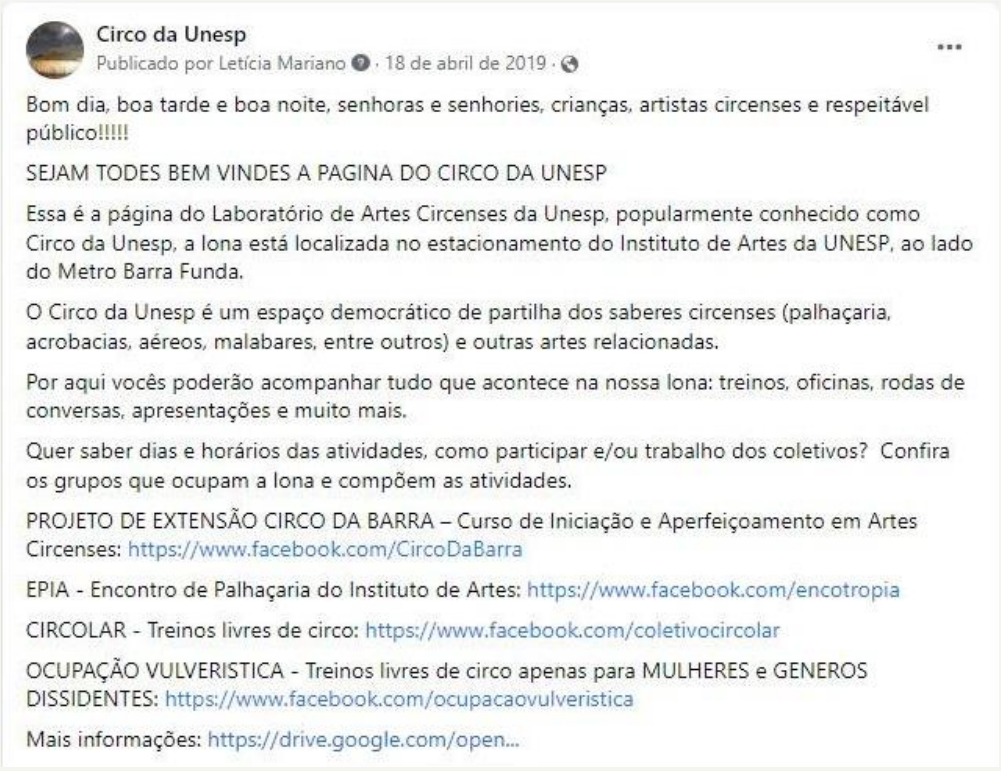
Esta lona de circo foi inaugurada em 2007, possui uma trajetória de 15 anos, da qual tem pouquíssimos registros. Esse fato me move a estar aqui em busca de documentar uma parte dessa longa estrada, apenas uma parte, ainda existem muitas lacunas. E considerando todos os fatos apresentados surge, em mim, um enorme incômodo de ver o circo ser chamado de "*O Circo da Barra*", pois continuar nomeando-o assim é uma forma de apagamento de todas as outras iniciativas que ali existiram. Algumas pessoas que "contam" essa história estão omitindo fatos, escolhendo passar a borracha em diversas iniciativas. De forma inconsciente ou não, quando falam do Circo ignorando os termos institucionais, suas definições, outros grupos e projetos, acabam reforçam nas entrelinhas que o Projeto de Extensão é o Circo como um todo.

Em 2019 eu fui monitora bolsista do Laboratório de Artes Circenses, e tive diversas conversas com a Prof. Lilian sobre as nomenclaturas. Com essas trocas e diálogos pude compreender melhor as questões institucionais e refletirmos juntas as reverberações dessa confusão dos nomes. Compartilhamos também da importância de disseminar essas diferenciações das nomenclaturas e esses questionamentos. Na época elaboramos cartazes, que ficavam expostos nos armários do circo[2], criamos

[1] O assunto foi desenvolvido no texto "Abismos Invisíveis"
[2] Você pode encontrar esses cartazes nos anexos finais.

uma rede de comunicação (página em uma rede social) chamada Circo da UNESP, e buscamos dialogar com as pessoas sobre essas diferenças. Mas infelizmente esse movimento foi interrompido pela pandemia.

(Print tirado da internet, Facebook , 2022)

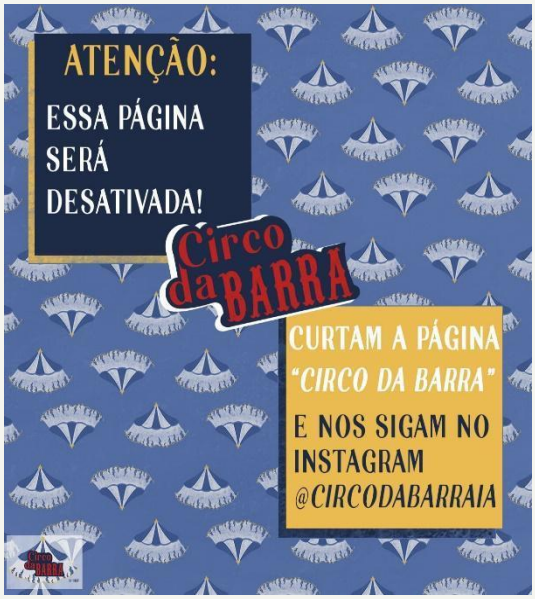


(Print retirado da internet, Facebook , 2022)

Me entristece ver que, em 2020, a página que criamos (chamada Circo da UNESP) foi tirada do ar pelos atuais monitores e colaboradores, deixando apenas uma rede chamada Circo da Barra como canal de comunicação. Então te pergunto o que essa ação diz? Imagina quando uma pessoa que ouviu falar sobre a lona, ou ume estudante que acaba de ingressar no Instituto, for buscar informações sobre o circo

irão encontrar apenas esse canal de comunicação, que limita suas informações ao histórico do projeto de extensão, o que essa pessoa irá entender?

(Print tirado da internet, Facebook , 2022)



(Imagem retirado do Facebook , 2022)

Tenho consciência de que estas afirmações, sobre omissões, podem ficar muito pessoalizadas e abstratas, e por isso cito esse ocorrido, para exemplificar como vem acontecendo esses apagamentos. Aproveito para frisar que nada tem a ver com o projeto em si, pelo contrário, ele tem sua importância e contribuição. O que proponho aqui é uma reflexão acerca de escolhas e ações que vêm sendo tomadas e o que elas podem representar.

No momento atual nossas manifestações virtuais se tornaram documentos, fotos, vídeos e imagens de divulgação são comprovações de que algo aconteceu. Naquela página haviam muitos registros que foram simplesmente “apagados”. Fora que manter apenas a página do Circo da Barra como único meio de acesso às informações em relação a lona reforça, novamente, que esse seria o nome oficial do circo. Já não basta convivermos com séculos de apagamentos, ouvindo apenas uma versão da história? Convivermos com notícias de museus pegando fogo, acervos e mais acervos perdidos por negligências governamentais, e vamos nós reproduzir também esses comportamentos?

Sou arte educadora, palhaça, agora (talvez) pesquisadora e durante a graduação sempre me mobilizei a estudar sobre o circo. Algo que sempre me chamou atenção foi observar a escassez de matérias e acompanhar a corrida contra o tempo de quem se propõe pesquisar e registrar tantas histórias que foram silenciadas, marginalizadas, esquecidas - Que bom que existem pessoas nadando contra essa

maré. Mas é como o filósofo George Santayana (1905) diz: “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”. (SANTAYANA apud BOCHNER, 2018, p. 244) E de repente vejo isso se repetindo ao meu lado, por colegas. O Instituto de Artes da UNESP é a única universidade em todo Brasil que possui uma Lona de Circo, não podemos deixar essa lona passar despercebida.

Peço licença para deixar provocações. Essa vai diretamente para es estudantes, colaboradories, docentes e pessoas que frequentam a lona: Até quando iremos negligenciar a história desse circo? Até quando iremos omitir coletivos, atividades e limitar a trajetória desta lona apenas as ações de um único projeto? E entendam, não é nada pessoal, na verdade é um convite para refletirmos sobre as nossas responsabilidades enquanto participantes/acadêmicos. Se nós, que estivemos e/ou estamos envolvides nessas tramas, não registrarmos o que acontece ali (de todas as formas, acadêmica ou não), se não compartilhar essas histórias de forma sincera e responsável, continuaremos permitindo apagamentos e correndo o perigo de uma história única[3].

Espero ter conseguido expor que a questão não é exatamente com o fato do circo ser popularmente chamado dessa forma, nem com o projeto de extensão, mas sim o significado das entrelinhas que acompanham esse posicionamento, que vem gerando apagamentos. E repito o Laboratório de Artes Circenses, o circo da UNESP (como gosto de chamar), foi e é muito mais do que somente o *Circo da Barra*.

→ Antes de seguirmos: um desabafo

Ufa, eu precisava falar!

Tenho que te confessar, estou aliviada em elaborar os textos: ***Abismos Invisíveis***, ***No silêncio da lona, sussurros: e agora?*** E principalmente ***A Lona de Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra***. Preciso dizer que revivi histórias e dores também, senti angústia, raiva e me vi caindo nas “armadilhas” da escrita acadêmica, mas tem sido importante elaborar e compartilhar cada ferida, lembranças, descobertas e reflexões por aqui.

E agora te convido novamente: você toma outro café comigo?

Quero te contar uma coisa: eu descobri que…

[3]O perigo de uma história única, conta história e explica o conceito abordado em palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talk, em 2009.

Circolar

Fotografia Rodrigo Abreu

Quando acontecia:

2016: Sex – das 8h as 11h e das 19h as 22h
Dom das 15h as 18h e das 19h as 22h
2017: Qui, Sex – das 19h as 22h
Dom – das 15h as 18h e das 19h as 22h
2018: Ter, Qui, Sex – das 19h as 22h
Dom – das 15h as 22h
2019: Ter e Qui – das 18h30 as 21h30

Como acontecia: Não precisava de inscrição, os encontros eram abertos para interessades.

@circolar_unesp

Fotografia Arquivo CIRCOLAR

Um espaço de treinamento e criação coletiva independente voltada às artes circenses, agregando todas as modalidades, independente da sua experiência.

Os treinos eram livres e fomentavam a troca de saberes como uma forma efetiva de aprendizado não-formal. O projeto buscava a democratização do espaço público e ampliar o diálogo entre a Universidade Pública e comunidade de São Paulo.

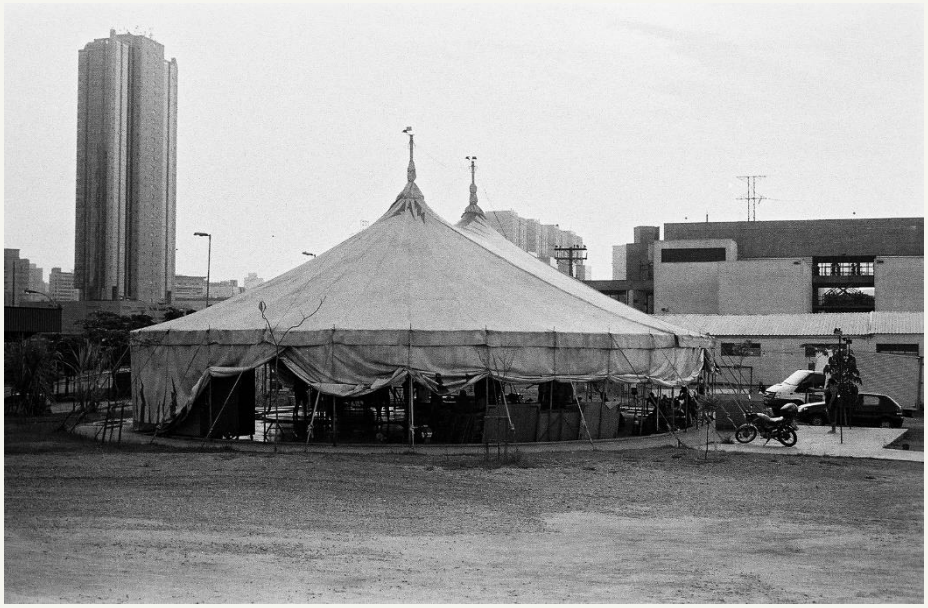
PROJETO

TREINOS

DOMINGO À BOLONHESA

Fotografia Nirely Araújo

→ O círculo veio antes do quadrado: a lona veio antes do prédio[1]



(Fotografia retirada do acervo do Laboratório, autor desconhecido, sem data)

Ei, olha só. Você sabia que a lona de circo do IA foi a primeira coisa que surgiu no campus da Barra Funda!? Pois é. Senta aqui, vou te contar como descobri isso.

Entre 2015 e 2016 me envolvi intensamente com o *Circo da UNESP*, entrei de cabeça, ou melhor, de cambalhota naquele espaço e lá permaneci (presencialmente) até o início de 2020. Desde sempre a lona me intrigava, pois eu queria saber como uma lona surgiu dentro de uma universidade, quem colocou ela ali, o porquê, o que já havia acontecido, tinha diversas perguntas e nenhuma resposta. Depois de algum tempo descobri conversando com colegas que o Prof. Mario foi o responsável por colocar a lona ali. E também alguns grupos que existiam[2], mas nada além disso.

O circo entra no período de transição[3] e começo a vivenciar mais aquele espaço. Pela intensidade de envolvimento prático e por não encontrar respostas, meus questionamentos acabaram ficando levemente de lado. E é muito bom poder te contar que não estou sozinha nessa, pois quase que simultaneamente e a princípio sem sabermos, eu e Rodrigo N. de Abreu nos encontramos nos silêncios das nossas perguntas:

> No ano de 2015, ao ingressar na UNESP, me aproximei da lona ao me encantar pelo pequeno e imponente circo. Quando procurei informações sobre as atividades oferecidas no local, descobri que aconteciam poucas naquele momento, o que despertou minha curiosidade. Interessei-me então,

[1] Deixo aqui os créditos ao título deste capítulo a ume grande amigue e parceire: Tay Maria.
[2] Como comento no texto: **"Abismos Invisíveis"**.
[3] Período abordado no texto **"No Silêncio da lona, sussurros: e agora?"**

> pela proposição de atividades e na articulação de pessoas para assim, iniciar uma pesquisa sobre a linguagem circense. Naquele momento, já desejava saber sobre a história daquele circo – que, naquele momento, tinha oito anos. (ABREU, 2018, p.3).

Mesmo compartilhando (silenciosamente) essas perguntas e desejos, e talvez pela dificuldade em desvendar essa história, as proposições práticas foram os primeiros movimentos. E tudo bem, nós nos permitimos viver aquele lugar. Curiosamente, quando eu me distraía, descobria algo, quase como se encontrasse uma peça dessa história. E muitas das vezes essas descobertas aconteciam em diálogo descontraídos com pessoas que haviam vivenciado momentos outros ali. E novamente, sem saber, Rodrigo trilhou caminhos parecidos.

> A partir de então, comecei a pesquisar as pessoas envolvidas em atividades na lona do circo e seu histórico – desde sua montagem até as atividades realizadas dentro delas – bem como os grupos e personagens envolvidos nesta história, que era para mim, misteriosa. (ABREU, 2018, p.3).

A resenha com colaboradories eram longas, cheia de detalhes, acontecimentos inusitados e saberes. E assim meio timidamente fomos descobrindo uma história aqui, outra ali. Em dado momento transformamos nossos incômodos em ações, e aqui Rô e eu seguimos caminhos diferentes. Em meados de 2018, Rodrigo desenvolveu uma pesquisa de iniciação científica em busca de resgatar o histórico dessa lona, do período que surgiu até aquele momento (2018). Enquanto eu, por ter tido pouquíssimo (quase nenhum) contato com o Prof. Mário, sentia muita vontade de ouvi-lo contar essa história. Então no ano de 2019, juntamente com Guilherme Basílio Geraldo e a Prof. Lilian, desenvolvemos a atividade *Papo de Picadeiro*.

➢ O *Papo de Picadeiro*

No ano de 2019 eu fui bolsista/monitora do Laboratório de Artes Circenses, pelo programa BAEE III[4], e por conta disso os laços com a Prof. Lilian se aprofundaram. Tivemos diversos diálogos e reflexões acerca do circo, expus várias vezes minhas angústias e mesmo quando havia divergências, buscávamos elaborar ações[5]. A partir de nossas conversas entendemos que um caminho para aprofundar as questões que estávamos abordando dentre nós poderia ser um grupo de estudos, algo por aí... certo

[4] Abreviação de Bolsa de Apoio ao Ensino e Extensão III

[5] Exponho mais detalhadamente no texto O Circo da UNESP é muito mais do que só o Circo da Barra.

dia, enquanto eu desabafava sobre as lacunas históricas do circo, Lilian me disse: “Sabe quem pode te responder tudo isso? O Prof. Mario”. E eu prontamente a questionei de como faríamos, já que ele estava residindo em Salvador (BA), por estar dando aula na UFBA (Universidade Federal da Bahia). Ela me respondeu animada “Fiquei sabendo que em breve ele virá para São Paulo. Vou descobrir quando ele virá e o convidamos para um bate-papo”. *PLIN* – Surge uma ideia: Vamos fazer um bate-papo! A Prof. Lilian deixou em minha responsabilidade organizar como seria, enquanto ela fazia a ponte com o Prof. Mario.

Elocubrando como poderia ser esse evento, de repente me veio Mariana Gabriel[6] em pensamentos. Pois ela, a neta da palhaço Xamego, dirigiu o documentário *“Minha avó era palhaçO!*”, em busca de desvendar as histórias de sua avó Maria Elisa Alves dos Reis, a primeira mulher palhaça e a primeira mulher negra palhaça do Brasil, e de sua família circense. Através de documentos, os mais diversos registros (fotos, matérias em jornais, etc) e principalmente da oralidade (entrevistas) de quem viveu e conviveu com sua família. E também me fez lembrar das minhas avós, e os cafés intermináveis onde uma história engata em outra, e em outra... sentada, coincidentemente, tomando um café com Guilherme, dividi minhas inspirações e a “missão” de criar o evento para receber o Prof. Mário. Eu elucubrava: um bate papo para que pudéssemos resgatar as memórias que o Mário não registrou e pouco contou... quando o Gui solta: *Papo de Picadeiro.*

> E eu queria dizer que esse nome, Papo de Picadeiro, que já aí na boca das pessoas, todo mundo. Foi criado por essa duplinha que está aqui na minha tela, estão aqui, quase embaixo de mim, a Leka Mariano e o Guilherme. A Leka era monitora, bolsista do circo, e nós queríamos promover um encontro, para conversar, para dialogo e fomentar um grupo de estudos. Um encontro que não fosse um cabaré, que não fosse um grupo de estudo formal, mas sim um encontro para se discutir temas ligados ao circo. E aí a Leka veio “Papo de Picadeiro! Estava conversando com o Gui lá na cantina e pensamos nesse nome”. E esse nome foi batizado né, e agora a gente já está no terceiro ano de papos de picadeiro né. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 32:52min).

Assim surge o *Papo de Picadeiro*, uma atividade que proporciona o encontro, que valoriza a oralidade e busca um espaço para dialogar e refletir sobre o circo e temas relacionados. A quesito de curiosidade: no ano de 2019 realizamos duas edições, inclusive na segunda convidamos a Mariana Gabriel, foram elas*: 1º Papo de*

[6] Mariana Gabriel é cineasta (FAAP), jornalista e palhaça. Mestranda em artes (UNESP). Diretora do curta-metragem “Iara do Paraitinga”, dos documentários “Circo Paraki”, “Mar Português”, “Minha avó era palhaço” (contemplado no Prêmio Funarte Carequinha) e da série documental “Guarany, Histórias do Circo dos Pretos”

Picadeiro – Bate-papo "Narrativas e memorias sobre a lona de circo da UNESP" com Mario F. Bolognesi e *2º Papo de Picadeiro – Sessão pipoca "Minha avó era palhaço" + Bate-papo "As potencialidade de Xamego" com Mariana Gabriel e a Familia Xamego*. e no ano seguinte mesmo eu não sendo mais monitoria, a atividade teve continuidade. Este ano, 2022, está indo para o seu 4º ano de existência.

> Então não podia deixar de dizer da criação do nome, porque agora a gente tá falando papo de picadeiro, e ele começou lá em 2019, né Leka. O primeiro Papo de Picadeiro foi com o Prof. Mário Bolognesi e o segundo foi com a Mariana Gabriel. E o ano passado aconteceram seis edições do Papo de Picadeiro. E esse ano estão previstas mais seis edições dentro do projeto, mais com extensão para possibilidade de acontecerem mais edições. (1 PAPO DE PICADEIRO - VILELA, 2021, 34:47min).

Uma curiosidade: Na segunda edição do papo de picadeiro Mariana me confessou que aquele havia sido a primeira vez que exibiram o filme da Xamego em uma lona. E que foi a primeira vez que ela apresentou sua cena de palhaça dentro de um picadeiro também, nossa me arrepio só de lembrar

- ***1º Papo de Picadeiro – Bate papo: "Narrativas e memórias sobre a lona de circo da UNESP" com Mário Bolognesi***

(Flyer do 1º Papo de picadeiro + Fotografia de Lilian Vilela, 2022, *composição própria)*

Depois de, simbolicamente, dar voltas e mais voltas no gramado daquela lona, depois de 4 anos (quase 5) buscando respostas, finalmente iria descobri-las. Estava acompanhada de milhões de ansiedades e perguntas, de uma garrafa com café fresquinho para compartilhar e de uma câmera para registrar. Naquele dia eu sentei e escutei, escutei, e escutei as lembranças e memórias do Prof. Mário. Eu queria que você pudesse ouvi-lo também. Sei que é impossível, neste contexto de escrita, então te proponho uma intervenção poética: partilharmos escutas. Irei dividir com você o que ouvi e o que pensei. Quem sabe se você ler em voz alta, ou pedir para alguém ler para

você, talvez essa partilha se aproxime (nem que seja um pouquinho) dessa experiência. E fique à vontade para dividir seus pensamentos também.

Boa tarde. De todos vocês pelo menos 3 aqui tiveram o desprazer de ter aula comigo né? (risadas). O Zé, Rodrigo e o Bruno. O Bruno é da última turma, né Bruno? Bom é um prazer imenso estar aqui, e recheado de contentamento por ver esse espaço com tanta gente. Que é pra isso mesmo, não é pra tirar fotografias e só e por no... na parede de casa né?
Eu tava lembrando agora aqui, o dia que a gente montou essa lona aqui, em setembro de 2007. O Instituto de artes ainda não era aqui, era lá no Ipiranga, a sede original, aqui veio a ser inaugurado só em 2009. Portanto há 1 ano e meio antes, nós instalávamos a lona aqui e ocupávamos, de certa forma, artisticamente o terreno do Instituto de Artes, do futuro Instituto de Artes daqui.

Um ano e meio antes? Caramba! Isso é muito forte. A primeira coisa que surgiu foi o circo. Setembro de 2007, um ano e meio antes do prédio ser inaugurado, a lona foi instalada proporcionando uma ocupação artística no terreno do Instituto?! Tô arrepiada.

E naqueles dias de montagem choveu torrencialmente. Mas chovia, chovia e não tinha outra alternativa, tinha que montar e acabou. Esse chão hoje, que vocês estão sentados, e que é acimentado, também não existia. Era terra. Portanto a hora que subiu essa lona branca vocês imaginam que cor que ela era por dentro, que ela ficou por dentro tá! Aí depois disso, depois de um mês, nós resolvemos lavar o circo. Lavar. O que que nós fizemos. Montamos umas estruturas tipo andaime que... quando digo nós, é eu e os estudantes, do entorno do circo naquele momento. E a gente subia com esponja, sabe esponja de lavar prato? Verdinha e amarela, cheia de detergente, esfregando a lona de baixo para cima. E o outro vinha com o esguicho pra tirar o excesso do sabão e limpar a lona. E eu não vou dizer que ela ficou branquinha, branquinha, mas pelo menos ela não ficou mais marrom, fico amarelinha. Porque o terreno era muito irregular, então a chuva formava muitas poças d'água.

Parece até um filme. Você consegue imaginar essa cena? Deve ter sido uma loucura, assim como lavar a lona depois. Sabe, nós chegamos a fazer várias faxinas limpando, organizando todo o espaço, lavar picadeiro, tatames... mas nunca lavamos a lona. Deve ser uma experiência muito louca.

E a gente veio ter aula aqui. O instituto era lá no Ipiranga, mas a disciplina que eu dava nós viemos fazer ela aqui. Que era duas vezes por semana, e no sábado o curso de extensão. E aí a primeira providência nossa foi colocar, pedir pra jogar areia aqui nesse chão, pra por essa lona de picadeiro. Enchemos isso aqui de areia.

Olha que potência de mobilização, estudantes atravessavam da zona sul a oeste de São Paulo, apenas para participar das aulas de circo. E olha só, o chão já foi de areia.

E aqui tinha uns cachorros, três cachorros, da época da construção do prédio ainda. Que eles viam dormir aqui dentro e junto com eles viam as pulgas. E um belo dia a gente tava aqui em aula, o Adriano Merline que é da Companhia da Revista, começa a se coçar, sentados assim como vocês estão e começa a se coçar. Aí ele olho e "PUUULGA", fez que nem o elefante né. Aí descobrimos que tava cheio de pulga. Tivemos que arrumar veneno pra jogar aqui, e tivemos que cancelar temporariamente as aulas aqui.

Vou ter que rir... PUUULGA. (risos). Olha só que curioso, em 2019 tivemos um surto de caxumba no circo. Algumas pessoas ficaram doentes e todo mundo teve que tomar vacina. Essa lona adora um acontecimento inusitado.

Eu tô falando essas coisas que parece povoar o campo do folclore. Mas é que elas foram marcantes para história desse espaço. Primeiro essa lavagem, por dentro, montados em andaimes e escadas, com uma mangueirinha d'agua. Depois em uma outra oportunidade nos desmontamos essa lona toda, estendemos ela aqui no chão, naquela oportunidade ainda não tinha o cimento, lavamos por cima, por fora, e tudo em volta. Esses panos de roda tá tudo precisando lavar novamente, isso aí é só tirar e estender no chão e esfregar, estender, que ele seca rapidinho.

Concordo contigo Mario, essas histórias são muito marcantes e repleta de significados, inclusive descobri uma história sobre essa icônica lavagem da lona, mas vamos terminar de ouvir o Mário primeiro. Porque cada pequeno detalhe me instiga, quero saber mais.

Porque o lugar aqui é muito ingrato para lona, porque tem muita poluição, muita poluição né? A sonora nem prejudica tanto, prejudica a gente, mas o escamento, o trem, ônibus, e essa coisa de estar rodeado disso o tempo todo né, prejudica muito. Essa lona, ela já tem dez anos, vai para doze anos esse ano. Ela é uma lona muito forte e muito resistente, foi propositalmente comprada assim, porque ela seria e é uma lona fixa, precisa de outras características né. Mas ela precisa de atenção também e cuidados. E eu tava conversando isso com Lilian agora, ainda pouco. Tem algumas coisas que precisam ser feitas aqui. Ela já caiu uma vez, em janeiro, em um temporal. Aquela marca lá, que tá aberta lá, é resultado dessa queda, e precisa de atenção portanto.

Essa lona é muito resistente, fisicamente, estruturalmente e de diversas outras formas. Ela é resistência, resiliência e nós que ocupamos também. Mas um fato, ela (lona) aguenta a barra na linha de frente a muito anos, ela merece atenção e cuidados, ou até se "aposentar".... Será que conseguiríamos uma lona nova?

A história dessa lona para chegar aqui em 2007 teve muita coisa antes, muita coisa mesmo. Em 2007 eu já tinha lançado meu livro sobre os palhaços, foi o que? De 2003. E eu já tinha feito uma imensa pesquisa no Brasil todo a respeito de circos e palhaços. Eu mesmo já tinha lá uns anos... agora que a gente revela as décadas. La nos anos, que muita gente aqui não tinha nascido ainda, nos anos 80... tem gente que nasceu aqui depois dos 80 não tem? Grande parte. Nos anos 80 eu tive lá uma vasta experiência com circo, rodando com os espetáculos de circo pelo Brasil e tal. E eu tava num período afastado da universidade, eu sou professor de universidade, era né, desde

de 1982. De 84 a 88, novembro de 88. Tive uma vasta experiência com circo, itinerando pelo brasil, por São Paulo, periferias etc.

Quando eu retornei para universidade eu propus tornar a minha experiência artística, extra a universidade, como campo de pesquisa. Foi quando eu consegui esse projeto de pesquisar o circo brasileiro e os palhaços. Na sequência disso, em 2006, eu apresentei um projeto para o CNPQ, um projeto de pesquisa, mas que envolvia ensino e extensão, e comprar uma lona para universidade.

Eu me lembro exatamente, o pedido original era de 45.000,00 reais e foram aprovados 35.500,00. E eu falei “Ótimo, vamos comprar o que der, com o que der, com o que tiver” e foi isso que nós compramos, ou seja, compramos só a estrutura da lona: a lona, as ferragens que a suportam e esses tirantes externos que suportam a lona. Tudo dentro era vazio, não tinha nada disso: cama elásticas, colchões, equipamentos de malabares, de perna de pau, de monociclo, nem sei se existem ainda essas coisas. Estão aí ainda? (Participantes respondem que sim). Isso tudo foi comprado depois, esse box truss para suportar o sistema de cortinas... aquelas cortinas existem ainda, aquelas vermelhas que brilham né? (Participantes respondem que sim). Sim? (Alguém diz que elas fedem muito. Todes ganhem na gargalhada). Tem que dar uma pausa pra elas né? Precisa lavar também né? O problema é que ninguém quer lavar aquilo. (risadas) Isso tudo foi comprado depois... Enfim.

Acho incrível como a maioria das coisas citadas ainda fazem parte da lona. Tudo bem que as capas do colchão estão desgastadas, alguns malabares se perderam, as cortinas nem sempre estão cheirosas (risos), mas acho que temos preservado as coisas por aqui.

Aí, então nós começamos aqui a fazer aulas e projeto de extensão e atividades relativas a pesquisas. Pesquisas de qual meio? De cunhos circenses. Geraram alguns TCC’s, alguns mestrados e até doutorado. Pesquisa que saíram desta... deste espaço e das experiências aqui desenvolvidas que sempre envolveu estudantes da UNESP e pessoas de fora da UNESP, essa integração sempre foi buscada e incentivada [...](1 ED Papo de picadeiro - BOLOGNESI, 2019, 01:39min até 11:30min).

(Ao final do 1º papo de picadeiro, fotografia Lilian Vilale, 02 de maio 2019)

(1º Papo de picadeiro, fotografia Lilia Vilela, 02 maio 2019)

O papo deu muito pano para a manga, ficaria horas e horas perguntando de cada pequeno detalhe. Ouvir todo esse processo do Prof. Mário, de como sua trajetória, reflexões e desejos pessoais o movimentaram a colocar uma lona de circo dentro de uma universidade (e, diga-se de passagem, é a única universidade em todo Brasil que possui uma lona de circo), ouvir aquecia o coração. Por mais que ao longo dos quatro anos eu fui juntando peças, das quais ia encontrando pelo caminho, ouvi-lo contar, através da sua própria narrativa e de forma oral proporciona um aprendizado e uma escuta completamente diferente.

Digo isso porque eu poderia ter juntado o que descobri, com as informações que estão na iniciação científica do Rodrigo e as falas do próprio Mário, e ter seguido um caminho formal. Chegar aqui e.... O Laboratório de Artes Circenses da UNESP possui uma lona de circo, da qual foi instalada no ano de 2007. Ideia foi um desdobramento do projeto de pesquisa do Prof. Mário Fernando Bolognesi.... Mas como já comentei[7], é uma escolha não seguir esse caminho. Aliás, Rodrigo já propõe isso na sua iniciação científica e sem juízo de valores sobre essas escolhas, ambas

[7] No texto **Abismos Invisíveis**.

são relevantes e importantes de serem registradas. Minha escolha de caminho tem a ver com a minha própria trajetória e com o desejo da busca de outras potências.

Poder ouvir essas histórias todas, pela oralidade, potencializam demais a lona. Por exemplo: Mario poderia apenas dizer que essa lona é resistente e forte, pois é uma lona fixa, sua estrutura é apropriada para ficar fixada em um único lugar e nada mais, e nós poderíamos apenas entender que ela é forte no quesito estrutural. Entretanto, quando ele nos conta que no dia em que subiram a lona chovia torrencialmente, que ela já enfrentou diversos temporais e tempestades, que já veio a cair, ressalta que ela também carrega marcas e precisa de cuidados. Todos esses detalhes, mais o detalhe de causos inusitados, me faz ter a percepção de que essa lona é forte e resistente por diversos motivos, e que vão muito além da estrutura física.

Sem contar que quando ele fala os saberes se misturam, pois, sua fala carrega aprendizados: quando comenta sobre algumas estruturas, cita os nomes, explica o que são e para que servem, de uma forma muito simples, como quando diz: “Compramos só a estrutura da lona: a lona, as ferragens que a suportam e esses tirantes externos que suportam a lona [...] esse box truss[8] para suportar o sistema de cortinas” (1 ED Papo de picadeiro - BOLOGNESI, 2019, 09:32min) .... E quando você menos percebe você está utilizando os termos, tendo uma noção espacial e estrutural outra do ambiente, e de uma certa forma esse saber já está em você. Ou quando ele comenta também sobre como lavaram a lona faz um passo a passo, e nos provoca dizendo que os panos de roda estão precisando ser lavados e que é bem simples, só precisamos estender no chão, esfregar, jogar água, estender novamente que vai secar rapidinho.

Falando em lavar a lona, uma curiosidade que descobri durante o processo de escrita, ano passado (2021). Um dia conversando com uma grande amiga, Vanessa, falávamos sobre pesquisa e eu estava à procura de referências para este trabalho. Foi quando ela me entregou um TCC e disse “pega emprestado”, eu olhei o título “*Que Palhaçada é essa – jogos e apontamento*”[9] e logo de cara respondi: “Mas não vou falar diretamente sobre palhaçaria” e quase desistindo de levá-lo para casa... Ela insistiu e disse “leva, vai que ajuda”. Fiquei encucada, chegando em casa fui folhear aquele bendito trabalho. E de fato o trabalho registra a experiência de um processo

[8] São estrutura retangulares, metálicas utilizadas para montar diversas estruturas em eventos, no circo é possível utilizar para suporta refletores, cortinas.

[9] Trabalho de conclusão de curso de Juliana Arapiraca e Natália Siufi.

em torno de reflexões sobre a busca pelo próprio palhace (a figura cômica), mas fui folheando, folheando até que me deparei com isso aqui:

> Outra experiência construtiva se deu, no espaço do Circo no Instituto de Artes da UNESP, com a trupe Estropiada, quando foi necessário lavar a lona. [...] Lavar metros e metros de lona com pequenas esponjinhas transformou-se em metáfora de todo o processo até então percorrido. O percurso lento e árduo, sem chegar ao palhaço tão pesquisado. Parecia engraçado, mas a sensação de estar no circo de fazer parte daquele lugar, de cuidar dele, lavá-lo etc. aproximava os atores da construção do palhaço. Compreendeu-se que, no circo, o aprendizado se dá o tempo todo [...] (ARAPIRACA, SIUFI, 2009, p.21).

Uma das experiências vivenciadas relatadas foi a lavagem da lona de circo da UNESP, a mesma que o Prof. Mário comenta. Afirmo com certeza, sem a tê-la, pois olha só o detalhe de que a lona foi lavada com esponjinhas! Por aqui eu sigo encontrando peças.

Um recado para Mariana Gabriel: Ei Mari, lembrei de você quando isso aconteceu comigo! Certa vez ouvi você comentando que durante o documentário sobre a história da sua avó, uma pessoa apareceu com um livro de poemas para você. E nesse livro havia um poema sobre sua avó, ou melhor sobre o Xamego. É de arrepiar quando você começa a desvendar uma história e peças dela começam a vir até você também.

Circo da Barra do Instituto de Artes da UNESP - Campus de São Paulo / Barra Funda. (maio de 2008)

Trupe Estrupiada: Juliana Arapiraca, Natália Siufi, Tatiane Ramos, João Alves e Nara Neckis. (maio de 2008)

Natália e Mário Bolognesi, ajustando a lona superior do Circo da Barra. (janeiro de 2009)

João, da Trupe Estrupiada, lavando as lonas do Circo da Barra. (janeiro de 2009)

João e Natália, da Trupe Estrupiada, e Mariana (no alto), lavando as lonas do Circo da Barra. (janeiro de 2009)

(Fotos extraídas de: ARAPIRACA, SIUFI, 2009, p. 66-68, *com composição própria*)

Ah essa lona.... Essa lona carrega muitas narrativas, aprendizados e mistérios. Confesso que buscar saber a história desse circo foi, e ainda é, como brincar de montar um quebra-cabeças. Um daqueles bem grandes, só que as peças não estão todas dentro de uma caixa, estão espalhadas nas memórias de outras pessoas, não

tem um desenho definido e a cada ano pode aumentar, ou seja, não é uma tarefa fácil. Mas quer saber de uma coisa? Eu amo quebra cabeças.

Fotografia Giovanna Guedes

Ocupação Vulverística na Lona: uma perspectiva em diálogo

(5ª Ocupação Vulverísitca na lona – Fotografia Jumaira Lima, 2018)

Natiele Fontana

Fotografia Leka Mariano

26 anos
Nove edições
Entrevista 29/11/2020

Eu sou a Natielle Fontana, eu tenho 26 anos. [...] Sou atriz, sou performer, sou Educadora, estou ai me formando em licenciatura em Arte-Teatro na Unesp. [...] Na minha caminhada já fiz várias coisas, apresentações teatrais, vários espetáculos, umas performances também, já fiz uns curtas-metragens e passei pela Ocupação Vulveristica. Como passei também por outro coletivo. [...] Sou integrante também da Cia das Ventanas, que é uma companhia só de mulheres e eu acho que é um pouco isso. (risadas) Essa sou eu.

Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Pô existe espaço para mim"

FONTANA, Natiele 2020

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

Bora montar as peças dessa ocupação? Lembre-se que em todo o trabalho você vai encontrar muitos estímulos visuais, por aqui temos: fichas dês entrevistades, cartazes de todos as *Ocupações*, fichas de registros de cada edição, links com informações adicionais (fotos, vídeos, página dos eventos). Te convido novamente a experienciar esses registros. Confesso ser um desafio e uma responsabilidade muito grande juntar todas as peças para tramar esta história. E por isso quero fazer alguns combinados com você, pode ser?

Importante ressaltar que a Ocupação teve possibilidades grandiosas estruturais relacionadas ao espaço do Circo da UNESP. O Instituto subsidia toda a estrutura física e técnica (aparelhos de som, iluminação, etc). E nos possibilitou acesso a essas estruturas que potencializaram nosso fazer.

O projeto da Ocupação sempre teve um viés feminista e foi criado por e para mulheres. Mas que mulheres? Enfim, irei abordar mais detalhadamente sobre essas questões no texto **Os XXX da questão: Ocupação XXXrística**. Por hora faremos assim, daqui em diante, todas as vezes que você encontrar a palavras mulher / mulheres ou manifestações do gênero “feminino” (conceito binário) na linguagem, como por exemplo a, elas, as artistas, sublinhadas destas formas: Mulhes / Mulheres / a / ela / as artistas entenda o seguinte recorte: Mulheres cisgênera[1] majoritariamente brancas.

Outro combinado dos textos relacionados a *Ocupação* adotarei na minha escrita o plural nós. Pois eu também faço parte dessa história e não quero adotar uma escrita distante: “A ocupação foi criada por um grupo de mulheres”… não! Será mais: Nós criamos a ocupação, e nós inventamos isso, e nós decidimos aquilo. Entretanto compreendo que está escrita pode, mesmo sem eu querer, estabelecer estruturas de poder, e definir que o que eu conto aqui, seja entendido como A história da Ocupação, a verdadeira, a única. E Chimamanda já nos alertou sobre *o perigo da história única*.

> É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as

[1]Cisgenera pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado a parti de uma condição biológica.

> histórias também são deidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história denitiva. (ADICHIE, 2009, p. 6)

Então te digo eu não irei contar A história da *Ocupação Vulverística*! Eu sigo nesta tentativa de registrar histórias, lembranças e reflexões sobre a Ocupação, partindo da minha própria trajetória e dialogando com as memórias de Tay, Natiele, Maré, Caê e Beatriz[2]. Memórias essas compartilhadas por entrevistas e reitero que existem muitas outras narrativas, e que poderão ter pontos de vista bem diferentes dos meus.

Só precisamos fazer um último acordo por aqui. A partir de agora como irei dialogar diretamente com trechos e falas dês entrevidades.[3] Mas como esse material não foi divulgado de nenhuma outra forma. Então para citar as falas delus, as normas ABNT's sugerem a formatação da seguinte maneira:

> "blá, blá, blá, blá, fala de alguém, fala de alguém, lá, lá, lá!" (Informação verbal)[1]
>
> [1]Informação fornecida pela pessoa H em entrevista concedida para este trabalho, no dia tal do ano tal.[4]

Seguir esse modelo de formatação irá descaracterizar completamente o que estou propondo na minha escrita, e na linha de pesquisa que estou traçando aqui. Sem contar que não poder colocar o nome de quem falou o que, mas apenas "informação verbal" irá desumanizar completamente ês sujeites envolvides e provavelmente irá reiterar o perigo de uma história única, do qual quero me distanciar. Estou abordando isso aqui para dizer: Eu não irei seguir essa formatação! (Desculpa ABNT). Irei nomear as falas com: (NOME SOBRENOME e ANO) e propor intervenções poéticas (colando trechos em diálogo). Todas as falas e trechos que irei utilizar você poderá encontrar nos apêndices, onde deixei registrado todas as entrevistas na íntegra.

Dito isso, peço licença para compartilhar nas linhas a seguir **uma perspectiva em diálogo**.

---

[2]Você pode conhecer melhor cada ume nas **Fichas: Entrevistades**

[3]As entrevistas na íntegra podem ser encontradas nos **Apêndices A, B, C, D e E** deste trabalho.

[4]Informação extraída de COLARES, Fabiana. **Citação de informação verbal.** In: Guia para elaboração de citações em documentos. Revisão de Clarissa Garcia Eleutério e Mariana Borges Gasparino. São Paulo, 2020. p.36

Tay Maria

Fotografia Leka Mariano

23 anos
todas as edições
Entrevista 08/11/2020

Eu sou Tay Maria, eu sou artista, educadore, palhace, afroempreendedore, compre Nebulose (risadas). Trabalho bastante com interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, como você preferir chamar... E é isso, to aí no mundão existindo, sou Baiane, criade na ZL-Itaquera e é isso.

Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Não fazia ideia da onde eu tava metendo minha cara. [...] mas fui lá na cara e na coragem ser MC"

MARIA, TAY 2020

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Isabela Alves

Fotografia Jumaira Lima

→ Burburinho que ecoa, Ocupa!

(5ª Ocupação Vulverísitca na lona – Fotografia Jumaira Lima, 2018)

Uma conversinha aqui, uma coisinha ali, várias conversas despretensiosas, sabe?! No corredor, no bar, na frente da lona, nos treinos, começou a rolar um burburinho.

- Ah vamos? - Vamos? - Vamos! - Vamos criar um cabaré?
- Um cabaré? Vamos ué! - Não tem! - Nunca teve.
- Já estamos aqui, bora fazer. - Vamos fazer gente. - Bora.
- Demoro, vamos!

> Quando a gente se juntou para fazer a Ocupação acontecer ninguém sabia como seria. E ela nasceu um pouco dessa vontade de se amostrar, sabe. (Beatriz Santiago, 2020)

A Ocupação surgiu da necessidade, eu acho, de criar um espaço para que as pessoas que tivessem ali apresentassem (Caê Prandini, 2020)

> A gente não tem lugar para apresentar, e se a gente não tem, vamos criar! (Tay Maria, 2020)

Ninguém vai dar espaço para gente apresentar. Então a gente vai criar o nosso porque a gente já tem o mais difícil, a gente tem um puta espaço, a gente já está aqui, a gente já ocupa ele, então vamos... Vamos fazer caramba. (Leka Mariano, 2020)

> Então eu cai na ocupação de paraquedas assim. Quando eu cheguei na primeira edição já tava tudo pronto (Maré Oliveira, 2020)

No primeiro espetáculo não. Porque eu lembro que eu estava fazendo uma outra apresentação, [...] Então no final de semana que rolou a primeira Ocupação eu não tava [...] (Natiele Fontana, 2020).

- **Como surgiu a *Ocupação Vulverística na lona*?**

Ao iniciar o processo de elaboração das provocações para as entrevistas essa foi uma das primeiras perguntas que surgiram e com ela um zilhão de questionamentos. Afinal, a Ocupação foi construída por inúmeras mãos e dentro disso essa pergunta não faria sentindo isolada, pois esse "início" é completamente diferente para cada pessoa. Principalmente levando em consideração que nem todes estavam desde a primeira edição do projeto. Logo as respostas, sobre o início, estariam atreladas às experiências pessoais. Então parto de: “Como foi esse começo para você? ”

> Em 2017, uma galera do... Que enfim, que ocupava o circo da UNESP. A gente se juntou para ir para Convenção [...], aquele nome grandão. E aí a gente fez todo um esquema. Eu lembro que a gente fez Cabaré com outro grupo que tinha, todo um esquema para levantar dinheiro, para conseguir busão da UNESP para ir. [...] a gente foi, foi ótimo assim, ficou todo mundo maravilhado (TAY MARIA, 2020)

Em minhas memórias esses burburinhos também começaram no meio do ano de 2017, após voltar da 18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo (CBMC)[1]. Essa 18ª edição foi historicamente marcante, pois foi a primeira convenção em que foi realizado um cabaré[2] composto e organizado exclusivamente por mulheres, *O Cabaré: Noite Fé Meninas.* Vale ressaltar que o circo não está deslocado da sociedade em que vivemos, logo, este espaço da convenção era predominante masculino, branco, cisgenero e heteronormativo. Então a criação de um espetáculo destinado exclusivamente às mulheres foi um primeiro passo para muitas mudanças. Não irei me aprofundar por aqui, mas após essa edição o evento segue passando por diversas modificações.

No final desta apresentação, *Noite Fé Menina*, as artistas que estavam no palco pediram para que todas as mulheres que estavam na plateia ficassem de pé. Uma provocação para o público ter a dimensão de quantas artistas estavam presentes naquela convenção. Quando a galera levantou, deu para perceber que eram a metade, ou talvez até mais que isso, do público total. E as artistas falaram “Olha só como somos muitas, ano que vem, nós que estamos aqui, não queremos estar”. E foi uma afronta, pois haviam pessoas que eram contra a realização daquele cabaré e

---

[1]Falo sobre a ida para a 18 **Transformamos o “e agora?” em ação - Viagem para: *18ª Convenção Brasileira de Malabares e Circo***

[2] Definição Cabaré: “No circo, os cabarés, varietés ou espetáculos de variedades são shows que juntam em um só espetáculo diversos artistas em uma apresentação” (KIGNEL; CARNEIRO, 2014, p. 18)

contra os questionamentos sobre as ausências de mulheres compondo a programação da convenção. Um dos argumentos era de que não existiam muitas artistas mulheres, e por isso havia poucas na programação.

As pessoas que foram nesta viagem à 18ª CBMC, em sua maioria, já frequentavam o *Circo da UNESP* em pelo menos uma das atividades[3]. E para algumas, essa experiência da Convenção, e principalmente desse cabaré, gerou um certo incômodo, e começamos a nos questionar: "porque nunca fizemos algo só nosso também? Bora fazer?".

> E aí quando a gente voltou, na época, várias mulheres cis[4], a gente se juntou e falou: puta a gente quer apresentar. E esse foguinho que tava desde a convenção né. A gente se juntou e falou: Mano vamos produzir alguma coisa para a gente apresentar também. Porque a gente sentia essa necessidade de... A gente não tem lugar para apresentar e se a gente não tem, vamos criar!" (TAY MARIA, 2020)

Nós queríamos nos apresentar, mas não tínhamos onde e nem sabíamos como. Quando Tay comenta sobre não termos lugar para apresentar, não é do espaço físico que estamos falando, e sim da possibilidade de ocupar espaços de destaque, como o da convenção. Para compor, por exemplo, a programação de apresentações da *CBMC* tínhamos que passar por um processo de seleção, do qual nós nem chegamos a nos inscrever por falta de material (vídeos, fotos e clipping de cena, intervenção, espetáculo, oficina, etc), e sem contar as inseguranças relacionadas as disparidades de raça/etnia, classe e gênero na seletiva, logo o sentimento de "não ter lugar" se intensifica.

> No primeiro momento a gente só queria apresentar os nossos números e não sabia onde. Não sabia! Não tinha esse espaço, né. Porque o espaço do circo eles são meio... os espaços do circo eles são meio monopolizados, né, muitas vezes. Tipo as mesmas pessoas apresentam os mesmos números em lugares diferentes assim. (CAÊ PRANDINI, 2020)

Após a 18ª convenção, percebemos que um mínimo pensamento de políticas afirmativas começava a surgir no processo de seleção, mas ainda sim estávamos longe de ultrapassar essa barreira. Porque, assim como em uma entrevista de emprego você envia seu currículo, nessas convenções você envia o material do seu trabalho. Então, olha o ciclo que se cria: Para se apresentar, precisávamos enviar o material, mas nós não tínhamos, pois nunca tínhamos tido a oportunidade de nos

---

[3] Atividades/projetos citados no texto **No silêncio da lona, sussurros: E agora?**

[4] Abreviação de cisgenera (pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento).

apresentar uma primeira vez. E sem apresentar como iríamos poder produzir esse material?

Essa reflexão, que aconteceu de forma muito prática, nos fez perceber que esses lugares nunca nos foram dados. E já que não iríamos tê-lo, criamos o nosso. Lembro de comentar com alguém, num auge de empolgação com os burburinhos, algo do tipo: “ninguém vai dar espaço para gente apresentar. Então vamos criar o nosso! Porque a gente já tem o mais difícil, a gente tem o circo, a gente já está aqui, já ocupamos ele, então vamos fazer!”.

> Quando a gente se juntou para fazer a ocupação acontecer, ninguém sabia como seria e ela nasceu um pouco dessa vontade de se amostrar sabe? [...] era uma vontade de todo mundo de estar junto e mostrar, e mostrar para o mundo o que a gente tava fazendo (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

Na época eu não entendia como tudo aconteceu tão veloz, mas hoje em dia me encontrando com os poemas e reflexões de Mel Duarte entendo que pessoas que foram socializadas enquanto mulheres, como eu fui, carregam essa prontidão em seus corpos. Porque, quando DUARTE comenta sobre a trajetória do *slam* no Brasil, ela conta sobre a importância da existência de batalhas que possuem um recorte onde apenas mulheres (cis ou trans) podem batalhar.

> A importância em se criar um slam com essa configuração é histórica, pois a sociedade que vivemos nos cria pra obedecer sem questionar, para os afazeres domésticos, para a subserviência, mas não para nos posicionar, para seremos propositoras, para subir num palco e pegar o microfone, e quando assim fazemos, somos interrompidas, desvalorizadas. *Dessa forma, nós crescemos com o peso do silenciamento, mas logo entendemos que se não há espaços que nos valorizam, nós devemos criá-los.* (DUARTE, 2019, p.11, grifo próprio).

Sem dimensionar a potência das nossas ações, agimos! E tenho para mim, que soubemos que seria importante, afinal seria a primeira vez, em 10 anos de existência, que iria acontecer um espetáculo com recorte de gênero na lona de *Circo da UNESP.* Após esses burburinhos todos, “depois de muitas conversas de corredor, muitas conversas de bar, a gente falou: vamos marcar uma reunião” (TAY MARIA, 2020). Sem saber por onde começar o caminho foi: vamos conversar.

A reunião aconteceu no IA[5], ali na frente.... Assim, logo na entrada do Instituto tem uma rampa, um pequeno gramado e depois uma cantina. A gente sentou nesse gramado, e pelo que eu me lembro a reunião começou em uma roda pequena com

[5] Abreviação de Instituto de Artes da UNESP.

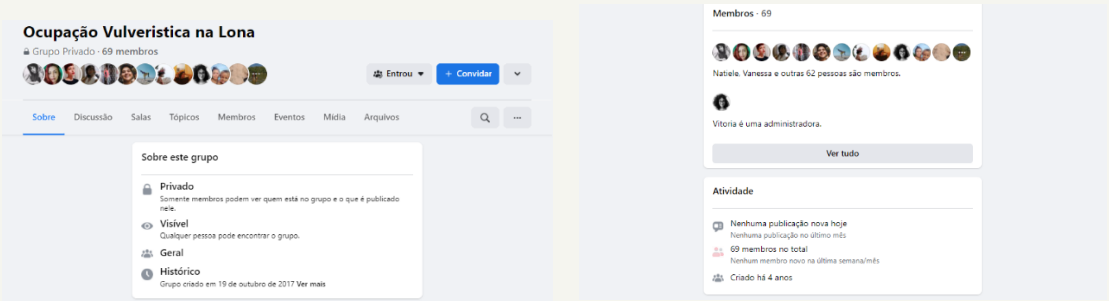
umas seis pessoas. Conforme as conversas foram rolando, foi chegando gente, e de repente “uma cacetada de gente, assim, começou com uma rodinha desse tamanho (faz um círculo pequeno com as mãos), quando a gente foi ver a roda tava tipo, não era mais uma roda” (TAY MARIA, 2020), era um formato meio oval, tinha mais de 15 pessoas. Porque uma pessoa avisou outra, que avisou outra, e mais outra... e tinha estudantes da UNESP, pessoas de fora também, gente de tudo quanto era lugar.

Um comentário: que pena que não tiramos nenhuma foto neste dia.

Algo significativo dessa reunião: teve uma roda de apresentação, tipo ‘Ah vamos se apresentar rapidinho para todo mundo saber quem é quem’. E a grande maioria duvidava de si mesma. Nas falas sempre tinha um ‘ah eu **acho que sou** palhaça’, ‘Eu **acho que sou** acrobata’, ‘Eu **treino um pouco** disso…’, ninguém se afirmava ‘**Eu sou** tal coisa’ sabe?, ‘Eu estudo, eu pesquiso isso’. Pouquíssimas pessoas tinham essa segurança de se afirmar. Eu arrisco dizer que ninguém, ou praticamente ninguém. Rolou até uma brincadeira de alguém ‘Carraca a gente não... não consegue falar né? Que loucura’, algo assim.

> [...] eu sinto que a minha trajetória artística, ela é super nuançada assim, vários picos de fazer um monte de coisa, e depois, não fazer nada, sabe? Então até se dizer artista às vezes é meio tipo “pera, eu sou artista mesmo?”. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

Com o desenrolar da Ocupação buscamos mudar isso, mas naquele momento percebemos que havia muitas inseguranças e seguimos. Continuamos a reunião e “essas conversas de ‘Mano’, vamos fazer? Vamos fazer. O quê que a gente vai fazer?” (TAY MARIA, 2020). Até que a gente decidiu! Vamos fazer um espetáculo, um cabaré. Foi uma conversa bem direta, não pensamos em nome, nem em divulgação, nada. Foi meio: vamos fazer um cabaré então!? Quem quer apresentar? Alguém tem cena? Passa uma lista aí... vamos fazer um grupo. Criamos um grupo para nos comunicar, e por lá, de forma muito espontânea, fomos fazendo uma lista de quem queria apresentar.



(Prin retirado da internet, Facebook,2022)[6]

> E aí começou a chacoalhar todo mundo, e todo mundo caindo número [...] E eu lembro que a gente fez um grupo no Facebook e aí todo mundo tipo “ah meu nome é tal e eu tenho tal número; Meu nome não sei o que tenho tal número” e eu ali uma pessoa que não tinha número nenhum e eu falei eu vou ser MC. Não fazia ideia, não fazia ideia da onde eu tava metendo minha cara. Não sabia, não sabia, mas fui lá na cara e na coragem ser MC. E aí todo mundo tipo “Nossa! Não, ual! Vai mesmo! ” E eu tipo “Gente, mas é muito tranquilo. Não é muito tranquilo? ” jurava, jurava que era de boa. (TAY MARIA 2020)

> E aí foi legal porque a gente foi criando o número também, para apresentar nesse espaço. Tinha várias pessoas que já tinham números para apresentar ali, você né por exemplo, e várias outras pessoas. E outros números que foram surgindo para esse espaço, isso foi legal também no começo, sabe? Porque foi um “vai, agora vai” sabe? Um empurrãozinho assim, que todo mundo que tava ali começando a criar [...] falar “Não. Tem um espaço de apresentação, é só criar, vai” sabe? Aí, diversos números surgiram disso. Isso foi massa assim do começo da ocupação. (CAE PRANDINI, 2020)

Como Caê comenta, nem todo mundo tinha cena/número, mas isso não era um empecilho. Assim como estávamos criando o espaço para apresentar, nós nos incentivamos a criar cenas também. Como algumas pessoas ainda não tinham certeza se realmente iriam apresentar, não organizamos uma ordem, foi tipo ‘no dia a gente combina direitinho’. Na época eu estava criando minha primeira cena solo de palhaça, “A especialista em corações”, só havia apresentado duas vezes e queria continuar apresentando para ir desenvolvendo, então decidi ir com ela para esse cabaré. Já a Beatriz fez uma dupla: “Eu comecei com uma dupla, com a Ana, a gente.... Nós éramos as Neidas, e a gente era uma dupla de velhinhas que trabalhava no circo, e fazia a contrarregragem” (BEATRIZ SANTIAGO, 2020). Dessas movimentações

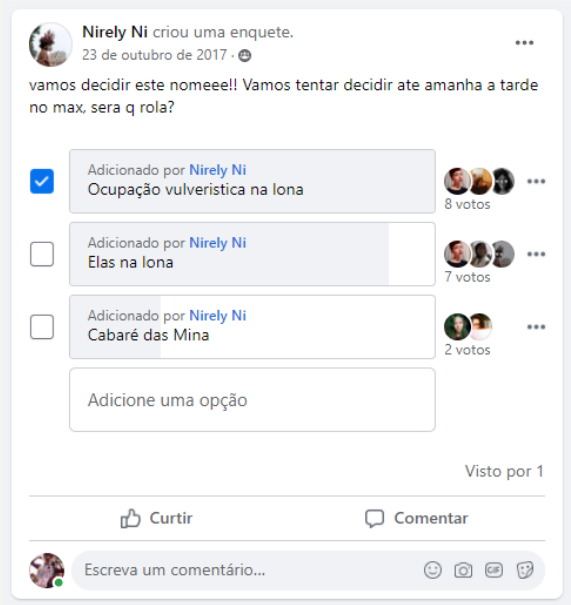
[6]Print da página Facebook: Ocupação Vulveristica na lona – grupo privado. Disponível em: https://web.facebook.com/groups/141986963200657/about. Acessado em 05 jan de 2022.

surgiram parcerias e cada pessoa propôs algo: quem tinha cena, quem não tinha criou, quem não criou propôs outras intervenções, e assim foi acontecendo.

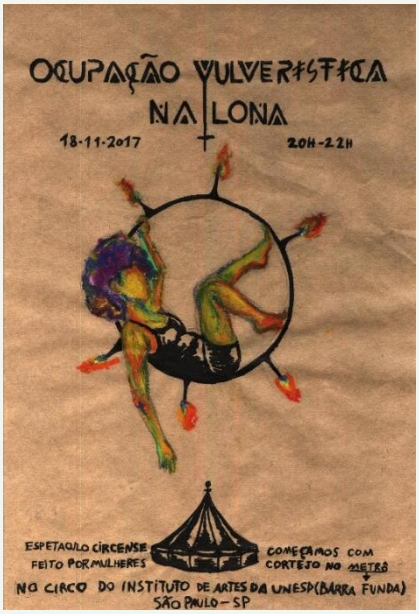
(Neidas, Ana Carolina Medeiros e Beatriz Santiago, na 1ª Ocupação, Fotografia Giovanna Guedes, 2017)

Chegamos até aqui e o nome? Não fazíamos a menor ideia de que nome colocar. Então fizemos uma enquete (no grupo do Facebook mesmo) onde qualquer pessoa podia colocar sugestões, e votamos. Dentre as opções, a mais votada foi: Ocupação Vulverística na lona. Todo processo foi muito intuitivo e orgânico, “todo mundo aprendendo na hora, porque ninguém nunca tinha feito isso, ou pouquíssimas pessoas, mas eu acho que ninguém tinha experiência mesmo de ‘vou produzir um cabaré do zero’ ”. (TAY MARIA, 2020).

> E aí enfim a gente começou a se organizar e era isso assim o Facebook e os encontros presenciais de “Opa, bora? Não, vamos fazer aquele negócio lá”. E a gente começou a se encontrar no circo, se encontrar no corredor, se encontrar no bar e a gente começou a levantar isso assim. E eu nem lembro direito como foi a produção em si do rolê. Eu lembro que a gente fez um evento no Facebook [...] uma das pessoas fez assim, uma arte né, de divulgação, que foi assim do nada tipo, a gente nem tava pensando nisso, a pessoa chego e falou “Eu fiz uma arte” e aí foi “Nossa, ual”. E aí eu lembro de várias pessoas que gravaram tipo vídeos curtos, foi uma divulgação muito orgânica eu acho sabe, que não foi nada muito planejado, mas foi acontecendo. (TAY MARIA, 2020)



(Prin retirado da internet, Facebook,2022)



(Cartaz da 1ª Ocupação Sofia Pontiere, 2017)

Duas curiosidades: 1.Quem fez o primeiro flyer foi Sofia Pontieri. Na época ela cursava artes visuais, na UNESP. E aliás, ela foi a grande idealizadora de toda identidade visual da *Ocupação.* Sofia, você é uma artista e amiga incrível!

2.O grupo Circo di SóLadies, tem um canal no youtube, e um dos quadros é o "SóLadies IN.DICA", na época o grupo queria somar com nosso movimento, então propuseram divulgar a nossa primeira edição, na parceria. É sobre se fortalecer, né!?[7]

Eu acho impressionante a velocidade que as coisas aconteceram, principalmente levando em consideração as rotinas de cada ume (trabalho, faculdade etc), foi tudo muito orgânico e, realmente Tay, fica difícil de lembrar como tudo aconteceu, a gente só fez. E olha só, nós retornamos da convenção no mês de julho, os burburinhos e a reunião rolaram entre agosto e setembro. E as coisas começaram a surgir, as cenas, o cartaz, quanto mais os burburinhos aumentavam, mais pessoas surgiam para somar. Em outubro combinamos a data, solicitamos o uso do *Circo da UNESP*, seguimos organizando e divulgando (principalmente na famosa divulgação 'boca a boca'). E em novembro aconteceu a primeira edição.

[7] SóLadies IN.DICA Live feat. Ocupação Vulverística. Circo di SóLadies, 2017. vídeo (7:22 min). Publicado pelo canal de Circo di SóLaides. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ga6bLYN8cbo>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Beatriz Santiago

Fotografia Leka Mariano

26 anos
todas as edições
Entrevista 27/11/2020

Bom eu sou a Beatriz, Bia, mais conhecida como santa. Eu sou Artista Educadora, sou formada pela Unesp. E também como artista né, tenho feito, fiz, não sei isso é meio confuso para mim, porque eu sinto que a minha trajetória artística ela é super nuançada assim, vários picos de fazer um monte de coisa, e depois não fazer nada sabe, então até se dizer artista às vezes é meio tipo “pera eu sou artista mesmo?”. Mas eu entendo que sim, que uma existência criadoura, uma resistência que pensa artisticamente é uma existência artística, então eu sou artista educadora. [...]

Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Pera, eu sou artista mesmo?"

SANTIAGO, Beatriz, 2020

Fotografia Bruna Nascimento

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

- ***1ª Ocupação Vulverística na lona***

♫ Esse espetáculo o que é? É só de mulher, é só de mulhê (2x)

E as mulhê, tão animada. E lá no circo vai rolar uma palhaçada (2x) ♫[1]

Bem vindes a primeira Ocupação Vulverística na Lona!!!!

- Uhuuuuuuuul (gritos e aplausos)

(Preparativos para 1ª Ocupação, Fotografia Ester Monteiro, 2017)

Era um sábado, dia 18 de novembro de 2017... às onze horas da manhã começamos a chegar no circo. Separamos as aberturas da lona e as dobramos, enrolando-as na diagonal, para abrir a entrada do circo. Decidimos chegar cedo pois havia muito a se fazer: limpar o espaço, arrumar as cadeiras, ajustar as cortinas (que já estavam montadas devido a um outro evento do dia anterior), afinar os refletores e programar a mesa de luz, ajustar as caixas de som e toda sonoplastia do espetáculo, organizar a ordem das cenas, preparar a barraquinha para vender pipoca e quitutes, preparar o cortejo... nos preocupamos com cada detalhe. Se você visse a energia

[1] Paródia da marchinha de carnaval “Olha a cabeleira do Zezé”

dentro daquela lona, nem parecia que tínhamos tanta coisa para fazer. Era muita animação, empolgação, um misto de sentimentos.

(Preparativos para 1ª Ocupação, Fotografia disparador automático, 2017)

Não estão todas as pessoas na foto, mas contando no total nós éramos quase trinta mulheres naquele dia, talvez mais. E tinham pessoas de tudo quando era lugar. Por exemplo, a Palhaça Tapioca[2], ela mora em Taquaruçu-TO e por um acaso estava em SP. Nós já nos conhecíamos de outras lonas, e como acabamos nos encontramos comentei com ela sobre a Ocupação (no intuito de divulgar) e ela ficou muito animada e me perguntou se podia somar e apresentar, e eu prontamente 'LÓGICO, bora!'. Não parava de chegar gente para somar, foi uma loucura.

> Então, eu caí na Ocupação bem de paraquedas, assim. Quando eu cheguei, na primeira edição, já tava tudo pronto. Eu fazia aula, foi em 2017, né? A primeira Ocupação? E eu tava no núcleo de circo da Escola Livre. Então, eu estava até prestando para UNESP, naquele ano eu ainda não estudava na UNESP [...] E aí, eu fazia essa aula no núcleo de circo da Escola Livre e uma pessoa, que estudava na UNESP, me chamou. Falou “meu você tem número de circo e tal, a gente vai fazer um cabaré só de mulheres, não sei o quê, você não quer apresentar?” E aí, para mim, foi bem massa esse convite porque foi a primeira vez que eu iria me apresentar para um público que não fosse um público de familiares [...] E aí, eu cheguei lá na ocupação meio

[2] Ester Monteiro, Palhaça Tapioca. Reside em Taquaruçu-TO, é cofundadora da cia circense TrupeAçu e idealizadora do projeto Circo no Jalapão.

> nesse lugar, não participei de nenhuma reunião na primeira edição. Eu só cheguei para me apresentar. Eu vi que as coisas estão acontecendo lá, então no que eu pude fortalecer na organização fortaleci. (MARÉ OLIVEIRA, 2020)

Passamos o dia nos preparando, preparando o circo, trocando experiências e aprendizados, errando, aprendendo, ocupando de fato aquela lona. Por volta das 18 horas, nós estávamos finalizando os últimos detalhes e nos preparando para o Cortejo. Aliás, ainda não tinha comentado, mas organizamos um cortejo da estação Palmeiras Barra Funda até o circo, para ninguém se perder, afinal tínhamos consciência de que não eram tão simples assim chegar no *Circo da UNESP*[3].

(Cortejo 1ª Ocupação, Fotografia Giovanna Guedes, 2017)

O cortejo foi impressionante. Quando chegamos na barra funda, nós estávamos em uma quantidade de artistas que chamava muita a atenção. E aconteceu uma concentração de pessoas, que nos acompanharam até o circo, que a gente não acreditava. Durante o trajeto rolou de um tudo: palhaça em cima da perna de pau, uma banda cantando paródias, fazendo aquele fuzuê. Teve até um momento em que descemos uma rampa, só que nela havia uma bifurcação. Para um lado a continuação da rampa e para o outro uma escada. Precisamos parar nessa bifurcação e guiar o público para que lado ir. Enquanto o público ia descendo, nós (artistas) continuamos na bifurcação, tocando e direcionando as pessoas. Quando o público passava por nós

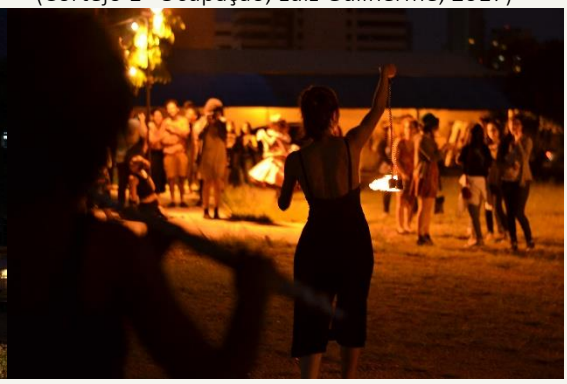
[3] Comento sobre essa realidade no texto **Abismos Invisíveis**

e chegava ao fim da rampa, não sabiam para onde ir. E nós continuamos esperando até que todas as demais descessem. Como resolveram a questão? As pessoas começaram a se juntar em duplas e montar um túnel, igual aqueles de quadrilha de festa junina, sabe? Foi genial! Quem estava atrás, passavam por nós, passavam pelo túnel e entravam na brincadeira. Isso rolou até que todas as pessoas que acompanhavam o cortejo estivessem por ali. Depois nós atravessamos esse túnel, e o público veio junto. Entrando no túnel, atrás de nós, o desfazendo, e assim continuamos a caminhar até a entrada da UNESP. Foi surreal!!

(Cortejo 1ª Ocupação, Giovanna Guedes, 2017)

(Cortejo 1ª Ocupação, Luiz Guilherme, 2017)

(Cortejo 1ª Ocupação, Giovanna Guedes, 2017)



(Cortejo 1ª Ocupação, Bruna Nascimento, 2017)

No caminho da entrada do Instituto até a lona rolaram diversas intervenções, era mina cuspindo fogo, fazendo malabares e swing em chamas, e as palhaças botando “fogo” na galera. Quando chegamos na frente da lona, encerrando o cortejo, abrimos uma roda e Eline H. Hirano fez uma abertura da lona com bambolê de fogo. E finalmente chegou o momento tão esperando... as oito horas da noite, daquele dia, a lona estava LOTADA. Tay, MC[4] palhace Donna, aguardava o público no centro do picadeiro ao som de *MC Marcelly – A dona da porra toda*, e assim demos início a primeira *Ocupação Vulverística na lona*.

[4] Mestre de Cerimônias do espetáculo

(Mc Palhaçe Dona, Tay Maria, 1ª Ocupação, Fotografia Isabela Alves, 2017)

> E eu fui MC desse cabaré. Fui explorar esse lugar e foi muito foda. Assim foi muito foda de bom, de me colocar em situação e de estar ali, sozinhe, enquanto uma pessoa preta ali no centro do palco e tudo mais, num lugar de "poder", depois a gente fala mais sobre esse lugar de MC, mas enfim esse lugar de "destaque". (TAY MARIA, 2020)

Houveram muitas reverberações, problemáticas também, mas…. Combinado Tay, falamos mais sobre isso em outro momento[5]. Foram apresentados 12 números, sem contar as intervenções de MC palhace Donna e as Neidas (dupla cômica de contrarregras). Ocupamos todos os lugares, desde a barraquinha de pipoca, a iluminação, som, até no palco, em todos os lugares. A euforia por trás das cortinas aumentava a cada cena.

> E a gente se encontrando atrás da lona também... eu lembro, atrás da lona não, atrás das cortinas. A gente ali atrás, também tava torcendo muito pelos números que tava acontecendo, né. A gente tava tipo "AAAH". Quem puxava os aplausos vinha lá de trás da cortina sabe? A gente tava muito junto, e isso foi muito legal. Foi muito massa. (CAÊ PRANDINI, 2020)

Maré me conta: "... foi a primeira vez que eu me apresentei para um público mais diverso, digamos né, e em uma lona, com luzes assim, tipo. Foi muito chique, foi tipo um "BOOM" sabe?" (MARÉ OLIVEIRA, 2020). Realmente foi um BOOM, foi muito potente, um acontecimento. E me veio na memória a primeira reunião, onde a maioria, não tinha confiança no próprio trabalho artístico, sem saber ao certo o que fazer, como fazer.... E de repente olha a gente lá, apresentando um cabaré com múltiplas habilidades. Tinha números de tudo, no trapézio, tecido, lira, bambolê, perna de pau,

[5] Você encontra este outro momento no texto **Os XXX da questão – Ocupação XXXrística**.

pirofagia, contrarregragem acrobática e muita palhaçada. Era cena cômica do correio elegante para arranjar uma paixão à sofrência do coração partido, das coreografias aos tutoriais mais inusitados, teve até uma banda punk de palhaças. E nós, que um dia duvidamos das nossas próprias potências, nos olhamos ao som dos aplausos finais e nada precisou ser dito.

> Foi muito daora, foi muito daora. Eu ãh... eu acho que tinha um pouco essa sensação de estar fazendo história, sabe? Porque também a primeira ocupação já foi muito cheia. Logo na primeira já encheu a lona e eu acho que foi a primeira vez que eu vi a lona cheia desse jeito, sabe? Eu já tinha ido em outras apresentações de outras coisas lá, mas cheia desse jeito. E não só cheio, mas o público muito junto. Foi muita emoção assim, mesmo sabe? (CAÊ PRANDINI, 2020)

Foi muita emoção, mesmo, Caê. Eu me lembro de olhar através de pequenos furos da cortina e ver aquela lona lotada, tinha muita gente. Eu nem acreditava e me perguntava “como a gente conseguiu isso? ”. Porque assim, naquele ano nós realizamos apresentações com os outros projetos (EPIA, CIRCULAR,etc), com uma certa frequência até, mas mesmo seguindo os mesmos caminhos da divulgação (flyer, evento em rede social, boca a boca), nunca tínhamos chegado a lotar a lona da forma como foi a primeira *Ocupação.* Tiveram pessoas que subiram a serra, literalmente, para presenciar a primeira edição. “Eu botei muita fé no projeto, sabe. Eu achei muito massa aquela.... Essa ocupação de fato, daquele espaço, por aqueles corpos que estavam ocupando aquele espaço. Eu vi muita potência mesmo. (MARE OLIVEIRA, 2020). Foi uma explosão dentro daquela lona, loucura total, nós só pensávamos: - Temos que continuar!

> A gente se juntou em habilidades, em possibilidades, em vontades e de repente surgiu o primeiro cabaré, que foi tipo “Mano, que que tá acontecendo aqui? Foi tipo lotado, um monte de gente para assistir, um monte de retorno muito gostoso de ter, de receber, de ouvir. E tipo a gente ficou “Mano, a gente vai ter que fazer mais uma vez, né. Vai ter que fazer de novo, e de novo, e de novo” (BEATRIZ SANTIAGO, 2020).

(ambas 1ª Ocupação na lona, Ricardo Pontieri, 2017)

Maré Oliveira

Fotografia Leka Mariano

28 anos
todas as edições
Entrevista 08/11/2020

Então eu sou Maré, eu sou artista circense trabalho também com outras artes do corpo, com dança, performance. Também sou arte-educadorie e tenho uma pesquisa no circo e também nessas áreas que é aproximar a cultura afro diasporica brasileira das linguagens circenses, é basicamente isso.

Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Nossa realmente o que eu tô fazendo tá rolando, tem gente curtindo, é potente!"

OLIVEIRA, Maré, 2020

Fotografia Luiz Guilherme

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

→ **A procura pela prática nos definiu: queríamos fazer um cabaré e criamos um projeto.**

A *Ocupação* surge do desejo de criar uma oportunidade para que pudéssemos apresentar, criar cenas e nós experimentar artisticamente. Sentíamos que não tínhamos esse espaço, então tratamos de criá-lo.

Porém organizar um espetáculo envolve questões técnicas de montagem, produção, entre outras[1]. Um fato é que, nas primeiras edições, não soubemos fazer tudo que era preciso para o espetáculo acontecer, mas não quisemos que isso se tornasse um impeditivo. Então demos um jeito, pedimos ajuda quando necessário e seguimos. A princípio, o que existia era essa vontade de apresentar. O importante era fazer o espetáculo acontecer.

Com o passar das primeiras edições, outros desejos surgiram. Em dado momento nos vimos dependentes de outras pessoas, para fazer algumas coisas, como por exemplo montar as cortinas, e isso começou a incomodar. Principalmente porque na grande maioria das vezes, essas outras pessoas que sabiam fazer, eram homens cis. E não é nada pessoal, eram parceiros de outros projetos da lona, que fortaleceram quando precisamos. Mas ali, descobrimos algo: nós queremos aprender a fazer sozinhas (es). Descobrimos que, mais do que apenas apresentar, nossa busca era por autonomia. Autonomia no sentido mais literal da palavra, “capacidade de governar-se pelos próprios meios” (Definição Dicionário Oxford) e também no sentido mais freiriano[2] possível, pelo caminho de uma ação pedagógica circense em busca de autonomia.

E como é que faz para isso ser possível? Naquele momento, sentimos que era necessário um ambiente compartilhado apenas entre mulheres, dentro do recorte pontuado. Um ambiente onde fosse possível realizar apresentações e experimentações artísticas, aprender como elaborar um evento, como montar as cortinas do circo, como montar e operar o som e a iluminação, compreender técnicas de ancoragem dos aparelhos aéreos, produzir nossos materiais de trabalho (registros de fotos e vídeos). Ou seja, aprender tudo que envolve a produção de um evento circense. Desenvolver autonomia sobre a estrutura daquela lona de circo, assim como

[1] Me aprofundo em diversas necessidades que envolvem a organização de um espetáculo no texto **Como era a organização.**

[2] Abordo mais sobre em **Potências desta organização**

a maioria dos nossos colegas (homens cis) tinham. E também nos sentir confiantes para nos apropriar desse espaço artístico pedagógico, que o *Circo da UNESP* se propõe a ser.

> "... vimos que as vontades comuns do grupo nos levavam em direção: a sermos um grupo que organiza e produz uma forma de ocupar a lona da UNESP, que seja empoderadora para mulheres, de forma que elas tenham espaço para apresentar seus números, receber uma devolutiva sobre eles, aprender sobre montagem e produção artística e circense, além de liberdade de levar seu discurso a público. Também temos necessidade de formar parcerias com outros coletivos artísticos e mulheres artistas. (ATA, 2018)[3]

Obviamente que esses anseios todos partiram das pessoas que estavam no início, mas o compromisso era de idealizar algo que fosse democrático, sem hierarquias e aberto para qualquer artista mulher que se interessasse.

O caminho que encontramos foi ocupar artisticamente o Circo da UNESP. Através de uma organização horizontal e colaborativa, onde as responsabilidades eram coletivas, buscamos promover um espaço formativo e um ambiente favorável para experimentações artísticas (cabarés, oficinas e outras manifestações) e compartilhamento de saberes (atuação nas comissões, reuniões, treinos, roda de conversas). E para além das nossas ações, também incentivamos a presença nos treinos e projetos que já aconteciam no circo, como por exemplo os treinos do CIRCOLAR[4].

A partir desses desejos todos, criamos o projeto *Ocupação Vulverísitica na lona*, visando um ambiente formativo e de experimentações artísticas, de resistência e fortalecimento. Criado por e para mulheres, como forma de promover protagonismos e criar possibilidades do desenvolvimento de autonomias.

O projeto atuou durante dois anos (2017-2019), e durante sua existência promoveu dez edições: oito em formato de cabarés, um sarau, uma edição especial (com oficina, roda de conversa, espetáculo) e a produção de espetáculo: "Sui Generis" da Cia Fundo Mundo. Além dos eventos proporcionou treinos livres e oficinas esporádicas, relacionadas a linguagem circense. A produção de cada evento envolvia uma média de 25 a 30 artistas, por edição. Mais de 200 artistas participaram e colaboraram na *Ocupação Vulveristica na Lona*, nossa expectativa de público era em

---

[3]Ata de Reunião da Ocupação Vulverística na lona 11/03. Publicado por Sofia Pontiere. São Paulo, 14 de mar. 2018. Facebook: Ocupação Vulveristica na lona – grupo privado. Disponível em: https://web.facebook.com/groups/141986963200657/permalink/200351777364175. Acessado em 01 ago. 2021. Foi publicado em um grupo privado, mas você pode acessa-la aqui: **ANEXO A – Ata da Reunião de organização da 3ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona realizado no dia 11 de março de 2018**

[4]Falo sobre esse contexto nos textos **Abismos Invisíveis** e **No silêncio da lona, sussurros: E agora?**

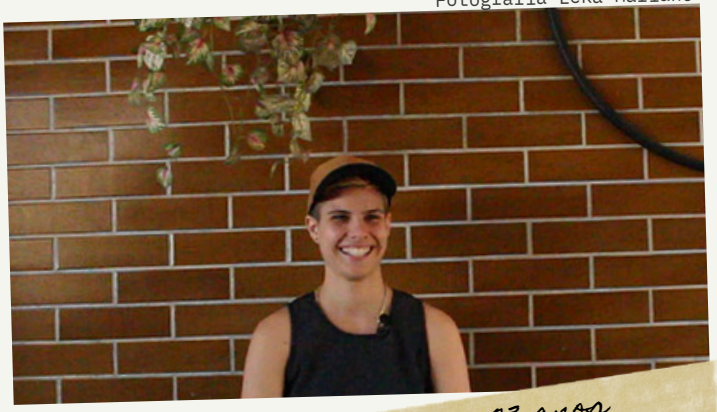
média 350 pessoas por apresentação, ou mais. Tivemos artistas de todas as regiões da cidade, incluindo o recorte da grande São Paulo, e até de outros estados como Bahia, Rio de Janeiro e Tocantins.

(4ª Ocupação – Foto Jumaira Lima, 2018)

(Preparativos da 3ª Ocupação – Foto Jumaira Lima, 2018)

Caê Prandini

Fotografia Leka Mariano



23 anos
todas as edições
Entrevista 07/11/2020

Então eu sou Caê, sou músico, sou circense, sou percursionista, trabalho com Arte. Artes e suas diversas formas. Então eu dou oficinas de corpo música e faço parte dos espetáculos circenses, componho as bandinhas do circo que toca, tipo banda Mc assim do circo... E curto muito fazer música com objeto, curto as suas maneiras não convencionais [...] eu como uma pessoa trans tenho reinventado esse fazer artístico nesse lugar de identidade [...] porque eu acho que o teatro já não serve mais assim para as nossas corpas que são fora desse esperado né fora desse neutro “Que que é o corpo neutro?” [...]

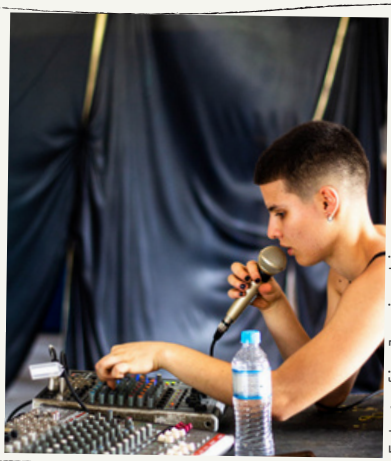
Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Eu acho que tinha, um pouco, essa sensação de estar fazendo história, sabe?!"

PRANDINI, Caê 2020

Fotografia Jumaira Lima



Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

- **Como era a organização**

(Preparativos da 5ª Ocupação – Foto Jumaira Lima, 2018)

Com o tempo estabelecemos uma forma de organização através de reuniões e comissões que era basicamente assim: Apresentação, após cada espetáculo uma reunião, onde era compartilhado impressões e iniciada a organização da próxima manifestação artística (cabaré, sarau).

É importante dizer que quando a data da reunião era decidida, divulgávamos abertamente nas redes, com intuito de agregar mais pessoas. Pois nossa ideia sempre foi ocupar e democratizar o acesso da lona de circo da UNESP.

> A gente fazia uma reunião, quando a gente pensava em "Vamos produzir a próxima *Ocupação*? " A gente chamava uma reunião aberta, no Facebook, no Instagram e quem quisesse colar, colava. "Quem quisesse o que? " Mulheres cis, até esse ponto, né? A gente nunca disse "Não pode pessoas trans", porém o nome a maneira como foi construída era dito sim mulher. E chamava *Vulveristica*[1]. Então era isso quem quisesse, que estivesse dentro desse recorte, podia colar para fazer a próxima Ocupação acontecer. (CAE PRANDINI, 2020)

Nessas reuniões abordamos, principalmente, dois pontos: Reflexões sobre a edição anterior e organização da ação seguinte. Nas reflexões buscamos ter um olhar sobre a nossa prática. Acreditamos que essa era uma maneira de irmos entendendo o que estava "funcionando" ou não, onde podíamos melhorar e se havia algo que queríamos fazer diferente. Olha só, sem necessariamente ter consciência do nosso

[1] Essa problemática é aprofundada no texto **Os XXX da questão: Ocupação XXXrística na lona**

saber, criamos um fazer educativo, praticando o conceito de práxis de Paulo Freire, mas trato melhor disso em outro momento[2].

Depois de ponderar sobre a edição antecedente iniciamos a organização da próxima: decidimos a data do cabaré e nos dividimos em comissões. Um detalhe: as pessoas responsáveis em cada comissão eram sempre redefinidas a cada reunião de organização. As comissões eram rotativas. Quando já sabíamos quem ficaria responsável pelo que, cada qual realizava suas funções e o evento acontecia. Depois o processo se repetia. “Então aconteciam as reuniões, né. Para a gente preparar a próxima *Ocupação*, e nessas reuniões a gente dividia as funções, dividiam as comissões (MARÉ OLIVEIRA, 2020).

Mas o que eram essas comissões? Bom, realizar uma apresentação envolve muitos detalhes, como por exemplo montagem técnica, produção, organização das cenas, e muitos outros. As comissões eram grupos de trabalho, divididos a partir dessas necessidades que identificamos, do que precisava ser feito, para a *Ocupação* acontecer. Cada uma deveria ter um mínimo de três pessoas (idealmente), as quais ficariam responsáveis por determinada função.

Quais eram essas comissões? E quais eram as suas respectivas responsabilidades? A seguir vou elencar todas as que tivemos ao longo de todo nosso processo de organização, ou melhor, todas que foram possíveis de lembrar. A ordem que vou apresentar é espontaneamente aleatória, sem nenhuma associação de prioridades, afinal todas as funções eram importantes para que o espetáculo acontecesse.

- ***Produção:*** Responsável pela produção geral, desde da pré-produção, da produção local (no dia) e a pós-produção. Para não ficar muito abstrato vou citar alguns exemplos referente a cada momento.
    - Pré-Produção: Reservar a data para utilização do circo, elaborar o formulário de inscrição de cenas, selecionar e contatar as artistas que gostariam de apresentar, ponte de comunicação entre todas as comissões e criar o cronograma do dia do espetáculo, como por exemplo:

[2] Abordo mais sobre em **Potências desta organização**

horário de chegada, das refeições, da montagem técnica, preparação, saída do cortejo, início do espetáculo.

- Produção local: Recepcionar pessoas que estariam no projeto pela primeira vez. Mediar o cronograma e os horários do dia para que tudo acontecesse. Caso houvesse algum imprevisto a comissão se responsabilizava em tentar resolver.
- Pós-Produção: Envio do material produzido (fotos e vídeo) para as artistas que havia apresentado.

↳ ***Divulgação:*** Realizava a divulgação do evento como um todo. Produzia os cartazes, imagens informativas e das cenas que seriam apresentadas, etc. Administra as redes sociais, criando um evento e divulgando a ação.

↳ ***Registro:*** Responsável pelo contato e contratação de profissionais audiovisuais, que iram fotografar e filmar o evento. Importante dizer que o material produzido era disponibilizado para todas as pessoas que se apresentavam (pelo menos 5 fotos profissionais mais o vídeo na íntegra da cena apresentada).

(Na foto Isabela Alves – 3ª ed. Ocupação, Fotografia Clara, 2018)

(Panfletos 6ª ed. Ocupação, Fotografia Jumaira Lima, 2018)

↳ ***Montagem (cortina, ancoragem e preparação do espaço):*** Nós quem preparamos o circo. E essa organização envolvia toda a preparação desse espaço, como, a montagem da cortina, ancoragem dos aparelhos aéreos (lira, tecido, trapézio), disposição das cadeiras para o público, verificar se os banheiros estavam destrancados e com utensílios básicos para uso. Essa

comissão era responsável por montar e desmontar todos os processos citados.

- ***Som:*** O circo não possui um sistema de som pré-instalado, o *Instituto de Artes* era quem sedia os equipamentos de som, mediante a uma reserva. Então essa comissão realizava essa reserva e toda montagem do sistema de som, que envolvia dispor as caixas de som e microfones, fazer a conexão dos mesmos com a mesa de som, verificar se tudo estava funcionando e equalizá-los. O grupo também realizava a organização e operação de toda a sonoplastia do espetáculo. Ao final realizava a desmontagem de todo os equipamentos utilizados e devolvem para STAEPE[3].
- ***Luz:*** Essa comissão, assim como a de som, era responsável por todo sistema de iluminação. Então era necessário conectar a mesa de luz ao rack de força e aos refletores, após verificar todas as conexões, definir cores, afinar as luzes e os focos. Esse grupo também organizava e operava toda iluminação do espetáculo, e após realizava a desmontagem.

(Registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018 e 2019)

(Registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018 e 2019)

[3] STAEPE: abreviação para Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

- ***Alimentação:*** Essa comissão era dividida em duas.
  - Artista: O horário de chegada no circo era por volta das dez da manhã, ficamos o dia todo lá. Logo precisávamos nos alimentar. Então essa comissão era responsável por levar café da manhã, almoço e um lanche para todas as pessoas que estavam na organização.
  - Barraquinha: Como uma forma de levantar verba, vendemos pipoca e quitutes durante a apresentação. Essa comissão era responsável por organizar o cardápio, a compra e a venda.

(Registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018 e 2019)

- ***Expositoras / "Lojinhas":*** A *Ocupação* foi um espaço de fortalecimento e com visibilidade, então em dado momento abrimos a possibilidade de empreendedoras independentes exporem seus trabalhos no dia do espetáculo, promovendo um ambiente de divulgação de seus trabalhos e de contribuições espontâneas. Essa comissão ficava responsável por recepcionar e organizar a disposição desta exposição.

(Registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018 e 2019)

- ***Segurança:*** A comissão lidava comicamente caso discursos de odeio ou qualquer violência visse da plateia. Por exemplo, era frequente assobios, o famoso “fiu,fiu”. Nas edições que tivemos atrações com fogo (pirofagia / pirotecnia) essa comissão era responsável por dar um suporte fazendo o acompanhamento das artistas, mantendo extintores de incêndio próximos por precaução.

Uma curiosidade: essa comissão rendeu uma cena, chamada “A comissão segurança”. O nome não era criativo, mas a cena era maravilhosa. Eram três palhaças que queria colocar pressão no público de que elas iriam estar de olho caso alguma coisa desrespeitosa acontecesse, mas era de uma forma muito engraçada.

(Comissão de segurança na 4ª Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018)

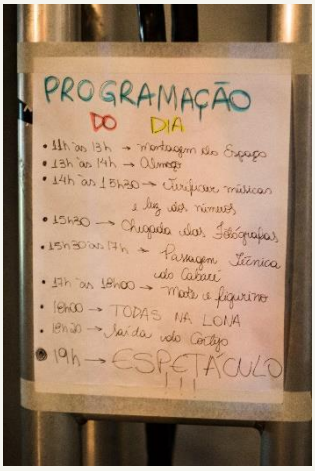
- ***Limpeza:*** Era preciso manter o circo limpo e organizado, afinal era um espaço compartilhado por diversos projetos. Então essa comissão era responsável pela limpeza do espaço, principalmente após o espetáculo, e também auxiliando na limpeza de utensílios utilizados nas comissões de alimentação
- ***Finanças:*** Nós arrecadamos verba de duas formas: vendendo comidas e passando chapéu. Então essa comissão era responsável por administrar as finanças, tudo que entrava e que era investido. O valor levantado viabilizou compra de alimentos para as comissões de alimentação, a contratação das profissionais responsáveis pelos registros audiovisuais e a impressão de cartazes para a divulgação.

> “Aí tinha comissão de produção, comissão de alimentação [...], comissão da luz, comissão... Que mais que tinha? Montagem, limpeza [...] acho que tinha mais ou menos umas oito comissões, as vezes dá uma variada, umas a mais ou menos [...]”.(CAÊ PRANDINI, 2020).

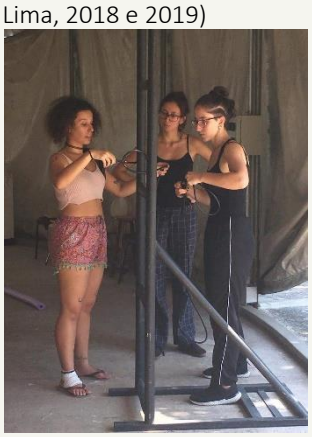
Eu contei onze por aqui (risadas). Mas basicamente eram essas oito, onze comissões…. Como Caê comenta, às vezes dava uma variada. “E era isso assim a gente fazia essa reunião, ‘gente temos tal, tal, tal e tal comissão. Quem quer fazer parte da comissão tal?’ Ai a galera que queria, ia lá”. (TAY MARIA, 2020).

Depois de combinarmos certinho quem seria responsável pelo que, divulgamos um formulário de inscrição, nas redes. Neste formulário as asrtistas poderiam realizar inscrição para apresentar cenas/números, expor seu trabalho (expositoras) ou demonstrar interesse em colaborar em alguma comissão (mesmo se não fosse apresentar no espetáculo).

Para fechar nosso ciclo de organizações, no dia dos espetáculos chegamos no circo no período da manhã, a partir das 10 horas. A proposta era passar praticamente o dia todo na lona mesmo, para podermos ter tempo de convivência, de montagem técnica, se preparar, apresentar e realizar a desmontagem. Falando de forma objetiva, foi dessa maneira que nos organizamos para realização das atividades deste projeto.



(registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2018 e 2019)



(Registros de diferentes edições da Ocupação, fotografias de Erika Sacnhez, 2018 e 2019)

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

02.03.2018

20H-22H

ESPETACULO CIRCENSE
FEITO POR MULHERES

CORTEJO 19H → BAR DONA NILSA E ADEMIR → METRÔ

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP (BARRA FUNDA)
SÃO PAULO-SP

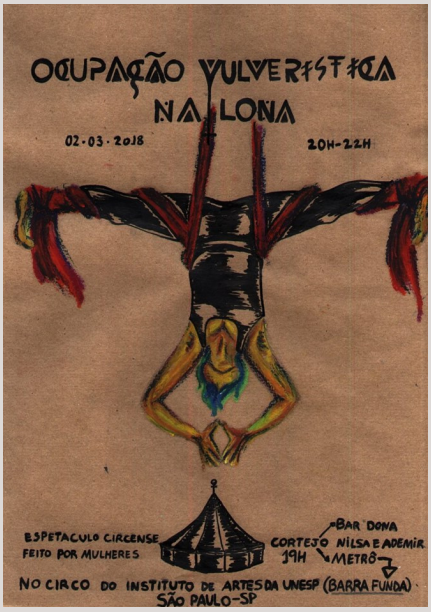
2ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Giovanna Guedes)

02 DE MARÇO DE 2018

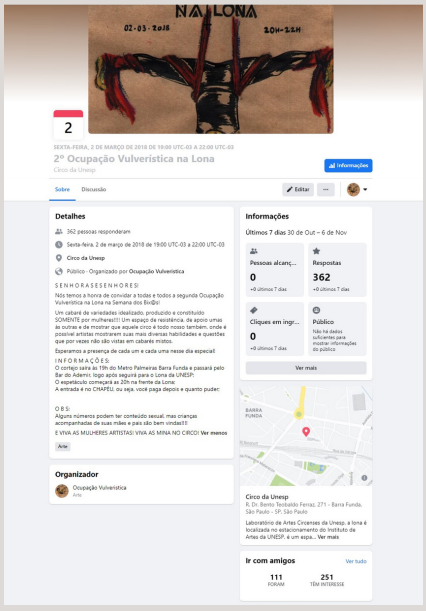
Cabaré de variedades

FOTOS



(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

2ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Giovanna Guedes)

(Fotografia Giovanna Guedes)

(Fotografia Giovanna Guedes)

(Fotografia Giovanna Guedes)

(Fotografia Giovanna Guedes)

(Fotografia Giovanna Guedes)

- **Por que se organizar dessa forma?**

De que forma? Uma organização horizontal e coletiva, que busca democratizar o acesso ao circo da UNESP para artistas mulheres, propondo um espaço artístico pedagógico por meio de manifestações artísticas, chamamentos públicos, comissões de organização rotativas e reuniões.

> E a ideia era que a gente fosse bem horizontal assim, nossa ideia era fazer um rolê super horizontal. O que é muito massa, que é algo que acredito muito. Até porque à essa possibilidade da gente aprender com outra, com o outro sabe? Coisas que a gente não sabe, e troca também. (Mare Oliveira, 2020)

A Ocupação Vulveristica aconteceu na lona de *Circo da UNESP*, e surgiu no ano de 2017. Relembro essas informações por dois motivos: primeiro por conta do contexto que o circo se encontrava naquele momento[1], e segundo a estrutura física da lona. Ambos os pontos dialogam diretamente com a nossa escolha por uma organização horizontal e democrática, e vou te contar porquê.

Bom no ano de 2016, o *Laboratório de Artes Circenses* (o *Circo da UNESP*) enfrenta um momento de suspensão de atividades por conta da aposentadoria do Prof. Mario F. Bolognesi. A partir desse fato se inicia um movimento, muito forte, de autogestão das (es/os) estudantes. E com essas movimentações se criaram diversos projetos, e a grande maioria (senão todos) buscavam a democratização do espaço da lona. Alguns operavam por organizações horizontais, coletivas e com dinâmicas de rotatividade. Falo mais detalhadamente sobre esse contexto e atividades no texto ***No silêncio da lona, sussurros: e agora?*.**

A *Ocupação* surge após esses projetos e, obviamente, os tem como inspiração. Afirmo com certeza pois estava lá (risos). Sem contar que a maioria das pessoas que participaram do surgimento da *Ocupação* também faziam parte desses outros coletivos. Logo tivemos algumas escolhas que estavam alinhadas.

E conjuntamente com as nossas vivências, existe também a estrutura física da lona de circo, que deve ser considerada. Certa vez ouvi do Prof. BOLOGNESI, 2019, que a lona já estabelece uma ambientação, proposta na suas estruturas e modus operandi. É uma estrutura circular, entre outras coisas, que propõem o afastamento da relação frontal, e propõem fisicamente uma relação equidistante. (1 ED Papo de picadeiro - 1:33:16 min). De cara, a infraestrutura sugere e possibilita interações e processos de aprendizagem menos hierárquicos.

---

[1] Falo sobre esse contexto nos textos **Abismos Invisíveis** e **No silencio da lona, sussurros: E agora?**

> Assim, o processo de aprender no circo não tem uma estrutura vertical, mas horizontal. Não existe um centro de distribuição de conhecimentos em que outras partes são apenas suportes localizados nas margens, todas as partes e etapas tem uma contribuição significativa e necessária. (MARCUCCI, 2019, p.14)[2]

E penso também que, essa fisicalidade nos proporciona acessar saberes circenses subjetivos, intrínsecos a prática, como compreender que “o circo não é algo competitivo, mas coletivo” (MARCUCCI, 2019, p.14). E que mesmo sem pertencer a famílias circenses e/ou possuir experiências em circos itinerantes, aprendemos alguns desses saberes intuitivamente, pois a estrutura física possibilita e nos convida para essas descobertas.

> Na fala de S. não houve distinção entre crianças e adultos e na fala de G. (19 anos), a relação de parentesco com o “primo” dado *a convivência no ambiente reitera a sensação de comunidade e a relação de horizontalidade entre os circenses,* visto que todos têm o direito de aprender um pouco de tudo [...] (MARCHI; MULLER, 2019, p. 7, grifo próprio)[3]

Estabelecemos fortemente um fazer coletivo e um senso de comunidade horizontalizada, entre frequentadories dos projetos da lona. Sem nos esquecer que o Circo da UNESP é um espaço público, que fica dentro de uma universidade pública. “Isso é muito importante, a gente sempre teve isso muito nítido na nossa cabeça. Que é um espaço público e que as pessoas têm que estar aqui, isso não é nossa sabe?” (MARÉ OLIVEIRA, 2020). Ou melhor, não é só nosso, porque é nosso também. Porém não só nosso, é de todes, é público.

> [...] a gente começou a entender que esse espaço não podia ficar só com a gente, e começou a tentar fazer um negócio mais democrático e tudo mais, a gente começou a abrir formulário para outras pessoas se inscreverem. (TAY MARIA, 2020)

E nossas propostas de organização se propunham dialogar com possíveis caminhos para democratização desse espaço, como por exemplo os chamamentos públicos para participar da *Ocupação* e a disponibilização de inscrições online para aquelas que quisessem participar pudessem ter esse acesso.

> Muitas pessoas iam no dia também, para poder colaborar, né. Porque não era todo mundo que podia estar em todas as reuniões, e que estava nesse contato constante, mas era aberto para que quem conseguisse chegar para ajudar no dia, pudesse colaborar ali e construir junto. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

Como uma das nossas propostas de organização horizontal, buscamos possibilitar um ambiente favorável para trocas de experiências e saberes por meio das

---

[2]MARCUCCI que reflete sobre os processos de formação nas circo-escolas Laheto e Catavento (Goias-GO).

[3] MARCHI e MULLER em sua pesquisa realizaram entrevistas com integrantes do Circo Di Sarah, onde dentre os temas abordados estão a oralidade e as relações horizontalizadas.

comissões. Porque a partir das responsabilidades que envolvia cada comissão, surgia a oportunidade de aprendermos mais sobre essas funções. Pois nós queríamos aprender o que não sabíamos, compartilhar o que sabíamos, e descobrir juntes o que ninguém sabia também.

> [...] não se cria um espetáculo sozinho, cada indivíduo é um elemento chave. Em todos os processos do aprender e fazer circo existe pessoas envolvidas cumprindo papéis importantes, e é necessário diálogo destas. O circo se move e se transforma colocando agência em seus elementos que se complementam e se transbordam, dessa forma o circo acontece. (MARCUCCI, 2019, p.14)

Não existia um grupo/coletivo fixo, nem na organização, nem em nenhuma comissão. As comissões eram rotativas e mutáveis. Era livre para cada pessoa poder escolher, "então, era legal que tinha pessoas que 'ah, eu curto, eu me sinto confortável nessa função aqui. Até, né' e tinha gente que não, que tava afim também de ir rodando [...]" (MARÉ OLIVEIRA, 2020).

> [...]Eu acho que desde o começo já tinha essa ideia, de que a gente pudesse ser mesmo espaço de aprendizagens, de troca, e de conseguir trazer sempre pessoas novas para dentro. Mas eu acho que ele foi se firmando. Firmando um pouco melhor essa ideia, né. (NATIELE FONTANA, 2020)

Realmente Nati, esse espaço de aprendizado vai se firmando aos poucos. E muito tem a ver com a nossa proposta das reuniões, que aconteciam entre as apresentações, para uma melhor organização. Porque o processo de ensino-aprendizagem nunca é finito. O aprendizado no circo é constante, dinâmico, não se encerra em uma avaliação ou em um espetáculo. " (MARCUCCI, 2019, p.14).

> Queria ressaltar, por último, a importância das nossas reuniões, entre as apresentações. Para que, além da organização propriamente dita, possamos DEBATER o que for necessário, considerando todas as PROBLEMÁTICAS QUE ENVOLVEM UM ESPETÁCULO E UM ESPAÇO DE TROCA REALIZADO POR MULHERES. (SOFIA PONTIERI, 31 de janeiro de 2018 – ata reunião da ocupação).[4]
>
> Dessa forma, é possível ver o aprendizado circense como etapas que nunca se completam ou acabam. É sempre um passo após o outro que tem sua peculiar importância, com uma visão prospectiva em que tudo é preparação para uma fase futura. " (MARCUCCI, 2019, p.14).

A chegada no circo, no dia das apresentações, era sempre por volta das dez da manhã. "A gente entendeu, que a gente tinha que chegar cedo no circo, para montar tudo, [...]" (TAY MARIA, 2020). E chegar cedo na lona, era mais do que só

[4]Postagem de complemento referente a ATA do dia 29 de jan. 2018. Publicado por Sofia Pontiere. São Paulo, 31 jan. 2018. Facebook: Ocupação Vulveristica na lona – grupo privado. Disponível em: https://web.facebook.com/groups/141986963200657/permalink/183490205716999/?_rdc=1&_rdr. Acessado em 01 ago. 2021. Irei disponibilizar o print de ambos os documentos citados no corpo deste texto (Ata do dia 29/01/2018 e o Complemento do dia 31/01/2018 na página 139).

para termos tempo. Queríamos ocupar aquele lugar, conviver, “e a gente queria esse momento. Todas as conversas que a gente teve no corredor, em bar, a gente queria ter esse momento no dia também, porque a gente viu importância disso” (TAY MARIA, 2020). E um pequeno detalhe, o fato de decidirmos passar o dia inteiro na lona, se faz potente pois carrega todos os porquês das nossas escolhas.

- **Como surgiram as comissões?**

Quero te contar um pouco sobre como desenvolvemos essa maneira de nos organizarmos, afinal de onde veio a ideia de comissões? Essa resposta é simples, estava diretamente relacionado com o nosso fazer. Mas quando tentei responder: de onde veio essa nossa organização mesmo? Lembro que ela surgiu das nossas práticas, mas como foi que aconteceu? Percebi que não me lembrava, por mais que eu me esforçasse não conseguia lembrar. E olha que curioso, não fui a única.

> Então… nossa, minha memória é muito ruim né. Eu esqueço muito das coisas, mas eu não sei se eu lembro assim, exatamente, como foi a formação da comissão. Acho que eu entrei já tava assim (NATIELE FONTANA, 2020)

E aí, alguém lembra? Tay? “E aí, eu não vou lembrar o passo a passo, mas eu lembro que teve um dado momento que a gente entendeu que não dava pra todo mundo fazer tudo.” (TAY MARIA 2020). Santa[5]? “É que eu realmente... mano, não tô lembrando de como foram as primeiras, isso me dá uma agonia, porque eu queria lembrar para ser mais precisa assim.” (BEATRIZ SANTIAGO, 2020). Não é fácil rememorar exatamente o momento em que estabelecemos essa maneira de fazer. Talvez por tudo estar tão imbricado com uma prática tão orgânica, ou porque existem lacunas nas memórias, e/ou também pela distância de tempo do início do projeto (2017), até o momento das entrevistas (2020). Mas, de qualquer forma, esse é um dos motivos pelos quais essa monografia se faz necessária: recuperar essa história.

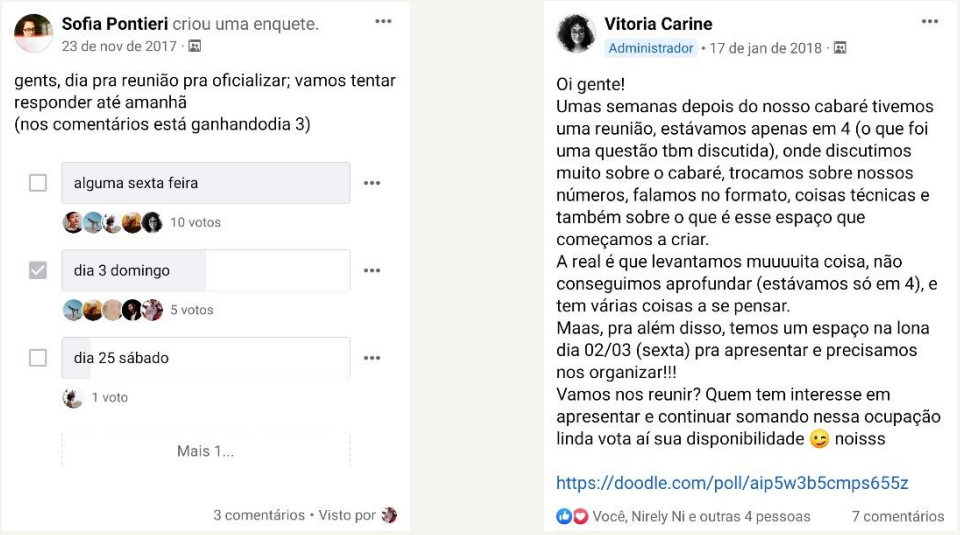
A memória falhou, que tal brincar de quebra cabeça? Vamos procurar as peças e juntá-las.

Bom, a primeira edição foi surpreendente, nem conseguimos dimensionar. A gente só foi lá e fez! E foi incrível, “a lona lotou [...] foi todo mundo lá ver assim. E depois da primeira... da primeira Ocupação...”(TAY MARIA, 2020), depois da euforia,

[5] Apelido de Beatriz Santiago

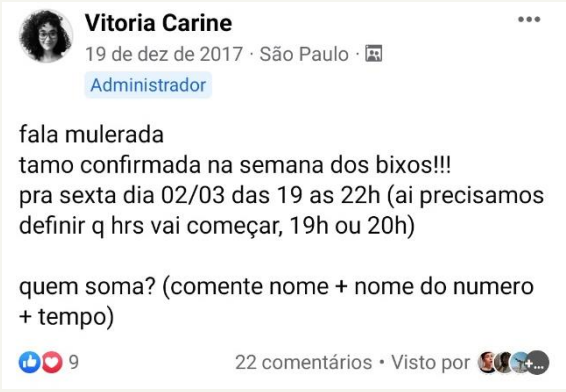
principalmente pela maneira que aconteceu, vieram novos burburinhos: “vamos fazer de novo, foi massa, vamos fazer de novo.” (TAY MARIA, 2020).

Então vamos fazer de novo! E “eu lembro que a gente fez uma reunião, não lembro onde foi [...], como que a gente chamou essa reunião, mas a gente fez uma reunião para falar sobre como foi a última. ” (TAY MARIA, 2020). Eu também lembro que existiu esse encontro Tay, para poder conversar sobre impressões, dividir como tinha sido a experiência. Mas confesso, que não lembrava nada além disso, até que, olha o que eu achei.

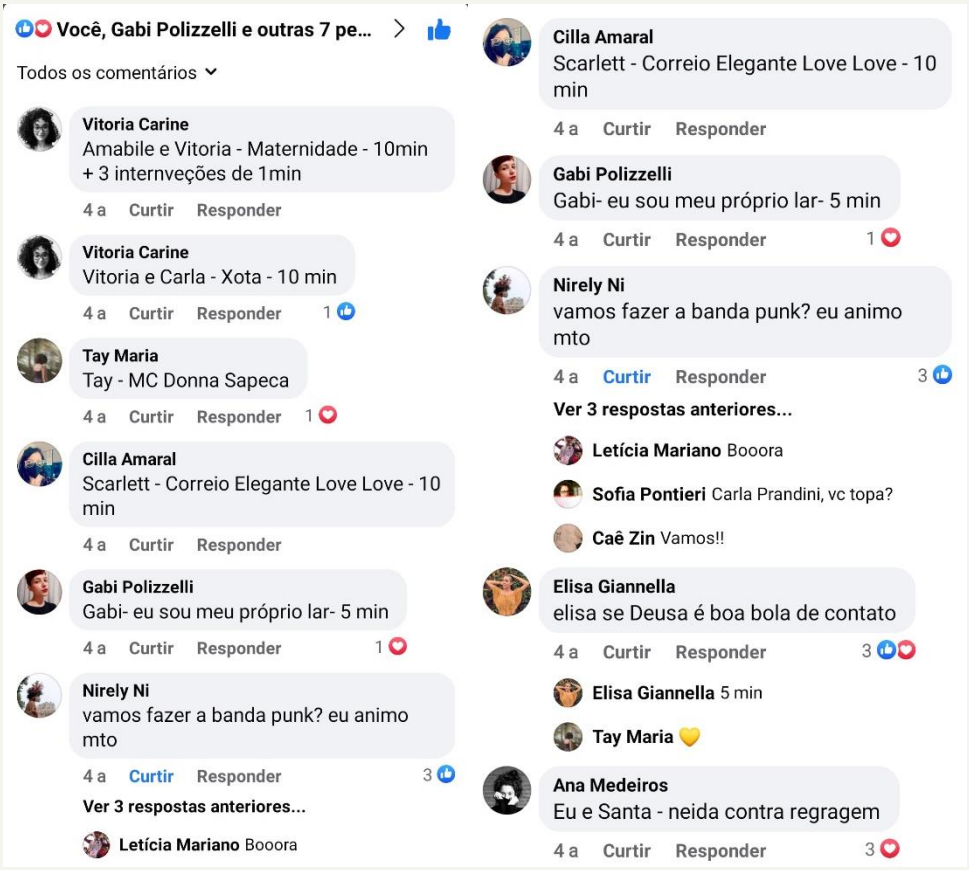


(Ambas print’s retirado da internet, Facebook,2022)

Encontrei estas postagens, e nelas podemos ver que tentamos marcar uma reunião em dezembro de 2017, mas como era fim de ano, pouquíssimas pessoas apareceram. Após esse primeiro encontro esvaziado, surgiu a possibilidade de fazer mais um cabaré no dia 02 de março de 2018, na semana de recepção de calouros da UNESP (popularmente conhecida como “*semana dos bichos*”). Nós, que estávamos na animação para continuar, topamos imediatamente. E já começamos a organizar quem queria apresentar, combinando ali, pelos comentários mesmo.

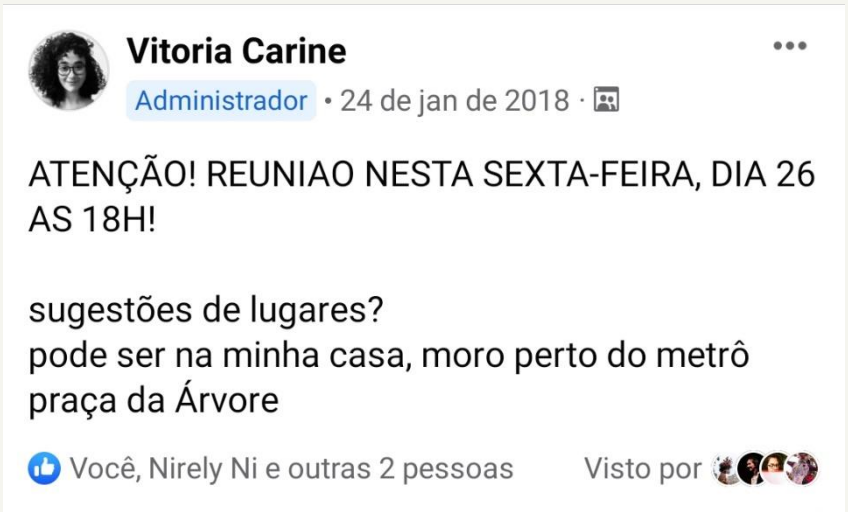


(Print retirado da internet, Facebook,2022)

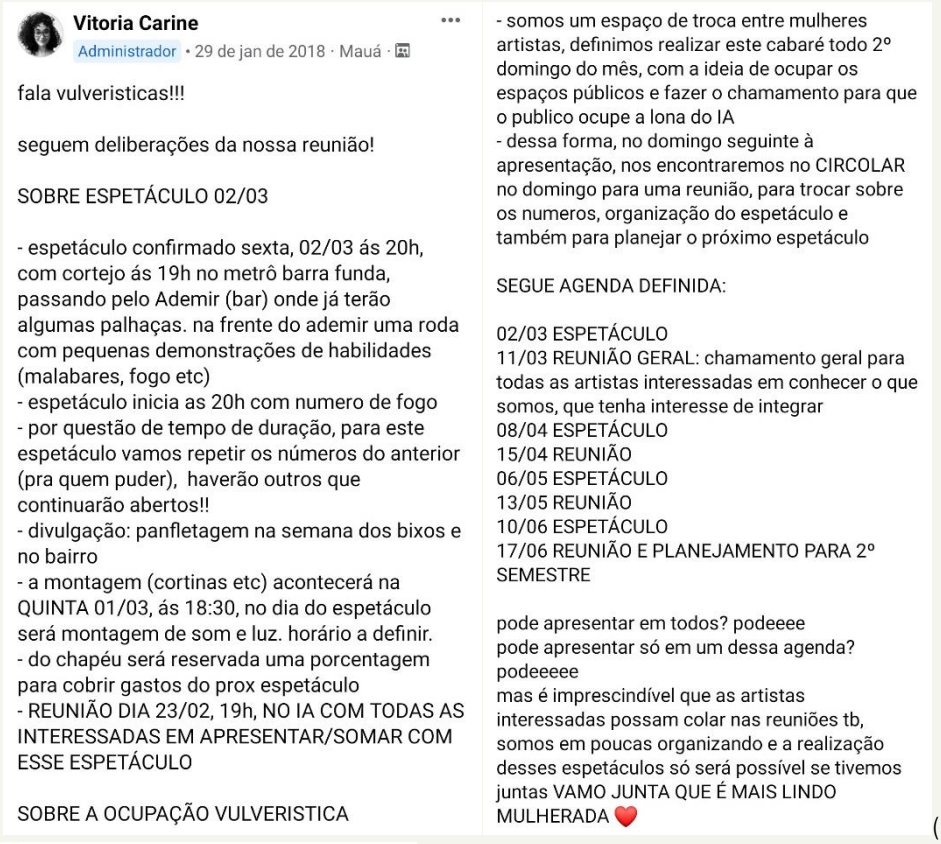


(Ambas print's retirado da internet, Facebook,2022)

Mas ainda existia o desejo de conversar sobre a primeira edição, entender o que estávamos criando. E nesse momento, mais do que nunca, pensar em como nos organizaríamos para essa segunda apresentação. No início do ano, 2018, conseguimos de fato realizar esse encontro.



(Print retirado da internet, Facebook,2022)



Vitoria Carine
Administrador • 29 de jan de 2018 · Mauá ·

fala vulveristicas!!!

seguem deliberações da nossa reunião!

SOBRE ESPETÁCULO 02/03

- espetáculo confirmado sexta, 02/03 ás 20h, com cortejo ás 19h no metrô barra funda, passando pelo Ademir (bar) onde já terão algumas palhaças. na frente do ademir uma roda com pequenas demonstrações de habilidades (malabares, fogo etc)
- espetáculo inicia as 20h com numero de fogo
- por questão de tempo de duração, para este espetáculo vamos repetir os números do anterior (pra quem puder), haverão outros que continuarão abertos!!
- divulgação: panfletagem na semana dos bixos e no bairro
- a montagem (cortinas etc) acontecerá na QUINTA 01/03, ás 18:30, no dia do espetáculo será montagem de som e luz. horário a definir.
- do chapéu será reservada uma porcentagem para cobrir gastos do prox espetáculo
- REUNIÃO DIA 23/02, 19h, NO IA COM TODAS AS INTERESSADAS EM APRESENTAR/SOMAR COM ESSE ESPETÁCULO

SOBRE A OCUPAÇÃO VULVERISTICA

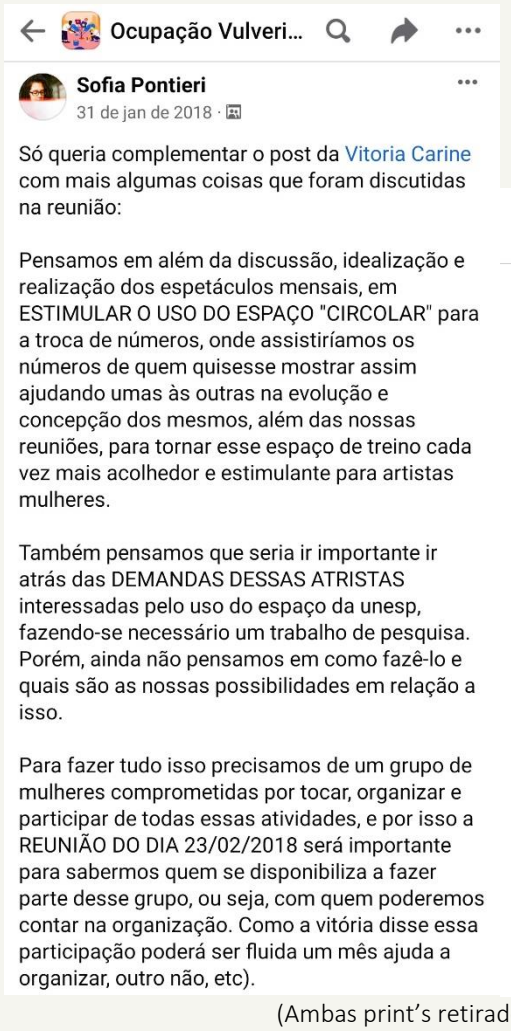
- somos um espaço de troca entre mulheres artistas, definimos realizar este cabaré todo 2º domingo do mês, com a ideia de ocupar os espaços públicos e fazer o chamamento para que o publico ocupe a lona do IA
- dessa forma, no domingo seguinte à apresentação, nos encontraremos no CIRCOLAR no domingo para uma reunião, para trocar sobre os numeros, organização do espetáculo e também para planejar o próximo espetáculo

SEGUE AGENDA DEFINIDA:

02/03 ESPETÁCULO
11/03 REUNIÃO GERAL: chamamento geral para todas as artistas interessadas em conhecer o que somos, que tenha interesse de integrar
08/04 ESPETÁCULO
15/04 REUNIÃO
06/05 ESPETÁCULO
13/05 REUNIÃO
10/06 ESPETÁCULO
17/06 REUNIÃO E PLANEJAMENTO PARA 2º SEMESTRE

pode apresentar em todos? podeeee
pode apresentar só em um dessa agenda? podeeeee
mas é imprescindível que as artistas interessadas possam colar nas reuniões tb, somos em poucas organizando e a realização desses espetáculos só será possível se tivemos juntas VAMO JUNTA QUE É MAIS LINDO MULHERADA ❤️

(



Ocupação Vulveri...

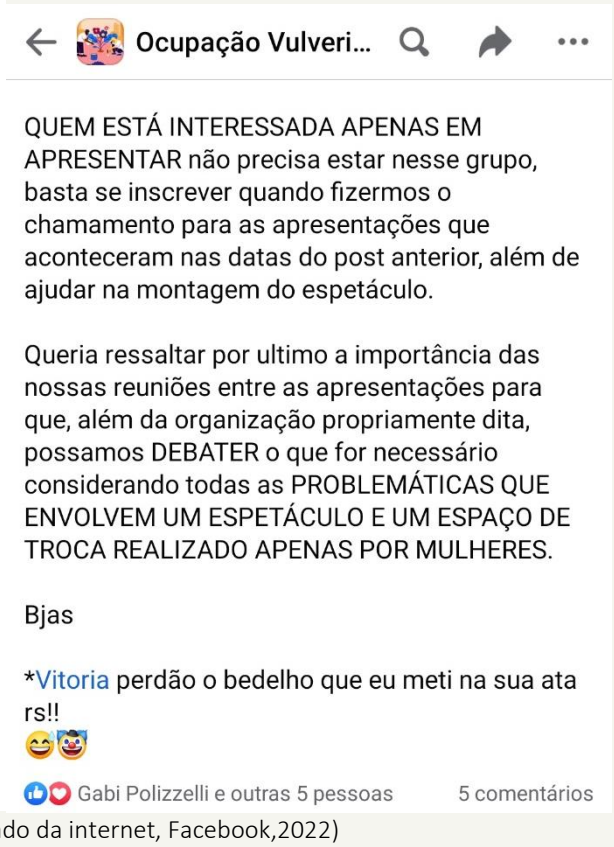
Sofia Pontieri
31 de jan de 2018 ·

Só queria complementar o post da Vitoria Carine com mais algumas coisas que foram discutidas na reunião:

Pensamos em além da discussão, idealização e realização dos espetáculos mensais, em ESTIMULAR O USO DO ESPAÇO "CIRCOLAR" para a troca de números, onde assistiríamos os números de quem quisesse mostrar assim ajudando umas às outras na evolução e concepção dos mesmos, além das nossas reuniões, para tornar esse espaço de treino cada vez mais acolhedor e estimulante para artistas mulheres.

Também pensamos que seria ir importante ir atrás das DEMANDAS DESSAS ATRISTAS interessadas pelo uso do espaço da unesp, fazendo-se necessário um trabalho de pesquisa. Porém, ainda não pensamos em como fazê-lo e quais são as nossas possibilidades em relação a isso.

Para fazer tudo isso precisamos de um grupo de mulheres comprometidas por tocar, organizar e participar de todas essas atividades, e por isso a REUNIÃO DO DIA 23/02/2018 será importante para sabermos quem se disponibiliza a fazer parte desse grupo, ou seja, com quem poderemos contar na organização. Como a vitória disse essa participação poderá ser fluida um mês ajuda a organizar, outro não, etc).



Ocupação Vulveri...

QUEM ESTÁ INTERESSADA APENAS EM APRESENTAR não precisa estar nesse grupo, basta se inscrever quando fizermos o chamamento para as apresentações que aconteceram nas datas do post anterior, além de ajudar na montagem do espetáculo.

Queria ressaltar por ultimo a importância das nossas reuniões entre as apresentações para que, além da organização propriamente dita, possamos DEBATER o que for necessário considerando todas as PROBLEMÁTICAS QUE ENVOLVEM UM ESPETÁCULO E UM ESPAÇO DE TROCA REALIZADO APENAS POR MULHERES.

Bjas

*Vitoria perdão o bedelho que eu meti na sua ata rs!!
😅🤡

Gabi Polizzelli e outras 5 pessoas 5 comentários

(Ambas print's retirado da internet, Facebook,2022)

> Uma curiosidade: Nós tínhamos muita mania de fazer ata para todas as reuniões, mas mantê-las guardadas e organizadas não era uma realidade. Foi sorte encontrar alguns desses registros. Provavelmente essa mania foi uma influência de organizações autônomas, como o movimento estudantil.

A partir dessas anotações foi possível solucionar algumas lacunas. Como ficou registrado, nessa reunião definimos pontos muito importantes sobre nossa organização e atuação dentro da lona. Olha que curioso os pontos de organização que elencamos: cortejo, divulgação, montagem técnica, chapéu/finanças, todos se aproximam do que adiante nomeamos de comissões. Entretanto, neste momento não definimos pessoas específicas para se responsabilizar por determinada demanda, apenas listamos as necessidades para executar o cabaré.

E no dia 02 de março de 2018, chegamos a *2ª Ocupação Vulveristica na Lona*. Novamente foi incrível! Na semana seguinte, nós nos encontramos na lona para conversarmos. A ideia, mais uma vez, era fazermos considerações acerca da nossa prática. Fizemos "um balanço positivo da apresentação; estávamos mais calmas e com tempo, então pudemos realizar os números e a contrarregragem com calma." (ATA, 2018)[6]. Até aí tudo certo, porém no quesito organização foi um pouco desorganizado, tivemos problemas técnicos com divulgação, iluminação, fotografias e com a distribuição de tarefas.

Nesta edição, por exemplo, algumas pessoas começaram a aprender a montar as cortinas do circo, devido a esse momento de aprendizagem, essa montagem foi dividida em dois dias: uma parte no dia anterior e a outra parte no dia da apresentação. Esse fato fez com que, no dia, a montagem fosse mais rápida. E nós tivemos mais tempo, o que ocasionou em uma apresentação mais tranquila. Entretanto os problemas foram com a nossa logística. Entendemos que "a montagem foi bem-sucedida, terminou cedo, foi eficiente dividi-la em dois dias, mas também sobrecarregou algumas pessoas" (ATA, 2018).

Aqui cito esse exemplo da montagem técnica, mas foram diversos contratempos que nos fizeram perceber que quando não se definem responsáveis para determinada ação, significa que não tem ninguém responsável por aquilo. E "tipo,

---

[6] Ata de Reunião da Ocupação Vulverística na lona 11/03. Publicado por Sofia Pontiere. São Paulo, 14 de mar. 2018. Facebook: Ocupação Vulveristica na lona – grupo privado. Disponível em: https://web.facebook.com/groups/141986963200657/permalink/200351777364175. Acessado em 01 ago. 2021. Foi publicado em um grupo privado, mas você pode acessa-la aqui: **ANEXO A – Ata da Reunião de organização da 3ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona realizado no dia 11 de março de 2018**

no início, a gente achou que todo mundo tomava conta, né. Todo mundo tomava conta de tudo." (BEATRIZ SANTIAGO, 2020) só que "quando todo mundo faz tudo, na real, seis pessoas fazem tudo [...]" (TAY MARIA 2020). A ideia não era sobrecarregar ninguém, era fazer junto, de forma coletiva.

> [...] como a gente tinha essa proposta horizontal, a gente não queria que ninguém encabeçasse, não tinha a pessoa que era a produção, a pessoa que era a produtora ali. A pessoa que tinha a responsa do som, não tinha. Era todo mundo fazendo tudo, e a gente entendeu que não dava. E nessa proposta horizontal a gente começou a se organizar em comissões. (TAY MARIA, 2020)

Então após a 2ª Ocupação, e antes da 3ª edição, ponderamos o que estava funcionando e principalmente o que não estava, e "a partir dessa discussão elaboramos uma forma de produzir e realizar o espetáculo por meio de comissões" (ATA, 2018).

Uma das coisas que acho interessante disso tudo é que a gente não precisou inventar necessariamente uma organização. Ao refletirmos sobre o que já estávamos fazendo, criamos cada comissão. Só olhando para trás, para o nosso fazer.

Santa relembra que "quando a gente começou esse processo das comissões, inicialmente a gente imaginou que, tipo, um grupo de iluminação, um grupo da limpeza, um grupo do som... e a gente foi se dividindo assim". (BEATRIZ SANTIAGO, 2020). Essa memória dela, é muito simbólica, pois as comissões sempre estiveram imbricadas no nosso fazer, correlacionadas diretamente com a nossa ação. E o processo foi muito orgânico, "então as comissões foram surgindo conforme a necessidade também né, a necessidade e desejo de melhor organizar esse todo". (BEATRIZ SANTIAGO 2020).

- **Potências desta organização**

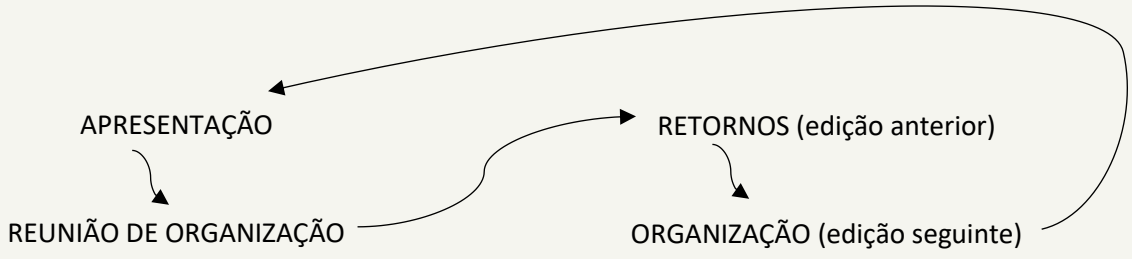
> [...] esse sistema de se organizar funcionou bastante também, sabe? Tipo, era muito massa, sei lá. A gente começa a organizar a ocupação um mês e meio antes, dois meses antes, e aí ver passo a passo, sabe? Passo a passo. As comissões se fortalecendo, conseguindo fazer o trampo delas, para no final, assim, a gente ver aquela lona cheia, sabe? (MARÉ OLIVERIA, 2020)

A forma como escolhemos nos organizar, desde os motivos, as comissões até a maneira como elaboramos nossa organização, tem muita potência! Potências artísticas e pedagógicas. Na época eu enxergava algumas, hoje compreendo outras, cada qual com suas relevâncias. Quero compartilhá-las com você, dialogando com Paulo Freire. Aproveito para te convidar a olharmos e refletirmos juntes essas

descobertas, associando-as aos saberes, que FREIRE diz serem necessários para uma prática educativa em favor da autonomia. Aqui irei relacionar com determinados saberes, e não com todos, mas "[...] espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido" (FREIRE, 2011, p.15).

Bom quero começar pela maneira como criamos nosso modo de organização[7]. Pois observo nessa trajetória que vivenciamos o conceito de práxis que Paulo Freire tanto fala, a prática enquanto "movimento dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 2011, p.39). Porque partimos da prática, aos poucos fomos nos aproximando do ato de pensar sobre ela, e então, voltamos à prática. Depois começamos a desenvolver o pensar crítico sobre nosso fazer e sempre retornando para a ação. E dessa forma, sem necessariamente termos consciência, fomos nos aproximando do conceito de práxis cada vez mais.

Dentro da nossa organização sempre realizamos reuniões entre as apresentações, buscando melhorar a organização. E dessa forma criamos um ciclo: Apresentação ↔ Reunião/Reflexão. Acredito que sentíamos essa necessidade porque a repercussão foi muito maior do que imaginávamos. E já que dar continuidade era uma vontade coletiva, logo, se fazia necessário questionar o que estávamos fazendo. E organicamente foi virando um hábito conversar após cada Ocupação.



> É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio *discurso teórico*, necessário à reflexão crítica, *tem de ser de tal modo que se confunda com a prática.* O seu "distanciamento epistemológico" da prática enquanto objeto de sua análise deve dela "aproxima-lo" ao máximo. (FREIRE, 2011, p. 40, *grifo próprio*)

E a princípio era exatamente isso que nós fazíamos, nossas reflexões eram combustíveis para nossa ação. Porque ao realizar o cabaré, queríamos fazer de novo, então começamos a dialogar, e essas reflexões eram justamente para que o nosso modo de fazer se aprimorasse. Retornamos a prática realizando outro cabaré, enxergávamos equívocos, dos quais só percebemos quando começamos uma

[7]Conto no texto **Como surgiram as comissões**

reflexão crítica: onde compartilhamos nossas impressões, elencamos o que estava dando certo e o que não estava funcionando e avaliamos a dinâmica organizacional da apresentação em questão. A partir dos apontamentos e questionamentos levantados, elaboramos novas formas de atuação visando melhorar a nossa prática. Compreendo hoje que vivenciamos a práxis de forma intuitiva, tão *confundida* nas nossas ações, que arrisco me ao dizer que se soubéssemos racionalmente disso, na época, provavelmente, não teria dado tão certo.

> Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (FREIRE, 2011, p.40).

Falando em curiosidades (ingênua e epistemológica), ambas estão presentes por aqui. Porque, veja bem, a curiosidade também nos moveu. “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta [...]” (FREIRE, 2011, p.33): E se fizéssemos um cabaré só de mulheres? E se a gente ocupar a lona da UNESP? A gente pode entrar aqui? O que será que vai acontecer? Será que viria alguém? Será que se a gente apresentar só entre nós muda alguma coisa? Podemos aprender a montar as cortinas do circo? E subir nessa escada e afinar esse refletor? É possível a gente montar o sistema de som sem saber mexer? – (Eu sei) – Ah, então você me ensina? Será que a gente consegue organizar tudo sozinhas (es)? Todas essas, e muitas outras, perguntas/curiosidades nos motivaram.

> [...] a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna na *curiosidade epistemológica*. (FREIRE, 2011, p.33)

Todas as curiosidades ingênuas se transformaram em epistemológicas pela nossa *práxis*, e isso nos possibilitou olhar com criticidade para nossos desejos, e percorrendo esse caminho elaboramos o projeto *Ocupação Vulveristica na Lona*. – *Através de uma organização não-hierarquizada, democrática e colaborativa promover um espaço formativo e um ambiente favorável para experimentações artísticas (cabarés, oficinas e outras manifestações) e compartilhamento de saberes (atuação*

nas comissões, reuniões, treinos, roda de conversas), criando assim possibilidades de um ambiente favorável para o desenvolvimento de autonomia[8].

> Eu, particularmente acredito muito em uma horizontalidade de trabalho de grupo, de uma forma que seja ali horizontal. E aí, eu acho que a ocupação ela me deu essa oportunidade de poder vivenciar um pouco isso né, que a gente acredita que... e se colocar em situação é outra coisa. E a Ocupação fez, eu poder acreditar nisso. (TAY MARIA, 2020)

Um comentário: Se tem uma coisa que fazíamos era nos colocar em situação, né Tay? Mas sabe de uma coisa, a *Ocupação* nos deu essa oportunidade porque nós a criamos.

Um dos pontos chaves da nossa organização eram as comissões (grupos de trabalho, divididos a partir de necessidades técnicas e organizacionais: produção, divulgação, registro, montagem – cortina, ancoragem e preparação do espaço, som, luz, alimentação – artistas e barraquinha, expositoras, segurança, limpeza, finanças. Todas surgem dentro dessa dinâmica ação e reflexão, mas uma coisa intrigante é que elas também surgem das nossas falhas, dos nossos não saberes, das nossas curiosidades (ingênuas e epistemológicas) e vontades em aprender o que não sabíamos fazer.

Acho muito interessante nossa escolha de se dividir em comissões, porque, assim como era um jeito de nos organizarmos, também era uma oportunidade de aprendizado. De aprendemos através do compartilhamento de experiências e pela troca de saberes, afinal “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011, p. 24).

Poder trocar entre si e, também, com o espaço físico da lona, ambas as trocas nos possibilitaram aprendizagens. Não dá para negar que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (FREIRE, 2011, p.45). E pelas trocas nós buscamos liberdade para criar a possibilidades de aprendermos o que não sabíamos e compartilhar o que sabíamos. Tudo muito organicamente, pelo nosso modo de fazer. E a cada novo passo, fomos ao encontro de FREIRE novamente, pois “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 24).

E peço licença para compartilhar mais a fundo a trajetória da Natiele, Nati como eu gosto de chamá-la, porque nada melhor que uma experiência prática para podemos seguir refletindo, não é mesmo, Freire?

> Eu acho que esse tipo de organização é uma organização que, eu acho, que funciona muito. [...] E aí, o que eu acho que é legal assim, que para mim

[8]Trecho retirado do texto **A procura pela prática nos definiu: Queríamos fazer um cabaré e criamos um projeto.**

> funciona muito, desse tipo de organização de um coletivo, é justamente... [...] essa ideia de, tipo assim, pode estar junto quem já tem muita experiência, como pode estar junto que não tem experiência nenhuma, ou como quem tem pouca experiência, tipo, quem quiser, quem tiver à vontade, é isso sabe. O quê que você precisa ter? Vontade sabe, a vontade de aprender. Vontade de estar junto. Porque daí, eu acho que é isso né, daí, você vai trocando.
>
> Então, tem uma ali que tem muita experiência, uma pessoa que não tem, então essas duas pessoas se juntam e vão entendendo como fazer né. Eu acho, que até na produção, foi pouco isso. Tipo, eu nunca tinha feito mesmo produção, e aí de repente eu tava alí, com mulheres que já tinha feito muitas vezes, a minha era a primeira vez, aí a gente foi trocando.
>
> E aí, depois eu já era uma das pessoas que já tinham experiência. Aí, chegou gente mais nova, que também nunca tinha tido experiência e eu pude, também, tipo, o que eu aprendi eu ensinei né. Então, eu acho que isso que é o mais massa, assim né. Porque é esse lugar de falar “a gente tem essa oportunidade para que a gente possa trocar, pra que a gente possa aprender juntas”.
>
> [...] o mais interessante, desse tipo de organização, é esse lugar sabe? De ser um espaço que você pode chegar, e você pode aprender, e isso não ser algo, tipo, isso não ser um bloqueio, você não ter experiência. Porque é isso, aí, você tem a experiência e depois você pode seguir né, fazendo outras coisas. Porque aí, do que eu aprendi na ocupação, eu levei isso para outros trampos né, para outros lugares. (NATIELE FONTANA, 2020, grifo próprio)

O que dizer depois desse relato? Por um breve momento fico sem palavras…. Vejo Paulo Freire constantemente nessa fala da Nati, ela fala sobre troca, aprender junto, sobre vontade de aprender (e eu diria *curiosidade*), parcerias onde ninguém é medido pela sua experiência, ou pela falta de. Isso me faz sentir que os pontos de encontro que estou traçando não são reflexões somente minhas, mesmo que Nati não cite Freire diretamente. E identifico, hoje, não apenas uma maneira de organização mas também uma proposta pedagógica emergindo.

Foram tantas pessoas envolvidas, e a cada edição chegavam mais. Artistas de todas as áreas: circo, teatro, dança, música, fotografia, sonoplastia, iluminação, às vezes até pessoas que nem eram das artes, o que fortalecia mais ainda esse ambiente de troca. Por exemplo, eu lembro quando a Sofia Tapajós, que é iluminadora, chegou na ocupação. Várias pessoas grudaram nela, para trocar com ela. E foi uma virada de chave, pois antes nós fizemos várias coisas equivocadas e quando tem a chegada de uma artista com conhecimentos técnicos (daquela área) possibilitou um desenvolvimento maior, foram vários aprendizados.

“Eu acho que o lance, assim, das comissões era algo que funcionava, com os seus perrengues e não perrengues, funcionava. ” (TAY MARIA, 2020). Vale lembrar que as pessoas responsáveis em cada comissão não eram fixas, então a cada novo

evento, nós redistribuímos as funções. Essa dinâmica de rotatividade possibilita liberdade para a gente decidir o que queríamos aprender ou desenvolver, e também vivenciar um pouco de cada coisa. E “isso é uma grande autonomia, né? A gente saber fazer um pouquinho de cada coisa. Ou ter uma noção só, já dá um BUM assim, dá um BUM.” (MARÉ OLIVEIRA, 2020).

> E eu acho que é isso [...] por exemplo, na iluminação. Eu fiquei essas duas vezes e tal, eu gostei, mas aí eu também entendi que, tipo assim, não é o que eu quero, sabe. Demorou um tempo né, porque é isso, a gente vai se conhecendo também, se entendendo. E aí, por exemplo, eu falei “Ah a iluminação acho que é algo assim, eu acho legal, mas eu acho que eu prefiro estar em outro lugar” Então acho, também, isso de você se conhecer, de se entender, de entender qual que é o que você mais gosta. *Acho que acabou se tornando esse espaço, sabe? De você se conhecer, de você entender o que que funciona ou não*, porque é isso, a gente tinha essa possibilidade de estar passando por essas comissões diferentes. *E aí, ter essa possibilidade de você, também, buscar encontrar em outros lugares. Eu acho que você vai entendendo mesmo que que faz sentido para você, né.* (NATIELE FONTANA, 2020, *grifos próprios).*

E a maneira como fazíamos, foi se intensificando mais ainda essas trocas e processos, pois buscamos a democratização do espaço da lona, ou pelo menos tentar diminuir os abismos de acesso desse espaço público. Mas de que maneira fizemos isso? Sempre realizando chamamentos públicos para que mais pessoas participassem, disponibilizando inscrições para participações dos espetáculos e divulgando que o projeto era aberto, colaborativo e rotativo.

(Chamamento para a organização da 3ªed. e a 7ªed. Da Ocupação, acervo ocupação, 2018 e 2019)

> No começo da ocupação, eu acho que não tinha essa visão sabe, que ia ser um lance que ia lotar tanto né. Porque é isso, a gente via muita gente indo assistir, porque normalmente as coisas acontecem dentro da faculdade, né, dentro da UNESP. Você vê quem vai assistir, pessoas da UNESP, sei lá, a galera da USP, né. E ali não, né. Na Ocupação querendo ou não, no circo, você via uma galera tipo muito aleatória né, assim, muito diferentes. Uma galera que você vê que não era da UNESP, que não era da USP, você via que era galera que tava tipo ali na rua e que veio assistir né, que colou assim. (NATIELE FONTANA, 2020)

Nós atingimos muitas pessoas, nossa capacidade de dialogar com a comunidade externa foi enorme, muito maior do que pudemos imaginar. *A produção de cada evento envolvia uma média de 25 a 30 artistas, por edição. Mais de 200 artistas participaram e colaboraram na Ocupação Vulveristica na Lona, nossa expectativa de público era em média 350 pessoas por apresentação, ou mais. Tivemos artistas de todas as regiões da cidade, incluindo o recorte da grande São Paulo, e até de outros estados como Bahia, Rio de Janeiro e Tocantins*[9].

> Eu acho que para mim toda vez, toda edição que a gente chegava e a lona tava lotada, quando o povo ficava de pé... teve uma edição que tinha um monte de gente de pé ali no fundo, as cadeiras óh (aponta pro braço todo arrepiado) todas as cadeiras tudo ali e o povo de pé no fundo, e você fala assim “Ah” (expressão de supresso). Quando que você vê uma lona de circo cheia, cheia assim, sabe? E pensar nessa apropriação do espaço público, que essa lona deveria ser pública e a gente tava lutando para fazer isso, sabe. (CAÊ PRANDINI, 2020).

Penso que esse impacto com artistas e a comunidade era tão intenso, porque as possibilidades que buscamos desenvolver ali, dialogavam diretamente com uma demanda que era externa também, porque as nossas demandas (que nos fizeram criar o projeto) não eram só nossas. Ter um espaço para treinar, experimentar, só entre mulheres, e não qualquer espaço, mas principalmente uma lona de circo. Oportunidade de vivenciar e aprender diversas técnicas, se apresentar artisticamente, e ainda por cima obter um material profissional do seu trabalho (fotos e vídeo). Todas essas demandas não eram só nossas e talvez por isso diversas pontes, realmente, se estabeleceram[10].

> Então, eu acho que foi isso, acho que a gente foi entendendo assim né, conforme o tempo, e os espetáculos foram passando, a gente foi entendendo o que funcionava, que que não, o que a gente precisava fazer, quais alterações precisava rolar. E aí, a gente foi amadurecendo mesmo assim, enquanto produção, enquanto ocupação, enquanto coletivo. (NATIELE FONTANA, 2020)

Eu sempre soube da potência dessa organização, mas de uma forma subjetiva, dentro da minha trajetória, mas poder ouvir tantos relatos, como o da Nati, e de todes que entrevistei, me fez reacreditar nas possibilidades que a *Ocupação* proporcionou. E na potência da dinâmica de organização que criamos. Aqui citei algumas, outras

---

[9] Trecho retirado do texto **A procura pela prática nos definiu: Queríamos fazer um cabaré e criamos um projeto.**

[10] Você encontrará mais sobre essas reverberações nos **Apêndices A, B, C, D e E - Entrevistas**.

vou citando ao longo da minha escrita, talvez de forma menos direta, mas registrando-as nas tramas desta história. E tantas outras potências que infelizmente ficaram para uma outra pesquisa talvez, mas você pode encontrar nas muito mais nas entrevistas e a partir das suas próprias reflexões.

> "[...] eu botei muita fé no projeto sabe. Eu achei muito massa [...] Essa ocupação de fato, daquele espaço, por aqueles corpos que estavam ocupando aquele espaço. Eu vi muita potência mesmo. Em toda essa organização que aos poucos eu fui me familiarizando" (MARÉ OLIVEIRA, 2020)

Optei em realizar as entrevistas desta monografia muito movida pela vontade de não registar essa história sozinha, buscando recuperar memórias, minhas e de parceires. E aqui, no meio do caminho, reparei que a gente sempre refletiu muito sobre o que fazer, o que melhorar, correndo atrás de tempo para termos esse espaço de troca e aprendizado, porém não me lembro de termos compartilharmos, na época, como havia sido vivenciar essa organização. Então poder escutar e olhar, atenciosamente, para a experiência de cada ume me fez entender que essas potências realmente estiveram lá, e fomos nós quem criamos.

(7ª Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2019)

Um agradecimento e reconhecimento especial: Sofia Pontieri a grande idealizadora de toda a identidade visual da Ocupação, responsável por praticamente todos os cartazes e desenhos utilizados nas divulgações. Sofia você é FOOODA!!!

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

06-05-2018

19H-20:30H

ESPETACULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES

18H CORTEJO NA ESTAÇÃO PALMEIRAS-BARRA FUNDA

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES - UNESP
SÃO PAULO - SP

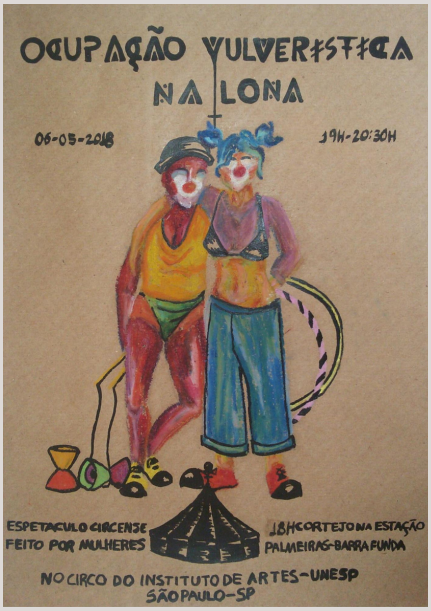
3ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

06 DE MAIO DE 2018

Cabaré de variedades

FOTOS



(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER

(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

3ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

(Fotografia Clara)

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

- **Nem tudo que idealizamos foi possível na prática: Nem todas as práticas foram possíveis para todes.**

Todas as vezes em que eu conto a trajetória da *Ocupação Vulverística na lona* a alguém, principalmente nos quesitos de o que era o projeto, como a gente se organizava, tudo que realizamos… na maioria das vezes, as pessoas demonstram muito interesse e admiração. E olha que eu não deixo os pormenores de lado, falo de forma honesta, reflexiva e crítica, assumindo erros, problemáticas, e diversos equívocos. E independente do contexto todo do projeto, afinal as coisas coexistem, percebo que a organização ecoa que gera interesses.

Acredito que esse interesse se dá pela força das vivências relatadas e pela materialização dos registros que temos, que de alguma maneira dá credibilidade às premissas do projeto. E porque de fato, em algumas instâncias, conseguimos sim aliar nossas teorias com as práticas. Mas será que “funcionou” em sua totalidade? E te digo, obviamente que não. Criar algo novo de forma coletiva e democrática é desafiador, e também demanda tempo de desenvolvimento e amadurecimento. Nós, essa coletividade que foi a ocupação, criamos esse projeto do zero, a maioria das pessoas tinham pouquíssimas experiências, ou nenhuma, com produção de eventos/apresentações, ainda mais no porte que foi a *Ocupação*, logo tivemos muitos desafios no caminho.

Eu sempre enxerguei muita potência nesse modo de ação, e por isso preciso te alertar, a trajetória da ocupação está passiva ao risco eminente de romanização, e por isso tenhamos cuidado. Como FREIRE (2011) já disse, a reflexão crítica sobre a prática se faz necessária. Ao me questionar do por que nossa organização impactava tanto as pessoas (com as quais tive essa troca) algo me intrigou. Percebi que olhar para nossa maneira de fazer me convoca a uma reflexão pedagógica/educacional. E por estar realizando este registro escrito me sinto na responsabilidade de te contar, e refletir junto, sobre as dificuldades, contradições e complexidades que encontramos dentro da nossa organização. Ou melhor, as que eu encontrei.

Diversas pessoas compuseram a *Ocupação*, uma multiplicidade de pessoas com diversas realidades diferentes e cada ume viveu experiências completamente singulares ali. Seria muita pretensão querer dar conta de todas as complexidades que coexistiram. Não darei, e nem teria como dar, conta de abordar todas essas tramas.

Logo te digo, ou relembro, esse trabalho traz uma perspectiva em diálogo, apenas uma entre as milhares que existiram naquela coletividade.

Ao iniciar este texto aqui, eu travei e me vi em crise. Pois a *Ocupação* encerrou suas atividades em 2019, e desde então eu já fiz diversas reflexões sobre o projeto, porém nunca em palavras escritas. E fazer esse movimento das reflexões que já estão em movimento nos pensamentos e na palavra oral, para uma escrita tem sido desafiador. Me custou dias e dias de elaborações, frustrações e até choros. Mas em dado momento compreendi que um dos incômodos que me impossibilitaram seguir esses caminhos, os quais eu mesma escolhi trilhar, foi que me peguei em dicotomias: acertos e erros, o que funcionou e não funcionou e o que eu pensava e o que penso hoje.

Eu queria propor uma reflexão sobre isso, mas essa dicotomia binária me deixava inquieta. Fora os questionamentos de será que vou me contradizer escrevendo sobre as potências e ao mesmo tempo sobre "tudo que deu errado"? E após dar voltas, mais voltas e reviravoltas dentro da minha cabeça, me encontrei com Rufino. E percebi que estava me perdendo na armadilha de pensamentos coloniais dicotômicos.

> A gênese do projeto educacional brasileiro se constitui a partir das missões cristãs, das catequeses e das políticas de conversão. As dinâmicas de suas atuações expunham uma das principais características do pensamento moderno ocidental, que é a produção de dicotomias e a redução da complexidade social. (RUFINO, 2017, p.134)

Rufino propõem em pedagogia das encruzilhadas, "um projeto poético/político/ético/antirracista/decolonial assentado no signo Exu" (2017, p.22). Onde compreende diversos princípios do orixá Exu, dentre eles a noção de uma prática em encruzilhadas como caminho de transgressão.

> "A encruzilhada é o principal conceito que fia e ata os pontos deste trabalho. A noção assente nas potências do orixá Exu transborda os limites de um mundo balizado em dicotomias. A tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no *entre*. A dupla consciência a existência pendular, a condição vacilante do ser é, a princípio, o efeito daquilo que se expressa a partir do fenômeno do *cruzo*." (RUFINO, 2017, p.46)

RUFINO nos provoca a ver a fragilidade naquilo "que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem pautada nos binarismos", lógica essa que reduz as experiências de vida e suas "complexidades, imprevisibilidades e impossibilidades" (2017, p.46). Penso que as reflexões sobre a

organização da ocupação são muitas e estão em constantemente emaranhadas, encruzilhadas e se afetando entre si. Diante disso, te convido a buscarmos esses *cruzos* e quem sabe encontrar outros caminhos também.

Bom, vamos lá. Uma das premissas da *Ocupação* era construí um ambiente de coletividade democrática e horizontal entre mulheres, e o caminho que seguimos foi de uma organização divididas em comissões[1]. Visando essas comissões como um meio das pessoas trocarem/aprenderem ao mesmo tempo que realizavam as necessidades para o evento acontecer. Tudo isso de uma forma rotativa, onde a cada nova edição as pessoas poderiam se redistribuir em novas funções.

E dentro dessa dinâmica quem é a *Ocupação Vulveristica na Lona*? A proposta era ser um espaço, um projeto, e não um coletivo, com um grupo fixo de pessoas. Era um aglomerado de diversas pessoas que formava essa coletividade, totalmente aberta e fluida. Sem contar que sempre realizamos chamamentos públicos para que mais artistas participassem. Essa realidade permitiu liberdade e manteve o projeto em constante movimento e sempre com muitas pessoas envolvidas, eu diria até que foi um dos componentes que fez a visibilidade ser tão grande, mas enfim... isso fez com que a ocupação tivesse diversas configurações.

Existiram pessoas que participaram desta primeira até a última edição, quem participou das primeiras e depois saiu, quem esteve em edições intercaladas ou esporádicas, teve também quem participou apenas uma vez, e a nossa proposta era mesmo a existência dessa reflexibilidade. Porém essa reflexibilidade nos mantinha em constantes incertezas, o que não é exatamente um problema. Entretanto uma coletividade se faz de individualidades, de indivíduos, e sendo assim exige comprometimento e responsabilidades, o que nem todas as pessoas envolvidas tiveram. Afinal quem era a Ocupação? Era todo mundo. Mas quem é todo mundo? Muitas vezes não era ninguém, ou as responsabilidades sempre caiam em cima das mesmas pessoas, e isso pesou.

Aconteceram diversos casos de pessoas, que haviam se comprometido com alguma tarefa/comissão, saírem da organização, e muitas vezes apenas dizendo “não vou poder mais” e pronto. E sem julgamentos dos motivos, afinal a ideia era sim acolher quem pudesse estar e quem não pudesse também, a pessoa poderia retornar

[1]Organização é explicada em **Como era a organização**

em qualquer outro momento. Porém isso ocasionava em uma sobrecarga de quem ficava.

> [...] você se coloca ali disponível para estar, você quer estar, Então você tem as suas funções, as suas trampos, as suas responsabilidades. Isso é uma coisa que eu acho que ficava muito solta, sabe. Então às vezes nessa edição eu tô, [...] eu tô aqui peguei essa função, sei lá X, uma função X, uma comissão X, e mas... não sei, eu tô cheia de trabalho, né. Então não sei se eu vou dar conta. Acabo não dando, mas deixa que outro faz. (MARÉ OLIVEIRA, 2020)

Eu estive em todas as organizações, da primeira até a última e posso te dizer que isso aconteceu muitas vezes, comigo e com muitas outras pessoas. E diante a essa proporção se tornou uma questão, que ao me ver, afetou diretamente o bem-estar das pessoas envolvidas. Independente das motivações que levavam algumas pessoas precisarem ou optarem por abrir mão de uma responsabilidade perante ao coletivo, isso gerava uma sobrecarga. E para complicar mais ainda a coletividade que seguiu também não conseguiu dar conta dessas situações. Essas atitudes sobrecarregam muito as pessoas que ficavam, principalmente porque ainda precisavam lidar com as demandas do evento, e inevitavelmente o peso transbordava para o dia da apresentação.

Sendo assim a ideia de que a gente aproveitasse a oportunidade de fazer o evento, onde já iriamos ter que realizar diversas necessidade técnicas, como motivação para aprender coisas novas, incentivando a troca de saberes, ficava comprometida de diversas formas. Te relato alguns exemplos, nas primeiras edições fiquei na comissão de produção com mais três pessoas, e aconteceu que todas tiveram imprevistos durante a organização e quando eu dei por mim estava só eu. Ao perceber que as pessoas de outras comissões também estavam sobrecarregadas, não vi alternativa a não ser assumir a responsabilidade sozinha. Foi muito desgastante a impossibilidade de trocar com outras pessoas e lidar com a demanda do antes, do durante e do depois (afinal a produção é uma das comissões que tinha uma atuação quase ininterrupta).

> Eu me lembro de uma vez que eu fiquei… tipo, a gente se organizou muito mal, e eu fiquei sozinha para fazer a comida. E aí, era uma comida que a gente planejava para 40 pessoas. E aí, eu fiquei sozinha, foi uma das últimas edições. E aí, mano, no fim acabei ficando sozinha, porque tipo, a gente falou que ia fazer, não sei quem, chegou na hora tive que fazer. Eu pedi ajuda do meu companheiro, Jupitter, ele me ajudou cortando mandioca, descascando mandioca, e aí fizemos... A lembrei, tipo, alguém ia ficar com lanche e eu fiquei com o almoço, mas ficar com o almoço para uma pessoa sozinha é muita coisa.

> Tipo, cozinhar para muita gente, meu Deus eu nunca fiz isso! Então, tipo, foi uma descoberta assim. Sozinha, mas rolou. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

Outro exemplo, na comissão de iluminação. Entre 2018 e 2019 o circo da UNESP passou por uma reforma elétrica e se criou um sistema de iluminação para o circo. Na época eu estava como bolsista do circo e fui uma das pessoas que estava aprendendo como funcionava esse novo sistema, fazendo essa ponte para *Ocupação*. Por isso em algumas edições estive nessa comissão, e precisava lidar com o fato de ainda estar aprendendo, junto com a responsabilidade de compartilhar aquele conhecimento. Mas foi extremamente difícil, pois ao mesmo tempo que eu ainda estava aprendendo precisava compartilhar. E tudo bem, eu estava ali na tentativa e no erro, entendendo muita coisa. Mas mesmo assumindo minhas limitações para as pessoas que estavam comigo na comissão, a pressão de ter que dar certo por conta da apresentação, somada ao pouco tempo, dificultava que acontecesse trocas, ou a possibilidade de descobrirmos juntes o que ninguém sabia. E isso enfraquecia a potência daquela situação.

> E além disso assim nesse modelo da Ocupação, pensando nesse modelo, num grupo grande num espaço que algumas pessoas conhecem algumas não. Que na Ocupação a gente tinha essa proposta de aprender, então eu sei luz você não sabe eu te ensino, eu troco com você. Você sabe sei lá fazer um bagulho de divulgação ali, uns trâmites do evento do Facebook, do Instagram, a gente troca. Essa era uma ideia muito legal, porém na prática não dava tempo, porque não dá, eu tenho aqui 2 horas, sei la 3 horas, para montar luz e som, tem muita coisa fazer, não dá tempo de eu parar e te ensinar, porque daqui a pouco tenho que me trocar e era muita coisa. (TAY MARIA, 2020)

Por diversas vezes me frustrei com esses momentos, e entrei em contradições do que eu acreditava e do que estava conseguindo fazer na prática. Através das trocas com ês entrevistades percebi que essa situação não aconteceu só comigo, mesmo que de outras formas, nossos relatos dialogam entre si.

> Então, tipo, tem essas coisas também, né. De como… de como, sei lá… de como a gente contabiliza melhor, como a gente planeja melhor quem vai estar presente, quem vai fazer cada coisa, acho que a gente dividia bem. Mas ao mesmo tempo, às vezes, sobrava muito para uma pessoa fazer, né. Lembro disso sobre a produção mesmo. Que você mesma, tipo, ficava super sobrecarregada, tinha pessoas juntas, às vezes, fazendo, mas também rola um lugar de “A tal pessoa dá conta, então ela vai fazer” e não era exatamente assim. Eu acho que isso foi algo de uma falha nossa, né. De não perceber coletivamente como lidar com essas demandas, com essas comissões que são mais pesadas, e que são mais suaves, ou que consegue ter o seu trabalho dividido. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

E vale dizer que essa situação ocorreu mais com as pessoas que estavam envolvidas a mais tempo no projeto. Por outro lado, tinha pessoas que só podiam estar no dia. E dentre essas pessoas haviam aquelas que já conheciam o circo, mas a grande maioria não conhecia e era a primeira vez naquele espaço. Para me ajudar a traçar pensamentos proponho uma intervenção em diálogo com Maré e Beatriz:

Maré – E aí, a gente também começou abrir espaço para pessoas que não eram da Universidade, ou que enfim, não tinham participado da primeira edição para colar também. Então a gente começou a fazer formulários, tanto para artistas, quanto pessoas que queriam parte da produção, da montagem, do não sei o que, né. Pra galera se inscrever. E aí, essa galera chegava por meio desse formulário, a gente organizava direitinho, entrava em contato, falava tipo os horários tinham que chegar e tal. Aí, todo mundo também recebia essa alimentação, era tudo nosso mesmo e essa galera vinha para somar.

E aí, o que por um lado era muito legal, eu acho, porque isso é um espaço público, isso é muito importante, a gente sempre teve isso muito nítido na nossa cabeça. Que é um espaço público e que as pessoas têm que estar aqui, isso não é nosso sabe? Nunca foi a ideia, no início, de ser nosso. Então, acho que muita gente teve chance de estar lá, apresentar e tal. Mas por outro lado, assim, eu acho que a gente não soube muito como fazer isso de fato acontecer, sabe. Porque as pessoas chegavam, muitas vezes vinha gente que a gente não conhecia, que ninguém conhecia mesmo. E super afim, chagavam lá 10 horas da manhã “não, bora fazer, bora fazer. O que tem que fazer?”

Beatriz – Porque imagina um monte de gente ali, que já tá apropriado desse espaço, que já tá, tipo, construindo. E aí, uma galera nova, que a gente convidou para chegar e tipo meio perdida. Então a gente começou a perceber que “Pera, acho que precisa sim de alguém para mediar. Tipo, quem vai de repente liderar esse grupo ou quem vai puxar, né. Não exatamente como liderar, mas de trocar as ideias, né.

Maré – Só que a gente não conseguia dizer muito, sabe. Não conseguia direcionar, não conseguia ensinar, porque muitas coisas precisavam ser ensinadas… e a gente também tava na função.

Era pouco tempo, sabe. Tipo das 10 horas da manhã até às 6 horas da tarde para você montar a luz, montar som, montar cortina, arrumar tudo, passar luz sabe é muita coisa, muita coisa. Então a gente não conseguia dar uma... um direcionamento para essas pessoas. Aí muitas vezes, tipo quem é mais tipo ligeiro, tals… desinibido. Ia lá, fazia e tal. Mas quem já é mais tímido, ou então não sabia muito por onde começar, muitas vezes ficava no meio da lona alí perdido, sabe.

Beatriz – Eu lembro até de uma ocupação que a gente começou com uma roda, para todo mundo se apresentava falando nome, dizer quem é. Para aí sim, a gente partir para essas funções de organização, que inicialmente a gente não tinha, e ficamos muito tempo sem fazer. Então, foi um aprendizado de organização coletiva que eu levei para mim também assim, né. De como é importante quando a gente tá indo, principalmente junto, para fazer algo, para... Quando a gente tá junto para construir algo coletivo, principalmente com pessoas que a gente não conhece, como é importante a gente se conhecer, né. A gente saber o nome do outro, a gente olhar e falar “Oi, bom dia, seja bem-vindo”, né. Como essas pequenas coisas de cuidado mesmo, né. Com o que você tá construindo, fazem diferença para o fluxo disso, né.

Para quem tá chegando também se sentir pertencente. Acho que esse sentimento de pertencimento, também, é algo que a gente tá em construção, né. A gente cada um individualmente, aí no seus caminhos, né. Às vezes busca entender esses significados de pertencimento. E foi algo que eu acho que a gente começou a construir também na Ocupação, né. Como que a gente se sentia pertencente a esse espaço. Como que a gente trazia as pessoas para perto se sentirem também, poder atuar, poder fazer o que quisesse ali dentro né, dentro desse combinado, dentro de tudo, enfim.

Maré – Eu acho que isso foi bem... bem chato. Foi uma das coisas bem chatas dessa organização. Da gente propor, né. A gente propor ampliar o espaço mas não conseguir de fato fazer.... Não conseguir de fato fazer funcionar.

Letícia – Tornar a teoria...

Maré – Exato, uma prática. A gente não conseguiu assim... A gente conseguiu, mas poderia ter sido mais assertivo.

Acredito que ambas as situações começaram a criar contradições do que almejamos e do que estava sendo possível de fazer naquele momento. Isso não quer dizer que nada em nossa organização não "funcionou", lembremos de driblar essas dicotomias. Mas essa situação me soa muito sintomática, pois começamos pela prática, refletimos, sistematizamos, mas depois engatamos num fluxo de produção. Paramos de refletir criticamente, nos afastamos da *práxis*, que já estava inconsciente no nosso fazer[2]. Aos poucos fomos nos distanciando da nossa própria prática. É preciso "diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos" (FREIRE, 63) e não o contrário. Mas penso que em dado momento começamos a fazer o movimento inverso, do qual Paulo Freire tanto fala.

Retorno para as minhas reflexões atuais, partindo deste momento em que começo a me entender arte-educadora, e percebo que propusemos um espaço pedagógico, mas sem refletir ele desta maneira. E "a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Pratica sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá [...]" (FREIRE, 2011, p.24). E me perguntei diversas vezes como isso aconteceu?

Lembro de bell hooks, em "Ensinando a Transgredir", onde ela nos conta que a existência de um lugar entusiasmado, e não tedioso, dentro da sala de aula foi o primeiro paradigma que moldou sua pedagogia. E como isso é desafiador no ensino superior, por ser considerado uma perturbação. (2017, p.17). E aqui adaptando para o nosso fazer independente na lona, mas considerando que buscamos estabelecer essas relações pedagógicas, consigo enxergar nossos entusiasmos. E com muita proximidade aos ensinamentos de hooks, que dizia que "o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo" (2017, p.18).

Realmente acredito que em certos momentos caminhamos de mãos dadas com bell hooks, pois em alguma instância estabelecemos um espaço onde a educação como prática da liberdade, onde qualquer um pode aprender, foi possível. (2017, p.

[2] Explico isso no texto "anterior"

25). Mas assim como demos as mãos, a soltamos muitas vezes também, pois, por exemplo, geramos um *entusiasmo*, mas ao estabelecermos uma sistematização que se tornou rígida, o perdemos.

> [...] não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. Os esquemas teriam de ser flexíveis, teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção." (bell hooks, p. 17)

Por mais que nossas intenções fossem outras, nos afastamos do que nós mesmo propusemos. Deixamos muitas pontas soltas e "[...] isso prejudicou bastante, eu acho, que as nossas estruturas, a maneira como a gente se organizava, de uma forma que foi até se enfraquecendo mesmo, sabe. Foi tipo desgastando" (MARÉ OLIVEIRA, 2020). E tudo bem, já disse e repito, isso não diminui o que construímos. Afinal, tivemos coragem de nos colocar em situação, de errar. "Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro", e através dessas novas encruzilhadas seguimos cruzando novas possibilidades. Ao mesmo tempo que "Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A Autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas" (FREIRE, 2011, p. 105).

> Então vamos fazer um dia de formação pra som, quem tem interesse cola a gente ensina, 'ensina' não gosto muito dessa palavra, mas tipo a gente fala tudo que a gente sabe, se você souber alguma coisa você vem com a gente, e fazer um dia só para isso, um dia só para luz. Acho que seria algo, hoje em dia eu olho e falo "Acho que funcionária mais" né. [...] Já que essa intenção era trocar com outras pessoas e criar essa autonomia. E essa autonomia que a gente tanto falava, tanto desejava, ela acabou não acontecendo. Porque de fato é isso, o que eu sei de iluminação, que eu aprendi sim ocupação, porque foi possível também, não é que foi impossível e foi um desastre, também foi possível, aprendi super sobre iluminação. O que eu sei foi nessas trocas, mas ao mesmo tempo eu sei que eu sobrecarreguei alguém ficando ali perguntando, enquanto a pessoa tava ali fazendo mil coisas né. (TAY MARIA, 2020)

É Tay, concordo que essa ideia de propor um momento a parte da produção do espetáculo poderia ter "funcionado" mais. Talvez se tivéssemos parado para respirar, se olhar nos olhos, permitir se atravessado pelos afetos como hooks (2017) e freire (2011) nos apresentam. Se tivéssemos entendido quando hooks nos conta que o pressuposto inicial, para uma educação como prática da liberdade, é "de que todos na classe são capazes de agir com responsabilidade. Esse tem de ser o ponto de partida - de que somos capazes de agir juntos com responsabilidade para criar um ambiente de aprendizado." (hooks, 2017, p. 203). Talvez assim poderíamos ter

vislumbrado reconstruir e mudar o que tínhamos estabelecido. Mas são muito achismos.

Porém hoje compreendo também, que provavelmente, não teríamos como mudar isso. Essa reflexão só é possível a partir do que vivemos. Nós buscamos desenvolver autonomias, mas não fazíamos ideia de como. Refletindo, vejo que a experiência nos proporcionou, ou me proporcionou, entender que a construção da autonomia é um processo, repleto de tentativas e frustrações, não acontece do dia para noite, além de ser muito individual. Pode ser compartilhado, proposto coletivamente, mas ainda sim individual, como disse Freire.

> Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia de autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2011, P.105)

Olha que interessante penso que estávamos o tempo todo dialogando com Freire, hooks, Rufino e, provavelmente, outres. De uma forma muito viva, se aproximando e se afastando o tempo todo, mas de uma forma muito subjetiva também. O que, talvez, em alguns momentos nos fez não encontrar maneiras de continuar.

> Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Nesse sentido, quanto mais solidariedade existe entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem [...] (FREIRE, 2011, 95).

Deixo aqui minha perspectiva em diálogo e a provocação de que existem diversos outros olhares sobre toda essa experiência. “Mas enfim, acho que esse nosso processo de autogestão, particularmente, me ensinou muito. Do que fazer e do que não fazer, assim, né.” (BEATRIZ SANTIAGO, 2020). E mesmo que hoje o projeto já não exista, mas, penso que vale a pena olhar com generosidade para o que criamos e como criamos. Eita, olha só, a *práxis* de novo? A Ocupação ainda continua me provocando a olhar e refletir sobre minha prática. E qual será o próximo fazer?

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

24.06.2018

19H - 21H

ENTRADA NO CHAPÉU

18H CORTEJO NO METRO PALMEIRAS BARRA FUNDA

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP

SÃO PAULO - SP

ARTESANATOS E CARTAZES

COMIDAS JUNINAS!!!!

UM ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES

4ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

24 DE JUNHO DE 2018

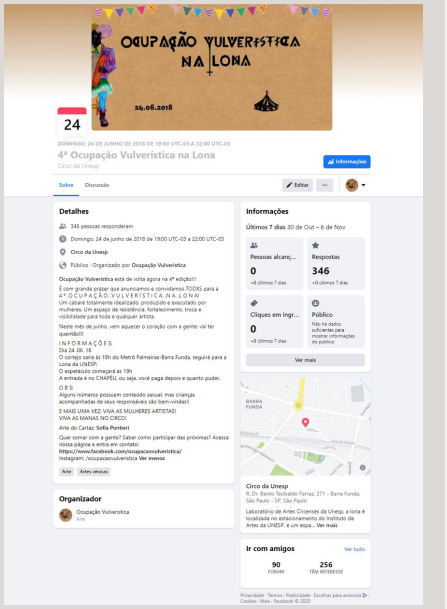
Cabaré de variedades

FOTOS

TEASER

(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

4ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

→ Os XXX da questão – *Ocupação XXXrística na lona*

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.
> Simone de Beauvoir

> Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.
> Audre Lorde

> Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos.
> bell hooks

A Ocupação durou mais ou menos dois anos, do segundo semestre do ano 2017 até dia 01 de dezembro de 2019 (data da nossa última edição). Nós, tanto eu como as pessoas que foram entrevistadas para essa monografia, identificamos algumas questões cruciais para que a coletividade tomasse a decisão de encerrar o projeto. Quero aqui resgatar um pouco do que aconteceu e compartilhar como esse processo reverberou em mim.

Já te adianto que os resgastes do que se passou e as minhas reflexões atuais irão caminhar juntas, se misturando. E também que muito do que eu, e outras pessoas, pensaram lá no início do projeto se transformou. Mas as coisas foram se dando ao longo, em situação.

Hoje percebo que A Ocupação Vulverística na lona estava fadada ao fracasso, é dolorido assumir, mas olhando para as nossas escolhas eu realmente acredito que infelizmente não poderia ter sido de outra maneira. Pois as noções que foram estabelecidas de feminismo e do que é ser mulher estavam equivocadas. Noções essas pautadas em um posicionamento muitas vezes colonizador, branco, elitista, heteronormativo, genitálista e binário, que perpetuou diversas opressões e violências.

> “Os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo. Mas “problema” talvez não precise ter uma valência tão negativa. (BUTLER, 2019, p. 07)

➢ O primeiro X – Um falso discurso libertário

Quando criamos a *Ocupação* Vulverística foi com a intensão de que fosse um espaço de fortalecimento e emponderamento para mulheres, artistas, circenses, para

“qualquer” mulher interessada. Nós que estávamos ali compreendemos a importância desse movimento como uma luta por direitos, ato de resistência, a partir de uma visão feminista. Segue um trecho da ata da reunião do dia 11 de março de 2018:

> Primeiro falamos uma por uma quais as nossas expectativas para a ocupação, e elas giraram em torno de: Nos apresentar, Acolher mulheres, Ocupar o espaço, ampliar o acesso ao espaço, aprender o que for possível, fortalecer as mulheres no circo, experimentar, fortalecer o nosso grupo [...] sermos um grupo que organiza e produz uma forma de ocupar a lona da UNESP que seja empoderadora para mulheres, de forma que elas tenham espaço para apresentar seus números, receber uma devolutiva sobre eles, aprender sobre montagem e produção artística e circense, além de liberdade de levar seu discurso a público. (ATA, 2018)

Na minha visão é inegável o viés feminista do projeto, mesmo que nunca tenhamos dito isso com todas as letras. O contexto em que estávamos nos convocava a agir em busca de visibilidades, protagonismo, representação e principalmente, propor mudanças. Só que ironicamente nos “esquecemos” de alguns “detalhes”. Esquecemos de definir de qual feminismo e de quais mulheres estávamos falando. As pessoas brancas da *Ocupação*, e eu me incluo aqui, eram maioria naquele espaço, e nós também “esquecemos” de nos racializar. Logo os nossos posicionamentos, coletivos e os individuais, definiram as pontas soltas que deixamos, afinal “nada é isento de ideologia” (RIBEIRO, 2018, p.78). A começar pela escolha do nome.

> Um nome que tem várias coisas, vários significados embutidos nele. Quando a gente vai escolher como a gente se chama a gente precisa muito... prestar atenção nisso, né. Nosso nome carrega uma identidade, essa identidade é história, é estética, é memória... enfim, reaviva um monte de coisa, né.” (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

O nome era Ocupação Vulverística na lona. Parto da escolha do nome, pois reflete os pensamentos e posicionamentos da coletividade, na época. E também porque foi um dos motivos pelos quais o projeto acabou. Mas o que o nome diz? Ocupação, segundo o dicionário, significa tomar posse de algo ou lugar, preencher determinado espaço (Definição Dicionário Oxford). E Vulverística, uma palavra inventada a partir da palavra Vulva (parte externa da vagina, órgão genital). Logo estávamos dizendo que éramos uma ocupação de vulvas, até aí “tudo bem”. Porque de fato todas as pessoas que compuseram o início da *Ocupação* se entendiam mulheres cis[1], e tinham vulva. Porem nos também afirmamos que era um projeto para

[1] Abreviação de cisgenera (pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado a parti de uma condição biológica)

MULHERES, dizendo que o espaço da *Ocupação* era para todas as mulheres. Só que na verdade não era, construímos um espaço bem excludente. Maré, em sua entrevista, dividiu comigo alguns desconfortos e questionamentos acerca disso.

> Na época, quando esse nome foi criado, as pessoas que faziam parte se entendiam como mulheres cis. E não tem problema mulher cis exaltarem a vulva, não tem problema. Mas quando a gente fala que é um rolê para todas as mulheres e a gente coloca no nome Vulverística, como se fosse para todas as mulheres, a gente está sendo extremamente transfóbico. Porque nem todas as mulheres tem vulva. E isso é extremamente agressivo. E além de transfóbico, eu fico pensando.... Quais são os corpos, que tem vulva, que tem a tranquilidade, a possibilidade e o emponderamento de falar da sua própria vulva.
>
> Quais são as vulvas que são divulgadas, sabe? Como que é uma vulva? Como que é uma vulva? Como que é uma vulva bonita? Porque tem isso, né. Tem a vulva bonita, tem a vulva que todo mundo deseja, tem a vulva que não é, que é rejeitada, sabe. Então eu enquanto uma pessoa preta, uma pessoa não binária preta, não me vejo, não me sinto confortável de falar da vulva nesse sentido. Ainda mais vendo que é um espaço para “todas as mulheres”, sabe. E dificilmente, eu tenho essa liberdade de falar da minha própria vulva, então, eu acho isso muito, muito desigual. (MARÉ OLIVEIRA, 2020)

Djamila Ribeiro (2018), em *Quem tem medo do feminismo negro?*, apresenta um contexto histórico relatando diversos momentos do feminismo acadêmico. Um dos momentos contemporâneos, que é alavancado por Judith Butler, coloca em discussão paradigmas que foram estabelecidos por períodos antecedentes, como essa premissa de uma categoria única: Mulheres.

> [...] o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada um. A universalização da categoria “mulher” tendo em vista que a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média – trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres. Além disso, essa onda propõem a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino” (BUTLER apud. RIBEIRO, 2018, p.45)

Quando afirmamos ser um espaço criado por e para mulheres, assumimos uma visão universal do que é ser mulher, principalmente com esse nome. Porque partimos da hipótese que BUTLER defini: “a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restritro.” (2019, p. 26). Reproduzindo essa premissa, nas entrelinhas do nome, estávamos dizendo que mulher é quem tem vulva, vagina, buceta e apenas essas. E isso não é verdade! Nem toda mulher tem vulva, buceta, ovários, seios, útero, mestrua.... Assim como nem toda pessoa que tem vulva, buceta, ovários, seios, útero e que mestrua é mulher.

> Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália de gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2019, p. 21)

Com esse posicionamento do que “é” uma mulher, a *Ocupação* adotou uma postura excludente. “Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios” (BUTLER, 2019, p.23). E nós, essa a coletividade, que novamente em sua maioria era branca, quando reivindicamos o direto de exaltar a vulva também o fizemos nesse lugar universalista. E essa é uma noção, que hoje a partir das teorias de Butler, Ribeiro, e tantas outras, compreendo partirem de um feminismo muito excludente.

> A sugestão de que o feminismo pode buscar representação mais ampla para um sujeito que ele próprio constrói gera a consequência irônica de que os objetivos feministas correm o risco de fracassar, justamente em função de sua recusa a levar em conta os poderes constitutivos de suas próprias reivindicações representacionais. Fazer apelos à categoria das mulheres, em nome de propósitos meramente “estratégicos”, não resolvem nada, pois as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam. Nesse caso, a própria exclusão pode restringir como tal um significado inintencional, mas que tem consequências. (BUTLER, 2019, p.23)

Inicialmente esses entendimentos não foram possíveis, por inúmeros motivos. A *Ocupação* foi construída por muitas pessoas, contendo uma multiplicidade de recortes e realidades. E falando de teorias, existia desde pessoas, que assim como eu, que nunca haviam acessado essas discussões de gênero, como existiam pessoas que ainda estavam iniciando nos pensamentos feministas, e até pessoas que estavam reproduzindo opiniões transfobicas (tendo consciência disso ou não). Mas no final das contas, independente do grau de conscientização de cada ume, a coletividade assumiu sim um discurso problemático.

> O nosso discurso vem *para fortalecer mulheres que tem buceta*, pois esse também é um assunto tabú, ou seja, *há uma invisibilização dessas mulheres.* Precisamos falar sobre isso também pois são apenas mulheres cis que estão na Ocupação (o que não nos impediu, impede e impedirá de abordarmos a questão trans), e o *nosso objetivo primeiro é nos fortalecer e apoiar enquanto mulheres e dentro do meio artístico*. Ou seja, se deixássemos de abordar a temática da vulva, dos seios e todas as outras *coisas abrangidas pelo ser mulher* (vejam, abrangidas, e não o que define), estaríamos nos invisibilizando e invisibilizando outras mulheres. Acreditamos, portanto, que esse discurso é empoderador, *e que é uma postura misógina impedir que se fale de mulheres que têm buceta.* (ATA, 2018, *grifo próprio*)

Por diversas questões, que já abordei, nosso discurso se faz contraditório e agressivo. Peço desculpas, principalmente as pessoas que são diariamente afetadas por essas opressões, por expor essas violências aqui desta forma (reproduzindo palavra por palavra). Mas, infelizmente, isso também fez parte da nossa história. A ocupação errou e nós fomos responsáveis por esse posicionamento violento e opressor.

> Eu lembro que quando a gente escolheu esse nome, tinham outras propostas de nome. Só que eu achei muito ruim. Eu achei Ocupação Vulveristica sensacional: “meu, esse nome é incrível meu, ocupação vulverística. Olha que diferenciado. Que tipo, uou, vulva, vulverística. Nossa meu, incrível”. E assim como eu, outras pessoas também acharam isso, né. E esse nome foi o mais votado.
> Eu não lembro quais eram... Era tipo ocupação das minas, sei lá, mina no circo, uns nomes assim. Que até hoje eu não gosto também, eu não gostaria também de ocupação das minas, acho meio brega esse nome e tal. Então Ocupação Vulveristica surgiu como uma possibilidade de algo diferenciado, que para mim era interessante de ter como nome. E aí eu lembro que a gente, enfim isso, foi definido esse nome, na minha lembrança que pode estar errada, foi a maioria que realmente voltou, embora outras pessoas tivessem outros pontos de vista, mas a gente não chegou a ter uma discussão relacionada a transfóbia nesse momento... a transfóbia, ao racismo embutido nesse nome. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

Sua memória não falhou não Beatriz, inclusive no texto **Burburinho que ecoa, Ocupa!**, recupero essas informações, e foi bem por ai mesmo. E confesso que naquele momento também havia achado o nome muito forte, mas é isso, nada haver da nossa parte. Vale dizer, para não deixar dúvidas, de que esse relato de Beatriz ressalta os pensamentos da época. Mas realmente demoramos para começar a questionar e refletir verdadeiramente sobre a responsabilidade das nossas escolhas e destes posicionamentos que venho citando até aqui. E não foi por falta de oportunidade. Digo isso, pois após a segunda edição, veja bem a segunda, recebemos uma crítica que foi, na minha visão, “ignorada” e deslegitimada. Não tivemos capacidade de compreensão, de empatia, faltou olhar crítico e autorreflexão crítica. Trago memorias de Beatriz, que rememoram esse momento (com algumas dúvidas dos acontecimentos), que serão sanadas em seguida, pois também registramos em ATA[2] o ocorrido.

> [...] foi na ~~primeira~~ *segunda* ocupação, eu lembro de uma pessoa que foi assistir, e eu não sei se era uma pessoa trans ou não, mas era uma pessoa que tinha esse pensamento né, que quando foi assistir falou “Eu não vou ficar aqui porque esse lugar é transfóbico, esse lugar não diz respeito a mim”, eu acho que era uma pessoa trans sim, “esses lugares não diz respeito a mim, esse lugar é transfóbico” e saiu logo na nossa entrada.

[2]A mesma que citei anteriormente. Ata do dia 11 de março de 2018, realizada após a segunda edição.

> Porque a nossa entrada era “Vulva” na cara. Então tipo a pessoa saiu e aí eu lembro da gente ficar tipo “Mano, mas como assim? Tipo, se essa pessoa tivesse ficado mais um pouco ela ia ter percebido que não é. Meu como assim. Meu, não, ei. Ah tá bom agora a gente não pode falar sobre vulva que a gente é transfobica e não sei que”. Eu lembro de rolar essa nossa conversa, nossa meia indignação e tal. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020, *retificação própria: foi na segunda edição – Informação retirada da ATA – 11/03/2018*)

> Na apresentação do dia ~~11/03~~ *(02/03/2018)* surgiu uma situação desagradável: um casal se retirou da lona, sendo a justificativa dada pela mulher de que “se pra vocês mulher é só quem tem buceta não vou ficar aqui” logo na saída da lona. Vale dizer que eram um casal cis hétero e branco, e que a reação foi em relação à frase da MC “atrás dessa lona só tem mulher e só tem buceta”. Antes desse ocorrido já haviam incômodos sobre a ambiguidade do discurso da ocupação, tanto por parte das artistas participantes quanto por parte do público, e por isso achamos necessário discutir por quê há essa margem para que o discurso seja interpretado como transfóbico, apesar de todas as membras se posicionarem contra a transfobia, ou seja, contra a concepção de que “mulher é só quem tem buceta”. (ATA, 2018, *retificação própria: dia 11/03 foi a data da reunião, provavelmente ocorreu um equívoco, mas a apresentação citada aconteceu no dia 02 de março de 2018*)

Beatriz fica na dúvida de quem foi a pessoa que fez aquela crítica, chegando até confirmar que teria sido uma pessoa trans, entretanto registramos em ATA que foi “um casal cis hétero e branco” (ATA, 2018). Acho curioso a maneira como reiteramos isso nas nossas reflexões, com um tom muito duvidoso por ter partido dessas pessoas, e usamos disso para deslegitimar completamente aquela critica. Toda essa situação me é muito reveladora. Observar como as coisas aconteceram, principalmente com uma longa distância temporal, torna mais fácil de identificar os erros, mas não diminui o peso agressivo desse pensamento. Pós esse acontecimento seguimos até, mais ou menos, a quinta, sexta edição sem mudanças.

Hoje tendo consciência de que existem vertentes feminista que assume esse discurso, igual a esse que tivemos na *Ocupação*, de forma consciente e proposital, me envergonha, me enoja. Mas ao mesmo tempo, me convoca a reflexão, pois me identifico enquanto uma mulher cis, sou uma pessoa branca, bissexual e baixa renda, corro o risco de reproduções, logo se faz necessário o ato constante de autorreflexão e de repensar minhas ações. Concordo com RIBEIRO, quando diz que “Se a universalização da categoria ‘mulheres’ não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder” (2018, p.47). E que para além de excluir diversas mulheres, mulheres trans, negras, não-brancas, indígenas, mulheres que podem ou não estar em vulnerabilidades socioeconômicas, esse feminismo “universal” também exclui pessoas trans (homens trans, pessoas não bináries). Então “Se a minha opção é democrática, progressista,

não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista." (FREIRE, 2011, p.95). E aqui, mais uma vez, vejo como a *Ocupação* errou, e como nós contradizemos.

> "Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários" (RIBEIRO, 2018, p.47).

- **O segundo XX – Quem ocupa uma posição de poder?**

Lidar com as intersecções não foi uma prioridade da nossa coletividade, alguns assuntos foram sim tratados como secundários, de forma seletiva e com graus de hierarquização. A *Ocupação Vulveristica* para além de surgir dentro do espaço do circo da UNESP, em um ambiente universitário/acadêmico, era composta em sua grande maioria por mulheres cisgeneras e brancas. E enquanto uma pessoa branca, que fez parte desta coletividade, posso afirmar que não existiu uma reflexão sobre racismo, autorreflexão de atitudes e menos ainda uma movimentação de racialização entre as pessoas brancas. E quando não acontece nenhuma movimentação para uma postura antirracista, o contrário se torna inevitável.

E desta forma, assim como a *Ocupação* partiu de uma visão universalizada do que é ser mulher, também definiu para que pessoas cabia fortalecimento, emponderamento e empatia. Porque quando "as pessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. E é exatamente esta equação: 'Sou branca e por isso sou uma pessoa'. Esse ser é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo" (KILOMBA apud RIBEIRO, 2018, p.110). "A Ocupação é todo mundo" na verdade quem era a maioria ali definiu muito bem quem eram os sujeitos, ou melhor as sujeitas, naquele espaço.

> Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada (BUTLER, 2019, p. 17)

Tay compartilhou em entrevista, através de suas experiências enquanto MC (Mestre de Cerimonias) das apresentações, diversos racismos que sofreu dentro deste projeto[3]. Fica o convite para você folhear a entrevista e ler o relato na integra. E

[3] Para ler o relato completo ir até o Apêndice B – Entrevista, referente a entrevista realizada com Tay Maria, nas seguintes páginas 248 até 256 e 267 até 270.

vale dizer para as pessoas brancas desavisadas que apesar de dialogar com a trajetória delu, não é um caso isolado, casos de racismos nunca são casos isolados. (Eita que agora eu dei uma de esquerdo branca[4], mas quando se trata de pessoas brancas não podemos subestimar a incapacidade de compreensão e empatia, enfim, seguimos). Por aqui vou citar alguns momentos dessa trajetória de Tay, porem buscando refletir a partir da minha perspectiva, das minhas atitudes e das outras pessoas brancas. “É urgente que pessoas brancas discutam racismo pelo viés da branquitude” (RIBEIRO, 2018, p.70).

> aí, teve toda uma situação com uma galera que tava ali de tipo que foi colocado na minha cabeça de “Não, porque você é uma figura de poder. Você é a figura de poder” e eu tipo “Então beleza eu sou a figura de poder, então vamo que vamo”, mas um poder num lugar muito, muito torto assim sabe.
> Que depois de um tempo comecei a pesquisar para transformar isso em algo mais interessante, mas a princípio eu comecei “Um poder? Então eu mando nas pessoas? Então é isso que estão me pedindo?”. Só que ao mesmo tempo se eu fazia isso não rolava e eu não entendia bem o que fazer.
> E eu lembro que depois da primeiro Ocupação teve uma reunião onde me cassetaram inteiro assim. A galera tipo saiu falando várias para mim e não era aquele toque de “Meu acho que nessa entrada você pode pensar nisso, pensa naquilo” foi um lugar bem destrutivo assim de “não você tem que fazer isso, isso e isso” e a galera começou meio que a fazer um roteiro para mim. Ao mesmo tempo que eu queria pesquisar um improviso que tava cada vez mais limitado. (TAY MARIA, 2020).

Quando Tay se dispôs a ser MC, foi em um momento, como elu mesmo relata, que ninguém mais quis. No início da *Ocupação* ninguém quis ocupar esse lugar de mestre de cerimônia. Eu particularmente nunca tinha tido experiência nesse lugar e tinha uma insegurança tão grande que não quis nem pensar naquela possibilidade. E mesmo quando Tay decidiu se experimentar nesse lugar, sempre deixou muito aberto a possibilidade e vontade de construir isso junto com mais pessoas.

Quando começou a acontecer as apresentações, muita gente branca se sentiu na liberdade de dar “opniões” sobre o que elu estava ou não fazendo em cena. E por diversas vezes esse discurso vinha em um lugar de apontar tudo que Tay estaria fazendo de errado. E também num lugar de dar “sugestões” de como seria o “certo”. Agora olha como simbólico, diversas pessoas brancas que tinha pouquíssimas experiências, ou nenhuma experiência querendo opinar sobre como seria o modo certo de ser MC. Colocando em seus discursos uma responsabilização gigante nos “erros” que julgaram que Tay havia cometido.

[4] Não sei se esse termo existe, mas parto do termo “Esquerdo Macho” utilizado no movimento feminista para se referir a homens cisgeneros que tem alguns conhecimentos das teorias feministas e fazem questão de demonstra-los publicamente.

Quando na verdade quem estava errando éramos nós, a coletividade branca. Eu me vi fazendo críticas para Tay, acerca da figura palhaça, partindo de um senso crítico que eu havia construindo em cima de referências brancas e majoritariamente europeias. Dando “sugestões” para elu a partir de opiniões minhas (da época) sobre o que é palhaçaria, que estavam muito equivocadas. Eu vi/ouvi muitas pessoas brancas reiterando diversas vezes que elu estava sendo agressivo, um discurso muito problemático que reitera o estereótipo de pessoa preta raivosa. E trago aqui uma fala da Figura publica/Influencer Maíra Azevedo, popularmente conhecida como Tia Má, direcionada a cantora/atriz Maria, que ouvi recentemente acerca dessa problemática que foi reiterada.

> Eu faço questão de dizer, Maria. E eu até vou pedir a você, pra gente, nunca mais a gente usar esse termo porque só usam esse adjetivo agressiva para mulher preta ou pra bicho. E a gente não pode mais se animalizar. A gente não é agressiva. A gente está dando uma resposta na defensiva de uma perversidade que a gente sofre cotidianamente. Agressivo é o racismo aqui no Brasil. (Tia Má, 2022)[5]

E nos, essa coletividade branca, fomos perversas quando não fizemos autocritica, nem esforços para reconhecer que nossas “críticas” com falas adocicadas são impositivas e estabelecem hierarquia. “A mudança começa pela autodefinição e pela importância disso. É necessário desmistificar essa hierarquia” (KILOMBA apud RIBEIRO, 2018, p.110). Não compreendemos as problemáticas das nossas ações pois nunca havíamos nos perguntamos o que é ser uma mulher branca, o que é ser uma pessoa branca, o que isso representa, para criar esse entendimento de sujeito branco e poder chegar ao ponte de “se perguntar ‘Como eu posso desmantelar meu próprio racismo?’” (KILOMBA, 2019, p.46). E segundo MARCINIK e MATOS abordar racismo em contexto feministas (considerando que a ocupação estava dentro desse recorte) nos permite pensar sobre como as práticas de sujeitos são (re)produzidas e como a não racialização do “ser mulher (branca)” acaba por legitimar concepções racistas de gênero. (2017, p.3).

> E ai, na Terceira Ocupação foi o momento que eu olhei e falei foda-se. Tipo não vou ouvir o que a galera tá falando, não vou trocar de figurino, não vou fazer isso eu vocês estão falando e eu vou na minha, e é isso assim, até chegar nesse ponto da terceira já tinha ouvido muita bosta, já tinha sofrido muito racismo lá dentro.
> De que é isso né uma pessoa preta numa figura, num lugar que tava todo mundo entendendo que era num lugar central, mesmo não sendo, a galera olhava e não gostava daquilo. Mesmo a galera tipo “ah amigas”, não gostava porque a raça vem antes disso tudo, todas essas relações.

[5] Domingão com Huck, (s-l): TV Rede Globo, dia 20 de fevereiro de 2022. Programa de entretenimento.

> E isso assim né não é que eu sozinho consegui e sou muito foda, foi tipo um papinho com uma pessoa ali, um outro papinho com uma pessoa aqui, tipo né as pessoas que estavam ali me fortalecendo nesse lugar, para falar “mano vai na sua assim, para de ouvir”.
> [...]
> E isso tudo, assim, da primeira à terceira, fazendo sozinhe o rolê, metendo as cara ali. A galera dando vários pitaco mas ninguém queria construir comigo. Ninguém queria falar “não mano, acho que tá faltando tal coisa. Vamos ensaiar, vamos pegar um dia para jogar?” Até então ninguém queria fazer isso comigo.
> E na terceira foi super massa conseguir descobrir várias coisas. E aí, é muito legal, né. Porque como é um improviso e tá tudo acontecendo ali, você descobre se funcionou ou não ali.
> [...]
> Depois dessa ocupação a galera começou a entender que Mc era um espaço de destaque e talvez, talvez, tenha esse lugar de “Nossa seria massas ser Mc também”, mas o que me pega muito é que ninguém chegou para construir comigo esse espaço, nunca, desde a primeira. Ninguém vinha para conversar comigo e dá umas críticas construtivas e fala “Mano isso aqui não deu certo, mas já que não deu certo você pode pensar em outras possibilidades”. Ninguém chegou assim para mim. Era sempre um lugar de “faz o que eu quero que você faça” assim. Acho que tinha uma expectativa da galera que jogavam em cima de mim.
> E aí chegou, tinha reunião domingo, nossa lembrei muito disso. Tinha a reunião domingo, de feedback, né. Da última Ocupação e preparação para outra. No sábado eu apresentei num espaço e eu sofri um bagulho de racismo muito forte. Assim um caso muito forte, muito forte, e eu fiquei muito mal. E eu fiquei muito, muito mal e eu não fui no domingo. Eu fiquei assim o dia todo na cama, na bosta, eu não fui no domingo.
> E aí, quando chegou as informações, de como foi a reunião, e eu já tinha falado pra algumas pessoas que iam estar na reunião “meu eu não vou conseguir ir, eu to muito mal, mas eu quero muito ser MC, quero muito continuar pesquisando esse lugar”. E aí quando chegou assim, na segunda, depois da reunião que... Eu fiquei sabendo que o que estava acontecendo é que eu não ia ser MC, e um grupo de pessoas brancas ia ser MC. E aí, isso me bateu num lugar de “gente como assim?”. E é isso assim, como ocupação tinha essa proposta horizontal, eu não esperava que eu fosse ser MC para sempre nela, sempre eu, e esse lugar é só meu.
> E nunca desejei isso também, né. Tipo só aconteceu, né. Só aconteceu três vezes seguidas porque ninguém mais queria aquilo, só eu queria aquilo.
> E aí do nada um grupo de pessoas brancas pessoas, pessoas inclusive que... É isso, tinha uma galera desde o começo e uma galera que foi entrando, uma galera que chegava pra um edição e saia fora, e umas pessoas que tinham chego assim naquele momento. E eu descobri que essa galera iria ser MC. E aí eu fiquei tipo... Tranquilo ser MC mas porra vocês podiam ter me dado um salve. Vocês podiam ter... Ah, não quer construir comigo tudo bem, beleza. Não quer construir comigo beleza, mas me dá um salve. Porque sabia que eu tinha interesse também, né. Mas eu senti que só foi um descarte assim e me bateu no lugar racial muito forte, porque já tinha acontecido uma coisa no dia anterior e aí no dia seguinte o espaço que eu achava que estava me acolhendo integralmente assim, uma grande mentira, na real não. (TAY MARIA, 2020).

A branquitude opera por uma lógica muito cruel. Porque olha só, no início quando ninguém (nenhuma pessoa branca) quis se dispor nesse lugar de MC, por talvez julgar de que fosse uma posição menor. Ai Tay, uma pessoa preta vai lá e topa essa experiência. As pessoas brancas estranham. Começam a identificar a função de

MC como um lugar de poder. Ai, surge uma enxurrada de críticas racistas, de uma forma destrutiva, revelando nenhuma empatia ou afetividade. Mesmo assim Tay segue pesquisando, e quando consegue brechas para driblar (pelo menos um pouco) essa situação, descobre vários acertos em cena. Acertos esses legitimados pelo público. E agora a coletividade branca reconhece seus erros? Começa a repensar? Não. Aproveita a primeira oportunidade que tem e excluir Tay desse lugar, sem cogitar a mínima possibilidade de construir juntes, e ocupa esse lugar de "poder", de destaque. Segundo KILOMBA "Racismo tem a haver com poder, com privilégios. A população negra não tem poder historicamente." (apud RIBEIRO, 2018, p.111). Hoje, diante a tudo isso, me pergunto e te pergunto: Quem é que estava em posição de poder?

> "As discussões contemporâneas (acadêmicas ou pessoais) das relações entre mulheres negras e brancas raramente ocorrem em contextos de integração racial. As brancas que declaram suas impressões em escritos acadêmicos e confessionais em geral ignoram a profundidade da inimizade entre os dois grupos, ou a veem como um problema exclusivo das negras. Muitas vezes, em círculos feministas, ouvi brancas falarem sobre hostilidade de uma determinada negra perante as mulheres brancas como se esse sentimento não tivesse suas raízes nas relações históricas e nas interações contemporâneas. Em vez de explorar as razoes pelas quais essa hostilidade existe ou de lhe atribuir alguma legitimidade como reação adequada à dominação e à exploração, elas veem a mulher negra como teimosa, problemática, irracional e "louca". (hooks, 2017, p. 137)

bell hooks trás esse contexto, a partir da própria experiência, dessas relações entre mulheres brancas e negras, problematizando como nós, mulheres branca, ignoramos raízes históricas. E me lembro que após esse acontecimento sobre o grupo que foi MC, a primeira atitude de Tay foi sugerir uma reunião para expor as situações que estavam rolando, numa tentativa de diálogo, para que o coletivo repensasse, para que as pessoas brancas se responsabilizassem. Pouquíssimas pessoas foram nessa reunião, se tinha 6 ou 7 pessoas era muito. E mesmo que estas poucas pessoas começassem a repensar, foi algo muito pequeno e individual.

> O apelo feminista contemporâneo pela irmandade feminina, o apelo das brancas radicais para que as mulheres negras e todas as mulheres de cor entrem no movimento feminista, é visto por muitas negras como mais uma expressão de negação, por parte das mulheres brancas, da realidade da dominação racista, de sua cumplicidade na exploração e opressão das mulheres negras e dos negros em geral. Quando as negras, reagindo ao apelo pela irmandade baseada na experiência comum, chamaram a atenção tanto para o passado de dominação racial quanto para as atuais manifestações dessa dominação na estrutura da teoria e do movimento feminista, as mulheres brancas de início resistiram a essa análise. (hooks, 2017, p. 138)

A coletividade branca não agiu, nós mantivemos em silencio, nenhuma iniciativa foi tomada, a não ser de uma movimentação verbal: rolou racismo? Não, beleza. Bora conversar sobre, vamos fazer um grupo sobre branquitude. Mas essas falas não vieram para pratica. Lembro que comentamos de fazer um grupo para essas discussões, mas o grupo nunca aconteceu. Reiterando assim o que Cida Bento nomeia como pacto narcísico: “Um pacto silencioso de apoio e fortalecimento aos iguais. Um pacto que visa preservar, conservar a manutenção de privilégios e de interesses” (2002, p.105)

> Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. Enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas logicas de opressão. (RIBEIRO, 2018, p. 53)

- **O terceiro XXX – Três passos para o fim**

Passou uma edição, duas, três, quatro, cinco, seis... e retornamos as questões que envolvem o nome da ocupação. Tivemos reflexões limitadas na época, e muito a longo prazo. O caso das pessoas que apontaram a transfóbia existente na *Ocupação* ocorreu na segunda edição, mas foi apenas da sexta para sétima edição que começamos a debater e repensar verdadeiramente nosso discurso. Você pode observar pelos cartazes[6] que a partir da 7ª ed. começamos a utilizar o nome *Ocupação XXXrística na lona* e *Ocupação ????rística na lona.*

(7ª Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2019)

[6] Você pode encontra-los nas fichas – edições

7ª OCUPAÇÃO XXX RÍSTICA NALONA

05.05.2019

18H30-20H

CONTRIBUIÇÕES NO CHAPÉU

18H CORTEJO NO METRO PALMEIRAS BARRA FUNDA

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP

SÃO PAULO - SP

ARTESANATOS, PRODUÇÕES INDEPENDENTES, COMIDAS!!!!

ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES E PESSOAS NÃO BINÁRIAS

7ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

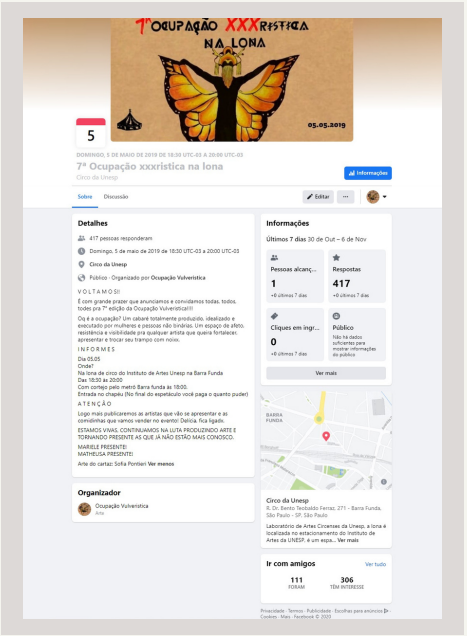
05 DE MAIO DE 2019

Cabaré de variedades

FOTOS

(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

7ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

Proponho uma intervenção: memorias em dialogo.

Caê – Foi louca essa coisa do nome para mim, assim. Porque veio junto com a minha transição. No começo eu me entendia como uma mulher cis e eu fui uma das pessoas a defender esse nome ocupação vulveristica. Eu me lembro, numa das primeiras reuniões, eu falar “não gente, é importante a gente afirmar vulva e não sei o que..”. Mas enfim, erradíssimo, né. Porque veio nesse lugar da mulher, e a mulher associada a vulva.

Tay – Eu acho que o nome foi o começo do fim. Porque, enfim, a princípio era um grupo de mulheres cis que, enfim, que queriam ali falar da vulva, afirmar essa palavra e tudo mais, e isso não é um problema, né. Isso em si não é o problema. Porém o fato de a gente falar “É um espaço para todas as mulheres”, estar afirmando a vulva, e nem toda mulher tem luva, então não é para todas mulheres, né. E entender, que enfim, não é só mulher que tem vulva assim, né. Uma galera tem vulva. Tipo, eu tenho vulva e não sou mulher e por aí vai, sabe.

Maré – Então eu acho esse nome bem ruim, bem ruim. É isso, eu só fui percebendo depois. Na primeira edição eu não percebi, na segunda edição eu também não percebi, sabe. Até porque na época eu me entendia uma mulher cis também. Eu tinha nenhum contato, de fato, com pessoas trans, sabe. Não tinha contato com a discussão.

Caê – E aí, quando eu comecei a me entender uma pessoa não binária e a ter mais contato com pessoas trans, porque eu acho que o bafo mesmo é você ter esse contato, sabe? Ter essa afetividade. Esse é o bafo que muda as coisas. É quando você tem afetividade, quando você tem parcerias, quando você entende verdadeiramente o quanto que simplesmente esse nome pode ser violento, sabe?

Maré – Então quando eu comecei a ter contato com pessoas trans, comecei a ter contato comigo também, comecei a me entender uma pessoa não binária. Pessoas ao meu redor, sabe. Comecei a ouvir, a ler, a falar. E eu falei “Gente, pera aí. Esse nome aqui não faz nenhum sentindo”.

Tay – Então eu acho que foi muito o começo do fim, porque quando a gente começou a discutir o nome a gente começou a entender que a gente não tinha a mesma visão do tal feminismo que a gente sempre falou. A gente começou a entender que a gente tinha visões diferentes, visões políticas, né. Posicionamentos diferentes e isso fez com que muita gente se afastasse.

Em relação, especificamente, as reflexões relacionadas ao nome, muito se focou na transfóbia envolvida. Houveram muitas discordâncias, “porem tinha um grupo ainda que queria continuar construindo aquilo, né.” (TAY MARIA, 2020), eu, todes ês entrevistades, e mais algumas pessoas, estávamos nesse grupo. Agora as pessoas que discordavam da necessidade de se rever, mudar de nome e desses posicionamentos todos, foram se afastando, saindo ou simplesmente não conseguindo entender o que estava acontecendo. O que foi gerando um esvaziamento.

Maré – E era sim uma vontade de ser algo mais plural, então quando a gente começou a perceber que o nome é transfóbico. Quando começamos a perceber que o nome era transfóbico foi tipo “Meu a gente precisa mudar esse nome, a gente precisa”. Porque a gente gostava do projeto, sabe. Tipo, a galera que tava, porque era isso... Eram sempre pessoas que vinham e passavam mas tinha sempre as pessoinhas que sempre estavam lá e essas

pessoinhas que sempre estavam lá era também esse grupo que não quis chamar de grupo mas era o tal do grupo né. E esse tal do grupo gostava desse projeto, por mais que a galera tinha suas demandas, faculdade, trabalho, era difícil muitas vezes, outras questões que permeavam o coletivo [...]

A coletividade que continuou buscou fazer diversas ações em busca de dar continuidade ao projeto. Muites de nós acreditamos na potência do espaço que criamos e que poderíamos refletir, rever nossos pensamentos em busca de propor mudanças, buscar de fato tornar aquele espaço democrático. Fizemos diversas tentativas. Na sétima edição fizemos uma campanha “mudança de nome” junto com o público, na oitava edição roda de conversa com convidades (Ocupação em movimento: Transformando Olhares – com Pury Yaguarete e Ian Pooka), e muitas conversas internas.

Maré – Eu acho que acabar com a Ocupação não é, não foi o primeiro pensamento. Quando a gente percebeu que era um nome transfóbico. A gente falou “vamos mudar de nome” O que é muito difícil né. Quando a gente já tá de fato reconhecido nesse meio circense, no Brasil, na nossa Comunidade da Unesp sabe, já tem um público fixo, mudar de nome pode quebrar total suas pernas, né. Tipo “Quem são?”.

Beatriz – Aí, esse processo do nome, menina, foi uma loucura. Porque a gente queria resolver isso coletivamente, inclusive com público, porque a gente achou que seria interessante público participar dessa mudança, porque né, a gente tinha uma visibilidade grande enquanto Ocupação Vulveristica, e a gente achou que não faria sentido do nada mudar para outro nome. Sei lá, Ocupação Salamandra, e ninguém ia saber quem era. Então achou que poderia ser interessante fazer essa mudança junto com o público. Só que a gente se embananou muito nisso, né. Acabou que a gente definiu uma comissão para isso também, que era como a gente se organizava [...]

Caê – [...] claro que a gente criou mais uma comissão. A gente não ia tratar esse problema coletivamente. Não, vamos criar mais uma comissão, que é isso que a gente sabia fazer. Aí criamos uma comissão, e eu senti essa responsabilidade de como a pessoa trans do coletivo... na época, que eu era a única pessoa que estava nesse lugar. De fazer parte dessa comissão, mas ao mesmo tempo não tá conseguindo movimentar o babado. E aí foi uma vergonha. Mona, aquele cabaré de mudança de nome foi uma vergonha, foi uma vergonha. Porque daí, a gente começou... Aí, eu vou ter que contar. Maré vai me matar, mas eu vou ter que contar.

Maré – Ai gente que vergonha. Então, uma coisa que me marcou na ocupação foi as vergonha que eu passei. Que se eu vou te falar… umas vergonha, a gente, mas é bom né. Porque é isso, vamos lá aprender a lidar com essas coisas, né. Mas se eu passei vergonha em cena foi na ocupação também. Dias de Luta e dias de Glória assim, porque mano.... [...] E aí a gente falou “Meu vamos fazer uma campanha de mudança de nome, não dá para gente mudar de uma hora para outra. Vamos ver se o público nos oferece nomes. A gente faz uma votação sabe, a gente faz uma votação online, não sei o quê”. E aí a gente resolveu... A gente tinha toda uma história né então, acho que foi na sexta ocupação isso. Na sexta ocupação a gente queria, a gente ia lançar essa tal dessa mudança de nome, dessa campanha, e explicar para o público por que que a gente tava mudando de nome.

Então ia ser um posicionamento também da página né porque isso foi virtualmente também[1], mas o coletivo de se assumir transfóbico tipo “Erramos fomos transfóbicos, não queremos ser mais, queremos mudar de nome”. Então a gente ia explicar para o público porque, conta né porque também essa discussão é distante de muitas pessoas, e ali durante o espetáculo, o cabaré, a gente ia recolher sugestões das pessoas sabe.

Caê – A gente se meteu dentro de uma caixa, que era uma urna, mas era uma caixa gigante assim (faz um espaço grande com os braços e as mãos esticados nas laterais do corpo). Três pessoas, foi eu, Maré e Sarah, a gente entra dentro da caixa, botou um negocinho (demonstra uma abertura que existia na caixa), só o olho assim, porque a gente tava morrendo de vergonha, essa é verdade. Olhando para isso, é tipo assim, a gente não sabia mais o que fazer. A gente tava com essa responsabilidade nas costas, sabe? De mudar o nome e de fazer essa campanha. Aí, se enfiamos dentro de uma caixa, escrevemos na caixa ‘Trovão de ideias’ e saiu andando com a caixa. Só que a gente saia ando com a Caixa e ninguém olhava pra gente. E ninguém tava entendendo nada do que estava sendo dito ali.

(Campanha de mudança de nome - 7ª Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2019)

Caê – Então, a gente pediu para as pessoas darem... A gente dava papelzinhos pras pessoas e pedia pra elas darem um nome. Aí, quando a gente começou ver os nomes: “Ocupação vulveristica, pode continuar?”, “Ocupação mulheristica”, “Ocupação Ulteristica”, a gente receber essas coisas, Sabe? Quer dizer, ninguém tava entendendo nada. A gente não conseguiu passar nossa mensagem e ficou uma sensação muito ruim, sabe? Foi muito ruim esse momento de mudança de nome, porque mais uma vez a gente era núcleos. A gente não soube lidar com isso coletivamente, sabe? Esse que foi o problema dessa organização da ocupação, porque a gente não conseguia lidar com as coisas coletivamente. A gente lidava assim (gesto de grupos fragmentados com as mãos), sabe?

Tay – essa campanha de nome foi um fiasco total. Porque a gente não conseguiu comunicar para o público, de fato, porque a gente queria mudar o nome, porque a gente não... porque aquele nome não cabia mais.

A *Ocupação*, ou pelo menos as pessoas que ficaram, não queria mais perpetuar esses posicionamentos violentos e por esses motivos tentamos mudar de nome. Não conseguimos. Não conseguimos estabelecer esse diálogo nem com o

[1]Campanha da mudança de nome. São Paulo, 1 de mai. 2019. Facebook: Evento 7ª Ocupação xxxristica na lona por Ocupação Vulveristica @ ocupaçaovulveristica Disponível em: https://web.facebook.com/events/1168377093340517/?post_id=1177028452475381&view=permalink Acessado em 01 ago. 2021. E disponível em: ANEXO D – Comunicado de mudança de nome da Ocupação

público e nem internamente também. Ou melhor, tentamos até onde foi possível e encontramos muitas limitações. Ao mesmo tempo que opressões continuavam acontecendo.

> **TAY –** Tem algo da ocupação que eu acho que é algo que eu falei um pouco já, mas me deu vontade de falar um pouco mais. Porque eu acho que é importante de pensar assim, né, tipo... Acho que tem essa parte do nome de quem pode de fato afirmar a vulva, né. E pensar que a Ocupação além de ser um espaço de mulheres cis, majoritariamente, também era um espaço de pessoas brancas, majoritariamente. E isso por muitas vezes foi extremamente violento para as pessoas pretas que estavam ali. Tanto no lugar de acolhimento de chegar uma pessoa preta para apresentar e ninguém acolher, tanto das pessoas que já estavam ali desde o começo, né. Tipo eu, Maré e tudo mais.
> O quanto de foco que a gente dá para as questões assim, né. Porque racismo bagulho aí que a gente fala á muito tempo. As pessoas já ouviram falar mil vezes. Tem quem não acredita que exista, enfim. Mas é um bagulho que tá aí... É um assunto marcado, sabe. Você fala racismo a galera já sabe o que é, tem uma galera que revira o olho, tem uma galera que “ai tá bom vamos lá”. E tem uma galera que tá sofrendo isso e não tem opção de não falar sobre. E eu acho que a Ocupação ficou nesse lugar dessa opção de não falar sobre, né. Porque ao mesmo tempo que é isso, como eu falei eu sofri vários casos de racismo dentro da Ocupação, muito pesados, que enfim, que me deixaram muitas marcas assim, haja terapia, que deixaram muitas marcas.
> Ao mesmo tempo que aconteceu isso... quando a gente tentava conversar sobre isso não… não rolou, não rolou uma mobilização, né. E aí, eu fico pensando muito nessa dualidade, que é algo que tá junto, mas as vezes a gente tem que separar para entender o que que tá acontecendo, que tava, enfim... Era tipo eu, e sei lá. Acho que era eu e Maré, no final das contas assim, falando sobre isso, falando tipo “galera vamos falar sobre”. Tanto que existiu uma tentativa de um grupo para discutir branquitude, que nunca aconteceu.
> Quando rolou a discussão do nome... E aí, eu vou pedir uma escuta cuidadosa das pessoas que estão escutando isso, vou falar com cuidado também. Porque é um assunto delicado, porque eu não quero compara as opressões, né. Não é esse lugar, porque esse lugar é nada haver e não vale a pena. Mas quando uma pessoa branca trouxe a questão do nome, que era é uma pessoa branca, mas também não cis, esse assunto foi mais escutado, né. E não vou colocar no lugar comparativo, acho que só é interessante observar. Observar essas diferentes reações para esses assuntos que são diferentes. Mas nem são tão diferentes assim, quando a gente olha realmente para eles.
> E eu acho que isso diz muito sobre como o grupo foi sendo construído, né. Também. Porque é isso, essa discussão sobre racismo estava bem no começo, né. E de novo esse não posicionamento, não fala, uma coisa meio assim. E aí, é muito massa que quando surgiram outras questões foram abraçadas, porque tem que ser abraçada, tem que ser olhado, mas muito chato que as outras questões não foram olhadas e abraçadas da mesma forma, né.
> Então acho que a ocupação, a gente teve esse... a gente pode olhar como um amadurecimento desse grupo, que não era um grupo. Mas também como algo a não ser reproduzido, né. Justamente porque enfim, quem não sofre não sabe como é, né. Eu acho que é esse perigo de estar sempre dentro da sua bolha, com pessoas parecidas com você. Porque aí você não tem aquela... Você não tem um olhar de empatia para entender as outras questões que estão sendo levantadas. Porque você e as pessoas próximas a você não estão passando por isso, né. Então foda-se. Então eu não sei

> como você vai encaixar isso, se vai encaixar isso. Boa sorte Leka, mas enfim, acho que algo que é interessante de ser olhado, né.
> Acho que foi uma problemática bem latente, talvez não para todo mundo, mas para mim foi.

É não dá para ter uma escuta seletiva, “Não dá para ter indignação seletiva” (RIBEIRO, 2018, p.71). Todo esse contexto de violências intrínsecos na *Ocupação* oprimiu, prejudicou e atravessou muitas pessoas, de diversas formas. E “À medida que nos deparávamos com os constantes preconceitos, uma corrente oculta de tensão afetava nossa experiência de aprendizado” (hooks, 2017, p.14). Foi muito desgastando para quem permaneceu até o fim, de diversas formas. E fica a reflexão, afinal “Para quem é esse feminismo então?” (RIBEIRO, 2018, p.53). Para quem era o emponderamento que a Ocupação proporcionou? Para quem era esse acesso? Para quem?

Quando compreendemos que os esforços de mudanças, não estavam indo para lugar algum, decidimos encerrar a *Ocupação*. Quando tomamos essa decisão, fizemos mais duas ações: a produção do espetáculo Sui Generis da Companhia Fundo Mundo, primeira cia circenses do Brasil que é composta exclusivamente por pessoas trans e uma última edição em formato de cabaré como uma forma de encerramento.

Nas entrevistas você pode encontrar muito mais detalhes de como foi esse processo, e pode também complementar seu imaginário acompanhando os registros das fichas – edições. Foram muitas tentativas para reconstruir esse espaço. Nos relatos de todes ês entrevistade foi comum um pensamento de que talvez devêssemos ter nos assumido um coletivo, e de que talvez dessa forma teríamos conseguido lidar com essas questões. Surgiram diversas possibilidades do que poderíamos ter feito diferente. Mas sinto que essas reflexões só foram possíveis depois, meses, anos depois. Reflexões essas que iremos carregar por novos caminhos. De qualquer forma foi uma experiência que deixou muito aprendizados.

> Mas, enfim, acho que se um coletivo termina por essa questão, esse coletivo precisava terminar mesmo, porque não faz sentido continuar com algo que não, que não se revê, que não tem um pensamento crítico sobre si. Então se era um coletivo que se estabeleceu de maneira transfóbica e racista, em diversos momentos, e esse coletivo não tem a possibilidade e a vontade de se rever, de se posicionar criticamente então esse coletivo precisa terminar e dar espaço para outras coisas aparecerem e é isso. (BEATRIZ SANTIAGO, 2020)

O encerramento do projeto, particularmente, foi uma mistura de sentimentos muitos contraditórios. Foi difícil aceitar, lidar com a frustração do que não conseguimos ao mesmo tempo que foi um alivio também, pois foi extremamente desgastante. Mas sem melancolias, lembremos de não cairmos na cilada das dicotomias[2]. Foi um processo difícil, deixou sim muitas cicatrizes, mas também foi repleto de aprendizados, experiências e transformações.

(Ultima Ocupação, fotografias de Jumaira Lima, 2019)

[2] Falo sobre no texto **Nem tudo que idealizamos foi possível na prática: Nem todas as práticas foram possíveis para todes.**

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

19.08.2018

19H - 21H

ENTRADA NO CHAPÉU

18 20H CORTEJO NO METRO PALMEIRAS BARRA FUNDA

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP

SÃO PAULO - SP

ARTESANATOS, PRODUÇÕES INDEPENDENTES, COMIDAS!!!!

UM ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES

5ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

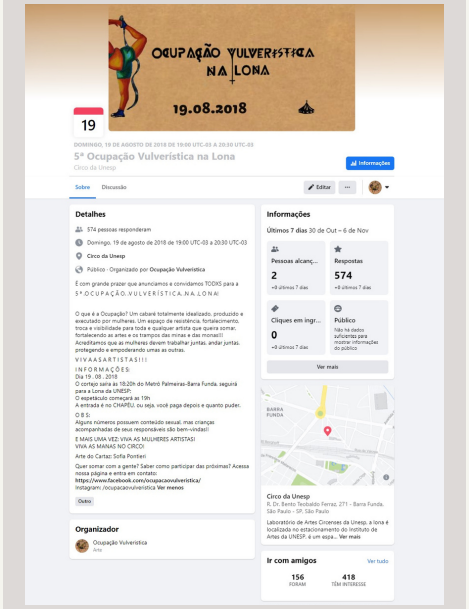
19 DE AGOSTO DE 2018

Cabaré de variedades

FOTOS

(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

5ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

Você aceita mais um gole de café?

> Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso estaremos adiando o fim do mundo.
>
> Ailton Krenak

O processo desde trabalho tem sido longo e árduo. Venho tentando me formar desde 2018. Pois é! Mas quem foi que disse que o caminho mais curto e rápido é o melhor?

Antes de inconcluir ideias inconclusas, você aceita mais um gole de café? Ainda tem algumas histórias para te contar/compartilhar e adiar um pouco mais esse “fim”. E novamente, fiquei à vontade para ler na ordem que quiser, deixo sempre as peças nas suas mãos.

→ Xicara de memórias, afetos e transformações

Preciso te confessar que a frustração é um dos sentimentos que mais tenho sentindo realizando esta monografia. Me descobri uma pessoa portadora de dislexia já adulta, carrego muitas cicatrizes da minha formação educacional que ainda hoje estou aprendendo a contornar. Eu falo pouco sobre isso por aqui, pois ainda continuo sem um acompanhamento, do qual até gostaria, e sigo todos os dias me entendendo melhor. Mesmo que ainda tenha muitas dúvidas, hoje consigo compreender e aceitar o meu tempo (que diga se de passagem é outro tempo de elaboração), e também que meu processo conturbado de alfabetização (leitura e escrita) criou um estranhamento com as palavras, essas que são escritas.

Eu sempre me senti muito mais confortável escutando e falando, do que lendo. Sempre senti muita necessidade de associar a escuta com algo visual, ou a leitura com algum estimulo sonoro. Por exemplo: Se alguém está me explicando algo eu sinto muito necessidade de estabelecer alguma atividade manual para conseguir ouvir melhor. Ou quando estou lendo algo, me concentro muito mais ouvindo música ou tendo algum estimulo sonoro. Eu sempre consegui ler muito melhor no transporte público, na correia do dia a dia, do que silenciosamente dentro de casa. Mal sabia eu que possivelmente isso tem a ver com a dislexia. Mas como já te disse, ainda estou compreendo muito coisas, e a maioria de forma intuitiva. Por isso nem consigo te

explicar teoricamente sobre isso, mas... o que quero dizer, é que todas essas características, sempre me fizeram pensar que eu era uma pessoa muito mais da palavra falada, da tal oralidade e das visualidades (já que para entender uma eu sinto necessidade da outra). Se eu tivesse entendido isso lá no início da graduação talvez meus processos teriam sido menos frustrantes. Mas ainda estou aqui, e não quero (e não vou) leva-las comigo. Vou deixa-las aqui para que eu possa criar possibilidades de transforma-las.

Deixa eu te contar uma coisa, a ideia inicial desse trabalho era realizar um documentário sobre a Ocupação Vulverística na Lona. Para que as pessoas pudessem ouvir/ver/ler para além das palavras redigidas de forma acadêmica. E me frustrou sentir a sensação de que não foi possível. Mas compreendo também que essa vontade me moveu de alguma forma. Realizei as entrevistas, gravando imagem e som. Mas independentemente de ter consigo transformar esse material em uma visualidade, como eu almejei, sei que todas as memórias, lembranças, pensamentos, questionamentos e tudo que foi compartilhado moveram os meus caminhos até aqui.

Mesmo não conseguindo deixar os registros visuais por aqui, deixo as entrevistas na integra. Elas foram feitas de forma intuitiva com a intensão de registro. Perguntei milhões de coisas, muito mais do que consegui abordar no meu texto, e por esse motivo também que os materiais destes encontros são enormes. Mas, foi proposital. Sempre tive essa vontade guardar o máximo de histórias, cada detalhe que fosse possível, sobre a *Ocupação*. Mesmo tendo a consciência de que eu não daria conta de abarcar tudo no corpo do meu trabalho.

A partir desta primeira frustração, de não ter dito recursos suficientes para tirar as ideias do plano das vontades, recalculei a rota. Pensei em transformar esse capitulo em dois vídeos: *1.Memórias e afetos* (com trechos que me impactaram das narrativas dês entrevistades) e *2.Como a Ocupação te atravessa* (relatos a partir da pergunta “A experiência na *Ocupação* teve algum impacto na sua trajetória enquanto artista, arte-educador, pessoa? Se sim, qual (ais)? O que muda a partir dessa experiência? ”).

Mas adivinha o que aconteceu? Essa ideia também não rolou, logo, estou eu aqui com mais uma frustração. Mas tudo bem, independentemente de ter conseguido executar essas ideias, não quero abrir mão de propor este momento. Mesmo que seja através desta escrita. Aproveito para deixar registrado essas vontades que podem vir a ser desdobramentos deste trabalho e te convido a ler em voz alta as linhas a seguir. Agora posso te servir o café?

Leka Mariano

Fotografia Guilherme Basilio Geraldo

27 anos
todas as edições
Entrevista 01/04/2021

Eu sou Leka Mariano. Eu sou palhaça, arte-educadora, artista de rua e produtora independente. Acho que resumidamente essa sou Eu, em pouquíssimas palavras, [...] Eu gosto de falar isso para mim mesma, de que eu sou uma faz tudo, mas no sentido de... é... Que eu tenho muita vontade de aprender tudo. Então tipo assim, [...] se precisar virar videomaker, se precisar virar fotógrafa, se precisar virar iluminadora, sonoplasta, eu faço tudo entendeu, de tudo um pouquinho, mas é isso. Então eu brinco eu falo que faço de tudo que seja preciso para fazer o rolê acontece, sabe? Uma eterna aprendiz de faz tudo, de tudo um pouco.

Ouça essa página

Fotografia Jumaira Lima

"Estar ali na ocupação e ocupando o espaço do circo UNESP me manteve na graduação."

MARIANO, Leka 2021

Fotografia Luiz Guilherme

Fotografia Jumaira Lima

Fotografia Jumaira Lima

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

18-11-2017

20H-22H

ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES

COMEÇAMOS COM CORTEJO NO METRÔ

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP (BARRA FUNDA)

SÃO PAULO - SP

1ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

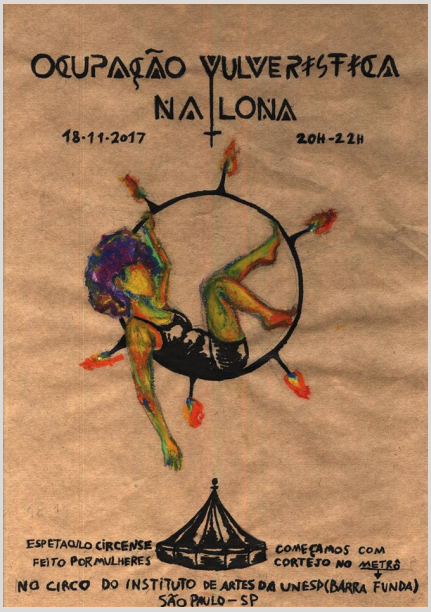
(Fotografia Luiz Guilherme)

18 DE NOVEMBRO DE 2017

Cabaré de variedades

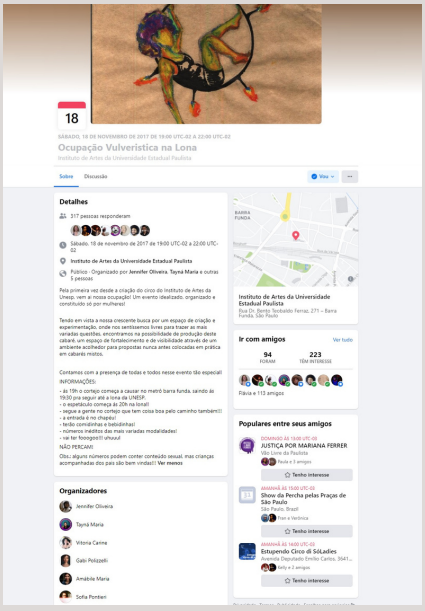
FOTOS

TEASER



(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

1ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

(Fotografia Luiz Guilherme)

(Fotografia Bruna Nascimento)

(Fotografia Luiz Guilherme)

(Fotografia Luiz Guilherme)

(Fotografia Isabela Alves - AfroBela)

→ Um gole – Memorias e afetos

Beatriz – Então eu sinto que a Ocupação foi se descobrindo também, sabe. E nesse processo sinto que eu me descobri também. Porque, é isso né, nesse meu não me dizer muito artista, mas ser. E nesses picos. Eu sinto que a ocupação fez florescer também mais possibilidade, sabe.

Eu comecei com uma dupla, com a Ana, a gente... Nós éramos as Neidas, e a gente era uma dupla de velhinhas que trabalhava no circo e fazia contrarregragem. E aí, foi muito gostoso assim. Poder criar essa parceria, poder criar a Neida, e perpetuar ela por outras, por outras edições também assim. E também, descobri como essa figura se colocava em situação. E aí, é isso, tipo, eu senti que na ocupação foi um espaço de fala, de escuta, de criar… que era isso também. Muita gente criou números para apresentar na ocupação. E aí, as Neidas surgiram disso também. Então, assim, também foi um espaço de criação muito grande, de fomentar. As vezes, eu não tava criando nada, mas de ver as pessoas fazendo coisas, apresentando cenas e mostrando seus números… e a gente às vezes até contribuindo para essa, para esse montar esse número, às vezes com, enfim, mostrar a cena, ensaios e a gente poder assim trocar. Participar desse movimento, trouxe movimento para vida também, sabe. Então foi muito especial assim, e muito doido os rumos que tomaram.

Acho que a ocupação foi um projeto muito importante de ter acontecido, importante de ter finalizado também, mas muito importante de ter acontecido na vida de um monte de gente, sabe. Tipo, de monte de pessoas que saíram com o seu material para poder apresentar em outros espaços. Acho que isso é muito importante. E isso era um dos nossos objetivos no início, né. Criar autonomia. Então, que bom que para muitas pessoas isso foi possível e é isso.

[...] A as Neidas. Pra mim foi muito lindo. Foi muito bonito assim, porque eu acho que foi a primeira vez que eu consegui, junto com a minha dupla a Ana, mas assim eu digo de um lugar pessoal assim, de colocar em prática algo que eu gostaria de fazer sabe. E não através de um coletivo que dirigia, e não através tipo, sei lá, porque no circo eu sinto que tem muito isso dessa autonomia e dessa disciplina que as pessoas vão encontrando para poder criar seus números e criar suas coisas. Porque não é tipo…. Claro que tem muita gente que participa de coletivo, mas também existe um lugar muito, muito dos artistas tipo ralaram muito para conseguir construir algo seu, um número, uma cena, algo do tipo. E aí eu sempre admirei isso muito no circo assim, eu sempre quis ter, desenvolver a minha a minha maneira de criar sozinha também. E aí eu sinto que as Neidas foi um número, um número, uma intervenção, uma figura, que me possibilitou tá nesse lugar, sabe. E isso foi muito lindo, foi muito especial assim. Estar com a Ana que morava junto comigo, que a gente começou a morar junto quando a Ocupação foi acontecer. Então assim, foi muito, foi muito especial assim, a gente poder criar isso junto e colocar em cena, né.

Eu me senti muito presente. Me sentia precisando ensaiar um monte, mas me sentia também presente. Fazendo, sabe? Fazendo acontecer e depois receber retornos legais, sabe. Tipo, me fez acreditar em mim, sabe. Me fez acreditar no meu potencial, acreditar nas minhas ideias de criação, botou um foguinho, sabe. Para acender.

Outra coisa também, de número, né. Tipo fogo. Esse desejo veio a partir do contato com a Ocupação. Porque o meu primeiro contato mais forte com circo foi lá Convenção, que deu início, que deu início, não, né. Mas que foi um lugar de encontro para fomentar esse desejo de criar Ocupação. Foi nessa convenção também que me veio uma possibilidade de coisas. E um encantamento com o circo que eu fiquei “mano, isso é muito foda. Eu quero, tipo, tá mais perto”, sabe. Até hoje, tipo, eu vou para as convenções. Eu não faço oficina quase nenhuma, porque eu não tenho muitas habilidades, lá com as coisas tudo, das oficinas que rolam. Mas eu amo tá perto. Eu amo ver acontecer. Então é muito lindo tá perto do circo. E aí, é isso, né. Vai te dando desejos. Eu, por mim, eu tava fazendo tecido, lira, malabares com 10 bolinhas, e clave, e aro, e palhaçaria, e bufonaria, e aí, sei lá, tudo misturado. Porque é muito lindo, e muito bonito. E muito, mano, incrível de acontecer, sabe. Mas ao mesmo tempo, algo que me chamou mais atenção foi o fogo, né. E como que a ocupação me permitiu isso. Se eu não tivesse nesse movimento de construir a ocupação, em mim também não, provavelmente, não teria surgido a vontade, e interesse, de fazer algo ligado a pirofagia, a fogo, enfim. E aí, foi muito gostoso poder encontrar esse caminho assim, né.

E poder, também, fazer uma oficina, né. Porque eu nunca tinha, nunca tinha dado, eu, uma oficina, sozinha. E aí, na ocupação eu pude fazer uma oficina de pirofagia. E que tipo, um monte de gente se interessou. E as pessoas do grupo, tipo, “Que legal, uhul, vai ter oficina. Isso aí”. Então, tipo, isso me deu força. E isso me deu vontade de fazer também, né. E é um

tema que quando eu falo sobre, muitas pessoas se encantam, e muitas pessoas gostam. E é doido, porque no ambiente circense eu sinto isso muito menosprezado. Porque, enfim…. porque é uma habilidade que talvez não tenha toda virtuosidade que muitas habilidades do circo têm, né. Algo que é muito prezado, a virtuose. Então com a pirofagia, eu fui sentindo esse lugar muito simplista e um lugar muito, tipo, "mano todo mundo sabe cuspir fogo, tá ligado. Todo mundo tem essa relação, todo mundo já fez isso. Que que eu tô fazendo?".

Mas, por um outro lado, estar na ocupação também me dava fogo, também me dava. Me enchia de vontade, me valorizava, sabe. Eu me valorizava e me senti valorizada. Isso é muito importante, né. Construir essa autoestima nesse lugar também. Então, acho que a ocupação para mim foi muito importante nisso, assim. E aí nisso... E transformar isso em oficina foi muito especial. Imagina, tinham pessoas ali que eu conhecia, pessoas que eu nunca vi na minha vida, que foram fazer a minha oficina de pirofagia. Nem foram tantas pessoas, mas assim, foi uma quantidade de pessoas que eu fiquei muito feliz de poder fazer. Então, enfim, foi muito gostoso assim. Foi uma tarde gostosa que me deu vontade de criar uma oficina para poder vender para outros espaços e outros lugares. Então assim, foi muito prazeroso. E muito importante para mim me alimentar dessa força mesmo, sabe. Dessa auto-confiança. Foi algo muito forte dentro da ocupação para mim.

Tay – É eu lembro que eu tava de Mc, e aí tinha uma contraregragem, que parou de ser uma contraregragem um dado momento, que eram as Neidas né. Que era a figura de duas velhinhas que estavam meio que ali comigo, e a gente começou a jogar. E na primeira Ocupação foi isso assim, estava todo mundo descobrindo que que era isso. Aí depois de um tempo uma dessas velhinhas começou a ir para o lado mais da bufonaria, uma outra em outro lado de comicidade, eu ali no meio descobrindo também qual era minha comicidade, que que eu queria pesquisar nisso, e a primeira foi isso quebrei a cara super.

[...]

E na terceira foi super massa. Conseguir descobrir várias coisas. E aí, é muito legal, né. Porque como é um improviso, e tá tudo acontecendo ali, você descobre se funcionou, ou não, ali. E aí, tem uma entrada que é muito marcada na minha cabeça, que foi depois de um número que a pessoa tirou um bagulho, assim, de baixo da saia e deixou o bagulho o picadeiro. E ninguém sabia que tinha que fazer um contraregragem para tirar aquilo. Ai, eu falei "a gente pequenininho, eu tiro". E eu lembro que eu entrei, eu vi esse negócio. Eu lembro que tinha a Verônica, do circo di SóLadies. Eu lembro que ela tava no chão, na minha frente. Eu lembro direitinho da cara dela assim. Porque eu lembro que eu entrei olhei para aquilo e falei "Ok, tenho que tirar daqui". Perguntei para ela se eu podia pegar. E o pessoal "Não, pode, pode". Eu lembro que eu peguei e coloquei dentro da calça e todo mundo começou a dar muita risada, e eu fiquei assim "acho que descobri uma coisa, mas eu não sei o que que é". Até hoje eu não sei direito o que que fez a galera rir tanto, sinceramente assim. Até hoje eu fico lembrando disso e falo "gente eu não sei o que foi tão engraçado nisso".

Mas é isso, tava muito ali, então para mim aquilo era muito normal. E aí, até no vídeo assim, eu tenho o vídeo disso. E eu lembro até no vídeo que eu fiquei assim "ahá, legal funcionou". E foi nessa mesma entrada que eu fui falar… que eu tava fumando, e "gente não pode fumar" e tinha uma criança na plateia. Criança é muito massa. De virá pra mim e falar "Mas você tá fumando". E aí, eu olhei para aquilo e falei "Tenho que resolver isso. Que eu tô falando um negócio, a criança tá falando outra, tenho que resolver isso" e eu comi o cigarro. E isso foi muito legal. Porque foi uma puta descoberta. Que é isso, né. Você descobre com público, então é muito gostoso descobrir com o público. E nessa ocupação também, eu comecei uma pesquisa de pensar nesse Augusto, contra Augusto, nesse jogo clássico do circo. Não tinha uma dupla ali para ser o Augusto. E aí, eu comecei a jogar de, tipo, eu quero que a plateia seja esse Augusto para mim. Que a plateia me de material para jogar, faça escada. "Como que eu faço isso? A plateia nem sabe que eu quero isso dela, mas quero isso e vou fazer eles entenderem." E dar esse espaço para a plateia interagir comigo, e jogar assim, isso foi muito massa. Mas como nem tudo são flores... Enfim, teve essa ocupação foi muito legal, para mim assim. Foi muito legal, várias merdas na coxia, não vou entrar nisso, vou fingir que não existiu, para ficar com a parte foi boa.

[...]

Quando a gente está num espaço que... Que tá ali sendo muito violento é muito fácil ficar só as coisas ruins e o amargo na boca, né. E particularmente é muito difícil não lembrar da ocupação e vir um amargo na minha boca, é muito difícil. Porque é isso assim, sofri vários casos de racismo, comecei a entender quem realmente estava comigo nessa briga, quem tava

cagando e só tava sendo racista também e foda-se. Eu acho que sendo sincero assim eu guardo uma certa mágoa da ocupação nesse lugar, nesse lugar de falso acolhimento sabe.

Ao mesmo tempo que eu faço um exercício de tentar olhar para o todo, do que foi ocupação num todo. E quando eu olho para o todo, eu vejo esses picos dessa euforia de coisas muito da hora que a gente descobriu, que a gente aprendeu e foi muito foda, e esses baixos de coisas muito difíceis, de coisas muito complicadas. No saldo geral, assim, a ocupação me transformou muito. Passar, passar não, estar na ocupação assim. Fazer a Ocupação me transformou muito. Num lugar que eu tenho que agradecer, que eu tenho que olhar para isso com sinceridade, assim. Que foi muito importante para mim enquanto artista, enquanto educadore, enquanto pessoa foi muito importante.

E no sentindo relacional também, tipo, comecei a ter amizade com pessoas que eu não trocava ideia antes da Ocupação, né. Conheci várias pessoas e isso foi muito da hora. Então, fica essa gratidão mesmo assim. Muito grande, porque foi muito importante passar por esse espaço, estar, construir esse espaço. E é muito assim, muito importante aprender com esses erros também, né. Porque a gente teve uma série de erros sim. Achei, acho, muito honesto até hoje assim. Uma coisa que eu olho... Um posicionamento muito honesto nosso, entender que tinha que acabar, que não dava mais. Então que bom que acabou. Eu sou muito feliz com esse fim assim, é uma felicidade que traz uma magoa, traz tipo um “puta eu queria continuar construindo esse espaço”, mas entender que não é esse espaço assim né. São pessoas ali, são aprendizados dali que quero levar para minha vida. Fica um gostinho de quero mais, fica, sei lá, sabe esses chicletes azedos? Que você come e você faz uma careta mas você pega outro. Então muita coisa assim eu tenho certeza que se juntar as mesmas pessoas ali né, que estavam ali mais à frente, vamos dizer assim, não vai se repetir. Muitas situações não vão mais se repetir, porque não dá mais, porque somos outras pessoas já. Enfim, eu já tô me perdendo aqui.

Mas foi um caminho muito bonito que eu acho que se não tivesse acontecido todo mundo estaria em outro lugar, em outro ponto de pensamento, de discussão, de vivência, enquanto artistas, enfim, enquanto pessoas no geral, a gente estaria em outro lugar, se não fosse a ocupação assim, e arrisco dizer que se pá não seria um lugar tão interessante sabe. Pelo menos falando de mim assim, a ocupação, ela foi um acontecimento muito intenso. E eu acho que esse amargo é por conta da intensidade que foi também né. A gente ficou junto ali por dois anos, dois anos assim, foi muito forte, foi muito forte. E numa relação tão intensa tem muita coisa que não é legal, tem coisa que é legal.

E aí hoje em dia eu gosto um pouco desse saudosismo que vem às vezes quando a gente senta para conversar sobre, ao mesmo tempo que eu olho falo “Tem coisa que não cabe mais” e que bom, que bom que não cabe mais. Que bom que acabou, mas que bom que aconteceu também, foi importante ter acontecido.

Caê – Sim, com certeza. Eu acho que para mim toda vez, toda edição que a gente chegava e a lona tava lotada, quando o povo ficava de pé... teve uma edição que tinha um monte de gente de pé ali no fundo, as cadeiras óh (aponta pro braço todo arrepiado) todas as cadeiras tudo ali e o povo de pé no fundo, e você fala assim “Ah” (expressão de supresso). Quando que você vê uma lona de circo cheia, cheia assim, sabe? E pensar nessa apropriação do espaço público, que essa lona deveria ser pública e a gente tava lutando para fazer isso, sabe. Por mais que começasse em um lugar também do nosso umbigo, da nossa apresentação, é essa disposição de trazer outras pessoas e movimentar mesmo a cena do circo, sabe? Daqui de São Paulo, eu acho que a gente movimento sim essa cena, sabe?

Todo mundo virou os olhos para gente, sabe? Tipo “boom, tá acontecendo um negócio ali, que bafo é esse” sabe? E a gente chegava nos espaços de circo e as pessoas reconheciam e sabiam o nome, sabe? Então eu acho que a gente se juntar foi muito importante sim. Foi muito importante esses momentos para mim, são os mais preciosos assim... De ver a lona cheia, o povo gritando. Esses momentos que eu falei no começo, a gente traz da cortina vendo as apresentações sabe? Isso era muito precioso, muito. Você ver seus companheires e suas companheiras se apresentando e estando ali, fazendo parte disso, sabe? Dando esse suporte, fazendo acontecer junto, tantos sonhos, sabe? Sonhos de apresentar, e de apresentar para tanta gente, uma plateia tão generosa, sabe? Era muito bonito, era muito bonito.

DEIXE SUAS MEMÓRIAS E AFETOS AQUI TAMBÉM[1]

[1] Você também pode compartilhar suas memorias sobre a ocupação, é só clicar no sublinhado

OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

O SARAU

PALCO ABERTO NA PONTA DA FACA

26.10.2018

20H - 23H

CONTRIBUIÇÕES NO CHAPÉU

19H30 CORTEJO NO METRO PALMEIRAS BARRA FUNDA

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP

SÃO PAULO - SP

MULHERES E PESSOAS NÃO BINARIAS, VENHAM MOSTRAR SUA ARTE NA LONA!!!!!!

UM ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES

6ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA

PALCO ABERTO NA PONTA DA FACA

(Fotografia Jumaira Lima)

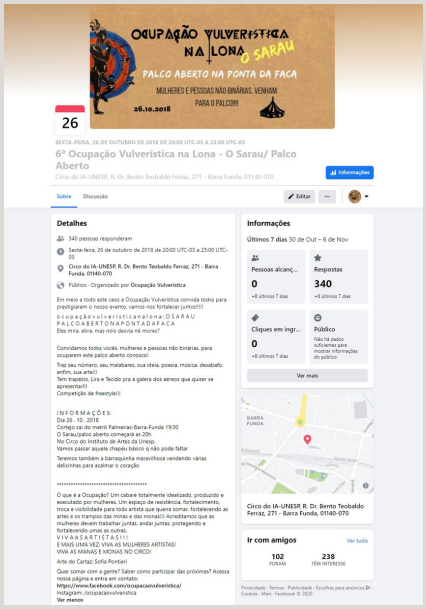
26 DE 0UTUBRO DE 2018

Sarau - Palco aberto

FOTOS

(Cartaz de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

6ª OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA NA LONA
PALCO ABERTO NA PONTA DA FACA

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

Natiele – Eu acho que a primeira vez que eu apresentei foi… eu acho que no quinto espetáculo, a primeira vez. Eu acho que foi. E eu lembro, eu acho, que foi o espetáculo que mais ficou cheio assim. Que foi um que lotou assim. Eu lembro que ficou, tipo assim, lotado. Eu lembro até que eu tava lá atrás e eu fui, tipo, entrar…. eu fui, tipo, dar uma olhada assim. E quando eu olhei, eu falei assim: "mano, nossa!". O circo lotado, lotado. E eu falei assim "meu Deus, eu não creio". Porque assim, era muita gente assim. Muita gente. Isso porque, eu acho que… foi muito louco, né.

[...]

A Ocupação foi um espaço que a gente fez tudo. A gente era artista, mas a gente era a parte técnica, a gente foi a parte de recepção das pessoas, de venda, né. Foi tudo, foi um aglomerado de coisa assim. E de pensar o quanto que isso não foi imenso, assim. Acho que para todo mundo, assim, que passou, deve ter sido. Lógico que cada um vai ter a sua experiência, mas acredito que para todo mundo vai ter sido de alguma maneira, né. Algo que tocou assim.

É isso, foi um algo que eu gostei muito de ter feito parte. De ver que até agora isso está reverberando, né. Você tá falando sobre isso, tá fazendo essas entrevistas sobre a ocupação, e que faz muito sentido, né. Porque fez muito sentido para gente tá ali. É isso, eu acho que eu só tenho agradecer, to até emocionada. Mas é porque é isso, foi mesmo muito potente estar ali. Como eu falei fica. E foi muito louco ter feito parte, foi muito importante. Eu até hoje também eu tô falando com as pessoas e você acaba citando, né. Não tem como, isso fez parte da nossas vidas, né. Foi um pedaço das nossas vidas, né.

E que tá ai. E espero que isso reverbere também, para todo mundo assim, né. Que a gente possa, sei lá, ir criando cada vez coisas novas e que isso possa, tipo, reverbera também, né. De uma maneira que possam se criar coisas mais diferentes também, né. Que a gente possa ir quebrando mesmo essas.... Porque eu acho que a Ocupação teve isso de, foi uma quebra, assim, né. Na estrutura do que que é um circo, né. De como funciona, de como tem que acontecer. Foi uma reinvenção de como pode acontecer. Que essa reinvenção, ela vai para vários lugares, né. Vai estar acontecendo, já tá acontecendo, né. A gente já tá repensando as coisas e é isso.

Letícia – Obrigada. Obrigada por compartilhar, por trocar.

Natiele – Obrigada por ter feito essas perguntas. Porque daí, a gente vai revivendo, né… na memória, tudo isso. A gente lembra de coisa que a gente já nem lembrava mais, né.

Maré – Nossa, muita coisa, muita coisa... Você foi falando aqui passou tipo vários filmes assim, várias imagens de momentos que me marcaram. O primeiro dia mesmo que eu cheguei lá, e eu vi tipo aquele bando de mina né, porque na época era um coletivo de pessoas que se entendiam mulheres, era um monte de mina, tipo, ocupando aquele espaço. E eu não como eu não sei como é que aquilo foi organizado e tal, para mim aquilo tava, tipo, todo mundo na força, na união mesmo, sabe. Fazendo o bafo acontecer. Aquilo para mim já foi muito emocionante.

Ver a emoção das pessoas que estavam ali fazendo, aquilo foi muito emocionante para mim, sabe. E depois vê como isso foi acontecer, aos pouquinhos, sabe. Como a gente conseguiu estar em espaços, como a gente, tipo, pessoas de fora da Unesp, pessoas que nem sabiam que tinha uma lona de circo lá. Pessoas que sabiam que tinham, mas não sabiam como acessar, começaram a estar na UNESP. Também por causa da ocupação, sabe. Isso para mim foi muito, muito forte, muito forte.

E também, ver como esse sistema de se organizar funcionou bastante também, sabe. Tipo era muito massa, sei lá. A gente começava a organizar a ocupação um mês e meio antes, dois meses antes. E aí, ver passo a passo, sabe. Passo a passo, as comissões se fortalecendo, conseguindo fazer o trampo delas, para depois no final, assim, a gente ver aquela lona cheia, sabe. E tipo, é isso, domingo de manhã. Geralmente era domingo as apresentações, sair de casa, sabe. Saber que ia encontrar uma galera que, tipo, fecha comigo. E todo mundo afim de fazer o bafo, isso me marcou demais, sabe. De saber que a gente consegue fazer umas coisas incríveis mesmo, sabe. Tipo, mano, é só tá na força assim, que a gente consegue fazer coisas muito foda.

OCUPAÇÃO ?!?!?RÍSTICA

EDIÇÃO JUNINA

30 DE JUNHO

A partir das 14h DOMINGO

Roda de conversê

16h30

Oficina de Pirofagia

14h

Espetáculo Maranha

19h

Forró Junino

20h

no Circo do Instituto de Artes da UNESP

Contribuição no chapéu

Lembrando que: Nome em processo de transição

8ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

EDIÇÃO JUNINA

(Fotografia Jumaira Lima)

30 DE JUNHO DE 2019

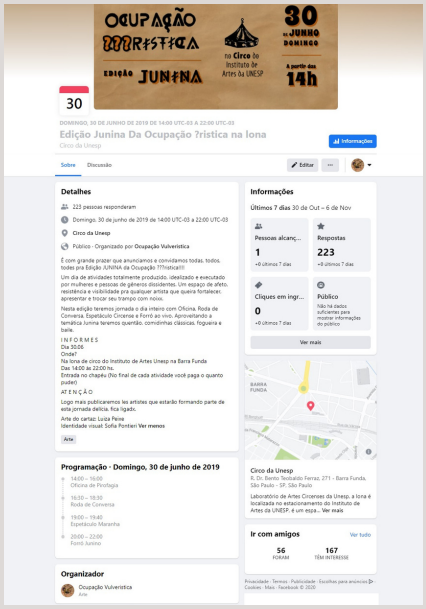
Oficina | Roda de Conversa
Espetáculo | Forró

FOTOS

TRANSFORMANDO OLHARES

(Cartaz de Luiza Peixe)
(Identidade Visual de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

8ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

EDIÇÃO JUNINA

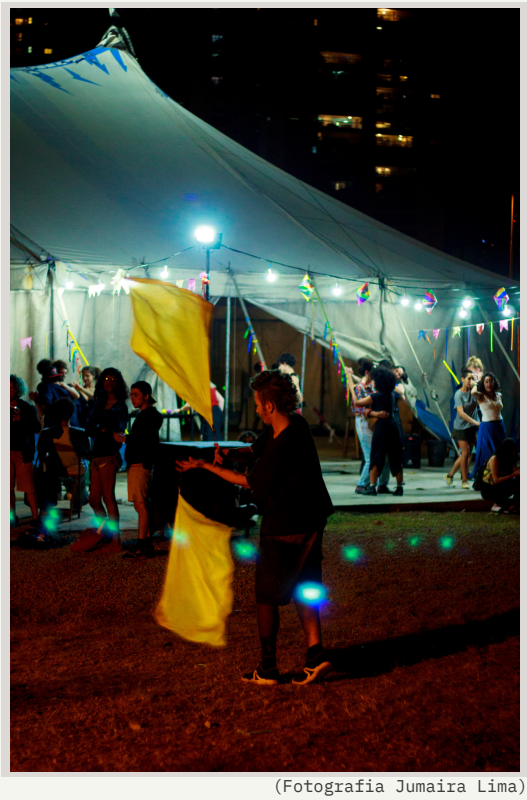
(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)



(Fotografia Jumaira Lima)

Maré – E uma coisa que me marcou também, bastante. Foi ver Tay como MC, na primeira ocupação, sabe. Tay, uma pessoa preta, na figura que Tay é, na postura que Tay é em cena. Aquilo me fortaleceu demais. Até porque eu e tay, eu não sei se eu posso afirmar isso. Mas se eu não me engano, éramos as únicas pessoas pretas que estavam na primeira edição, se apresentando. Enfim, não sei, talvez eu esteja me esquecendo de alguém. Mas isso me fortaleceu muito também, sabe. Porque é isso, né. Eu já não me entendia muito artista, eu tava lá querendo ser artista mas não sabia se era artista. Tava querendo entrar na universidade pública, mas não sabia se eu ia entrar na universidade pública. E chegar no espaço que é majoritariamente composto por pessoas brancas, num ambiente que é uma instituição, que a gente sabe totalmente excludente, que são as Universidades públicas. Por mais que esteja mudando esse quadro, ainda é um ambiente, também, muito distante de muitas pessoas. Isso também poderia ter me assustado. E Tay! Ver Tay ali como Mc, tá ligado? Nossa, aquilo foi, tipo, BUM, um BUM. Aí, mano, é isso, sabe. É sobre isso, foi meio que tipo "não, tamo junto aqui! Bora fazer esse bafo".

E aí mana eu acho que já tô saltando, mas enfim né, vou saltar.

O dia que Cia Fundo Mundo foi na ocupação, não na ocupação, foi no circo da Unesp, por meio da nossa articulação, mas foi no circo da UNESP. Para mim foi tipo [expressão facial feliz]... Que são pessoas que admiro demais, que eu tenho muito carinho, admiro muito o trabalho delus. E foi tipo, rolou uma hora: "Olha tudo que a gente consegui fazer, sabe".

[...]

Aí fica bastante coisa, né. Tipo, tudo isso, dessa história, muitos momentos bons, muitas amizades, sabe. Fiz muitas amizades. Esse BUM também de me entender uma pessoa artista, de entender que eu faço arte. Esse BUM profissional mesmo. Que muitas pessoas me conheceram porque eu estava na ocupação. E hoje já consigo trabalhos que eu acho que foram, são frutos que eu tô colhendo, dessa sementinha que eu plantei lá atrás. Acho que fica muito aprendizado de entender como é babado a gente está em coletivo, né. Tipo, cada pessoa alí, com todo o seu universo, e como a gente pode ser agressivo com quem tá do nosso lado, sabe.

Como a gente pode estar apagando as pessoas, sendo destrutivo mesmo, sabe. Tipo, como de fato se fortalecer, sabe. E fortalecer cada pessoa. Teve até um caso de uma pessoa do grupo, que tava no corre com a gente para caramba, passou nesse encontro de mulheres do círco, lá em Ribeirão, não tinha grana para pegar o busão para ir para lá e, tipo, a gente tinha caixa. A gente, tipo, tinha uma caixa. Tanto que a gente pagou um cachê depois. A gente tinha caixa, isso é fortalecer tá ligado, isso é você olhar o outro também, entende?

Então acho que esse é um dos aprendizados, tem os apresentados positivos, felizes também, né. Porque não são só os aprendizados que gente fica "carai". Mas tem os aprendizados felizes. De, tipo, aprender a fazer as coisas mesmo, sabe. Meter as caras e criar os nossos próprios espaços. Como criar os nossos próprios espaços sabe. Tipo, bem assim, como fazer. Como fazer! Esse como fazer é incrível, eu me arrepio e me emociono sempre que eu lembro da Cia Fundo Mundo lá, sabe. E como foi tudo, sabe. Como foi tudo! Tipo, trabalhar para que elus viessem, trabalhar para elus, real. Assim, tipo, foi meu "Vamo fazer um camarim, a galera é vegana, não sei o que, não sei o que", fazer as coisas.

Fica uma chateação, tipo, que pena que a gente escolheu um nome transfóbico, mas que bom. Que bom no sentido de, que bom que a gente aprendeu isso. Que merda que a gente foi transfóbico, mas tipo, mano, vê quem a gente era no começo da Ocupação, nossas cabecinhas com relação a isso, e muitas outras coisas, questões raciais, questões sociais. E ver tudo que o nosso coletivo, a gente junto conseguiu fazer assim ó. Vira várias chavinhas, em várias cabeças, é muito massa também, sabe. Muito massa. Mas ainda assim, que merda que a gente foi transfóbico tá ligado? Que merda.

E pô, ia ser tudo se a gente tivesse escolhido um nome que fosse melhor, se a gente tivesse se entendido como o grupo antes, se a gente tivesse escrito editais, se a gente tivesse…. sabe? Que eu acho que isso poderia ter gerado muito mais coisa, mas ao mesmo tempo, tipo, foi o que foi, tá ligado.

Tipo, foi o que foi, com tudo isso. Com todos esses balanços que eu falei. E também, eu acho que… Como eu disse, eu acho que é uma boa decisão, o fim, sabe. Foi uma boa decisão. A gente parou na hora que precisava, que não dava mais. A gente tentou terminar com festa. Terminar sabe, tipo, bem. E a última Ocupação foi bem emocionante para mim também, sabe. Aquele público é um público que eu tenho muito carinho, muitas pessoas iam lá várias vezes. Nossa, e alias eu tava até vendo o vídeo da última Ocupação, que eu não tinha visto ainda o meu vídeo. Porque eu precisei, para mandar... Aí gente, o melhor vídeo que

eu tenho do meu número, 'A caminho do mar', atual, que é o número com todas as modificações que eu já fiz, veio da última Ocupação.

E aí, nesse dia, eu lembro que tinham várias pessoas pretas na plateia. E aí, enquanto eu fazia os gestos, né. De referência aos Orixás, as pessoas ficavam falando, entoando essas referências, então, é lindo, sabe. É lindo, lindo. Então quando eu faço o gesto de Oxóssi a mulher fala "Okê Arô Oxossi" no meio da plateia, sabe. É lindo, é lindo. Então é um público que me acolheu muito, sabe. De, tipo, realmente eu vi mano….. eu vou falar. Da galera assim aplaudindo de pé. Teve uma vez que eu apresentei que a galera aplaudiu de pé, tá ligado? Aplaudiu de pé, gritando assim, tipo, do meu ouvido fica assim "piiiiiiii" e eu tipo... Eu ainda preciso aprender a agradecer. E eu assim "ai gente tititi, ai brigada", sabe. Gente, isso é demais, demais, demais. E esse espaço que possibilitou isso, saca.

Letícia – Nossa, eu to arrepiada aqui. Sabe quando sobe assim...

Maré – Eu também, tô aqui querendo chorar. Querendo chorar.

→ Outro gole – Transformações: como a Ocupação te atravessa

A experiência na Ocupação teve algum impacto na sua trajetória enquanto artista, arte-educador, pessoa? Se sim, qual (ais)? O que muda a partir dessa experiência?

Natiele – Então, eu acho que assim… Eu gosto muito do circo, né. Tipo para mim faz muito sentido tá no circo, mas é isso eu não tenho nenhuma... Nenhum lugar, assim, do circo, que eu esteja. Tipo "ah, eu sou malabarista" não. Eu conheço um pouco de malabares, eu faço um pouco, mas eu não tô. Não sou malabarista. Então, assim, tem coisas do circo que me atraem muito, que eu sempre tô, tipo, treinando, mas que não é o que eu realmente sou, né. Tipo eu sou atriz, eu gosto de fazer cena, assim.

Eu acho que ter esse espaço, né. De poder misturar essas várias artes. Eu acho que isso é muito foda. Porque ao mesmo tempo você tá ali… porque é isso, né meu, eu lembro que teve vezes... Que nem, eu fiz uma oficina de pirofagia na Ocupação, né. Eu era louca para aprender a fazer pirofagia, eu gosto muito. E daí, de repente aprendi isso na ocupação. Então, acho que esse é o espaço mesmo, né. De ter essas várias linguagens juntas. Eu acho que só vai agregando, né. Que aí, você consegue juntar o que você gosta… não. É o que você faz com o que você gosta! E aí vai.

É isso. Esse lugar de troca mesmo. E aí, por exemplo, eu lembro que teve… porque eu apresentei essa cena minha, que era uma cena performática, né. E aí, eu lembro que apresentei uma, em outra semana também. Aí, teve um dia que a gente fez um sarau, né. E que foi muito louco, porque eu lembro que nossa era para, sei lá, durar uma hora e pouco, né. Durou muito tempo, foi pra sempre o sarau. Foi pra sempre. Porque eu lembro que teve esse lance, né. De que a gente da ocupação mesmo, né. Que tinha se inscrito e tal, a gente se apresentou, como quem tava ali na hora e "ah, quero falar um negócio aqui". Então tipo, daí, eu lembro que nesse dia eu mandei uma poesia. Aí, teve gente que cantou, teve gente que mandou outras poesias, teve gente que fez número, teve gente que dançou, então teve muita coisa assim. E eu acho que é isso, eu acho que fica até... assistindo também, né. È muito interessante. A gente via as pessoas, que iam assistir, depois falando "nossa mano, que foda", pessoas que ficaram, né. Pessoas que, tipo, foram assistir uma vez a Ocupação e sempre que tinha tava lá, porque gostou, né. Eu acho que é justamente isso, né. Porque você ter várias linguagens, várias coisas diferentes acontecendo, torna mesmo o espetáculo mais interessante.

Então eu acho que essas várias linguagens, elas, vão agregando muito umas as outras, e eu acho que um lance também, é que ter esse espaço, né. De dizer eu tô indo para o coletivo de circo. Eu não tenho essa experiência com circo, e eu acho que foi o que mais me fez ter, mesmo, essa vontade de aprender cada vez mais do circo, sabe. Eu estar fazendo essa aula, agora, de parada de mão, tem a ver com estar nesse espaço, sabe. De entender que eu posso estar, sabe. Que eu consigo aprender essas coisas também. Então acho que ter esses espaços assim, eu acho que é isso, acho que dá essa segurança de você ir fazer, né. Porque ainda mais

a gente. Pensa, né. Que nem… eu,também to fazendo núcleo de circo e teatro físico da ELT, sabe. E estar lá, a gente sempre discutir isso, né. O quanto que o circo tem muito esse, alguns circos, tem esse lugar da perfeição, né. De que tem que ter um corpo musculoso, e não sei o que lá, e tem todo esse estereótipo de quem que é que faz circo. E aí, eu acho que a ocupação foi um espaço mesmo que eu consegui entrar e entender que eu posso fazer circo, sabe. Que é possível, que tá aqui junto comigo, sabe. E porque é isso, né. Que nem, eu tô nessa vibe mesmo, conseguir juntar o teatro com o circo, com a parada de mão, malabares. Então de consegui criar algo que tem esse hibridismo.

E aí, eu lembro que a gente foi para convenção nacional de circo, lá em Goiânia. Meu, quando? Sabe? Que eu ia pensar que eu ia para lá. E foi louco né, a gente fez várias oficinas. Então, acho que esses espaços de poder ter essas várias linguagens artísticas juntas… eu acho que é isso, sabe. É sempre um espaço de acolhimento e que te abre para conhecer coisas novas, e te dar essa força para falar “meu eu vou me adentrar nessa linguagem, sabe”. Porque, eu acho, que não fica no lugar de, tipo, “A eu preciso saber exatamente o que fazer, eu preciso ser perfeita em tal linguagem para poder estar dentro, né. Do circo assim”. Aí, eu fui percebendo que não, que eu podia estar ali aprendendo, e conhecendo, e me aperfeiçoando, e levando isso para outros lugares. Então acho que foi isso mesmo, assim, sabe. Que trouxe esse hibridismo, essa comunhão de... comunhão artística, né. (risadas).

Ah, eu acho que o impacto é justamente esse assim, que eu meio que já falei, assim, sabe. De me fazer pensar até essa mesma criação de cenas de uma outra maneira, sabe. Eu gosto muito dessa coisa do corpo, né. De tá com o corpo em cena. Então, acho que o impacto que a Ocupação trouxe foi esse, assim mesmo, sabe. De me adentrar mais na linguagem do circo, de trazer isso para minhas criações, de por exemplo. Isso de ter entrado na ELT. Eu acho que se eu não tivesse passado pela Ocupação, eu não sei se eu estaria hoje na ELT, sabe. Não sei se eu estaria fazendo a parada de mão. Então eu acho que foi esse lugar mesmo, assim. Impactou, acho que dessa maneira, de trazer o circo para minha vida, assim. De trazer isso para dentro da minha arte. Acho que é isso. Trouxe o impacto de conhecer mulheres diferentes, pessoas diferentes, e que me agregaram em muitas coisas. Eu acho que tem um pouco a ver com isso assim.

E eu acho que até nesse lugar também, né. De… porque eu achei que a ocupação foi um espaço em que eu me vi. Eu não sei como explicar isso assim. Mas, que eu acho, que foi um lugar que me deu essa vonta... esse poder assim, sabe. De me sentir… assim… ativa, sabe. E de falar, me dá essa vontade mesmo assim, eu não sei explicar o que, sabe. Mas um negócio que fala “vai e faz”, assim. Eu acho que a Ocupação me trouxe isso, assim.

De ver que é possi.. porque é isso, né. Tipo, a gente foi e fez, sabe. Um bagulho acontecer e que... Pô, eu lembro da gente, uma vez que a gente foi almoçar na... a gente tava lá montando as coisas, a gente foi almoçar, e eu lembro da gente falando sobre isso, assim, “meu tá todo mundo conhecendo a ocupação, sabe. Tipo, você vai nos lugares, as pessoas estão falando sobre isso”. Então de ver que… que é possível, sabe. Colocar as coisas em prática. Então, acho que, eu acho não, foi isso assim. A Ocupação ela trouxe esse lugar de entender que é possível colocar as coisas em pratica, que é possível colocar a mão na massa e fazer acontecer, né. E de estar ali e não tá precisando de macho cis para estar ali, sabe. Fazendo as coisas, né. De ver que a gente não precisa dessas pessoas para tá fazendo o rolê acontecer, assim. Eu acho que isso foi o que mais foi impactando mesmo, né. Na vida. Porque daí, estar na ocupação fez com que eu estivesse outros lugares, sabe. Que… eu lembro que a minha cena mesmo, que eu fiz, né. ‘No sobressalto da minha mente meus olhos dançam’. A primeira vez que apresentei foi na Ocupação, que foi esse dia que tava, tipo, lotado, cheio de gente. E aí, ter apresentado ali, foi aonde eu falei “tá, eu vou apresentar agora em vários outros lugares”. E aí eu fui para festival com ela, fui apresentar.

Não sei na onde. Então, tipo, foi um lugar mesmo de ver que... tipo assim, sabe. De ver que minha cena é potente. Porque eu lembro que eu apresentei e veio várias pessoas falar comigo depois, e isso... Eu falei “nossa da hora. Então tipo faz sentido”. E aí, eu falei “então é isso, vou né...”. E foi isso assim. Para mim a Ocupação foi espaço de poder, de se unir, sabe. De uma dá força para outra, e falar “mano vamos fazer o rolê acontecer”. E aí, não tem como, né. É um o negócio que tu vai levar para vida toda, né.

CIA FUNDO MUNDO APRESENTA:

SUI GENERIS

ESPETÁCULO INÉDITO EM SP!

10 de NOVEMBRO de 2019

20h30

CIRCO DA UNESP

R. Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, SP

ORGANIZAÇÃO: OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA

ESPETÁCULO SUI GENERIS
CIA FUNDO MUNDO

(Fotografia Nirely Araújo)

10 DE NOVEMBRO DE 2019

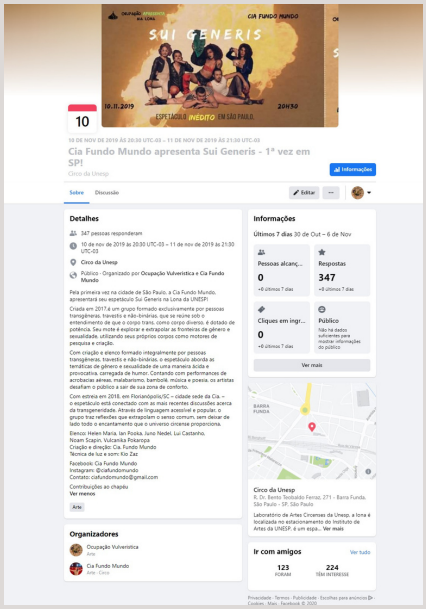
Produção Ocupação

FOTOS

MAKING OFF

CUCETA PRODUÇÕES

(Cartaz Cia Fundo Mundo)



(Print retirado do Facebook)

FLYER

DIVULGAÇÃO ONLINE

ESPETÁCULO SUI GENERIS
CIA FUNDO MUNDO

(Fotografia Nirely Araújo)

(Fotografia Leka Mariano)

(Fotografia Nirely Araújo)

(Fotografia Nirely Araújo)

(Fotografia Nirely Araújo)

(Fotografia Lady Lazzarus - Plasticine Produções)

Caê – Eu acho que tem essa experiência da potência que se é fazer um projeto em tantas pessoas. Ter tanta gente reunida para movimentar um projeto, para movimentar um espetáculo. E como a gente somando junto, a gente consegue fazer uma coisa muito grande. Mesmo que seja independente, que seja autônomo, sabe? A gente consegue fazer coisas muito grandes e muito importantes também, né. Porque, às vezes, a gente não tem incentivo, não tem edital e não sei o que.... Mas a gente se juntando a gente pode fazer. Então acho que a ocupação traz muita essa visão. E traz a visão também, de como construir coletivo, sabe? Que é isso, hoje daqui para frente eu tenho essa ideia de que coletivos precisam ser pessoas. Precisa ter o nome das pessoas, não pode ser aberto, vai, entre sai quem quiser. Não, não é assim, não é bagunçado, tem que ser organizado. Por mais que a gente possa dentro de um coletivo também formar núcleos e, às vezes, esses núcleos sejam abertos a outras pessoas, sei lá, pensa em outras formas.

Mas a gente precisa ter pessoas que são responsáveis, ter essa responsabilidade pelo coletivo, sabe? Então eu acho que traz essa visão também, assim, de como formar coletivos. De como trabalhar em coletividade. E também, essa coisa de ter aprendido muito sobre circo, sobre lona, sobre criar espetáculo, sobre produção também, sobre luz, som, montagem de cortina, alimentação.... E entender como todas essas funções são tão importantes, sabe? Todas elas, sem hierarquizar. Por um lado, esse projeto tinha isso legal, de não hierarquiza a produção em relação à alimentação, por exemplo. Era realmente tudo é necessário, todas elas são necessárias para funcionar bem assim. Então eu acho que traz diversas visões mesmo de como organizar coletivo, de como realizar espetáculos, e se fortalecer nessa cena autônoma que é a nossa vida.

[...]

Letícia – Você acredita que essa forma de organização tinha uma potência pedagógica?

Caê – Sim, acho que sim, com certeza.

Letícia – Em que sentido?

Caê – Da gente crescer junto, da gente aprender coisas diferentes, aprender sobre o circo e se formar enquanto artista autônomo também. Porque a gente estando nesse lugar, de que a gente precisa fazer tudo. Você é artista, mas.... Você também tem que fazer a produção, também tem que fazer a divulgação, também tem que fazer a montagem do cenário, não é só simplesmente chegar lá e vai estar tudo montado para você. E não, tem que ver a luz, tem que ver o som.... Então acho que essa formação pedagógica do que é ser um artista independente hoje, porque a gente não tem isso, nem na faculdade, nem curso, não tem, sabe? A gente tem que ser o seu próprio produtor. E eu acho que ocupação trouxe bastante esse ensinamento, assim.

Letícia – Mesmo estando dentro do espaço da universidade, sem ter haver com a universidade!?

Caê – Exato! Porque tem outros projetos, lá na lona, que não funcionam assim, sabe? Que tem muita gente que vai ficar responsável sobre isso, sobre aquilo e a pessoa que vai chegar e dá o seu Close. E aí, que isso forma um monte de artista assim também (expressão de nariz em pé), sabe? O que quer chegar lá e só dá um close. E não, você tem que fazer também, sabe? Ser artista é correria, é corre para você conseguir se produzir.

Letícia – Tem algo que você aprendeu ali que esse projeto te proporcionou e que fora você gastaria uma grana pra aprender, mas esse espaço te possibilitou?

Caê – Sim, e uma coisa legal é que lá na lona a gente tem muita infraestrutura. São privilégios assim, muito grande de poder ter acesso a esse espaço. Porque eu aprendi a mexer numa mesa de luz que eu não teria oportunidade de aprender em outro lugar, em outros espaços. Ou se eu fosse aprender, seria dentro de um curso que provavelmente seria caro, né. Ou a mesa de som, a mesma coisa. Refletores, ribalta, cortina, tudo, tudo, ter acesso a uma lona mesmo, porque são pouquíssimas hoje em dia. A gente fala de circo, mas circo escola,

circo em casa, lona mesmo são pouquíssimas. É super difícil essa oportunidade de trabalhar numa lona e de entender como funciona, como é a estrutura, a ancoragem de aéreos, como faz, sabe? Quais são os equipamentos de segurança que você precisa para montar cortina, tudo isso. Até o NR-35, que é um curso de trabalho em altura para lona de circo. Então tudo isso, tudo isso, assim, eu acho que a gente se formou muito dentro desse espaço.

Maré – Nossa, acho que impacta em todas essas, todas essas. Porque é isso, como eu não tinha, né. Foi com a ocupação. Nessa apresentação, na primeira ocupação, que eu comecei a falar "nossa realmente o que eu tô fazendo tá rolando. Tem gente curtindo, é potente!". Foi, tipo assim, pra minha autoestima (apontando pra cima com o dedo indicador da mão direita). Assim, (aponta novamente), pra minha autoestima e pra maneira como eu lido com meu trabalho também.

De chamar que eu faço de trabalho também. Chamar o que eu produzo de trabalho. E é isso, a partir dessa... aí, eu já fui para segunda Ocupação e bora apresentar de novo entendeu. Comecei ganhar mais confiança também, de tá em frente a um público e enfim, receber, e trocar com esse público.

Com as filmagens, com os materiais que a gente conseguia disponibilizar para cada artista. Eu comecei também a enviar meus números para Convenções, para festivais, também coloquei umas fotos bafo no Instagram, sabe.

E disso meu, com esses vídeos e com esses... principalmente os vídeos que eu que recebi da ocupação. Eu consegui acessar vários lugares profissionalmente, sabe. Consegui estar em convenções Brasileira de circo, no ano de 2018. Foi? foi em 2018. Que a primeira Ocupação foi em 2017, e a segunda, e a maioria, né…. Das ocupações foram em 2018. Naquele mesmo ano já me inscrevi para Convenção Brasileira, sendo que eu nem nunca tinha ido na convenção brasileira, tá ligado? Nunca tinha ido, mal tinha conhecimento da existência de Convenções brasileiras na verdade, até tá nesse espaço da Ocupação. E tipo, meu número foi aprovado, sabe.

Então, sim muito por causa do trampo, mas também porque eu tinha um vídeo para enviar para esse trampo, pra essa conversão. E também porque tinha uma galera junto comigo que falava "Mano manda, manda que é da hora meu. Vai mano, que é foda, você é foda!", sabe. Isso tipo, isso fez eu chegar em vários lugares de circo. Eu acho muito, que hoje eu trabalho com arte, tenho conseguido, né. Ali aos trancos e barrancos viver de arte, minimamente, por causa dessa história lá atrás. Dessa história, dessas pessoas que estavam do meu lado, por causa desses materiais todos. Que eu uso até hoje, sabe. Quando eu vou me inscrever, uso até hoje esses materiais. Muitas das fotos que eu mais gosto são desses, é na Ocupação, é no circo da Unesp.

E aí, pensando em pedagogia, né. Que você falou. Eu fiquei bem, tipo... Eu acho que essa organização, é muito isso, né (gesto de uma balança com as mãos). A organização da Ocupação tem seus pontos negativos e tem seus pontos positivos. E ai, eu acho que essa horizontalidade, essa maneira de passar o conhecimento. Esse tipo, aprender fazendo, sabe. De, tipo, qualquer pessoa pode, né. Aprender a montar uma luz, sabe. Qualquer pessoa pode, tipo, esse fazer fazendo e aprender fazendo. Para mim foi um puta método, uma metodologia ali, que a gente desenvolveu. Que é isso, de pessoas que não sabem enrolar fio, saíram sabendo ligar. Ligar caixa de luz entendeu, afinar luz, muito massa.

E também a gente tinha algumas pessoas, por meio dos formulários, que trabalham com essas coisas. Então tinham pessoas que eram iluminadoras de fato, profissionais, e queriam somar com a gente e essas pessoas também passaram muito conhecimento para gente, sabe. Tipo muito, muitos aprendizados, muita coisa.

Beatriz – Outra coisa muito forte também foi fazer esse movimento acontecer né. Poder estar desde o começo até a última edição, até a apresentação da Fundo Mundo, e tipo poder observar tudo isso, poder aprender com os nossos erros todos, poder discutir sobre. Eu senti cada vez mais. Hoje em dia isso não acontece, hoje em dia eu tenho muito mais….. Eu sou muito mais empoderada da minha voz, né. Claro, por vários privilégios contidos nisso, por eu ter espaço e escuta para poder falar. Mas esse meu processo individual foi muito durante a ocupação também. De aprender a me colocar, aprender colocar o que eu acredito, aprender a me rever, a ter um posicionamento crítico diante do que eu penso. Isso foi muito proporcionado pela experiência na Ocupação também. Então, existe esse lugar, né. De um aprendizado de produção, de um aprendizado de um movimento coletivo, horizontal, de erros e de acertos, mas

enfim, de estar ali junto. Isso foi um aprendizado grande assim, dessa organização coletiva, desde o início até o fim.

É isso. Me falha a memória características específicas, mas tá em mim sabe, tá no meu corpo essa experiência, eu carrego comigo até hoje assim. Isso é algo muito positivo. Com erros ou não, né. Com muitos erros e muitos acertos também. Tipo, é muito potente, muito gostoso, muito prazeroso ter feito parte desse movimento, né. Conheci pessoas, me aproximei de artistas que eu admiro muito, pude entrar em espaços e aprender assistindo. E trocando muito sobre criação de números, sobre viver como artista, né. Sobre sobreviver com artista, algo que a gente não aprende na faculdade, por exemplo. A gente não aprende tanto em cursos. A gente só aprende na vida, e o circo ensina muito isso. E na ocupação tiveram, tinha, muitas pessoas que viviam, né. Do Circo, viviam da sua arte. Então foram aprendizados que sigo ampliando, né. Porque é isso, um recorte muito específico, mas ao mesmo tempo é um aprendizado, né. Foi muito importante nesse sentido.

Letícia – A Ocupação impacta, impactou sua vida enquanto artista, educadora, pessoa. E se sim, como é esse impacto?

Beatriz – Impacta, com certeza. A Ocupação com certeza sim, mudou... Ah, eu acho que isso que eu falei agora, né. De como isso me traz aprendizados, isso é algo que mostra como impacta, né. Como fez parte, como acrescentou muita coisa, né. Tipo, mudanças e entendimentos. Tanto sobre o fazer artístico, quanto de pensar politicamente os espaços, quanto pensar organizações coletivas, isso fez muita diferença, né. É isso, né… até entrar na faculdade, eu sinto que eu era uma pessoa super inocente, né. Que tinha pensamentos em relação à questões sociais, mas em um nicho muito limitado.

E sinto que a ocupação... (Barulhos externos). Isso né, de ampliar a minha visão de mundo, ampliar as questões sociais, ampliar em questões raciais, de gênero, de classe, foi um pensamento, uma percepção, uma vivência, que me abriu a visão também, né. Que me tirou de um lugar muito privilegiado de uma bolha, que eu permaneço nessa bolha, mas que me permitiu ampliar. Me permitiu olhar para os lugares, me permitiu...(Barulhos externos). Mas enfim, é isso, né. De que estar na ocupação me permitiu olhar para além do que os meus olhos enxergavam assim, né. Olhar para outras realidades, estar em contato com outras discussões.

Então essa mudança de percepção de mundo, influencia diretamente na minha percepção, e na minha prática enquanto educadora, enquanto artista. Que assuntos eu quero falar, qual o meu ponto de vista.

Pensando em comédia, né. Qual o meu material para o riso acontecer, como que eu proponho, como que eu construo cenicamente, pedagogicamente, propostas que façam quem tá participando da uma revira-volta, dá uma… dá uma chacoalhada, sabe. Sair de um lugar comum, sair de uma zona de conforto e experimentar outro ponto de vista, outra maneira de ver e se relacionar com o mundo.

Claro que é muito pretencioso achar que em uma apresentação, uma aula, isso vai acontecer, mas como que você movimenta, né. Ao mesmo tempo que é pretensioso, também não dá para andar sem essa pretensão. Então como que através desse pensamento transformado, eu também transformo minha prática enquanto artista e enquanto educadora. E isso fez toda a diferença. Isso a Ocupação me proporcionou um monte.

Além disso né, de pluralidades do que é criar, né. Do que é construir algo junto. Acho que também me fez a atentar há vários pontos importantes, né. Tipo a organização do espaço, como receber as pessoas, como finalizar também o dia, enfim…. que são coisas mais específicas, mas que também transformam esse estar coletivamente, né. Construindo algo tão, tão... Acho que a Ocupação me transforma nesse sentido, sabe. Enquanto pessoa, enquanto... Porque acho que transforma a prática diretamente também, mas muito mais a mim. E aí, eu transformada, transformo o que eu tô fazendo, né.

Eu com posicionamento, com pensamento crítico, com uma autocrítica constante, transforma minha prática em qualquer… nas minhas relações, né. Nas minhas relações de amizades, minhas relações afetivas, as minhas relações didáticas e pedagógicas, artísticas, enfim. Transforma todo esse lugar, que eu acho que… é, a ocupação deu uma engrenada também, né. Eu sinto que estar na faculdade abriu essa cabeça, mas estar em um projeto autônomo fez também se transformar, sabe. Fez também a coisa engrenar.

Letícia – Porque vai para prática.

Beatriz – Porque vai para pratica, é. Sai da teoria, sai do cabeção acadêmico e vai para algo prático, né. E é muito doido pensar isso, porque a gente estava dentro da universidade, em um espaço teórico, acadêmico, super elitizado e na lona de circo, que era rechaçada. Ela inclusive é mais distante de todos os espaços. E a gente ali fez muita coisa acontecer, fez uma prática, né. Colocou em prática diversos aprendizados e também criou práticas, que a gente não aprendia lá dentro, né. Que foram muito importantes para minha formação. Graças a Deus eu tive mais um ano de formação dentro da Unesp. Se eu tivesse me formado em só 4 anos eu não teria vivenciado, tão vivamente, quanto eu vivencie, a Ocupação e essa experiência que o circo me proporcionou mesmo, sabe. Graças a Deus, que isso. A faculdade precisa dessa prática, né. Que bom que eu estava aliada a isso também.

Tay – Nossa, mudou tudo. Mudou tudo, mudou tudo assim. Nossa, são muitas coisas, são muitas coisas. Mas pensando nesse meio da palhaçaria assim, vou dar esse foco. Antes da ocupação, eu tava passando por um momento de um entendimento racial, na pele assim, né. Tipo acontecendo ali muito forte, muito forte. E um entendimento da palhaçaria, porque tudo que eu fiz antes da ocupação, era ali uma galera ‘‘me dando aula”, né. Num geral. E um lugar da palhaçaria que, hoje eu olho e falo “puts”, se eu tivesse nesse lugar ainda seria impossível de continuar, né. Insustentável. Não cabe mais em mim, né. Não cabe mais nesse corpo que eu habito assim.

Então, mudou completamente a minha visão assim, de palhaçaria. Tanto quando eu vou assistir, tanto quando eu tô em situação, né. De… acho que o que ficou mais forte para mim assim. Pensando enquanto palhaçe. Enquanto pessoa que trabalha com comicidade. É entender quais os lugares possíveis dessa comicidade, né. Que eu falei ali, de pesquisar essa agressividade, que é um arquétipo que já colocam em mim por ser uma pessoa preta. Por ser lida enquanto uma mulher preta, por ser uma mulher preta também. É algo que já colocam em mim. E eu sou essa pessoa, que eu tenho uma voz mais ativa. Eu já falo alto, isso é meu. E a galera coloca isso de agressividade nas minhas costas sem eu fazer nada, né. E aí, dentro da comicidade, entender como é que eu posso trabalhar isso, subverter isso, e trazer isso para mim. De um modo gostoso, e não como as pessoas colocam em mim. Foi uma puta descoberta assim. Foi entender, assim, o que eu acho dahora, o que funciona para mim, o que não funciona para mim.

Então poder experimentar isso assim. Porque era uma apresentação que acontecia assim, quase que mensalmente, sabe. Eu tava o tempo todo pensando na ocupação. O tempo todo pensando que que eu ia fazer, né. Nesse lugar de Mc que eu ocupava bastante, assim. Então me fazia ficar ali, o tempo inteiro maquinando. E ao mesmo tempo que, às vezes, era muito solitário, esse lugar de descoberta. Também me potencializa muito. Porque eu não tinha alguém para ser minha muleta, ali em cena, era eu comigo, e o público ali. Era eu comigo, eu com público, público comigo e fazendo acontecer. E isso é muito legal, né. Pensando assim enquanto palhace.

Enquanto educadore assim, é uma coisa que, hoje em dia, eu olho muito. Que é como essa comicidade… entender como essas nuances da comicidade, que não é sempre “Eh felicidade”. Como que elas podem me ajudar a trabalhar a relação que eu tenho, nesse lugar de professore, de educadore, enfim. A relação que eu tenho com as outras pessoas que estão ali, né. Como que eu posso quebrar essa hierarquia de sala de aula, desses ambientes educacionais. Que existe essa hierarquia meio adoecedora. Como que eu consigo chegar quebrando ela, né.

Eu trabalhei bastante com grupos pontuais assim, encontrava o grupo por duas horas, acabou, 2 horas, acabou. Como que eu posso conquistar essas pessoas no “Oi” que eu dou? Porque esse lugar de Mc tinha muito isso, a galera tem… eu tenho que conquistar a galera nessa entrada, nessa... Na primeira hora, no primeiro minuto, segundo, que a pessoa olha para mim, eu tenho que trazer comigo. Esse lugar, pensando assim educação. Que eu trabalhava com grupos, que era isso, é um grupo aqui. Uma meia lua em volta de mim, e tem que olhar para todos os lados, e tem que comentar com quem tá lá no fundo. E essa pessoa que tá no fundo, que não tá nem me vendo direito, porque eu tenho um metro e meio de altura, essa pessoa tem que está comigo igual a pessoa que tá aqui na frente. E isso, é algo que enquanto MC eu trabalhava muito. Porque enfim, aquilo pedia. Porque tinha vez, que a Ocupação tinha gente quase atrás da cortina, de público assim. E é isso assim, não dá para eu ficar olhando só para frente, tem gente aqui, tem gente aqui, (aponta para diversos lados), tinha gente quase no teto, né.

Então, essa… me deu uma tridimensionalidade de, dessas... Assim, pensa numa sala de aula, para ficar melhor explicar, pra pensar assim. Que tá todo mundo ali, e de alguma forma essa galera…. se essa galera não tá comigo, essa galera talvez disperse. E isso se perca. E coisas muito massas que podem acontecer talvez se percam. Não que coisas massas não possam acontecer, né. Quando a galera está dispersa, não é isso. Mas, enfim, esse juntar todo mundo comigo e uns com os outros também, né. Não é que eu sou a figura central. Mas já que eu sou colocado como figura central, como que eu posso trabalhar essa figura, né. Que eu já tô ali, eu não tenho como fingir que não, não posso fingir que eu sou um deles, né. Porque eu não sou. Mas como que eu posso quebrar a hierarquia, quebrar esse lugar da linguagem, né. Que é comunicação, né. É basicamente comunicação. Então, como que eu posso quebrar esse primeiro impacto, dessas palavras difíceis, dessa pessoa que fala assim (voz pra dentro), aí falando muito baixo e não dá para escutar. Como ter presença, né. Pensando nessa sala de aula, como estar presente, e estar disponível, e estar para escutar, para jogo.

Porque é isso assim. Eu posso, sei lá, pensando em sala de aula ainda. Eu to falando isso muito, né. Vocês já entenderam,, pensando em sala de aula. Eu posso estar ali, sei la, com uma lousa, que seja. Mostrando um bagulho que eu acho muito foda. Se eu não estou disponível para escutar o que que a pessoa lá do fundo falou sobre, tipo, que pode ser algo super massa. Que pode contribuir para caralho, pode somar horrores. Se eu não estou com escuta atenta para tá olhando para cá, e tá escutando ali, tipo, sabe. Eu posso perder. O grupo inteiro pode perder coisas muito dahoras, né. Então nesse lugar de Mc, tinha esse lugar, muito, de uma escuta, de entender o que o público tá me trazendo, porque eles davam material para eu jogar.

Então entender esse lugar Mc e o público, educadore, e a galera que tá ali comigo, essas semelhanças transformou completamente o meu olhar para educação, né. De entender como essa comunidade pode estar dentro da sala de aula, para assim “bora, bora junto”, né. E isso... Eu não consigo mais tá na frente de um grupo de educandes, alunes, chame como quiser. Não consigo tá na frente dessa galera com corpo que eu tinha antes de passar pela ocupação. Não, não consigo mais, nem que eu queira. E não quero também.

Mas eu não consigo porque não cabe mais em mim. Porque me transformou inteiro assim. E puta, isso eu só tenho agradecer. Eu só tenho agradecer. Tipo, quebrei a cara para caralho, quebrei, mas em sala de aula eu também quebro a cara para caralho, sabe. Tá tudo, tipo, tá tudo meio junto, tudo acontecendo meio igual até.

E nossa, isso aí é muito foda. Isso é muito foda. Isso é muito dahora assim. Nossa gente, se eu ficar falando aqui, eu vou ficar para sempre, isso me da mó tesão da porra.

Letícia – E a formação jamais, essa formação acadêmica, na sala de aula, que ta ali para formar ume professore jamais daria conta disso.

Tay – Não dá conta. Porque fazendo uma licenciatura em arte teatro, eu tenho muitos jogos, sei muitos jogos, sei várias teorias, vários nomes difícil e não adianta de nada, sabe. Se eu não souber entrar numa sala de aula e escutar, não adianta de nada as coisas que eu sei. Porquê é formação. Para ser professore no sentido de conteúdo né, assim, é super conteudista. Mas sentido de relação, relação você só descobre quando você tá em relação. E a Ocupação me colocava em relação o tempo inteiro. Eu estava em relação o tempo inteiro. Não só com a galera que estava fazendo a ocupação junto comigo, mas nesse lugar de Mc e público.

Eu entrava e eu estava relação com a galera toda que estava ali, a galera estava em relação comigo, porque estavam olhando para mim, a gente estava em relação ali, tinha que acontecer alguma coisa.

Então nossa, transformador, transformador para mim assim. Até esqueci o que você tinha perguntado, ai comenta mais coisa que até esqueci.

Letícia – Mas é isso. Era sobre os impactos mesmo, o que muda e o que não muda a partir dessa experiência.

Tay – Nossa, mudou tudo. Porque foi dois… porque foram dois anos muito intensos assim, né. Pensar que dez edições em dois anos, talvez pareça pouco para algumas pessoas que trabalham com isso há mais tempo e tal. Mas dois anos criar um bagulho do zero, quebrar a cara para caralho. Mano, a maior parte da galera nunca tinha feito algo assim do zero. Porra, foi dois anos assim intenso de acontecimentos.

OCUPAÇÃO ~~XXX~~ RÚSTICA NALONA

01.12.2019

18H30-20H

O FIM

CONTRIBUIÇÕES NO CHAPÉU

ULTIMA APRESENTAÇÃO E FINALIZAÇÃO DO PROJETO

NO CIRCO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP

SÃO PAULO - SP

ARTESANATOS, PRODUÇÕES INDEPENDENTES, COMIDAS!!!!

ESPETÁCULO CIRCENSE FEITO POR MULHERES E PESSOAS NÃO BINÁRIAS

9ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

01 DE DEZEMBRO DE 2019

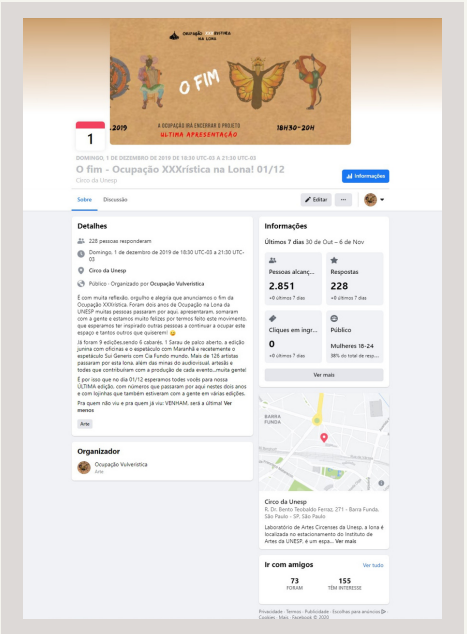
Cabaré de variedades

FOTOS

(Cartaz de Leka Mariano)

(Identidade Visual de Sofia Pontieri)

FLYER



(Print retirado do Facebook)

DIVULGAÇÃO ONLINE

9ª OCUPAÇÃO XXXRÍSTICA NA LONA

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

(Fotografia Jumaira Lima)

→ Quem’s fizeram parte

Ariane Aparecida
Amanda Chaptiska
Ana Carolina Medeiros
Ana Clara Travassos
Ana Ferreira Grisorio
Amanda Gamba
Amanda Rodovalho
Adriana Magalhaes
Aryani Marciano
Amábile Maria
Angela Sena
Amanda Vitória
Beatriz Araújo
Bruna Nascimento
Bianca Oliveira
Beatriz Ri
Beatriz Santiago
Bruna Santos
Be Zilberman
Caroline Bueno (vídeo)
Camila Costa (Cake)
Caê Prandini
Cilla Amaral
Debora Sanders
Danieli Maimoni
Drica Monticelli
Edileuza Almeida
Eline Hitomi hirano
Elisa Giannella
Erika Sanchez
Ester Monteiro
Gabi Cruz Souza
Gabriela Gomes
Gabriela Guilhem
Gabrielle Paula
Gabrielle Polizzelli
Giovanna Assumpção
Giovanna Guedes
Guada Lupe
Ian Pooka
Isabela Alves
Isadora Rinelle
Isis Roggers
Isis Machado
Jennifer Oliveira
Jessica Lane
Julia Campos
Julia Negrão Faria
Juliana Santos
Jumaira Lima
Karine Spurio
Letícia Mariano
Leticia Trovijo
Laura Alves
Laurinha Carvalhinho
Laura Faleiros
Luiza Peixe
Luz Martins
Mafê Vieira
Maré Oliveira
Maria Tereza
Mariana Ribolli
Milena Gasparretti
Mirella Rinelle
Monike Raphaela (vídeo)
Nathália Santos
Natielle Fontana
Nirely Araujo
Paine Santamaria
Paula Matos
Paula Toledo
Paulo Ciochetti Salles
Puri Yaguarete
Rochelle Karoline
Rocío Walles
Sarah Francine
Sofia Chiavacci
Sofia Pontieri
Sofia Tapajós
Stella Lima
Selva A Palhaça
Talita Silva
Tamyres Soares
Tati Limão
Tayná Santiago
Tetê Purezempla

Thalia Ribeiro		
Thauany Mesquita		
Vanda Cortez		
Vanessa Correia		
Vanessa Correia Gonçalves		
Vitoria Carine		
Vitoria Mangini		
Wand Albuquerque		

Deixo todos esses registros aqui com muito afeto, e sinto aos nomes que por ventura eu possa não ter lembrado.... Fica aqui uma intervenção para cobrir essas lacunas[1]

[1]Esse trabalho é passível de interação. Clique na pergunta sublinhada se quiser se incluir nesta lista

→ Último gole, de hoje! – O circo manteve, a lona foi possibilidade

Preciso te confessar que se a lona de circo da UNESP não existisse dentro daquele instituto eu provavelmente não estaria aqui. A existência do circo me manteve na graduação. E o espaço da lona, com tudo que pude vivenciar alí, também me formou. Ao encontrar a frestinha da lona aberta, eu vi possibilidades de brechas, e pude respirar. E por isso escrever sobre essa lona, sobre a *Ocupação*, me move. Por perceber a importância que essas vivencias tiveram na minha trajetória enquanto arte-educara, artista e pessoa.

Mas o circo foi uma brecha. Minhas experiências na faculdade, de um modo geral, não foram lá muito acolhedoras. Durante todos esses anos eu senti muita raiva, me senti burra inúmeras vezes, e tantos outros sentimentos, que me fizeram duvidar muito se eu realmente deveria estar alí. Era uma sensação de não me encontrar, me sentia menor, subjugada, infantilizada, descredibilizada... e ao final ainda me sentia responsabilizada por sentir esses sentimentos também, como se eu é quem estivesse entendendo tudo errado, e estivesse de fato errada.

Porque eu ingressei cheia de vontades, interessada, contente por estar em uma universidade pública (e já comentei a importância disso para mim e para minha família em algum lugar deste trabalho). Na época eu entreva as seis horas da manhã do serviço, saia da faculdade as 23h, 23h30, chegava em casa por volta da 1h, e no dia seguinte recomeçava. Eu queria estar ali. Mas com o passar dos meses percebi que eu não entendia muita coisa que estava sendo dita, e comecei a me sentir envergonhada quando havia lido o texto da aula 3 ou 4 vezes e mesmo assim não havia conseguido compreende-lo. Eu lia no intervalo do serviço, no almoço, no ônibus, no metro, relia minutos antes da aula, e nada.

Eu estudei em escola pública até a primeira série (na minha época era assim que chamavam) e depois fui bolsista em escolas particulares, mas escolas simples. Quando entrei na faculdade publica minha construção de pensamento crítico era limitada. Um exemplo, a primeira vez que eu ouvi falar sobre feminismo foi na faculdade, com 21 anos, ou seja né?! Enquanto haviam pessoas na mesma turma que eu, que estudaram nas escolas mais caras de São Paulo e aos 15 anos já estavam tacando fogo em sutiã.

Comecei a me sentir envergonhada quando perguntava algo e recebia aqueles olhares de “como assim você não sabe?, ou olhares constrangidos e sugestões amigáveis referente o modo como eu falo: “Nossa, porque você tá gritando?”. E eu que eu sempre me vi uma pessoa falante, curiosa, comecei a murcha e me silenciar (na época não percebi que estava fazendo isso). Por diversas vezes eu não comentava nada nas discussões em aula, por acreditar não ter entendido, por me sentir intelectualmente inferior. Isso começou a acionar vários gatilhos por conta da dislexia e por questões de classe. Mas eu não tinha essas noções na época. Então eu me calei. Passei quatro anos dentro da mesma turma calada.

> No curso de graduação, a sala de aula se tornou um objeto de ódio, mas era um lugar onde eu lutava para reivindicar e conservar o direito de ser uma pensadora independente. A universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa a possibilidade. (hooks, 2017, p. 13)

Dentro das salas de aula do prédio cinza (o instituto de artes) eu me sentia sufocada. Eu pensei em desistir diversas vezes, frases como “Eu não aguento mais, chega”, “A faculdade não é pra mim, eu não sei ser acadêmica”, e tantas outras, que vou te poupar e me poupar também, foram frequentes. Só nesse último mês eu perdi as contas de quantas vezes esses pensamentos retornaram na minha mente, mas com muito custo, eu os ignorei (Que bom!). Queria eu ter conhecido bell hooks no meu primeiro ano da graduação. (bell hooks, foi difícil vê-la partir, obrigada por todos os ensinamentos que você nos deixou).

Fico feliz que em 2020 fui ao seu encontro, as possibilidades e a liberdade que seus escritos me trouxeram me fizeram respirar, me fizeram (re)acreditar, me reconectar com as experiências que realmente me formaram e em diversos momentos me deram força para continuar. Mas isso é recente. Em épocas passadas os sentimentos eram outros: sufocamento, mal-estar e raiva. Como eu senti raiva. E me senti mal por me sentir assim também.

E pode ser que talvez escrevendo esse trabalhando, revivendo estas histórias, em algum momento posso ter deixado escapar sentimentos de raiva, magoa e tantos outros. Mas eu decidi que não vou me desculpar por isso. Minha escrita reflete meu processo, minha trajetória, e as possibilidades que encontrei de seguir. Hoje “tenho também alegria de ter tido a raiva que, no fundo, ajudou que eu continuasse no mundo

por mais tempo” (FREIRE, 2011, p.41). A raiva me movimentou, mesmo que a passos “mais lentos” do que os outros.

O fato é que quando cheguei no Instituto de Artes criei a expectativa de que teria essa promessa de possbilidade, de liberdade. Afinal é um curso de licenciatura em Arte-teatro. O que mais eu poderia esperar? E eu fiquei supresa com o ambiente que encontrei. Ingenuidade da minha parte talvez. Mas fiquei surpresa com a postura de colegas de turmas e “Fiquei supresa e chocada ao assistir a aulas em que os professores não entusiasmavam com o ato de ensinar, em que pareciam não ter a mais vaga noção de que a educação tem a ver com a pratica da liberdade” (hooks, 2017, p. 13).

E antes que algum professor se ofenda, peço que não levem para o pessoal. Talvez a estrutura sucateada, a sobrecarga, e tantos outros motivos possam ter influenciado na pratica de vocês. E não quero ficar aqui apontando o dedo na cara de ninguém, só quero ter o direito de refletir sobre a minha própria trajetória. Afinal isso aqui não é um trabalho de conclusão de curso? Por diversas vezes estar no prédio cinza foi angustiante. Chamo de prédio cinza pois eu vi várias artes dês estudantes sendo, literalmente, apagadas com tintas cinzas, simbólico, você não acha? Como se sentir estimulado num espaço como esse, em direção? Enfim, as vezes estar ali foi limitador.

E é horrível carregar esses sentimentos pois por diversas vezes dá a sensação que foi tudo horrível. E não, não foi. Obviamente que vivencie experiências significativas e tive trocas singulares, tanto com colegas, professoras (es/ies), funcionáras (os/ies). Até peço desculpa a todes ês professories que estiveram/estão comprometimento com sua pratica, e buscaram/buscam proporcionar ambientes afetuosos e potencializadores. Peço que não desistam!

Por outro lado, não posso partir de outra vivencia que não a minha. E infelizmente muitas vezes o que vivi no prédio cinza mais me afastou do que me me convocou. Ouvi diversas vezes discursos inspiradores, mas que se contradiziam na pratica. Discutimos praticas pedagógicas libertarias, se falava de Paulo Freire, por exemplo, enquanto a teoria se contradizia no fazer. Era muito confuso. E essas atitudes fizeram com que a raiva que eu sentia aumentasse, criaram muitas cicatrizes e me deixaram exausta.

Agradeço aos poucos que possibilitaram algo diferente disso. E aproveito para dizer eu sinto muito por ter encontrado vocês em um momento em que eu já estava exausta demais para conseguir me conectar e poder aproveitar mais as brechas que vocês propuseram. Mas, como já disse, estava exausta e durante um período isso me desestimulou. “Eu não vou conseguir” eu pensava, enquanto a raiva crescia. E “nesse ambiente, aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser” (hooks, 2017, p. 14).

> Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem. (Adichie, 2015, p. 24).

Eu preciso respirar

Eu precisava expurgar. Eu quase desisti! Durante meu processo de escrita diversas cicatrizes vieram à tona. A realidade é que diante a esse contexto eu me perdi, eu me perdi de mim e eu não via caminhos. Eu sinto que nessa situação fiquei impossibilitada de refletir. Se você ainda está aqui, obrigada por partilhar desse momento. E agora que consegui colocar a raiva para fora, posso te dizer. Que bom que eu atravessei o *mar de carros*[2] e entrei naquela lona, mas sabia eu que estava naquele momento criando a possibilidade de conseguir me formar. No circo foi onde eu consegui respirar. Depois de um longo processo, atravessando os abismos, entrar naquela lona, me jogar naquele picadeiro, foi o que me permitiu acalmar algumas dessas dores e me reconectar.

> “Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador.” (hooks, 2017, p. 15)

Diferente de hooks, eu não encontrei em Paulo Freire um mentor (naquela época), pois eu mal conseguia compreende-lo, ou só me parecia impossível e abstrato demais seus ensinamentos, ainda mais com certas referencias. Mas eu diria que o circo foi esse guia para mim, e ali naquela estrutura circular eu comecei a entender que “o aprendizado poderia ser libertador”.

---

[2] Maneira como Rodrigo expôs sobre a distância entre o prédio e a lona do Instituto de Artes. Citei essa referência no texto: **No silêncio da lona, sussurros: E agora? - Circolar**

Falando em estrutura circular. Lá no texto **abismos invisíveis** eu comentei sobre certos boatos acerca da lona, você se lembra? Então não fui só eu quem os ouvia. Tanto que durante a 1ª edição do Papo de Picadeiro na lona, com o Prof. Mario F Bolognesi. Rodrigo Abreu fez uma pergunta sobre qual queria a opinião do o Prof. em relação ao circo se tornar um galpão.

> Uma teoria: Rodrigo faz sua pergunta de uma maneira bem "polida", colocando (ao meu ver) todo um invés de estrutura, quase que numa tentativa de ignorar que na verdade a maioria ali sabia do que ele estava falando, tanto que o Mario responde na lata sobre. Mas que bom que você perguntou Rô.

Rodrigo – Eu queria que você falasse pra gente em relação a estrutura da lona, né. Porque… mas para além de uma questão econômica, né. Porque, a sim…. é uma lona, porque é mais barato uma estrutura de lona do que uma estrutura de alvenaria. Mas isso implica também em questões estéticas e pedagógicas pra atividade aqui dentro da universidade e tal. Queria que você me falasse mais sobre isso…

> **Mario –** Oh Rodrigo, lá no começo, em nenhum momento eu pensei em um galpão. Porque isso aqui dá uma ambientação. Galpão não dá. O galpão dá uma…

Lilian – desambientação. (risadas).

> **Mario –** No galpão, às vezes, quando você vai se pendurar, não tem aquele joguinho que aqui tem, não é? Uuh uh (apontando para cima, procurando algo)... e que agora que o trapézio ta no meio, antes ele era aqui, e ele balançava, né. Você não tem essa ambientação. Você entende o que eu quero dizer? Você não tem o ambiente da lona.
>
> Que entre outras coisas é circular, entre outras coisas. O que isso significa? Não é uma relação frontal, aqui nós estamos todos equidistantes. Uns falam mais, outros falam menos, outros não falam, mas não é porque é mudo. Mas nós estamos em uma relação equidistantes, essa estrutura permite isso. No galpão eu não se você teria essa... por mais que você coloque isso aqui no meio (aponta para o picadeiro), não tem a... para você montar aqueles cabinhos de aço, acho que é para montar a cortina aquilo.. pra montar aquilo ali tem engenharia, de vocês. "Como é que nós vamos fazer? Se fizer assim vai dar certo? Se não fizer… vai e dá um jeito. Dá errado, tem que refazer, não é assim?" (as pessoas concordam com a cabeça) Eu sei que é assim. Imagina se tivesse um galpão com tudo montadinho: ali é o trapézio, ta fixo lá, vai arrebenta a corda, mas tá lá. Tranquilo. Ali é a corda, ali a lira….
>
> (Ele para e olha para a lona).
>
> Isso aqui é adorável: desce lira, sobre lira. Vários espetáculos nós já fizemos "ah vai apresentar tal coisa aqui, então tem que tirar a lira. Vai atrapalhar", então desce lira, tira lira, põe pra lá, depois remonta e etc. Essa ambientação que faz o…. faz a cabeça pensar em várias coisas. No galpão tá tudo pré parado. Preparado e pré parado. (1 ED Papo de picadeiro, 2019, 1:32:43min)

Agradeço o Rô pela pergunta porque naquela época eu ainda não tinha consciência de muitas coisas das quais eu compartilho aqui. Se as cicatrizes e a raiva estão latentes até hoje, e olha que já se faz dois anos em que eu não piso no Instituto de Artes (fisicamente), imagina naquela época. Mas no ano de 2019 as fichas estavam começando a cair, e percebo que foi o momento que comecei a refletir sobre como o

espaço do circo, e como ter participado de projetos ali dentro, tinha me formado muito mais do que o prédio cinza. E ouvir o Prof. Mario esse dia mudou tudo, porque querendo ou não, ouvir aquilo dele foi um acalanto. Foi a primeira vez que eu ouvi ume docente falar da lona desta maneira. Enquanto ele falava eu me sentia tomando café com as minhas avós. Ficava balançando a cabeça e concordando.... Tinha horas que eu tive vontade de abraça-lo e falar: Obrigada!.

Eu sempre me perguntei o porquê o Prof. Mario apenas se aposentou sem deixar nenhuma iniciativa preparada para o Circo - Laboratório de Artes Circenses. “Será que ele quer largar isso aqui, assim, de qualquer jeito? Vai virar galpão mesmo!”, no auge na minha imaturidade pensava/falava isso. Hoje compreendo que foi um dos maiores ensinamentos que ele poderia ter nos deixado. De que aquele espaço é livre, suas estruturas falam por si só, os aprendizados já estão todos ali, nos só precisávamos estar, ocupar. E naquele dia eu elaborei uma das perguntas que me trouxeram até aqui, e a fiz para ele.

> **Letícia –** [...] (fiz outra pergunta primeiro e depois essa a seguir): Quando você trouxe essa ideia para UNESP, você imaginava o impacto que uma lona de circo poderia proporcionar, principalmente para as estudantes e pessoas que a ocupam? (1 ED Papo de picadeiro, 2019, 1:04:09min)
>
> **[...]**
>
> **Mario –** Qual que é a outra pergunta mesmo? que eu fiquei te enrolando nessa aí, e esqueci…
>
> **Letícia –** Se você imaginava a pontencia que esse espaço, poteria ter…
>
> **Mario –** AAAh. Claro. Quando a gente faz um projeto você imagina isso (faça um espaço pequeno com os dedos) ele pode acontecer isso (faça um espaço enorme com as mãos), como pode acontecer isso (refaça o espaço pequeno com os dedos). Felizmente foi para isso (aponta para a lona).
>
> Oh que há… acho que isso é um.. é um… Naquele momento foi decisivo. Uma percepção da necessidade de um espaço desse. Até para se contrapor o formalismo daquelas… das aulas ali de dentro (aponta para o prédio do Instituto). Mas por outro lado, você só tem essa informalidade aqui (circo), porque aqueles formais, ou aparentemente formais de lá (prédio) também concordam com isso. E além de concordar incentivam, e vem aqui (apontando para Lilian), não é? Isto é, na tua formação está tendo um ambiente de liberdade aqui dentro que talvez na sala você não tenha, tá? Aqui alguém cobra seminário de você? Trabalho de fim de ano? Nenhuma apresentaçãozinha no final do semestre? Que avacalhação total que tá isso. (ironizando e rindo. Acontece várias piadas, risadas e burburinhos).
>
> O Rodrigo falou a palavra exata “tem, mas não é cobrado”. E também não tem o critério de passar de ano, né? Então, nós estamos muito mais próximos da formação artística do campo popular do que da educação formal. Aqui (aponta pro circo), perceberam isso? Estamos mais próximos daquele tipo de formação do que da educação formal. (1 ED Papo de picadeiro, 2019, 1:10:45 min).

E ouvi-lo naquele dia mudou tudo! Amenizou alguns ressentimentos e me fez acreditar mais ainda na potencialidade de tudo que eu, e amigues, estávamos vivendo dentro daquele circo. Entendi que, naquele momento, eu só precisava de algum professor (a) que olhasse e visse a potência que eu sentia que tinha, que nos incentivasse a pesquisar, a criar coisas, a valorizar nossas reflexões acerca das práticas ali desenvolvidas. Mas mantendo essa liberdade, pois foi ela que nos possibilitou transgredir. E hoje bell hooks é quem me abraça com palavras, pois "apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres." (2017, p. 13).

E deixou um último registro escrito da oralidade do Prof, Mario, que tanto me atravessou e mudou os rumos da finalização do meu processo formativo.

Vanessa – Oi, é você que agora tá longe. Não tá tão perto. Eu queria saber o seguinte. Sobre…. caso você estivesse aqui na UNESP, e não tivesse nos deixado. Eu to colocando você numa situação hipotética, minha pergunta é bem sobre desejos. Sobre… se a gente não tivesse em uma situação precarizada na universidade. Vamos imaginar um mundo ideal, onde a gente não tivesse falando de precarização financeira, que a gente está vivenciando agora. E se você estivesse ainda aqui dentro, e estivesse sob o comando ainda do circo . Eu queria saber o que, que você colocaria como uma prioridade para esse circo? O que você tomaria como… Quais seriam suas decisões de desejos, é… pensaria em professores, ou uma infraestrutura, ou um tipo de curso, ou.. que decisões você tomaria se você tivesse ao seu dispor as coisas… os… seja financeira ou materiais, mas pensando em desejos mesmo.

Lilian – Eu vou aproveitar porque tem relação com a da Vanessa, a minha última pergunta, né. Primeiro eu queria destacar que a Letícia é.. verbalizou, deixou publicado "Como assim.. como esse espaço do circo é tão importante na formação dos nossos alunos, nossos estudantes. Eu acho que você sabe disso né Mario, mas sempre é bom lembrar. E deve te dar um orgulho danado, né. Poder ver essa trajetória. E a importância que esse espaço tem para os nossos estudantes e também para nós professores, né. E ontem, não. Terça-feira, na reunião. Eu brinquei, porque eu tava me apresentando para os professores novos. Ai o Vinicius falou "fala dos laboratórios que você toma conta" e tals. Ai eu mostrei "oh olha", quinta-feira vamos receber o Prof. Mario e neste momento eu to tomando conta do circo, como uma herança. Como uma boa herança que nós recebemos. Então nós do DACEFC[3] também temos bastante orgulho e respeito, né. Pelo trabalho da sua pesquisa, que foi deixado. E eu fiquei imaginando o que que você gostaria de ter feito e não teve tempo? Ou não teve espaço, ou não teve forças na sua época? E no que você nos indicaria para investirmos para continuarmos o seu próprio projeto. E também desdobrar os nossos também.

Mario – Primeiríssimo lugar trocar a capa desses colchões. (risadas). Trocar a capa desses colchões. Concertar aquela lona ali (aponta para um furo) porque se vier um vento forte, chuva de janeiro, fevereiro e março, ela vai rasgar denovo, como já rasgou e já caiu uma vez. Segundo, e não é nessa

[3]Abreviação de Departamento de Artes Cênicas Educação e Fundamentos da Comunicação.

ordem, de primeiro, segundo. É tudo ao mesmo tempo. Aquelas estacas lá fora que sustentam a lona, aquilo chama-se morto, é uma peça de ferro e embaixo tem um ouro ferro transversal. Isso aí já está aí de 11 para 12 anos, precisa pelo menos tirar um para ver se não está enferrujado, se estiver, tem que trocar. Tem que trocar esses tirantes que suportam a lona, foram eles que arrebentaram quando feio o temporal. Isso de imediato né? Absolutamente de imediato. Precisa lavar esse pano de roda, tá feio, tá sujo... eu sei que a cor não foi muito adequada, um branco nesse lugar, mas pô um circo branco é uma coisa fantástica né? Chega de só vermelho e amarelo, azul e amarelo… não sei o que… mas precisa lavar, isso de imediato. O de menos custoso.

Em relação às atividades... esse espaço sempre foi auto organizado. Não teve assim o professor Mário que veio e disse "vocês vão fazer isso, aquilo e aquilo outro". As ideias surgiram, elas eram exequentes, mais exequentes, menos exequente. E nós tivemos diversas experiências. Até dos próprios é... pessoal envolvido com o circo, que contrataram alguns profissionais pra virem aqui ensiná-los. Acho que vocês não estavam aqui nessa época né? E que foi um desastre, *foi um desastre. Mas tinham que passar por aquela experiência, eles queriam passar por aquela experiência.* Eu falei "nós não vamos contratar, porque nem tem como pensar em uma hipótese dessa".

O que eu faria na questão do desejo, evidentemente que colocaria um professor, no mínimo um professor no DACEFC, no mínimo. Para desenvolver projetos. *Agora uma coisa é essencial, a Lilian já sabe disso e ela leve isso adiante também. Isso aqui sem vocês... O que eu quero dizer, sem a atuação de vocês. Sem a à atuação de vocês, inclusive na organização, não tem sentido. Não tem sentido.* Isso aqui não foi feito pra funcionar para passar férias, porque pouquíssimos vem aqui no espetáculo no final do semestre, no final do ano. Isso aqui foi feito para atividades educativas na área das artes do corpo, atividades voltadas ao corpo de preferência, ao corpo no universo circenses. (burburinhos difíceis de identificar). *Agora, é uma luta, uma luta constante, o circo é assim*. (1 ED Papo de picadeiro, 2019, 01:35:49min, *grifos próprios*).

Acredito que as falas do Prof. Mário falam por si só. Então fica aqui o meu agradecimento a Lona de Circo da UNESP, ao Mário e todes que se comprometeram, se envolveram alí naquela lona. E também o desejo que aquela lona continue firme e forte!!

> "Essa estratégia pedagógica se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e de que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado. Se a experiência for apresentada em sala de aula, desde o início, como um modo de conhecer que coexiste de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer, será menor a possibilidade de ela ser usada para silenciar." (hooks, 2017, p. 114)

O café acabou.... Rabiscos de (In)conclusões

> Oi Vó, sabia que eu adoro o cheiro da sua casa de manhã. O sol tem um aroma aconchegante, e a fumaça do café que se espalha pela casa me abraça. Por aqui faz tempo que o sol não aparece. O meu café até que é gostoso, mas não é igual o teu. – Que saudade!
>
> – Diálogos com Dona Rosa e com Dona Cila

O café acabou. Fui passar outro e percebi que o pó acabou também, sinal de que a resenha foi longa... iguaizinhas as com minhas avós. Nossa... Eu sabia que tinha muito a dizer, mas foram muito mais páginas, memorias, palavras e reflexões do que eu poderia imaginar. E confesso que dei uma filtrada, pois teria muito mais. E você se lembrar que eu nem queria fazer isso tudo escrito? To surpresa comigo mesma. Eu sou queria tomar um café e conversar. Ao mesmo tempo que me acalanta deixar estes registros como uma inconclusão da minha trajetória pelo Instituto de Artes. Afinal, como disse bell hooks “o ato de partilhar narrativas pessoais, ligando esse conhecimento à informação acadêmica, realmente aumenta nossa capacidade de conhecer” (2017, p. 198).

Descobri nesse processo que as vozes que ecoaram inúmeras vezes na minha cabeça estavam erradas! Não foi fácil, e isso não quer dizer que de agora em diante nunca mais me sentirei, como me senti um dia. Mas eu terei mais generosidade comigo mesma, respeitarei mais o meu tempo e os meus processos. Estou me formando arte educadora, e não quero cometer os mesmos equívocos que um dia eu cometi, e que os cometeram comigo. “Os próprios professores universitários empregam noções essencialistas para constranger as vozes de determinados alunos; por isso, todos nós temos de vigiar sempre nossas praticas pedagógicas” (hooks, 2017, p. 117). Não quero os cometer contra mim mesma, e menos ainda correr o risco de reproduzi-las em relação com educandes, e se os vier a cometer que eu me lembre de refletir e continuar buscando diminuir as distancias das minhas teorias com a minhas praticas, não é mesmo FREIRE? Enfim.., Quero seguir, ou melhor, seguirei atenta. Generosamente atenta.

Mas agora, que este ciclo se encerra. Eu quero encontrar com minhas avós e.....

Tomar um café? Não, dessa vez não.

- Alô, vó? Oi Vó, bença, a senhora tá bem?
- Oh minha fia, a vó ta bem. Saudade de você. Quando você vem?
- Ah vó ta corrido por aqui, os últimos meses foram difíceis. Mas logo, logo, vou estar aí para tomar aquele cafezinho com a senhora, viu? Me espera? Coff, coff
- Tá tossindo fia?
- Pois é vó, eu to exausta.
- Como tá seu pé de Guaco? Oh, se tiver grande você pega um punhado de guaco, um punhado assim.
- Ta grandão, a senhora ia ficar orgulhosa. Mas um punhado o que? Umas 12 folhas?
- Dá mais, se pega.. vamo por. Você tem os galho que já ta coisando, ai você corta ele e tira as folha. Pode coisa cu... cum talinho mesmo. Você lava ele bem lavadinho e depois você pega um pacote de agrião, certo?
- aham. Um pacote de que tamanho?
- Agrião, um pacote que você vê num coiso. Você lava ele e pode ser com talo e tudo. E você põe um 1kg de açúcar, como se você fosse fazer uma calda. Daí quando você viu que aquela calda já tá bem, assim, amarelinha, né? Você pega esse guaco que tá lavado, e você joga drento dessa... desse... desse açúcar. Você pega o agrião e joga drento. Pega um meio pacotinho de cravo se joga drento também. Aí você põe 2L de agua, deixa reduzir por um litro, deixa ferve. Reduziu um litro, se esfria. Daí você pega uma garrafa, se coa, você pega uma garrafa e põe na geladeira. Hora que você for tomar, você tira um pouquinho que se for toma, morna. Dá uma mornadinha nele. Você tem micro-ondas?
- Não
- Você dá uma mornadinha nele no fogão memo, e toma.
- E dura quanto tempo?
-Dura até um mês.
- Na geladeira?
- Uhum... Mas, é, só que eu vo te falar. Dá uuuuum sono. Eu tomava quando eu tava com a bronquite atacada. Eu tomava 3 vezes no dia, um de manhã, no meio do dia e a noite. Não tem remédio melhor. Pra garganta, pra tudo né. E a hora que se tá fervendo aquilo, te dá um perfume drento de casa, que é uma delicia. É só isso.
- Vou fazer vó. E semana que vem eu to ai pra ver a senhora. Te amo, bença.
- Só quero ver quando se vem (risadas). Trais pão, só não pode se pão veio, de veia já basta eu. (risadas) To te esperando. Beijo fia, a vó te amo. Fica com Deus!

– Diálogos com Dona Rosa

Sempre peço para minha avó me lembrar da receita do xarope de guaco que fez parte da minha infância. Dona Rosa não podia ouvir uma tosse que já corria para fazer o tal do chá. Até plantei um aqui em casa, e logo já vai dar para fazer o xarope. Eu lembrei do guaco porque eu adoeci. Ao fim desse ciclo eu adoeci de diversas formas. E preciso te confessar que eu quase desisti, várias vezes. E se lá no início da jornada a escrita me machucava, agora ela me adoece.

E isso não quer dizer que daqui a pouco quando eu salvar essa monografia não sentirei um alivio enorme no peito, pelo contrário, o alivio sera gigante. Mas quando eu olhei toda a caminhada destas escritas que deixo aqui, com todos os seus cruzos e descruzos, buscando abrir a brecha de novos caminhos (como Rufino nos provoca a fazer), eu consigui me reentender, recompreender melhor minhas escolhas de uma forma bem mais consciente até, com mais firmeza e autoconfiança. Eu duvidei muito de mim. Que bom que cruzei com muitas pessoas que não duvidaram.

Tudo que deixo aqui reflete meu processo de formação enquanto arte educadora na UNESP, com todas as contradições dessa jornada, descobertas, aprendizados. Hoje consigo olhar com mais carinho e confiança para tudo isso. Percebo que o movimento de ter que escrever uma monografia me acionou muito gatilhos e deixa cicatrizes, mas também possibilitou me reencontrar com a educação e com educadories (tantos nas trocas teoricas como com as parcerias). E me reaproximar das práticas que um dia eu já tive, as que tenho e as que almejo também. Enquanto a escrita, espero fazer as pazes com ela, mas por hora vou querer um tempo para respirar.

Eu não tenho muito mais a dizer, a não ser agradecer ao Prof. Mario F.B. por ter idealizado aquele circo e a todas as pessoas que construíram história e que lutam por aquele espaço, ele se faz importante. Ainda existem lacunas, mas espero que estes escritos guardem essas memórias, e que num dia de amanhã, quando alguém se interessar por essa lona, que possa partir daqui e não mais do vazio que eu encontrei lá em 2015.

> Um dos grandes problemas da sociedade é a mercantilização do saber. É a transformação do saber em mercadoria. Porque nós, nas comunidades, a gente não vende o saber, a gente compartilha. Porque quando a gente sabe de uma coisa, a gente compartilha com outra pessoa, a outra pessoa acrescenta naquele saber mais alguma coisa. Então, nosso saber cresce. (Nego bispo, 2015, 03:34min)

Embaixo daquela lona, dentro dela também, eu encontrei possibilidades de liberdade para errar e reaprender a aprender e assim quem sabe continuar criando junto possibilidades de liberdade em outras lonas/salas de aula por aí.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago

Paulo freire

Quem's também fizeram parte
REFERÊNCIAS

1 ED. Papo de picadeiro - Mario F. Bolognesi. Produção: Laboratório de Artes Circenses - Circo da UNESP. Não listado, 2019, 1h51min43s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nJvg0pF9lck. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

1 PAPO de picadeiro de 2021 - Participantes de Projetos da lona entre 2016 a 2019. Produção: Projeto de extensão Circo da Barra da UNESP. Não listado, 2021. 2h31min00s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q54QhAUqSvA Acesso em: 04 de mar. de 2022.

ABREU, Rodrigo Nogueira de. **Histórico da lona de circo no IA**. São Paulo, 2018. Iniciação científica, artigo. Bacharelado em Teatro - Instituto de Artes da UNESP.

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1 ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

_____. **O perigo de uma história única**. 1 ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf Acesso em: 13 jan. 2022.

AÇÕES de extensão universitária: **programas, projetos e atividades**. Pró-reitoria de extensão universitária (PROEX), 2012. Disponível em: https://www.feb.unesp.br/Home/Extensao140/folder-das-acoes-de-extensao-universitaria.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 2002 - 169p.

BISPO, Antonio dos Santos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. INCTI. Brasília, 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

BOCHNER, Rosany. **Memória fraca e patrimônio queimado**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 3, p. 244-248, 25 set. 2018. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1611/2220. Acesso em: 5 fev. 2022.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Mario Fernando Bolognesi)**. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/9358893099841862. Acesso em: 12 fev. 2022.

_____. O circo e a formação em artes cênicas. In. BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; BARRAGÁN, Teresa Ontañón; SILVA, E… (Org.). **Circo - horizontes educativos.** 1 ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2016, p, 27-36.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. 17 ed., tradução Renato Aguiar. Editora Civilização Brasileiro, Rio de Janeiro, 2019.

DIRETRIZES para os cursos de graduação da Unesp: Artes: estudos resultantes do processo de articulação e integração dos cursos de Artes da Unesp / articulação Gisela G. P. Nogueira ... [et al.]. – São Paulo : Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2014. Disponível em: https://www.unesp.br/Home/prograd/articulacao_artes.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

DUARTE, Mel. (Org). Rompendo o silêncio através da poesia falada. In: **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. 1 ed. São Paulo - SP: Planeta do Brasil, 2019, p. 8-11.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba - SC. n. 24. Editora UFPR, 2004, p. 213-225.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KIGNEL, Giulia Nina Cooper; CARNEIRO, Maria Fernanda Vieira. (Org). **Baú circo no beco: historias de um picadeiro a céu aberto**. São Paulo – SP. Arvoredo: Funarte, 2014. 96p.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2017.

HUMANIDADES: Arte-Teatro e Artes Cênicas A criação teatral vai da cena ao ensino. In: **Guia de Profissões UNESP**. 28 ed. Fundação Vunesp, 2020. p. 136–137. Disponível em: https://www.ia.unesp.br/Home/ensino/graduacao/guia_de_profissoes_unesp_09-09-2020.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MARCINIK, Geórgia Grube; MATTOS, Amanda Rocha **“Mais branca que eu?”: uma análise interseccional da branquitude nos feminismo”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.29, n1, e61749, 2021.

MULLER, Verônica Regina; MARCHI, João Alfredo Martins. **Crianças itinerantes no contexto circense: o que podemos aprender com elas**. In: Crianças em Itinerância: Histórias, Culturas e Direitos. Editora Appris, Curitiba - PR, 2020.

CASSIANO, Ophelia. **Guia para a linguagem neutra**. 2020. Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1 ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: s.n., 2017 - 247p

SILVA, Hellen Cristina Xavier da; FERNANDES, Maria Cristina da Silveira Galan. **Permanência universitária: para além da assistência econômica.** Formação de professores: contextos, sentidos e práticas, p. 6094-6109, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24627_11978.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SILVA, Maria das Graças Martins da; VELOSO, Tereza Christina Mertens Aguiar. **Acesso nas políticas da Educação Superior:** dimensões e indicadores em questão. Avaliação. Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 727-747, nov. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/S7nJrFjwknrbSPgxQMfXZwf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SIUFI, Natália; ARAPIRACA, Juliana. **Que palhaçada é essa:** Jogos e apontamentos. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Arte-Teatro) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2009.

TORRES, Brenda; NASCIMENTO, Sabrina. **Identidade e força ancestral: histórias de mulheres dentro da periferia de São Paulo**. 1 ed. Editora Letramento, Belo Horizonte, 2018.

APÊNDICE A – ENTREVISTA CAÊ PRANDINI

Entrevistas na integra e em ordem cronológica conforme foram realizadas.

Data: 07 de novembro de 2020
Entrevistade: CAÊ PRANDINI

Letícia – Para começar conta um pouquinho sobre você, resumidamente, para quem não te conhece saber um pouco mais sobre você.

Caê – Então, eu sou Caê. Sou músico, sou circense, sou percursionista, trabalho com Arte. Artes e suas diversas formas. Então, eu dou oficinas de corpo-música e faço parte dos espetáculos circenses. Componho as bandinhas do circo, que toca, tipo, banda Mc assim, do circo... E curto muito fazer música com objeto. Curto as suas maneiras não convencionais, assim, de fazer música ou de fazeres artísticos, né.

E aí, tenho pensado a produção de arte também, passando pelo lugar da identidade, né. Eu como uma pessoa trans, tenho reinventado esse fazer artístico nesse lugar de identidade também. Como acontece sabe? Porque eu acho que o teatro já não serve mais, assim, para as nossas corpas. Que são fora desse esperado, né. Fora desse neutro. “Que que é o corpo neutro? ” Sabe? Então eu tenho começado a pensar performance e indo por esses caminhos assim.

Letícia – Sobre a Ocupação, você estava desde do início, né?

Caê – Sim.

Letícia – Então conta um pouco sobre o início da ocupação, a partir da sua perspectiva, como surgiu, como foi esse primeiro momento de criação até o primeiro cabaré.

Caê – A ocupação surgiu da necessidade, eu acho, de criar um espaço para que as pessoas que tivessem ali apresentassem. Eu acho que era bem isso assim. No primeiro momento a gente só queria apresentar os nossos números e não sabia onde. Não sabia, não tinha esses espaços, né. Porque os espaços do circo eles são meio... os espaços do circo eles são meio monopolizadas, né. Muitas vezes. Tipo, as mesmas pessoas apresentam os mesmos números em lugares diferentes assim. Então surgiu meio dessas pessoas que estão começando ali no circo, a sua grande maioria estudantes da Unesp, da universidade, e surgiu para a lona da Unesp. Tipo, depois a gente até começou a pensar de levar para outros lugares e tal, mas o primeiro momento era Ocupação Vulverística na Lona da Unesp sabe? Era isso.

E aí, foi legal. Porque a gente foi criando números também para apresentar nesse espaço. Tinha várias pessoas que já tinham números para apresentar ali, você, né, por exemplo, várias outras pessoas. E outros números que foram surgindo para esse espaço. Isso foi legal, também, no começo sabe? Porque foi um “vai, agora vai”

sabe? Um empurrãozinho assim. Que todo mundo que tava ali começando a criar o circo, e o circo que é diferente do tradicional, se fortaleceu. E falar “Não. Tem um espaço de apresentação é só criar, vai” sabe? Aí, diversos números surgiram disso. Isso foi massa assim do começo da ocupação.

Letícia – E você lembra como foi a primeira edição? A sensação de estar ali?

Caê – Foi muito da hora, foi muito da hora. Eu, ah... eu acho que tinha um pouco essa sensação de estar fazendo história, sabe? Porque também a primeira ocupação já foi muito cheia. Logo na primeira já encheu a lona e eu acho que foi a primeira vez que eu vi a lona cheia desse jeito, sabe? Eu já tinha ido em outras apresentações, de outras coisas lá, mas cheia desse jeito... e não só cheia, mas o público muito junto. Foi muito... muita emoção assim, mesmo sabe?

E a gente se encontrando atrás da lona também. Eu lembro... atrás da lona não! Atrás das cortinas. A gente ali atrás também tava torcendo muito pelos números que tava acontecendo, né. A gente tava tipo “AAAH”. Quem puxava os aplausos vinha lá de trás da curtida sabe? A gente tava muito junto, e isso foi muito legal. Foi muito massa.

Letícia – E você participou de quais edições?

Caê – Eu participei de todas elas, em funções diferentes. Que era uma coisa legal também da ocupação, porque a gente ia trocando de função, né.

Tinha a produção, tinham núcleos assim, que a gente se dividia, né. Tipo produção, som.... Eu participei diversas edições na parte do som, por já saber montar os aparelhos de som, mexer na mesa de som, então fiquei mais com essa função assim.

E outras vezes apresentando. Eu acho que apresentações eu fiz umas quatro, cinco edições. A gente teve umas sete, por aí sete, talvez 8, né. Tipo, eu participei de umas quatro apresentações, eu acho. Com números diferentes em todas elas, porque eu não tive essa coisa de pegar um número e ir desenvolvendo ele. Eu fui criando coisas diferentes para apresentar na ocupação, era sempre para isso, sabe?

Letícia – E antes você não tinha um trabalho solo?

Caê – Nem antes e nem agora né mona. (risadas) Não tenho! É uma coisa que eu preciso fazer, desenvolver, porque na ocupação a gente fazia as parcerias, né. E isso instigava a gente criar também. Tipo, meu “aí não sei fazer”, “também não sei, mas vamos fazer alguma coisa junto?”, e a gente se juntava e criava alguma coisa.

Diversas reuniões e diversos espaços diferentes. A gente fazia na casa de ume, na casa da outra sabe? Para criar essas coisas e se ajudar a criar. Agora solo não tenho, né. Aqui ó, tenho aqui ó (apontando para ar – campo das ideias). Tá aqui ó, tá tudo aqui ó. (apontando pra cabeça/mente).

Letícia – E você comentou desse lugar da gente ter várias funções, dessa organização. Você lembra como foi que a gente foi criando esse modo de se organizar? As comissões.

Caê – Uma que eu gostei muito de participar foi a de montagem, montar a cortina. Que é uma coisa que a gente chega e vê lá, tá tudo montado, mas você não sabe o corre que é para montar cortina, sabe? Para subir lá, se pendurar lá, e ficar uma por uma dando naquele nozinho ali, sabe? Depois tirar os nozinhos. Então tem que ser do jeito certo. Aprender os nós também. É muito legal, porque você sobe lá, monta tudo e depois você para assim e vê tudo montado. E se sente bem assim, sabe? “Eu que fiz”. Isso é legal, essa gostei muito de participar.

Ai, o que eu mais fiquei foi no som, na produção... eu não gostei muito de participar da produção. Já fiz também, mas não gostei muito de participar, não é muito.... Porque eu sou bagunçado e produção não pode ser bagunçada. Tipo assim, eu sou bom para tá ali, na hora. Tipo, é pra montar cortina? Bora, é agora! Vai ser na hora. Agora produção tem esse corre todo antes, de ficar nessa organização, planilhas... eu sou péssimo com planilhas, números, eu sou o pior da matemática, entendeu? Então não presto muito para isso.

Letícia – E o que você acha desse modo de organização? Como a gente criou essa organização horizontal, autônoma, coletiva?

Caê – Duas coisas: o que eu achava e o que eu acho hoje. Que são coisas bem diferentes, sabe? Porque o que eu achava. Eu achava que a gente tava sendo ótimo, super horizontal. E tinha uma coisa legal mesmo, de tentar abraçar as pessoas que estavam chegando... por isso muita gente passou pela ocupação, porque era esse espaço aberto. Tipo, a gente vai realizar a próxima edição e quem vier nessa reunião, que vai ser um mês antes, vai fazer parte dessa edição. E esse era o núcleo que vai ser toda a produção. Então por um lado é legal. Foi uma forma que a gente encontrou nova de criar essas... esses núcleos também né.

Mas olhando hoje para isso, eu vejo como foi desorganizado. Porque é importante a gente ter um coletivo que tenha nome. No sentido de quem é responsável pelo que, com quem que você vai falar. Pode ter pessoas que entrem de fora, mas é necessário ter essas pessoas, sabe? Porque no final das contas fomos nós que ficamos da primeira até a última edição, fazendo corre e não sei o que..., mas a gente não podia nem dizer que a gente era Ocupação. E nem se propor a fazer nada e nem escrever edital e nem nada do gênero porque a gente não era. A gente era, mais ocupação era todo mundo, sabe? Então, aí tipo, todo mundo é ocupação. E aí, quando todo mundo é a coisa fica aquele ‘deixa que eu deixo’ e no final das contas foi minguando. Acho que esse foi um dos motivos também pra mingua, sabe? Pra acabar.

Letícia – Você pode me contar como era essa organização? Pra entender melhor essa contradições que você fala?

Caê – Sim. A gente fazia uma reunião. Quando a gente pensava em ‘Ah, vamos produzir a próxima ocupação?’, a gente chamava uma reunião aberta, no Facebook, no Instagram, e quem quisesse colar, colava. Quem quisesse o que? Mulheres cis, até esse ponto, né? A gente nunca disse ‘não pode pessoas trans. Porém o nome, a maneira como foi construída, era dito sim mulheres e chamava Vulveristica. Então era isso, quem quisesse, que estivesse dentro desse recorte, podia colar para fazer a próxima ocupação acontecer.

Aí, nessa reunião a gente divide as comissões. Aí, tinha comissão de produção, comissão de alimentação, isso era muito legal, a comissão de alimentação. Eu gostei também quando eu fiquei nessa, de alimentação, essa é legal. È comissão do som, comissão da Luz, comissão.... Que mais que tinha? Montagem, limpeza... Comissão das barraquinhas. Era duas alimentações, porque tinha uma alimentação que era para as artistas, que iam apresentar. E a outra alimentação, que era coisa da barquinha, né? Que a gente ia vender. Então basicamente, eu acho, que tinha mais ou menos às 8 comissões, às vezes dá uma variada, umas a mais, ou menos. E aí, a gente nessa reunião se dividia. Quem quer fazer o quê... Ai, comissão de divulgação, que era babado também.

Nossa eu vou falar de novo então. A gente se dividia em comissões. Vou voltar dessa parte pra tentar explicar tudo de uma vez. A gente se dividia em comissões. Aí tinha a comissão da produção, que fazia todo corre das inscrições e de organizar mesmo o babado, né. Tinha comissão da divulgação, que ia fazer os cartazes, flyers. Tinha comissão da alimentação, aqui tinham duas comissões, que era: uma para a alimentação das artistas, que iam apresentar, e outra que era das barraquinhas. As barraquinhas era pipoca, o suco, que a gente vendia durante os espetáculos e que ia para nosso chapéu também. Aí tinha Comissão da filmagem e fotografia, isso era uma coisa legal. Porque tinha essa contrapartida da ocupação, que você apresentava, não tinha cachê porem você saía com seu material. A única comissão que a gente pagava era comissão de filmagem, com o dinheiro da edição anterior a gente pagava essa. E aí, todas as artistas podiam sair com filmagem do seu número. E que foi essencial para a gente começar a chegar em outros lugares. Lugares que você precisa desse material, né. Tinha comissão luz, som, limpeza, montagem, acho que era isso, mais ou menos isso. Às vezes tinha umas outras comissões que aparecia, dependendo da edição, mas era mais ou menos isso.

Letícia – E como foi pra você o lance do nome? Desde da escolha e depois as reverberações.

Caê – Foi louca essa coisa do nome para mim, assim. Porque veio junto com a minha transição. No começo eu me entendia como uma mulher cis e eu fui uma das pessoas a defender esse nome ocupação vulveristica. Eu me lembro, numa das primeiras reuniões, eu falar “não gente, é importante a gente afirmar vulva e não sei o que..”. Mas enfim, erradíssimo, né. Porque veio nesse lugar da mulher, e a mulher associada a vulva. E aí, quando eu comecei a me entender uma pessoa não binária e a ter mais contato com pessoas trans, porque eu acho que o bafo mesmo é você ter

esse contato, sabe? Ter essa afetividade. Esse é o bafo que muda as coisas. É quando você tem afetividade, quando você tem parcerias, quando você entende verdadeiramente o quanto que simplesmente esse nome pode ser violento, sabe?

Então foi muito louco porque daí isso foi trazendo uma sensação muito ruim, de um projeto que eu tava ali super construindo, foi trazer uma sensação. Aí, teve um momento que a gente começou a querer mudar de nome. E aí tinha a comissão do nome, claro que a gente criou mais uma comissão. A gente não ia tratar esse problema coletivamente. Não, vamos criar mais uma comissão, que é isso que a gente sabia fazer. Aí criamos uma comissão, e eu senti essa responsabilidade de como a pessoa trans do coletivo... na época, que eu era a única pessoa que estava nesse lugar. De fazer parte dessa comissão, mas ao mesmo tempo não tá conseguindo movimentar o babado. E aí foi uma vergonha.

Mona, aquele cabaré de mudança de nome foi uma vergonha, foi uma vergonha. Porque daí, a gente começou... Aí, eu vou ter que contar. Maré vai me matar, mas eu vou ter que contar. A gente se meteu dentro de uma caixa, que era uma urna, mas era uma caixa gigante assim (faz um espaço grande com os braços e as mãos esticados nas laterais do corpo). Três pessoas, foi eu, Maré e Sarah, a gente entra dentro da caixa, botou um negocinho (demonstra uma abertura que existia na caixa), só o olho assim, porque a gente tava morrendo de vergonha, essa é verdade. Olhando para isso, é tipo assim, a gente não sabia mais o que fazer. A gente tava com essa responsabilidade nas costas, sabe? De mudar o nome e de fazer essa campanha. Aí, se enfiamos dentro de uma caixa, escrevemos na caixa 'Trovão de ideias' e saiu andando com a caixa. Só que a gente saia ando com a Caixa e ninguem olhava pra gente. E ninguém tava entendendo nada do que estava sendo dito ali.

Então, a gente pediu para as pessoas darem... A gente dava papelzinhos pras pessoas e pedia pra elas darem um nome. Aí, quando a gente começou ver os nomes: "Ocupação vulveristica, pode continuar?", "Ocupação mulheristica", "Ocupação Ulteristica", a gente receber essas coisas, Sabe? Quer dizer, ninguém tava entendendo nada. A gente não conseguiu passar nossa mensagem e ficou uma sensação muito ruim, sabe? Foi muito ruim esse momento de mudança de nome, porque mais uma vez a gente era núcleos. A gente não soube lidar com isso coletivamente, sabe? Esse que foi o problema dessa organização da ocupação, porque a gente não conseguia lidar com as coisas coletivamente. A gente lidava assim (gesto de grupos fragmentados com as mãos), sabe?

Letícia – Você acha que a gente tivesse se assumido enquanto coletivo e não jogado essa responsa de mudança de nome externamente, mas fosse uma coisa interna talvez as coisas tivessem sido diferentes?

Caê – Talvez, mas aí é muito mais difícil. Esse é o bafo. Que a gente fez um evento, lembra? Que a gente fez o evento que foi o Pury, na roda de conversa, foi Ian, até o Júpiter tava lá também. E discutir isso assim... Mas aí na nossa roda de conversa povo não ia, essa que é que a questão. A gente precisava trabalhar isso internamente, precisava falar sobre transfobia naquele espaço. E não querer falar para o público

uma coisa que a coletividade não entende, verdadeiramente, o seu lugar de privilégio, seu lugar de opressão, de violência. Que que esse nome representa, sabe?

Muita gente dentro da coletividade foi saindo, por causa dessa discussão também, porque não queria. Quando a gente começou a falar que precisava debater, que precisava discutir, que a gente tem que falar sobre isso internamente. Aí o povo foi saindo... aí, não ia na roda de conversa, porque é muito mais difícil. Que foi mesmo bafo quando a gente teve as questões de racismo, sabe, na ocupação. De que a gente tinha que fazer roda de para conversar, para falar sobre isso, para entender e se posicionar coletivamente sobre isso. Só que o povo não ia, não fazia. Agora só queria tá lá na hora de dar o Close. E se a gente fosse um coletivo mesmo... aí teria sido diferente. Porque aí a gente ia falar não pode, a gente vai ter que discurtir sim, vai ter que passar por isso. Mas como eram pessoas autônomas, que vinham e iam quando queriam, como queriam, a gente não conseguiu fazer isso.

Letícia – Apesar das densidades que foram pegando durante o processo. Você teve momentos marcantes? Nem é uma questão de bom ou ruim, mas que te marcaram?

Caê – Sim, com certeza. Eu acho que para mim toda vez, toda edição que a gente chegava e a lona tava lotada, quando o povo ficava de pé... teve uma edição que tinha um monte de gente de pé ali no fundo, as cadeiras óh (aponta pro braço todo arrepiado) todas as cadeiras tudo ali e o povo de pé no fundo, e você fala assim “Ah” (expressão de supresso). Quando que você vê uma lona de circo cheia, cheia assim, sabe? E pensar nessa apropriação do espaço público, que essa lona deveria ser pública e a gente tava lutando para fazer isso, sabe. Por mais que começasse em um lugar também do nosso umbigo, da nossa apresentação, é essa disposição de trazer outras pessoas e movimentar mesmo a cena do circo, sabe? Daqui de São Paulo, eu acho que a gente movimento sim essa cena, sabe?

Todo mundo virou os olhos para gente, sabe? Tipo “boom, tá acontecendo um negócio ali, que bafo é esse” sabe? E a gente chegava nos espaços de circo e as pessoas reconheciam e sabiam o nome, sabe? Então eu acho que a gente se juntar foi muito importante sim. Foi muito importante esses momentos para mim, são os mais preciosos assim... De ver a lona cheia, o povo gritando. Esses momentos que eu falei no começo, a gente traz da cortina vendo as apresentações sabe? Isso era muito precioso, muito. Você ver seus companheires e suas companheiras se apresentando e estando ali, fazendo parte disso, sabe? Dando esse suporte, fazendo acontecer junto, tantos sonhos, sabe? Sonhos de apresentar, e de apresentar para tanta gente, uma plateia tão generosa, sabe? Era muito bonito, era muito bonito.

Letícia – E de que outras formas você vê repercussão na cena circense contemporânea paulistana, ou até mesmo nacionalmente. Você acha que gerou essa repercussão?

Caê – Acho que sim. Também porque a gente é um povo que não fica quieto, né. Chega na convenção brasileira causando, chega, chega, sabe? Porque é esse novo circo, eu acho, sabe? O que a gente tava fazendo ali é um circo diferente do tradicional, diferente do que as convenções estão acostumados a receber. O seu número por exemplo sabe? É um o número que quebra com muita coisa do que é a palhaçaria feminina, ou não, mas deveria ser, e do que é esperado para isso sabe? O número de Maré, Tay como Mc. Tay comendo cigarro! Que que é isso, sabe? PÁÁ!.

Muitos números não tradicionais, assim, que trazem muito dessa coisa da dramaturgia também, do que você quer dizer e de quem é você. Dizendo o que você tá dizendo, sabe? Refletindo sobre as nossas corpas em cena, não só sobre o que a gente tá fazendo, mas sobre o que representa a gente fazer o que a gente tá fazendo, sabe? E aí, eu vejo muita gente do circo, que tá aí há mais tempo, mais tradicional, olhando para a gente e falando “Ei, tá acontecendo ali um bafo”. Tanto que diversas pessoas que já trabalham nesse circuito do circo, há muitos anos, queriam apresentar na ocupação. Tiveram projetos para apresentar na ocupação, sabe? Porque acreditavam nisso, sabe? SoLaides (Circo de SoLaides) estava sempre ali na plateia. Isso era muito legal também, ter esse espaço de pessoas que já estão muito nesse circuito, indo ver quem tá chegando. E a gente tava chegando, tava quebrando tudo, quebrando essas morais, sabe? Do que é circo e do que não é. De que “precisa ser essa virtuose toda?” Não necessariamente, mas se quiser tem também, sabe? Acho que quebrando diversas coisas assim.

Letícia – Você acha que teríamos acessado outros lugares sem esse movimento?

Caê – Acho que não, talvez... Não tem como dizer, né. Porque o ‘se’, mas eu tenho certeza que foi um movimento que abriu muitas portas principalmente... É por conta do material audiovisual, mas também por conta desse reconhecimento todo das pessoas saberem... Por isso que eu tenho vontade, da gente ter sido mais um coletivo e ter colocado mais o nosso nome alí, sabe? De que nós somos as pessoas que estão fazendo isso. Mas é isso assim, de que esses são os nomes das pessoas que estão fazendo isso. Porque tinha muita gente que só passava, e tinha as pessoas que estavam ali no corre, fazendo. E a gente deveria ter colocado mais o nosso nome, sabe? E dizer: Eu faço, isso faz parte da minha história, e eu faço parte dessa história.

Letícia – A gente vai fazer isso agora.

Caê – É isso, é isso.

Letícia – A experiência da Ocupação teve algum impacto na sua trajetória enquanto artista, arte-educadorie, pessoa? Se sim, qual (ais)? O que muda a partir dessa experiência e do que vivemos ali.

Caê – Eu acho que tem essa experiência da potência que se é fazer um projeto em tantas pessoas. Ter tanta gente reunida para movimentar um projeto, para

movimentar um espetáculo. E como a gente somando junto, a gente consegue fazer uma coisa muito grande. Mesmo que seja independente, que seja autônomo, sabe? A gente consegue fazer coisas muito grandes e muito importantes também, né. Porque, às vezes, a gente não tem incentivo, não tem edital e não sei o que.... Mas a gente se juntando a gente pode fazer. Então acho que a ocupação traz muita essa visão. E traz a visão também, de como construir coletivo, sabe? Que é isso, hoje daqui para frente eu tenho essa ideia de que coletivos precisam ser pessoas. Precisa ter o nome das pessoas, não pode ser aberto, vai, entre sai quem quiser. Não, não é assim, não é bagunçado, tem que ser organizado. Por mais que a gente possa dentro de um coletivo também formar núcleos e, às vezes, esses núcleos sejam abertos a outras pessoas, sei lá, pensa em outras formas.

Mas a gente precisa ter pessoas que são responsáveis, ter essa responsabilidade pelo coletivo, sabe? Então eu acho que traz essa visão também, assim, de como formar coletivos. De como trabalhar em coletividade. E também, essa coisa de ter aprendido muito sobre circo, sobre lona, sobre criar espetáculo, sobre produção também, sobre luz, som, montagem de cortina, alimentação.... E entender como todas essas funções são tão importantes, sabe? Todas elas, sem hierarquizar. Por um lado, esse projeto tinha isso legal, de não hierarquiza a produção em relação à alimentação, por exemplo. Era realmente tudo é necessário, todas elas são necessárias para funcionar bem assim. Então eu acho que traz diversas visões mesmo de como organizar coletivo, de como realizar espetáculos, e se fortalecer nessa cena autônoma que é a nossa vida.

Letícia – O que você pensa sobre a gente passar o chapéu e utilizar a grana para dar continuidade ao projeto, pagar o áudio visual, e tals?

Caê – A ocupação mostrou que o chapéu é possível. Porque a gente tinha um chapéu muito bom. Até ó (se emociona), gente o nosso chapéu... O que era o nosso chapéu? O que era? A última edição que a gente fez, que já não era a ocupação, que era a Cia Fundo do Mundo, né.... Quanto que foi aquele chapéu amiga? Foi tipo uns mil e quinhentos reais?

Letícia – Mais! Porque a gente já tinha pagado um pouco antes, né... foi quase três mil no total, eu acho.

Caê – Foi quase três mil reais. Porque foi o que a gente tinha dado antes. Tipo isso acho que o chapéu em si foi uns mil e quinhentos reais, o chapéu. Uma coisa assim, sabe? Tipo (Faz um gesto de surpresa e espanto com o rosto e o corpo). E de que é possível. Porque você imagina, se você vai no teatro você paga r$ 20, você vai pagar r$ 20 em uma entrada, não é uma entrada cara r$ 20. Se você tiver essa consciência e botar r$ 20 no chapéu. Se cada pessoa botar r$ 20 no chapéu, sabe? E tem essa possibilidade de passar na maquininha também, do cartão... que tinha barraquinha com as maquininhas de cartão, e a pessoa se ela quisesse passava no cartão. Aí, a pessoa, ás vezes, se pode, passa 50, ou às vezes “aí não tem dinheiro,

passa para mim que depois eu te pago", vai gerando essa possibilidade também. O chapéu é sensacional.

Letícia – Algo que funcionou muito e o que não funcionou.

Caê – O que eu acho que funcionou o chapéu, o esquema de pagar filmagem, que era muito massa. Que mais que funcionou? Até isso da gente rodar nas comissões, ir aprendendo muita coisa, porque a gente aprendeu muita coisa.

O que não funcionou foi isso, da gente não ter pessoas responsáveis pelo coletivo. E não funcionou, à disposição que as pessoas têm para discutir os bafos também, sabe? Porque todo mundo só quer dar o Close, só quer chegar na hora e apresentar... muita gente que passou na ocupação só queria chegar lá, apresentar e a proposta era outra. Da gente construir junto o espaço e muita gente chegava lá e não fazia, sabe. Ou chegava super atrasada, ou coisas assim. Não comprava verdadeiramente essa proposta. Então muitas vezes isso não funcionou, mas outras vezes funcionou, tem outras pessoas que chegaram e super somaram, então.

Letícia – Você acredita que essa forma de organização tinha uma potência pedagógica?

Caê – Sim, acho que sim, com certeza.

Letícia – Em que sentido?

Caê – Da gente crescer junto, da gente aprender coisas diferentes, aprender sobre o circo e se formar enquanto artista autônomo também. Porque a gente estando nesse lugar, de que a gente precisa fazer tudo. Você é artista, mas.... Você também tem que fazer a produção, também tem que fazer a divulgação, também tem que fazer a montagem do cenário, não é só simplesmente chegar lá e vai estar tudo montado para você. E não, tem que ver a luz, tem que ver o som.... Então acho que essa formação pedagógica do que é ser um artista independente hoje, porque a gente não tem isso, nem na faculdade, nem curso, não tem, sabe? A gente tem que ser o seu próprio produtor. E eu acho que ocupação trouxe bastante esse ensinamento, assim.

Letícia – Mesmo estando dentro do espaço da universidade, sem ter haver com a universidade!?

Caê – Exato! Porque tem outros projetos, lá na lona, que não funcionam assim, sabe? Que tem muita gente que vai ficar responsável sobre isso, sobre aquilo e a pessoa que vai chegar e dá o seu Close. E aí, que isso forma um monte de artista assim também (expressão de nariz em pé), sabe? O que quer chegar lá e só dá um close. E não, você tem que fazer também, sabe? Ser artista é correria, é corre para você conseguir se produzir.

Letícia – Tem algo que você aprendeu ali que esse projeto te proporcionou e que fora você gastaria uma grana pra aprender, mas esse espaço te possibilitou?

Caê – Sim, e uma coisa legal é que lá na lona a gente tem muita infraestrutura. São privilégios assim, muito grande de poder ter acesso a esse espaço. Porque eu aprendi a mexer numa mesa de luz que eu não teria oportunidade de aprender em outro lugar, em outros espaços. Ou se eu fosse aprender, seria dentro de um curso que provavelmente seria caro, né. Ou a mesa de som, a mesma coisa. Refletores, ribalta, cortina, tudo, tudo, ter acesso a uma lona mesmo, porque são pouquíssimas hoje em dia. A gente fala de circo, mas circo escola, circo em casa, lona mesmo são pouquíssimas. É super difícil essa oportunidade de trabalhar numa lona e de entender como funciona, como é a estrutura, a ancoragem de aéreos, como faz, sabe? Quais são os equipamentos de segurança que você precisa para montar cortina, tudo isso. Até o NR-35, que é um curso de trabalho em altura para lona de circo. Então tudo isso, tudo isso, assim, eu acho que a gente se formou muito dentro desse espaço.

Letícia – E no fim, o que fica/ficou?

Caê – O negócio do nome me pegou muito. E essa coisa de ter ficado na comissão e perceber que a coletividade não ligava muito para isso sabe? Que a coletividade falou “resolve aí”. Isso me pegou muito e isso ficou para mim, desse fim. De que as pessoas foram só vazando e não querem falar sobre isso... “aí vamos colocar ocupação mulheristica então” sabe? Tipo isso. Mas por outro lado ficaram parcerias muito lindas, que são as nossas. E que são parcerias que eu não teria tido na universidade se não fosse ocupação, sabe? Que a gente é de anos diferentes, de turnos até diferentes, e a gente se uniu ali, nesse lugar do circo para se fortalecer.

Então para mim ficam essas parcerias muito lindas. E esse gostoso que é sonhar junto, sabe? Isso fica, assim, quando você sonha “E meu vai ser muito bafo” e chega na hora e realiza. E quando você realiza, o que você sonhou junto, é uma delícia, é uma delícia, uma delícia... aquele bar depois e todo mundo aqui “ah você tava perfeite”. A gente se fortalecer, se fomentar. Isso fica muito, o quão importante é você fomenta a pessoa que tá caminhando do seu lado, que tá com seu projeto, acreditar no projeto do parceire, da parceira, sabe? E ter outras pessoas acreditando no seu e se movimentando para que isso aconteça, que é uma individualidade, mas que faz parte de um coletivo, e isso é muito legal.

Letícia – Você quer dizer algo que eu não te perguntei?

Caê – Ai, eu gostaria de dizer que essa experiência da ocupação e essa questão toda do nome, que surgiu, ela não é isolada. Ela faz parte de um contexto que a gente tá vivendo hoje. Em relação ao movimento feminista, a esse movimento feminista branco, que tem essas pautas da buceta, essa pauta da teta, do clitóris. Muitas vezes a coisa sapatão também, que tem muitas vezes uma repulsão ao masculino, sabe? E que é muito doloroso. Acho que a ocupação ela trouxe esse lugar

assim. É por isso que eu acho que foi importante a gente finalizar também. Porque não tava conseguindo mudar o nome então vamos finalizar, o bagulho é outro sabe, é outra fita sim.

A gente precisa, os movimentos feministas precisam repensar muito essas questões e entender que não é que você não pode falar da sua buceta, é claro que você pode, mas é entender que dependendo da maneira como você fala, isso pode ser agressivo. Se você falar sobre buceta relacionando a mulher, falar sobre o útero relacionado a mulher, isso é sim agressivo, sabe? E é agressivo da mesma maneira à pessoas trans masculinas, sabe? Que deixam de fazer parte desse espaço porque não são mulheres, e também tem útero, e também tem buceta e a gente precisa repensar isso, sabe?

Esses espaços, todos eles. Eu já vi tantos espaços dentro do circo surgindo desse jeito. Aí vai fazer uma noite “vamos fazer uma noite feminina”, porque vai fazer uma noite feminina mona? Sabe? Vamos falar sobre.... Os recortes eles são necessários, mas eles não precisam ser genitálistas. Quando eles são genitalistas eles são opressores, eles são transfóbicos, eles são muitas vezes brancos, em sua grande maioria das vezes. Não precisa colocar esse textão todo, pode escolher umas partes só, sabe? Mas assim, é isso que eu gostaria se eu pudesse dizer alguma coisa para os movimentos feministas que estão surgindo, que estão tipo “É viva as mulheres! Estamos todas juntas!”. Porque a ocupação vinha muito desse lugar estamos todas juntas, vamos dar a mão e perceber que isso também pode ser muito opressor, sabe? Olhar para isso e não deixar de lado, como foi acontecendo, que o povo foi deixando de lado, foi saindo. Tá tem uma questão, então vamos olhar para isso, vamos transformar, vamos pensar diferente, não vamos ser genitálistas, não serve. Vamos pensar que existem pessoas trans masculinas. Gente, existem pessoas trans masculinas tá? Vamos pensar em pessoas trans masculinas fazendo parte dos movimentos também, sabe? Do circo, vamo pensar em travesti produzindo circo, vamos pensar em boyceta produzindo circo, vamos pensar em diversas corpas. Não precisa ter esse recorte, sabe?

Eu quando eu chego em um espaço de mulheres não me sinto confortável, muito difícil eu me sentir confortável. Agora muitas vezes eu chego em um espaço que já tem bichas, eu já me sinto mais confortável, sabe? É, mas confortável, aí fica essa coisa de não pode homem, que tudo que é masculino é ruim, mas eu tô em outro espaço que tem uma masculidade diferente. E parem de condenar a masculinidade. Agora eu vou no textão mona... Parem de condenar masculinidade, para de achar que existe privilégio em ser trans, não existe sabe. Vamos repensar isso.

Letícia – Mas pode estar em outro lugar?

Caê – Pode ser porque eu sou branco. Então antes de trans, eu sou branco e eu tenho meus privilégios, mas não é privilégio masculino. Porque aí o povo vem com essa de privilégios masculino, aqui? (gesto de negação). Faça o mesmo ó (mostra o dedo do meio). Isso é o que eu gostaria de dizer para as pessoas e vamos produzir arte junto e vamos criar junto, independente desses recortes.

Letícia – Não é bota um nome no cabaré né?

Caê – Exato, aí o povo coloca o nome... Ai, agora vou falar. Aí o povo coloca o nome e depois corre atrás do nome. Coloca menines no nome e não tem um menine no cabaré. Aí fica querendo convidar menine para dar conta de um nome, que não faz parte. Porque que não coloca Cabaré do Sol? Sei lá, entendeu? Tanta coisa, Cabaré do carrinho, porque que precisa desse recorte dessa maneira sabe? A gente não precisa dos recortes dessas maneiras. Que nem o cabaré da, da.... Como é que chama? Cara, esqueci... Cabaré das... O que Maré faz parte, da Vulcanica.

Letícia – Insurgências.

Caê – Insurgências. Que é uma palavra, PÁ, outra. Não escolher um nome para ser de efeito, de cabaré gente, com uma identidade que não é sua.

Letícia – E que não vai ter ninguém ali.

Caê – E que não vai ter ninguém.

Letícia – Você acha que a ocupação gerou outros movimentos?

Caê – Acho que sim, eu acho que sim. Eu vejo, um exemplo, que eu penso é o Balbúrdia. Que é um cabaré de drags, que agora tá acontecendo na Lona, né. Na mesma lona que a gente ocupava. E eu ver eles.... Já escutei eles, elas, elus dizendo isso, né, “a ocupação para gente uma inspiração, de como aconteceu e de como a gente quer movimentar essa lona”. E eu acho que a ocupação ela trouxe uma vida para aquela lona também. Não só ocupação, o Circolar também, principalmente os projetos independentes. Mas trouxe uma vida para essa lona, sabe? Que eu acho que tá aí, sabe? Porque, sempre... A lona na Unesp há muitos anos tá sendo ameaçada de tirar dali, né. Tá sendo ameaçada de sai fora, é acabar. Estão ameaçando acabar com a lona há muito tempo.... Então a gente trazer essa vida para ela, eu acho, que é um legado mesmo também que é ocupação deixa, sabe. Do quão é importante de ter. E toda aquela infraestrutura, e a gente tem que cuidar daquilo, que a gente tem que tomar nas nossas mãos aquilo. Não vai ser professor, não vai ser professor, nem a universidade, instituição nenhuma, sabe? Tem que ser feito por pessoas, por alunes, ou pessoas da comunidade de fora, que fazem parte desse espaço. E tem que ser da comunidade de fora, também porque é público e tem que ser pública e a gente tem que lutar para que seja público. E para que a gente tenha isso nas nossas mãos, para aprender e para fazer, sabe? Então acho que esse é um legado da ocupação.

Foda-se as Radfem. Vão tomar no cú, são um bando de amapô.

A gente levantou muita coisa, não sei se a gente conseguiu dar conta delas, mas a gente levantou muita coisa que tava ali meio encostada né. Aí levantamos e colocamos no ar e “caramba, precisamos olhar pra isso”, Aí teve quem foi, e quem ficou meio perdido vendo um negócio cair.

Nossa, mas a minha passagem pela UNESP mesmo, ela é muito nesse sentido, fora da sala de aula. Primeiro no movimento estudantil, sabe? Aprendi muita coisa, errei muito, acertei em outras coisas, mas aprendi muita coisa. Depois do movimento estudantil, a lona sabe? Para mim sempre foi fora da sala de aula, porque dentro da sala de aula.... Você entra achando que vai ser uma coisa e sai decepcionado. Mas é isso, a gente se encontra. A gente se encontra e a gente transforma o mundo, transforma pessoas que transformam o mundo.

APÊNDICE B – ENTREVISTA TAY MARIA

Entrevistas na integra e em ordem cronológica conforme foram realizadas.

Data: 08 de novembro de 2020
Entrevistade: TAY MARIA

Letícia – Conta um pouquinho sobre você

Tay – Eu sou Tay Maria, eu sou artista, educadore, palhace, afroempreendedore, compre Nebulose (risadas). Trabalho bastante com interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, como você preferir chamar... E é isso, to aí no mundão existindo, sou Baiane, criade na ZL-Itaquera e é isso.

Letícia – Eu sei que, tanto eu como você, a gente estava desde do começo assim na Ocupação então...Como surgiu a ocupação? E como foi o início da ocupação a partir da sua perspectiva?

Tay – Em 2017 uma galera do... Que enfim que ocupava o circo da UNESP, a gente se juntou para ir para Convenção Brasileira de Circo né, de malabares de circo, aquele nome grandão, em Goiânia. E aí a gente fez todo um esquema, e eu lembro que a gente fez Cabaré com outro grupo que tinha, todo um esquema levantar dinheiro para conseguir busão da Unesp para ir. A gente foi e na época... E enfim a gente foi, foi ótimo assim, ficou todo mundo maravilhado. E aí quando a gente voltou, na época várias mulheres cis, a gente se juntou e falou “puta a gente quer apresentar” e esse foguinho que tava desde a convenção né. A gente se juntou e falo “mano vamos produzir alguma coisa para gente apresentar também” porque a gente sentia essa necessidade de... A gente não tem lugar para apresentar e se a gente não tem vamos criar.

E aí eu lembro de uma primeira reunião que teve, que foi na Unesp assim, em uma parte meio que na frente ali de um lugar que vende umas comidas, no chão assim, um negócio meio planejado, mas não muito. Depois de muitas conversas de corredor, muitas conversas de bar, a gente falou “vamos marcar uma reunião”. Daí a gente marcou uma reunião com uma cacetada de gente, assim começou com uma rodinha desse tamanho, quando a gente foi ver a roda tava tipo, não era mais uma roda era um formato assim, e essas conversas de “Mano vamos fazer, vamos fazer, o que que a gente vai fazer”.

E aí começou a chacoalhar todo mundo, todo mundo caindo número, e eu lembro que na época eu já fazia assim palhaçaria, já brisava em cima disso, mas eu não tinha um número. Eai várias pessoas tinham número e eu não tinha. E na época também eu trabalhava com um parceiro meu, e um pouquinho tipo meio que ao mesmo tempo assim, eu e ele a gente foi MC de um sarau que teve na Unesp e que foi muito massa assim. Então a gente estava ali apresentando o rolê e foi muito... Foi uma descoberta de um lugar assim que eu desconhecia, porque sempre que eu vi

Mc's, primeiro que não reparava muito assim, não prestava muita atenção que que essa galera fazia e outra que era num lugar muito de zuar os números e tudo mais e quando eu fiz com esse parceiro, a gente só foi tirar uma brisa assim. A gente não tinha planejado nada e esse improviso me chamou muita atenção.

E eu lembro que a gente fez um grupo no Facebook e ai todo mundo tipo "ah meu nome é tal e eu tenho tal número; Meu nome não sei o que tenho tal numero" e eu ali uma pessoa que não tinha número nenhum e eu falei eu vou ser MC. Não fazia ideia, não fazia ideia da onde eu tava metendo minha cara. Não sabia, não sabia, mas fui la na cara e na coragem ser MC. E ai todo mundo tipo "Nossa! Não, ual! Vai mesmo!" E eu tipo "Gente mas é muito tranquilo. Não é muito tranquilo?" jurava, jurava que era de boa.

E aí enfim a gente começou a se organizar e era isso assim o Facebook e os encontros presenciais de "opa, bora? Não, vamos fazer aquele negócio lá". E a gente começou a se encontrar no circo, se encontrar no corredor, se encontrar no bar e a gente começou a levantar isso assim. E eu nem lembro direito como foi a produção em si do rolê. Eu lembro que a gente fez um evento no Facebook mas... Mais tarde a gente começou a fazer as imagens para poder colocar no portfólio depois, nem tinha isso.

Eu lembro que a gente teve uma capa, que uma das pessoas fez assim, uma arte né, de divulgação, que foi assim do nada tipo, a gente nem tá pensando nisso, a pessoa chego e falou "Eu fiz uma arte" e aí foi "Nossa, ual". E ai eu lembro de varias pessoas que gravaram tipo vídeos curtos, foi uma divulgação muito orgânica eu acho sabe, que não foi nada muito planejado, mas foi acontecendo.

E aí... Eu lembro que eu tava assim "Ah vou ser MC mas não preparei nada" porque eu falei "A gente da ultima vez eu não preparei nada, não vou preparar nada, sei lá o que eu vou fazer. Vou... Eu vou entendeu, vou com a cara e a coragem. E aí a primeira ocupação aconteceu né. Eu lembro que a gente decidiu o nome num grupo de Facebook. Aí toda essa situação de "Ai que nome, aí como que faz" e aprendendo ali né, todo mundo aprendendo na hora, porque ninguém nunca tinha feito isso, ou pouquíssimas pessoas, mas eu acho que ninguém tinha experiência mesmo de "vou produzir um cabaré do zero".

E eu fui Mc desse cabaré foi explorar esse lugar e foi muito foda. Assim foi muito foda de bom, de me colocar em situação e de estar ali, sozinhe, enquanto uma pessoa preta ali no centro do palco e tudo mais, num lugar de "poder", depois a gente fala mais sobre esse lugar de MC, mas enfim esse lugar de "destaque" né que o MC tem e quebrei cara, nossa quebrei a cara, quebrei a cara bonita, assim de nossa senhora não sei como sai inteiro desse nesse rolê, porque foi isso assim era essas pequenas entradas, galera chegando, a situação ali acontecendo, várias cobranças, as pessoas cobravam muito de mim, uma cobrança que eu achava, que eu não esperava né. Não é nem que eu achava alguma coisa eu não esperava que fosse rolar essa cobrança, mas rolou uma cobrança muito grande da galera esperar muitas coisas de mim, coisas que acho que eu nem queria oferecer, mas na época eu não sabia falar não "Não, não vou fazer isso que você ta falando, porque é meu trampo,

então você me deixa quietinho aqui” porque eram cobranças num lugar de umas críticas bem destrutivas assim né.

E aí eu falo mais agora sobre isso?

Letícia – Se você quiser falar, pode falar sim. Já estamos nesse assunto, pode engata.

Tay – Tá beleza. Que enfim tinha todo um lugar de “Não porque MC tem que fazer trocas de roupas, porque Mc tem que levantar o público, mas num lugar muito de ‘Olha o meu número é mais down, então você tem que preparar o público pra isso’, ‘o meu número é isso’”. Então eu fui muito limitade assim de você pode fazer isso. (mostra com os dedos um espaço pequeno). E aí as opções que eu tinha aqui todas eram descartadas, não por mim, mas por outras pessoas. Enfim isso foi na primeira ocupação acho que as outras eu posso conversar, falar quando perguntar? ou não?

Letícia – Se você quiser poder falar.

Tay – Ah tá então já vou..

Letícia – Por exemplo esse lugar de MC, já que a gente já está nisso, você foi sentindo que foi mudando? Que foi intensificando ao longo?

Tay – É eu lembro que eu tava de Mc, e aí tinha uma contraregragem, que parou de ser uma contraregragem um dado momento, que eram as Neidas né. Que era a figura de duas velhinhas que estavam meio que ali comigo, e a gente começou a jogar. E na primeira Ocupação foi isso assim, estava todo mundo descobrindo que que era isso. Aí depois de um tempo uma dessas velhinhas começou a ir para o lado mais da bufonaria, uma outra em outro lado de comicidade, eu ali no meio descobrindo também qual era minha comicidade, que que eu queria pesquisar nisso, e a primeira foi isso quebrei a cara super.

E aí, teve toda uma situação com uma galera que tava ali de tipo que foi colocado na minha cabeça de “Não, porque você é uma figura de poder. Você é a figura de poder” e eu tipo “Então beleza eu sou a figura de poder, então vamo que vamo”, mas um poder num lugar muito, muito torto assim sabe.

Que depois de um tempo comecei a pesquisar para transformar isso em algo mais interessante, mas a princípio eu comecei “Um poder? Então eu mando nas pessoas? Então é isso que estão me pedindo?”. Só que ao mesmo tempo, se eu fazia isso não rolava e eu não entendia bem o que fazer.

E eu lembro que depois da primeira Ocupação teve uma reunião onde me cassetaram inteiro assim. A galera tipo saiu falando várias para mim e não era aquele toque de “Meu acho que nessa entrada você pode pensar nisso, pensa naquilo” foi um lugar bem destrutivo assim de “não você tem que fazer isso, isso e isso” e a galera começou meio que a fazer um roteiro para mim. Ao mesmo tempo que eu queria pesquisar um improviso que tava cada vez mais limitado.

E aí enfim na segunda ocupação, eu lembro que teve toda essa trajetória da primeira Ocupação eu lembro que usei figurinos nada a ver, que eu olho as fotos e falo “Gente da onde saiu essa roupa”. E na segunda ocupação, eu tava assim, eu fui do 8 pro 81, figurino que hoje em dia também olho e falo “nada a ver” mas eu tava com uma calça gigantesca assim, uma cor meio nada a ver, a calça não ficava direito no meu corpo, e tem umas fotos que aparece tipo a meia calça embaixo, tipo ainda entendendo assim, tipo explorando isso era muito massa da Ocupação.

Porque tinha esse lado de que eu tava muito fechado, muito limitade assim pelo que a galera falava, mas ao mesmo tempo eu tentava dar uma subvertida para explorar o que eu queria explorar assim e descobri como é que explorava isso em cena, em situação com o público na minha frente, e dos meus lados e público em tudo quanto era canto assim.

E aí na segunda ocupação foi isso assim de tentar explorar isso ainda, mas era tanta responsa assim nas minhas costas, que às vezes eu não tava ali para jogo, para ver o que que acontecia, reagir e jogar com aquilo. Eu tava ali preocupado com as demandas que a galera estava colocando no meu ouvido, parecia que eu tinha um pontinho aqui no ouvido assim com o pessoal falando e eu tentando lidar com tudo isso acontecendo.

E a segunda Ocupação foi meio que nesse lugar e aí quando chegou na terceira ocupação, e a terceira para mim ficou muito marcada um lugar muito da hora. Que é isso né, as Ocupações elas tinham um espaço de tempo, entre uma e outra, de 2 meses assim mais ou menos um mês e meio, que era muito legal que muita coisa ia maturando até chegar na próxima né.

Ao mesmo tempo que tava ali fazendo produção, fazendo as cassetadas todas pra acontecer. E eu lembro que na terceira Ocupação eu... Enfim, nisso tudo eu ficava pensando né, não é que eu tava ali num curso jogando e pesquisando, eu tava ali no meu quarto pensando, fumando cigarro e falando “Que que eu faço?”. E ai na Terceira Ocupação foi o momento que eu olhei e falei foda-se. Tipo não vou ouvir o que a galera tá falando, não vou trocar de figurino, não vou fazer isso eu vocês estão falando e eu vou na minha, e é isso assim, até chegar nesse ponto da terceira já tinha ouvido muita bosta, já tinha sofrido muito racismo lá dentro.

De que é isso né uma pessoa preta numa figura, num lugar que tava todo mundo entendendo que era num lugar central, mesmo não sendo, a galera olhava e não gostava daquilo. Mesmo a galera tipo “ah amigas”, não gostava porque a raça vem antes disso tudo, todas essas relações.

E ai chegou na terceira, eu já tava muito puto, eu tava assim por aqui, não vou ouvir mais ninguém, não vou trocar de figurino, vou fazer o que eu quiser, eu vou fazer o que eu bem entender agora. E isso foi muito legal porque eu consegui fazer com que essa pressão desse uma dissipada

E isso assim né não é que eu sozinho consegui e sou muito foda, foi tipo um papinho com uma pessoa ali, um outro papinho com uma pessoa aqui, tipo né as pessoas que estavam ali me fortalecendo nesse lugar, para falar “mano vai na sua assim, para de ouvir”.

E aí a terceira foi muito legal porque eu tava para jogo, eu tava para jogar ali com o que tivesse acontecendo. E era isso no picadeiro estava ali jogo, jogo, uhul, chegava atrás da coxinha venha todo mundo falar comigo alguma coisa ou para falar ‘essa sua entrada foi isso, isso e isso. Aquela sua outra entrada foi isso, isso e aquilo’.

Tanto que voltando um pouquinho eu lembro que na primeira Ocupação tava tão a mais que teve uma entrada, que eu tava nessa chave tipo palhaçaria, sinceridade e tal, e teve uma entrada que eu falei “galera eu to na bosta, não estou bem, então vocês vão assistir o próximo número” eu cheguei nesse nível na primeira ocupação assim.

E aí depois eu cheguei na coxia, depois dessa entrada, ninguém veio falar comigo, acho que entenderam o recado. E eu fiquei muito mal, assim várias ocupações que eu entrava, fazia o que eu tinha que fazer voltava e saia chorando, e ajeitar a maquiagem e vai que vai né.

E aí na terceira eu lembro que eu cheguei assim “oh mano acabou é poucas vou fazer a minha” e foi muito massa, isso foi muito massa porque eu sinto né que nessa Ocupação eu descobrir uma cacetada de coisa.

E isso tudo, assim da primeira à terceira, fazendo sozinhe o rolê, metendo as cara ali, a galera dando vários pitaco mas ninguém queria construir comigo. Ninguém queria falar “não mano, acho que tá faltando tal coisa. Vamos ensaiar, vamos pegar um dia para jogar?” até então ninguém queria fazer isso comigo.

E na terceira foi super massa. Conseguir descobrir várias coisas. E aí, é muito legal, né. Porque como é um improviso, e tá tudo acontecendo ali, você descobre se funcionou, ou não, ali. E aí, tem uma entrada que é muito marcada na minha cabeça, que foi depois de um número que a pessoa tirou um bagulho, assim, de baixo da saia e deixou o bagulho o picadeiro. E ninguém sabia que tinha que fazer um contraregragem para tirar aquilo. Ai, eu falei “a gente pequenininho, eu tiro”. E eu lembro que eu entrei, eu vi esse negócio. Eu lembro que tinha a Verônica, do circo di SóLadies. Eu lembro que ela tava no chão, na minha frente. Eu lembro direitinho da cara dela assim. Porque eu lembro que eu entrei olhei para aquilo e falei “Ok, tenho que tirar daqui”. Perguntei para ela se eu podia pegar. E o pessoal “Não, pode, pode”. Eu lembro que eu peguei e coloquei dentro da calça e todo mundo começou a dar muita risada, e eu fiquei assim “acho que descobri uma coisa, mas eu não sei o que que é”. Até hoje eu não sei direito o que que fez a galera rir tanto, sinceramente assim. Até hoje eu fico lembrando disso e falo “gente eu não sei o que foi tão engraçado nisso”.

Mas é isso, tava muito ali, então para mim aquilo era muito normal. E aí, até no vídeo assim, eu tenho o vídeo disso. E eu lembro até no vídeo que eu fiquei assim “ahá, legal funcionou”. E foi nessa mesma entrada que eu fui falar… que eu tava fumando, e “gente não pode fumar” e tinha uma criança na plateia. Criança é muito massa. De virá pra mim e falar “Mas você tá fumando”. E aí, eu olhei para aquilo e falei “Tenho que resolver isso. Que eu tô falando um negócio, a criança tá falando outra, tenho que resolver isso” e eu comi o cigarro. E isso foi muito legal. Porque foi uma puta descoberta. Que é isso, né. Você descobre com público, então é muito gostoso descobrir com o público. E nessa ocupação também, eu comecei uma

pesquisa de pensar nesse Augusto, contra Augusto, nesse jogo clássico do circo. Não tinha uma dupla ali para ser o Augusto. E aí, eu comecei a jogar de, tipo, eu quero que a plateia seja esse Augusto para mim. Que a plateia me de material para jogar, faça escada. “Como que eu faço isso? A plateia nem sabe que eu quero isso dela, mas quero isso e vou fazer eles entenderem.” E dar esse espaço para a plateia interagir comigo, e jogar assim, isso foi muito massa. Mas como nem tudo são flores... Enfim, teve essa ocupação foi muito legal, para mim assim. Foi muito legal, várias merdas na coxia, não vou entrar nisso, vou fingir que não existiu, para ficar com a parte foi boa.

Depois dessa ocupação a galera começou a entender que Mc era um espaço de destaque e talvez, talvez, tenha esse lugar de “Nossa seria massas ser Mc também”, mas o que me pega muito é que ninguém chegou para construir comigo esse espaço, nunca, desde a primeira. Ninguém vinha para conversar comigo e dá umas críticas construtivas e fala “Mano isso aqui não deu certo, mas já que não deu certo você pode pensar em outras possibilidades”, ninguém chegou assim para mim. Era sempre um lugar de “faz o que eu quero que você faça” assim. Acho que tinha uma expectativa da galera que jogavam em cima de mim.

E aí chegou, tinha reunião domingo, nossa lembrei muito disso. Tinha a reunião domingo, de feedback né da última Ocupação e preparação para outra. No sábado eu apresentei num espaço e eu sofri um bagulho de racismo muito forte. Assim um caso muito forte, muito forte, e eu fiquei muito mal e eu fiquei muito, muito mal e eu não fui no domingo. Eu fiquei assim o dia todo na cama, na bosta, eu não fui no domingo.

E aí quando chegou as informações, de como foi a reunião, e eu já tinha falado pra algumas pessoas que iam estar na reunião “meu eu não vou conseguir ir, eu to muito mal, mas eu quero muito ser MC, quero muito continuar pesquisando esse lugar”. E aí quando chegou assim, a segunda, depois da reunião que eu fiquei sabendo que o que estava acontecendo é que eu não ia ser MC, e grupo de pessoas brancas ia ser MC. E aí isso me bateu num lugar de “gente como assim?” e é isso assim como ocupação tinha essa proposta horizontal, eu não esperava que eu fosse ser MC para sempre nela, sempre eu e esse lugar é só meu.

E nunca desejei isso também, né tipo só aconteceu né. So aconteceu três vezes seguidas porque ninguém mais queria aquilo, só eu queria aquilo.

E aí do nada um grupo de pessoas brancas pessoas, pessoas inclusive que... É isso, tinha uma galera desde o começo e uma galera que foi entrando, uma galera que chegava pra um edição e saia fora, e umas pessoas que tinham chego assim naquele momento. E eu descobri que essa galera iria ser MC. E aí eu fiquei tipo... Tranquilo ser MC mas porra vocês podiam ter me dado um salve. Vocês podiam ter, ah não quer construir comigo tudo bem, Beleza. Não quer construir comigo beleza, mas me dá um salve, porque sabia que eu tinha interesse também né, mas eu senti que só foi um descarte assim e me bateu no lugar racial muito forte, porque já tinha acontecido uma coisa no dia anterior e aí no dia seguinte o espaço que eu achava que estava me acolhendo integralmente assim, uma grande mentira, na real não.

E aí eu lembro que eu fiquei muito mal assim tanto que nessa Ocupação eu lembro que fiz uma entrada, só para dar tempo, porque uma das pessoas que era MC ia apresentar. E eu lemro que eu fiquei muito mal com isso, muito triste assim.

E aí teve uma reunião que eu virei e falei “galera achei chato, achei chato porque ninguém nunca quis fazer isso comigo, deixou eu quebrar na cara. Só que quando começou a entender que era um lugar de ‘destaque’ começou a querer ocupar esse lugar, mas quando eu tava ali quebrando a cara sozinhe ninguém tava ali comigo. E para mim assim, na minha visão, Mc não é um lugar de destaque no Cabaré varietê assim, não é um destaque é um serviço. Você tá entrando ali para tipo dar um ritmo para o bagulho pra minimamente ter um tempo ali para preparar o picadeiro, a cucetadeira ali, para próxima pessoa e só sabe. E é isso você pode fazer muita coisa nessas entradas de 1, 2 minutos. Muita coisa pode ser explorada, mas acho meio nada a ver considerar isso como um lugar aqui. (faz gesto de superior com as mãos). Acho que tá todo mundo aqui sabe. (faz gesto de horizontalidade).

Tipo é tão importante quanto o som, é tão importante quanto a galera que vai apresentar, é tão importante quanto qualquer coisa que é importante ali. Porque tudo tem que estar ali senão não acontece, mas começou a rolar essa visão, e eu falei “galera achei nada a ver”. Tanto que foi isso, foi uma galera que chegou pegou esse espaço e depois vazou assim, uma parte dessas pessoas né.

Beleza. E aí depois da Ocupação Leka virou pra mim, você virou pra mim e falou “Vamos fazer junto então?”. Enfim fizemos juntos, aí tipo fiz com Leka, que foi muito massa, descobrimos várias coisas. Depois eu fiz com Nirely. Teve o Sarau que eu fiz sozinhe e fiquei lá 3 horas e foi denovo um role que eu fiquei lá 3 horas sozinhe e ninguém quis construir comigo. E ai foi nisso que eu só tava sacando tipo o que que a galera entendia nesse lugar de MC, porque enquanto era minha pesquisa, uma coisa que eu queria pesquisar dentro da palhaçaria, tipo muita gente queria ali só para ser estrela. E aí eu fui sacando isso, e isso foi ficando aqui né (faz gesto de ficando engasgado), foi ficando aqui, foi ficando aqui. E enfim fui MC com outras pessoas nesse tempo e tudo mais até chegar a última.

Ai a última foi babado, se eu quebrei a cara na primeira, na última eu quebrei três vezes mais assim. Porque eu acho que muita coisa... É isso dentro da Ocupação eu descobrir muita coisa nessa pesquisa de Mc que foi muito foda. De como me colocar para jogo com a plateia, de como fazer MC com outra pessoa e jogar com essa outra pessoa, quebrei muito a cara com outras pessoas também, quebrei a cara sozinhe, descobrir muita coisa massa, foi muito foda em muitos momentos, aí chegou a última.

E aí tava muito introjetado em mim já de “não você tem que criar coisas para suas entradas, você não pode só improvisar” e isso já tava muito na minha cabeça, porque quando eu ia fazer quantas pessoas a gente tinha que planejar e aí sozinhe eu sempre fui no improviso, mas não dava mais né. Não dava mais porque a galera me falava que não dava mais.

E ai na última eu virei falando tipo “Não, Beleza. Então eu vou montar alguma coisa” só que nunca tinha montado alguma coisa, não fazia ideia de como fazer isso, e eu tava com muita raiva instaladas, queria falar uma cacetada de coisa. E ai eu fiz uma série de entradas tenebrosas, que eu vejo o vídeo fico mal, de tentar expurgar essa raiva. Porque eu acho que a palhaçaria tem esse lugar também muito massa de poder trabalhar esses outros afetos né. Porém na ocupação já ouvi muitas vezes que

era muito agressiva, que eu era muito, enfim, muito mandona, muito chata, que o público estava se sentindo agredido. Ao mesmo tempo que eu chegava pro publico e a galera falava “não, ta suave” e enfim... Nesse meio tempo teve até uma conversa que eu falei “Galera isso é racista. Vocês virarem pra mim e falarem que eu to sendo uma pessoa agressiva existe um lugar de racismo ai muito complicado. Foi uma reunião que foi cinco pessoas.

Mas enfim, chegou na última e foi tudo isso. Eu lembro que essas velhinhas contrarregras iam voltar e de última hora elas não iam, preferiram não fazer mais, porque não estavam confortáveis. E aí de novo se repetiu algo da primeira ocupação, de que eu tava sozinhe. E tava ali sozinhe com várias demandas de outras pessoas, e eu lembro de a galera saiu para o cortejo, lembro de ficar na lona assim, no centro da lona assim completamente... Não tava pra jogo, não tava para nada, não queria fazer. Só que eu não tinha opção de virar e falar “Galera eu não quero fazer”. Porque “Nossa gente se a MC desistir que que a gente faz” sabe, então todo uma pressão que só tava vindo e eu não tava sabendo lidar. Então eu tava completamente fora de jogo assim, não queria estar ali, não queria estar fazendo aquilo. Ao mesmo tempo que eu queria estar na última, porque foi um espaço muito importante para mim. E é isso assim quando eu olho no geral eu vejo essa curva assim né, tipo que teve um momento de ápice e depois desceu um pouquinho a mais até, de novamente estava ali sozinhe. Só que dessa vez é isso, se na primeira eu tava muito “Eh vou jogar” na ultima eu já tava com uma cacetada de coisa falando tipo “Eu tenho que fazer o que essas pessoas estão falando aqui”.

Então dando um saldo geral desse papel de Mc, já que eu to falando para caralho sobre isso, eu acho que eu descobri muitas coisas. Nesse processo todo de ser Mc descobri muita coisa. Muita coisa que eu tenho vontade de continuar pesquisando em outros espaços, de me colocar em situação. Mas eu sinto que muitas coisas na Ocupação também colocou umas minas de sabotagem no meu trabalho. E isso tudo por conta do tipo de pesquisa que eu fazia, de quem era essa pessoa daqui, quem sou eu ali no picadeiro, que que isso representa para as outras pessoas que estão vendo, essa série de coisas que... Que é isso no final assim quando eu olho o vídeo da penúltima Ocupação, da última, eu tava ali meio que fazendo um personagem, criando um bagulho que não era isso que eu tava pesquisando de verdade. Então minha pesquisa se perdeu para atender demandas que não eram minhas. E isso foi bem chato.

Falei para caceta Leka. Eu sou assim.

Letícia – É pra falar mesmo. Quantas edições você fez parte?

Tay – De todas. Desde do começo até a última. De todas. E só teve uma que eu não fui Mc, as outras eu fui Mc em todas, me fudi horrores gente, mas vocês já ouviram essa parte, enfim. Fiz parte de tudo.

Letícia – A gente ao longo do processo foi criando uma maneira de se organizar. Como era essa forma? E como você lembra de como a gente foi

construindo isso, essa organização que a gente tinha? E depois se você quiser engatar em quais comissões você fez parte? O que você vivenciou nessas comissões? Enfim.. Depois a gente vai caminhar um pouco por aí.

Tay – É no começo a gente era assim todo mundo faz tudo, e quando todo mundo faz tudo, na real, seis pessoas fazem tudo as outras ficam Suave né. E eu tava no time de pessoas que faziam tudo. Então na primeira foi isso assim a gente entendeu que a gente tinha que chegar cedo no circo, para montar tudo, e a gente queria esse momento. Todas as conversas que a gente teve no corredor, em bar, a gente queria ter esse momento no dia também, porque a gente viu importância disso. E como era tipo, a maior parte da galera, todo mundo se conhecia né. Então tinha uma pessoa ou outra que era mais afastada, mas a maior parte se conhecia.

Então, eu não lembro direito assim como... Eu acho que foi todo mundo meio que fazendo tudo. Que eu lembro que teve, acho que teve uma comida, não sei se cada um levou de casa, mas lembro que tava todo mundo meio comendo assim, meio acontecendo a comida. Eu lembro que tudo isso aconteceu e era isso assim, foi essa organização meio assim, mas depois da primeira ocupação, que a gente viu que foi algo muito grande.

Que é isso assim a lona lotou, a gente fez uma divulgação super simples, se a gente pensar tecnicamente, e a lona lotou. “Nossa o primeiro cabaré de mulheres no circo da Unesp” que na época era um cabaré só com mulheres cis. E foi todo mundo lá ver assim e depois da primeira Ocupação a gente falou “Puta, vamos fazer de novo, foi tão massa, vamos fazer de novo” e eu lembro que a gente fez uma reunião, não lembro onde foi essa reunião, como que a gente chamou essa reunião, mas a gente fez uma reunião para falar sobre como foi a última.

E aí eu não vou lembrar o passo a passo, mas eu lembro que teve um dado momento que a gente entendeu que não dava pra todo mundo fazer tudo. E como a gente tinha essa proposta horizontal, a gente não queria que ninguém encabeçasse, não tinha a pessoa que era a produção, a pessoa que era a produtora ali, a pessoa que tinha a responsa do som, não tinha. Era todo mundo fazendo tudo e a gente entendeu que não dava. E nessa proposta horizontal a gente começou a se organizar em comissões. Então tinha comissão de comida, porque a gente entendeu que tinha que chegar cedo e a galera tinha que almoçar; tinha a comissão de limpeza, por que enfim o circo é um espaço na universidade pública, é um espaço público, que vários grupos usam e que a universidade não dá uma atenção assim, então sei lá não tem uma equipe de limpeza que vai regularmente no circo, o circo é nós que faz e vamos que vamos. Então a gente tinha uma comissão para pensar isso, a organização do espaço; tinha a comissão para pensar luz, para pensar o som, tinha a comissão da divulgação né. Que a gente entendeu que a divulgação era um bagulho que a gente tinha que dar uma olhada. E acho que a comissão de produção existia, mas acho que ela surgiu um pouco mais tarde, talvez tenha esquecido de alguma.

Letícia – Da cortina.

Tay – Ah é a comissão da cortina né. A cortina era babado demais. Tinha a comissão da cortina né, de montar a cortina no circo, ela não ficava montada então a gente ia lá na cara e na coragem. E era isso assim a gente fazia essa reunião “gente temos tal, tal, tal e tal comissão. Quem quer fazer parte da comissão tal?” ai a galera que queria ia lá. E essas comissões elas tinham esse lugar independente e a produção tinha essa responsa de ver se essas comissões tava rolando né.

E sem contar que além de tudo isso a gente começou a entender que esse espaço não podia ficar só com a gente, e começou a tentar fazer um negócio mais democrático e tudo mais, a gente começou a abrir formulário para outras pessoas se inscreverem e a produção ficava responsável por fazer esse formulário, ler o formulário, selecionar a galera e nisso tudo, nessa tentativa eterna de horizontalidade, que muitas vezes sobrecarregava muita gente. De assim “Gente fazer a seleção” a comissão da produção olhava e falava “Assim a gente pode fazer mas temos critérios? Vamos pensar em critérios?”. E aí ia todo mundo lá, chamava uma reunião para pensar os critérios. E era assim algumas comissões eram mais independentes assim, conseguiam fazer as coisas mais por conta, mas tinham essas grandes questões que chamava todo mundo, e a gente ia lá conversar, independente da sua comissão.

E das comissões assim eu acho que a única que eu não fiz parte, eu não fiz parte nem da produção... Eu só não fiz parte da produção mesmo e acho que da divulgação eu também não fiz parte, acho que eu ia mas acabei não indo, de resto eu fiz parte de todas assim. E era isso assim geralmente uma pessoa que sabia montar o som e cinco que não sabiam. Como isso acontece? Tem que acontecer. Muitas vezes sobrecarregava está uma pessoa que sabia e as outras sempre ficavam ali meio “que que eu posso fazer?”, suporte assim. E a gente ia tentando dessa forma.

Descobrimos muitas coisas então eu aprendi a montar a luz, aprendi a como que dispõe as cadeiras para todo mundo ficar confortável pensando que são diversas corpas que vão estar ali. Como que organiza o circo, onde ficam guardadas as coisas. E tinha esse lugar de responsa, a galera que estudava na Unesp tinha um pouco mais propriedade do espaço, de saber onde ficava guardada as coisas, saber que tinha que pegar o equipamento que a gente usava de som, os cabos e tudo mais, eram da Unesp, então tinha essa responsa de pegar essas coisas e tudo mais. Então essa responsabilidade pelo espaço, que no circo também tem uma coisa que ninguém pode se machucar né, enfim a gente foi aprendendo a se organizar com muitos erros, muitos acertos, porque no final das contas acontecia né.

Então acho que tinha todo esse momento de desespero, de sobrecarga, de “Mano do céu”, de sei lá tipo “gente tem público lá fora, a gente tá passando a luz ainda”, mas no final acontecia. Não me pergunte bem como, mas acontecia, assim no final, eu lembro que como Mc muitas vezes tipo a galera saia para o cortejo e eu ficava sozinhe assim na lona esperando e no final eu via a luz tava bonitinho, aí tinha barraquinha de comida que a gente também vendia umas comidas, que a comissão de comida tinha comida para nós e a comida para vender. E aí tipo eu via tudo organizado é isso assim acontecia, mas nossa organização era essa horizontalidade assim. Que eu não vou falar que era uma tentativa, porque de fato era horizontal, com

seus erros e acertos dentro disso. E essas comissões, com essa as responsas dessas reuniões de “precisamos resolver isso, quem pode vem”.

Letícia – O que você pensava, e pensa hoje, sobre essa forma de se organizar? Autogestão, horizontal, ou na tentativa de ser horizontal. Que reflexões que ficam sobre esse formato de produzir?

Tay – Eu particularmente acredito muito em uma horizontalidade de trabalho de grupo de uma forma que seja ali horizontal. E aí eu acho que a ocupação ela me deu essa oportunidade de poder vivenciar um pouco isso né, que a gente acredita que e se colocar em situação é outra coisa. E a Ocupação fez eu poder acreditar nisso, porque poder olhar hoje para os erros e entender esses erros né. Pra sei la, se eu tô ali com meu grupo, que que eu posso levar disso, que que não leva né.

Então eu acho que a Ocupação... Da ocupação assim né colocando na mesa mesmo eu acho que o lance assim das comissões era algo que funcionava, com os seus perrengues e não perrengues funcionava. Porém hoje em dia eu vejo que assim ter uma pessoa que está encabeçando, seja, sei lá, esta produção, este cabaré, hoje ter uma pessoa que tá ali, a pessoa da produção, a pessoa, sei lá, da direção, que seja, a pessoa da sonoplastia, isso não quer dizer que não é horizontal. Porque ter a pessoa não quer dizer que essa pessoa vai bater o martelo, que a palavra dela é lei e acabou, só quer dizer que é uma pessoa que tá nessa função. Porque algo que aconteceu na ocupação, por exemplo, tem ali a comissão da produção, e aí entre essas pessoas, a galera se divide da melhor forma para si.

Daí eu vou falar com essa pessoa aqui da produção, perguntar um negócio, mas não é essa pessoa que ta na responsa. Mas eu tô ali cobrando essa pessoa porque ela tá na minha frente, e aí essa pessoa me fala uma coisa, depois tal pessoa fala outra coisa, porque ela pensou outra coisa, mas não deu tempo de comunicar. Então é importante ter uma equipe de produção, porque a produção para uma pessoa é muita coisa, porém hoje em dia eu vejo que é importante ter uma pessoa encabeçando, onde vai reunir essas informações né. Para essa não comunicação, essa falta de comunicação, seja por tempo, seja por motivo que seja, para que ela seja minimizada né. Então é algo que hoje em dia, sei lá, no grupo que tem assim é algo que eu penso mais né. Então tipo você então fica responsável pelo contato com quem tá contratando a gente, eu vou ficar aqui responsável por outra coisa, tal pessoa para outra coisa, e a gente vai se conversando, mas para tá mas centralizado assim a informação ali.

Porque eu acho que uma coisa que pesava bastante na ocupação era essa falha de comunicação porque era um grupo de mais de 20 pessoas fazendo uma coisa. É muita gente, não dá para falar com todo mundo né. Eu ia lhe falar com uma pessoa, que eu sei que é de tal comissão, e essa uma pessoa ta fazendo outro corre. E além disso assim nesse modelo da Ocupação, pensando nesse modelo, num grupo grande num espaço que algumas pessoas conhecem algumas não. Que na Ocupação a gente tinha essa proposta de aprender, então eu sei luz você não sabe eu te ensino,

eu troco com você. Você sabe sei lá fazer um bagulho de divulgação ali, uns trâmites do evento do Facebook, do Instagram, a gente troca.

Essa era uma ideia muito legal, porém na prática não dava tempo, porque não dá, eu tenho aqui 2 horas, sei la 3 horas, para montar luz e som, tem muita coisa fazer, não dá tempo de eu parar e te ensinar, porque daqui a pouco tenho que me trocar e era muita coisa. Então vamos fazer um dia de formação pra som, quem tem interesse cola a gente ensina, 'ensina' não gosto muito dessa palavra, mas tipo a gente fala tudo que a gente sabe, se você souber alguma coisa você vem com a gente, e fazer um dia só para isso, um dia só para luz. Acho que seria algo, hoje em dia eu olho e falo "Acho que funcionária mais" né.

Já que essa intenção era trocar com outras pessoas e criar essa autonomia. E essa autonomia que a gente tanto falava, tanto desejava, ela acabou não acontecendo. Porque de fato é isso, o que eu sei de iluminação, que eu aprendi sim ocupação, porque foi possível também, não é que foi impossível e foi um desastre, também foi possível, aprendi super sobre iluminação. O que eu sei foi nessas trocas, mas ao mesmo tempo eu sei que eu sobrecarreguei alguém ficando ali perguntando, enquanto a pessoa tava ali fazendo mil coisas né.

Então acho que há outras formas de fazer, sem que uma pessoa fique ali nessa sobrecarga né. Então hoje em dia pensando assim, falando "Ai vamos fazer uma edição da ocupação agora" acho que uma proposta que eu levaria seria "Vamos separar em comissão, vamos, mas vamos ter uns cabeça dessa comissão, e esses cabeças se reúnem para trocar ideia, para passar essas informações". Porque as reuniões da ocupação demoravam assim 4 horas, porque era muita gente. Se tem ali um grupo de pessoas, de 5 pessoas, 6 pessoas juntas, é uma reunião menor, é menos desgastante né. Então acho que essa organização e... Teve suas descobertas né, não vou colocar no lugar de erros e acertos, mas a gente descobriu muita coisa. Descobriu que era massa e o que a gente não achava tão massa e seguimos.

Letícia – E dessas comissões tem alguma que te marcou mais? Que você nunca imaginou que você faria parte, ou alguma coisa que, sei la, que você não iria aprender fora e ali pela estrutura, pelas pessoas, aconteceu de uma forma mais natural?

Tay – A de iluminação, com certeza. Porque eu lembro que os outros cabarés, que eu participei lá no, no mesmo circo, o circo da Unesp, tinha uma coisa que tinham pessoas que sabiam fazer e elas iam lá e faziam e eu fazia o que eu sabia fazer. E ficava nessa, e a possibilidade de poder tá ali no cangote, que seja né, de uma pessoa que já manjava é isso assim. É que agora o sistema ali de iluminação do circo mudou um tanto né, então não sei se eu conseguiria hoje montar a luz sozinhe. Mas se eu pensar ali sei lá na quarta ocupação, eu consegui montar a luz sozinhe tranquilamente. Que era algo que na primeira eu não fazia ideia, não sabia quais cabos entravam no que né. Mas pensando nesse circo antes da reforma que teve eu conseguia montar a luz sozinhe e aí eu conseguia sair desse lugar de estar no cangote de alguém perguntando o tempo todo e conseguia trazer alguém para o meu cangote para me

perguntar. E aí a gente conseguia diluir um pouco mais os pesos que estavam em cada pessoa. Então de iluminação é algo que, eu já tinha feito luz de outros espetáculos, mas nunca tinha montado tudo, e aí quando você monta tudo, você tem uma outra dimensão do que que a iluminação naquele espaço né.

Então sabia melhor o que que era o que, o que que tava o que, porque eu tinha feito, isso é muito massa. E aí hoje quando, sei lá, vou fazer iluminação de um espetáculo de uma outra pessoa, que aconteceu assim entre as ocupações, e eu já tinha mais a preocupação de “Deixa eu entender como que foi montado tudo isso para fazer a luz”. Não era mais só eu e a mesinha aqui, era eu e o espaço inteiro e aí isso foi muito dahora, isso foi muito foda.

Letícia – Você acha que essa vivência da ocupação, todo esse processo, esses aprendizados, erros, tudo isso que você ta comentando. Teve algum impacto, e se teve qual o impacto, na sua vida enquanto artista, enquanto pessoa, enquanto professore, tipo mudou algo em você a partir dessa experiência?

Tay – Nossa, mudou tudo. Mudou tudo, mudou tudo assim. Nossa, são muitas coisas, são muitas coisas. Mas pensando nesse meio da palhaçaria assim, vou dar esse foco. Antes da ocupação, eu tava passando por um momento de um entendimento racial, na pele assim, né. Tipo acontecendo ali muito forte, muito forte. E um entendimento da palhaçaria, porque tudo que eu fiz antes da ocupação, era ali uma galera ‘‘me dando aula”, né. Num geral. E um lugar da palhaçaria que, hoje eu olho e falo “puts”, se eu tivesse nesse lugar ainda seria impossível de continuar, né. Insustentável. Não cabe mais em mim, né. Não cabe mais nesse corpo que eu habito assim.

Então, mudou completamente a minha visão assim, de palhaçaria. Tanto quando eu vou assistir, tanto quando eu tô em situação, né. De… acho que o que ficou mais forte para mim assim. Pensando enquanto palhaçe. Enquanto pessoa que trabalha com comicidade. É entender quais os lugares possíveis dessa comicidade, né. Que eu falei ali, de pesquisar essa agressividade, que é um arquétipo que já colocam em mim por ser uma pessoa preta. Por ser lida enquanto uma mulher preta, por ser uma mulher preta também. É algo que já colocam em mim. E eu sou essa pessoa, que eu tenho uma voz mais ativa. Eu já falo alto, isso é meu. E a galera coloca isso de agressividade nas minhas costas sem eu fazer nada, né. E aí, dentro da comicidade, entender como é que eu posso trabalhar isso, subverter isso, e trazer isso para mim. De um modo gostoso, e não como as pessoas colocam em mim. Foi uma puta descoberta assim. Foi entender, assim, o que eu acho dahora, o que funciona para mim, o que não funciona para mim.

Então poder experimentar isso assim. Porque era uma apresentação que acontecia assim, quase que mensalmente, sabe. Eu tava o tempo todo pensando na ocupação. O tempo todo pensando que que eu ia fazer, né. Nesse lugar de Mc que eu ocupava bastante, assim. Então me fazia ficar ali, o tempo inteiro maquinando. E ao mesmo tempo que, às vezes, era muito solitário, esse lugar de descoberta. Também me potencializa muito. Porque eu não tinha alguém para ser minha muleta,

ali em cena, era eu comigo, e o público ali. Era eu comigo, eu com público, público comigo e fazendo acontecer. E isso é muito legal, né. Pensando assim enquanto palhace.

Enquanto educadore assim, é uma coisa que, hoje em dia, eu olho muito. Que é como essa comicidade… entender como essas nuances da comicidade, que não é sempre “Eh felicidade”. Como que elas podem me ajudar a trabalhar a relação que eu tenho, nesse lugar de professore, de educadore, enfim. A relação que eu tenho com as outras pessoas que estão ali, né. Como que eu posso quebrar essa hierarquia de sala de aula, desses ambientes educacionais. Que existe essa hierarquia meio adoecedora. Como que eu consigo chegar quebrando ela, né.

Eu trabalhei bastante com grupos pontuais assim, encontrava o grupo por duas horas, acabou, 2 horas, acabou. Como que eu posso conquistar essas pessoas no “Oi” que eu dou? Porque esse lugar de Mc tinha muito isso, a galera tem… eu tenho que conquistar a galera nessa entrada, nessa... Na primeira hora, no primeiro minuto, segundo, que a pessoa olha para mim, eu tenho que trazer comigo. Esse lugar, pensando assim educação. Que eu trabalhava com grupos, que era isso, é um grupo aqui. Uma meia lua em volta de mim, e tem que olhar para todos os lados, e tem que comentar com quem tá lá no fundo. E essa pessoa que tá no fundo, que não tá nem me vendo direito, porque eu tenho um metro e meio de altura, essa pessoa tem que está comigo igual a pessoa que tá aqui na frente. E isso, é algo que enquanto MC eu trabalhava muito. Porque enfim, aquilo pedia. Porque tinha vez, que a Ocupação tinha gente quase atrás da cortina, de público assim. E é isso assim, não dá para eu ficar olhando só para frente, tem gente aqui, tem gente aqui, (aponta para diversos lados), tinha gente quase no teto, né.

Então, essa… me deu uma tridimensionalidade de, dessas... Assim, pensa numa sala de aula, para ficar melhor explicar, pra pensar assim. Que tá todo mundo ali, e de alguma forma essa galera…. se essa galera não tá comigo, essa galera talvez disperse. E isso se perca. E coisas muito massas que podem acontecer talvez se percam. Não que coisas massas não possam acontecer, né. Quando a galera está dispersa, não é isso. Mas, enfim, esse juntar todo mundo comigo e uns com os outros também, né. Não é que eu sou a figura central. Mas já que eu sou colocado como figura central, como que eu posso trabalhar essa figura, né. Que eu já tô ali, eu não tenho como fingir que não, não posso fingir que eu sou um deles, né. Porque eu não sou. Mas como que eu posso quebrar a hierarquia, quebrar esse lugar da linguagem, né. Que é comunicação, né. É basicamente comunicação. Então, como que eu posso quebrar esse primeiro impacto, dessas palavras difíceis, dessa pessoa que fala assim (voz pra dentro), aí falando muito baixo e não dá para escutar. Como ter presença, né. Pensando nessa sala de aula, como estar presente, e estar disponível, e estar para escutar, para jogo.

Porque é isso assim. Eu posso, sei lá, pensando em sala de aula ainda. Eu to falando isso muito, né. Vocês já entenderam,, pensando em sala de aula. Eu posso estar ali, sei la, com uma lousa, que seja. Mostrando um bagulho que eu acho muito foda. Se eu não estou disponível para escutar o que que a pessoa lá do fundo falou sobre, tipo, que pode ser algo super massa. Que pode contribuir para caralho, pode

somar horrores. Se eu não estou com escuta atenta para tá olhando para cá, e tá escutando ali, tipo, sabe. Eu posso perder. O grupo inteiro pode perder coisas muito dahoras, né. Então nesse lugar de Mc, tinha esse lugar, muito, de uma escuta, de entender o que o público tá me trazendo, porque eles davam material para eu jogar.

Então entender esse lugar Mc e o público, educadore, e a galera que tá ali comigo, essas semelhanças transformou completamente o meu olhar para educação, né. De entender como essa comunidade pode estar dentro da sala de aula, para assim “bora, bora junto”, né. E isso... Eu não consigo mais tá na frente de um grupo de educandes, alunes, chame como quiser. Não consigo tá na frente dessa galera com corpo que eu tinha antes de passar pela ocupação. Não, não consigo mais, nem que eu queira. E não quero também.

Mas eu não consigo porque não cabe mais em mim. Porque me transformou inteiro assim. E puta, isso eu só tenho agradecer. Eu só tenho agradecer. Tipo, quebrei a cara para caralho, quebrei, mas em sala de aula eu também quebro a cara para caralho, sabe. Tá tudo, tipo, tá tudo meio junto, tudo acontecendo meio igual até.

E nossa, isso aí é muito foda. Isso é muito foda. Isso é muito dahora assim. Nossa gente, se eu ficar falando aqui, eu vou ficar para sempre, isso me da mó tesão da porra.

Letícia – E a formação jamais, essa formação acadêmica, na sala de aula, que ta ali para formar ume professore jamais daria conta disso.

Tay – Não dá conta. Porque fazendo uma licenciatura em arte teatro, eu tenho muitos jogos, sei muitos jogos, sei várias teorias, vários nomes difícil e não adianta de nada, sabe. Se eu não souber entrar numa sala de aula e escutar, não adianta de nada as coisas que eu sei. Porquê é formação. Para ser professore no sentido de conteúdo né, assim, é super conteudista. Mas sentido de relação, relação você só descobre quando você tá em relação. E a Ocupação me colocava em relação o tempo inteiro. Eu estava em relação o tempo inteiro. Não só com a galera que estava fazendo a ocupação junto comigo, mas nesse lugar de Mc e público.

Eu entrava e eu estava relação com a galera toda que estava ali, a galera estava em relação comigo, porque estavam olhando para mim, a gente estava em relação ali, tinha que acontecer alguma coisa.

Então nossa, transformador, transformador para mim assim. Até esqueci o que você tinha perguntado, ai comenta mais coisa que até esqueci.

Letícia – Mas é isso. Era sobre os impactos mesmo, o que muda e o que não muda a partir dessa experiência.

Tay – Nossa, mudou tudo. Porque foi dois… porque foram dois anos muito intensos assim, né. Pensar que dez edições em dois anos, talvez pareça pouco para algumas pessoas que trabalham com isso há mais tempo e tal. Mas dois anos criar

um bagulho do zero, quebrar a cara para caralho. Mano, a maior parte da galera nunca tinha feito algo assim do zero. Porra, foi dois anos assim intenso de acontecimentos.

Letícia – E a repercussão também que teve. Porque assim foram dois anos e você esperava a repercussão que teve? E você acha que causo alguma movimentação na cena circense contemporânea paulistana, ou até mesmo nacional?

Tay – Eu vou falar no geral e depois mais no pessoal assim. Num geral acho que sim, acho não tenho certeza que sim. Tenho certeza que sim, porque Ocupação Vulveristica, por mais problemático que seja esse nome, mas depois a gente entra nisso, é um nome forte, é um nome que a galera sabia sabe. Não é um nome que você fala “ai é circo do...” sabe esses nomes mais comuns assim, não. A galera sabia, às vezes não sabia pronuncia o nome, mas sabia o que que era né. Eu lembro teve um momento assim de uma galera, que tem essas pessoas assim que estão nessa cena do circo Paulistano e tudo mais, vou falar mais do Paulistano assim, que estão nessa cena há bastante tempo e a gente conhece, mesmo que não seja de ter troca ideia, mas a gente sabe quem é. E teve um momento dessa galera tá ali para assistir a gente e porra isso era muito foda. Tinha vez de tipo eu entrar assim e a galera estar em pé, não tinha mais cadeira, tipo não tinha mais cadeira lá para o pessoal...

Nossa senhora eu me arrepio inteiro e eu lembro de assim o cu trancado (risada). Porque assim sabe tipo da lona fica pequena para o tanto de gente que tinha ali. E eu acho que foi uma repercussão enorme assim sabe, a galera sabia o que que era, às vezes não sabia quem fazia parte, nunca tinha ido, mas tinha ouvido um negocinho.

Eu lembro que teve um trabalho que eu fui, enfim um lugar que eu trabalhei, que tinha um flyer de ocupação. Assim um flyerzinho e eu falei “gente eu acho que...”, tipo tinha uma pessoa da Ocupação que tinha passado por lá, mas tipo muito aleatório, lugar não tinha nada a ver, mas a galera sabia, conhecia, e uma galera do circo tradicional assim e que sabia quem era a gente, sabia o que que era aquilo. Mano quando assim sabe, quando tem um projeto independente que durou só 2 anos, se a gente que pensar no geral é pouco, quando que vai ter essa repercussão sabe. Então a gente criou alguma coisa, a gente fez história sabe.

No circo da Unesp, porque o circo da unesp por mais que sempre foi público, aberto, a galera que ia ali era uma galera, esse tamainho de bolha né, então eu lembro que muita gente começou a frequentar o circo da unesp por conta da ocupação né, ficou sabendo daquele espaço por conta ocupação. Que por mais que esteja numa universidade pública, não entende que é público.

E a ocupação ela atingia assim... Era muito louco assim, por mais que tivesse uma temática muito específica, por mais que fosse uma linguagem muito específica, quando a gente pensa nesse cenário circense assim, tinha criança que ia, tinha Senhorinha que ia. Eu lembro de várias vezes a galera estar no cortejo, e eu sair assim e ter umas senhorinhas e eu ir pegar cadeira para sentarem sabe, umas coisas assim de... Foi um acontecimento assim. A Ocupação ela foi um acontecimento, grande, significativo para caralho. Não só para gente que tava dentro, mas para quem tava

fora também. E isso é impagável assim, porque o que a gente fez dentro daquela lona, bicho não tá escrito assim, não tá registrado, agora tá. (risadas).

Foi muito foda assim. Impactou com certeza, impactou, mexeu as estruturas, de uma balançadinha assim, da galera fala “Eita o que que ta acontecendo aqui, deixa eu lá ver”. Aconteceu, aconteceu.

E sobre essa questão... A gente tinha essa questão da autonomia né. De querer gerar autonomia das pessoas que passavam por ali, das nossas né, de levantar material.

Letícia – E a partir desse “Opa, o que acontecendo” você acha que essa maneira de se organizar, de produzir esse material abriu algumas portas? Ou mudou de alguma maneira para essas pessoas que saíram dali com esse material por exemplo?

Tay – Eu acho que para muita gente sim, porque é isso você ter foto profissional do seu número, vídeo profissional do seu número, você sai mandando entendeu, você sai se enfiando. Porque pensando em Festivais, Convenções e tudo mais, é isso que a galera pede, querem ver aquilo, então para muita gente sim.

Eu lembro de Maré assim sabe, Maré lançou o vídeo da Ocupação na Convenção e gente Maré ta no mundo todo sabe agora, ta ai bilionário já se pá. Então tipo abriu muitas portas, é muito massa, muito massa, ver um bagulho que começou desse tamainho, essa galera que tava ali se fudendo, se fudendo bastante, essa galera ocupando outros espaços né. Que era a proposta maior assim, porque foi isso a gente quis começar porque a gente também quer estar em convenção entendeu, a gente também queria tá lá, “Como que faz?”. E a gente foi entendendo conforme foi fazendo, que para a gente estar nesse espaço a gente tinha que ter uma foto dahora, um vídeo bem gravado, um bagulho bem feito ali para gente mandar falar “Aqui ó. Eu faço, você não tem mais desculpa para eu não estar nesse espaço, não tem mais desculpa. Eu tenho o número bom, eu tenho vídeo bom, eu tenho foto boa. E aí qual vai ser sua desculpa para eu não estar aí também” sabe. Então eu vejo que para muita gente abriu muita porta e isso é muito foda. Pensar que era um bagulho de assim o chapéu pagava a fotógrafa, e aí tipo, que pagava a galera que ia fazer o vídeo e essa organização, que assim vários perrengues no meio, mas porra tem gente que tá indo ai para o Ceará apresentar sabe, por conta de vídeo que saiu da Ocupação. Porra, lindo, lindo demais.

Letícia – E sobre o Chapéu. Você já tinha trabalha do com grupos que, sei la, usavam o chapéu como forma de gerar algum tipo de renda, que nem por exemplo, o nosso chapéu proporcionada isso que você acabou de falar. Pagar essas pessoas para produzir um material dahora, não dá para pagar todo mundo, mas pelo menos né. Que que fica dessa relação do Chapéu dentro da Ocupação?

Tay – Eu lembro que na primeira ocupação a gente passou o chapéu e deu acho que foi r$ 20 para cada pessoa, talvez menos. E aí a gente fico tipo “mano r$ 20,

assim é muito pouco né". E aí começou a entender que tinha que ter uma caixinha para Ocupação, para fazer os bagulhos que a gente entendia que tinha que fazer. Porque na primeira, as comidas, saiu tudo do nosso bolso, saiu os roles tudo do nosso bolso assim né. A gente acreditando alí naquele rolê e eu nunca tinha trabalhado com um grupo que tira os roles do chapéu. Eu já tinha feito metrô, já tinha feito farol tipo, um chapéu assim eu e uma dupla para conseguir ali um dinheiro e é isso, mas dessa forma, que é bem mais intensa né, nunca, nunca assim. Que é bem mais intensa, bem mais duradoura, que não é um chapéu que a gente apresenta, passa o chapéu, divide e acabou. Era assim apresenta, pega o chapéu, teve um momento que a gente não dividia mais porque a gente entendeu que era muito pouco, então o chapéu ia todo para caixinha da ocupação para fomentar a próxima, para fomentar próxima, a próxima.

Tanto que chegou no final e a gente entendeu que a gente tinha que acabar. A gente tinha um chapéu, uma caixinha muito da hora, que possibilitou a gente convidar a galera da Fundo Mundo. Que foi muito foda tipo sabe, quando que a Unesp, o circo da Unesp, ia poder convidar um grupo que não é de São Paulo para colar lá, para apresentar em São Paulo capital, acho que nunca tinha, acho não, nunca tinha apresentado em São Paulo capital. E a gente pode possibilitar através de um chapéu. Porra. Isso é muito da hora sabe, essa possibilidade assim né que o chapéu deu. E de gerar essa autonomia do próprio coletivo assim né. Talvez não gerasse autonomia financeira das pessoas que estavam ali, porém fazia com que você não tivesse que pagar para trabalhar, só trabalhava de graça, mas você não tinha que pagar mais e isso já é um grande avanço pensando num grupo autônomo.

Letícia – E grande né.

Tay – E grande, nossa muito grande.

Letícia – E sobre o nome... tan, tan, tan. Como foi esse processo do nome para você? De uma maneira geral, desda concepção, da consolidação, que nem você já falou que querendo ou não era um nome que tinha uma força né e todo processo que vivemos em relação aí isso.

Tay – Eu acho que o nome foi o começo do fim. Porque, enfim, a princípio era um grupo de mulheres cis que, enfim, que queriam ali falar da vulva, afirmar essa palavra e tudo mais, e isso não é um problema, né. Isso em si não é o problema. Porém o fato de a gente falar "É um espaço para todas as mulheres", estar afirmando a vulva, e nem toda mulher tem luva, então não é para todas mulheres, né. E entender, que enfim, não é só mulher que tem vulva assim, né. Uma galera tem vulva. Tipo, eu tenho vulva e não sou mulher e por aí vai, sabe. Então eu acho que foi muito o começo do fim, porque quando a gente começou a discutir o nome a gente começou a entender que a gente não tinha a mesma visão do tal feminismo que a gente sempre falou.

A gente começou a entender que a gente tinha visões diferentes, visões políticas, né. Posicionamentos diferentes e isso fez com que muita gente se afastasse. Porém tinha um grupo ainda que queria continuar construindo aquilo né. Eu lembro que a gente teve assim exaustivas conversas sobre o nome, mudava, ou não mudava, muda isso e nã, nã, nã.... E isso foi esvaziando assim. Foi só ficando com que pessoas que só queriam apresentar e, na real, não queriam construir o espaço. Porque é isso era um espaço que não era um grupo, não era um coletivo, mas não era nada também, era alguma coisa né. Então acho que esse não saber o que a gente era, com uma necessidade de um posicionamento político a partir do nome, isso foi esvaziando bastante.

Na época eu não tinha muito contato, eu entendi os porquês a partir do que a galera falava, mas eu também não ia atrás de pesquisar. Então eu tava meio assim, meio bolinha de ping-pong, meio tipo um posicionamento muito não posicionado né, sendo levade ali pelo que a galera estava falando né e não entendendo direito. E aí eu lembro que enfim a gente tentou fazer uma campanha de mudança de nome, e aí foi uó porque a gente colocou nas costas da única pessoa não-binaria transmasculino do grupo e uma galera que queria pensar isso junto com ele, colocou tudo nas costas assim, dessa pessoa, em uma comissão de quatro, três ou quatro pessoas, colocou nas costas e saiu fora assim. E essa campanha de nome foi um fiasco total porque a gente não conseguiu comunicar para o público, de fato, porque a gente queria mudar o nome, porque a gente não... porque aquele nome não cabia mais.

Eu acho que faltou a gente falar com todas as letras sabe, “Entendemos que esse nome é transfóbico, ele não abraça todas as mulheres, não é toda mulher vulva, não é toda pessoa que tem vulva que é mulher”. Faltou a gente comunicar diretamente para o público né, fazer esse trabalho. Ao mesmo tempo que a gente queria falar sobre isso com o público, a gente começou a ter uma visão muito mercadológica de não querer perder público, porque o público é o chapéu, o chapéu é o dinheiro né. E tiveram vários momentos da Ocupação que a parte do dinheiro, do Chapéu, sobressaiu que realmente importava ali dentro. E no nome foi um desses casos assim lembrando.

E aí teve toda essa campanha de nome que foi um fiasco e essa... E como não era um grupo, não era um coletivo ninguém queria se responsabilizar de fato por isso. E acabou que a responsabilidade ficou nas costas da pessoa que tava passando por uma situação muito pesada ali sabe. E a gente só colocou mais um peso e e saiu fora assim. E eu acho que assim na ocupação o que faltou sobre o nome foi um posicionamento concreto. De assim podia virar e falar é um espaço para mulheres cis, podia ter feito isso. Porem ninguém queria fazer porque “Ai meu deus” e assim provavelmente se fosse isso eu teria saído, porque eu ia achar escroto. Mas tipo se tivesse decidido isso pelo menos teria uma decisão sabe, mas também ninguém queria ali de fato pensar no nome, mudar isso para outras mulheres poderem ocupar esse espaço de fato né.

E enfim foi esse fiasco, eu lembro que na campanha de nome a gente comunicou algo assim, comunicou não comunicando nada e surgiram propostas que continuavam na mesma linha. E aí pelo nome ser forte né, a galera tipo, a galera e a

gente não queria se desvencilha disso, ao mesmo tempo que não queria ficar meio com aquilo ainda, então a gente não se posicionou para nada, ficou no meio do caminho que não levou ninguém lugar nenhum. E aí eu lembro de bem assim já chegando no final a gente falou “mano no final assim das contas, quem táva discutindo isso era um bando de mulheres cis que não tava indo atrás disso realmente saber sobre isso.

E aí chamamos uma conversa com outras pessoas né, com pessoas NB enfim, com pessoas trans no geral, meio chato falar isso mas, com outras pessoas assim para discutir isso assim, pra falar como essas pessoas se sentiam. Porque a gente tava ai falando “ah eu acho que, pode ser que, se pá...” chegando em lugar nenhum. E aí chamamos essa galera assim, uma galera massa se dispôs à estar lá, e as falas vieram num lugar de “não me abraça esse nome. Esse nome não me contempla. Eu não tenho vontade de estar”. E nessa época a gente já tinha começado a colocar no cartaz que era um espetáculo feito por mulheres e pessoas não binárias. Que mulheres? Mulheres cis e pessoas não binárias. E pessoas ali falando tipo não tenho vontade, não me sinto abraçade, não quero, não vou estar nesse espaço, não faz sentido.

E é isso assim o nome foi esse começo de esvaziamento e foi quando a gente percebeu quem realmente tava querendo construir aquele espaço, transformar quilo em outra coisa mesmo, talvez um coletivo, um grupo, alguma coisa, quem só queria um espaço para apresentar, quem tava ali com discursos transfóbicos dentro da ocupação, quem tava começando a ter contato com essa discussão a partir da ocupação... E enfim essas várias camadas dentro desse grupo, que não era um grupo, e essa bagunça né, no final era uma bagunça assim. E aí enfim, eu olho hoje e falo “Gente esse nome é nada a ver. Eu não estaria, hoje em dia, em um grupo com esse nome. Não iria querer apresentar em um lugar com esse nome, porque não faz sentido para mim né.

E aí eu acho que foi esse posicionamento assim que faltou. Tipo se você tá falando que você é um grupo... Que é um espetáculo feito por mulheres seja sincero, minimamente, fala que mulheres são essas sabe. trabalha na sinceridade. E acho que o que faltou na Ocupaçao foi isso, essa sinceridade o posicionamento e estudar né.

Letícia – E o que fica para você, desse fim. Voce já vem comentando, mas é isso. Acabou, não quer dizer que é foi 100% ruim nem 100% bom. Então o que fica?

Tay – Que que fica? Eu achei.… Quando a gente está num espaço que... Que tá ali sendo muito violento é muito fácil ficar só as coisas ruins e o amargo na boca, né. E particularmente é muito difícil não lembrar da ocupação e vir um amargo na minha boca, é muito difícil. Porque é isso assim, sofri vários casos de racismo, comecei a entender quem realmente estava comigo nessa briga, quem tava cagando e só tava sendo racista também e foda-se. Eu acho que sendo sincero assim eu guardo uma certa mágoa da ocupação nesse lugar, nesse lugar de falso acolhimento sabe.

Ao mesmo tempo que eu faço um exercício de tentar olhar para o todo, do que foi ocupação num todo. E quando eu olho para o todo, eu vejo esses picos dessa euforia de coisas muito da hora que a gente descobriu, que a gente aprendeu e foi muito foda, e esses baixos de coisas muito difíceis, de coisas muito complicadas. No saldo geral, assim, a ocupação me transformou muito. Passar, passar não, estar na ocupação assim. Fazer a Ocupação me transformou muito. Num lugar que eu tenho que agradecer, que eu tenho que olhar para isso com sinceridade, assim. Que foi muito importante para mim enquanto artista, enquanto educadore, enquanto pessoa foi muito importante.

E no sentindo relacional também, tipo, comecei a ter amizade com pessoas que eu não trocava ideia antes da Ocupação, né. Conheci várias pessoas e isso foi muito da hora. Então, fica essa gratidão mesmo assim. Muito grande, porque foi muito importante passar por esse espaço, estar, construir esse espaço. E é muito assim, muito importante aprender com esses erros também, né. Porque a gente teve uma série de erros sim. Achei, acho, muito honesto até hoje assim. Uma coisa que eu olho... Um posicionamento muito honesto nosso, entender que tinha que acabar, que não dava mais. Então que bom que acabou. Eu sou muito feliz com esse fim assim, é uma felicidade que traz uma magoa, traz tipo um “puta eu queria continuar construindo esse espaço”, mas entender que não é esse espaço assim né. São pessoas ali, são aprendizados dali que quero levar para minha vida. Fica um gostinho de quero mais, fica, sei lá, sabe esses chicletes azedos? Que você come e você faz uma careta mas você pega outro. Então muita coisa assim eu tenho certeza que se juntar as mesmas pessoas ali né, que estavam ali mais à frente, vamos dizer assim, não vai se repetir. Muitas situações não vão mais se repetir, porque não dá mais, porque somos outras pessoas já. Enfim, eu já tô me perdendo aqui.

Mas foi um caminho muito bonito que eu acho que se não tivesse acontecido todo mundo estaria em outro lugar, em outro ponto de pensamento, de discussão, de vivência, enquanto artistas, enfim, enquanto pessoas no geral, a gente estaria em outro lugar, se não fosse a ocupação assim, e arrisco dizer que se pá não seria um lugar tão interessante sabe. Pelo menos falando de mim assim, a ocupação, ela foi um acontecimento muito intenso. E eu acho que esse amargo é por conta da intensidade que foi também né. A gente ficou junto ali por dois anos, dois anos assim, foi muito forte, foi muito forte. E numa relação tão intensa tem muita coisa que não é legal, tem coisa que é legal.

E aí hoje em dia eu gosto um pouco desse saudosismo que vem às vezes quando a gente senta para conversar sobre, ao mesmo tempo que eu olho falo “Tem coisa que não cabe mais” e que bom, que bom que não cabe mais. Que bom que acabou, mas que bom que aconteceu também, foi importante ter acontecido.

Letícia – E aí eu queria saber se você tem mais alguma coisa que queria dizer sobre, compartilhar. Alguma coisa que eu não te perguntei e se quiser compartilhar mais algum momento que foi marcante.

Tay – Tem algo da ocupação que eu acho que é algo que eu falei um pouco já, mas me deu vontade de falar um pouco mais. Porque eu acho que é importante de pensar assim, né, tipo... Acho que tem essa parte do nome de quem pode de fato afirmar a vulva, né. E pensar que a Ocupação além de ser um espaço de mulheres cis, majoritariamente, também era um espaço de pessoas brancas, majoritariamente. E isso por muitas vezes foi extremamente violento para as pessoas pretas que estavam ali. Tanto no lugar de acolhimento de chegar uma pessoa preta para apresentar e ninguém acolher, tanto das pessoas que já estavam ali desde o começo, né. Tipo eu, Maré e tudo mais.

O quanto de foco que a gente dá para as questões assim, né. Porque racismo bagulho aí que a gente fala á muito tempo. As pessoas já ouviram falar mil vezes. Tem quem não acredita que exista, enfim. Mas é um bagulho que tá aí... É um assunto marcado, sabe. Você fala racismo a galera já sabe o que é, tem uma galera que revira o olho, tem uma galera que “ai tá bom vamos lá”. E tem uma galera que tá sofrendo isso e não tem opção de não falar sobre. E eu acho que a Ocupação ficou nesse lugar dessa opção de não falar sobre, né. Porque ao mesmo tempo que é isso, como eu falei eu sofri vários casos de racismo dentro da Ocupação, muito pesados, que enfim, que me deixaram muitas marcas assim, haja terapia, que deixaram muitas marcas.

Ao mesmo tempo que aconteceu isso... quando a gente tentava conversar sobre isso não… não rolou, não rolou uma mobilização, né. E aí, eu fico pensando muito nessa dualidade, que é algo que tá junto, mas as vezes a gente tem que separar para entender o que que tá acontecendo, que tava, enfim... Era tipo eu, e sei lá. Acho que era eu e Maré, no final das contas assim, falando sobre isso, falando tipo “galera vamos falar sobre”. Tanto que existiu uma tentativa de um grupo para discutir branquitude, que nunca aconteceu.

Quando rolou a discussão do nome... E aí, eu vou pedir uma escuta cuidadosa das pessoas que estão escutando isso, vou falar com cuidado também. Porque é um assunto delicado, porque eu não quero compara as opressões, né. Não é esse lugar, porque esse lugar é nada haver e não vale a pena. Mas quando uma pessoa branca trouxe a questão do nome, que era é uma pessoa branca, mas também não cis, esse assunto foi mais escutado, né. E não vou colocar no lugar comparativo, acho que só é interessante observar. Observar essas diferentes reações para esses assuntos que são diferentes. Mas nem são tão diferentes assim, quando a gente olha realmente para eles.

E eu acho que isso diz muito sobre como o grupo foi sendo construído, né. Também. Porque é isso, essa discussão sobre racismo estava bem no começo, né. E de novo esse não posicionamento, não fala, uma coisa meio assim. E aí, é muito massa que quando surgiram outras questões foram abraçadas, porque tem que ser abraçada, tem que ser olhado, mas muito chato que as outras questões não foram olhadas e abraçadas da mesma forma, né.

Então acho que a ocupação, a gente teve esse... a gente pode olhar como um amadurecimento desse grupo, que não era um grupo. Mas também como algo a não ser reproduzido, né. Justamente porque enfim, quem não sofre não sabe como é, né. Eu acho que é esse perigo de estar sempre dentro da sua bolha, com pessoas

parecidas com você. Porque aí você não tem aquela... Você não tem um olhar de empatia para entender as outras questões que estão sendo levantadas. Porque você e as pessoas próximas a você não estão passando por isso, né. Então foda-se. Então eu não sei como você vai encaixar isso, se vai encaixar isso. Boa sorte Leka, mas enfim, acho que algo que é interessante de ser olhado, né.

Acho que foi uma problemática bem latente, talvez não para todo mundo, mas para mim foi. Acho que é isso assim.

APÊNDICE C – ENTREVISTA MARÉ OLIVEIRA

Entrevistas na íntegra e em ordem cronológica conforme foram realizadas.

Data: 08 de novembro de 2020
Entrevistade: MARÉ OLIVEIRA

Letícia – Conta um pouquinho sobre você

Maré – Então, eu sou Maré. Eu sou artista circense, trabalho também com outras artes do corpo, com dança, performance. Também sou arte-educadorie e tenho uma pesquisa no circo e também nessas áreas que é aproximar a cultura afro diásporicas brasileira das linguagens circenses, é basicamente isso

Letícia – Como foi o início da ocupação a partir da sua perspectiva?

Maré – Então eu caí na ocupação bem de paraquedas assim. Quando eu cheguei na primeira edição já tava tudo pronto, eu fazia aula, foi em 2017 né a primeira ocupação, e eu tava no núcleo de circo da escola livre. Então eu estava até prestando para UNESP naquele ano, eu ainda não estudava Unesp, e começando ali a trilhar um caminho de trabalhar com Arte, de trabalhar com a arte-educação, foi bem no início disso. E aí eu fazia essa aula no núcleo de circo da Escola livre e uma pessoa, que estudava na Unesp, me chamou falou “meu você tem número de circo e tal, a gente vai fazer um cabaré só de mulheres, não sei o quê, você não quer apresentar?” E aí para mim foi bem massa esse convite porque foi a primeira vez que eu iria me apresentar para um público que não fosse um público de familiares e de sabe, porque eu fazia aula em escolas de circo dessa de bairro essas escolas de circo que são mais circo como Hobby. A escola livre eu acho que era o único espaço que eu frequentava que tinham pessoas que trabalhavam com arte mesmo e aí essas escolas de circo como Hobby elas fazem sempre cabarés, que foi onde eu construí meu número, foram para esse cabarés, para esses pequenos espetáculos, mais focado para pais, avós, pessoas que vão lá prestigiar o seu pupilo, sua filha, enfim, se apresentando. Então, que é um público muito massa, que é uma experiência muito legal também de estar com público né não deixa de ser um público mas também é um público muito receptivo né porque aí você vê lá sua mãe te aplaudindo não importa o que você faça.

E aí foi bem desafiador foi nossa primeira vez que eu tava na Unesp né. Porque eu frequentava o projeto Circolar de vez em quando ,então eu ia treinar lá e tal mas também ia bem devagarinho porque não conhecia ninguém, também não sabia muito dessa técnica, que eu faço aéreos, então não sabia muito da técnica que eu tava treinando. Então tinha um pouco de vergonha assim timidez de estar lá. Eai isso pra mim foi tipo “Nossa, mas bora lá, bora fazer”

E aí eu cheguei lá na ocupação meio nesse lugar, não participei de nenhuma reunião na primeira edição. Eu só cheguei para me apresentar eu vi que as coisas estão acontecendo lá, então no que eu pude fortalecer na organização fortaleci. Tinha até uma música que foi cantada no final dessa apresentação que eu tentei alí

participar, do meu jeito, mas foi a primeira vez que eu me apresentei para um público mais diverso, digamos né, e em uma lona, com luzes assim, tipo foi muito chique, foi tipo um bumbum sabe e também de ver pessoas que... Porque é isso quando eu cheguei na ocupação vi um monte de artista, de mulher né porque na época todo mundo se entendia mulher né. Um monte de mulher artista assim, e eu tinha uma dificuldade de entender artista. E aí quando eu recebi o retorno dessas pessoas que eu falava “Nossa um monte de gente da Unesp, artista, falando que meu número é massa” sabe que minha apresentação foi legal isso foi um boom para minha autoestima, foi tipo meu vai sabe, vai começa a se inscrever em cabaré, começa a se mostrar mais porque parece que tá que tá rolando.

Letícia – E o que te fez ficar? Olhar e pensar vou ficar aqui nesse grupo?

Maré – Eu acho que foi que eu botei muita fé no projeto sabe. Eu achei muito massa aquela. Essa ocupação de fato, daquele espaço, por aqueles corpos que estavam ocupando aquele espaço, eu vi muita potência mesmo em toda essa organização que aos poucos eu fui me familiarizando entendendo como acontecia. Entendi também a história da onde veio, porque começou a fazer isso e porque esse projeto aconteceu. E eu pensei tipo “Acho que, acho que eu quero ficar aqui” sabe. Porque era um espaço que eu poderia me apresentar, um espaço que eu poderia aprender muita coisa de montagem, de luz, de som sabe e além de tudo eu tava ali né pressão vestibular para UNESP torcendo para passar e passei então quando eu passei eu falei “mano é isso” sabe que era tipo já tô na universidade já entrar na universidade fazendo parte de um projeto de um grupo é muito legal para conhecer pessoas enfim para me movimentar também naquele espaço então foi mais ou menos por esses motivos que eu fiquei assim

Letícia – E ai, uma coisa já foi engatando na outra né?

Maré – já foi, já foi tudo se misturando sabe, e eu to aqui.

Letícia – Como a ocupação se organizava?

Maré – Então, que eu não participei da primeira, né. Mas a partir do final da primeira edição eu já comecei a colar nas reuniões e acompanhar mais de perto de fazer, de fato, parte do grupo. E a ideia era que a gente fosse bem horizontal assim nossa ideia fazer um rolê super horizontal que é muito massa, que é algo que eu acredito muito, até porque à essa possibilidade da gente aprender com outra com outro sabe coisas que a gente não sabe, e trocar também. Então aconteciam as reuniões né para gente preparar a próxima ocupação, e nessas reuniões a gente dividia as funções, dividiam as comissões. Então tinha Comissão da produção, a comissão de montagem da lona, que era a galera que ia lá montar cortina colocar cadeira. E cortina era tipo, nossa, no começo acho que a gente chamava pessoas né, chamava as pessoas que sabiam montar, que não eram do projeto, mas que eram de

outros projetos da Unesp para ajudar. Aí depois a gente foi aprendendo, aprendendo, e era aquele auê né tinha dia que a gente até montava a cortina um dia antes porque demorava muito e depois com o tempo a gente pegou uma prática de montar que foi tipo assim (estalo os dedos significando rapidez).

Então tinha a galera da montagem, a galera da alimentação porque a gente chegava antes né no dia da apresentação, todo mundo chegava umas 11 horas 10 horas e então a galera fazia almoço, ne. Tinha comissão do almoço para todo mundo e a comissão também que fazia os alimentos que a gente vendia na barraquinha, que era uma maneira de a gente também gerar verba para o nosso projeto.

A comissão de iluminação, de som, então todos esses setores necessários para levantar aquele cabaré, aquelas apresentações, eram divididos em comissões. E a gente ia lá “quem é que quer fazer?”, “quem quer ficar na comissão tal? quem tá afim de ficar”, então era legal que tinha pessoas que “ah eu curto eu me sinto confortável nessa funça Então acho que eu vou ficar nessa funça aqui até né” e tinha gente que não, que tava afim também de ir rodando, eu lembro que eu tipo participei da comissão de montagem, que é uma coisa que eu gosto muito de fazer, montagem de lona, eu gosto muito de contraregragem tal, então fazia bastante montagem. E eu fazia... Eu tentei participar da produção mas eu não consegui comparecer tanto como seria interessante e participei bastante da divulgação também. E aí na hora, quando eu podia dar uma força, ou então pelo menos ficar perto da montagem de som e de luz, eu ficava porque são também setores que me interessam.

E aí, a gente também começou abrir espaço para pessoas que não eram da Universidade, ou que enfim, não tinham participado da primeira edição para colar também. Então a gente começou a fazer formulários, tanto para artistas, quanto pessoas que queriam parte da produção, da montagem, do não sei o que, né. Pra galera se inscrever. E aí, essa galera chegava por meio desse formulário, a gente organizava direitinho, entrava em contato, falava tipo os horários tinham que chegar e tal. Aí, todo mundo também recebia essa alimentação, era tudo nosso mesmo e essa galera vinha para somar.

E aí, o que por um lado era muito legal, eu acho, porque isso é um espaço público, isso é muito importante, a gente sempre teve isso muito nítido na nossa cabeça. Que é um espaço público e que as pessoas têm que estar aqui, isso não é nosso sabe? Nunca foi a ideia, no início, de ser nosso. Então, acho que muita gente teve chance de estar lá, apresentar e tal. Mas por outro lado, assim, eu acho que a gente não soube muito como fazer isso de fato acontecer, sabe. Porque as pessoas chegavam, muitas vezes vinha gente que a gente não conhecia, que ninguém conhecia mesmo. E super afim, chagavam lá 10 horas da manhã “não, bora fazer, bora fazer. O que tem que fazer?” Só que a gente não conseguia dizer muito, sabe. Não conseguia direcionar, não conseguia ensinar, porque muitas coisas precisavam ser ensinadas… e a gente também tava na função.

Era pouco tempo, sabe. Tipo das 10 horas da manhã até às 6 horas da tarde para você montar a luz, montar som, montar cortina, arrumar tudo, passar luz sabe é muita coisa, muita coisa. Então a gente não conseguia dar uma... um direcionamento para essas pessoas. Aí muitas vezes, tipo quem é mais tipo ligeiro, tals… desinibido.

Ia lá, fazia e tal. Mas quem já é mais tímido, ou então não sabia muito por onde começar, muitas vezes ficava no meio da lona alí perdido, sabe. Tipo, perdido. Eu acho que isso foi bem... bem chato. Foi uma das coisas bem chatas dessa organização. Da gente propor, né. A gente propor ampliar o espaço mas não conseguir de fato fazer.... Não conseguir de fato fazer funcionar.

Letícia – Tornar a teoria...

Maré – Exato, uma prática. A gente não conseguiu assim... A gente conseguiu mas poderia ter sido mais assertivo.

Letícia – Das comissões alguma que te marcou muito de ter fazido parte?

Maré – Eu acho que a montagem foi muito importante para mim principalmente essa montagem de cortina sabe. Por eu também trabalhar com aéreas eu acho que eu sempre gostei das alturas então poder aprender a montar uma cortina montar esse espaço sabe como que a gente coloca essas cadeiras. Eu me interesso muito por essa estrutura saber estrutura do circo do espaço que a gente vai apresentar e também de ficar ali do ladinho das pessoas que faziam luz e som, foi bafo para mim... de aprender mesmo, até enrolar um fio sabe como se enrola o fio de uma maneira que o fio não vai se desgastar sabe como que você... Quais são os cuidados que você tem que tomar. Isso é uma grande autonomia né a gente saber fazer um pouquinho de cada coisa. Ou ter uma noção só, já dá um BUM assim, dá um BUM.

Letícia – É outra parada.

Maré – É outra parada. Chic. Chic demais.

Letícia – Nossa organização, horizontal, autônoma.

Maré – Eu acho que a gente deveria, poderia, ter sido interessante, ter se firmado enquanto o grupo, desde o começo sabe, ou pelo menos desde o momento que a gente falou “não, é isso. Tá rolando, bora fazer, bora fazer” porque é possível ser um grupo horizontal sabe é possível mas também determinar algumas coisas, determinar talvez quem é a pessoa que vai estar na função da produção, qual que é a referência, qual que é a pessoa de referência.

Qual que é a pessoa de referência da alimentação, de todas essas comissões e também saber quem somos nós, porque as pessoas vinham e passavam pela ocupação, às vezes ia em uma edição e não voltava mais. Então a gente queria fazer a próxima e a gente não sabia se poderia contar com essa pessoa e aí quando a gente se estabelece quando o grupo a gente... é isso, é trabalho, é trabalho, você se coloca ali disponível para estar, você quer estar, Então você tem as suas funções, as suas trampos, as suas responsabilidades. Isso é uma coisa que eu acho que ficava muito solta, sabe.

Então às vezes nessa edição eu tô, mas talvez na próxima não vou estar. Tipo, eu tô aqui peguei essa função, sei lá X, uma função X, uma comissão X, e mas… não sei, eu tô cheia de trabalho, né. Então não sei se eu vou dar conta. Acabo não dando, mas deixa que outro faz.

E ai isso prejudicou bastante, eu acho, a nossa nossas estruturas a maneira como a gente se organizava, de uma forma que foi até se enfraquecendo mesmo sabe. Foi tipo desgastando. E fora que é um projeto super potente e eu acho que se a gente tivesse entendido enquanto o grupo, enquanto coletivo mesmo. Esse coletivo somos nós e Bora tocar isso, acho que a gente poderia ter até escrito editais sabe. Poderia ter saído da Unesp e ido em outros espaços também, se apresentar, teria feito isso girar mais... Assim girou bastante mas acho que poderia ter sido bem maior, se a gente tivesse bancado mesmo sabe assumido somos um grupo.

E ai é isso né eu acho que a gente não fez isso porque ai queria ser democrático e horizontal mas acho que se entender como um coletivo não impede a gente de ser um coletivo horizontal e democrático.

Até porque eu acho que essas vivências né, porque acho que a gente pode chamar de vivências o que as pessoas que se inscreviam no formulário tinham com a ocupação, das pessoas que não continuavam né. Então a galera vem tem uma vivência de montar uma lona, de montar um espetáculo e tudo mais... Mas a gente poderia colocar isso como um projeto do grupo também sabe Isso não ia impedir de outras pessoas virem aqui participar com a gente, a gente trocar informações, conhecimento sabe mas tendo também bem o pé no chão de saber quem é que tá junto. Quem é que tá fazendo esse bafo sabe, porque aí no fim das contas as vezes caia tudo nas costas de uma pessoa só, sabe. Ai é tipo “ah vamos fazer a comissão de produção aí tem fulano, ciclano e beltrano aí quando ver é só fulano que tá lá sabe porque todo mundo fico “ah não porque eu tive não sei o quê, não sei o quê tal...” então assumir responsabilidades também é bem importante. É um dos grandes aprendizados que ficou dessa organização sabe

Letícia – São tudo é tudo, tudo é nada.

Maré – Exato. Senão fica tudo uma coisa só né.

Letícia – Momentos marcantes

Maré – Nossa, muita coisa, muita coisa... Você foi falando aqui passou tipo vários filmes assim, várias imagens de momentos que me marcaram. O primeiro dia mesmo que eu cheguei lá, e eu vi tipo aquele bando de mina né, porque na época era um coletivo de pessoas que se entendiam mulheres, era um monte de mina, tipo, ocupando aquele espaço. E eu não como eu não sei como é que aquilo foi organizado e tal, para mim aquilo tava, tipo, todo mundo na força, na união mesmo, sabe. Fazendo o bafo acontecer. Aquilo para mim já foi muito emocionante.

Ver a emoção das pessoas que estavam ali fazendo, aquilo foi muito emocionante para mim, sabe. E depois vê como isso foi acontecer, aos pouquinhos,

sabe. Como a gente conseguiu estar em espaços, como a gente, tipo, pessoas de fora da Unesp, pessoas que nem sabiam que tinha uma lona de circo lá. Pessoas que sabiam que tinham, mas não sabiam como acessar, começaram a estar na UNESP. Também por causa da ocupação, sabe. Isso para mim foi muito, muito forte, muito forte.

E também, ver como esse sistema de se organizar funcionou bastante também, sabe. Tipo era muito massa, sei lá. A gente começava a organizar a ocupação um mês e meio antes, dois meses antes. E aí, ver passo a passo, sabe. Passo a passo, as comissões se fortalecendo, conseguindo fazer o trampo delas, para depois no final, assim, a gente ver aquela lona cheia, sabe. E tipo, é isso, domingo de manhã. Geralmente era domingo as apresentações, sair de casa, sabe. Saber que ia encontrar uma galera que, tipo, fecha comigo. E todo mundo afim de fazer o bafo, isso me marcou demais, sabe. De saber que a gente consegue fazer umas coisas incríveis mesmo, sabe. Tipo, mano, é só tá na força assim, que a gente consegue fazer coisas muito foda.

E uma coisa que me marcou também, bastante. Foi ver Tay como MC, na primeira ocupação, sabe. Tay, uma pessoa preta, na figura que Tay é, na postura que Tay é em cena. Aquilo me fortaleceu demais. Até porque eu e tay, eu não sei se eu posso afirmar isso. Mas se eu não me engano, éramos as únicas pessoas pretas que estavam na primeira edição, se apresentando. Enfim, não sei, talvez eu esteja me esquecendo de alguém. Mas isso me fortaleceu muito também, sabe. Porque é isso, né. Eu já não me entendia muito artista, eu tava lá querendo ser artista mas não sabia se era artista. Tava querendo entrar na universidade pública, mas não sabia se eu ia entrar na universidade pública. E chegar no espaço que é majoritariamente composto por pessoas brancas, num ambiente que é uma instituição, que a gente sabe totalmente excludente, que são as Universidades públicas. Por mais que esteja mudando esse quadro, ainda é um ambiente, também, muito distante de muitas pessoas. Isso também poderia ter me assustado. E Tay! Ver Tay ali como Mc, tá ligado? Nossa, aquilo foi, tipo, BUM, um BUM. Aí, mano, é isso, sabe. É sobre isso, foi meio que tipo “não, tamo junto aqui! Bora fazer esse bafo”.

E aí mana eu acho que já tô saltando, mas enfim né, vou saltar.

O dia que Cia Fundo Mundo foi na ocupação, não na ocupação, foi no circo da Unesp, por meio da nossa articulação, mas foi no circo da UNESP. Para mim foi tipo [expressão facial feliz]... Que são pessoas que admiro demais, que eu tenho muito carinho, admiro muito o trabalho delus. E foi tipo, rolou uma hora: “Olha tudo que a gente consegui fazer, sabe”. Tipo, com nosso dinheirinho do Chapéu, nossa caixinha sabe.

Nós se quebrando. Vamo vender pipoca, faz mais pipoca, bora vendendo não sei o que e conseguiu trazer um grupo, que não é de São Paulo, para se apresentar em São Paulo pela primeira vez, com o cachê, que a gente conseguiu graças a essa caixinha e com aquele chapéu que foi um chapéu que nunca vi... não tipo deu, o que uns R$ 2.000,00 reais de chapéu.

Letícia – Com o dinheiro que mandamos antes, da caixinha, mais o chapéu deu quase R$: 3.000,00 no total.

Maré – Meu é muito sabe, tipo isso é muito. E a gente tiver um monte de universitário sabe, que tem um monte de gente que tá aqui como fazer, tentando descobrindo como fazer e consegui pagar um cachê para mim foi tipo... foi muito muito emocionante.

E também ver essa... O interesse de pessoas que trabalham com circo no espaço também, acho que isso foi bem legal sabe, tipo pessoas que já estão trabalhando no circo hà uma cota e que a gente já conhecia de nome. Ou pessoas que trabalham hà uma cota mas também não tinha espaço, assim como a gente também não tinha espaço chegando para ocupar sabe, falando sobre ocupação, falando como a ocupação tá sendo importante para eles, para elus isso também foi muito foda assim, muito lindo assim mó.

Letícia – O Chapéu

Maré – É que era a nossa maneira também, nossa moeda ali né, nossa possibilidade de contratar pessoas para fotografar, que isso foi tipo tudo sabe porque meu consegui material para você se inscrever no edital tal, no festival, é muito importante. E é uma grana, é uma grana e nem sempre que você vai se apresentar num lugar vai ter fotógrafo, que vai ter alguém para filmar, e quando tem, as vezes você não tem acesso a esse material.

Então tipo o dinheiro do Chapéu a gente percebeu que não fazia sentido a gente divide entre nós porque era pouco, porque a gente tava muito mais pelo projeto também, então ele era direcionado para essas necessidades.

Então acho que colocar esse dinheiro na fotografia, na filmagem, foi tudo porque todas as pessoas que participavam, que se apresentava na ocupação tinha o seu material e isso fez com que muita gente começasse também a se inscrever nesses bafos todos. A gente destinava à alimentação também, que é muito importante, porque tipo né a gente não tava recebendo nem a gente muito menos as pessoas que vinham fortalecer né então gastar grana para comer né é demais. Então a gente conseguia dar alimentação para todo mundo, conseguia investir na barraquinha de alimentos que depois também gerava dinheiro para gente sabe, então acho que assim genial, genial.

Porque é muito mais interessantes, foi muito mais interessante do que cada pessoa sair com r$ 15,00. Porque no começo era isso assim. Nosso chapéu se a gente fosse dividir entre as 20 tantas pessoas que no final quando a gente juntava todo mundo que fez parte da edição era 20 e poucas pessoas sabe e da tipo r$ 10,00 para cada um, que é pouco sabe. A gente ,eu acho, que a gente fortalecia também na passagem? de algumas pessoas, a gente chegou fazer né?

Letícia – Se alguém precisasse no dia...

Maré – Sim, a gente fortalecia na passagem. Então eu achei isso, que foi de fato uma possibilidade da gente conseguir girar né segui gerar uma renda que daí foi. Aí contrata fotógrafo e daí contrata gente para filmar e aí chama a Cia Fundo mundo, ai tipo assim Chic, muito, muito!

Letícia – A experiência da Ocupação teve algum impacto na sua trajetória enquanto artista, arte-educador, pessoa? Se sim, qual(ais)? O que muda a partir dessa experiência e do que vivemos ali.

Maré – Nossa, acho que impacta em todas essas, todas essas. Porque é isso, como eu não tinha, né. Foi com a ocupação. Nessa apresentação, na primeira ocupação, que eu comecei a falar "nossa realmente o que eu tô fazendo tá rolando. Tem gente curtindo, é potente!". Foi, tipo assim, pra minha autoestima (apontando pra cima com o dedo indicador da mão direita). Assim, (aponta novamente), pra minha autoestima e pra maneira como eu lido com meu trabalho também.

De chamar que eu faço de trabalho também. Chamar o que eu produzo de trabalho. E é isso, a partir dessa... aí, eu já fui para segunda Ocupação e bora apresentar de novo entendeu. Comecei ganhar mais confiança também, de tá em frente a um público e enfim, receber, e trocar com esse público.

Com as filmagens, com os materiais que a gente conseguia disponibilizar para cada artista. Eu comecei também a enviar meus números para Convenções, para festivais, também coloquei umas fotos bafo no Instagram, sabe.

E disso meu, com esses vídeos e com esses... principalmente os vídeos que eu que recebi da ocupação. Eu consegui acessar vários lugares profissionalmente, sabe. Consegui estar em convenções Brasileira de circo, no ano de 2018. Foi? foi em 2018. Que a primeira Ocupação foi em 2017, e a segunda, e a maioria, né…. Das ocupações foram em 2018. Naquele mesmo ano já me inscrevi para Convenção Brasileira, sendo que eu nem nunca tinha ido na convenção brasileira, tá ligado? Nunca tinha ido, mal tinha conhecimento da existência de Convenções brasileiras na verdade, até tá nesse espaço da Ocupação. E tipo, meu número foi aprovado, sabe.

Então, sim muito por causa do trampo, mas também porque eu tinha um vídeo para enviar para esse trampo, pra essa conversão. E também porque tinha uma galera junto comigo que falava "Mano manda, manda que é da hora meu. Vai mano, que é foda, você é foda!", sabe. Isso tipo, isso fez eu chegar em vários lugares de circo. Eu acho muito, que hoje eu trabalho com arte, tenho conseguido, né. Ali aos trancos e barrancos viver de arte, minimamente, por causa dessa história lá atrás. Dessa história, dessas pessoas que estavam do meu lado, por causa desses materiais todos. Que eu uso até hoje, sabe. Quando eu vou me inscrever, uso até hoje esses materiais. Muitas das fotos que eu mais gosto são desses, é na Ocupação, é no circo da Unesp.

E aí, pensando em pedagogia, né. Que você falou. Eu fiquei bem, tipo... Eu acho que essa organização, é muito isso, né (gesto de uma balança com as mãos). A organização da Ocupação tem seus pontos negativos e tem seus pontos positivos. E ai, eu acho que essa horizontalidade, essa maneira de passar o conhecimento. Esse tipo, aprender fazendo, sabe. De, tipo, qualquer pessoa pode, né. Aprender a montar

uma luz, sabe. Qualquer pessoa pode, tipo, esse fazer fazendo e aprender fazendo. Para mim foi um puta método, uma metodologia ali, que a gente desenvolveu. Que é isso, de pessoas que não sabem enrolar fio, saíram sabendo ligar. Ligar caixa de luz entendeu, afinar luz, muito massa.

E também a gente tinha algumas pessoas, por meio dos formulários, que trabalham com essas coisas. Então tinham pessoas que eram iluminadoras de fato, profissionais, e queriam somar com a gente e essas pessoas também passaram muito conhecimento para gente, sabe. Tipo muito, muitos aprendizados, muita coisa.

Leticia – Repercussão na cena circense contemporânea paulistana, ou ate mesmo nacionalmente.

Maré – Eu acho que sim, nossa, com certeza. Até porque a gente via na plateia pessoas que a gente sabia, sabe. Que a gente sabia que era fulano tal que apresenta não sei aonde. Então quando eu comecei a ver na plateia, no nosso público, pessoas que ou são referências ou então que estão nesse meio circense já há muito tempo porque tipo ‘a gente tá chegando longe’ no sentido de divulgação mesmo sabe. A gente tá conseguindo se divulgar pra muita gente

E aí tem até um evento que acontece em Ribeirão Preto que se chama Encontro Internacional de Mulheres de Circo e eu sei que elas já sabiam da ocupação, já conheciam muitas pessoas sem a gente, às vezes, nem conhece-las sabe. De ver a ocupação, de ver os vídeos, de ver nossa divulgação. Então acho que chegou sim, vários espaços e até hoje a galera fala sabe

Tanto que na nossa última edição tinha muita gente de grupos de circos, sabe. Muita gente que não, tipo não conseguia... essa galera, por exemplo, que eu tô falando é de Ribeirão Preto, então tinha muita gente assim nossa mano vamos até lá para ver a última ocupação porque a gente não foi em nenhuma sabe. Tipo a gente não tinha conseguido ir por causa da distância saca

Então tipo meu a Ester Tapioca, que é uma pessoa lá em Tocantins sabe. De Tocantins, que aliás é uma das pessoas, coisas, que me marcaram na ocupação também sabe. O trabalho de Ester, conhecer o trabalho de Ester também foi muito, muito importante para mim. Também é uma pessoa preta que também trabalha linguagem circense mas a partir de uma outra referência, de um outro referencial, de uma outra narrativa, também foi muito massa.

E essa pessoa veio lá de Tocantins, tava em São Paulo, e falo meu bora e isso foi tipo lá segunda edição, não foi a primeira edição. E tipo depois ela voltou né? Então foi na primeira e na terceira. Mano imagina sabe. Bafo demais. Bafo demais... Muita gente, muita gente.

Letícia – Você Imaginava?

Maré – Não, não, acho que não. Até porque eu entrei lá eu não manja muito dessas coisas assim sabe de... Eu tava começando mesmo. Porque eu sou formade em publicidade, então trabalhei por cinco anos na área sabe, da publicidade até eu

falar “Chega, não é isso que eu gosto. To sofrendo, eu não quero mais isso!”. E foi aí que eu resolvi começar a trabalhar com educação então pensar em cursar uma nova faculdade para poder trabalhar com educação. E comecei a levar mais a sério o que eu fazia de arte, que é uma coisa que eu fiz a vida inteira e eu nunca achei que eu era tipo artistas suficiente pra viver disso.

E então quando eu cheguei na Ocupação eu não manjava muito sabe. Eu não conhecia essas pessoas todas que eu to citando, e que eu citei, eu não conhecia o trabalho, não imaginava que essas pessoas sabe... Não conhecia a cena circense de fato. Eu treinava circo mas é aquela história, em escola de circo que ensinam circo mais como Hobby não profissionalmente. Então eu não conhecia a cena circense, de fato, de São Paulo e nem no Brasil.

Quando eu soube que existia Convenções de circo em que as pessoas ficavam uma semana acampadas jogando malabares e treinando. Eu fiquei tipo “Mano que dá hora, assim, não acredito que tem uns roles desse sabe. Então com certeza eu não imaginava, até porque eu não tinha dimensão do que era a cena circense no Brasil, e em São Paulo. Não tinha essa dimensão e fui tendo essa dimensão com contato com a ocupação. Então foi meio que tudo ao mesmo tempo, ao mesmo tempo que a ocupação ia chegando na galera, eu ia conhecendo essa galera sabe, foi meio isso.

Nossa e eu lembro que na primeira...Quando eu fui apresentar Convenção, que foi a primeira convenção, foi a de Rio das Ostras que eu fui apresentar. Nossa gente, por que é isso né, é um processo. É um processo a gente ter confiança, segurança, botar fé no nosso trampo. Porque para mim apresentar na lona da Unesp já foi um bum, eu que apresentava para minha mãe, para minha vó sabe, que adoro tudo que eu faço, já foi um bum. Quando falaram assim não porque a convenção Brasileira de malabarismo circo quer você, vem apresentar na convenção. Eu fiquei gente, não, eu vou bora que bora, não sei o que. Dai foi até Tay e Santa estavam nessa convenção, que foi tudo na minha vida, e Chico também que é um parceiro lá do Grajaú, eles estavam deram maior força, porque eu fiquei morrendo de medo.

Eu fui apresentare os dois números, eu passei com o número de tecido e o número de Lira. E aí o primeiro seria o número de tecido... E aí enfim eu acho que isso já era pano pra manga já da pra fazer outro documentário sobre esses espaços entendeu, mas enfim eu tava morrendo de medo de apresentar e o número de tecido era o primeiro acontecer era, é era o primeiro que eu ia apresentar. E aí teve até um descuido, enfim eles estavam com várias questões de organização porque deu ruim aquela convenção e tal e aí tiveram que mudar o horário da minha apresentação, eu lembro que eu ia apresentar a noite dai mudou pra de manhã. E ai gente, eu não dormi, eu não dormi, na verdade eu fiquei com dificuldade dormir e aí eu sonhei, eu sonhei que alguma coisa acontecessia que eu não apresentava esse número de tecido. E aí no dia seguinte na hora da apresentação, eu atrás do menino da produção, coitado também tava fazendo mil coisa, e eu não e minha apresentação, o que aconteceu, e não sei o que, não sei o que, dai eles... Meu não vai dar pra rolar sua apresentação de tecido porque a lona aqui que você apresentaria não está com a estrutura de aéreos, parece que eles estavam com varias questões mesmo, e ai enfim não consegui apresentar.

Então pensar nesse medo que eu tava de apresentar nessa convenção sabe então isso diz muito sobre como que eu via também esses espaços e aí depois eu consegui apresentar o número de lira e foi também incrível conseguir chegar lá. Então conseguir me escrever, conseguir ser aprovade e apresentar isso sabe e apresentar, mas foi isso a ocupação foi bem assim me colocando, eu sinto sabe. Essas pessoas também né, não só a ocupação, mas principalmente as pessoas que faziam ocupação sabe. Tipo de ir junto mesmo, de ir junto, é babado.

E aí meu é bafo porque tipo voltando na pergunta que você falou antes né de que ai sim a gente chegava nesses lugares e as pessoas falavam “Ai você que é da Ocupação Vulveristica, ah não sei que, nossa tenho mó vontade de apresentar lá, é muito legal” sabe tipo uma galera vindo falar, uma galera tipo “mano você é da Ocupação Vulveristica?” e eu tipo “Sou, sou, que dahora que você conhece” e já vai lá e já vende nosso peixe “Conhece fulano, conhece ciclano; meu tem pessoa aqui, porque que é que não ta aqui? Chama a pessoa aqui. Você conhece essa pessoa? Chama pra cá” entendeu? “Chama pra apresenta aqui também” tipo fazer também essas pontes né

Letícia – Você acha que a gente teria conseguido abrir essas portas sem a ocupação? Assim porque a gente não tinha espaço mas o fato da gente ter criado o nosso abriu outras portas?

Maré – Eu acho que sim, eu acho que sim porque pelo que eu tô vendo desse meio circense, agora que eu já tô há 3 anos nele né, que é um rolé muito fechado né. Acho que como todo rolê artístico, ele é muito fechado, principalmente tipo a galera que ganha edital mesmo, que escreve edital, a galera que tá aí circulando em SESC e tal, é muito fechada, sempre a mesma galera que aí vai chamando um amigo, vai chamando o outro amigo daí a bolha vai ficando um pouquinho maior, mas nunca fura essa bolha.

E aí eu acho que tipo a ocupação legítimo a gente sabe, o nosso trabalho. E eu não acho que a gente precise sabe... no sentido que... nosso trabalho é foda independente da Ocupação, independente se a gente está trabalhando sozinho, se a gente está trabalhando em outros grupos, mas também foi muito importante a comunidade circo falar Tipo “Nossa olha o que essa galera tá fazendo aí em São Paulo, olha o que essa galera tá fazendo ali na lona da UNESP”. Ai vem a Ester Tapioca e as amigas tudo diz “Nossa olha lá, a Ester está nesse rolê. Vamos dá uma atenção pra esse rolê. Quem é que tá nesse rolê?” sabe. Isso foi legitimando mesmo para ai a gente conseguir.

E tanto que todos os roles que eu me inscrevi eu colocava Ocupação Vulveristica, faço parte da organização da Ocupação Vulveristica que daí a pessoa já, fala tipo “Hum” sabe? “Hum, vamos lá ver então. Vamos lá ver então” sabe. Então eu acho que sim, que abriu espaços, mas eu ainda acho esse meio circense bem... bem difícil sabe. Ao mesmo tempo abriu espaço e não é que abriu espaço pra todo mundo sabe. Tipo, porque a Ocupação era muita gente sabe. Que trabalhou na Ocupação, muita gente. E é isso assim. Então ainda eu acho que a Ocupação é foda, a gente é

foda e o meio circense é uma bolha. É uma bolha que daí é isso, a gente ou entra com os dois pés na porta, que é o que a gente tá fazendo, muita gente tá fazendo, que é o que a galera da Cia Fundo Mundo tá fazendo sabe. Ou a gente também cria os nossos próprios espaços que também é o que a gente tá fazendo. Maneiras de estar nisso né. Que se a gente fica só esperando, dependendo de fulalo olhar seu número e falar "É eu acho que você merece sim vir para cá" sabe. Não né gente, não precisamos disso. (risadas) Só se tiver cachê. (risadas)

Letícia – Você acha que a Ocupação inspirou outros projetos? Tipo eu sinto que outros projetos inspiraram a gente de começar. Será que a ocupação causou isso em outro grupo?

Maré – Cara, eu sei do balbúrdia, que acontece na Unesp sabe. Que é um projeto também que surgiu em uma aula de um professor da Unesp meio que tava... Ele tava vendo que a galera tava meio devagar, porque foi bem na época do ápice, eu acho, do desmonte da Unesp tal e aí resolveram fazer um evento drag lá e foi tudo assim. Fizeram uma primeira edição que também lotou a lona sabe. Lotou, tinha galera em pé e foi muito massa. Meio que nessa experimentação de fazer Drag e aí hoje eles estão seguindo com projeto, acho que a primeira edição foi em 2019, eu acho não tenho muita certeza, mas acho que foi em 2019, e agora eles seguiram com projeto.

E já pessoas que fazem parte falaram "Meu a gente se espelha muito no modelo de organização da ocupação vulveristica, muito. Na maneira como vocês conseguiram trazer pessoas de fora para se apresentar, para estar participando do projeto, para assistir o projeto sabe. Como vocês faziam nas comissões, pra gerar grana também". Então eu acho que tipo dos grupos acho que esse é o que mais me vem á cabeça de fato sabe.

Que é um grupo que é da Unesp também, um projeto que tá na Unesp e foi tipo "mano e se a gente seguisse ali" sabe, fizesse "meu como é que a Ocupação fazia?" Eu acho que até entraram em contato, não sei se entraram em contato com você ou alguém falou para mim e eu sugeri de entrar em contato com você. Porque queriam mesmo de fato aprender como a gente fazia a ocupação sabe tipo "meu senta aqui e conta para gente como que vocês faziam isso que a gente tá querendo também que o balbúrdia seja um evento que aconteça ali mais vezes naquele espaço.

Letícia – Tinha a Laurinha também que estava na Ocupação e que está no BalburdIa.

Maré – Exato, também que a Laurinha que fazia os bafos da barraquinha né. Que tipo deixava a barraquinha linda, que realmente deixava aquela barraquinha que você quer comer o negócio de tão bonito que tá. Então tem a Laurinha que já também fez a ponte com a galera do balbúrdia.

Letícia – É massa

Maré – É muito massa, nossa gente, nossa, babado.

Letícia – Algo que deu muito certo e algo que deu muito errado. Coisas que você leva ou não pra vida.

Maré – Meu é que muita coisa eu levo pra vida né tipo tudo isso, todas essas comissões e ter o contato com a maneira como a gente... Como montar um espetáculo, como levantar, como divulgar, tudo isso é aprendizado. Tenho certeza que tanto no meu trabalho individual, quanto coletivo, quando eu estiver em outros coletivos, e nos coletivos que eu faço parte, eu já posso sabe já aprendi muita coisa e posso levar pra esses espaços sabe.

Eu acho que uma coisa que funcionou muito, pensando na Ocupação, foi isso de filmar e fotografar de conseguir dar esse material na mão da pessoa. Que é isso a gente não conseguia um chapéu suficiente para pagar as pessoas, também não tinha uma grana para pagar cachê, mas a gente tinha todo esse material que já é muita, muita coisa sabe, muita coisa.

E aí pensando no que não deu muito certo, eu acho que também pega na organização que é o fato da gente não saber muito se a gente era um grupo, se a gente não era, se a gente era um coletivo, se a gente era um amontoado de gente sabe. E aí isso eu acho que deu uma quebrada nas nossas pernas que só lá na frente a gente foi ver.

Acho que só agora assim a gente consegue falar, tipo todo mundo que fez parte, assim, a grande parte das pessoas que fizeram parte falar “nossa realmente a gente devia ter se sentido como um grupo, deveria ter” sabe “firmado isso mais”.

Letícia – E agora.. tãn, tãn tãn... O nome.

Maré – O nome. Então eu ia falar, eu ia falar das coisas que deram errado. Nossa gente o nome, muito louco esse negócio do nome sabe até porque quando me chamaram falaram “Ah vou fazer parte, vem se apresenta na Ocupação Vulveristica” e eu fiquei tipo assim “O que? Que? Ocupação o que?” ai ela “Vulveristica, da Vulva sabe? Vulveristica” ai eu “Aah tá!” e é isso é um nome Transfobico né. E é transfobico por quê? Porque que esse nome é transfóbico. Na época quando esse nome foi criado as pessoas que faziam parte se entendiam como mulheres Cis, e não tem problema mulher cis exaltarem a vulva, não tem problema, mas quando a gente fala que é um rolê para todas as mulheres e a gente coloca no nome Vulveristica, como se fosse para todas as mulheres a gente esta sendo extremamente transfóbico porque nem todas as mulheres tem vulva. E isso é extremamente agressivo e além de transfobico, eu fico pensando quais são as mulheres Cis né, falando de mulheres cis, ou então de quais são os corpos que tem vulva que tem a tranquilidade, a possibilidade e o empoderamento de falar da sua própria vulva.

Quais são as vulvas que são divulgadas sabe? Como que é uma vulva? Como que é uma vulva? Como que é uma vulva bonita? Porque tem isso né, tem a vulva bonita, tem a vulva que todo mundo deseja, tem a vulva que não é, que é rejeitada

sabe. Então eu enquanto uma pessoa preta, uma pessoa não binária preta, não me vejo, não me sinto confortável de falar da vulva nesse sentido. Ainda mais vendo que é um espaço para todas as mulheres sabe e dificilmente eu tenho essa liberdade de falar da minha própria vulva então eu acho isso muito, muito desigual.

Então é transfóbico e até entre mulheres cis isso é muito, muito complexo, muito complexo sabe. A mesma coisa quando a gente fala tipo “Não, não vamos usar sutiã, não vamos depilar a perna, e não sei o que”. Gente quais são os corpos que se sentem confortáveis sem usar sutiã; Quais são os corpos se sente confortáveis de tirar a camiseta e ficar tipo (balança o tronco). Gente quais são as tetas, tudo isso é muito, muito complexo.

Então eu acho esse nome bem, bem ruim. E isso eu só fui percebendo depois, na primeira edição eu não percebi, na segunda edição eu também não percebi sabe, até porque na época eu me entendia uma mulher cis também eu tinha nenhum contato de fato com pessoas trans sabe. Não tinha contato com a discussão, então quando eu comecei a ter contato com pessoas trans, comecei a ter contato comigo também, comecei a me entender uma pessoa não binária, pessoas ao meu redor sabe, comecei a ouvir, a ler, a falar e eu falei “Gente pera aí esse nome aqui não faz nenhum sentido” e sabe o que é engraçado porque ai a gente ficava na reunião né “Ai gente nossa só tem, só tem gente Cis na ocupação, só tem gente, a maioria é gente branca na ocupação, porque será? Porque sera? Vamos fazer uma cota, vamos fazer é uma prioridade de seleção, então a gente prioriza”. Chegou uma época que queriam fazer cabaré preto, falaram assim “Não vamos fazer um cabaré e vai ser o dia dos pretos, a gente só vai chamar gente preta” e não e quando queriam chamar “Não vamos chamar as travestis, ai quem conhece?” eai “Ai não conheço nenhuma!” sabe, não conheço. Então acho que a gente tem que começar a ir nesses espaços né, meu a gente tem que começar a ir nesses espaços conhecer as pessoas e ver se elas querem vir para cá sabe

Nossa gente cada coisa que saía dessas reuniões sabe. E aí Nossa gente porque será né? Porque será que não tem nenhuma travesti? Porque será que não tem nenhuma pessoa trança no rolê? Porque o nome do negócio era Ocupação Vulveristica sabe. Porque ai pessoa chega e só ve um monte de Minas cis, na época né. Assim no começo da ocupação, só via um monte de Minas cis, aí só ve um monte de menina branca sabe, que é isso a maioria era mina branca. Daí como é que tipo galera Preta vai querer colar, vai querer apresentar sabe será?

E aí uma coisa que eu sempre falava era tipo “Gente será que essa galera quer e precisa estar aqui?” Porque assim a Ocupação vulveristica foi massa pro meio circense, foi massa para o Instituto da Unesp também, pro Instituto de artes, só que a galera está nos seus próprios roles e tem vários outros coletivos foda também ocupando lugares entendeu, chamando um monte de público, assim como a gente então acho que em um lugar e ficava tipo “Nossa a gente precisa abrir o espaço, a gente precisa” sabe como se a gente tivesse trazendo as pessoas sabe “não vamos dividir o que a gente tem” sabe “vamos oferecer, vamos possibilitar” bem nesse lugar assim assistencialista sabe da coisa, não sei parece que subiu alguma coisa “Já que

todo mundo tá conhecendo, não sei o que, e meu vamos lá vamos trazer mais gente” E não gente não era isso sabe.

As pessoas não estavam lá porque elas não queriam. E porque elas não precisavam. Elas não precisavam. E era sim uma vontade de ser algo mais plural, então quando a gente começou a perceber que o nome é transfóbico. Quando começamos a perceber que o nome era transfóbico foi tipo “Meu a gente precisa mudar esse nome, a gente precisa”. Porque a gente gostava do projeto sabe tipo a galera que tava, porque era isso... Eram sempre pessoas que vinham e passavam mas tinha sempre as pessoinhas que sempre estavam lá e essas pessoinhas que sempre estavam lá era também esse grupo que não quis chamar de grupo mas era o tal do grupo né. E esse tal do grupo gostava desse projeto, por mais que a galera tinha suas demandas, faculdade, trabalho, era difícil muitas vezes, outras questões que permeavam o coletivo e muitas vezes algumas pessoas quiseram sair, não se sentiam confortável.

Eu acho que acabar com a Ocupação não é, não foi o primeiro pensamento. Quando a gente percebeu que era um nome transfóbico. A gente falou “vamos mudar de nome” O que é muito difícil né. Quando a gente já tá de fato reconhecido nesse meio circense, no Brasil, na nossa Comunidade da Unesp sabe, já tem um público fixo, mudar de nome pode quebrar Total suas pernas né Tipo “Quem são?”. E aí a gente começou a campanha de mudança de nome. Ai gente que vergonha. Então, uma coisa que me marcou na ocupação foi as vergonha que eu passei. Que se eu vou te falar… umas vergonha, a gente, mas é bom né. Porque é isso, vamos lá aprender a lidar com essas coisas, né. Mas se eu passei vergonha em cena foi na ocupação também. Dias de Luta e dias de Glória assim, porque mano.... Nesse rolê de mudar de nome... Aí juntou a única pessoa que se entendia transmasculino, naquela época na Ocupação, a única pessoa que se entendia Trans. Colocaram tudo nas costas dele, falaram “Vamos lá meu filho você vai ser o chefe disso né”. E ele também acabou sentindo nessa obrigação porque é a única pessoa trans do rolê. Então falou “Não eu preciso ta ali né, pra, pra ver o que ta acontecendo” Ai junto ele, foi o Caê nessa comissão, eu, Santa e Sofia, na época. E aí a gente falou “Meu vamos fazer uma campanha de mudança de nome, não dá para gente mudar de uma hora para outra. Vamos ver se o público nos oferece nomes. A gente faz uma votação sabe, a gente faz uma votação online, não sei o quê”. E aí a gente resolveu... A gente tinha toda uma história né então, acho que foi na sexta ocupação isso. Na sexta ocupação a gente queria, a gente ia lançar essa tal dessa mudança de nome, dessa campanha, e explicar para o público por que que a gente tava mudando de nome.

Então ia ser um posicionamento também da página né porque isso foi virtualmente também, mas o coletivo de se assumir transfóbico tipo “Erramos fomos transfóbicos, não queremos ser mais, queremos mudar de nome”. Então a gente ia explicar para o público porque, conta né porque também essa discussão é distante de muitas pessoas, e ali durante o espetáculo, o cabaré, a gente ia recolher sugestões das pessoas sabe. “Então meu escreve no papelzinho sugestões de nome porque a gente vai votar, aí depois a gente vai escolher. A gente vai fazer vários mecanismos sabe dessa mudança.” Então nas redes sociais, antes, a gente já preparou esse

terreno, já falou “gente tamo querendo mudar e tal”, já fez vários textões explicando, dizendo que fomos Transfóbicos e porque tudo mais. E aí nos dessa comissão falamos “Meu vamos fazer uma votação né. Já que é uma votação o que que tem na votação? tem urna, tem urna, não tem? Porque que a gente não faz uma caixa e a gente, mano, eu, Caê e Sarah a gente entrou nessa caixa. Era uma caixa assim retangular, que cabia assim os nossos corpos e eram 3 né, então ficava um braço de um lado o outro braço do outro uma pessoa na frente, e a gente tinha os olhinhos né, acho que a gente tinha um negócio assim para olhar.

Então a ideia era aquele público escrever no papelzinho e desse na nossa mão porque nós éramos a grande urna, que ia... (risada) Só que mano a gente não fez espaço para boca e daí ninguém ouvia a gente sabe, nosso som não saía. E aí, antes disso, eu lembro que a gente ficou a tarde toda passando glitter na caixa “Meu mó ideia boa” (risadas) E não teve uma alma, uma pessoa da Ocupaçao, um amigue pra falar “Amigue tem certeza que você vai fazer isso? Tem certeza que você vai fazer isso?”. Acho que o povo ficou com dó, ou não sei, ou tava cada um numa função também e não conseguiu parar para ver o que estava sendo feito. Só sei que tipo assim a gente passou glíter na caixa e sabe qual que era o nome que tava escrito na caixa “toró de ideias”, toró de ideias porque a gente é bem brasileiro, bem Tupiniquim.

E aí fomos lá né, mas antes do momento da Caixa. A gente ia fazer uma abertura, então Tay que era MC, a gente explicou bem porcamente pra elu até porque a gente também nem sabia muito o que a gente ia fazer. Só sei que a ideia era tipo tinha uma música pra gente entrar tipo tantantan tantantan tantantan... E aí eu ia descer lá de cima do tecido, que a gente colocou tipo uma amarração estável no tecido então eu tava só sentade nele e eu ia descer lá em cima com uma caixa que tava cheio de pisca-pisca dentro, porque eu não sei, não sei, eu não sei. (risadas) Eu só sei que eu ia descer lá de dentro, só que a gente estava atrasado e o público tinha que entrar. E a gente “não vão abandonar a ideia, é uma ideia muito boa, a ideia é muito boa, vamos lá”. Ai o que que fizeram, o público entrando, sentando..Colocaram um colchão azul, era o povo carregando o colchão azul, você, o colchão azul para me esconder porque eu ia tá subindo lá. A ideia era que quando o público chagasse eu já tivesse lá, mas como o público já tava lá, falaram “Não, vai, vai assim mesmo”

Ai me colocaram lá, tampando com colchão assim, que a surpresa. E eu lá em cima, e o público vendo tudo isso acontecer, o público vendo colchão, o público me vendo subindo no negócio, no tecido. E eu lá e eu lá com essa caixa.E eu “ai gente que que eu vou fazer”, porque eu não sabia o que eu ia fazer. Não é que tava tipo super combinadinho, não tinha o que fazer com aquela caixa, só lembro que foi Tay apresentando, e aí o Caê entrou, e eu acho que Sara entrou também, porque Santa estava em outra função, então a Santa tava só ajudando a organizar.

aí Sara entrou, Caê entrou em cena para falar que a gente tava mudando de nome, e aí enquanto eles entravam eu ia descendo lá com a caixa assim ó. Com a caixa cheia de pisca-pisca, que era uma mini urna, eu acho que era isso, era uma mini urna. Mas gente eu não tinha que falar sabe porque quando o público ver uma pessoa descendo, ele espera alguma coisa dessa pessoa, ele espera que alguma coisa, nem que seja uma estrelinha, mas que alguma coisa essa pessoa vai fazer e a pessoa não

fez nada. Meu gente eu nunca tive tanta vergonha em cena sabe quando você não sabe onde ficar sabe. Que aí ficou Tay, Sarah e Caê falando sobre a mudança de nome, também ali daquele jeito, meio truncado assim, meio não sei o que. E eu, ai eu desci e fiquei assim “mudança de nome”, dai eu vinha para cá, daí eu ficava aqui e eles ali, daí eu voltava para perto deles e ficava mais atrás, Dai eu ficava tipo lembrava das aulas de teatro “preenche os espaços vazios”, aí eu ia lá para o espaço vazio, eu não sabia bicha, eu não sabia o que fazer, e eu morrendo de vergonha. Ah gente que vergonha.

E aí a gente foi para trás e ufa passo essa parte vamos para caixa. Aí a gente se enfiou dentro da caixa. E a gente dentro daquela caixa e ninguém entendendo porque a gente estava lá dentro daquela caixa e Tay estava tempo todo falando “estamos mudando de nome, porque não sei o que, porque é transfobico”. Só que a mensagem não estava chegando no público. Tinha uma barreira de comunicação que a galera não estava entendendo. E aí quando a gente chegava com aquela caixa as pessoas não olhavam na nossa cara, as pessoas... Eu, Caê e Sarah dentro de uma caixa, uma caixa gente, um caixa desse tamanho, com dois braços para fora e os olhos assim. Ninguém olhava pra caixa, juro eu me senti esnobado. Eu lembro até da cara da pessoa que, tipo assim, a gente falou “Meu você não vai falar, dá um nome aí para gente, escrever ai” a pessoa olhou assim para mim e voltou a fazer as suas coisas, que é conversar. Não muita vergonha amiga, muita vergonha.

No fim das contas a gente pagou esse mico. Quando a gente recebeu os papéis a gente, durante, a gente tava vendo, tipo meu a galera começou a sugerir “Ah já sei Ocupação Mulheristica”, Ocupação Uteristica, “Deixa Ocupação Vulveristica mesmo”, “Ocupação Vulveristica é legal”. A gente não recebeu quase nenhuma proposta que conversasse com que a gente tava querendo fazer. E isso ainda durante aquela apresentação, parece que durou 5 horas né, de tanta coisa que foi, tanto sofrimento.

Aí a gente olhou e falou “Não meu, não, a gente precisar falar com eles, já sei vamos ler o texto, tem um texto na internet. Já que eles não estão entendendo e a gente não ta conseguindo explicar. Vamos ler o texto que ele ta bonitinho, a gente escreveu bonitinho. Vamos ler o texto dizendo porque que a gente ta mudando de nome”. E ai lá fui eu, e eu não lembro muito como é que foi isso, parece que eu que fui procurar esse texto, acho que eu fui lá procurar o texto e falei “É esse aqui”. Mas gente isso foi no calor da emoção entendeu. Foi no calor da emoção, com muita vergonha, não sabia mais o que fazer, e aí a coisa rolando e eu falei “Já sei, é esse texto aqui”.

Aí eu fui lá, aí eu acho que Tay ou alguém me apresentou “Ah essa pessoa aqui vai ler o texto” e eu falei “Ah gente eu vou ser esse texto e tals, é sobre a mudança de nome”. Ai sabe quando você, eu me lembrei muito da escola, não só da escola, mas da faculdade quando a gente ta lendo um texto mas a gente não tá interpretando ele.

A gente ta ali no calor né tipo é só le “ta,ta,tá,ta,ta,tá,ta,ta,tá”. Dai eu lendo, lendo, lendo o texto. Gente aquele texto era um texto que era bem da internet que falava assim “Nós vamos mudar de nome, estamos com o pensamento de mudar de

nome, em breve você saberá mais sobre isso. Por enquanto clique no link abaixo para não sei o quê, não sei o quê".

Eu só fui perceber que era o texto errado quando eu li clique no link abaixo. Parecia que eu tava, sabe quando você manda o trabalho da Wikipédia para professor que tem até aquele hiperlink sabe. Gente... clique aqui para saber mais. Era isso clica aqui para saber mas... aí eu olhando pro público e aí eu lembro que tinha um pessoa, a única pessoa trans que tava na plateia. Que vergonha gente. Ele ficava olhando assim pra gente com uma cara de desgosto de tipo mano vocês estão falando bosta, que que tá acontecendo, Credo.

E eu olhava para ele, e olhava para o público, olhava para o texto daí eu tipo "clique aqui para saber mais"... E eu não lembro se eu sai de cena logo em seguida, só sei que tipo. Ai eu lembro que eu olhei lá pra Santa, lá no fundo, e a santa (Acenando que não)"É o texto errado, é o texto errado" ai caralho. Ai beleza a gente saiu continuo com a caixa, todo mundo derrotado, não sei que. Ai eu falei "Gente eu preciso ler o texto certo né". Aí foi lá de novo, que eu acho que assim ponto positivo para mim, porque eu não posso ficar só me rebaixando não, fui lá assumir meu erro e falei "Gente li o texto errado, posso ler de novo? Eu sei que tá todo mundo cansado" que era nítido na cara do público que eles estavam cansado da história, estavam cansados. E aí lemos o texto, já era o finalzinho da Ocupação, daquela edição e a galera foi para casa com várias dúvidas, várias rejeições, muita gente não concordava. Teve pessoas que não entenderam o que a gente tá querendo dizer, pessoas que não tinham realmente proximidade com a discussão então que não conseguiram decapitadar, decodificar o que a gente tava falando e tinha gente que não concordava. Que tinha muita gente transfóbica, porque tem muita gente transfóbica em todo e qualquer lugar, Radfem, se a gente ta falando de um rolê que era para mulheres, tinha muita mulher na plateia e o que mais tem é essas Radfem. Então tinha muita gente que realmente falava "Não. Tem que falar de vulva sim". Enfim só sei que daí foi o começo do fim mesmo né.

Porque aí a gente falou "mano vamos tentar, vamos tentar essa... mudar esse nome. Daí a gente até fez uma outra edição fazendo uma roda de conversa. Que foi uma edição diferente né, que foi quando a Painé foi apresentar o espetáculo dela lá. E aí a gente tipo tinha aprestação de Painé né então durante a tarde a gente fez algumas oficinas, roda de conversa. Então a Santa deu oficina de pirofagia, que foi muito massa. Alias uma coisa dahora da Ocupação, essa oficina e as coisas que a gente se ensinava né. Teve a galera e uma galera trans foi lá falar sobre a presença de pessoas trans nesses espaços circenses e artísticos, tal. E é isso, foi muito legal

Essa roda de conversa, colaram várias pessoas, pessoas da música, pessoas da performance, do vogue sabe, pessoas que a gente conheceu lá. Mas ainda assim não foi o suficiente para essa mudança de nome acontecer. A gente vê que não tava rolando sabe, não tava indo para lugar nenhum. A gente não conseguiu mudar de nome.

E aí a gente começou a falar "Aí mano se pá que é melhor acabar". Também as pessoas começaram a ficar cansadas, pouco dessa organização, falta de organização, é um coletivo não é, o nome é transfóbico, a gente já passou vergonha

lá, a gente não sabe muito para onde ir, muitas demandas externas também de cada pessoa. E a gente falou “Ah meu vamos encerrar o projeto e temos essa grana encaixa eu acho que a melhor maneira...”. E ai a gente fez duas coisas né, a gente chamou a Cia Fundo Mundo e fez nossa última edição. E aí a gente chamou a Cia fundo mundo também porque a gente acha o trabalho deles fudido e também num sentido de reparação sabe. Num sentido de reparação, porque é um coletivo de circo composto por pessoas trans e então foi nesse sentido de reparar. Então todo esse dinheiro que a gente tem de caixa não vai ficar com a gente. Vamos colocar em pessoas que a gente bota muita fé no trampo, admira muito e são pessoas que esse espaço, esse coletivo e esse projeto excluiu. Não são essas pessoas individualmente, mas esse grupo de pessoas excluiu pessoas trans, violento pessoas nesse sentido sabe, foi uma violência.

Então vamos trazer essa galera, então a gente nem divulgou, a gente usou nossas redes sociais porque elas tinham bastante gente e tal, mas não era uma Ocupação Vulveristica apresenta. Era tipo Cia Fundo Mundo na Lona da Unesp, primeira vez em São Paulo sabe. E eu acho que foi ótimo assim, foi uma ótima maneira de acabar tá ligada. Acho que foi uma ótima maneira, acho que é uma ótima solução nesse sentido sabe. Eu acho que foi uma boa decisão

Letícia – E o que fica do Fim? Pensando no encerramento, reflexões. O que fica?

Maré – Aí fica bastante coisa, né. Tipo, tudo isso, dessa história, muitos momentos bons, muitas amizades, sabe. Fiz muitas amizades. Esse BUM também de me entender uma pessoa artista, de entender que eu faço arte. Esse BUM profissional mesmo. Que muitas pessoas me conheceram porque eu estava na ocupação. E hoje já consigo trabalhos que eu acho que foram, são frutos que eu tô colhendo, dessa sementinha que eu plantei lá atrás. Acho que fica muito aprendizado de entender como é babado a gente está em coletivo, né. Tipo, cada pessoa alí, com todo o seu universo, e como a gente pode ser agressivo com quem tá do nosso lado, sabe.

Como a gente pode estar apagando as pessoas, sendo destrutivo mesmo, sabe. Tipo, como de fato se fortalecer, sabe. E fortalecer cada pessoa. Teve até um caso de uma pessoa do grupo, que tava no corre com a gente para caramba, passou nesse encontro de mulheres do círco, lá em Ribeirão, não tinha grana para pegar o busão para ir para lá e, tipo, a gente tinha caixa. A gente, tipo, tinha uma caixa. Tanto que a gente pagou um cachê depois. A gente tinha caixa, isso é fortalecer tá ligado, isso é você olhar o outro também, entende?

Então acho que esse é um dos aprendizados, tem os apresentados positivos, felizes também, né. Porque não são só os aprendizados que gente fica “carai”. Mas tem os aprendizados felizes. De, tipo, aprender a fazer as coisas mesmo, sabe. Meter as caras e criar os nossos próprios espaços. Como criar os nossos próprios espaços sabe. Tipo, bem assim, como fazer. Como fazer! Esse como fazer é incrível, eu me arrepio e me emociono sempre que eu lembro da Cia Fundo Mundo lá, sabe. E como foi tudo, sabe. Como foi tudo! Tipo, trabalhar para que elus viessem, trabalhar para

elus, real. Assim, tipo, foi meu “Vamo fazer um camarim, a galera é vegana, não sei o que, não sei o que”, fazer as coisas.

Fica uma chateação, tipo, que pena que a gente escolheu um nome transfóbico, mas que bom. Que bom no sentido de, que bom que a gente aprendeu isso. Que merda que a gente foi transfóbico, mas tipo, mano, vê quem a gente era no começo da Ocupação, nossas cabecinhas com relação a isso, e muitas outras coisas, questões raciais, questões sociais. E ver tudo que o nosso coletivo, a gente junto conseguiu fazer assim ó. Vira várias chavinhas, em várias cabeças, é muito massa também, sabe. Muito massa. Mas ainda assim, que merda que a gente foi transfóbico tá ligado? Que merda.

E pô, ia ser tudo se a gente tivesse escolhido um nome que fosse melhor, se a gente tivesse se entendido como o grupo antes, se a gente tivesse escrito editais, se a gente tivesse…. sabe? Que eu acho que isso poderia ter gerado muito mais coisa, mas ao mesmo tempo, tipo, foi o que foi, tá ligado.

Tipo, foi o que foi, com tudo isso. Com todos esses balanços que eu falei. E também, eu acho que… Como eu disse, eu acho que é uma boa decisão, o fim, sabe. Foi uma boa decisão. A gente parou na hora que precisava, que não dava mais. A gente tentou terminar com festa. Terminar sabe, tipo, bem. E a última Ocupação foi bem emocionante para mim também, sabe. Aquele público é um público que eu tenho muito carinho, muitas pessoas iam lá várias vezes. Nossa, e alias eu tava até vendo o vídeo da última Ocupação, que eu não tinha visto ainda o meu vídeo. Porque eu precisei, para mandar... Aí gente, o melhor vídeo que eu tenho do meu número, ‘A caminho do mar’, atual, que é o número com todas as modificações que eu já fiz, veio da última Ocupação.

E aí, nesse dia, eu lembro que tinham várias pessoas pretas na plateia. E aí, enquanto eu fazia os gestos, né. De referência aos Orixás, as pessoas ficavam falando, entoando essas referências, então, é lindo, sabe. É lindo, lindo. Então quando eu faço o gesto de Oxóssi a mulher fala “Okê Arô Oxossi” no meio da plateia, sabe. É lindo, é lindo. Então é um público que me acolheu muito, sabe. De, tipo, realmente eu vi mano….. eu vou falar. Da galera assim aplaudindo de pé. Teve uma vez que eu apresentei que a galera aplaudiu de pé, tá ligado? Aplaudiu de pé, gritando assim, tipo, do meu ouvido fica assim “piiiiiiii” e eu tipo... Eu ainda preciso aprender a agradecer. E eu assim “ai gente tititi, ai brigada”, sabe. Gente, isso é demais, demais, demais. E esse espaço que possibilitou isso, saca.

Letícia – Nossa, eu to arrepiada aqui. Sabe quando sobe assim...

Maré – Eu também, tô aqui querendo chorar. Querendo chorar.

Letícia – Tem mais alguma coisa, que eu não te perguntei que você gostaria de compartilhar? Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Maré – Sim, tem mais uma coisa que eu gostaria de dizer é que aquele espaço da Unesp sabe, que tá sendo totalmente desmontado, assim como outras

universidades públicas sabe, todas as universidades públicas estão sofrendo algum tipo de desmonte. E a UNESP está sendo totalmente atacada e pensando no circo né, focando nesse circo, como ele tá e sempre esteve, principalmente, nas costas dos estudantes sabe.

Esse circo só acontece por causa da galera que se dispõe, dos Estudante, a estar lá. Tanto que a limpeza a gente faz porque a Unesp não disponibiliza uma equipe de limpeza para estar lá. A gente precisa de uma lona nova sabe. E nossa o dia que a UNESP começar a tentar comprar uma lona nova, eu juro para você que eu vou aqui ó, vai chover, vai ter um temporal assim. Porque a gente precisa de uma lona nova, então a gente tem um equipamento de luz que tá babado, só que ele corre risco de ser prejudicada porque tá entrando água nessa lona.

Tem um projeto de extensão só, se eu não me engano, que é o circo da Barra, que pessoas recebem bolsas e que de fato tem esse vínculo com a instituição, mas é um só. Enquanto tem vários projetos, a Ocupação vulveristica, EPIA, Circolar e vários outros que talvez eu não lembre ou não conheça... O Balbúrdia sabe. Que ocupam aquele espaço e que fazem as pessoas conhecerem a universidade pública, ocuparam universidade pública, faz de fato aquele espaço público, não recebe nenhum tipo de incentivo, da faculdade, nem um tipo sabe. E é um espaço muito importante para a cena de circo, de São Paulo, porque é um dos únicos espaços que tem equipamentos de aéreos, que tem colchões, muita doação que a gente recebe de pessoas que trabalham em lugares e que treinam lá e conseguem colchão para gente. É rateio que a galera faz, esses projetos, para comprar as coisas e ai é um dos únicos lugares que dá para você treinar livremente, quem tem horários livres para as pessoas irem lá e treinar. Então é muito importante para o circo em São Paulo, é muito importante.

Então é isso que eu queria dizer. Colocar uma atenção nesse espaço, colocar uma atenção, uma pressão na Unesp mesmo, uma pressão na Unesp. E ocupar, não deixa de ocupar, porque o que eles mais querem é acabar com esse circo. Qualquer coisinha, um motivo que a gente de, eles vão acabar com esse circo. Eles vão fazer qualquer coisa lá, capaz de montar uma árvore no lugar.

Letícia – Ainda mais agora
Maré – Ainda mais agora que tipo...
Letícia – Pandemia

Maré – Exato, momento de pandemia. Então assim... Eu passo lá na frente eu fico vendo de fora, se de fora... Serio gente a lona deve tá ficando cada vez mais carcomida sabe, daquela poluição, que é na frente da Barra Funda, totalmente sem cuidado.

Então é de tentar da comunidade mesmo sabe, circense, artística, a galera que curte, a galera que gosta de assistir de tentar fazer uma pressão e cada vez mais ocupar, quando a gente conseguir voltar com encontros presenciais, vir todo mundo sabe. Sempre cabe mais gente, para gente fazer esse bafo e não deixar acabar, não deixar acabar. É isso.

APÊNDICE D – ENTREVISTA BEATRIZ SANTIAGO

Entrevistas na integra e em ordem cronológica conforme foram realizadas.

Data: 27 de novembro de 2020
Entrevistade: BEATRIZ SANTANA

Letícia – Conta um pouquinho sobre você.

Beatriz – Bom, eu sou a Beatriz, Bia, mais conhecida como santa. Eu sou Artista Educadora, sou formada pela Unesp, e também como artista né tenho feito, fiz, não sei isso é meio confuso para mim, porque eu sinto que a minha trajetória artística ela é super nuançada assim, vários picos de fazer um monte de coisa, e depois não fazer nada sabe, então até se dizer artista às vezes é meio tipo “pera eu sou artista mesmo?”. Mas eu entendo que sim, que uma existência criadoura, uma resistência que pensa artisticamente é uma existência artística, então eu sou artista educadora.

E ai, eu sou doula também, mas isso não tem nada haver. Como artista eu sou bufa, embora a muito tempo não faça isso, mas eu me considero sim bufa, bufona, sou atriz, sou pirofagista.

E gosto muito de me aventurar por outras áreas assim né, tipo de pensar esteticamente como as coisas ficam, de pensar em produção, embora muito inexperiente, mas gosto de pensar sobre, gosto de escrever, e nunca mostro para ninguém. (risadas) Mas gosto de escrever, enfim... Me sinto ativa e ao mesmo tempo não, é uma confusão, mas é isso. Sou eu, Santa, artista educadora e sou doula também né, de novo que há muito tempo não faço nada, mas é algo que eu carrego comigo nesse lugar de uma existência que escuta né, e que tem uma presença ativa de cuidado, de escuta, de carinho, de atenção, acho que isso tem muito a ver com a doulagem assim, que tem a ver comigo também.

Eu sou casada, recente, eu me juntei com meu companheiro Jupitter e tem sido muito gostoso, essa aqui é a nossa casa, e tem sido muito gostoso assim, cuidar dessas plantas junto. Ele cuida mais que eu, mas tem sido gostoso também, a gente cuidar junto e criar esse espaço juntos. É novo e gostoso para mim poder estar junto com outra pessoa assim sabe, é isso sou uma pessoa bissexual, sou uma mulher CIS, e... sei la, que mais, é isso. Eu amo pudim, pronto. Amo pudim, amo fazer bolo. Bolo eu já gostei mais, quando eu era mais nova fazia muito bolo, hoje em dia faço quase nada, mas acabei de fazer um bolo de frigideira com a minha amiga Leka e foi perfeito, foi muito gostoso, na próxima vai ficar melhor ainda.

Letícia – Se você fosse contar para alguém como surgiu a Ocupação e como foi esse primeiro momento né. Da criação do projeto, da sua entrada dentro do projeto a partir da sua perspectiva assim, como você vê esse processo?

Beatriz – Nossa foi muito doido, porque eu sinto que na Ocupação eu também encontrei espaço sabe. Quando a gente se juntou para fazer a Ocupação acontecer, ninguém sabia como seria e ela nasceu um pouco dessa vontade de se amostrar sabe.

Que a gente fala também né, tipo era uma vontade de todo mundo de estar junto e mostrar, e mostrar para o mundo o que a gente tava fazendo.

E em sua a maioria, naquele momento, era o grupo de mulheres Cis, e a maioria branca e com outras etnias no meio né, outras racialidades. Mas foi isso assim, a gente se encontra nisso, e com a vontade de mostrar “Ei tudo bem não são só homens cis que fazem o circo acontecer. Nós também estamos aqui fazendo”. Então foi esse encontro, que a gente não sabia no que ia dar, mas que foi muito potente.

A gente se juntou em habilidades, em possibilidades, em vontades e de repente surgiu o primeiro cabaré, que foi tipo “Mano, que que ta acontecendo aqui? ”. Foi tipo lotado, um monte de gente para assistir, um monte de retorno muito gostoso de ter, de receber, de ouvir. E tipo a gente ficou “Mano a gente vai ter que fazer mais uma vez né. Vai ter que fazer de novo, e de novo e de novo”. Então eu sinto que a Ocupação foi se descobrindo também, sabe. E nesse processo sinto que eu me descobri também. Porque, é isso né, nesse meu não me dizer muito artista, mas ser. E nesses picos. Eu sinto que a ocupação fez florescer também mais possibilidade, sabe.

Eu comecei com uma dupla, com a Ana, a gente... Nós éramos as Neidas, e a gente era uma dupla de velhinhas que trabalhava no circo e fazia contrarregragem. E aí, foi muito gostoso assim. Poder criar essa parceria, poder criar a Neida, e perpetuar ela por outras, por outras edições também assim. E também, descobri como essa figura se colocava em situação. E aí, é isso, tipo, eu senti que na ocupação foi um espaço de fala, de escuta, de criar… que era isso também. Muita gente criou números para apresentar na ocupação. E aí, as Neidas surgiram disso também. Então, assim, também foi um espaço de criação muito grande, de fomentar. As vezes, eu não tava criando nada, mas de ver as pessoas fazendo coisas, apresentando cenas e mostrando seus números… e a gente às vezes até contribuindo para essa, para esse montar esse número, às vezes com, enfim, mostrar a cena, ensaios e a gente poder assim trocar. Participar desse movimento, trouxe movimento para vida também, sabe. Então foi muito especial assim, e muito doido os rumos que tomaram.

Acho que a ocupação foi um projeto muito importante de ter acontecido, importante de ter finalizado também, mas muito importante de ter acontecido na vida de um monte de gente, sabe. Tipo, de monte de pessoas que saíram com o seu material para poder apresentar em outros espaços. Acho que isso é muito importante. E isso era um dos nossos objetivos no início, né. Criar autonomia. Então, que bom que para muitas pessoas isso foi possível e é isso.

Letícia – E você participou de quais edições?

Beatriz – Participei de todas as edições.

Letícia – E dentro desses, como você falou, desse processo de “vamos fazer denovo, mais uma vez”. Como você vê esse processo dentro da nossa forma de se organizar? Tipo esse, como a gente foi se estabelecendo, criando comissões, como você enxerga esse processo assim de a cada edição a gente foi criando um jeito de

se organizar. Se você fosse explicar para alguém como que a gente se organizava e como se deu esse processo?

Beatriz – Sim. Nossa, sim. Esse foi mais um aprendizado assim né. Como se organizar, como criar algo coletivo horizontal, que obviamente não foi inteiramente, porque algumas pessoas tomavam essa posição de coordenação, mas a intenção era que fosse horizontal e que a gente não tivesse alguém específico que dirigiria esse processo todo. Então eu sinto que isso foi um aprendizado também, porque como fazer isso, a gente não aprende, a gente aprende a maneira tradicional que é um líder, um chefe e as outras pessoas seguindo.

Então foi uma maneira nova de entender como isso aconteceu também. Eu não lembro como foi a primeira Ocupação, se a gente já tinha essas comissões, ou se gente não tinha, mas eu me lembro muito de uma avaliação que a gente fazia sobre como foi essa divisão e como a gente vai entendendo que talvez precisasse... tipo no início a gente achou que todo mundo tomava conta né, todo mundo tomava conta de tudo, aí a gente percebeu que comissões seriam interessantes. E aí uma galera para iluminação, uma galera para espaço, uma galera pra limpeza, aliás limpeza surgiu depois de uma demanda, e tipo mano não dá para qualquer pessoa ficar para limpar. Então a gente criou essa comissão também. Então as comissões foram surgindo conforme a necessidade também né, a necessidade e desejo de melhor organizar esse todo.

Que quando a gente começou esse processo das comissões, que eu não sei se foi na primeira ou depois, mas quando a gente começou esse processo das comissões, inicialmente a gente imaginou que tipo “um grupo da iluminação, um grupo da limpeza, um grupo do som” e a gente foi se dividindo assim, e a gente chegava para fazer, muitas pessoas iam no dia também, para poder colaborar né, porque não era todo mundo que podia estar em todas as reuniões, e que estava nesse contato constante, mas era aberto para que quem conseguisse chegar para ajudar no dia pudesse colaborar ali e construir junto. Então, às vezes, as pessoas chegavam e ficavam meio perdidas, né. Porque imagina um monte de gente ali, que já tá apropriado desse espaço, que já tá, tipo, construindo. E aí, uma galera nova, que a gente convidou para chegar e tipo meio perdida. Então a gente começou a perceber que “Pera, acho que precisa sim de alguém para mediar. Tipo, quem vai de repente liderar esse grupo ou quem vai puxar, né. Não exatamente como liderar, mas de trocar as ideias, né.

Eu lembro até de uma ocupação que a gente começou com uma roda, para todo mundo se apresentava falando nome, dizer quem é. Para aí sim, a gente partir para essas funções de organização, que inicialmente a gente não tinha, e ficamos muito tempo sem fazer. Então, foi um aprendizado de organização coletiva que eu levei para mim também assim, né. De como é importante quando a gente tá indo, principalmente junto, para fazer algo, para... Quando a gente tá junto para construir algo coletivo, principalmente com pessoas que a gente não conhece, como é importante a gente se conhecer, né. A gente saber o nome do outro, a gente olhar e

falar “Oi, bom dia, seja bem-vindo”, né. Como essas pequenas coisas de cuidado mesmo, né. Com o que você tá construindo, fazem diferença para o fluxo disso, né.

Para quem tá chegando também se sentir pertencente. Acho que esse sentimento de pertencimento, também, é algo que a gente tá em construção, né. A gente cada um individualmente, aí no seus caminhos, né. Às vezes busca entender esses significados de pertencimento. E foi algo que eu acho que a gente começou a construir também na Ocupação, né. Como que a gente se sentia pertencente a esse espaço. Como que a gente trazia as pessoas para perto se sentirem também, poder atuar, poder fazer o que quisesse ali dentro né, dentro desse combinado, dentro de tudo, enfim.

Letícia – E dentro dessa organização o que que você acha no começo, quando a gente começou a organizar, e ao longo do processo, como isso foi reverberando pra você? Por exemplo ai isso funciona, ai isso não funcionou. Porque na teoria né falando o que era a Ocupação, tenho a sensação de quem escuta né, acha maravilhosa né. E que a princípio podia ser, porque é uma ideia muito mesmo. Então quais são suas impressões mais pessoais desse processo?

Beatriz – Dessa organização?

Letícia – Dessa organização, isso. Da maneira como a gente se organizava a partir do momento que a gente “A gente quer ser horizontal, a gente quer um grupo que todo mundo possa contribuir com tudo” enfim, desse caminho. O que que você achava dessa proposta de autogestão?

Beatriz – Acho bagunçada. (risadas). Acho que a gente foi muito bagunçade. Acho que exista um desejo e uma distância entre que a gente almejava, entre o que a gente desejava, e a realidade. Acho que é muito román... Realmente é muito romântico pensar a Ocupação né, maravilhosa, a gente chegou e se encontrou e fluiu tudo bem, e que lindo e nossa meu pessoas se encontraram fizeram acontecer, não assim. Acho que fizemos acontecer sim, mas é isso né, acho que a gente já escreveu sobre isso né, a gente organizou muita coisa e se desorganizou também. Acho que a nossa própria maneira de fazer a edição acontecer, reuniões por exemplo, elas não favoreciam né muitas pessoas a chegarem ali. As vezes a gente marcava uma reunião de domingo à tarde e aí vinha gente de longe, vinha gente de perto. E aí às vezes não conseguia chegar, porque domingo é também um dia de descanso, as vezes essa galera tá trampando a semana inteira, ou tá com outro trampos né, pensando os artistas também muitos trabalham de fim de semana também.

E aí essa organização de tipo mano transporte de fim de semana é muito complicado, então muita gente demorar muito para chegar. Eu mesma morava em Mauá quando isso aconteceu né, quando a gente começou, depois eu me mudei, mas eu morava em Mauá quando começou e era puxado né. E tipo Mauá ainda não é fundão de nada, tem um monte de transporte possível e tem gente que mora mais longe ainda, então tipo acho que isso foi algo que a gente não pensou exatamente ne.

Em como facilitar o acesso real de mais pessoas né, e não de quem já tá ali no meio, que já tá ali nessa bolha, que já tá ciente do rolê e tal.

Então eu acho que foi um, foi uma bagunça e que custou muita coisa, mas também sinto que essa bagunça nos fez crescer bastante sabe, nos fez tentar organizar. Não acho que a gente encerrou organizado, acho que nossa um monte de coisa faltava, mas acho que também aprendemos muito com isso sabe, com essa maneira bagunçada, com essa maneira desorganizada. Aprendemos como não fazer tipo “mano isso não dá certo”, sei lá não consigo pensar em um exemplo agora, mas isso de tipo, que eu já falei, de chega, organizar e já era, não.

Isso não tá certo, a gente tem que chegar com tempo, tem que chegar com calma, não dá... Ai eu lembro que na primeira edição a gente chegou mais tarde, 2 horas da tarde, não sei, e a gente percebeu que ao mesmo tempo que era muito tempo lá, tipo a gente ficava cansado para o final do dia quando a gente chegava de manhã. Também rolava de tipo a gente precisa de tempo para chegar, para comer, para ficar bem, tanto que os almoços coletivos surgiram disso né. E aí não sei se foi a melhor maneira que a gente encontrou de organizar esses almoços, mas ao mesmo tempo que legal que a gente organizou e tipo foi muito gostoso cozinhar para todo mundo. Já ai, eu já tô em outra parte né.

Mas enfim acho que esse nosso processo de autogestão, particularmente, me ensinou muito. Do que fazer e do que não fazer assim né. Então, eu to tentando lembrar exemplos né, pra colocar.

Letícia – A gente pode falar das comissões talvez isso ajude. Quais comissões você fez parte? Quais você nunca pensou que você estaria? E como que rola essa troca de saberes dentro dessas comissões que envolvem a organização de um dia, de um espetáculo.

Beatriz – É doido né, um dia só, e a gente tinha uma organização de muito tempo assim né. Muito doido isso de como que foi grande né, como que a gente conseguiu fazer acontecer também tipo, conseguia um dia lá, numa noite a gente se encontrava e fazia um monte de coisa, e ralava e tipo todo mundo trampando em outras coisas, e cheio de demandas, e ainda consegui chegar para fazer tipo isso é muito bonito de ver assim, como a gente, a gente realizou, mas o que que é a mesmo, é da autogestão, como que é dos aprendizados?

Letícia – É da auto gestão, das comissões. Você queria dar um exemplo.

Beatriz – Sim, eu queria dar um exemplo de alguma comissão.

Letícia – Tipo a da comida, que você já tava falando.

Beatriz – Aham, é dos lanches da, da... do próprio almoço assim, da gente encontrar como isso acontecia né. É que eu realmente mano não tô lembrando de como foram as primeiras, isso me dá uma agonia, porque eu queria lembrar para ser

mais precisa assim. Mas eu lembro de sei lá de ter pessoas que tinham proposta de lanches individuais, e da gente às vezes querer fazer uma coisa super megalomaniaca que tomava muito tempo, e as vezes podia ser uma coisa mais simples né. Mas ao mesmo tempo como foi gostoso assim preparar esse cardápio para todo mundo comer e tal.

Eu me lembro de uma vez que eu fiquei… tipo, a gente se organizou muito mal, e eu fiquei sozinha para fazer a comida. E aí, era uma comida que a gente planejava para 40 pessoas. E aí, eu fiquei sozinha, foi uma das últimas edições. E aí, mano, no fim acabei ficando sozinha, porque tipo, a gente falou que ia fazer, não sei quem, chegou na hora tive que fazer. Eu pedi ajuda do meu companheiro, Jupitter, ele me ajudou cortando mandioca, descascando mandioca, e aí fizemos... A lembrei, tipo, alguém ia ficar com lanche e eu fiquei com o almoço, mas ficar com o almoço para uma pessoa sozinha é muita coisa. Tipo, cozinhar para muita gente, meu Deus eu nunca fiz isso! Então, tipo, foi uma descoberta assim. Sozinha, mas rolou.

Cheguei lá na hora com um monte de comida e tinha umas 10 pessoas no máximo, para poder comer minha comida, que eu tinha feito com muito carinho, muita atenção, muito cuidado e também tipo muita comida né. Ai depois dessa comida transformou em, que a gente vendeu e no final do dia comeu e compartilhou todo mundo, que não foi tudo. Então, tipo, tem essas coisas também, né. De como… de como, sei lá… de como a gente contabiliza melhor, como a gente planeja melhor quem vai estar presente, quem vai fazer cada coisa, acho que a gente dividia bem. Mas ao mesmo tempo, às vezes, sobrava muito para uma pessoa fazer, né. Lembro disso sobre a produção mesmo. Que você mesma, tipo, ficava super sobrecarregada, tinha pessoas juntas, às vezes, fazendo, mas também rola um lugar de “A tal pessoa dá conta então ela vai fazer” e não era exatamente assim. Eu acho que isso foi algo de uma falha nossa, né. De não perceber coletivamente como lidar com essas demandas, com essas comissões que são mais pesadas, e que são mais suaves, ou que consegue ter o seu trabalho dividido.

Eu fiquei bastante no financeiro né. E aí acho que foi uma, não sei, foi um erro também assim, de que não rolou uma coisa coletiva, tipo, de como organizar esse dinheiro né. Acho que isso é muito incrível, porque a gente, nosso chapéu era algo bastante né, tipo bastante rico assim né. A gente conseguia conseguir um chapéu bem potente e investir em pessoas para poder filmar, investir em pessoas para poder fotografar e alimentação para né, para que minimamente a maioria dos gatos pudessem ser supridos e a gente pudesse fornecer esse material para as artistas, pros artistas, pres artistas.

Mas sinto que tipo a gente pudesse ter organizado melhor financeiramente sabe, sei lá, a gente não tem muitas, muitas, muitas, como chama, muita documentação desse dinheiro sabe. De como aconteceu esses gastos, essas entradas, e tudo bem porque acho que isso é muito legal de rolar uma confiança, mas talvez para a gente ver esse histórico mesmo né. De quanto entrou, de quanto saiu, acho que seria uma coisa importante assim da gente ter prestado atenção.

Acho que a gente também errou em não ter pensado políticas, métodos, possibilidades, que contribuíssem para mais pessoas estarem presentes né. Para

mais, para pessoas que não fossem brancas e cis estarem presentes. Acho que a ocupação vulveristica foi “Ual, um babado. Estouramos, Ocupação Vulveristica”, tipo né “uhul, viva a vulva”, só que assim de que vulva a gente ta falando né. Eu acho que esse foi um primeiro equivoco nosso assim, não sei se um primeiro, mas um dos grandes equívocos nossos né.

De querer construir um espaço horizontal e plural ao mesmo tempo, que não né, super, super, super Branco, super cisgênero né. Então acho que a gente errou também não ter esse pensamento crítico, essa autoavaliação né, de como construir esse espaço de verdade né, que enfim, que pessoas com vulva conseguem exaltá-la, que não são todas as mulheres que tem vulva né, enfim, varias coisas colocadas aí, não sei se a gente vai falar disso depois, mas enfim esse equívoco do nome mesmo né.

Um nome que tem várias coisas, vários significados embutidos nele. Quando a gente vai escolher como a gente se chama a gente precisa muito... prestar atenção nisso, né. Nosso nome carrega uma identidade, essa identidade é história, é estética, é memória... enfim, reaviva um monte de coisa, né.

Então como que a gente escolhe isso, fica um aprendizado também. Para próximos nomes e para, enfim, para próximas, próximas coisas que a gente vai fazer, de como escolher melhore isso né. Conforme o que a gente acredita.

Letícia – Assim eu não sigo uma ordem especifica, então conforme vai surgindo os assuntos eu vou colocando. Então a gente pode continuar falando sobre o nome. O que você acha do nome no começo, e como se deu esse processo de consolidação desse nome, e tudo que foi acarretando dentro disso, até o processo de mudança. Como foi isso pra você, na sua memória, vivencia, o processo do nome?

Beatriz –.Eu lembro que quando a gente escolheu esse nome, tinham outras propostas de nome. Só que eu achei muito ruim. Eu achei Ocupação Vulveristica sensacional: “meu, esse nome é incrível meu, ocupação vulverística. Olha que diferenciado. Que tipo, uou, vulva, vulverística. Nossa meu, incrível”. E assim como eu, outras pessoas também acharam isso, né. E esse nome foi o mais votado.

Eu não lembro quais eram... Era tipo ocupação das minas, sei lá, mina no circo, uns nomes assim. Que até hoje eu não gosto também, eu não gostaria também de ocupação das minas, acho meio brega esse nome e tal. Então Ocupação Vulveristica surgiu como uma possibilidade de algo diferenciado, que para mim era interessante de ter como nome. E aí eu lembro que a gente, enfim isso, foi definido esse nome, na minha lembrança que pode estar errada, foi a maioria que realmente voltou, embora outras pessoas tivessem outros pontos de vista, mas a gente não chegou a ter uma discussão relacionada a transfóbia nesse momento... a transfóbia, ao racismo embutido nesse nome.

Então não rolou. Mas eu lembro que pouco depois, para gente ajudar uma dupla de amigos a criar o número, a gente foi assistir esse número. E aí a gente, aí surgiu a frase né, era um número falando sobre investigação da buceta e como que as pessoas deveriam fazer isso né, tipo incentivando, o número no caso, mulher cis a

investigarem a sua própria buceta, como ela é maravilhosa e não sei o que e nã, nã, nãm, um número de palhaçaria. E aí, era um numero muito legal, mas também era o número problemático, porque era o número, porque também era o número que, enfim, que falava da buceta única e exclusivamente relacionada a mulheres cis. E aí nesse momento a gente falou é mas espera, eu lembro de assistir o número e falar “Mas espera a maneira como vocês estão colocando parece que são só mulheres que têm buceta e fica um pouco estranho”.

E aí as pessoas que estavam fazendo o número na época falaram “Ah é? Não, mas não é isso que a gente quer dizer, imagina”, aí mudou uma frase do número e falamos “não se falar assim então, então é isso, se falar desse jeito então acho que supre, supre. Então tá bom”. Aí foi isso, foi esse, foi esse acordo. E aí esse número foi apresentado, acho que mais uma vez, e nessa ocupação foi na primeira ocupação, eu lembro de uma pessoa que foi assistir, e eu não sei se era uma pessoa trans ou não, mas era uma pessoa que tinha esse pensamento né, que quando foi assistir falou “Eu não vou ficar aqui porque esse lugar é transfóbico, esse lugar não diz respeito a mim”, eu acho que era uma pessoa trans sim, “esses lugares não diz respeito a mim, esse lugar é transfóbico” e saiu logo na nossa entrada.

Porque a nossa entrada era “Vulva” na cara. Então tipo a pessoa saiu e aí eu lembro da gente ficar tipo “Mano mas como assim tipo se essa pessoa tivesse ficado mais um pouco ela ia ter percebido que não é. Meu como assim. Meu, não, ei. Ah tá bom agora a gente não pode falar sobre vulva que a gente é transfobica e não sei que”. Eu lembro de rolar essa nossa conversa, nossa meia indignação e tal.

E aí seguimos, sem esse questionamento também, até que, não me lembro quando, a Ocupação durou 2 anos, então talve tenha sido um ano depois assim, não sei quantas edições. A gente começou a falar sobre a gente né, em grupos né, a gente começou a conversar “Nossa mas será que esse nome é legal mesmo, não sei se esse nome é legal. Ai esse nome tipo”, a gente começou a se questionar e aí a gente trouxe para o grupo, para o coletivo discutir essa questão. E aí a gente começou a falar sobre, e o grupo todo, a maioria do grupo, sentiu que realmente era um nome que não tava legal, que estava afirmando, no início a gente falava apenas sobre transfobia, era nome que não estava afirmando o que a gente pensava, coletivamente. Embora naquele coletivo tivessem pessoas com vários pensamentos, eu não sei se na época tinha feministas radicais, mas tinham pessoas com pensamento bem voltados para esse lugar assim, mas que na hora toparam fazer essa mudança. Topo, topo, é isso.

E aí esse processo do nome, menina, foi uma loucura. Porque a gente queria resolver isso coletivamente, inclusive com público, porque a gente achou que seria interessante público participar dessa mudança, porque né, a gente tinha uma visibilidade grande enquanto Ocupação Vulveristica, e a gente achou que não faria sentido do nada mudar para outro nome, sei la Ocupação Salamandra, e ninguém ia saber quem era. Então achou que poderia ser interessante fazer essa mudança junto com o público. Só que a gente se embananou muito nisso né. Acabou que a gente definiu uma comissão para isso também, que era como a gente se organizava, e essa comissão... Ficou só essa comissão pensando sobre mudança do nome, no restante

até tinha pessoas interessadas, mas assim ninguém botou a mão na massa pra pensar. E essa deveria ser uma prioridade do grupo como um todo né. Afinal de contas, como a gente já falou, o nome algo importante, é como a gente se nomeia, como a gente se coloca no mundo, é muito importante, não dá para uma parte do grupo, de quatro pessoas, eu tava nessa comissão do nome, ficar responsável por isso.

Aliás ficou nesse grupo eu que sou cis, uma pessoa que já se identificava, não, não se identificava, mas que tava ali pensando, num processo de entender essa transição e uma não binaridade, uma pessoa que tinha afinidade com esse pensamento, mas ainda estava compreendendo isso em si e uma outra pessoa que ate então se colocava como uma mulher cis também, mas assim era um grupo de pessoas que se questionava sobre. E o restante do grupo que, era um grupo de maioria cis, não se importou em fazer parte. Isso já é muito problemático porque a gente já coloca como parte das pessoas que estão incomodadas com isso de se resolverem. Sendo que é um problema coletivo estarem incomodades com isso e querer colocar isso no mundo de uma outra maneira.

Então é muito complicado, muito problemático. Mas aí, enfim, esse grupo teve propostas que não foram legais também, foram tipo umas coisas sem noção. Esse grupo, eu tava nesse grupo né, a gente teve umas ideias de como, de como colocar, de como trazer para as pessoas sugerirem nomes, que foram ideias ruins né, tipo uma caixa gigante ambulante, pessoas andando dentro dela, tipo “que?”. Ninguem via essa caixa, as pessoas passavam despercebidas assim, e mano as pessoas estão dentro de uma caixa não é possível que ninguém esteja vendo, mas sim ninguém estava vendo, ignorando, sei lá.

E durante essa apresentação que foi “A edição de mudança de nome” né, a gente teve alguns textos no meio desta edição que foram ruins também, enfim, foi cagada, essa tentativa foi cagada, mas ainda assim recebemos sugestões. E entre essas sugestões a maioria era reafirmando lugar da vulva, quer dizer, as pessoas não entenderam a nossa intenção. Ou bateram o pé contra porque queriam mesmo ali, enfim, dizer que não concordavam com esse pensamento, com esse ideal né, porque é um ideal. Então, cagado. Foi cagada essa mudança, não rolou. Acho que a gente precisava ter feito isso enquanto coletivo e não colocado essa responsabilidade em cima do público. Se colocado de uma outra maneira, talvez já com sugestões estabelecidas e não para sugerirem dessa maneira tão aberta, sem o grupo inteiro estar em consenso.

Tanto que nesta edição algumas pessoas que estavam na própria organização dela não sabiam o que que tava acontecendo, e vieram perguntar “Ué mas pera ta rolando uma mudança de nome? Como assim mudou? Vai mudar? Ocupação Vulveristica é tão bom”, tipo então foi bem cagada essa mudança. Mas eu também vejo como um movimento, foi um momento que eu sinto que a gente mais se movimentou para tentar transformar algo que não tava legal assim. Eu enxergo isso como também positivo, embora não tenha sido legal, não tenha acontecido do jeito que seria mais interessante, no meu ponto de vista, também considero como positivo

essa tentativa e o erro também. Porque a gente viu que não mano, não era um problema individual era uma coisa ela coletivo.

Mas a partir desse momento a gente também foi percebendo um distanciamento de muitas pessoas. Acho que a Ocupação e esse se afirmar politicamente no mundo, e escolher como a gente se nomeia, e escolher como a gente vai se colocar, trouxe também para muitas pessoas, talvez, um peso, ou uma responsabilidade que não queriam. Queriam só ir lá e apresentar e compreendo, mas ao mesmo tempo se a gente está construindo junto e surge essa demanda coletiva, é complicado a gente só se afastar né. Então a Ocupação foi ficando muito pesada para poucas pessoas carregarem, não era poucas pessoas no sentido de quantidade, mas eram poucas as pessoas perto do que tinha e das demandas que nós fomos criando né, então foi ficando algo muito grande para gente carregar sozinhe, é sozinho né?! Em poucas pessoas. E aí a partir dessa mudança de nome, dessa necessidade de mudança, sinto que foi ruindo, foi aos poucos se desfazendo, se desmanchando, até que a gente decidiu não rolar mais.

E é isso e ter a última ocupação, que pessoalmente para mim também foi muito cagada. Porque eu não tava muito bem, eu fiquei mal de saúde mesmo, eu tava tipo vomitando, e com febre, e enjoada, e um monte de coisa junto. E aí eu queria muito apresentar, mas ao mesmo tempo não consegui apresentar. Fiz uma participação cagada de algo que eu não gostaria, gostaria de ter feito como as Neidas que foi o que a gente idealizou e no fim não foi. Então, enfim, para mim foi meio cágado essa finalização toda, essas últimas edições.

Mas, enfim, acho que se um coletivo termina por essa questão, esse coletivo precisava terminar mesmo, porque não faz sentido continuar com algo que não, que não se revê, que não tem um pensamento crítico sobre si. Então se era um coletivo que se estabeleceu de maneira transfóbica e racista, em diversos momentos, e esse coletivo não tem a possibilidade e a vontade de se rever, de se posicionar criticamente então esse coletivo precisa terminar e dar espaço para outras coisas aparecerem e é isso.

Letícia – Eu sinto que, por todo esse momento, por a gente ter ficado até o final, essas coisas ficam muito latentes. Todo o processo que é dolorido mesmo, tem muita dor envolvida né. Mas eu acho que tem coisas significativas também. Eu queria saber assim, aí é bem particular mesmo, seu. Tem alguma experiência que foi muito significativa para você? Seja apresentando. Alguma experiência muito significativa que te marcou nesse processo todo.

Beatriz – A as Neidas. Pra mim foi muito lindo. Foi muito bonito assim, porque eu acho que foi a primeira vez que eu consegui, junto com a minha dupla a Ana, mas assim eu digo de um lugar pessoal assim, de colocar em prática algo que eu gostaria de fazer sabe. E não através de um coletivo que dirigia, e não através tipo, sei lá, porque no circo eu sinto que tem muito isso dessa autonomia e dessa disciplina que as pessoas vão encontrando para poder criar seus números e criar suas coisas. Porque não é tipo…. Claro que tem muita gente que participa de coletivo, mas também

existe um lugar muito, muito dos artistas tipo ralaram muito para conseguir construir algo seu, um número, uma cena, algo do tipo. E aí eu sempre admirei isso muito no circo assim, eu sempre quis ter, desenvolver a minha a minha maneira de criar sozinha também. E aí eu sinto que as Neidas foi um número, um número, uma intervenção, uma figura, que me possibilitou tá nesse lugar, sabe. E isso foi muito lindo, foi muito especial assim. Estar com a Ana que morava junto comigo, que a gente começou a morar junto quando a Ocupação foi acontecer. Então assim, foi muito, foi muito especial assim, a gente poder criar isso junto e colocar em cena, né.

Eu me senti muito presente. Me sentia precisando ensaiar um monte, mas me sentia também presente. Fazendo, sabe? Fazendo acontecer e depois receber retornos legais, sabe. Tipo, me fez acreditar em mim, sabe. Me fez acreditar no meu potencial, acreditar nas minhas ideias de criação, botou um foguinho, sabe. Para acender.

Outra coisa também, de número, né. Tipo fogo. Esse desejo veio a partir do contato com a Ocupação. Porque o meu primeiro contato mais forte com circo foi lá Convenção, que deu início, que deu início, não, né. Mas que foi um lugar de encontro para fomentar esse desejo de criar Ocupação. Foi nessa convenção também que me veio uma possibilidade de coisas. E um encantamento com o circo que eu fiquei “mano, isso é muito foda. Eu quero, tipo, tá mais perto”, sabe. Até hoje, tipo, eu vou para as convenções. Eu não faço oficina quase nenhuma, porque eu não tenho muitas habilidades, lá com as coisas tudo, das oficinas que rolam. Mas eu amo tá perto. Eu amo ver acontecer. Então é muito lindo tá perto do circo. E aí, é isso, né. Vai te dando desejos. Eu, por mim, eu tava fazendo tecido, lira, malabares com 10 bolinhas, e clave, e aro, e palhaçaria, e bufonaria, e aí, sei lá, tudo misturado. Porque é muito lindo, e muito bonito. E muito, mano, incrível de acontecer, sabe. Mas ao mesmo tempo, algo que me chamou mais atenção foi o fogo, né. E como que a ocupação me permitiu isso. Se eu não tivesse nesse movimento de construir a ocupação, em mim também não, provavelmente, não teria surgido a vontade, e interesse, de fazer algo ligado a pirofagia, a fogo, enfim. E aí, foi muito gostoso poder encontrar esse caminho assim, né.

E poder, também, fazer uma oficina, né. Porque eu nunca tinha, nunca tinha dado, eu, uma oficina, sozinha. E aí, na ocupação eu pude fazer uma oficina de pirofagia. E que tipo, um monte de gente se interessou. E as pessoas do grupo, tipo, “Que legal, uhul, vai ter oficina. Isso aí”. Então, tipo, isso me deu força. E isso me deu vontade de fazer também, né. E é um tema que quando eu falo sobre, muitas pessoas se encantam, e muitas pessoas gostam. E é doido, porque no ambiente circense eu sinto isso muito menosprezado. Porque, enfim…. porque é uma habilidade que talvez não tenha toda virtuosidade que muitas habilidades do circo têm, né. Algo que é muito prezado, a virtuose. Então com a pirofagia, eu fui sentindo esse lugar muito simplista e um lugar muito, tipo, “mano todo mundo sabe cuspir fogo, tá ligado. Todo mundo tem essa relação, todo mundo já fez isso. Que que eu tô fazendo?”.

Mas, por um outro lado, estar na ocupação também me dava fogo, também me dava. Me enchia de vontade, me valorizava, sabe. Eu me valorizava e me senti valorizada. Isso é muito importante, né. Construir essa autoestima nesse lugar

também. Então, acho que a ocupação para mim foi muito importante nisso, assim. E aí nisso... E transformar isso em oficina foi muito especial. Imagina, tinham pessoas ali que eu conhecia, pessoas que eu nunca vi na minha vida, que foram fazer a minha oficina de pirofagia. Nem foram tantas pessoas, mas assim, foi uma quantidade de pessoas que eu fiquei muito feliz de poder fazer. Então, enfim, foi muito gostoso assim. Foi uma tarde gostosa que me deu vontade de criar uma oficina para poder vender para outros espaços e outros lugares. Então assim, foi muito prazeroso. E muito importante para mim me alimentar dessa força mesmo, sabe. Dessa auto-confiança. Foi algo muito forte dentro da ocupação para mim.

Outra coisa muito forte também foi fazer esse movimento acontecer né. Poder estar desde o começo até a última edição, até a apresentação da Fundo Mundo, e tipo poder observar tudo isso, poder aprender com os nossos erros todos, poder discutir sobre. Eu senti cada vez mais. Hoje em dia isso não acontece, hoje em dia eu tenho muito mais….. Eu sou muito mais empoderada da minha voz, né. Claro, por vários privilégios contidos nisso, por eu ter espaço e escuta para poder falar. Mas esse meu processo individual foi muito durante a ocupação também. De aprender a me colocar, aprender colocar o que eu acredito, aprender a me rever, a ter um posicionamento crítico diante do que eu penso. Isso foi muito proporcionado pela experiência na Ocupação também. Então, existe esse lugar, né. De um aprendizado de produção, de um aprendizado de um movimento coletivo, horizontal, de erros e de acertos, mas enfim, de estar ali junto. Isso foi um aprendizado grande assim, dessa organização coletiva, desde o início até o fim.

É isso. Me falha a memória características específicas, mas tá em mim sabe, tá no meu corpo essa experiência, eu carrego comigo até hoje assim. Isso é algo muito positivo. Com erros ou não, né. Com muitos erros e muitos acertos também. Tipo, é muito potente, muito gostoso, muito prazeroso ter feito parte desse movimento, né. Conheci pessoas, me aproximei de artistas que eu admiro muito, pude entrar em espaços e aprender assistindo. E trocando muito sobre criação de números, sobre viver como artista, né. Sobre sobreviver com artista, algo que a gente não aprende na faculdade, por exemplo. A gente não aprende tanto em cursos. A gente só aprende na vida, e o circo ensina muito isso. E na ocupação tiveram, tinha, muitas pessoas que viviam, né. Do Circo, viviam da sua arte. Então foram aprendizados que sigo ampliando, né. Porque é isso, um recorte muito específico, mas ao mesmo tempo é um aprendizado, né. Foi muito importante nesse sentido.

Letícia – A Ocupação impacta, impactou sua vida enquanto artista, educadora, pessoa. E se sim, como é esse impacto?

Beatriz – Impacta, com certeza. A Ocupação com certeza sim, mudou... Ah, eu acho que isso que eu falei agora, né. De como isso me traz aprendizados, isso é algo que mostra como impacta, né. Como fez parte, como acrescentou muita coisa, né. Tipo, mudanças e entendimentos. Tanto sobre o fazer artístico, quanto de pensar politicamente os espaços, quanto pensar organizações coletivas, isso fez muita diferença, né. É isso, né… até entrar na faculdade, eu sinto que eu era uma pessoa

super inocente, né. Que tinha pensamentos em relação à questões sociais, mas em um nicho muito limitado.

E sinto que a ocupação... (Barulhos externos). Isso né, de ampliar a minha visão de mundo, ampliar as questões sociais, ampliar em questões raciais, de gênero, de classe, foi um pensamento, uma percepção, uma vivência, que me abriu a visão também, né. Que me tirou de um lugar muito privilegiado de uma bolha, que eu permaneço nessa bolha, mas que me permitiu ampliar. Me permitiu olhar para os lugares, me permitiu...(Barulhos externos). Mas enfim, é isso, né. De que estar na ocupação me permitiu olhar para além do que os meus olhos enxergavam assim, né. Olhar para outras realidades, estar em contato com outras discussões.

Então essa mudança de percepção de mundo, influencia diretamente na minha percepção, e na minha prática enquanto educadora, enquanto artista. Que assuntos eu quero falar, qual o meu ponto de vista.

Pensando em comédia, né. Qual o meu material para o riso acontecer, como que eu proponho, como que eu construo cenicamente, pedagogicamente, propostas que façam quem tá participando da uma revira-volta, dá uma… dá uma chacoalhada, sabe. Sair de um lugar comum, sair de uma zona de conforto e experimentar outro ponto de vista, outra maneira de ver e se relacionar com o mundo.

Claro que é muito pretencioso achar que em uma apresentação, uma aula, isso vai acontecer, mas como que você movimenta, né. Ao mesmo tempo que é pretensioso, também não dá para andar sem essa pretensão. Então como que através desse pensamento transformado, eu também transformo minha prática enquanto artista e enquanto educadora. E isso fez toda a diferença. Isso a Ocupação me proporcionou um monte.

Além disso né, de pluralidades do que é criar, né. Do que é construir algo junto. Acho que também me fez a atentar há vários pontos importantes, né. Tipo a organização do espaço, como receber as pessoas, como finalizar também o dia, enfim…. que são coisas mais específicas, mas que também transformam esse estar coletivamente, né. Construindo algo tão, tão... Acho que a Ocupação me transforma nesse sentido, sabe. Enquanto pessoa, enquanto... Porque acho que transforma a prática diretamente também, mas muito mais a mim. E aí, eu transformada, transformo o que eu tô fazendo, né.

Eu com posicionamento, com pensamento crítico, com uma autocrítica constante, transforma minha prática em qualquer… nas minhas relações, né. Nas minhas relações de amizades, minhas relações afetivas, as minhas relações didáticas e pedagógicas, artísticas, enfim. Transforma todo esse lugar, que eu acho que… é, a ocupação deu uma engrenada também, né. Eu sinto que estar na faculdade abriu essa cabeça, mas estar em um projeto autônomo fez também se transformar, sabe. Fez também a coisa engrenar.

Letícia – Porque vai para prática.

Beatriz – Porque vai para pratica, é. Sai da teoria, sai do cabeção acadêmico e vai para algo prático, né. E é muito doido pensar isso, porque a gente estava dentro

da universidade, em um espaço teórico, acadêmico, super elitizado e na lona de circo, que era rechaçada. Ela inclusive é mais distante de todos os espaços. E a gente ali fez muita coisa acontecer, fez uma prática, né. Colocou em prática diversos aprendizados e também criou práticas, que a gente não aprendia lá dentro, né. Que foram muito importantes para minha formação. Graças a Deus eu tive mais um ano de formação dentro da Unesp. Se eu tivesse me formado em só 4 anos eu não teria vivenciado, tão vivamente, quanto eu vivencie, a Ocupação e essa experiência que o circo me proporcionou mesmo, sabe. Graças a Deus, que isso. A faculdade precisa dessa prática, né. Que bom que eu estava aliada a isso também.

Letícia – Você enxerga essas possibilidades, que você está comentando, talvez como um espaço para errar, um espaço para experimentar que a universidade não proporciona?

Beatriz – Não proporcionar né. Existe uma cobrança pelo acerto muito grande, e aí falando de modo geral né, porque é claro que a gente encontra pessoas, professores e matérias, enfim, que falam sobre isso, que a gente consegue pensar sobre isso, mas a prática não existe na faculdade, a gente vai na vida mesmo.

E a ocupação foi esse espaço, porque a gente não sabia, quando a gente não sabe, é o que a gente tava falando hoje, a gente não sabe o que a gente tá fazendo, a gente tá experimentando, a gente vai criar a prática, mas a prática é tão cheia de acerto quanto de erros. Então foi muito importante, é isso né que a gente tava falando, poder errar faz a gente não errado desse mesmo jeito, a gente pode errar de outro jeito depois, mas faz a gente aprender com os nossos erros também. A gente discutir sobre o que a gente errou também foi um aprendizado muito grande né, a gente cagava em monte de coisa, a gente errava em alguns aspectos, mas a gente refletia sobre a nosso erro também, isso é tão importante, que enfim só tem como crescer né. Tipo existe uma escolha de não olhar para erro, mas eu sinto que na ocupação a gente escolheu olhar. A gente olhou, às vezes com delay né, coisas de lá do começo, enfim, existiu esse processo de lentidão de olhar para os erros também, porque existe um lugar de romantizar muito esse espaço e essa organização, mas ao mesmo tempo nós também olhamos, nós também lidamos com algumas questões e isso nos fez crescer. E hoje poder falar disso também me faz crescer com essa vivencia né. Acho que é isso, um espaço para errar, um espaço para acertar, um espaço para se rever, foi muito importante.

Letícia – Você acha que a Ocupação teve alguma repercussão, teve algum atravessamento, ou afetou a cena circense contemporânea Paulistana ou até nacional do circo brasileiro?

Acho que sim. Acho que sim. Eu não falo com extrema propriedade de números e de realmente saber, realmente assim com fatos estabelecidos, mas a gente reuniu muitas pessoas ali, e a gente criou possibilidade de quem se apresentou ter materiais para poder estar em outros espaços e eu tenho certeza que isso afeta né. Isso afeta,

isso atravessa, isso movimenta algo que tá super enrijecido né. Além de que nos encontrarmos para falar sobre o que nos aflige já é um movimento acontecendo sabe, então eu sinto que atravessou sim.

Hoje em dia eu sinto que nosso atravessamento poderia ter tido mais amplitude se a gente tivesse tido um olhar mais cuidadoso e crítico em relação a todas as questões que a gente tem falado, mas não acho que não atravessou. Acho que a gente poder saber que existe esse coletivo, esse grupo, se encontrando e organizando as coisas né, organizando algo que reúne, que estimula, que valoriza, que... Como chama isso gente, essa palavra. Deixa para lá.

Acho que nós dentro desse coletivo, enquanto pessoas que fazem parte desse, não é isso que eu quero falar. O que eu quero falar é que a gente enquanto... Varias minas sabendo entendeu que tem tipo uma galera se encontrando e fazendo esse rolê acontecer, fazendo ocupação acontecer, gera também mudanças, e gera era também vontade de pertencimento, vontade de fazer, vontade de se apresentar, eu acho que isso é algo sabe. Ás vezes, isso que eu falei né, a gente não tem números, a gente não tem estatísticas, mas a gente tem a visibilidade acontecendo. A gente vê, sei lá, noites femininas acontecendo, a gente vê noites LGBTQIA+, a gente vê noites pretas acontecendo, é óbvio que a noite acontecer né, esse cabaré específico acontecer não é algo que... não é algo suficiente, mas é movimento acontecendo e sinto que a ocupação fez parte desse movimento sabe, de fazer isso acontecer, de mostrar “Olha existem tem outras pessoas que não são homens, heteros, cis, brancos, fazendo circo. Então vamos olhar para isso”. E aí acho que ocupação fez parte desse movimento, assim como outros grupos em outros lugares né, do Brasil assim, mas acho que afetamos sim.

Acho que né tanto que tem pessoas de diversos lugares do Brasil que passaram pela ocupação né, e levaram um pouquinho dessa trajetória para onde voltaram, por ondem passeiam, para onde transitam. Então acho que tem repercussão, e afeta, e transforma, e atravessa, acho que atravessar uma palavra muito boa, e atravessa outros espaços dentro da cena também sabe.

Foi uma surpresa grande ver pessoas, homens cis branco hetros, presentes assistindo ocupação também, tipo obviamente poucos, obviamente os que estão mais perto, muitos que vão as vezes pelo impulso junto com uma pessoa só para falar que estão indo, mas também é importante essas pessoas estarem ali, para ver em outras coisas acontecerem, vendo que é possível e isso transforma, não tem como dizer que não né. Ainda que seja, não só, mas ainda que passasse apenas por um lugar subjetivo, ainda afeta sabe, então isso é muito poderoso assim, muito grande. Tenho certeza que afeta assim, que afetou né.

Letícia – E o que você... Você já falou um pouquinho lá no começo. Como você acha que o sistema de chapéu e esse tipo de organização financeira afetou nossas possibilidades? Enquanto grupo, enquanto para gerar esses materiais, enfim. Você tinha alguma experiência com chapéu antes? Como fica essa relação para você?

Eu acho que o chapéu foi fundamental para a Ocupação acontecer. Eu acho que se a genet não tivesse... O primeiro chapéu a gente dividiu, entre todo mundo e aí deu R$ 20,00 para cada pessoa tipo, isso pagando os custos todos né. Pagando os cursos que tivemos deu, esses custos de alimentação e tal, deu esse valor para as pessoas. Acho que se não fosse a nossa organização através do Chapéu né, de investir esse valor arrecadado na próxima ocupação, e nas próximas ocupações, acho que a gente não teria o alcance ou a possibilidade que a gente teve sabe, de fomentar mais o trabalho des artistas que foram apresentar. É isso né, eram chapéus importantes que a gente usava para poder contratar pessoas do audiovisual, a gente comprava comida que a gente ia comer, comprava comida que a gente ia vender, e isso foi uma maneira de se autogerir assim né, era um espaço autônomo, sem incentivo financeiro de nenhum outro lugar, que não do próprio trabalho. Então foi uma experiência muito importante de perceber como o chapéu é possível para auto-organização.

Eu tinha tido experiências com chapéu muito vagas, porque a minha experiência com teatro né, especificamente, ela era mais relacionada a editais, então o chapéu ele vinha em um lugar de complemento, em um lugar que não era fonte única, a fonte principal de renda, para o trabalho acontecer. Então ele vinha em um lugar mais despretensioso. Quando o chapéu ele era... Quando na ocupação eu percebi, eu e todos percebemos, que era um lugar de fonte muito importante de renda, e principal, e única, e que existem várias maneiras de fazer um chapéu, de que existem várias maneiras de fazer o chapéu acontecer, e que a maneira como você faz influencia. Nossa é uma pesquisa gigante, tipo, de como isso pode acontecer e de como muitas pessoas sobrevivem com o dinheiro que ganham no chapéu, que ganham na rua, no metrô, no trem, em feiras, enfim, que ganham através da grana que entra disso assim, então acho que o chapéu ele é muito revolucionário assim, ele é uma maneira autônoma, coletiva de incentivar o trabalho de artistas a continuar acontecendo sabe.

Então acho que é muito potente e ver isso dentro da ocupação foi essencial assim, acho que sem o chapéu, talvez a gente conseguiria continuar nas parcerias, mas a gente teve a possibilidade também de fomentar financeiramente outros artistas né, do audiovisual, da filmagem, da foto, de pagar a nossa própria comida, isso é tipo, o início de algo né, de uma possibilidade de autogestão. Acho que os próximos passos seria como a gente faz esse valor crescer e chegar para es artistas receberem também, não só o material, receber financeiramente. Então acho que a gente teria coisas para crescer, mas a maneira como aconteceu e com o nosso objetivo, que era esse, eu sinto que foi fundamental e foi tipo muito bem feito assim sabe. Agora era isso né, pesquisar maneiras de como esse chapéu seria maior, de como seria mais rentável, é algo que a gente poderia ter feito, e para render mais, mas foi muito importante, muito fundamental.

Letícia – E o que fica? Depois de tudo, toda história da Ocupação, o que a gente aprende, o que a gente erra, enfim, no fim de tudo, quando termina, o que fica

para você desse processo todo? E se você tem mais alguma coisa para compartilhar disso que talvez eu não tenha te perguntado, mas você queria falar.

Beatriz – Nossa você falou o que fica e a primeira coisa, a primeira palavra que me veio foi saudade sabia!? Muito doido né, porque eu falei bastante sobre como foi importante ter finalizado, mas foi um momento assim que eu me senti muito ativa, fazendo um monte de coisa sabe, encontrando pessoas na mesma energia, na mesma pegada para fazer as coisas acontecerem. E aí eu acho que me fica saudade e a vontade de transformar assim sabe, de tipo, de continuar criando junto e de poder transformar coletivamente, enfim, essa criação, esse espaço que a gente criou né.

É isso, é bom ter o entendimento de que foi bom ter terminado, mas também fica aquele gostinho assim de tipo “poxa, se a gente tive..” aquelas né, é da vida né, “se a gente tivesse feito de outra maneira, se a gente tivesse feito isso diferente, se a gente tivesse...” talvez seria outra coisa. Mas fica saudade também num lugar de que bom ter vivido sabe, que bom ter conhecido tantas pessoas especiais, que bom ter criado elos de amizade, de parceria que perpetuam até hoje sabe.

Que bom ter, que bom ter aprendido com esse espaço, com essa trajetória. Então eu acho que fica essa saudade, esse gostinho bom, que eu acho que, às vezes, bate esse lugar de “ai queria mais, queria de novo”, mas também é um lugar tipo “nossa que bom ter vivido sabe, que bom poder falar disso agora, que bom poder ter ocupação como parte da minha história”. Acho que foram muitos aprendizados e me dá orgulho falar “Olha eu fiz parte da ocupação” assim entendeu.

Ocupação Vulveristica sim. E aí a gente tipo reviu um monte de coisa, mas é isso mesmo, a gente ainda assim construiu junto sabe, acho que fica esse sentimento e também não compromisso comigo mesma, tipo “mano se foi da hora, então é isso que quero fazer mais” entendeu. Tipo fica esse compromisso de fazer coisas, se na ocupação não rolou, porque não era aquele espaço de colocar né, de desenvolver questões de gênero, e raciais, étnicas ali, de maneira crítica né, se não foi na ocupação, nesse espaço, então que seja nos próximos sabe, que seja em outras ações, que seja em outras práticas, que seja pedagogicamente, que seja artisticamente, tipo, que esteja na minha vida sabe. Que não dá para negar que ocupação faz parte, fez parte de mim, e faz parte de mim também, então fica esse lugar assim, de impulso, de movimento, de motorzinho que tá girando sabe.

Fica esse sentimento, assim. Não sei se eu tenho mais coisas pra falar. Acho que é muito gostoso falar da Ocupação, porque foi algo que eu vivi muito intensamente assim sabe, foi algo que eu me dediquei, que eu enchia minha boca para falar, que eu fazia parte. Então acho que a gente falou bastante assim, acho que é algo muito vivo em mim ainda né, poder falar sobre me dá muita, a me dá um quentinho, me dá um calor, me dá um afago. Ainda mais pensando que algo que tenha, que tem relação com a Unesp, mas que pode se relacionar com outros lugares da vida assim né, com outros projetos, outras... Acho que é isso, acho que não tem muito mais para acrescentar, além de tipo “Mano, que bom fazer parte” sabe, que bom fazer parte da Ocupação. Aprendi muito e continuo aprendendo com ela.

APÊNDICE E – ENTREVISTA NATIELE FONTANA

Entrevistas na integra e em ordem cronológica conforme foram realizadas.

Data: 29 de novembro de 2020
Entrevistade: NATIELE FONTANA

Letícia – Para começar, você pode conta um pouquinho sobre você? Só para quem não te conhece saber um pouco mais.

Natiele – Bom eu sou a Natiele. Eu sou a Natielle Fontana, eu tenho 26 anos. Bom, eu sou atriz, sou performer, sou arte educadora. Estou ai me formando em Licenciatura em Arte-Teatro na UNESP e é isso, né. Aí, na minha caminhada, acho, que já fiz várias... várias coisas. Apresentações teatrais, vários espetáculos, umas performances também. Já fiz uns curtas-metragens e passei pela Ocupação Vulveristica, como passei também por outro coletivo. E aí, é isso, né. Dai a gente vai vivendo, vai tendo ciclos, né. A gente vai vivendo coisas que vão se terminando e vamos começando coisas novas. Sou integrante, também, da Cia das Ventanas, que é uma companhia só de mulheres e eu acho que é um pouco isso. (risadas). Essa sou eu.

Letícia – E para você quando surgiu a Ocupação? Você estava no começo?

Natiele – No primeiro espetáculo não. Porque eu lembro, que eu estava fazendo uma outra apresentação, daí ela estava temporada. Então, no final de semana que rolou a primeira Ocupação, eu não tava. Até que eu lembro que eu apresentei, e aí, eu saí e fui lá no bar da dona Nilza. Eu cheguei lá e, tipo, vocês tinham acabado de apresentar. Eu lembro ainda que troquei uma ideia e tal. E até que eu lembro que, eu não lembro se foi a Vitória Carine ou se foi alguma outra pessoa, que postou falando “Ai, gente tá precisando de pessoas para ajudarem a gente e tal, para somar também” e eu já tava sabendo que vocês estavam fazendo esse... Antes, né, de vocês apresentaram, eu já sabia que tava rolando assim, já tinham pessoas falado comigo. E aí, quando ela postou isso, eu falei assim “Ah mano, eu topo assim, né. Eu acho dahora assim, eu quero conhecer”. E aí, foi.

Daí eu participei da segunda. Aí, eu participei dá segunda Ocupação. Mas foi isso, aí a primeira vez que eu estive junto foi na segunda. E aí, eu fui né. Daí, eu acho que só teve mais uma que eu não participei, também por conta de alguma coisa que eu acho que eu tinha que fazer, que daí não bateu a data, mas todas as outras eu participei, né.

Letícia – E como foi para você esse início? Mesmo que esse seu início foi a partir da segunda, como você lembra, na sua memória afetiva, esse início e a sua entrada do projeto? Quando você foi a primeira vez você já apresentou? Ou você fez coisas antes?

Natiele – Eu acho que na primeira eu fiquei mais na parte da produção, também. Eu acho que eu não cheguei a apresentar mesmo, né, enquanto artista assim, né. Fiquei ali no background assim. Então eu lembro que eu fiz é... Eu acho que foi isso, acho que eu fiquei na produção e fiquei naquela parte ali que a gente é... A fiquei ali contrarregragem. Ajudar as pessoas entrarem e saírem, a gente arrumou o espaço. Eu lembrei disso, da gente ali arrumando espaço, eu lembro de ter essa organização para receber mulheres de fora, né. Receber mulheres que, porque era essa brisa assim, né. Não é só pessoas da Unesp né, Então de estar nesse lugar de receber essas pessoas de fora. Eu lembro disso assim, que foi nesse contexto que eu, que eu comecei a estudar, né. Eu acho que foi mais ou menos isso assim. Eu acho que eu não lembro de muita coisa, de muitos detalhes, até porque faz bastante tempo né, mas eu lembro mais nessa parte.

Eu lembro que até foi o lugar que eu comecei a gostar da produção, porque assim eu acho que tanto com os Mosquitos, com as Ventanas eu já ficava ali nesse lance né. Porque a gente tá ali né, todo mundo, fazendo um trabalho independente, você fica na produção também, não tem como não, mas eu acho que na ocupação foi onde comecei a pensar mais assim, de uma maneira mais aprofundada isso assim, de entender melhor como funciona a produção sabe. Porque eu acho que antes para mim ficava no lugar muito vago, o que que realmente você fazia quando você tá numa produção de um espetáculo. Eu acho que a ocupação foi esse espaço mesmo né, de conseguir entender, de estar alí com outras pessoas que já tinham trabalhado em outros lugares, em que tipo tinha feito produções de coisas maiores, de espetáculos que foram para muitos lugares, então lembro de estar nessa de começar a entender e falar “ah então a produção é desse jeito que faz né. Então preciso resolver isso, isso e aquilo”.

E como tinha esse lance também né, de abrir meio que esse processo, não era um processo seletivo né, mas era, não sei como falar, mas esse lugar de selecionar números para apresentarem. E de estar nessa parte da seleção né, de estar vendo quem que vai chamar, quem que não vai, e isso eu acho que foi muito doido assim né, poder fazer isso e tem que pensar meu como que a gente vai selecionar o número né, quais vão ser os critérios, como que a gente vai decidir quem que vai tá ou não. Porque é isso né, muitas vezes você vê ali muita coisa da hora e você pó ter que deixar um de lado e uns você colocar. E aí eu acho que isso foi uma doideira assim também, tem que pensar nessas coisas. E é isso, foi mesmo um lugar de começar a entender como que funcionava produção, acho que isso, para mim, foi uma das coisas melhores assim.

Que mais... AÍ, que mais, eu acho, que mais me foram importantes assim. Não que mais, não só né, mas foi uma das coisas que mais me foram importantes assim entendeu. Porque eu percebi que eu gosto assim, acho que.... É lógico que eu prefiro tá com um artista assim, eu acho que com tempo também a gente vai se encontrando né, acho que em um certo momento eu entendi que eu gosto muito de estar com o artista, gosto muito de apresentar, mas eu me encontrei também nesse lugar sabe, eu percebi também que eu gosto também dessa parte da produção. Eu também gosto de estar ali atrás sabe, eu percebi nesse lugar de estar de contra-regra, também gostei

de estar sabe nesse lugar de ajudar, e de que que você está precisando agora, que que faz, eu também gostei muito de estar nesse lugar assim, eu achei que foi muito importante também.

Eu até porque é isso. Eu acho que a primeira vez que eu apresentei foi… eu acho que no quinto espetáculo, a primeira vez. Eu acho que foi. E eu lembro, eu acho, que foi o espetáculo que mais ficou cheio assim. Que foi um que lotou assim. Eu lembro que ficou, tipo assim, lotado. Eu lembro até que eu tava lá atrás e eu fui, tipo, entrar…. eu fui, tipo, dar uma olhada assim. E quando eu olhei, eu falei assim: “mano, nossa!”. O circo lotado, lotado. E eu falei assim “meu Deus, eu não creio”. Porque assim, era muita gente assim. Muita gente. Isso porque, eu acho que… foi muito louco, né. Porque, eu acho que também tinha isso assim. No começo da ocupação, eu acho que não tinha essa visão sabe, que ia ser um lance que ia lotar tanto né. Porque é isso a gente via muita gente indo assistir, porque normalmente as coisas acontecem dentro da faculdade né, dentro da Unesp, você vê quem vai assistir, pessoas da unesp, sei la, a galera da usp né. E ali não né, na Ocupação querendo ou não, no circo, você via uma galera tipo muito aleatória né assim, muito diferentes. Uma galera que você vê que não era da Unesp, que não era da USP, você via que era galera que tava tipo ali na rua e que veio assisti né, que colou assim.

E aí isso eu acho que foi muito louco, esse dia que eu lembro que foi a primeira vez que apresentei né, que eu fui lá e apresentei uma cena e tal, eu fiquei tipo “Nossa tá cheio” e foi muito louco assim né. Foi muito bom. Daí também está nessa parte né de ta como o artista também, é um outro lugar assim né, mas porque eu acho que em todas eu fui ficando como produtora né, porque eu gostei ai eu fiquei. Então fui até o final. Eu sempre estava na parte da produção assim. Daí também teve vez que eu fiquei na iluminação né, eu acho que teve umas duas que eu fiquei iluminação, mas acho que é isso assim, eu fiquei, fui migrando, mas a produção foi o lugar que eu fiquei sempre, sempre rolou assim

Leticia – Como a ocupação se organizava dessa forma, de comissões, pra além da produção como você comentou, o que que você achava desse tipo de organização? Dessa organização que a gente fazia. Como você lembra, se você se lembra, de como foi se dando essa organização, se você tem alguma memoria nesse sentido. Ou quando você chegou já existia esse formato? E conta mais sobre as comissões que você fez parte.

Natiele – Então, nossa minha memória é muito ruim né. Eu esqueço muito das coisas, mas eu não sei se eu lembro assim exatamente como que foi a formação da comissão, acho que eu entrei já tava assim, meio que nessa de ah vamos né, tipo somos um coletivo de rotatividade, pelo menos pelo que eu me lembre, eu acho que desde o começo já tinha essa ideia, de que a gente pudesse ser mesmo espaço de aprendizagens, de troca, e de conseguir trazer sempre pessoas novas para dentro. Mas eu acho que ele foi se firmando, firmando um pouco melhor essa ideia né. Porque eu lembro que no começo ainda tava um lugar meio confuso de como que isso ia acontecer. Eu acho que conforme foi passando né, foram rolando os espetáculos, eu

acho que a gente foi ganhando mesmo uma maturidade né. De tá isso dá certo, isso não dá, de ir vendo o que que funcionava ou não, mas a gente foi vendo isso né, o que que funciona, o que não funciona. E aí a gente foi, eu acho, que firmando melhor essa ideia né, de como que é ser isso né trazer pessoas de fora, daí foi tendo isso do formulário né, de fazer esse formulário em que as pessoas se colocavam.

Eu lembro que a gente foi até fazendo, a gente até se aprimorou alí no formulário do Google, para tipo entender “ah então a gente vai colocar o que que a pessoa quer fazer”... Ah porque daí eu lembro que a gente até decidiu isso né, gente viu que precisava de mulheres que ficassem ali nessa parte da montagem né, do espaço, eu lembro que a gente viu que “meu a gente precisa que as pessoas que forem apresentar estejam junto com a gente também”, porque só chegar para apresentar a gente viu que não dava, porque era muita coisa que a gente precisava fazer, tinha que montar toda iluminação, monta toda ali as cortinas e tal. E eu lembro que teve isso né, da gente em reunião falar “meu a gente precisa colocar isso no formulário, especificar que as pessoas precisam escolher também que elas vão fazer nessa parte do começo assim, dessa, meio que essa pré-produção do espetáculo né. Porque isso já era uma produção né, a gente tá ali se reunindo, decidindo, já era uma pre-produção, mas essa é a pré-pré-produção, mas de logo antes do espetáculo a gente precisava ter mais pessoas.

Então acho que foi isso, acho que a gente foi entendendo assim né, conforme o tempo, e os espetáculos foram passando, a gente foi entendendo que funcionava, que que não, que a gente precisava fazer, quais alterações precisava rolar. E aí a gente foi amadurecendo mesmo assim, enquanto produção, enquanto ocupação, enquanto coletivo. E eu acho que para mim que foi mais interessante foi isso assim, de sempre conhecer pessoas novas. Que nem... Meu um negócio muito louco,

a Ísis, não sei se você lembra, a Isis Rogers, a Edi, meu eu tô fazendo aula de parada de mão com a Flávia Martinek, e elas estão lá sabe, tipo junto, e a gente falar “meu a gente se conhece. Da onde a gente se conhece? Da Ocupação” sabe, tipo isso é muito legal né, porque você vai mesmo conhecendo muita gente né, essa rotatividade querendo ou não faz isso né, você abre o leque de pessoas, até mesmo né de estética, do tanto de coisa diferente que teve né, de ideia mesmo, de pessoas apresentando um tipo de espetáculo, pessoas que tava numa outra estética, então acho que também teve muita essa variedade de forma, das pessoas assim né, isso foi, eu acho, que muito interessante.

E aí eu participei né, eu fiquei já na produção, como eu já falei né, foi a parte que mais fiquei assim. Mas eu fiquei já também na contraregragem, já fiquei na iluminação, eu já fiquei alí na parte como artista, deixa eu ver... Eu não lembro se eu fiquei em mais alguma. Não sei se eu já fiquei em sonoplastia também, eu acho que já fiquei alí, não na sonoplastia, mas para auxiliar sonoplastia. Eu acho que foi isso assim, eu acho que essas... A eu já fiquei também para organizar, mas acho que isso está na produção né, para organizar alí as lojinhas e tal, eu lembro que eu já fiquei nessa função assim também. E é isso, acho que foram essas mesmo, as comissões, que eu fiquei né. Porque ai tinha de comida né, mas acho que dá comida nunca consegui ficar assim, e tinha outros também né, mas.

Letícia – E o que que você achava, e acha, desse formato de organização. Quando você pensa num grupo que se organiza dessa forma, que tinha essas comissões, que pensava em promover essas trocas, esse espaço da prática, de aprender fazendo né, tipo poder ver a demanda real da produção, da iluminação, da montagem, essa organização que a gente tinha. O que você acha desse tipo de organização e dessa organização que a gente estabeleceu, de autogestão, que buscava ser horizontal.

Natiele – Eu acho que esse tipo de organização é uma organização que eu acho que funciona muito. A gente entendeu também que não dava para ser, que fosse, totalmente rotativa né, tipo precisava ter esse núcleo que fosse fixo né. Eu acho que se a gente entendeu que precisava ter né, porque senão se perde né. Precisa ter alí algumas pessoas que fiquem sempre organizando, para que essas coisas não se percam assim né. Então acho que teve isso assim, de entender que precisava ter um núcleo, que essa organização, por mais que ela aconteça de uma maneira horizontal, precisava ter um núcleo que organizasse, que tivesse ali tipo sempre.

E aí o que eu acho que é legal assim, que para mim funciona muito, desse tipo de organização de um coletivo, é justamente... Porque assim, eu acho que tem até um negócio que eu pelo menos sempre penso que é, às vezes você vai até procurar uma vaga de emprego né, alguma coisa assim, e você fala, ai tá lá na especificação que você precisa ter uma experiência de não sei quanto anos, ai você fica assim, você já precisa ter trabalhado com isso antes, ai você fica “mais com o que eu vou ter trabalhado com isso antes né, tipo assim, eu preciso trabalhar uma primeira vez né”.

Então assim eu acho que quando a gente vai procurar emprego, a gente vê isso né, dessa questão de ter já tido a experiência antes para você poder trabalhar com, e aí você fica nesse lugar, mas como que eu faço para já ter tido isso antes né, sempre tem que ter essa primeira vez. Eu acho que esse lugar ele traz justamente essa ideia de tipo assim pode estar junto quem já tem muita experiência, como pode estar junto que não tem experiência nenhuma, ou como quem tem pouca experiência, tipo quem quiser, quem tiver à vontade, é isso sabe. O que que você precisa ter? vontade sabe, a vontade de aprender, vontade de estar junto, porque daí eu acho que é isso né, daí você vai trocando, então tem uma alí que tem muita experiência, uma pessoa que não tem, então essas duas pessoas se juntam e vão entendendo como fazer né.

Eu acho que até na produção foi pouco isso, tipo eu nunca tinha feito mesmo produção, e aí de repente eu tava alí com mulheres que já tinha feito muitas vezes, a minha era a primeira vez, aí a gente foi trocando.

E aí depois eu já era uma das pessoas que já tinham experiência, aí chegou gente mais nova que também nunca tinha tido experiência e eu pude também, tipo, o que eu aprendi eu ensinei né, então eu acho que isso que é o mais massa assim né. Porque é esse lugar de falar “a gente tem essa oportunidade para que a gente possa trocar, pra que a gente possa aprender juntas”. Mas eu acho que é isso assim, eu acho que para mim o mais interessante, desse tipo de organização, é esse lugar sabe,

de ser um espaço que você pode chegar, e você pode aprender, e isso não ser algo, tipo isso não ser um bloqueio, você não tem experiência. Porque é isso aí você tem a experiência e depois você pode seguir né, fazendo outras coisas, porque aí do que eu aprendi na ocupação eu levei isso para outros trampos né, para outros lugares.

E eu acho que é isso né também, por exemplo, na iluminação eu fiquei essas duas vezes e tal, eu gostei, mas aí eu também entendi que, tipo assim, não é o que eu quero sabe. Demorou um tempo né, porque é isso a gente vai se conhecendo também, se entendendo. E ai por exemplo eu falei “Ah a iluminação acho que é algo assim, eu acho legal, mas eu acho que eu prefiro estar em outro lugar”, então acho também isso de você se conhecer, de se entender, de entender qual que é o que você mais gosta. Acho que acabou se tornando esse espaço sabe, de você se conhecer, de você entender o que que funciona ou não, porque é isso a gente tinha essa possibilidade de estar passando por essas comissões diferentes. E aí ter essa possibilidade de você também buscar encontrar em outros lugares eu acho que você vai entendendo mesmo que que faz sentido para você né. Então acho que essa também foi um outro ponto que eu acho muito positivo desse tipo de organização né.

Eu não sei, até fico pensando né. Não sei isso eu acho que é uma coisa que me vem, mas de que se a gente for pensar até, às vezes, uma formação de um coletivo, se acontece dessa maneira, você consegue até, tipo realmente, em algum momento chegar no lugar fixo, mas começa com essa rotatividade justamente para as pessoas entenderem onde elas querem estar, o que elas querem fazer, até chegar no momento de falar “eu quero ficar aqui” sabe, “Isso é o que eu gosto de fazer”.

Isso aconteceu um pouco comigo né, nessa questão, que eu já tô repetindo muitas vezes né, da produção, mas essa parte né da produção que foi um lugar que eu acabei ficando né. Tipo eu entrei, aí eu fui ficando na produção assim, porque foi o lugar que eu me identifiquei muito, então eu fui ficando. E aí eu acho que isso faz muito sentido assim né, você poder se encontrar, poder entender o que você gosta, acho que é isso.

Letícia – E como era pra você... Porque quem olhava de fora, tem a questão da lona, a Ocupação na lona de circo, e ter e parecer esse imaginário de que era pra ser um lugar só de circo, e que na real cabiam muitas modalidades. Você mesmo tava falando sobre isso, sobre a diversidade de linguagens artísticas. E eu sinto que você tava nesse lugar de não era circo, mas era também, então tipo, como era pra você das vezes que você tava no palco. Como foi sua experiência das vezes que você apresentou? Quais ocupações?

Natiele – Então, eu acho que assim… Eu gosto muito do circo, né. Tipo para mim faz muito sentido tá no circo, mas é isso eu não tenho nenhuma... Nenhum lugar, assim, do circo, que eu esteja. Tipo “ah, eu sou malabarista” não. Eu conheço um pouco de malabares, eu faço um pouco, mas eu não tô. Não sou malabarista. Então, assim, tem coisas do circo que me atraem muito, que eu sempre tô, tipo, treinando,

mas que não é o que eu realmente sou, né. Tipo eu sou atriz, eu gosto de fazer cena, assim.

Eu acho que ter esse espaço, né. De poder misturar essas várias artes. Eu acho que isso é muito foda. Porque ao mesmo tempo você tá ali… porque é isso, né meu, eu lembro que teve vezes... Que nem, eu fiz uma oficina de pirofagia na Ocupação, né. Eu era louca para aprender a fazer pirofagia, eu gosto muito. E daí, de repente aprendi isso na ocupação. Então, acho que esse é o espaço mesmo, né. De ter essas várias linguagens juntas. Eu acho que só vai agregando, né. Que aí, você consegue juntar o que você gosta… não. É o que você faz com o que você gosta! E aí vai.

É isso. Esse lugar de troca mesmo. E aí, por exemplo, eu lembro que teve… porque eu apresentei essa cena minha, que era uma cena performática, né. E aí, eu lembro que apresentei uma, em outra semana também. Aí, teve um dia que a gente fez um sarau, né. E que foi muito louco, porque eu lembro que nossa era para, sei lá, durar uma hora e pouco, né. Durou muito tempo, foi pra sempre o sarau. Foi pra sempre. Porque eu lembro que teve esse lance, né. De que a gente da ocupação mesmo, né. Que tinha se inscrito e tal, a gente se apresentou, como quem tava ali na hora e “ah, quero falar um negócio aqui”. Então tipo, daí, eu lembro que nesse dia eu mandei uma poesia. Aí, teve gente que cantou, teve gente que mandou outras poesias, teve gente que fez número, teve gente que dançou, então teve muita coisa assim. E eu acho que é isso, eu acho que fica até... assistindo também, né. È muito interessante. A gente via as pessoas, que iam assistir, depois falando “nossa mano, que foda”, pessoas que ficaram, né. Pessoas que, tipo, foram assistir uma vez a Ocupação e sempre que tinha tava lá, porque gostou, né. Eu acho que é justamente isso, né. Porque você ter várias linguagens, várias coisas diferentes acontecendo, torna mesmo o espetáculo mais interessante.

Então eu acho que essas várias linguagens, elas, vão agregando muito umas as outras, e eu acho que um lance também, é que ter esse espaço, né. De dizer eu tô indo para o coletivo de circo. Eu não tenho essa experiência com circo, e eu acho que foi o que mais me fez ter, mesmo, essa vontade de aprender cada vez mais do circo, sabe. Eu estar fazendo essa aula, agora, de parada de mão, tem a ver com estar nesse espaço, sabe. De entender que eu posso estar, sabe. Que eu consigo aprender essas coisas também. Então acho que ter esses espaços assim, eu acho que é isso, acho que dá essa segurança de você ir fazer, né. Porque ainda mais a gente. Pensa, né. Que nem… eu,também to fazendo núcleo de circo e teatro físico da ELT, sabe. E estar lá, a gente sempre discutir isso, né. O quanto que o circo tem muito esse, alguns circos, tem esse lugar da perfeição, né. De que tem que ter um corpo musculoso, e não sei o que lá, e tem todo esse estereótipo de quem que é que faz circo. E aí, eu acho que a ocupação foi um espaço mesmo que eu consegui entrar e entender que eu posso fazer circo, sabe. Que é possível, que tá aqui junto comigo, sabe. E porque é isso, né. Que nem, eu tô nessa vibe mesmo, conseguir juntar o teatro com o circo, com a parada de mão, malabares. Então de consegui criar algo que tem esse hibridismo.

E aí, eu lembro que a gente foi para convenção nacional de circo, lá em Goiânia. Meu, quando? Sabe? Que eu ia pensar que eu ia para lá. E foi louco né, a gente fez várias oficinas. Então, acho que esses espaços de poder ter essas várias linguagens artísticas juntas… eu acho que é isso, sabe. É sempre um espaço de acolhimento e que te abre para conhecer coisas novas, e te dar essa força para falar “meu eu vou me adentrar nessa linguagem, sabe”. Porque, eu acho, que não fica no lugar de, tipo, “A eu preciso saber exatamente o que fazer, eu preciso ser perfeita em tal linguagem para poder estar dentro, né. Do circo assim”. Aí, eu fui percebendo que não, que eu podia estar ali aprendendo, e conhecendo, e me aperfeiçoando, e levando isso para outros lugares. Então acho que foi isso mesmo, assim, sabe. Que trouxe esse hibridismo, essa comunhão de... comunhão artística, né. (risadas).

Letícia – A Ocupação, essa experiência, tem algum impacto, ou teve, na sua vida enquanto artista, enquanto arte-educadora, enquanto pessoa na vida? tem algum impacto, como impacta?

Natiele – Ah, eu acho que o impacto é justamente esse assim, que eu meio que já falei, assim, sabe. De me fazer pensar até essa mesma criação de cenas de uma outra maneira, sabe. Eu gosto muito dessa coisa do corpo, né. De tá com o corpo em cena. Então, acho que o impacto que a Ocupação trouxe foi esse, assim mesmo, sabe. De me adentrar mais na linguagem do circo, de trazer isso para minhas criações, de por exemplo. Isso de ter entrado na ELT. Eu acho que se eu não tivesse passado pela Ocupação, eu não sei se eu estaria hoje na ELT, sabe. Não sei se eu estaria fazendo a parada de mão. Então eu acho que foi esse lugar mesmo, assim. Impactou, acho que dessa maneira, de trazer o circo para minha vida, assim. De trazer isso para dentro da minha arte. Acho que é isso. Trouxe o impacto de conhecer mulheres diferentes, pessoas diferentes, e que me agregaram em muitas coisas. Eu acho que tem um pouco a ver com isso assim.

E eu acho que até nesse lugar também, né. De… porque eu achei que a ocupação foi um espaço em que eu me vi. Eu não sei como explicar isso assim. Mas, que eu acho, que foi um lugar que me deu essa vonta... esse poder assim, sabe. De me sentir… assim… ativa, sabe. E de falar, me dá essa vontade mesmo assim, eu não sei explicar o que, sabe. Mas um negócio que fala “vai e faz”, assim. Eu acho que a Ocupação me trouxe isso, assim.

De ver que é possi.. porque é isso, né. Tipo, a gente foi e fez, sabe. Um bagulho acontecer e que... Pô, eu lembro da gente, uma vez que a gente foi almoçar na... a gente tava lá montando as coisas, a gente foi almoçar, e eu lembro da gente falando sobre isso, assim, “meu tá todo mundo conhecendo a ocupação, sabe. Tipo, você vai nos lugares, as pessoas estão falando sobre isso”. Então de ver que… que é possível, sabe. Colocar as coisas em prática. Então, acho que, eu acho não, foi isso assim. A Ocupação ela trouxe esse lugar de entender que é possível colocar as coisas em pratica, que é possível colocar a mão na massa e fazer acontecer, né. E de estar ali e não tá precisando de macho cis para estar ali, sabe. Fazendo as coisas, né. De ver que a gente não precisa dessas pessoas para tá fazendo o rolê acontecer, assim. Eu

acho que isso foi o que mais foi impactando mesmo, né. Na vida. Porque daí, estar na ocupação fez com que eu estivesse outros lugares, sabe. Que… eu lembro que a minha cena mesmo, que eu fiz, né. 'No sobressalto da minha mente meus olhos dançam'. A primeira vez que apresentei foi na Ocupação, que foi esse dia que tava, tipo, lotado, cheio de gente. E aí, ter apresentado ali, foi aonde eu falei "tá, eu vou apresentar agora em vários outros lugares". E aí eu fui para festival com ela, fui apresentar.

Não sei na onde. Então, tipo, foi um lugar mesmo de ver que... tipo assim, sabe. De ver que minha cena é potente. Porque eu lembro que eu apresentei e veio várias pessoas falar comigo depois, e isso... Eu falei "nossa da hora. Então tipo faz sentido". E aí, eu falei "então é isso, vou né...". E foi isso assim. Para mim a Ocupação foi espaço de poder, de se unir, sabe. De uma dá força para outra, e falar "mano vamos fazer o rolê acontecer". E aí, não tem como, né. É um o negócio que tu vai levar para vida toda, né.

Letícia – Você acha que a Ocupação interferiu, repercutiu, teve uma reflexão, teve um atravessamento, causou alguma coisa na cena circense contemporânea Paulistana ou até nacional? Teve alguma repercussão nessa bolha que se diz do circo.

Natiele – Ah eu acho que sim, porque eu acho que tanto isso né de ter mulheres ali, porque eu lembro de ter ouvido muitas minas falando tipo "mano não tem espaço né, no circo. A gente não tem espaço, tem que treta para ter espaço né" e aí eu acho que foi, que abriu mesmo né. Eu acho que até esse lugar das meninas falar "Rola. Vinha aqui fiz o número, as pessoas assistiram, as pessoas curtiram né, tem potencial, então eu posso levar isso". Pô na convenção eu lembro que teve várias pessoas, que por conta de estar na ocupação, falar "Vou levar. Vou levar para conversão, vou levar para próxima convenção, vou levar para tal festival, vou levar para não sei na onde", acho que repercutiu tanto dessa forma... E aí eu não sei né, isso eu não tenho conhecimento, mas eu fico pensando que talvez até nessa maneira mesmo sabe, de estrutura né, de coletivo, acho que isso também vai influenciar né, acabou influenciando outros coletivos também. Não posso falar acho que com certeza tipo "tal coletivo de circo se transformou por conta disso", mas eu acredito que com certeza fez diferença sabe. E porque é isso né, quando a gente fala, eu acho que de transformar algo, a gente transforma as coisas não é tipo do além, a gente transforma porque a gente transforma pessoas, que se transformam e que tipo vão transformar os espaços em que estão né. Então eu acho que quando a gente transforma, dá essa força para que pessoas, que antes não tinha espaço, falar assim "Pô existe espaço para mim", essas pessoas elas vão transformar os lugares para onde elas vão né.

Letícia – Mas como nem tudo são flores. Queria te perguntar um negócio que, enfim, eu não sei como foi para você, mas gostaria muito de saber, se você quiser falar. A ocupação tinha muito um lugar de gerar autonomia, fortalecer umes es outres que estavam ali, de potencializar o trabalho, e a gente se movimentou muito por conta do chapéu. E depois a gente pode falar um pouco sobre isso. E você foi selecionada

para estar no II Encontro de Mulheres do Circo, lá de Ribeirão, lembra que você foi selecionada?

Natiele – Ah mas pra ir como..

Letícia – Para apresentar não era? Ou para participar?

Natiele – Não, acho que era para participar.

Letícia – Mas enfim, tu foi selecionada para estar ali naquele espaço, conviver com aquelas pessoas, e a gente sabe que estar ali e trocar com as pessoas abrem portas, novas experiências, conhecer artistas de outros lugares. E você não foi por questões pessoas, financeiras, não sei, mas talvez a Ocupação pudesse ter te fortalecido naquele momento bancando a sua ida, por exemplo, e não rolou.

Natiele – Sim.

Letícia – Como foi isso para você? Não ter gerado um movimento do coletivo, o coletivo não ter pensado sobre isso, porque tinha como sabe, tinha caixinha para bancar sua ida. E aí eu queria muito saber, se você quiser falar sobre isso.

Natiele – Ah eu acho que... tá. É porque acho que é isso né, quando a gente... Sempre quando, eu acho, que a gente vai lidar com pessoas sempre vão ter questões né. E eu acho que assim, eu também não me senti nem à vontade para também exigir algo né, de falar" "Isso precisa rolar né", mas é, eu acho que assim rola uma chateação né, tipo rola um lugar de falar "Pô podia ter acontecido", porque a gente até chegou a conversar né, na época, sobre essa questão assim, e eu acho que o que rola, eu não sei nem explicar assim, mas acho que é um lugar mesmo chateação assim, de falar "Pô poderia ter acontecido", foi uma oportunidade perdida porque o coletivo não pensou nisso, mas também não acho nem que foi um lugar de maldade sabe, acho que às vezes foi um lugar mesmo de não ter todo mundo se colocado sabe, nesse pensamento de... Porque eu acho que a gente também tinha muito esse lugar de ter essa grana pra fazer alguma outra coisa, pela Ocupação e tal, e de porque eu lembro que tinha um lance disso né, essa grana é para todo mundo, então acho que às vezes vai colocar essa grana para uma, duas, três pessoas fazerem um rolê. Mas que ao mesmo tempo essas duas, três pessoas fazem parte do coletivo né. Mas eu não sei, eu tenho para mim que foi mais uma confusão de entender o que que dava para fazer com isso tudo e que é isso né, é a vida, acontece. E é isso, acho que foi um lugar mesmo de confusão assim, de não consegui entender "o que que dá para gente fazer com isso" né.

Eu acredito que se a gente estivesse, talvez, pensado melhor, tivesse passado um tempo, acho que com mais experiente, acho que, a gente conseguiria ter pensado nisso melhor sabe, ter conseguido organizar isso de uma outra maneira assim. Eu acho que é isso, acho que uma questão mesmo organização, de falar "Meu como que

organiza” né. Se fosse agora acredito que tivesse rolando de outra maneira, acredito que esse dinheiro fosse ser colocado dessa maneira também né. Que é isso acho que tem a ver com aprender sabe, com errar e falar “Pô erramos. Vamos fazer diferente agora”, é só que não chego, acho, que dá tempo de fazer isso diferente sabe.

Letícia – E o nome. Queria muito também conversar um pouco sobre como foi o processo do nome? Como você viveu isso, como foi para você esse lance da escolha, consolidação desse nome, porque foi um nome forte que ficou assim, e acho que teve essa movimentação do nome. E depois esse processo de “Meu deus precisamos mudar de nome”, como foi esse processo para você?

Natiele – É eu acho que de consolidação, quando eu entrei acho que já tava com nome né, ele já tinha sido escolhido e tal. Antes, para mim, eu via esse nome dessa maneira “Nossa, realmente é um nome muito forte, muito potente. Porque a gente nunca fala de vulva, é sempre um tabu falar de vulva, buceta e tal né, sempre uma questão de ai não pode falar sobre”, então eu lembro que antes para mim fazer muito sentido esse nome né, eu falava “nossa é realmente não é muito forte”. E porque antes a gente tinha esse lugar, da gente pensar um coletivo que fosse de mulheres e tals, mas aí é isso né de repente a gente começo a falar “Tá mais mulheres são só pessoas que tem vulva? Não, não são. Então pera aí”.

Daí eu lembro que foi isso né, a gente foi repensando, falando “Tá, tem pessoas que têm vulva e que não são mulheres, então pra que esse nome, porque que o nome é esse”, e aí eu acho que, para mim, foi muito importante a gente ter pensado né, ter visto assim que o coletivo se mobilizou a pensar nisso assim né, que não foi uma coisa... Já pensar e aí “não, não pode” sabe, eu não, eu acho que não, não sei, pelo menos que eu me lembre, eu não lembro de ter tido pessoas indo contra assim né, eu acho que foi mais uma mobilização de todo mundo. De falar “não, é isso. Não faz sentido ter esse nome, a gente precisa repensar isso e tal”. A questão é que a gente não conseguiu chegar em um nome né, foi muito difícil essa troca né, de pensar “Então qual o nome que vai ser” né, até a gente deixou o XXXristica lá né, mas que... (risada) que não é, nem é direito um nome né tipo.

Então eu acredito assim que por ter sido o nome aqui que foi colocado né de início teve essa dificuldade de conseguir pensar outro né, pensar “Então qual o nome que faz sentido. Q que a gente quer”, enfim, porque a gente foi né pensando várias coisas, a gente foi tipo vendo que a vontade já era outra né, as coisas já estavam acontecendo de outra maneira e foi uma questão de tempo também né. Não deu acho que também todo tempo assim, porque a gente acabou finalizando né todo processo, então não teve esse tempo de realmente mudar o nome. A gente fechou, finalizou, antes de conseguir mudar. E eu acho que é isso as coisas acontecem da maneira que elas têm que acontecer, aconteceu assim, porque tinha que ser assim.

Só que eu tenho para mim isso, de ser um movimento de pensar essa mudança, acho que foi esses momentos né, que eu acho que são momentos muito interessantes que a gente passa na vida de consegui ver se coletivo se juntando, e pensando um bagulho, e vendo a importância de repensar as coisas né. Que é esse lugar, de erro

né, a gente erra, a gente tipo tá lá as vezes numa ideia, ai você fala assim “nossa, essa ideia aqui não está legal”. E aí eu acho que é isso mesmo né, a gente tem que estar nesse movimento mesmo né, de estar tipo sempre se revendo, sempre repensando quê que você tá fazendo né, tá nessa mudança. A vida é isso a gente vai tá tipo para o resto da vida mudando, e repensando, e se refazendo, e entendendo coisas que não fazem mais sentido, e porque a gente vai se descobrindo também né, a gente vai sempre se descobrindo e se entendendo de outras maneiras.

E é isso foi um momento acho que extremamente importante enquanto também apresentado de vida né, porque daí a gente no momento que começou a rever o nome, foi o momento que a gente começou a rever muitas coisas né, muitas coisas que a gente vivia assim né, tipo que que a gente leva para vida né, isso foi um negócio que repercutiu para a vida pessoal né, para a vida política né, enquanto posicionamento, isso trouxe uma... remexeu acho que tudo assim.

Letícia – E o que fica para você, do fim? O que que fica no final das contas, de tudo que você viveu lá dentro, de tudo isso que você me contou, das coisas boas, das coisas que a gente erra, das coisas que a gente aprende. Quando chegamos à onde chegamos e que a gente entende que o projeto precisava acabar, e acaba, se encerra, o que que fica para você?

Natiele – Então o fim, eu acho que, porque assim o fim ele veio com as ideia, até mesmo né, a gente começou a pensar o nome, aí a gente começou a perceber que as coisas estão se transformando, que as coisas precisavam acontecer de outra maneira, até que foi isso, foi um processo também né, esse fim, porque não foi tipo de um dia para o outro, fim. Foi tipo muitas conversas, reuniões, muitas discussões, entender o que que é, e o que que não é. Até que eu lembro assim quando teve a reunião mesmo, que a gente falou “tá então acho que é isso”, eu lembro que doeu, doeu. Porque é um fim, é uma morte né, é uma morte, morte de algo.

E aí doeu, doeu, muito assim, porque... Por ter sido um espaço tão importante sabe, de tanta troca, de tanta aprendizado, até disso né de pensar e erros, de pensar que o coletivo também tem essas questões né, eu acho que sempre vão ter né, sempre que a gente pensa em coletivo, que até uma amiga minha, a gente conversou isso esses dias, que a vida é sempre conflito né, sempre vai ter conflito na vida, não tem como existir vida e não existe conflito. E é isso doeu, mas ao mesmo tempo que eu lembro que eu não queria que terminasse, “porque, não”, ao mesmo tempo tava em um lugar de entender “mas é isso, precisa sabe. Precisa terminar né, precisa ter esse fim, faz sentido”, era importante que terminasse também.

Então para mim foi um processo mesmo de entender, porque acho que quando começou, pelo menos para mim que entrei já na segunda, foi um começo muito tipo assim, não foi muito cansado assim sabe, eu não pensei, foi uma coisa que assim foi acontecendo, aconteceu, e de repente já tava dentro, de repente já tava tudo acontecendo, e crescendo. Então, enquanto o fim não, o fim já foi mais pensado né, foi esse, foi esse processo de pensar o fim, mas que se fez de uma maneira muito, acho que muito cuidado também.

Eu ainda acho assim, que lógico, eu acho que algumas coisas ainda poderiam ter acontecido, talvez ter tido uma confraternização, umas coisas assim, que para mim, podia ter rolado e que teria sido muito importante, perfeito, não perfeito, mas tipo assim... Mas teria sido muito bom que tivesse acontecido. Mas de qualquer maneira, também acho que foi acontecendo de uma maneira legal, porque enfim, a gente ve que às vezes tem outras coisas que terminam de maneiras não tão legais né. Então ter terminado dessa maneira, teve cuidado né, para se terminar, teve todo esse lugar de um coletivo que também tava pensando esse término né.

Ao mesmo tempo que a gente vê que muitas outras pessoas que já tinham participado, mas que ainda estavam distantes e tal, eu acho que ainda rolou uma surpresa para algumas pessoas né, de pensar “Meu Deus acabou. Por que que acabou?”. Porque é isso para muitas pessoas fazia muito sentido né, a ocupação, sempre fez assim. Então acho que algumas pessoas acabou sendo surpresa, mas acho que pra a gente que tava ali né, sempre esteve ali, é isso a gente entendeu que era o necessário, era importante.

E que foi isso né, e que vai ficar para sempre assim, como foi um projeto que repercutiu né, em muitos lugares, para quem participou, para quem assistiu, para quem esteve ali, sempre vai ficar né, vai ficar para sempre. Tudo que atravessa a gente de alguma maneira fica né, que nem uma tatuagem que fica no corpo, fica também na gente. E que eu acho que assim, na minha memória, sempre é um lugar que eu me lembro de uma maneira boa, mesmo isso assim, tiveram coisas ruins? Tiveram, tiveram coisas ruins também, como tudo na vida né, que nem você falou nada é flores. Mas querendo, ou não, vem de uma maneira boa, vem de uma maneira de... o quanto que isso, para mim, enquanto artista, enquanto pessoa foi tipo extremamente necessário né, o quanto que fez diferença, porque se não tivesse passado por isso, eu tenho certeza, que eu seria uma pessoa totalmente diferente.

Então é algo que fica de uma maneira muito boa assim, fica uma lembrança muito gostosa de ter vivido, de ter feito parte, de falar assim “Eu fiz parte” sabe, “dessa coisa que foi imensa” assim sabe. Então fica, isso para sempre vai ficar né. De pensar essas pessoas todas que a gente foi conhecendo, essas experiências, eu acho que é pensar o quanto que valeu a pena tudo ter acontecido né.

Eu acho que é pensar isso também, porque às vezes a gente pensa que “Ah se é bom precisar tá rolando sempre” não né, as coisas, cada coisa tem seu tempo né, as coisas... E a gente tem, a gente quer que as coisas durem para sempre e que nunca tenham um fim. E eu acho que a gente enquanto ser humano precisa melhor isso né, de entender que as coisas, as vezes, elas precisam acabar e que tá tudo bem. E as coisas as vezes acabam e que isso não significa que elas foram ruins, ou que foram menos, pelo contrário. Assim né o término, é um termino né, todo termino é um termino.nE eu acho que... porque assim, é isso, tem términos que são ruins, e eu sempre fico pensando ‘por que que os términos precisam ser ruins né? Eles podem ser bons também’, então é da hora quando a gente pensa que terminou de uma maneira sabe boa assim, terminou de uma que... È isso podia ter acontecido de outra maneira, mas não aconteceu, aconteceu da maneira que aconteceu e foi importante ter acontecido, então é isso.

Letícia – Estamos chegando no fim. Queria saber se algo que eu não te perguntei que você gostaria de compartilhar, sobre a Ocupação, sobre essa experiência. Ou que você queria deixar registrado.

Natiele – Ta, deixa eu pensar um pouco. Eu acho que eu preciso pensar só um pouquinho assim.

Letícia – Fica à vontade, respira.

Natiele – Então tá, eu vou tomar uma agua. Uma coisa que eu lembrei agora foi, que teve também, porque quando você falou de comissão, agora eu lembrei que eu não falei da questão de que teve a comissão das lojinhas né. Porque eu acho que o interessante da ocupação foi isso, porque tinha essa questão artística, mas também tinha esse das lojinhas, de pessoas irem lá e poderem vender né, os seus trampos. Então eu acho que assim a ocupação acabou sendo um lugar mesmo que abrangeu acho que muita coisa.

É isso, ter apresentado, ter feito né, assim eu acho que a gente acaba se sentindo parte mesmo de algo assim né, porque era né. Tava fazendo parte de um, quase que um organismo assim né, tipo é algo que é vivo nessa, então... Que nem agora, eu lembrando disso né e falando “Pô teve as lojinhas também né” olha para onde a gente foi né. A gente pensou em tanta coisa né, a gente tinha própria também a própria cozinha né, o próprio role da ocupação também, de também pensar nisso né, a gente fez tudo né, com a Ocupação.

A Ocupação foi um espaço que a gente fez tudo. A gente era artista, mas a gente era a parte técnica, a gente foi a parte de recepção das pessoas, de venda, né. Foi tudo, foi um aglomerado de coisa assim. E de pensar o quanto que isso não foi imenso, assim. Acho que para todo mundo, assim, que passou, deve ter sido. Lógico que cada um vai ter a sua experiência, mas acredito que para todo mundo vai ter sido de alguma maneira, né. Algo que tocou assim.

É isso, foi um algo que eu gostei muito de ter feito parte. De ver que até agora isso está reverberando, né. Você tá falando sobre isso, tá fazendo essas entrevistas sobre a ocupação, e que faz muito sentido, né. Porque fez muito sentido para gente tá ali. É isso, eu acho que eu só tenho agradecer, to até emocionada. Mas é porque é isso, foi mesmo muito potente estar ali. Como eu falei fica. E foi muito louco ter feito parte, foi muito importante. Eu até hoje também eu tô falando com as pessoas e você acaba citando, né. Não tem como, isso fez parte da nossas vidas, né. Foi um pedaço das nossas vidas, né.

E que tá ai. E espero que isso reverbere também, para todo mundo assim, né. Que a gente possa, sei lá, ir criando cada vez coisas novas e que isso possa, tipo, reverbera também, né. De uma maneira que possam se criar coisas mais diferentes também, né. Que a gente possa ir quebrando mesmo essas... Porque eu acho que a Ocupação teve isso de, foi uma quebra, assim, né. Na estrutura do que que é um circo, né. De como funciona, de como tem que acontecer. Foi uma reinvenção de

como pode acontecer. Que essa reinvenção, ela vai para vários lugares, né. Vai estar acontecendo, já tá acontecendo, né. A gente já tá repensando as coisas e é isso.

Letícia – Obrigada. Obrigada por compartilhar, por trocar.

Natiele – Obrigada por ter feito essas perguntas. Porque daí, a gente vai revivendo, né… na memória, tudo isso. A gente lembra de coisa que a gente já nem lembrava mais, né.

APÊNDICE F – TERMO DE CONSCENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: _____
_____

Pesquisadora: Letícia Magro Mariano
Orientadora: Profª Drª Lilian Freitas Vilela - Instituto de Artes - Unesp - São Paulo

Nome/Nome Social: _____
Idade: _____ anos. CPF: _____

Convite de participação no trabalho de conclusão de curso, acima intitulado, de responsabilidade da pesquisadora Letícia Magro Mariano, orientada pela Profª Drª Lilian Freitas Vilela, nas áreas de Arte Educação e Circo, ao Programa de Licenciatura em arte-teatro do Instituto de Artes – São Paulo, SP – da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte das exigências para a obtenção do título de Graduada em arte-teatro.

O presente projeto pretende, a partir da pesquisa e estudo da trajetória da produção artística e pedagógica do projeto Ocupação Vulverística, levantar e adentrar em questões relativas ao projeto, desde de sua origem, história, contradições e reverberações, analisar e refletir a organização e os eventos através de uma perspectiva educacional.

Como procedimento metodológico, o trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas. Com a realização de um levantamento bibliográfico e de teorias que serão fundamentos desta pesquisa; a análise dos materiais documentais, registros videográficos e fotográficos das edições da Ocupação Vulveristica, compreendendo o período desde 2017 a 2019, assim como entrevistas com pessoas que fundaram e integraram o projeto, a fim de coletar depoimentos sobre as trajetórias, relatos de vivencias e reverberações da experiência.

O uso da imagem e da voz das pessoas participantes da pesquisa tem viés unicamente acadêmico e contribuição para análises e reflexões da pesquisa. Caso o material venha ser utilizado para outros fins, futuramente, será elaborado um novo termo e autorização adaptado as novas condições.

Com o intuito de proteger as pessoas entrevistadas de todo e qualquer risco à dimensão, psíquica, moral e intelectual a partir da sua participação, serão tomados os devidos cuidados: 1. Esclarecimento es participantes sobre o viés reflexivo da pesquisa; 2. Esclarecimento de toda e qualquer dúvida des participantes, em qualquer momento da pesquisa; 3. Entrega de uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 5. Entrega do material da entrevista gravada e transcrita, caso queira.

Eu,_____
RG:_____, declaro ter sido informade e concordo participar, como voluntárie, do trabalho de conclusão de curso acima descrito. Disponibilizo meus depoimentos em narrativas orais e visuais coletadas e registros documentais (fotos, vídeos e demais registros relacionados ao projeto Ocupação Vulveristica), bem como autorizo a sua utilização em fins acadêmicos.

São Paulo, _____ de _____ de 2021.

_____
Assinatura

ANEXO A – Ata da Reunião de organização da 3ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona realizado no dia 11 de março de 2018

Este é um documento colaborativo em Ocupação Vulveristica na Lona.

Editar

Ata de Reunião da Ocupação Vulverística na Lona 11/03

SOFIA PONTIERI · QUARTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2018 ·

Pautas: Retornos da apresentação do dia 2 de março; Discurso da ocupação, misoginia e transfobia; Quem somos, para onde vamos; Data da próxima ocupação e reunião organizacional.

Primeiro fizemos uma roda de apresentação para conhecer as novas membras, Julia, Thalia, Bia, Taís e Rafaela (perdoem se esqueci ou errei o nome de alguém). Em seguida partimos para a pauta.

1- Retornos da apresentação do dia 2 de março.

A apresentação: Tanto as meninas que participaram da apresentação quanto as que assistiram fizeram um balanço positivo da apresentação; estávamos mais calmas e com tempo, então pudemos realizar os números e a contrarregragem com calma. O ponto negativo que surgiu foi levantado quando um casal se retirou logo no início da apresentação, o que foi discutido na próxima pauta.

Organização/montagem: A montagem foi bem sucedida, terminou cedo, foi eficiente dividi-la em dois dias mas também sobrecarregou algumas pessoas. Isso se deu principalmente no dia da apresentação, quando o horário de encontro combinado era as 10, e apenas uma pessoa chegou esse horário, algumas chegaram 11:30 e a maior parte chegou depois de 2, 13 horas.O atraso destas pessoas, dois devido a um acidente sofrido por uma das companheiras,mais o fato de outras que já tinham avisado que não poderiam chegar cedo fez com que na hora da montagem concreta apenas três ou quatro pessoas participassem da montagem da cortina e cadeiras. Assim concordamos na necessidades de sermos mais pontuais e mais realistas na hora de marcarmos os horários de encontro.

Outra questão que surgiu na montagem foi de que as pessoas precisam ser mais confiantes na experimentação, ou seja, experimentar o que dá certo e não ficar esperando uma orientação das outras, pois de fato todas estamos em níveis de aprendizado próximos em relação a isso. Apesar disso, precisamos da compreensão de quem ja sabe alguma coisa pois há um receio em sair mexendo em aparelhos "desconhecidos"

A partir dessa discussão elaboramos uma forma de produzir e realizar o espetáculo por meio de comissões, para melhor dividir as tarefas e responsabilidades.As comissões são: Luz, Som, Comida, Cortina, produção geral, dinheiro, divulgação, registro, limpeza, espaço e segurança.

2- Discurso da ocupação, misoginia e transfobia

Na apresentação do dia 11/03 surgiu uma situação desagradável: um casal se retirou da lona, sendo a justificativa dada pela mulher de que "se pra vocês mulher é só quem tem buceta não vou ficar aqui" logo na saída da lona. Vale dizer que eram um casal cis hétero e branco, e que a reação foi em relação à frase da MC "atrás dessa lona só tem mulher e só tem buceta". Antes desse ocorrido já haviam incômodos sobre a ambiguidade do discurso da ocupação, tanto por parte das artistas participantes quanto por parte do público, e por isso achamos necessário discutir por quê há essa margem para que o discurso seja interpretado como transfóbico, apesar de todas as membras se posicionarem contra a transfobia, ou seja, contra a concepção de que "mulher é só quem tem buceta". Na discussão surgiram os seguintes pontos:

-O nosso discurso vem para fortalecer mulheres que tem buceta, pois esse também é um assunto tabú, ou seja, há uma invisibilização dessas mulheres. Precisamos falar sobre isso também pois são apenas mulheres cis que estão na Ocupação (o que não nos impediu, impede e impedirá de abordarmos a questão trans), e o nosso objetivo primeiro é nos fortalecer e apoiar enquanto mulheres e dentro do meio artístico. Ou seja, se deixássemos de abordar a temática da vulva, dos seios e todas as outras coisas abrangidas pelo ser mulher (vejam, abrangidas, e não o que define), estaríamos nos invisibilizando e invisibilizando outras mulheres. Acreditamos, portanto, que esse discurso é empoderador, e que é uma postura misógina impedir que se fale de mulheres que têm buceta.

-É preciso falar sobre mulheres cis no meio do circo pois é um meio extremamente machista e patriarcal, e por isso atinge essas mulheres da seguinte forma: reforçando estereótipos da mulher linda, gostosa e delicada dos aéreos, reforçando o papel da mulher na família que cuida das crianças enquanto o marido treina, e o próprio conceito de família circense, que prejudica as mulheres circenses que querem conceber sua arte e sua existência de outra maneira.

-nenhum grupo ou coletivo feminista, LGBT+, Negro, etc, consegue abranger todas as pessoas que são prejudicadas pela sociedade machista, e por isso vários deles tendem a se colocar um contra o outro, afirmando que o discurso do outro é ineficiente, incompleto, ou, no caso do feminismo, "menos feminista". Nós acreditamos que há a necessidade de troca e diálogo entre os grupos, e não a competição; nesse caso as lutas estariam apenas invisibilizando uma a outra, assim favorecendo esse sistema patriarcal, racista, misógino, transfóbico, entre outros. Por isso acreditamos que é importante fortalecer o nosso discurso e debater sobre assuntos que não necessariamente nos atingem diretamente, como a transfobia. Assim, há a necessidade de dialogarmos com pessoas atingidas pelo sistema que estão fora do nosso coletivo e do nosso discurso.

-Esse debate se fez necessário desde o início da ocupação. Portanto, não foi a postura da espectadora (que consideramos problemática em muitos sentidos), que o suscitou. Apareceu, então a necessidade de trabalhar coletivamente o texto é dado pela MC, para que o que tentamos dizer se exponha da melhor maneira possível, diminuindo a margem para que se interprete ou imagine que estamos dizendo o que não estamos dizendo a partir de uma interpretação rasa. E sim, acreditamos que a atitude dessa espectadora se baseou numa interpretação rasa, e por mais que nos esforcemos para fazer as coisas do melhor jeito possível sempre haverá alguém que interpretará dessa forma. Ou seja, é preciso que sejamos maduras e responsáveis, por mais que estejamos lidando com pessoas que não o são, e não devemos parar de acreditar no nosso discurso que concebemos com tanto cuidado e por necessidade de empoderamento, por causa de pessoas que, do jeito que for, o invisibilizam.

-Uma questão que surgiu foi: Porque surgiu o questionamento sobre por que o discurso não abrangia mulheres trans mas ninguém apontou o fato de termos poucas mulheres negras no espetáculo?

A partir dessa discussão surgiram as seguintes propostas de encaminhamento:

Fazer uma roda de conversa sobre transfobia em nome da ocupação; Abrir um espaço depois do espetáculo para receber devolutivas e problemáticas vindas do público; Escrever uma nota explicativa sobre o nosso discurso e posicionando-o em relação a questão trans.

Elas foram votadas no fim da reunião, onde decidimos que abriríamos o espaço depois do espetáculo e escreveríamos a nota (Letícia, Sofia e Elisa), porém não realizamos a roda de conversa pois além dessas reconhecemos muitos outros temas como necessários para serem discutidos dentro e fora da ocupação, como lesbofobia no circo, estrutura patriarcal no circo, racismo e misoginia no circo, entre outros, e que se já temos dificuldade de tempo e trabalho para realizar uma roda de conversa, com certeza não a temos para realizar uma série delas, e que não seria coerente fazê-lo, então. Porém, é uma ideia que fica para o futuro ou para quem queira e esteja disponível a fazê-lo sem o nome da ocupação.

3-Quem somos, para onde vamos

Primeiro falamos uma por uma quais as nossas expectativas para a ocupação, e elas giraram em torno de: Nos apresentar, Acolher mulheres, Ocupar o espaço, ampliar o acesso ao espaço, aprender o que for possível, fortalecer as mulheres no circo, experimentar, fortalecer o nosso grupo, ser um coletivo, apresentar fora da lona da UNESP, guardar o chapéu para a ocupação, arcar com custos (não pagar para trabalhar), investir em audiovisual e material para portfólio, além de comida e divulgação, e também o sonho que que no futuro isso se torne um trampo.

A partir disso vimos que as vontades comuns do grupo nos levavam em direção a: sermos um grupo que organiza e produz uma forma de ocupar a lona da UNESP que seja empoderadora para mulheres, de forma que elas tenham espaço para apresentar seus números, receber uma devolutiva sobre eles, aprender sobre montagem e produção artística e circense, além de liberdade de levar seu discurso a público. Também temos necessidade de formar parcerias com outros coletivos artísticos e mulheres artistas.

COMO FAREMOS ISSO???

Nos propomos a organizar um grupo para produzir e realizar cada espetáculo, podendo ele ser diferente a cada ocupação. Receberemos também artistas de fora desse coletivo que poderão apresentar com a gente; para tanto, pediremos que essas artistas participem da realização do espetáculo que participarem. Também nos propomos a convidar artistas já conhecidas para se apresentarem conosco, a fim de dar visibilidade ao espaço e estabelecer contatos. Se essas artistas não tiverem disponibilidade de tempo, acordamos que elas não necessariamente precisam participar da produção coletiva do espetáculo (ou seja, ir na reunião organizacional que antecede o espetáculo e/ou participar da montagem).

As trocas, opiniões e discussões entre os números devem ser chamadas pela artista que quiser o retorno das outras, cabendo a ela marcar um dia, local e horário, tendo sempre como indicativo o uso do espaço do circolar. Assim, nos propomos a ocupar o Circolar para realizar os nossos treinos, fortalecendo também esse outro espaço que existe na lona da UNESP.

Notamos a necessidade de que haja uma rotatividade dos números apresentados e que a duração do cabaré seja menor. Também há a necessidade de que, nos contatos com outros grupos de fora, nos coloquemos enquanto coletivo, por mais que ele seja fluído.

O CHAPÉU:

Decidimos que o chapéu será utilizado para financiar a ocupação, ou seja, para comprar comida, investir em divulgação e material audiovisual para portfólio, assim como ajuda de custo (não pagar para trabalhar). Inclusive, a troca que estabelecemos com as artistas de fora da produção principal, ao invés de cachê, será oferecer bom material audiovisual e fotográfico para portfólio, e para isso precisaremos contratar mulheres para filmar e fotografar os espetáculos.

POR FIM

votamos a data da próxima ocupação: 6 de maio

próxima reunião organizacional: 25 de março 17h

estabelecemos as comissões de divulgação e registro, que serão:

Divulgação: Sofia, Amábile, Cake, Thalia, (Letícia e Elisa farão coisas específicas)

Registro:Ana, Elisa, Bia Zilberman, Taís e Rafaela

Demais comissões serão estabelecidas na reunião organizacional do dia 25/03.

Natiele Fontana, Maré Oliveira e outras 3 pessoas 4 comentários

Curtir Comentar Salvar

Comentários mais relevantes

Escreva um comentário...

ANEXO B – Modelo de Ficha de Inscrição utilizado para participar da 5ª Ed. Ocupação Vulverística na Lona

Inscrição para a 5ª Ocupação Vulverística

ESTE FORMULÁRIO DEVE SER PREENCHIDO ATÉ DIA 27 DE JULHO DE 2018
CHEGOU A 5ª EDIÇÃO DA OCUPAÇÃO VULVERÍSTICA!!!

Leia atentamente ao formulário antes de preencher e VAMOS JUNTAS!!

QUEM SOMOS?
A Ocupação Vulverística é uma iniciativa de mulheres artistas que realiza cabarés mensais com o objetivo de fomentar, fortalecer e criar autonomia para mulheres artistas em diversas modalidades. Todo o cabaré é construído e constituído pelas mãos das mulheres que compõem a edição (isso inclui montagem do espaço, som, luz, comida, limpeza, organização, produção, divulgação e tudo mais que tiver que ser feito). Poderão ser apresentados números circenses, cenas teatrais, performances, dança, poesia, música, enfim, qualquer habilidade artística. Cada apresentação deverá ter no máximo 15 minutos. É importante lembrar que não somos um coletivo de produtoras, mas sim de mulheres artistas ocupando espaços de resistência, buscando por autonomia de trabalho e por partilhar experiências profissionais.

NOSSO CABARE
O dia da OCUPAÇÃO VULVERISTICA para nós não é apenas um momento de construir um espetáculo, mas de fato OCUPAR. Então por esse motivo passamos o dia todo juntas na lona, buscando criar um espaço acolhedor, de partilha e fortalecimento.

VEJA ABAIXO DE QUAIS FORMAS VOCÊ PODE PARTICIPAR

*Obrigatório

1. E-mail *
2. Nome *
3. Contato (celular/whatsapp) *
4. Estava na reunião organizacional?

   Marcar apenas uma oval.

   ◯ Sim
   ◯ Não

5. Você quer participar como: *

   Marcar apenas uma oval.

   ◯ Apresentando número *Pular para a pergunta 6*
   ◯ Vendendo seu trampo *Pular para a pergunta 22*
   ◯ Apoio (montagem e/ou operação de luz, montagem e/ou operação de som, limpeza, alimentação, barraquinha da ocupação, montagem lona, registro)
   Pular para a pergunta 32

Inscrição de Números

Esta parte do formulário é destinada as artistas que querem apresentar um número no Cabaré. Pedimos que LEIAM ATENTAMENTE ESTE TEXTO, pois nele especificamos o que significa apresentar na Ocupação.

- A OCUPAÇÃO OFERECE:
I - Alimentação (café da manhã; almoço e lanche da tarde) no dia do cabaré;
II - Material áudio-visual de qualidade enviado após 15 dias da apresentação (sendo ao menos 3 fotos de cada artista, 5 fotos de cada número e o vídeo na integra do número);
III - Material técnico básico (som e luz)

- RESPONSABILIDADE DAS ARTISTAS:
I - Chegar as 10h na Lona;
II - Participar de alguma comissão (especificadas na próxima etapa do formulário);
III - Providenciar o material necessário a cena (cenário, objetos de cena, etc);
IV - Custear o transporte.

- CRITÉRIOS DE SELEÇÃO
A Comissão Organizadora da Ocupação Vulverística definiu que, para selecionar os números, levaremos em consideração os seguintes critérios:
I - Estar presente na reunião organizacional;
II - Diferentes modalidades para compor o Cabaré (Malabares, aéreos, palhaças, etc)
III - Diversidade de gênero (mulheres trans; não-binários, etc);
IV - Diversidade étnico-racial (mulheres pretas, indígenas, etc);
(Os critérios NÃO tem uma ordem)

NÃO É NECESSÁRIO ESTAR NESSES CRITÉRIOS PARA PARTICIPAR - então se, por exemplo, você não esteve na reunião nos mande o formulário mesmo assim!

UM POUCO MAIS SOBRE O POR QUÊ DESSAS DECISÕES

Contamos com todas as artistas envolvidas para a realização do Cabaré, por isso o horário de chegada na lona é às 10h, onde teremos um café da manhã simples e começaremos com a organização e montagem do espaço, seguida de um almoço para todas e de uma passagem técnica do cabaré.
Nosso chapéu é revertido para custear toda divulgação, alimentação das artistas (café da manhã, almoço e lanches da tarde) e para produção audiovisual (3 fotos profissionais de cada artista, 5 fotos de cada número e vídeo).
Oferecemos como troca para as artistas que participam esse material audiovisual. Entendemos que esse registro é uma ferramenta fundamental para gerar autonomia de trabalho para as artistas que apresentam na Ocupação Vulverística, pois com ele em mãos torna-se viável a inscrição para outros festivais, convenções, etc.
Os critérios de seleção foram pensados para tornar a Ocupação um espaço cada vez mais democrático e plural!

CONSIDERAÇÕES FINAIS
1) A Ocupação Vulverística tem como objetivo fomentar a produção artística de mulheres, tendo como principio a troca de experiências, o acolhimento e o crescimento profissional. Neste espaço, aprendemos umas com as outras e construímos conhecimentos em outras áreas (produção, luz, som, montagem do circo etc).

2) Se o seu número não tiver nome ou você não souber como escrever uma sinopse, por exemplo, ou tiver qualquer duvida para preenchimento do formulário, nos envie sua inscrição mesmo assim com essa observação nos comentários. Estamos aqui para aprender uma com as outras.

3) Nos ajude a divulgar o evento!

6. Nome e e-mail da(s) artista(s)

7. Nome Artístico e, se tiver, da(s) Personagem(ns)/Palhaça(s)

8. Idade da(s) artista(s)

9. Gênero da(s) artista(s) (Trans, Cis, não-binário, etc)

10. Orientação Sexual da(s) artista(s) (Lésbica, bissexual, assexual, heterossexual, outro)

11. Como você(s) se auto-declara(m)? (negra, branca, indígena, etc)

12. Alguma integrante do número participou de uma edição anterior da Ocupação? Se sim, em qual função?

13. Nome do número

14. Modalidade

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Acrobacia de solo
- [ ] Lira
- [ ] Malabares
- [ ] Palhaça
- [ ] Pirofagia
- [ ] Tecido
- [ ] Trapézio

Outro: [ ] _____

15. Tempo de duração

_____

16. Classificação Indicativa do Número

_____

17. Sinopse do número (texto para divulgação)

_____

18. Tem alguma foto para divulgação? Pode ser qualquer foto, e pode mandar mais

_____

19. Necessidades técnicas (precisa de microfone? alguma especificidade de luz e som? Especificar também contra-regragem)

_____

_____

_____

_____

_____

20. Caso tenhamos uma banda, prefere música ao vivo ou gravada? Ou prefere usar música já existente?

Marcar apenas uma oval.

- ◯ ao vivo
- ◯ música já existente

21. Realizar download de música, caso houver.

Arquivos enviados:

Pular para a pergunta 32

Venda seu Trampo

Esta parte do formulário é destinada as mulheres que querem vender seu trampo durante a Ocupação. Pedimos que LEIA ATENTAMENTE ESTE TEXTO, pois nele especificamos o que significa estar na Ocupação.

- A OCUPAÇÃO OFERECE:
I - Alimentação (café da manhã; almoço e lanche da tarde) no dia do cabaré;
II - Uma mesa quadrada 80cmx30cm para expor o trabalho;
III - Material técnico básico (som e luz)

- RESPONSABILIDADE DAS PARTICIPANTES:
I - Chegar as 10h na Lona;
II - Participar de alguma comissão (especificadas na próxima etapa do formulário);
III - Custear o transporte.

- CRITÉRIOS DE SELEÇÃO
A Comissão Organizadora da Ocupação Vulverística definiu que, para selecionar as "barraquinhas", levaremos em consideração os seguintes critérios:
I - Estar presente na reunião organizacional;
II - Diversidade de gênero (mulheres trans; não-binários, etc);
III - Diversidade étnico-racial (mulheres pretas, indígenas, etc);
(Os critérios NÃO tem uma ordem)

NÃO É NECESSÁRIO ESTAR NESSES CRITÉRIOS PARA PARTICIPAR - então se, por exemplo, você não esteve na reunião nos mande o formulário mesmo assim!

UM POUCO MAIS SOBRE O POR QUÊ DESSAS DECISÕES

Contamos com todas as mulheres envolvidas para a realização do Cabaré, por isso o horário de chegada na lona é às 10h, onde teremos um café da manhã e começaremos com a organização e montagem do espaço, seguida de um almoço para todas e de uma passagem técnica do cabaré.
Não há divisão do chapéu, pois ele é revertido para alimentação das participantes (café da manhã, almoço e lanches da tarde) e para produção audiovisual dos números das artistas (3 fotos profissionais de cada artista e vídeo).
Entendemos os registos como ferramenta para gerar autonomia de trabalho para as artistas que apresentam na Ocupação Vulverística, pois com ele em mãos torna-se viável a inscrição para festivais, convenções, etc.
Os critérios de seleção foram pensados para tornar a Ocupação um espaço cada vez mais democrático e plural!

Para aquelas que vão vender seu trampo, além do momento de entrada e saída do público, contamos com um intervalo de 15 minutos durante da apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
1) A Ocupação Vulverística tem como objetivo fomentar a produção artística de mulheres, tendo como principio a troca de experiências, o acolhimento e o crescimento profissional. Neste espaço, aprendemos umas com as outras e construímos conhecimentos em outras áreas (produção, luz, som, montagem do circo etc).

2) Se tiver qualquer duvida para preenchimento do formulário, nos envie sua inscrição mesmo assim com essa observação nos comentários. Estamos aqui para aprender uma com as outras.

3) Nos ajude a divulgar o evento!

22. Nome Completo e e-mail

23. Gênero (Trans, Cis, não-binário, etc)

24. Orientação Sexual (Lésbica, bissexual, assexual, heterossexual, outro)

25. Como você se auto-declara? (negra, branca, indígena, etc)

26. Já participou de uma edição anterior da Ocupação? Se sim, em qual função?

27. Nome da Loja

28. Produto que será vendido

29. Disponibilizamos de mesas quadradas (80cm X 80cm). Você irá precisar ?

30. Foto para divulgação

    Arquivos enviados:

31. Facebook/instagram/site do seu trampo para divulgação

Pular para a pergunta 32

Para que a ocupação aconteça!

Para todas as participantes da Ocupação (artistas, vendedoras ou apoio), o horário de chegada é as 10h da manhã. A ocupação oferecerá comida durante todo o dia - café da manha, almoço e lanche da tarde.
Quando chegarmos na Lona, nos dividiremos nas comissões assinaladas abaixo. Cada participante deve estar em pelo menos uma comissão.
ATENÇÃO, algumas comissões se organizam ANTERIORMENTE ao dia da apresentação.
Entendemos que participar dessas comissões é oportuno para trocar saberes e aprender coisas novas, portanto, se você tem algo para contribuir em alguma comissão é só assinalar; Se você tem interesse em aprender sobre alguma dessas comissões é só assinalar.
Exemplo: Tem interesse em saber como se monta a luz, você pode entrar na comissão de montagem e operação e trocar experiencias com as manas que sabem.

Especificidades de cada comissão:

- ALIMENTAÇÃO:
Preparar a alimentação das participantes.
ESTA COMISSÃO SE ORGANIZA ANTES DO DIA DA APRESENTAÇÃO

- BARRAQUINHA DA OCUPAÇÃO:
Definir o que será vendido e os preços na barraquinha da Ocupação;
Vender, na entrada, saída e intervalo as comidas que foram decididas.
ESTA COMISSÃO SE ORGANIZA ANTES DO DIA DA APRESENTAÇÃO

- LIMPEZA
Limpar todo o espaço da lona antes e depois da apresentação.

- LUZ (OPERAÇÃO)
Operar o equipamento de luz durante a apresentação

- LUZ (MONTAGEM)
Montar o equipamento de luz.

- MONTAGEM LONA
Montar a Cortina do espetáculo;
Montar as cadeiras da plateia.

- SOM (OPERAÇÃO)
Operar som durante a apresentação.

- SOM (MONTAGEM)
Montar toda a aparelhagem técnica de som.

- REGISTRO
Definir quem serão as fotógrafas da apresentação, entrar em contato com elas;
Definir preços e data para entregar o material;
Recepcioná-las no dia da apresentação.
ESTA COMISSÃO SE ORGANIZA ANTES DO DIA DA APRESENTAÇÃO

A Comissão Organizadora da Ocupação Vulverística também conta com voluntárias para fazer a PRODUÇÃO. Caso você tenha interesse em fazer/aprender produção, deixe seu interesse registrado em "Teve alguma dificuldade para preencher o formulário? Tem alguma dúvida? Sugestão? Comentário?" que entraremos em contato com você.

Vamos Juntas!

32. Qual comissão você quer estar? *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Alimentação
- [ ] Barraquinha
- [ ] Limpeza
- [ ] Luz (operação)
- [ ] Luz (montagem)
- [ ] Montagem lona (cortinas e cadeiras)
- [ ] Som (operação)
- [ ] Som (montagem)
- [ ] Registro

33. Tem alguma restrição alimentar? (vegetariana, vegana, crudívera, etc) *

34. Teve alguma dificuldade para preencher o formulário? Tem alguma dúvida? Sugestão? Comentário?

35. Li e concordo com as informações de organização da ocupação vulveristica *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Estou ciente e concordo

36. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos destinados a divulgação do protejo *

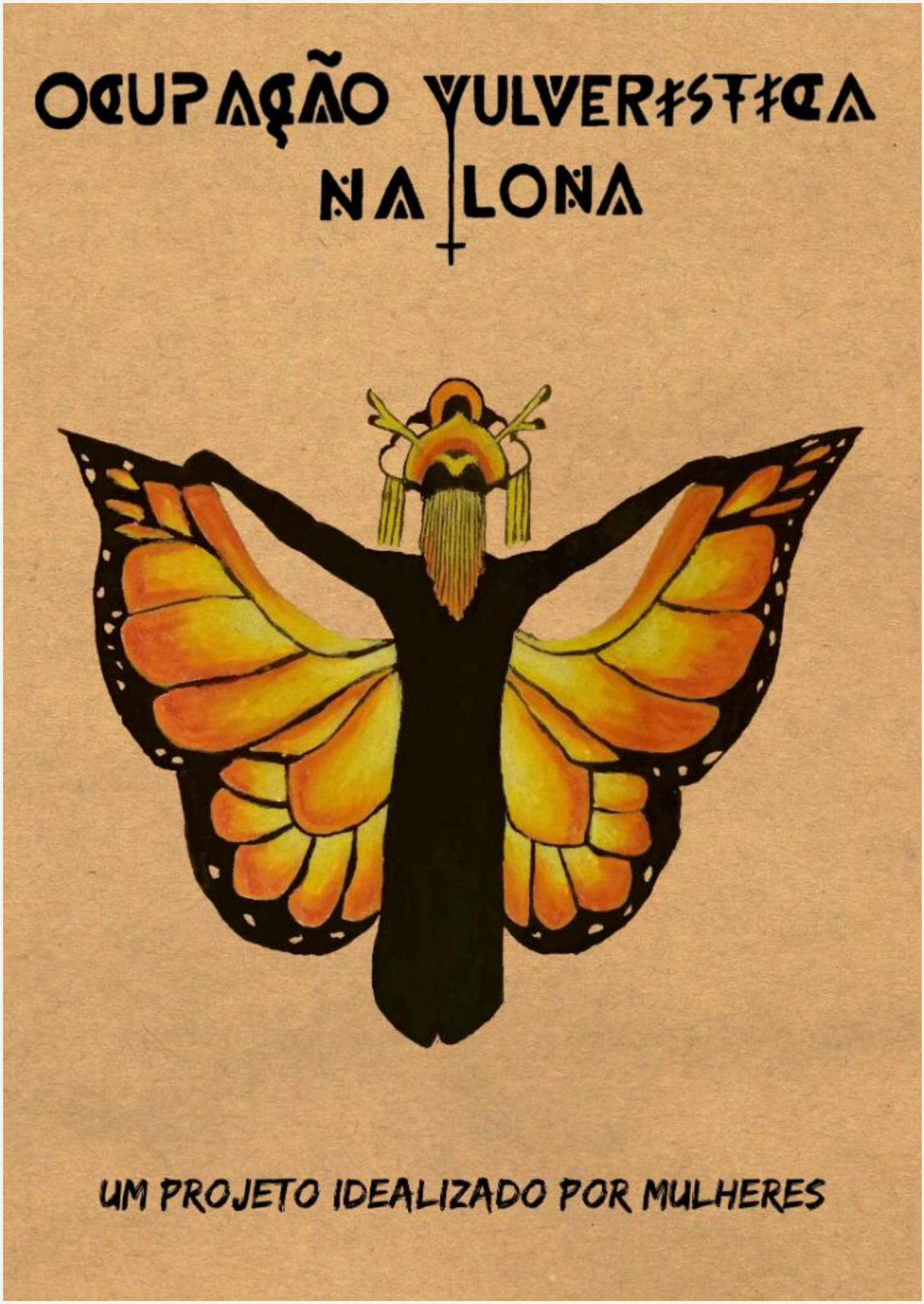
Marcar apenas uma oval.

- ◯ Autorizo
- ◯ Não autorizo

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO C – Projeto/Proposta em requerimento a utilização do espaço do Laboratório de Artes Circenses – Circo da UNESP



Ocupação vulveristica

A Ocupação Vulveristica é um espaço de resistência, formação, experimentações artísticas e fortalecimento criado por e para mulheres e pessoas não binárias que há um ano e meio, desde de setembro de 2017, vem se consolidando e buscando fomentar o protagonismo e a autonomia das mesmas.

Ao longo da nossa breve trajetória promovemos seis apresentações artísticas envolvendo mais de 200 artistas e atingindo mais de 1.000 pessoas. E a ideia inicial de apenas realizar uma apresentação idealizada e organizada totalmente por mulheres foi amadurecendo a cada edição se transformando em uma experiência singular.

Um chamamento público para participar da organização do projeto reunia diversas mulheres das quais se organizaram em comissões, tarefas e diversas funções para preparar a apresentação. Após muito preparação, no dia ocupam a lona do circo da Unesp um dia inteiro, ensinando umas às outras, aprendendo juntas desde da limpeza do picadeiro, a montagens de cortinas, luzes, som, ensaiando, se fortalecendo, dividindo e compartilhando de toda vivência que envolve essa produção. Movimento esse que vem consolidando esse projeto e proporcionando essa experiência singular.

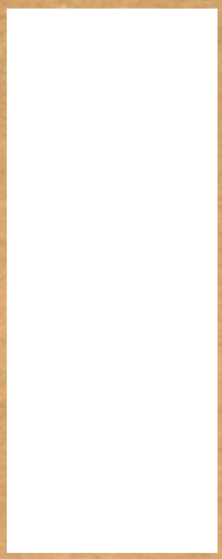
Buscamos nos manter em constante desenvolvimento e reflexão e por esse motivo esse ano pretendemos dar continuidade às apresentações dos cabarés, mas também intensificar e aprofundar nossa iniciativa de um espaço formativo, promovendo oficinas, treinos, rodas e conversas, entre outros eventos.

(Registro da 5ª Ocupação Vulveristica – Fotografia: Jumaira Lima)

INTEGRANTES

A forma de organização é democrática e acessível para, especificamente, mulheres e pessoas não binárias, sendo estudantes ou não da UNESP. A iniciativa é aberta, logo as pessoas podem adentrar e sair a qualquer momento, isso significa que o número de participantes poderá aumentar ou diminuir no decorrer do ano. Neste momento o grupo é composto por 14 participantes. Atualmente as pessoas que compõem esse projeto são:

Ana Carolina de Medeiros
ArianeAparecida VenturaFachinetto
Bianca Aparecida de Oliveira
Camila Leticia Costa
Erika Sanchez Saez
Gabrielle Lei Polizzelli
Leticia Magro Mariano
Marina Santos de Oliveira
Natiele Souza Fontana
Nirely Golzenleuchter de Araujo
Stela Silva
Tayná Maria Santiago da Silva
Vanessa de Oliveira Correa.
Vanessa Correia Gonçalves



OBJETIVO

Nosso objetivo geral e promover um espaço formativo a partir de compartilhamento de saberes (treinos, rodas de conversas, reuniões) e apresentações artísticas (cabarés e outras manifestações) buscando assim fomentar autonomia e o fortalecimento de artistas mulheres e pessoas não binárias em diversas áreas, dentre elas: modalidades circenses, palhaçaria, iluminação, sonoplastia, produção, fotografia, entre muitas outras.

DESCRIÇÃO E PROPOSTAS

A Ocupação Vulverística é uma iniciativa de fomento e empoderamento de mulheres e pessoas não binárias. No ano de 2018 promovemos cinco apresentações artísticas e diversas rodas de conversas após ponderarmos essas atividades reestruturamos uma nova organização para 2019. Esse ano nossa proposta consiste em reservar o espaço do circo aos domingos, das 16h às 20h, para promover treinos, oficinas, reuniões e apresentações.

Atividades propostas para 2019:

- Realização de treinos abertos específico para mulheres e pessoas não binárias aos domingos, das 16h às 20h;
- Reuniões mensais para organização das atividades realizadas de forma democrática e horizontal;
- Promover oficinas nas mais variadas linguagens artísticas;
- Pretendemos realizar quatro cabarés ao longo do ano: maio, junho e mais dois ao longo do segundo semestre de 2019, com datas a definir.

Consideramos que a essência e os princípios do nosso projeto são as nossas contrapartidas, pois buscamos a democratização de um espaço de formação, desenvolvimento e criação artística para mulheres e pessoas não binárias buscando viabilizar autonomia, e são as nossas ações efetivas que concretizam essa concepção.

Ações - Contrapartidas:

- Oferecer oficinas gratuitas nas mais variadas linguagens artísticas;
- Oferecer espaço de treino, criação e desenvolvimento artístico;
- Promover quatro apresentações ao longo do ano para comunidade da instituição, do entorno, e do público em geral;
- Visibilizar, apoiar e divulgar os trabalhos de mulheres e pessoas não binárias através das nossas atividades. Pois as participantes poderão realizar oficinas, apresentações e desenvolver suas pesquisas;
- Gerar autonomia de trabalho oferecendo material audiovisual completo, fotos e vídeo profissionais em alta qualidade, gratuitamente para todas as artistas que se apresentarem nos cabarés;
- Fomentar um ambiente artístico circense mais plural, diverso e equitativo.

(*) IMPORTANTE EVIDENCIAR QUE AS OFICINAS, TREINOS E REUNIÕES SÃO DESTINADAS ESPECIFICAMENTES PARA MULHERES E PESSOAS NÃO BINÁRIAS.

INFORMAÇÕES GERAIS

Grupo: Ocupação Vulveristica

Responsável pelo grupo: Como utilizaremos o espaço para treinos, oficinas e apresentações pretendemos revezar as representantes nos dias de treinos, e responsáveis por equipamentos buscando viabilizar o projeto da melhor forma e não sobrecarregar as alunas.

Sendo assim as responsáveis são:

Ana Carolina de Medeiros
ArianeAparecida VenturaFachinetto
Bianca Aparecida de Oliveira
Gabrielle Lei Polizzelli
Leticia Magro Mariano
Marina Santos de Oliveira
Natiele Souza Fontana
Tayná Maria Santiago da Silva
Vanessa de Oliveira Correa.
Vanessa Correia Gonçalves

Dia (s) e Horário (s): Domingos das 16h às 20h

- 7ª Ocupação Vulveristica (cabaré) - 05 de maio de 2019
- 8ª Ocupação Vulveristica (cabaré) - junho de 2019 (data a definir)
- Nossa ideia é concentrar todos os nossos eventos aos domingos, ocasionalmente caso haja necessidade de substituição por outro dia da semana para realizarmos uma oficina, apresentação, etc., faremos a solicitação de reservar previamente por outra data.

Tempo de duração: 9 meses (abril a Dez). Todos os domingos, das 16h às 20h, do ano letivo do Instituto de Artes da UNESP, respeitando feriados e o cronograma do calendário anual.

- Em dias de apresentações solicitamos utilizar o espaço das 10h às 22h.

Estimativa de Público:

Treinos: Estimamos 60 participantes nos treinos ao longo do ano.

Cabarés ou Eventos: Estimamos atingir 600 pessoas com as apresentações ao longo do ano, uma média de 150 pessoas por apresentação.

DECLARAÇÃO DE CONHECIMENTO DAS NORMAS DO CIRCO DA UNESP

Nós alunas do Instituto de Artes da UNESP, abaixo identificadas, afirmamos a responsabilidade pela proposta **OCUPAÇÃO VULVERISTICA NA LONA**, e declaramos para os devidos fins que estamos ciente das normas e dos procedimentos de uso que regulamentam o uso do espaço do circo da UNESP.

São Paulo, 31 de Março de 2019.

Ana Carolina de Medeiros

ArianeAparecida VenturaFachinetto

Bianca Aparecida de Oliveira

Gabrielle Lei Polizzelli

Leticia Magro Mariano

Marina Santos de Oliveira

Natiele Souza Fontana

Tayná Maria Santiago da Silva

Vanessa de Oliveira Correa.

Vanessa Correia Gonçalves

ANEXO D – Comunicado de mudança de nome da Ocupação

DE NOTIFICAÇÕES

Ocupação Vulveristica
1 de maio de 2019 ·

CAMPANHA DA MUDANÇA DE NOME!

Após muitas discussões acerca da nossa identidade, chegamos a conclusão de que nosso nome atual não acompanha com coerência nossas reflexões sobre a importância de resistirmos e ocuparmos espaços artísticos.
Surgimos pela necessidade de nos fortalecer enquanto mulheres do circo, de criar um lugar de fomento e visibilidade do nosso trabalho. Contudo, ao escolhermos Vulverística como nome, afastamos desse espaço pessoas que não se identificam com essa lógica binária e cisgênera, contribuindo para o pensamento padronizador de que todas as mulheres, e apenas mulheres, possuem vulva.
Com isso, não retiramos a relevância que existe em exaltar a força e importância da vulva! É inegável que este é um órgão historicamente perseguido, menosprezado e subjugado, motivo de diversas violências sofridas por muitas mulheres, homens trans e pessoas não binárias.
Contudo, por almejarmos um espaço fortificado pela diversidade e que não restrinja nossa existência a um órgão sexual, reconhecemos que é preciso mudar! Encontrar uma identidade que realmente represente nossas ideologias e que acolha e potencialize nossa resistência perante a realidade machista, misógina e transfóbica existente na maioria dos ambientes circenses.
Sendo assim, esse informe serve não apenas para explicarmos os motivos da nossa mudança de nome mas também para, oficialmente, anunciar que mulheres e homens trans, travestis e pessoas não binárias são muito bem vindes na Ocupação! Que esse espaço também é de vocês e que sentimos muito por demorarmos tanto para reconhecer essa falha.
Agradecemos a todas, todes e todos que somam na construção desse pensamento! E como a gente entende que repensar nossa identidade é também repensar estruturas cristalizadas em cada umx de nós, elaboramos uma maneira de mudar e caminhar coletivamente!
Fica ligade na página que em breve divulgaremos os próximos passos!

Detalhes

414 pessoas responderam

Evento de **Ocupação Vulveristica**

Circo da Unesp

Duração: 1 h 30 min

Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

V O L T A M O S!!

É com grande prazer que anunciamos e convidamos todas, todos, todes pra 7° edição da Ocupação Vulveristica!!!!

Oq é a ocupação? Um cabaré totalmente produzido, idealizado e executado por mulheres e pessoas não binárias. Um espaço de afeto, resistência e visibilidade pra qualquer artista que queira fortalecer, apresentar e trocar seu trampo com noixx.

I N F O R M E S

Dia 05.05
Onde?
Na lona de circo do Instituto de Artes Unesp na Barra Funda
Das 18:30 às 20:00
Com cortejo pelo metrô Barra funda às 18:00.
Entrada no chapéu (No final do espetáculo você paga o quanto puder)

A T E N Ç Ã O

Logo mais publicaremos as artistas que vão se apresentar e as comidinhas que vamos vender no evento! Delícia, fica ligadx.

ESTAMOS VIVAS, CONTINUAMOS NA LUTA PRODUZINDO ARTE E TORNANDO PRESENTE AS QUE JÁ NÃO ESTÃO MAIS CONOSCO.

MARIELE PRESENTE!
MATHEUSA PRESENTE!

Arte do cartaz: Sofia Pontieri **Ver menos**

Privacidade · Termos · Publicidade · Escolhas para anúncios · Cookies · Mais · Meta © 2022

ANEXO E – Carta aberta dês estudantes e ocupantes do Circo da UNESP solicitando reivindicações

ATENÇÃO: Na carta nomeamos de Circo da Barra o espaço do Circo da UNESP.

São Paulo, 07 de Junho de 2016

NOTA ABERTA DOS ESTUDANTES E OCUPATES DO CIRCO DA BARRA

O descaso com o espaço destinado à pesquisa do Circo está à vista de quem quiser ver. O circo sofre hoje com a precarização e esvaziamento do seu espaço. Atualmente, nós, estudantes do IA, não estamos tendo acesso a materiais básicos de trabalho, como por exemplo, bolinhas e claves para malabares, por conta de não disponibilizarem as chaves do armário.

O circo hoje se encontra a parte de toda estrutura das grades curriculares da graduação, se mantendo cada vez mais distante dos estudantes.

Sentimos no dia a dia de nosso trabalho esse afastamento e a negligência com o espaço, com a nossa segurança e com o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, queremos apontar nossas pautas e exigimos à direção do IA um parecer sobre a precarização do ensino das artes circenses:

- Bebedouro (manutenção e compra de mais um);
- Instalação de chuveiro no banheiro feminino da marcenaria;
- Materiais de limpeza e disponibilidade dos mesmos para uso no circo: vassoura, rodo, pano de chão, balde, etc.);
- Materiais de segurança: extintor de incêndio, cabos de segurança para aéreos e compra de novos colchões e colchonetes;
- Primeiros socorros: kit de primeiros socorros e instruções de primeiros socorros; criação de brigada de incêndio e brigada de abandono;
- Funcionamento da seção técnica de saúde;
- Disponibilidade de seguro saúde para os estudantes que utilizam o circo;
- Materiais de trabalho: espaldar, bolinhas, claves, argolas, breu, djabolo, poi, bambolê, fitas de trapézio, colchões específicos, armários, rola-rola, bolão, pesos e materiais de treinamento físico;

- Criação de um espaço camarim;
- Arquibancadas;
- Reforma e organização técnica de luz e som;
- Reforma/organização e/ou manutenção da estrutura da lona;
- Contratação de professores ou instrutores de circo;
- Inclusão de disciplina de circo na grade curricular de LAT e BAC (optativa ou obrigatória).

Nos colocamos à disposição para reuniões e devidos esclarecimentos apontados a carta.

Viva o Circo Brasileiro

Assinam:

CIRCO DA BARRA TURMA DA TARDE;

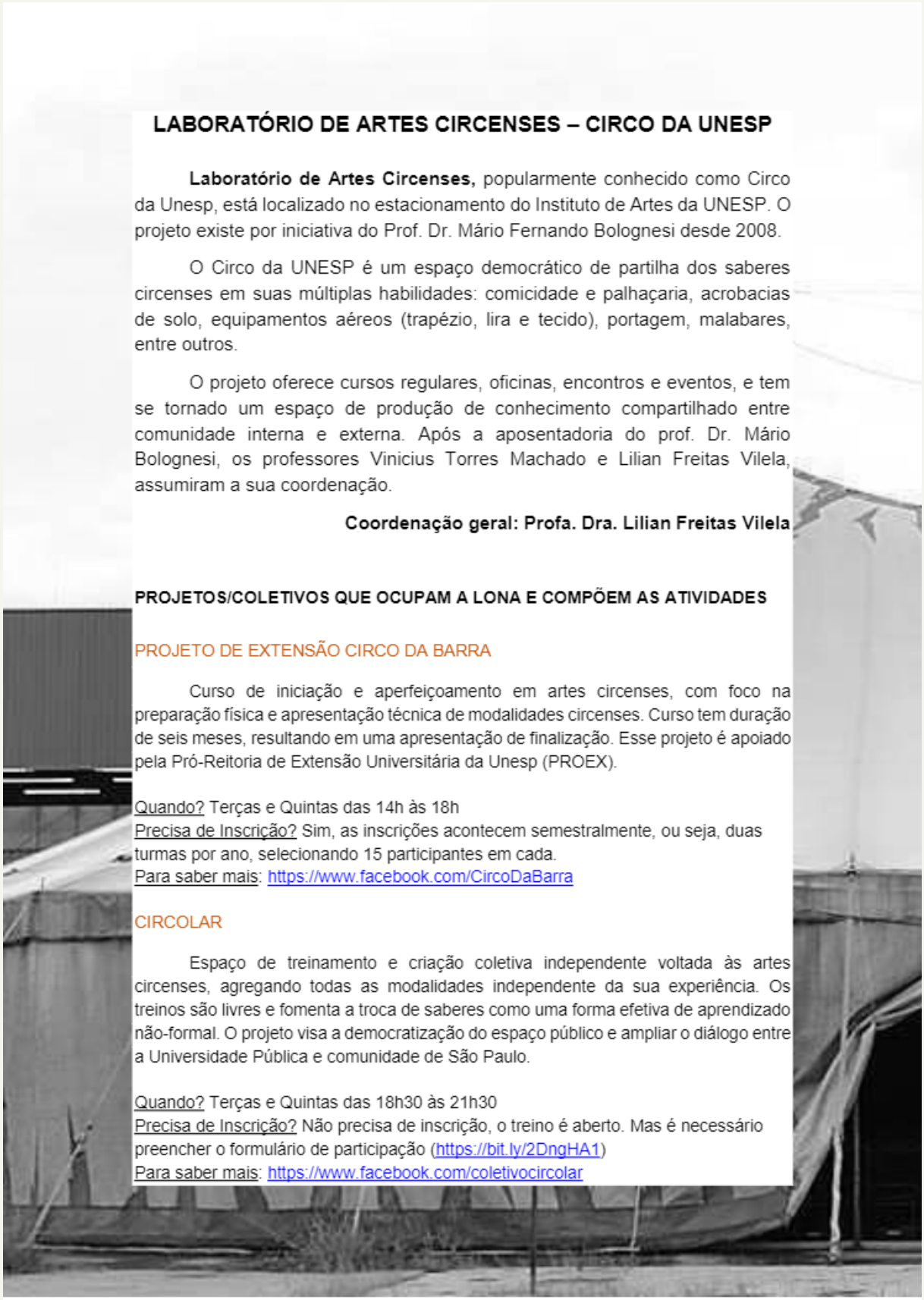
TRUPE DAS FABULOSAS;

EPIA;

ECETI;

CIRCOLAR;

ANEXO F – Cartaz explicativo que ficava exposto no Circo em 2019 Definições do Laboratório e de todos os projetos daquele ano.



LABORATÓRIO DE ARTES CIRCENSES – CIRCO DA UNESP

Laboratório de Artes Circenses, popularmente conhecido como Circo da Unesp, está localizado no estacionamento do Instituto de Artes da UNESP. O projeto existe por iniciativa do Prof. Dr. Mário Fernando Bolognesi desde 2008.

O Circo da UNESP é um espaço democrático de partilha dos saberes circenses em suas múltiplas habilidades: comicidade e palhaçaria, acrobacias de solo, equipamentos aéreos (trapézio, lira e tecido), portagem, malabares, entre outros.

O projeto oferece cursos regulares, oficinas, encontros e eventos, e tem se tornado um espaço de produção de conhecimento compartilhado entre comunidade interna e externa. Após a aposentadoria do prof. Dr. Mário Bolognesi, os professores Vinicius Torres Machado e Lilian Freitas Vilela, assumiram a sua coordenação.

Coordenação geral: Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela

PROJETOS/COLETIVOS QUE OCUPAM A LONA E COMPÕEM AS ATIVIDADES

PROJETO DE EXTENSÃO CIRCO DA BARRA

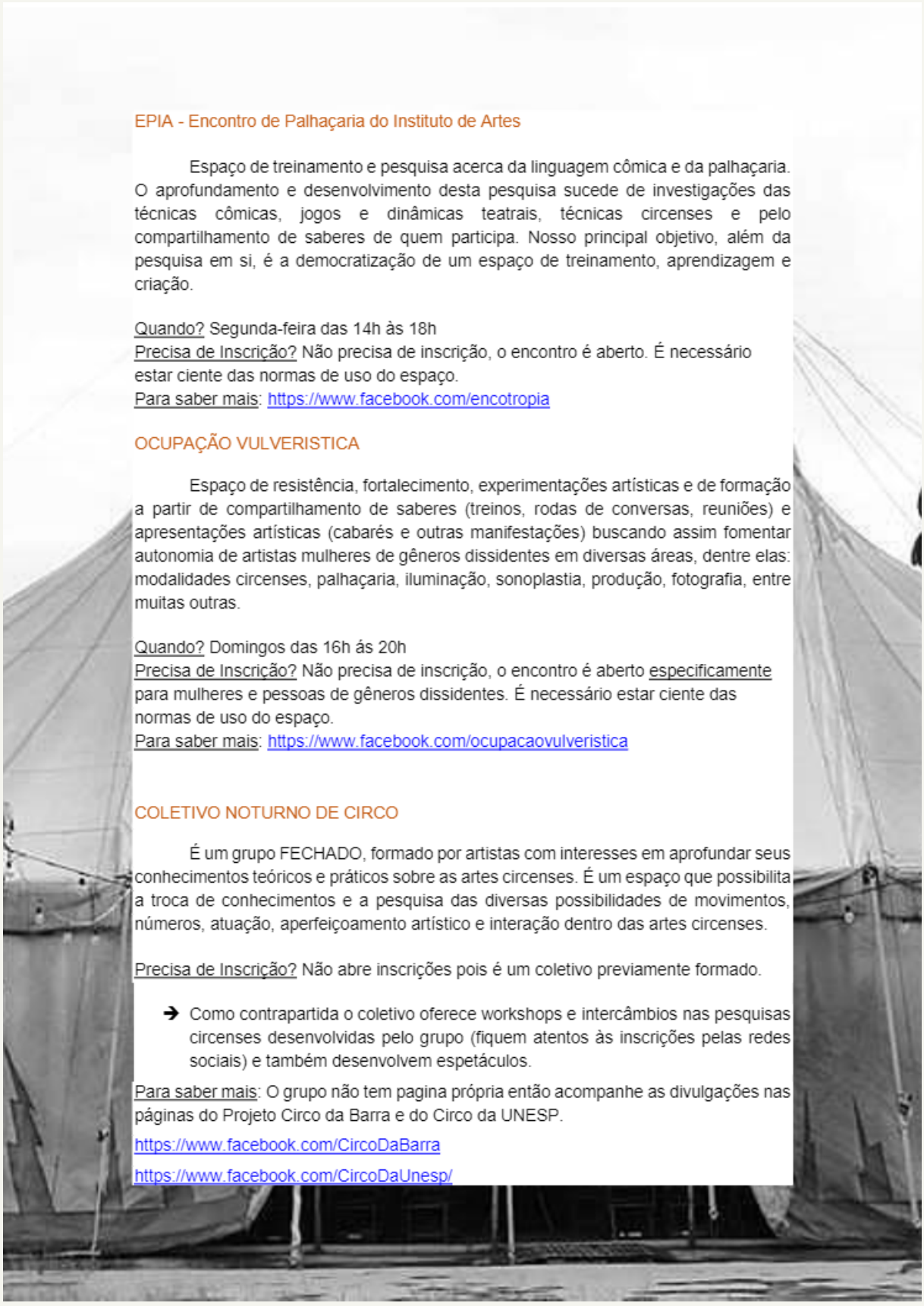
Curso de iniciação e aperfeiçoamento em artes circenses, com foco na preparação física e apresentação técnica de modalidades circenses. Curso tem duração de seis meses, resultando em uma apresentação de finalização. Esse projeto é apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp (PROEX).

Quando? Terças e Quintas das 14h às 18h
Precisa de Inscrição? Sim, as inscrições acontecem semestralmente, ou seja, duas turmas por ano, selecionando 15 participantes em cada.
Para saber mais: https://www.facebook.com/CircoDaBarra

CIRCOLAR

Espaço de treinamento e criação coletiva independente voltada às artes circenses, agregando todas as modalidades independente da sua experiência. Os treinos são livres e fomenta a troca de saberes como uma forma efetiva de aprendizado não-formal. O projeto visa a democratização do espaço público e ampliar o diálogo entre a Universidade Pública e comunidade de São Paulo.

Quando? Terças e Quintas das 18h30 às 21h30
Precisa de Inscrição? Não precisa de inscrição, o treino é aberto. Mas é necessário preencher o formulário de participação (https://bit.ly/2DngHA1)
Para saber mais: https://www.facebook.com/coletivocircolar



EPIA - Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes

Espaço de treinamento e pesquisa acerca da linguagem cômica e da palhaçaria. O aprofundamento e desenvolvimento desta pesquisa sucede de investigações das técnicas cômicas, jogos e dinâmicas teatrais, técnicas circenses e pelo compartilhamento de saberes de quem participa. Nosso principal objetivo, além da pesquisa em si, é a democratização de um espaço de treinamento, aprendizagem e criação.

Quando? Segunda-feira das 14h às 18h
Precisa de Inscrição? Não precisa de inscrição, o encontro é aberto. É necessário estar ciente das normas de uso do espaço.
Para saber mais: https://www.facebook.com/encotropia

OCUPAÇÃO VULVERISTICA

Espaço de resistência, fortalecimento, experimentações artísticas e de formação a partir de compartilhamento de saberes (treinos, rodas de conversas, reuniões) e apresentações artísticas (cabarés e outras manifestações) buscando assim fomentar autonomia de artistas mulheres de gêneros dissidentes em diversas áreas, dentre elas: modalidades circenses, palhaçaria, iluminação, sonoplastia, produção, fotografia, entre muitas outras.

Quando? Domingos das 16h ás 20h
Precisa de Inscrição? Não precisa de inscrição, o encontro é aberto especificamente para mulheres e pessoas de gêneros dissidentes. É necessário estar ciente das normas de uso do espaço.
Para saber mais: https://www.facebook.com/ocupacaovulveristica

COLETIVO NOTURNO DE CIRCO

É um grupo FECHADO, formado por artistas com interesses em aprofundar seus conhecimentos teóricos e práticos sobre as artes circenses. É um espaço que possibilita a troca de conhecimentos e a pesquisa das diversas possibilidades de movimentos, números, atuação, aperfeiçoamento artístico e interação dentro das artes circenses.

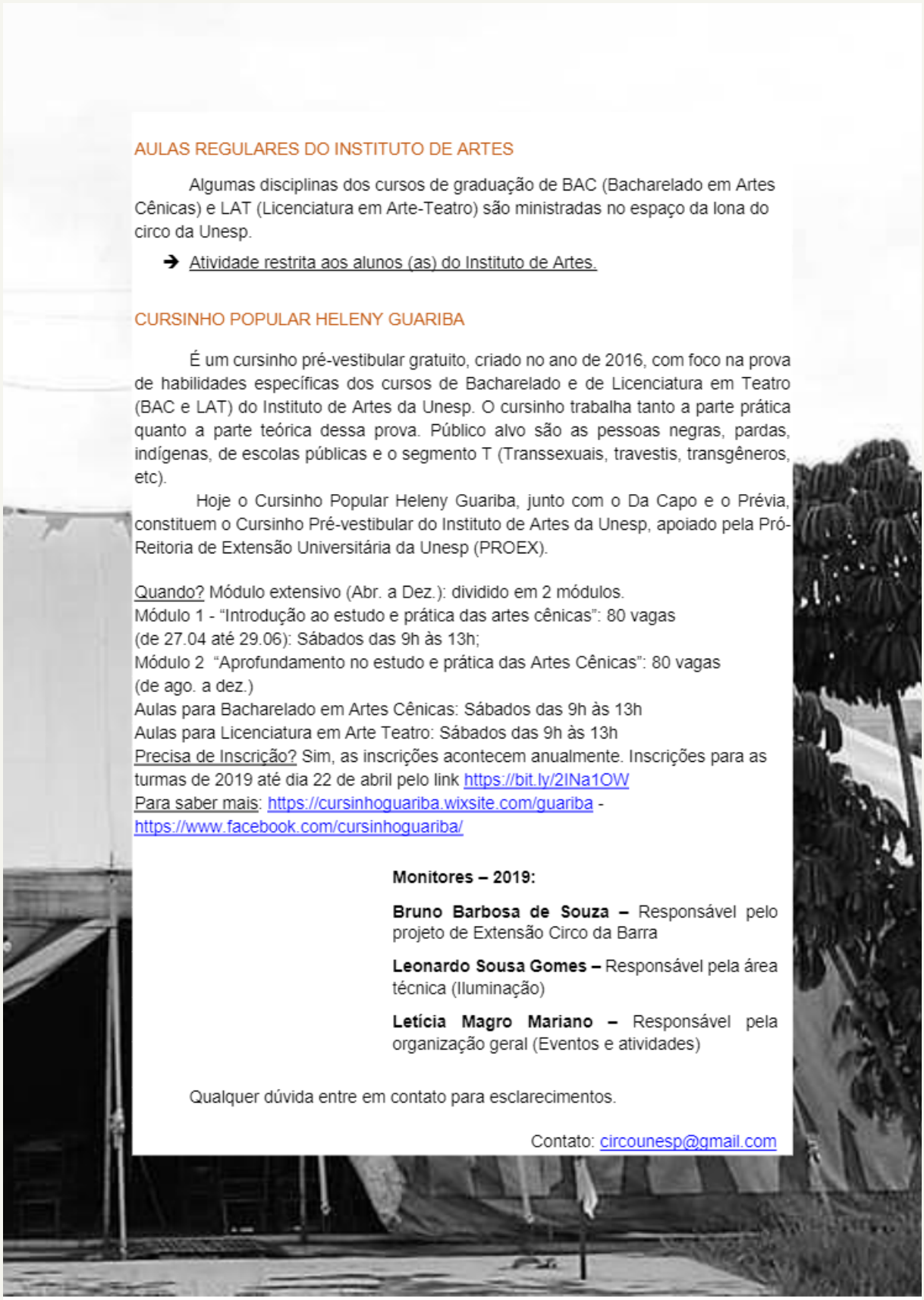
Precisa de Inscrição? Não abre inscrições pois é um coletivo previamente formado.

- ➔ Como contrapartida o coletivo oferece workshops e intercâmbios nas pesquisas circenses desenvolvidas pelo grupo (fiquem atentos às inscrições pelas redes sociais) e também desenvolvem espetáculos.

Para saber mais: O grupo não tem pagina própria então acompanhe as divulgações nas páginas do Projeto Circo da Barra e do Circo da UNESP.

https://www.facebook.com/CircoDaBarra

https://www.facebook.com/CircoDaUnesp/



AULAS REGULARES DO INSTITUTO DE ARTES

Algumas disciplinas dos cursos de graduação de BAC (Bacharelado em Artes Cênicas) e LAT (Licenciatura em Arte-Teatro) são ministradas no espaço da lona do circo da Unesp.

➔ Atividade restrita aos alunos (as) do Instituto de Artes.

CURSINHO POPULAR HELENY GUARIBA

É um cursinho pré-vestibular gratuito, criado no ano de 2016, com foco na prova de habilidades específicas dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Teatro (BAC e LAT) do Instituto de Artes da Unesp. O cursinho trabalha tanto a parte prática quanto a parte teórica dessa prova. Público alvo são as pessoas negras, pardas, indígenas, de escolas públicas e o segmento T (Transsexuais, travestis, transgêneros, etc).

Hoje o Cursinho Popular Heleny Guariba, junto com o Da Capo e o Prévia, constituem o Cursinho Pré-vestibular do Instituto de Artes da Unesp, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp (PROEX).

Quando? Módulo extensivo (Abr. a Dez.): dividido em 2 módulos.
Módulo 1 - "Introdução ao estudo e prática das artes cênicas": 80 vagas
(de 27.04 até 29.06): Sábados das 9h às 13h;
Módulo 2 "Aprofundamento no estudo e prática das Artes Cênicas": 80 vagas
(de ago. a dez.)
Aulas para Bacharelado em Artes Cênicas: Sábados das 9h às 13h
Aulas para Licenciatura em Arte Teatro: Sábados das 9h às 13h
Precisa de Inscrição? Sim, as inscrições acontecem anualmente. Inscrições para as turmas de 2019 até dia 22 de abril pelo link https://bit.ly/2INa1OW
Para saber mais: https://cursinhoguariba.wixsite.com/guariba - https://www.facebook.com/cursinhoguariba/

Monitores – 2019:

Bruno Barbosa de Souza – Responsável pelo projeto de Extensão Circo da Barra

Leonardo Sousa Gomes – Responsável pela área técnica (Iluminação)

Letícia Magro Mariano – Responsável pela organização geral (Eventos e atividades)

Qualquer dúvida entre em contato para esclarecimentos.

Contato: circounesp@gmail.com

ANEXO G – Relatório de atividades realizadas pela bolsa BAEE III e Linha do tempo de todas as atividades do circo de 2019

BOLSA DE APOIO AO ENSINO E EXTENSÃO III – BAEE III – 2019
RELATÓRIO FINAL

INFORMAÇÕES GERAIS:

Bolsista: Letícia Magro Mariano

Unidade Universitária/Local onde as atividades foram desenvolvidas: Instituto de Artes da UNESP / Laboratório de Artes Circenses – Circo da UNESP (DACEFC)

Nome do Orientador: Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela

Departamento: DACEFC (Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Educação).

O CRONOGRAMA FOI OBEDECIDO?
(Faça um relato das atividades desenvolvidas)

Sim, o cronograma de atividades desta monitoria visava a organização geral do Laboratório de Artes Circenses – Circo da UNESP. Minha atuação esteve focada em estruturar o calendário de atividades do espaço, divulgação das informações necessárias de uso e dos eventos, atualização e criação de documentos acerca do laboratório, mediação da interlocução entre os grupos de treinamento e o DACEFC, e também entre as pessoas interessadas em saber mais sobre o laboratório e solicitações de reserva (via e-mail e/ou whatsapp).

Além dessas atividades houve a criação da atividade "Papo de picadeiro", da qual realizamos 2ª edições (uma por semestres). E foi necessário participar de diversas montagens técnicas e apoio presencial em eventos dos quais não estavam sendo produzidos ou organizados em parceria com o Laboratório de Artes Circenses, esses acabaram criando uma sobrecarga de trabalho.

Conseguimos realizar duas reuniões com representante de todos os grupos e também mantivemos um grupo, via whatsapp, que fortaleceu a comunicação ao longo do ano. Essas ações beneficiaram o diálogo e encerramos o ano com projeções de dar continuidade a essa demanda.

DESCRIÇÃO RESUMIDA DAS ATIVIDADES

As atividades foram pautas na organização geral do Laboratório de Artes Circenses-Circo da UNESP:

1. Organização do calendário de atividades e eventos:

- Criação de uma agenda mensal para as solicitações de reserva e eventos confirmados.
- Comunicação ativa por e-mail e mensagens via whatsapp sobre orientações de reservas.
- Divulgação do cronograma semanal, criado pela Profa. Dra. Lilian F. Vilela, de atividades fixas das aulas e grupos de pesquisa.
  https://drive.google.com/open?id=0B19qZ_8VPbVmSEhrb3hYUWhLRlBEM1lNaE1CcmZkX0RnSkRB
- Organização e encaminhamento mensal das propostas de eventos (oficinas, cabarés e apresentações teatrais) para aprovação no DACEFC.
- Criação de um grupo com representantes de todos os coletivos, que ocuparam criativamente o circo em 2019, para manter uma comunicação ativa sobre o espaço, atividades, limpeza e etc.
- Divulgação dos eventos na página do Circo da Unesp.
  https://www.facebook.com/CircoDaUnesp/

2. Documentações do Laboratório de Artes Circenses:

- Criação do "Requerimento para uso do espaço", contendo todas as orientações para solicitar a reserva do circo para atividades/eventos.
  https://drive.google.com/open?id=1-yezHLXY-3rA3ax-SbDaUFRnSt5H7oI4
- Criação do "Laboratório de Artes Circenses – Circo UNESP" documento que contem todas as informações básicas sobre o Laboratório e sobre todos os grupos de pesquisa que ocuparam artisticamente o circo no ano de 2019.
  https://drive.google.com/open?id=1wFbfskOORlgjzUphu84tUPnsOjA4WkSs

- Atualização do "Regulamento de uso" documento que consta todas as normas de utilização do espaço e dos responsáveis pela coordenação e bolsista do respectivo ano. https://drive.google.com/open?id=1tx-wHlE-2xyjd_PcwKy_Pu9D31rv78Wl
- Atualização da Declaração 'Termo de responsabilidades para praticas no circo da UNESP" e do "Cadastro de participação no Laboratório de Artes Circenses" para todas as pessoas que utilizarem o espaço. https://drive.google.com/open?id=1fxJR_vKh3_IMEdcEoh-PUWBjmVJk-ybH
- Organização da pasta de documentos do Laboratório, organizando divisórias para cada grupo, contendo todos os documentos citados a cima e também uma lista de emergências contento contatos de bombeiros, hospitais e postos de saúde mais próximos.

Os documentos criados foram orientados pela Professora Dra. Lilian Freitas aprovados em reunião do DACEFC em 2019.

3. Trabalho presencial e técnico do espaço:

- Montagem e desmontagem de equipamentos e estrutura para algumas apresentações e eventos, como por exemplo sistema de som, luz e/ou cortinas.
- Operação de luz e/ou som em algumas apresentações.
- Apoio técnico e/ou produção local em apresentações, eventos e oficinas.

4. Interlocução e criação de novos movimentos:

- Busquei realizar reuniões mensais com todos pelo menos um representante de cada grupo de pesquisa, entretanto só foi possível fazer duas reuniões. Uma no início do ano e outra no final, ao longo do ano o grupo criado no whatsapp foi a melhor meio de comunicação. Ter conquistado esses dois encontros presenciais, para abrir o ano e fazer o fechamento, já foi um avanço. Uma das considerações desse último encontro foi buscar um comprometimento em estabelecer os encontros mensais em 2020.
- Outra consideração de fechamento do ano é a projeção de se criar um grupo de alunos para formar oficialmente uma equipe do Laboratório de Artes Circenses.
- Iniciou-se uma parceria com o projeto ARTINCLUSIVA, onde foi possível realizar uma vivencia circense entre os participantes do EPIA e do ARTINCLUSIVA. O projeto também se aproximou do espaço realizando algumas atividades, como por exemplo a festa junina.
- Criei juntamente com a Profa. Dra. Lilian F. Vilela o evento "Papo de Picadeiro" atividade que busca fomentar um espaço de produção de conhecimento através de rodas de conversas, palestras, exibição de filmes com convidados relacionados aos saberes circenses. Este ano realizamos a primeira edição com o Prof. Dr. Mario Fernando Bolognesi, criador e idealizador do Circo da UNESP. E a segunda edição com a Mariana Gabriel, neta da palhaça Xamego e criadora do filme/documentário 'Minha avó era PalhaçO!', em parceria com o Diretório Acadêmico Manuel Bandeira.
- Visualizando a listagem de eventos que ocorreram ao longo do ano de 2019 foi possível observar uma grande movimentação de atividades e eventos acontecendo na lona do circo da UNESP. Movimento esse que está partindo dos alunos e dos grupos de pesquisa. Penso que é um reflexo da atuação dos grupos e bolsistas dos últimos anos.

LISTA DE EVENTOS DO CIRCO DA UNESP DE 2019
(Listagem dos eventos com serviço prestado pelo bolsita)

Laboratório de Artes Circenses - Calendário de eventos 2019

MARÇO
31 de março – Oficina Bambolê para Iniciantes (Ocupação ????rística com Gabi Polizzelli).
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação e apoio técnico.

ABRIL
28 de abril – Curso NR35 com Fernando Cervantes.
∟ Reserva do espaço, Divulgação e apoio técnico.
29 de abril – Peça Teatral: Uma mãe - Cia. De Teatro X – Turmas de Licenciatura em Arte-Teatro (3º e 4º ano).
∟ Reserva do espaço e Divulgação.

MAIO
02 de maio – Papo de Picadeiro com Mario Bolongnesi.
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação, registro audiovisual e apoio técnico.
05 de maio – Cabaré 7ª Ocupação XXXrística na Lona.
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação, apoio/montagem técnico e operação de som.

14 de maio – Reunião com Representantes de todos os Coletivos que ocuparão a Lona de circo da UNESP no ano de 2019.
∟ Reserva do espaço, organização, divulgação interna.
17 de maio – Workshop Acrobática Teatral – Ressignificando o Corpo.
∟ Reserva do espaço, Divulgação e apoio técnico.

JUNHO
08 de junho – Cabaré dos Corações Despedaçados (Coletivo Pareia).
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação e apoio/montagem técnico.
16 de junho – Espetáculo de Variedade (Circolar).
∟ Reserva do espaço, Divulgação e operação de som.
17 de junho – EPIA e ARTINCLUSIVA: Encontro de vivencias circenses.
∟ Produção e participação como Arte-Educadora nas atividades.
17 de junho – 1º Balburd-IA Drag Festival.
∟ Divulgação.
24 de junho – Arraiá ARTINCLUSIVA.
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
28 de junho – ARRAR-IA: Festa Junina do Terreiro do Fundo da Barra.
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
29 de junho – Caosbaré - Um espetáculo de balbÚrdia (Projeto de extensão Circo da Barra).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
30 de junho – 8ª Ed. Junina - Ocupação XXXrística na Lona.
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação, montagem técnica e registro audiovisual.

JULHO
06 à 09 de julho – Dedetização do circo
PERIODO DE FÉRIAS – NÃO HOUVE ATIVIDADES

AGOSTO
07, 08 e 09 de agosto – Aulas com o Professor Ipojucan (8h ao 12h).
∟ Reserva do espaço.
11 de agosto – Instituto Fechado
14 de agosto – Aula de BAC II com Professor Vinicius de Machado (13h as 18h).
∟ Reserva do espaço.
16 de agosto – Workshop: Drag King e Jogos Teatrais (Sala 506 as 19h - não será no circo)
Não aconteceu por falta de participantes – provavelmente por conta da divulgação ter sido enviada em cima da hora pelos organizadores
∟ Reserva do espaço, divulgação.
22 de agosto – 2º Papo de Picadeiro com Mariana Gabriel + Exibição do filme "Minha avó era Palhaço!" (Monitoria do Circo + Diretório Acadêmico) - (18h30 as 23h).
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação, apoio/montagem técnica.
24 de agosto:
– Laboratório de Contágio Maria Carolina (Pós-Doc) - (10h as 13h).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
– Workshop de Tecido Gota (Coletivo de Circo Noturno) - (14h ás 17h).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
25, 26 e 31 de agosto - Laboratório de Contágio Maria Carolina (Pós-Doc) - (10h as 13h).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.

SETEMBRO
01 e 02 de setembro – Laboratório de Contágio Maria Carolina (Pós-Doc) - (10h as 13h).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
02 à 06 de setembro – Semana de Artes Cênicas 2019 (Esse não iria utilizar nenhum horário de grupo de treino).
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
07 e 08 de setembro – Instituto fechado
13 à 15 de setembro – 3º Jornada de Educação Popular por Cursinho pop. Heleny Guariba
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
27 de setembro – 2º Balburd-IA Drag Festiva.
∟ Divulgação.
28 de setembro – Cursinho Popular Heleny Guariba (9h as 13h).
∟ Reserva do espaço.
30 de setembro – Exibição do filme "Espero tua (Re)volta" e bate papo (organização do DAMB e Coletiva - das 17h as 23h).
∟ Reserva do espaço, Divulgação, apoio técnico.

OUTUBRO
5 de outubro – Cursinho Popular Heleny Guariba (9h as 13h).
∟ Reserva do espaço.
11 de outubro – Palestra Allan King (Sala 506 as 19h - não será no circo)
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
12 e 13 de outubro – INSTITUTO FECHADO - FERIADO
19 de outubro – Cursinho Popular Heleny Guariba (9h as 13h).
∟ Reserva do espaço.
24 e 25 de outubro – Apresentação Laboratório da Maria Carolina (Pós-Doc)
∟ Reserva do espaço, Divulgação.
28 de outubro – INSTITUTO FECHADO - FERIADO

NOVEMBRO
01 de nov – Fogo no Palquinho (13h as 23h).
∟ Reserva do espaço.
02 e 03 de nov – INSTITUTO FECHADO - FERIADO
09 de nov:
– Cursinho Popular Heleny Guariba (9h as 13h).
∟ Reserva do espaço.
– Ensaio da Cia Fundo Mundo pela Ocupação (13h as 18h).
∟ Reserva do espaço e Produção.
10 de nov - Espetáculo Sui Generis da Cia Fundo Mundo pela Ocupação (10h as 23h).
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação, apoio/montagem técnica.
15, 16 e 17 de nov - INSTITUTO FECHADO - FERIADO
19 de nov - A15: Uma reconstituição cênica (organização do DAMB - das 18h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação.
20 de nov - INSTITUTO FECHADO – FERIADO
28 de nov – Aula da Professora Lilian (8h as 13h).
∟ Reserva do espaço, divulgação.
23 de nov - Espetáculo Circo ViraMundo (10h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação, apoio/montagem técnica.
24 de nov – Oficina Tecido Acrobático, Lira Acrobática, Acrobalances e Acrobacias de Solo com Talita Aia e Ana Grisorio (14h as 18h).
∟ Reserva do espaço, divulgação, apoio técnica.
26 de nov – Reunião com Representantes de todos os Coletivos que ocuparam a Lona de circo da UNESP no ano de 2019.
∟ Reserva do espaço, organização, divulgação interna e participação.
29 de nov – Exibição do filme Bacurau (organização DAMB - das 17h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação, apoio/montagem técnica.
30 de nov – Espetáculo Desmonte (Projeto de extensão Circo da Barra – das 10h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação.

DEZEMBRO
01 de dez – Cabaré O FIM - Ocupação ???rística na Lona - (10h as 23h).
∟ Reserva do espaço, produção, divulgação, apoio/montagem técnica.
03 de dez:
– Exibição do filme CINE SÃO PAULO (organização do DAMB – das 18h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação, apoio/montagem técnica.
– Reunião com todos os Bolsistas e Coordenação do Laboratório de Artes Circenses.
∟ Participação.
05 de dez – Exibição do filme O silencio dos homens e bate papo (organização do DAMB - das 17h as 23h).
∟ Reserva do espaço, divulgação, apoio/montagem técnica.
06 de dez – Mutirão de limpeza no circo
∟ Reserva do espaço, Produção, divulgação e participação na limpeza/organização.
07 até 15 de dez - VESTIBULAR 2020: INSTITUTO FECHADO PARA AS ATIVIDADES DO PROCESSO SELETIVO
22 até 31 de dez - PERÍODO DE RECESSO

HOUVE ALGUMA MUDANÇA NO SEU PROJETO, APÓS O RELATÓRIO PARCIAL? (Caso afirmativo, especifique)
Não, não houve mudanças no projeto inicial.

MANIFESTAÇÃO DO(S) ORIENTADOR(ES)

A bolsista Letícia Mariano cumpriu com o planejamento de atividades dentro do cronograma estabelecido, com acréscimo de funções de produção do espaço pela demanda e solicitações oriundas da ampla utilização pelos alunos e comunidade externa do Laboratório de Artes Circenses da UNESP. Dentre as atividades realizadas merecem destaque: a organização dos grupos que utilizam o espaço, o suporte aos eventos, a criação do evento Papo de Picadeiro, a divulgação geral das atividades, acompanhamento e interlocução com o departamento. A monitora sempre esteve aberta para os imprevistos que ocorrem na gestão do circo, atenta nas relações interpessoais com a comunidade externa e com diálogo frequente com a professora responsável.

As múltiplas ações realizadas no Laboratório de Artes Circenses exigem uma disponibilidade muito maior que a carga horária prevista pela bolsa BAEE, o que acarreta sobrecarga de funções ao bolsista, algo que precisa ser revisto e avaliado pelo departamento.

Pelos motivos apresentados, a avaliação das atividades desenvolvidas pela monitoria é extremamente positiva.

ANEXAR RESUMO GERAL DO TRABALHO REALIZADO
(Incluir material visual nos casos específicos)

ANEXO 1: Imagem de Capa da Pagina Oficial do Laboratório na rede social *Facebook*.

ANEXO 2: Cartaz de Divulgação: Inscrições para o 1° semestre do *Projeto de Extensão Universitária – Circo da Barra*.

ANEXO 3: Cartaz de Divulgação e fotografia *Oficina Bambolê para Iniciantes* com Gabi Polizelli por Ocupação ~~vulver~~ística.

ANEXO 4: Cartaz de Divulgação e fotografia *Curso NR35* com Fernando Cervantes.

ANEXO 5: Cartaz de Divulgação da Peça Teatral: *Uma mãe - Cia. De Teatro X* – Turmas de Licenciatura em Arte-Teatro (3° e 4° ano).

ANEXO 6: Cartaz de divulgação e Fotografias do 1º *Papo de Picadeiro – "Narrativas e Memórias sobre a Lona de Circo da UNESP"* com Mario Bolognesi.

ANEXO 7: Cartaz de divulgação e Fotografias da *7ª edição da Ocupação XXXristica na Lona*.

ANEXO 8: Cartaz de divulgação e Fotografia do *Workshop Acrobática Teatral – Ressignificando o Corpo* pelo Projeto Allan King – Identidade de gênero queer

ANEXO 9: Cartaz de divulgação e Fotografia *Cabaré dos Corações Despedaçados* (Coletivo Pareia).

ANEXO 10: Cartaz de divulgação e Fotografias *Espetáculo de Variedades* (Circolar).

ANEXO 11: Fotografias do *Encontro de vivencias circenses* parceria dos grupos EPIA e ARTINCLUSIVA.

ANEXO 12: Cartaz de Divulgação e Fotografias *1º Balburd-IA Drag Festival* com a Turma do 2º Licenciatura em Arte-Teatro.

ANEXO 13: Cartaz de divulgação e fotografias *Arraiá* com ARTINCLUSIVA.

ANEXO 14: Cartaz de divulgação e fotografias do *ARRAR-IA: Festa Junina - Terreiro do Fundo da Barra.*

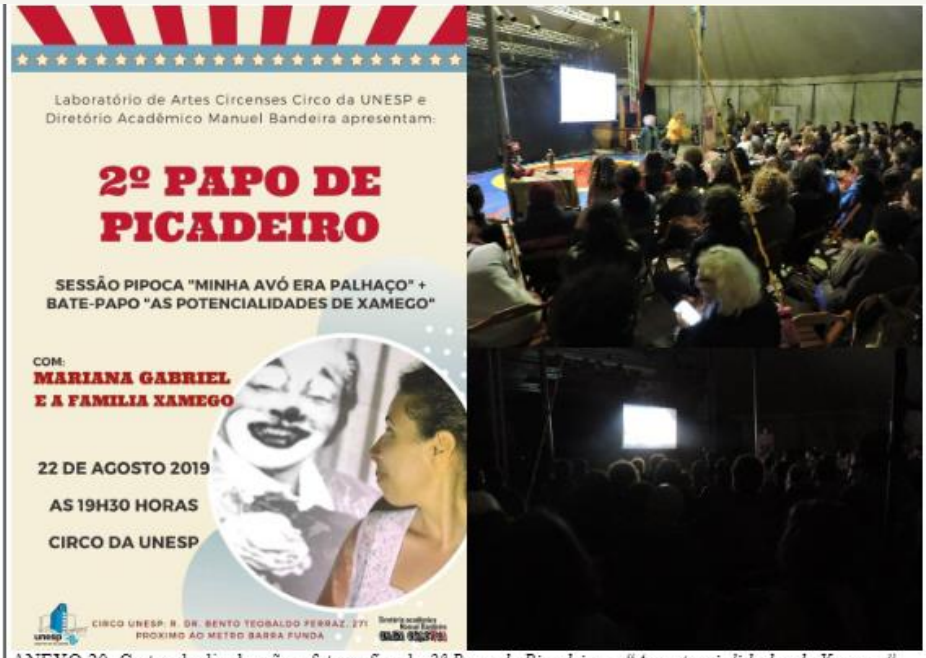
ANEXO 15: Divulgação da *Programação das Atividades Junina* do Laboratório de Artes Circenses.

ANEXO 16: Cartaz de divulgação e fotografias *Caosbaré - Um espetáculo de balbúrdia*, Finalização da turma do 1° semestre do Projeto de extensão Circo da Barra.

ANEXO 17: Cartaz de divulgação e fotografias *8ª Ocupação ?????rística na Lona - - Edição Junina.*

ANEXO 18: Cartaz de Divulgação: Inscrições para o 2° semestre do *Projeto de Extensão Universitária – Circo da Barra.*

ANEXO 19: Cartaz de Divulgação *Workshop: Drag King e Jogos Teatrais* pelo Projeto Allan King – Identidade de gênero queer



ANEXO 20: Cartaz de divulgação e fotografias do *2° Papo de Picadeiro – "As potencialidades de Xamego" com Mariana Gabriel + Exibição do filme "Minha avó era Palhaço!"* parceria Laboratório de Artes Circenses com Diretório Acadêmico.

ANEXO 21: Cartaz de divulgação *Laboratório de Contágio* com Maria Carolina.

ANEXO 22: Cartaz de divulgação e fotografias *Workshop de Tecido Gota* com Thiago Calafate por Coletivo de Circo Noturno.

ANEXO 23: Cartaz de divulgação *3° Jornada de Educação Popular* por Cursinho popular Heleny Guariba.

ANEXO 24: Cartaz de Divulgação e Fotografias *2° Balburd-IA Drag Festival* com a Turma do 2° Licenciatura em Arte-Teatro.

ANEXO 25: Cartaz de divulgação e fotografias *Exibição do filme "Espero tua (Re)volta" + debate* organização do DAMB e Chapa coletiva.

ANEXO 26: Cartaz de Divulgação –*Roda de conversa* pelo Projeto Allan King – Identidade de gênero queer.

ANEXO 27: Cartaz de divulgação *"Cabaré Joga no Mundo!"* mostra do Laboratório de Contagio por Maria Carolina.

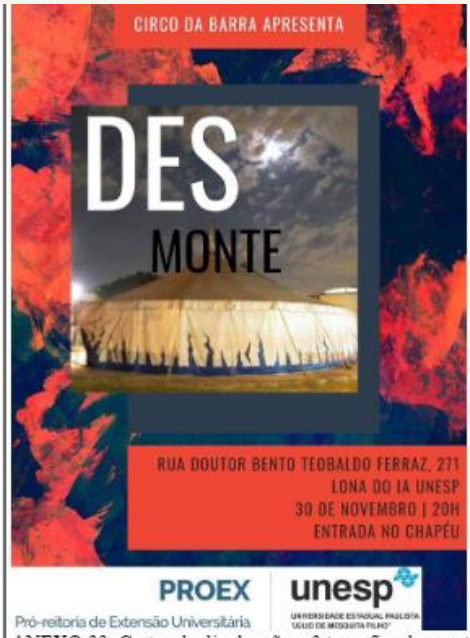
ANEXO 28: Cartaz de divulgação e fotografias do Espetáculo *"Sui Generis"* da Companhia Fundo Mundo (Inédito em São Paulo) pela Ocupação vulveristisca.

ANEXO 29: Cartaz de divulgação e fotografias espetáculo *"A15: Uma reconstituição cênica"* + roda de *conversa* - organização do DAMB.

ANEXO 30: Cartaz de divulgação e fotografias espetáculo *"Transformarte"* por Circo ViraMundo.

ANEXO 31: Cartaz de divulgação e fotografias da *Oficina Tecido Acrobático, Lira Acrobática, Acrobalances e Acrobacias de Solo* com Talita Aia e Ana Grisorio.

ANEXO 32: Cartazes de divulgação e fotografia da exibição do filme *"Bacurau"* orrganização do DAMB.



ANEXO 33: Cartaz de divulgação e fotografias do espetáculo *"Desmonte* - Finalização da turma do 2° semestre do Projeto de extensão Circo da Barra.

ANEXO 34: Cartaz de divulgação e fotografias da 9ª edição - *Ocupação xxxristica na Lona – O FIM.*

ANEXO 35: Cartaz de divulgação e fotografia Exibição do filme *"CINE SÃO PAULO"* organização do DAMB

ANEXO 36: Cartaz de divulgação e fotografia exibição do filme *"O silencio dos homens"* + debate organização do DAMB.

ANEXO 37: Cartaz de divulgação do Mutirão de limpeza do Circo.

ANEXO H – Requerimento para uso do espaço do Circo, o documento também era utilizado para registo as atividades.

REQUERIMENTO PARA USO DO ESPAÇO DO LABORATÓRIO DE ARTES CIRCENSES (CIRCO) - 2019

Comunicado aos interessados (as) que desejam reservar o espaço do Laboratório de Artes Circenses (CIRCO), IA – UNESP, para a realização de eventos, apresentações, oficinas e/ou afins.

Para realizar o requerimento do espaço será necessário:

→ Encaminhar a proposta por escrito para o e-mail circounesp@gmail.com, no título "**Requerimento do espaço"** com pelo menos **40 dias que antecedem a data solicitada**;

→ A proposta deverá conter os seguintes itens:

- Nome do grupo ou coletivo;
- Nome do evento;
- Data (s) Horário (s);
- Equipe responsável e organização (descrever atribuição de funções)

Obrigatoriamente ter um responsável com vinculo na UNESP e apto nas normas de segurança NR-035;

- Objetivo (s) do evento;
- Justificativa;
- Articulações da proposta com ensino, pesquisa, extensão e com demandas sociais;
- Resumo para divulgação;
- Público alvo

Se possível especificar, por exemplo:
100 pessoas de público infantil
50 adultos professores de ensino público
15 jovens estudantes ensino médio
20 mulheres trabalhadoras.

ATENÇÃO: Todas as propostas recebidas serão analisadas e selecionadas pela coordenação do Laboratório de Artes Circenses e professores do DACEFC (Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação) durante as reuniões de departamento[1].

A Adesão dessa solicitação dependerá da disponibilidade do espaço, da relevância educacional-artística da atividade proposta. Lembrando que o Laboratório de Artes Circenses (CIRCO) é um espaço público que visa a democratização, preservação e transparência no uso do espaço.

Qualquer dúvida entre em contato para esclarecimentos.

Contato: circounesp@gmail.com
Monitora Resp.: Letícia Magro Mariano

[1] Reuniões das quais são realizadas quinzenalmente. Na 2ª e 4ª terça-feira do mês.

ANEXO I – 1ª Reunião do Laboratório de Artes Circenses com representantes de todos os projetos (2019)

ATA DA 1ª REUNIÃO DO LABORATÓRIO DE ARTES CIRCENSES CIRCO DA UNESP – 2019

Dia 14 de maio de 2019 – as 17h – na lona de circo da UNESP

Presentes: Gabrielle Lei Polizzelli ***(Repres. Circo da Barra)***, Gustavo Tomé Garcia ***(Repres. Cursinho Heleny Guariba)***, Jennifer da Silva Oliveira ***(Repres. Circo da Barra)***, Leonardo Sousa Gomes ***(Monitor Técnico)***, Letícia Magro Mariano ***(Monitora Lab. de Artes Circenses e Repres. EPIA)***, Neryssa Sayuri Kokubum ***(Repres. Coletivo Noturno de Circo)***, Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela ***(Coordenadora do Lab. de Artes Circenses)***, Rodrigo Nogueira de Abreu ***(Repres. Circolar)***, Segundo Parra Milian ***(Repres. Coletivo Noturno de Circo)*** e Sofia Bastos Pontieri Augusto ***(Repres. Ocupação Vulverística)***.

A Profa. Lilian Vilela abriu a reunião apresentando o Laboratório de Artes Circenses e perante a universidade é um local de desenvolvimento prático e teórico de pesquisa. Logo o Circo é um laboratório assim como a marcenaria, cerâmica, lafit, entre outros. Fez um breve panorama das conquistas que fizemos nesses últimos anos até a última que foi a reforma completa da parte elétrica. E reforçou as responsabilidades e compromissos dos grupos perante a universidade para que sigamos juntos construindo esse espaço.

BOLSAS DO CIRCO E MONITORES

A Profa. Lilian explicou sobre as bolsa e monitores do circo. Em 2017 o circo ganhou sua primeira bolsa (Monitor do Laboratório de Artes Circenses) da qual as responsabilidades eram mais administrativas, o aluno responsável foi José Olegário dos Santos Neto. Em 2018 o circo iniciou o ano com 2 bolsas, com a renovação da bolsa do ano anterior, foi assumida pelo aluno Rodrigo Nogueira de Abreu, e a segunda bolsa foi referente ao Projeto de Extensão Circo da Barra, o responsável foi o aluno Bruno Barbosa de Souza.

Em maio de 2018 o Circo foi contemplado pela PROEX com um projeto de difusão das artes circenses no valor de 10.000 reais, verba da qual foi dividida e destinada a 3 bolsista para a realização da proposta (3 bolsas no valor de R$:400,00 reais cada durante 8 meses, totalizando R$: 9,600, e o restante de R$: 400 foi destinado a compra de materiais para circo). A realização do projeto era de 8 meses e os bolsistas foram: José Olegário dos Santos Neto, Leticia Magro Mariano, Jennifer da Silva Oliveira (essa última atuou durante alguns meses depois repassou a bolsa para o aluno Leonardo Sousa Gomes).

Então por conta desse projeto extra que no ano de 2018 o Laboratório teve 5 bolsistas. Já no ano de 2019 temos 2 bolsas e meia, as bolsas do Laboratório e do Projeto de Extensão foram renovadas e a meia bolsa que

temos é porque o DAFECF conseguiu um bolsista na secção técnica que atuará no Teatro Reynúncio Lima e no Circo da Unesp. Então os bolsistas desse ano são:

Bruno Barbosa de Souza – Responsável pelo projeto de Extensão Circo da Barra; Leonardo Sousa Gomes – Responsável pela área técnica (Iluminação); Letícia Magro Mariano – Responsável pela organização geral (Eventos e atividades);

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Assim como nos anos anteriores temos um documento de responsabilidade do uso do espaço e todos (as) os (as) participantes devem preencher e assinar esse documento. Temos uma pasta onde se encontram esses documentos com um compartimento para cada grupo no armário de gavetas do circo (na primeira gaveta).

Nesta pasta existe um documento com números de emergência e de hospitais, públicos e privados, mais próximos do circo da UNESP.

AGENDAMENTO DE EVENTOS

O Circo compõe um laboratório dentro da UNESP e por isso está inserido na estrutura da universidade: *Reitoria da UNESP* **–>** *Congregação* **–>** *Diretoria Instituto de Artes* **–>** *Departamentos* **–>** *Laboratórios*. E por isso precisamos "prestar contas" das atividades e projetos que acontecem na lona.

Na UNESP existe um sistema onde podemos cadastrar os eventos e as atividades, porem para que a proposta seja aprovada ela passa por diversos departamentos e por esse motivo é necessário o cadastramento da mesma com pelo menos 40 dias de antecedência. Lilian reforçou a importância de conseguirmos nos organizar para realizar esses cadastros e inserir nossas atividades no sistema da UNESP da força para que o projeto continue existindo.

Então vamos nos organizar para cumprir esses prazos e refletir sobre as estruturas dos nossos grupos, por exemplo, identificar que o coletivo fará 2 apresentações por semestre já facilita o pensar na organização.

- ➔ Para enviar uma proposta entrar em contato pelo e-mail circounesp@gmail.com

INFORMES

-Sobre a parte Técnica:

Leonardo comunicou que a Tati, responsável pela parte técnica, quer marcar um encontro com representantes dos grupos para realizar uma orientação de como realizar a montagem técnica.

A Tec. Tati também gostaria de montar um grupo de estudos de iluminação e som;

No 2° semestre haverá uma disciplina optativa sobre a parte técnica (terça a tarde);

-Professor de Circo

A previsão de contratação de professores na UNESP é de pelo menos 2 anos, e dificilmente quando abrir essa contratação será para um professor de circo.

Maria Carolina irá realizar sua pesquisa de pós-doutorado na UNESP e irá realizar alguns laboratórios no circo no 2° semestre.

-Papo de picadeiro

Estamos pretendendo organizar um bate-papo por mês na lona, o primeiro foi com o Mario Bolognesi e foi muito bacana. Vamos todos construir junto esse espaço e pensar junto em quem convidar para participar.

- Necessidade do Circo

Após conversa com o Mario B. foi feita uma lista de necessidade e encaminhada para a direção do Instituto de Artes, segue o documento: https://drive.google.com/file/d/0B81dOpOWQYGpbXNXT290cFpiVmlWTmZaeXg2N1JvSjhVOXc0/view?usp=sharing

- Penteadeira

Lilian comentou que dois alunos do instituto, Evandro e , estão realizando um projeto em uma disciplina na marcenaria e irão produzir uma penteadeira de camarim para o circo e estão pedindo uma contribuição para a produção desse material de R$:250,00

- Material Multimídia do Circo

Rodrigo comentou que tem um aluno do instituto, Enzo, que o procurou pois está fazendo um material de multimídia e gostaria de fazer um material das atividades do circo.

PROPOSTAS E ENCAMINHAMENTO

- Caixinha Coletiva

Rodrigo sugeriu que os grupos contribuam para uma caixinha coletivo do circo para que possamos investir em matérias e equipamentos.

- Fazer um manual de montagem técnica (Sonoplastia, Iluminação e Cortina)

Leonardo ficar responsável por marcar o dia de orientação dos representantes com a tati. Ficará responsável em fazer o manual técnico de sonoplastia e iluminação juntamente com Leticia.

Rodrigo propôs para marcarmos uma oficina/encontro no dia **16 de junho** para aprendermos Ancoragem, nós e sistemas de contrarregragem dos aparelhos aéreos. Letícia irá falar com o Cervantes e verificar a data para fazermos essa atividade.

→ Aproveitar esse dia para fazer o manual da cortina. (No dia separar pessoas para ficar responsáveis: uma para anotar as instruções, outra para fotografar e outra para fazer o documento);

- Painel de Informações

Leticia sugeriu de fazermos um painel de informações próximo ao bebedouro. Teremos também uma lousa que já está sendo providenciada para o circo. Rodrigo ficara responsável por verificar a possibilidade de fazer esse painel e convocar pessoas para ajudar.

- Reforma e manutenção do Trapézio e da Lira

Neryssa e Segundo são responsáveis por marcar um dia para realizar essa reforma e convocar outras pessoas para colaborar.

- Curso de primeiros socorros

Rodrigo comentou sobre a importância de estarmos preparados para possíveis acidentes na lona principalmente pois o instituto vem se mostrando isento dessa responsabilidade, então sugeriu a realização de um curso de primeiros socorros para que nós estejamos preparados para eventuais contratempos e acidentes.

Foi comentado que bombeiros ministram esse curso gratuitamente, e que seria interessante a Unesp fazer esse pedido. Letícia irá buscar essa possibilidade.

→ Viabilizar formas de gelos sem disponíveis, na geladeira da copa ou do DA, para possíveis acidentes.

- Organizar cordas dos aéreos

Rodrigo sugeriu instalarmos sacolas nos mastros dos aéreos para melhor organizar as cordas que ficam no chão. Sofia ficou responsável por ver sacolas de doações.

- Próximas reuniões

Definimos que iremos realizar reuniões mensais para dar continuidade as nossas propostas e fortalecer nossa comunicação coletiva.

→ Pensamos em manter de terça-feira sempre as 17h – Leticia irá mandar propostas de datas no grupo.

Seguimos juntos fortalecendo e construindo esse espaço.

14 de maio, 2019